











## REDACTORES E COLLABORADORES.

**D.** ANNA Amalia de Sá.  
D. C. I. C.  
D. Catharina (Viscondessa de Balsemão).  
D. Maria Augusta da Conceição Villar.  
D. Maria d'Arrabida Vilhena d'Almeida.  
D. Maria Candida Pereira de Vasconcellos.  
D. Maria Felicidade do Couto Browne  
(Soror Dolores).  
D. Maria J.  
D. Maria da Luz Pereira Guedes.  
D. Maria Peregrina de Sousa.  
D. M. Sophia Pereira Guedes.  
Uma Portuense.

Affonso de Castro.  
Alexandre Monteiro.  
A. Azevedo.  
A. F. Carneiro.  
A. L. Ferreira Girão.  
Antonio Marques Rodrigues.  
A. M. S.  
A. P. Caldas.  
A. Soares de Passos.  
Arnaldo Anselmo Ferreira Braga.  
Augusto Luso da Silva.  
Augusto Pereira Soromenho.  
Bernardo Xavier Rodrigues de Magalhães.  
Camillo Castello-Branco.  
Claudino Pereira de Faria.  
Clemente Barbosa de Vasconcellos.  
D. João d'Azevedo.  
D. Miguel Carlos de Macedo Soto-Mayor e  
Azeredo.

Eduardo Augusto Salgado.  
Emygdio Alfredo da Cunha Reis.  
Francisco Joaquim Bingre.  
Francisco de Moura Secco.  
Guerra Leal.  
Heliodoro Augusto de Sousa.  
Henrique Augusto Luso.  
Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento.  
João Machado Pinheiro.  
J. P. C. S.  
J. A. S. Teixeira.  
José Pinto Ferreira da Costa Sarmento.  
J. S. da Silva-Ferraz.  
José Maria Velloso.  
Joaquim Silvestre de Sousa.  
J. J. da Silva Pereira-Caldas.  
J. V. Vasconcellos.  
J. G. S.  
Manoel de Mendonça Figueira de Azevedo.  
N. Lima.  
Nuno Maria de Sousa Moura.  
O. R. D. P. B.  
Silva Rosa.  
Solus.  
Thomaz de Almeida Garrett.  
\* F. R.  
\* G.  
\* N.  
\* O. M.  
\* R. S.





# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL DE POESIAS INEDITAS.

PUBLICADAS DE JANEIRO A JUNHO DE 1851.

1.<sup>a</sup> COLLECCÃO.



**PORTO:**

**NA LOJA DE F. G. DA FONSECA,**

**LIVREIRO E EDITOR.**

**1851.**

# ANNUARIO ANTALETTORUM

ANNUARIO ANTALETTORUM

ANNUARIO ANTALETTORUM

ANNUARIO ANTALETTORUM



ANNUARIO ANTALETTORUM

NA TYPOGRAPHIA DE SEBASTIAO JOSÉ PEREIRA,

Praça de Santa Theresza n.º 28.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

## Invocação.

Tu és Venus e a Musa da lyra.  
CASTILHO.

**U**NICA musa que o poeta adora,  
Unica musa que o poeta inspira,  
Vem, ó anjo do céo, maga deidade,  
Vem as cordas vibrar da minha lyra.

Sem ti me fôra a vida êrmo tristonho,  
Se tu não fôras, nem eu crêra em Deos;  
Em Deos, que um dia te enviou á terra  
P'ra na terra eu gosar gosos dos ceos.

Antes de eu vêr-te tam risonha e pura,  
Celeste Virgem! que viver não tive!  
Nutrindo sonhos de visões terríveis,  
Adormecido longo tempo estive.

Mas tu vieste, e eu despertei alegre,  
E tua face o trovador encanta:  
Tinhas na voz angelica harmonia,  
Quando risonha me disseste « canta. »

Canta o Senhor, o Deos lá das alturas,  
O Rei que impera em toda a natureza;  
Aquelle Ente Supremo d'onde emana,  
E da terra e do ceo toda a belleza.

Canta a florinha que brotou singella  
Sósinha lá no êrmo, e tam viçosa:  
Entre essas penedias é mais bella  
Que em flórido vergel altiva rosa.

Canta a lua de noite que em silencio  
Divaga na estellífera campina;  
A lua que no mar as vagas plácidas  
Co'a luz serena pállida illumina.

Canta a terra natal, a patria linda,  
Que foi outr'ora o assombro das nações;  
Faz-lhe nutrir uma esperanza ainda,  
Buscando no passado inspirações.

Mas como hei-de eu erguer, ó branda Musa,  
Meigos cantos a amor, á patria, a Deos,  
Se á desvairada mente, e tam confusa,  
Tu não prestas o fogo lá dos ceos!

Vem pois, ó Musa, que o poeta adora,  
Unica musa que o poeta inspira;  
C'um sorriso dos teus me accende o estro,  
E lindos cantos cantarei na lyra.

Porto, 30 de Dezembro de 1850.

J. S. da Silva-Ferraz.

## O João de Camões.

Onde jaz, Portuguezes, o moimento,  
Que do immortal Cantor as cinzas guarda?  
Homenagem tardia lhe pagastes  
No sepulchro sequer? — Raça d'íngratos!

GARRETT.

## O JÁO.

Que m'importa a mim o sólo  
Do Reino de Portugal?  
Se meu amo, em desconsolo,  
Ai! morreu n'um hospital!  
Meu pobre amo tão coitado,  
Que foi poeta, e soldado,  
Que seu sangue á patria deu!  
Meu pobre amo tão mesquinho,  
Que quiz tanto ao patrio ninho,  
Que tão mal lhe respondeu!

Que m'importa a mim da terra,  
 Que o não quiz — que não é minha —  
 Que lhe fez injusta guerra,  
 Terra vil, das vis rainha?  
 Ao Jáo que importa a Nação,  
 Onde a negra ingratição  
 Tem seu throno, e seus altares?  
 Que m'importa a mim que ella  
 Seja rica, e forte, e bella,  
 Seja senhora dos mares?

Seja embora! Desgraçado  
 Morreu meu amo Camões,  
 Entre povo abandonado  
 Pelo Deos das gerações!  
 Entre homens não; que são feras  
 Estas gentes, destas eras,  
 Neste maldito paiz;  
 Onde só um peito havia,  
 Que tivesse uma agonia  
 Pela dôr do meu Luiz!

Um peito só — que morrerá  
 Também já Natércia cara  
 Pela dôr — que a accommettêra  
 Sorte de gozos avára!  
 Ficou triste o pobre Jáo,  
 Que, na gruta de Macáo,  
 Ouviu do vate as canções,  
 Fiquei eu sómente vivo,  
 Para dar-lhe lenitivo  
 A's pungentes afflicções!

E dei-lhe todo o, que pude;  
 « Dera-lhe a vida presada »  
 Porque tenho aqui virtude  
 No coração encerrada.  
 Eu escravo, rude e pobre,  
 Eu da baça côr do cobre  
 Tenho um leal coração,  
 Eu quiz servo ao meu senhor,  
 Rendi-lhe sincero amor,  
 Amor de muita paixão.

Era amor sahido d'alma  
 Pelas mãos da Natureza,  
 Lizo amor, que não acalma  
 Nos andrajos da pobreza,  
 Não era filho do ganho,  
 Do dever no desempenho  
 Tributou-lh'o o coração,  
 Porque meu amo dissera  
 Lá, na India, onde estivera —  
 « Jáo, escravo, és meu Irmão! »

E ao Portuguez, que disse isto  
 Qual escravo o não amára?  
 Em que peito já foi visto  
 Sentir d'alma tão preclara?  
 Elle, o nobre Portuguez,  
 Que heroicas acções perfez.  
 Já co' a penna, e já co' a espada.  
 Elle — igual do pobre escravo? —  
 Elle — o Guerreiro tão bravo —  
 Ou no campo, ou n'amorada?

E esses brancos, entretanto,  
 Cá do patrio Portugal,  
 Não ouviram dôce canto  
 Da trombeta angelical,  
 Que bradou no mundo inteiro =  
 « O Lusitano Guerreiro  
 « Fez feito nunca pensado » =  
 Que elevou por esses ares  
 O vasto imperio dos mares  
 Pelo Gama avassallado.

Que d'Ignez cantou os amores;  
 As cruzas do seu Rei,  
 Que pintou com vivas côres  
 O valor da Lusa Grel,  
 Que deu á Patria mais brilho,  
 Celebrando o escuro trilho  
 Do Occidente até Tunkim,  
 Que cantou domndas Gôa,  
 Diu, Chaúl, e Jada,  
 Malaca, Pegú, Cochim.

Meu Camões, cantaste a Vasco  
 Do Reino á gloria sensível,  
 Tu viste o negro penhasco  
 D'Adamastor tão terrível,  
 Em Mombaça, e Moçambique  
 Viste as náus do moiro a pique,  
 E Gibraltar fez-te cégo;  
 Tudo pelo Reino, amigo,  
 Té olvidaste teu p'riço  
 Por entre as ondas do pégo.

Olvidaste, sim; que um verso  
 Inda mais qu'rias salvar,  
 P'ra qu'escutasse o Universo  
 As grandezas do teu lar;  
 P'ra qu'escutasse as façanhas,  
 Nunca ouvidas, e tamanhas  
 Da tua Patria famosa!.....  
 Que te fez tanto cuidado,  
 Poeta desventurado,  
 De vida tão affanosa!

Por que viste comigo  
 Dessas praias d'além mar?  
 A affrontar tamanho p'riço  
 Das ondas no bravejar?  
 Por que não morreste ahí  
 Nessa terra onde eu nasci,  
 Poeta dos Portuguezes?  
 Dera-te lá sepultura,  
 Que fosse á gente futura  
 Lembrar teus negros revezes.

Por que não ficaste lá  
 Em Golconda, ou em Chembé,  
 Bisnagar, Ceilão, Porcá,  
 Meliapor, Bornêo, Mahé?  
 Por que não morreste em Java,  
 Na terra da gente escrava,  
 Dos mais nobres corações?  
 Onde eu teria a ventura  
 De te dar a sepultura,  
 Pobre Luiz de Camões?!

Por que vieste ao teu Rei  
 Teus altos versos trazer?  
 Se era escripto em treda lei  
 De mau fado o teu viver?  
 Se era escripto, que serias  
*Mal pagado* — e viverias  
 Pobre sempre a negra vida?  
 Por que vieste a Lisboa?  
 Oh! Ficasses em Jnda,  
 Na minha patria querida!

Por que não morreste ahí,  
 Entre os meus, na minha terra;  
 Linda plaga, onde eu nasci,  
 Que os teus queimaram com guerra?  
 Levantára-te um padrão  
 Sobre o meu tostado chão,  
 Um padrão, que fosse meu!  
 Uma arvore frondosa,  
 Que fosse co'a rama airosa  
 Rogar nos astros do ceu!

E gravára-lhe bem fundo =  
 " Cessem d'Homero — as Iliadas —  
 " Que aqui jaz quem neste mando  
 " Deixou escripto — os Lusíadas —  
 " Ei-lo aqui em sólo estranho  
 " O mais vivo ardente engenho,  
 " Que nasceu em Portugal!  
 " Jaz aqui abandonado,  
 " Poeta, pobre, soldado,  
 " Da Patria Filho Leal! " =

Mas em Lysia . . . . Nem conheço  
 Esta vil terra que pizo;  
 Estes males que padeço,  
 Aqui m'os pagam com rizo!  
 Este chão é chão maldito;  
 Escarneem do proscripto  
 Estes homens destas plagas!  
 Nem ouvem divinos cantos,  
 Nem fazem caso de prantos,  
 Nem curam d'angustia as chagas!

Por palacios eu dizia =  
 " *Daq esmola p'ra Camões!* " =  
 E ninguém me respondia,  
 Eram, como os seus *Brazões*,  
 Seus *Brazões* maldigoados  
 Como os donos seus, calados,  
 Escarneciam de mi!  
 Era em vão que eu esmolava,  
 Em vão as faces regava  
 Com pranto que lá verti!

Alta noite as harmonias  
 Eccoavam pelas salas —  
 Muitas vezes as orgias  
 Se revelavam nas fallas.  
 E Camões morria á fome,  
 Que os pobres todo consome  
 Em cruel desesperação!  
 Eu penava por escadas,  
 Como seus donos, geladas,  
 Sem alma, nem coração!

Nem aqui encontro a loiza  
 De meu defuncto senhor —  
 Eu não sei onde repoiza,  
 Co' seu resto, a sua dôr!  
 Não conheço os corredores,  
 Onde se passam mil dôres  
 Lá por esses Hospitales!  
 Mas que quero eu aqui al?  
 Se não sou de Portugal,  
 E d'escravo hei os signaes?

Portuguezes — té nem quero  
 Esmola já para mim —  
 Eu serei em breve zero,  
 Em breve chegue o meu fim —  
 Eu pedia p'ra Camões  
 Pelas ruas, por balcões;  
 E só tive esmola escaça!  
 E que importa ao sem ventura,  
 Que a fome negra tão dura  
 Venha da morte na taça?!

Portugal — sê, pois, maldito!  
 Dá-te um Jáo a maldição!  
 E' dos labios do proscripto!  
 Vem funda do coração!  
 Sê maldita, ó terra ingrata,  
 Onde o rico come em prata,  
 E dorme em sêdas subidas —  
 Onde nunca havia pão  
 P'ra Camões, que, pelo chão,  
 Dormia em palhas moidas!

Já teu Rei perdeu seu throno  
 Na batalha de Quibir.  
 Ei-lo dorme o eterno somno:  
 Nunca mais ha-de aqui vir!  
 Has-de ser tambem escrava  
 Dessa Hespanha altiva, e brava,  
 Como eu, has-de gemer!  
 Has-de sentir sob o jugo  
 D'um senhor cruel verdugo  
*Como um Rei, Rei deve ser.*

Has-de sentir, que devia  
 Moço Rei Sebastião  
 Não curar da guerra impia,  
 Dar ás letras galardão.  
 Seja maldito o teu Rei,  
 Toda a tua ingrata grei  
 A maldita entre as Nações —  
 Já que nem esmola deram,  
 Já que nem caso fizeram  
 De meu amo . . . . . de Camões!

Que m'importa a mim o sólo  
 Do Reino de Portugal?  
 Se meu amo em desconsolo,  
 Ai! morreu n'um hospital!  
 Meu pobre amo tão coitado,  
 Que foi poeta, e soldado,  
 Que seu sangue á Patria deu!  
 Meu pobre amo tão mesquinho,  
 Que quiz tanto ao patrio ninho,  
 Que tão mal lhe respondeu!

Agueda 17 de Setembro de 1850.

*José Maria Velloso.*

#### Primeiros affectos.

Já fiz versos que est'alma inspirava,  
 Quando em somno de crenças dormia,  
 No seu berço que amor embalava  
 Em mil sonhos d'intensa poesia.

Uma estrella, em alta noite,  
 Pela solidão dos ceos,  
 Qual suspensa em mão d'um anjo  
 Luz perpetua aos pés de Deos . . .  
 Inspirava-me um divino,  
 Innocente, e casto hymno  
 D'espontanea devoção.  
 Eu não sei que tinha a estrella,  
 Ou que fé teria eu n'*ella*  
 Para tanta inspiração!

Se no céo ligeira nuvem  
 Pelas auras balouçada,  
 Perpassando, se detinha,  
 Dessa estrella enamorada . . .  
 Se depois, torva e sombria,  
 Pela face lh'estendia  
 Tenebroso véo de dó . . .  
 Não sei eu por que delirio  
 Me julgava, em meu martyrio,  
 Isolado, pobre, e só!

D'uma flôr êrma na encosta  
 Lá na aldêa onde eu vivi . . .  
 Nessa aldêa! . . . oh! ninguem sabe  
 Em perdê-la o que eu perdi . . .  
 D'uma flôr só com belleza  
 Qual lh'a déra a natureza,  
 M'inspirei n'um mago amor;  
 Aspirava então a vida  
 Bella, immensa, indefinida,  
 Na fragrancia d'*esta* flôr!

Se da crista das montanhas  
 Vinha abaixo impetuosa  
 A soberba ventania  
 Desfolhar-me a minha rosa . . .  
 Se curvada a florinha  
 Tão depressa, por ser minha,  
 Se mirrava em tenue pó . . .  
 Não sei eu por que delirio  
 Me julgava, em meu martyrio,  
 Isolado, pobre, e só!

Já fiz versos que est'alma inspirava  
Quando em somno de crenças dormia;  
No seu berço que amor embalava,  
Em mil sonhos d'intensa poesia.

C. B.

## Lyra.

Heureuse la beauté que le poete adore!  
Heureux le nom qu'il a chanté!

LAMARTINE.

Surdo e cego tu me julgas?  
Quanto, oh querida, te illudes!  
Não me faltam os sentidos,  
Nem mesmo algumas virtudes.

Tão cego não sou, Elmia,  
Que não veja claramente  
A celestes formosura  
Que me venceu de repente.

Nem tão surdo que não ouça  
De tua voz a harmonia;  
Dessa voz que n'outro tempo  
Com a de anjos confundia.

Nem sou tão falho d'olfato  
Que não sinta o aroma ás flores,  
Que vivam nesses teus peitos,  
Onde eu morrêra d'amores.

De paladar nem tão pobre  
Que delicioso gosto  
Não ache n'uns ternos beijos  
Que quero dar-te no rosto.

Minha Elmia, tão perdido  
Não estou já do meu tacto,  
Que feliz me não fizesse  
Desse teu corpo o contacto.

Elogio em bôca propria  
Temo que seja suspeito;  
Mas permite-se em defeza;  
Desculpe-me este preceito.

Serei breve. A Natureza,  
E a terna Mãe que perdi,  
Deram-se as mãos, e formaram  
Esta alma . . . . digna de ti.

Na guerra fui arrojado;  
Na paz sou brando, sincero;  
Tenho algum 'tudo; amo os homens,  
Que iguaes a mim considero . . . .

Já vês que fui mal julgado;  
E' cruel sorte, mesquinha! . . .  
Mas inda posso ter ditas,  
Se tu quizeres ser minha.

Ora pois, ouve meus votos,  
Tu, que tens nas mãos meu fado,  
Far-me-ha um — sim — ditoso;  
Um — não — porém desgraçado.

Vê que dar ventura ao homem  
E' proprio da Divindade:  
Sê p'ra mim um Deus! oh! dá-me  
N'um — sim — a felicidade.

Se a meiga esp'rança d'um — sim —  
Não se tornar illusoria,  
E's Deus; sou vate; em meus versos  
Dar-te-hei mil céos de gloria.

Qual lá nos céos brilha a lua  
Só co'a luz que o sol lhe dá;  
Tal só nos carmes divinos  
A mulher fama tem cá.

De Marilia ainda o nome,  
De Dirceo na branda lyra,  
Qualquer coração, que o ouve,  
Venera, pasma, e suspira.

Assim, lá depois da morte,  
Será com o nome teu.  
Quem me lêr dirá saudoso:  
« Esta era um anjo do ceu!

« Que virtudes a adornavam!  
« E que formosura! em fim  
« Que mansidão! que bondade! . . . .  
« Oh! quem me dêra uma assim! . . . »

## Em que penso.

Não sabes o que eu pensava?  
Olha: em ti não era — não;  
Tinha agora o pensamento  
Bem longe do coração.

Se me vires de olhos baixos,  
Com a face tristurosa,  
E' que penso do passado  
Na imagem triste e saudosa.

E se a vista em ti cravada,  
Meus olhos como esquecidos;  
E' que penso do presente  
Nos momentos tam queridos.

Mas desejas que te eu diga  
Que pensava? — olha, *beldade*;  
Como ançieio ter ventura,  
Pensava na Eternidade.

Porto, 30 de Dezembro de 1850.

*A. Pereira Soromenho.*

**Fujamos!**

*A' Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. C. ....*

Si tu pouvais jamais comprendre  
Quel calme on goûte dans les flots,  
Toi-même tu voudrais descendre  
Au fond de mes tranquilles eaux.

.....  
Viens, quitte la rive embrasée,  
Les flots sont si purs et si frais!

LE PÊCHEUR—Traduit de Goethe.

M.<sup>me</sup> DE STAEL.

Foge, foge, oh linda virgem,  
Vem comigo navegar,  
Vamos lá, sobre essas ondas,  
Mil encantos desfructar;  
O meu batel é seguro,  
Nada tens que recear:  
Já nas vélas sopra o vento  
Eia.... vamos navegar.

Livres sempre, sempre livres,  
Entre as vagas d'alto mar  
Um para o outro viveremos,  
Viveremos só p'ra amar,  
Oh! fujamos desta terra  
Que não nos sabe julgar,  
Só podemos ser ditosos  
Lá nas serras d'alto mar!

Alli.... não podem tyrannos  
Nosso amor agrilhoar....  
Alli.... seremos felizes,  
Alli.... tu podes reinar,

E ao lado do teu amante  
Dôces momentos gosar.  
Sobre as aguas do oceano  
Quem nos pôde agrilhoar?

Linda virgem, meu enlevo,  
Olha, não vês o luar  
Como brilha tão sereno  
Sobre o bello azul do mar?  
E' tarde....; as aguas nos chamam  
Com seu dôce murmurar:  
Vem.... que terno amor desperta  
Linda noite de luar.

Olha o batel como brinca  
Açoitado pelo mar,  
Té parece estar dizendo:  
— « Vinde, vinde o céo gosar! » —  
Um adeus, meu Anjo, á Patria  
Branças vélas vou largar:—  
Lá sorri a liberdade  
Entre o lindo azul do mar.

S. João da Foz — Setembro de 1849.

*A. P. Caldas.*

**A amizade.**

D.

*A Arnaldo Anselmo Ferreira Braga.*

No prado gentil d'esmeraldas tecido  
Doudeja de louca, vestida d'anil,  
Fugaz borboleta, que a vida ha colhido  
No lirio, no cravo, na rosa, no til.

Mas eis surge a furia medonha, e raivosa,  
O campo açoitando co'o negro tufão,  
E a flôr que nutria a fugaz mariposa,  
Sósinha se vê, a chorar na soidão...

Sósinha—que o insecto, fugindo á tormenta  
Com medo de vêr sua côr desbotar,  
O campo deixára, que o ser lhe acalenta,  
P'ra ir descuidosa na chamma acabar.

Não é pois assim nossa terna amizade,  
Que a vida nos doira, do berço ao nascer:  
Tormenta não ha, oh! não ha potestade,  
Que faça minh'alma de ti s'esquecer!

*F. Carneiro.*

Porto — Janeiro — 1851.



Vive no Céu.

A' morte da Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Julia Candida  
Felicidade

D.

A SEU FILHO O SNR. ANTONIO PINHEIRO  
CALDAS GUIMARÃES.

Que penas tu hoje penas!...  
Que tristes, que acerbas scenas!...  
A que tormento condemnas,  
Mortal, o teu coração!  
Que penas tu hoje penas!...  
Que soffrer!.. que turbação!..

Esse golpe tão terrível  
Feriü teu peito sensível  
Por tal arte, qu'è impossivel  
Descrevê-lo o trovador.  
Esse golpe tão terrível  
Augmentou a tua dôr.

O pranto lava teu rosto,  
Porqu'á tua sina exposto,  
Soffreste o cruel desgosto  
De vêr morta a cara Mãe.  
O pranto lava teu rosto,  
Porque perdeste um bem.

Mas tu, triste, malfadado,  
P'ra soffrer foste gerado;  
Pois vives, qual condemnado,  
Sempre coberto de dô.  
Mas tu, triste, malfadado,  
Não vives, vegetas só.

Não soltes, filho extremoso,  
Do peito, triste e queixoso,  
Pungente pranto, amargoso,  
Que te rala o teu valor.  
Não soltes, filho extremoso,  
Os diques á tua dôr.

Inda tens uma esperança  
Que o prazer no peito lança,  
Que adoça a triste lembrança  
Da que sob a campã jaz.  
Inda tens uma esperança,  
Pois amor feliz te faz.

Carmes d'amor e soidade  
Tece já com lealdade,  
Pois vive co'a divindade  
O seu terno coração.  
Carmes d'amor e soidade  
Repeta com profusão.

A. A.

A Crença.

Ao meu amigo A. A. C. Carneiro.

*Religion's all! Descending from the skies  
To wretched man, the goddess in her left  
Holds out this world, and in her right the next.*

YONGE.

Das cordas, descanta, oh lyra,  
Um canto por quem suspira.  
Na terra teu trovador,  
E' bella a minha existencia!  
Meigo-sorrir d'innocencia  
Dissipou a minha dôr.

Nas penas quando engolfava  
A minh'alma toda escrava  
Tu não podias cantar.  
Oh que triste desventura!  
No mundo triste amargura  
Foi meu viver salutar.

Da vida um rico painel  
Dissipou-me o negro fel  
De tão cruenta illusão!  
D'amor a realidade  
Destruiu minha saudade,  
Fez feliz meu coração.

D'Elvira o rosto fagueiro  
Faz meu viver prasenteiro,  
Já não vivo d'amargura.  
Cnda vez sou mais avaro  
D'esse amor p'ra mim tão caro,  
Da vida terna ventura.

Canta, oh lyra, os meus amores!  
Após negros dissabores  
Foi feliz minha existencia!  
Elvira, candida rosa,  
Não é virgem caprichosa  
Que escarneça da innocencia.

Sua meiga formosura  
Não adorna uma alma dura,  
Não ama n'um só momento,  
Terno amor guia seus passos,  
Para nós não são escaços  
Os gozos do sentimento.

Desditosa já não erra  
Nestes escolhos da terra  
Minha sina malfadada.  
Da vida a negra tristeza  
Já não enche d'incerteza  
O porvir da vida em nada.

A. Marques.

**A minha saudade.**

Saudade! gosto amargo d'infelizes.  
GARRETT.

Lá no centro da floresta  
Ouço o rouxinol cantar;  
Seus trina dos tão sentidos,  
Ouço-os ao longe ecoar.  
De que será procedido  
O seu cantar tão sentido?!

Em ti vejo, ó linda ave,  
Um retrato bem fiel  
Desta vida qu'eu supporto  
« D'atroz dôr, d'amargo fel! »  
Oh! quem poderá dizer  
Tristuras do meu viver?!..

Eu já na terra — enlevado  
Tive d'amor *illusões!*  
Já para amor, nesta lyra  
Entoei ledas canções!  
Já passei ditosa vida  
Em trances d'amor sentida!..

Eu já vi uma donzella  
A quem eu sómente amei;  
A quem eu só neste mundo  
Amor terno consagrei;  
Um amor tão sublimado,  
Ter um fim tão desgraçado!

Izabel, s'avalinsses  
Meu sentir do coração!  
Se tivesses escutado  
Sua firme pulsação!  
Meu amor desejarías,  
Meu amor só quererías.

Se não fosses desdenhosa  
Ao meu amor tão fiel,  
Eu não passava esta vida  
D'atroz dôr, d'amargo fel!  
Minha vida era ditosa  
Como tu'alma é vaidosa!

.....

Já parou lá na floresta  
O rouxinol de cantar!...  
Pelo ar, meus ais sentidos  
Nunca mais hão-de ecoar,  
Que da minha f'licidade  
Só me resta uma saudade!!

M.

Porto 21 de Dezembro de 1850.

**Charada.**

Sou fêmea, ninguém duvida,  
E sete machos contenho;  
Mas que destes sete machos  
Cinco são fêmeas convenho. } 3

E tambem sendo eu macho,  
Machos e fêmeas eu tenho.  
C'o mesmo nome marcados,  
Mas com nomes variados. } 2

E' das tres syllabas  
Da parte primeira  
Que é derivada  
A charada inteira.

**Enigma.**

Ais-onde-ais?! ais-vos-ais mal!..  
eis-não-eis.

**ADVERTENCIA.**

*Todos aquelles Senhores e Senhoras, que se dignarem concorrer com algumas Poesias ineditas, receberão gratis este jornal.*

*Recebe-se toda a correspondencia (franca de porte) e assignaturas para o referido Jornal, no Porto, unicamente na loja de livros de F. G. da Fonseca, aos Caldeireiros numeros 12 e 13 — Em Lisboa na do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8 -- Em Coimbra na do snr. Jacques Orcel.*

*Assignatura por anno ou 26 numeros 960 reis — Semestre 480 reis, pagos á entrega do 1.º numero — Avulso 40 reis.*



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

*Sou dos que não querem vida!  
Sou dos mais desesperados!  
Valei-me instantes da morte,  
Instantes afortunados!*

**Q**UANDO no mundo acordei,  
Pela fortuna embalado,  
De afagos mil rodeado,  
Dôce futuró encarei:  
Encantado atravessei  
A estação p'ra amor nascida;  
Eis que o desengano, a lida  
Das paixões, veio acabar;  
Sem crenças, e sem esperar  
*Sou dos que não querem vida!*

Chega a tanto a minha dôr,  
E acerba melancolia,  
Que até vêr a luz do dia,  
A's vezes me causa horror!  
Prolongar-se este rigor,  
Ah! não permittam os fados;  
Ou ficarão aterrados  
Ao vêr meu partido audaz,  
Que eu de tudo sou capaz,  
*Sou dos mais desesperados!*

Embalde tentei vencer  
O tédio, que tenho ao mundo;  
Fui além do mar profundo  
Novos céos, e terras vêr;  
Vida agitada viver;  
Deslumbrar a minha sorte;  
Mas apenas o transporte  
Da allucinação 'smorecia,  
Que eu tornando a mim dizia:  
*Valei-me instantes da morte!*

Hoje posso descansar,  
Que me diz o coração  
Em lenta palpitação,  
Que o martyrio vae findar:  
Nunca mais hei-de chorar  
Dias só em dôr passados,  
Dias tão amargurados,  
Que antevejo na agonia,  
Qual Judeu Errante via  
*Instantes afortunados.*

Janeiro 8 de 1851.

*Soror Dolores.*

o orphão.

*Offerecido á Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Eulalia  
Ernestina Balsemão*

POR SEU PRIMO I. P. M. SARMENTO.

Comment remplacer jamais, cette  
affection.... cette sympathie du sang,  
cette amitié, préparée par la ciel, en-  
tre un enfant, e son père.

M.<sup>me</sup> DE STAEL. Corine. T. 1. p. 34

No universo isolado  
Vivo triste, e sem abrigo,  
Vivo sem poder meus males,  
Communicar a um amigo!

Justo Deus! qual a razão  
De ser assim desgraçado?  
E' rigor d'infesta sorte?  
Ou é rigor do meu fado?

Tuas leis respeito, e adoro,  
Eu seguindo os teus dictames  
Não buscarei turbas causas,  
Cessarei os meus exames:

Mas é justo, ao menos possa,  
Possas meus males carpir  
Na triste lyra tocando,  
Possas as mágoas distrahir:

Possas entregar á minha dôr  
Livrentemente suspirar,  
Possas longe dos humanos  
Minha sorte lamentar.

Qual na floresta  
E' a rozeira,  
Sem a cultura  
Baixa, e rasteira,

Longe de um solo  
Ameno, e grato,  
Longe do fresco  
Puro regato,

Não produz flores  
Bellas mimosas,  
A's nymphas gratas  
D'amor vaidosas.

Meus páes perdendo,  
Quem tenho eu  
Que por mim seja?  
A terra, o ceu...

O' saudade acerba, e dura,  
Sim, tu fazes meus tormentos;  
Qu'importam ais desgarrados??  
Qu'importam tristes accentos??

Vós a dôr quadruplicaes,  
Vós augmentaes meus pezares!!  
Mas ah! não: encontro allivio  
Em meus ais a meus desares.

Minhas funéreas canções  
Ao escutarem os valles,  
Fielmente repetidas  
Eu ouvirei.... e os meus males.

Mesquinha consolação  
Encontrarei na tristeza!  
Té que a morte rompa os laços  
Desta fragil natureza.

Sem ter d'um páe  
Ternos carinhos,  
Vivo qual rôla  
Sem os filhinhos.

Bem como o exposto,  
O engeitado,  
Só no universo  
Desamparado;

Sem páe amante,  
Mãe carinhosa,  
E' sua sorte  
Desventurosa:

Eu orphão triste  
Vivo infeliz!  
Diz-me, ó Fortuna,  
Que mal te fiz???

Mas o pranto a voz m'embarga,  
Turvas lagrimas derramo,  
Acolhei-as no Empyreo  
Caros páes, que choro, e amo!!

Vós na campa reunidos,  
Unidos na Eternidade,  
Acolhei benignamente  
Meus prantos, minha saudade!!

A coberto das desgraças  
Vós estaes; eu malfadado  
Vivo entregue a meu desgosto  
Infeliz, e desgraçado!!

Sem vos ter por companheiros  
De meus prazeres, meus males,  
Saudoso, e triste vos chamo  
Nestes campos, nestes valles:

Eu supponho que me ouviram;  
Que beijo a paterna mão;  
Eterniza, ó céo benigno,  
Uma tão grata illusão:

Ouço divino  
Celeste accento,  
Vejo abrir-se  
O firmamento.

Candidas vestes  
Ambos trajaes,  
Eu vos adoro  
O' caros páes!!

Eu ouço, eu ouço  
Vozes celestes;  
A vêr um filho  
Caro viestes!

Vou apertar-vos  
Ao coração....  
Eis se dissipa  
Minha illusão!!!

Pela morte eu clamo afflicto,  
Mas ella surda a meus prantos,  
Vae matar sem piedade.  
A quem acha á vida encantos:

E' só comigo piedosa,  
Só p'ra mim tem compaixão,  
Aquella que não respeita  
O 'scravo, nem o sultão.

Ah! não sejas compassiva,  
As debeis prisões desata,  
Qu'inda me prendem á vida  
Nesta terra insulsa, ingrata.

O meu corpo sepultado  
Na patria campa será,  
Aos auctores da existencia  
A morte me juntará.

Minha cinza com as suas  
Eterna paz desfructando,  
Zombará da sorte avessa  
Do fado cruel nefando.

Sem ter receios,  
Sem ter pesares,  
Sem ter cuidados,  
Sem ter desares,

Descanço eterno  
E sã ventura,  
Desfructarei  
Na sepultura.

Este epitaphio  
Hão-de esculpir:  
Na fria campa  
Que me cubrir.

« Emfim reuno  
(Tristes mortaes)  
Um orphão terno  
Aos ternos páes. »

**Sempre Ella.**

De continuo, sempre Ella presente,  
Vivá sempre no meu coração,  
Ou de dia, ou de noite, ou dormindo,  
Me persegue qual negra visão.

Minha ideia a imagina cruel,  
Meu delirio, cegueira, ou paixão;  
E parece que os males que soffro,  
Causa sempre d'escarneo lhe são.

Ou fallando, ou sentindo, ou pensando,  
Minhas vistas a Ella se vão;  
Mas não fallo, não penso, não sinto,  
Que por Ella não perca a razão.

Oh! que importa o que sinto por Ella,  
Se me trata com louca irrisão?...  
Se desdenha meus grandes extremos,  
E meus votos malquistos lhe são?..

Mas o tempo que apaga e destroe  
Os vestigios de tanta nação,  
Só não póde riscar de meu peito  
Mil lembranças, que eternas serão!

Muito embora meus ais escarnega,  
Ou não tenha de mim compaixão;  
Porém soffra em castigo os tormentos,  
Que infundir-lhe os remorsos hirão!

*Figueira de Azevedo.*

**Um desejo.**

Ah! se o genio me fadára,  
Ninguem mais alto voára.  
SOROR DOLORES.

Quizera ter harpa nos céos afinada,  
Que meiga vibrasse — mil sons d'harmonia;  
Nas azas do genio, aos astros voando,  
Que trovas tão lindas ditoso faria.

Então eu cantára a mulher de meus sonhos,  
Com dôce magia, com raro primor;  
Seriam meus carmes, d'amor repassados,  
Qual hymno das virgens louvando o *Senhor.*

\*

Mas ah!... eu só nutro desejos ardentes  
Que nascem, que morrem no meu coração;  
Debalde quizera cantar o meu Anjo,  
Não tenho, na terra, tão bello condão.

Mas já que não posso offerter-lhe uma trova  
Singela, mas pura, de maga expressão:  
— Em campo de fogo — sua image' adorada  
Conservo gravada no meu coração.

Porto — Janeiro de 1851.

*A. P. Caldas.*

**A minha rosa branca.**

(N'UM ALBUM.)

Vou morrer, triste coitada;  
Aos ventos abandonada.  
(CORDEIRO.)

N'um jardim todo verdura,  
A' meiga luz do luar,  
Vecejava entre a frescura  
Uma rosa a despontar:  
Era branca mais que o gêlo,  
Pois fazia escurecê-lo!

E a minha querida rosa  
D'alvas per'las se toucou,  
Era a joia mais formosa,  
Que no jardim se encontrou:  
Era branca mais que a neve,  
Mas que negro fado teve!

E engastada brandamente  
Entre as folhas do rosal,  
Espelhava-se indolente  
N'uma fonte de cristal:  
Mas... ceifada lá foi ella  
Pela mão d'uma donzella!

E a flor qu'eu tanto queria  
Foi n'um seio repouso,  
Mas a triste a côr perdia,  
Não sabia alli medrar...  
Que o seio que a guardava  
Já por outrem palpitava!

E a minha querida rosa  
Já sem viço — emmurcheceu,  
Teve sorte desditosa  
Quem o prado embelleceu:  
Foi mesquinha — malfadada,  
Foi da virgem despresada!

1850.

*A. F. Carneiro.*

**O Trovador.**

Nesta aldêa em que vivo inda agora  
Uma lyra já tive de meu:  
Esse tempo, minh'alma devora,  
Essa lyra fugiu, ou morreu.

Era rica, de prata lavrada,  
Embutida em luzente marfim,  
Tinha pedras de luz tão doirada,  
Que luziam qual branco setim.

Nesta terra cantei eu contente  
Inspirado de gosto e d'amor:  
Meu prazer era grande excellente,  
Durou pouco, fugiu, Trovador.

No saráu presidia e gostosa  
Da donzella os bons olhos cantou,  
Disse coisas que a face formosa  
Fez-se rubra — por fim desmaiou.

Teve pejo d'ouvir docemente  
Minha lyra seu nome ferir,  
Esta pomba era tão innocente!...  
Desmaiou por m'o vêr repetir.

Este bem eu gosei de fugida,  
Lava ardente de negro vulcão  
Foi mirrando na sua corrida  
A pureza do seu coração.

Inda agora repito tremendo,  
Dessa filha querida dos ceos,  
Este caso de si tão horrendo,  
Decretado por ordem de Deos.

Negro luto enluctou minha lyra,  
Desde então nunca mais a pulsei,  
Fiz um voto que mêdo m'inspira,  
Foi castigo de Deus — bem o sei.

Ser trahido por virgem tão bella,  
Sem seus laços poder desunir,  
Vêr amar sem amor a donzella,  
São ciumes que sinto curtir.

Crença e fé sem amor eu não sinto;  
Já a vida eu não posso viver;  
Tenho o peito — tão negro — tão tinto,  
Que prefiro mil vezes morrer!

Com que tristeza descanta,  
Com que força a dôr quebranta  
Meu coração.  
E nem um sorriso incerto  
Luz aqui neste deserto  
Por gratidão.

Nem uma só estrellinha,  
Nem a singella florinha  
Vejo brilhar.  
Tudo está sêcco e mirrado  
E pelo vento arrojado  
Brinca no ar.

Nem o rouxinol murmura,  
Nem com seu canto procura  
Inspirador;  
Minha musa, que parece  
Nesta solidão se esquece,  
Presa d'amor.

Nem a branca pomba adeja,  
Nem lisongeira bafeja  
O seu sorrir:  
Nem um ecco saudoso  
De meigo rosto formoso  
Ouço carpir.

Ah! eu vingar-me quizera  
Dessa mulher — dessa fera  
Que me mentiu.  
Os seus tão doces afagos  
Foram para mim presagos,  
Pois me fugiu.

Deste monte na cahida  
Fique a lyra adormecida,  
Nesta aridez.  
Fique d'amor esta palma  
Que murchou dentro em minh'alma  
E infeliz me fez!

Oh! quem foi senão tu, virgem formosa,  
A quem eu consagrei a minha lyra,  
A quem jurei amar eternamente  
A troco d'um sorriso.

Teus labios de carmim foram traidores,  
Mentiram-me tambem teus verdes olhos,  
Vibraram chammas contra o triste peito,  
E amor tu não sentias.

Minh'alma liba a taça desta vida,  
Minha musa sem crença não tem estro;  
O' sancto Deos! riscae d'aqui de prompto  
Do meu amor lembranças.

Trovador, da mulher o seu sorriso  
E' sempre enganador.  
Tem no côlo de neve um paraizo,  
Nos labios o pudor.

Touca-se, e da arte busca mil tregeitos  
Para assim nos prender.  
Estuda as gallas para obter os preitos  
Que mantem seu poder.

Finge-se meiga pomba na conquista  
Se tenta batalhar.  
Cede volvendo o rosto e põe na vista  
Um poder de matar.

Mas o seu coração é traiçoeiro,  
Mentiroso — mordaz.  
Jura... chora... — suspira o lisongeiro —  
Mata, mirra, e desfaz.

Que me importa da belleza  
O refulgente brilhar?  
Que me importa ter grandeza  
Se não a posso gosar?

Que me importa a meiga fada...  
Seu poderoso condão?  
Que me importa se é amada  
Por um outro coração?

Que me importa o bem passado  
Se o presente não me apraz?  
Que me importa o seu agrado  
Se me rouba a dôce paz?

Que me importa a dôce lyra  
Se não dedilha d'amor?  
Que me importa se delira  
Ao feri-la o trovador?

A. Azevedo.

**Porquê amo o pôr do sol?**

Si ode, squilla da lontano  
Che paia il giorno pianger che si muore.  
DANTE.

Ouve-se ao longe a sineta que parece  
chorar o dia que morre.

Eu amo est' hora tam suave e placida  
Do pôr do sol?  
Será porque essas nuvens são feridas  
Pelo arrebol?

Será porque amo mais essa luz pálida  
Que reina então?  
Será por vêr os passaros voando  
P'ra a solidão?

Será por vêr do mar a face limpida  
Pardo trajar?  
E ouvir as aguas murmurando apenas  
A noite a esp'rar?

\*

Eu amo esta hora meiga do crepusculo  
Em que se põe o sol...  
Gósto da rubra côr de que o céu traja  
Linda côr do arrebol.

Porque eu leio das nuvens na côr rúbida  
Mysterios... que eu só sei:  
Lembranças de um amor — ternos segredos  
Mas que a ninguém direi.

Porque após vem a noite, e estrellas fúlgidas  
Amam o trovador...  
E o trovador por todos despresado  
Acolhe o seu amor.

\*

Amo o crepusculo — amo essa luz pálida  
E o arrebol  
Porque a noite vem logo — e a lua candida,  
E a lua é mais amiga do poeta  
Do que o sol.

Maio de 1850.

*J. S. da Silva Ferraz.*

**No Album d'uma Senhora.**

IMPROVISO.

Vós pedis-me, senhora, que escreva,  
Nest'Album... mas que hei-de escrever?  
Se hei mingôa d'engenho e da arte  
Se não sei lindas coisas dizer?...

Ah! já sei — vou na lyra tão pobre,  
Que d'amor já não sabe fallar,  
D'amizade — da santa amizade,  
A historia singela cantar!

Uma rosa da frente da virgem,  
Cá na terra cahiu desprendida,  
Foi a santa amizade que origem  
Deu na terra á ventura da vida!

Ella só — das paixões o escarceo,  
Torna em mar mui sereno e lizo,  
Tão fagueiro como é lá no ceo,  
P'ra os anjos — do Eterno um sorriso!

*Guerra Leal.*

**O Sam Gonçalo.**

*Para ser cantado pelas moças do convento  
de Villa Nova.*

Sam Gonçalo d'Amarante,  
Casamenteiro das velhas,  
Porque não casaes as moças?  
Que mal vos fuseram ellas!

CANTIGA POPULAR.

(UMA VOZ)

Neste dia, desde ha muito,  
Se cantam neste convento  
Cantigas ao Sam Gonçalo  
Com pio divertimento.

Respeitando o uso antigo,  
'Scuta affavel Prioreza;  
Ouvi, senhoras, meu canto,  
Mas desculpai-lhe a rudeza.



CÔRO (*cantam todas dançando*)

Cantai, dançaí, sócias minhas,  
Dançaí com furor dobrado  
Em honra do grande Santo,  
Que mil môças tem casado.

(UMA VOZ)

Pois que a nossa condição  
Nos veda os votos sagrados,  
Dai-nos, Senhor Sam Gonçalo,  
Maridos bem estreados.

CÔRO.

Cantai, dançaí, sócias minhas,  
Dançaí com furor dobrado  
Em honra do grande Santo,  
Que mil môças tem casado.

(UMA VOZ)

Mas que o Santo não nos ouça,  
Sendo nós pobres, hei mêdo:  
Cantai pois com devoção  
P'ra não chuchar pelo dêdo.

CÔRO.

Cantai, dançaí, sócias minhas,  
Dançaí com furor dobrado  
Em honra do grande Santo,  
Que mil môças tem casado.

(UMA VOZ)

Quereis esbelto alfaiate?  
Ou caixeirinho farfante?  
Eu por mim amo o mar livre;  
Casarei c'um navegante.

CÔRO.

Cantai, dançaí, sócias minhas,  
Dançaí com furor dobrado  
Em honra do grande Santo,  
Que mil môças tem casado.

(UMA VOZ)

Quero vêr o mar em serras  
Arrojar-me até os céos;  
Quero ouvir bramar os ventos,  
Quero calcar escarcéos.

CÔRO.

Cantai, dançaí, sócias minhas,  
Dançaí com furor dobrado  
Em honra do grande Santo,  
Que mil môças tem casado.

(UMA VOZ)

Quero vêr quanto ha sublimê  
Nessas vastidões do mar,  
Para a Deos em seus prodigios  
De joelhos adorar.

CÔRO.

Cantai, dançaí, sócias minhas,  
Dançaí com furor dobrado  
Em honra do grande Santo,  
Que mil môças tem casado.

(UMA VOZ)

Mas se vou ao fundo?! safá!!!  
Já não quero o mar correr.  
Um lavrador feio e forte  
Antes quero receber.

CÔRO.

Cantai, dançaí, sócias minhas,  
Dançaí com furor dobrado  
Em honra do grande Santo,  
Que mil môças tem casado.

(UMA VOZ)

Verei montes, verei bosques,  
Ouvirei os passarinhos,  
Cantar dôces cantilenas,  
Vigiando os seus filhinhos.

CÔRO.

Cantai, dançaí, sócias minhas,  
Dançaí com furor dobrado  
Em honra do grande Santo,  
Que mil môças tem casado.

(UMA VOZ)

Verei mil prados viçosos,  
Mil searas ondeantes;  
Verei ir beber os gados  
Nos arroios susurrantes.

## CÔRO.

Cantai, dançaí, socias minhas,  
Dançaí com furor dobrado  
Em honra do grande Santo,  
Que mil môças tem casado.

## (UMA VOZ)

Verei as dôces abelhas  
Subtis favos fabricar;  
E, vendo tantos prodigios,  
Nelles Deos hei-de adorar.

## CÔRO.

Cantai, dançaí, socias minhas,  
Dançaí com furor dobrado  
Em honra do grande Santo,  
Que mil môças tem casado.

## (UMA VOZ)

O' Senhor Sam Gonçalinho,  
Casai-me c'um lavrador,  
Que tenha curraes, e casas,  
Rico de milho, e d'amor

## CÔRO.

Cantai, dançaí, socias minhas,  
Dançaí com furor dobrado  
Em honra do grande Santo,  
Que mil môças tem casado.

## (UMA VOZ)

Neste dia, desde ha muito,  
Se cantam neste convento  
Cantigas ao Sam Gonçalo  
Com pio divertimento.

Respeitando o uso antigo,  
Ouvistes, ó Prioreza,  
E mais senhoras, meu canto;  
Oh! desculpai-lhe a rudeza.

## CÔRO.

Cantai, dançaí, socias minhas,  
Dançaí com furor dobrado  
Em honra do grande Santo,  
Que mil môças tem casado.

Porto — 1851.

## Charada.

Ran, tam, pan } 1  
Nem Deus, nem bicho }  
E sendo eu agua } 1  
Estou entre o lixo.

Estou na pipa sem ser vinho,  
Sem ser vinagre, ou melaço,  
Nem batoque ou aduella,  
E parte da pipa faço.  
Que será? ai! é espicho  
Gritará logo o leitor,  
E eu respondo muito manso:  
Não é 'spicho não senhor.

## EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:

*Charada* — Semanario.

*Enigma* — Onde entraís?! vós entraís mal!..  
não entraís.

## Advertencia.

*Todos aquelles Senhores e Senhoras, que se dignarem concorrer com algumas Poesias ineditas, receberão gratis este jornal.*

*Recebe-se toda a correspondencia (franca de porte) e assignaturas para o referido Jornal, no Porto, unicamente na loja de livros de F. G. da Fonseca, aos Caldeireiros numeros 12 e 13 — Em Lisboa na do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8 — Em Coimbra na do snr. Jacques Orcel.*

*Assignatura por anno ou 52 numeros 800 reis — Semestre 480 reis, pagos á entrega do 1.º numero. — Avulso 40 reis.*

A distribuição deste Jornal principia á sexta feira.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

Catão.

Como em tarde anuviada,  
Em tarde de negros véos,  
Para a terra contristada  
Sorri o iris nos céos;  
Porém quando o sol lá desce,  
O iris desaparece,  
Tudo é negra escuridão;  
O mar ruga e se encapella,  
E nas azas da procella  
Corre roncando o trovão:

Tal antes da tempestade  
Que sobre Roma bramiu,  
Qual iris de liberdade  
Catão á patria sorriu;  
Mas a hora emfim soára: . . .  
A liberdade finára,  
O seu astro se apagou;  
E Catão de Roma esp'rança,  
Elle, o iris de bonança  
Co'a liberdade expirou . . .

Nesses tempos de desterro  
P'ra que nasceste, Catão?  
Era um seculo de ferro,  
Lutaste com elle em vão.  
Encontravas, ó romano,  
A cada passo um tyranno,  
Um tigre á patria fatal!  
Malditos! sobre ella exangue  
Queriam tinto de sangue  
Fundar um throno real! . . .

Mas tu desde a juventude,  
Detestando esses laureis,  
Seguiste as leis da virtude,  
Da honra seguiste as leis:

Patria, patria e liberdade!  
Eis a voz de lealdade  
Por que sabias bradar,  
Hoje orador no senado,  
A'manhã de ferro armado  
Sobre o campo a batalhar.

Inda infante, viste Mario  
De Roma o sangue beber;  
Viste-a envôlta n'um sudario  
O cólo a Sylla off'recer . . .  
Viste esse tigre nefando  
Entre cabeças folgando  
Da matança no festim!  
Viste, e infante mas romano  
Bradaste: morte ao tyranno!  
Dae-me o ferro, o ferro a mim!

Não t'ó deram . . . que lucrava  
O teu valor juvenil?  
D'um tyranno outro brotava,  
Brotavam tyrannos mil . . .  
Enxuto de Roma o pranto,  
Eis que envôlto em negro manto  
Lá surge um conspirador;  
Scintilla a morte, a ruina  
No punhal de Catilina,  
De Catilina, o traidor!

Surge, vibora, gerada  
Dos vicios no lodaçal;  
Nessa patria malfadada  
Cospe o veneno fatal!  
Eia, empunha o facho ardente;  
Entrega Roma innocente  
Aos punhaes da tua grei;  
E entre o sangue e á luz do incendio,  
N'um throno de vilipendio  
Vem sentar-te como rei! . . .

Porém treme! treme ao brado  
De Marco Tullio orador!  
Treme! Catão denodado  
Escarnece o teu furor!  
Succumbiste, algoz ferino...  
Oh! mas vingá-te o destino  
Que jurou Roma perder!..  
Catão, cobre-te de luto,  
Que das Gallias já escuto  
A guerra civil descer!

Gerou-a o triumvirato,  
Esse monstro d'ambição;  
Que as eras de Cincinnato,  
Essas eras já lá vão.  
Das Gallias eis marcha a Roma  
Um dos três que tudo doma,  
Um dos tres o mais audaz,  
Ei-lo, ó Roma, em Arimínio  
Jurando-te o exterminio,  
Se o imperio lhe não dás!

Sob a espada fratricida  
Já o sangue espadanou  
De Dyrrachio n'essa lida  
Quanto não se derramou!  
Os mortos jazem aos centos,  
Sobre esses restos sangrentos  
Um homem chora, é Catão...  
E' elle que alli sentado  
Chora o miserando fado  
Da patria que luta em vão...

A liberdade expirava,  
O coração bem lh'o diz...  
A patria seria escrava,  
Que um tyranno assim o quiz.  
Não se enganou: lá treveja  
O ruído da peleja  
Em Pharsalia ultima vez...  
Horroroso e fatal dia!  
A liberdade cahia  
De Julio Cesar aos pés!

Que de romanos ceifados  
Naquelles campos, sem dó!  
Que de valentes soldados  
Lá mordem, raivando, o pó!  
Sobre o campo da batalha,  
Que ensanguentada mortalha  
A fera morte estendeu!  
Que d'estandartes rasgados  
A Cesar abandonados  
Pelo vencido Pompeu!

A liberdade ei-la morta...  
Oh! que não! lá surge além:  
Catão é vivo! que importa  
Quanto Cesar ganho tem?  
De Pharsalia aos naufragantes,  
Lá nessas praias distantes  
Da Lybia, se ergue um fanal:  
São de Catão as bandeiras  
Juntando as rotas fileiras  
Para um combate final.

Mas Cesar lá corre ovante,  
Vence Juba e Scipião;  
A seu carro triumphante  
Nada se oppõe... maldição!  
Não tarda a hora funesta,  
De liberdade só resta  
Dentro d'Útica um fulgor...  
Inda Catão lá impera,  
E' lá que esse livre espera  
As iras do vencedor.

Que venha, que ao seu aceno  
Curvado não ha-de vêr  
Aquellê rosto sereno  
Que os tyrannos fez tremer.  
Anda vêr, Cesar altivo,  
Anda vêr como o cativo  
Calca aos pés o teu grilhão;  
Como expira livre e ufano  
Mais que tu, ó vil tyranno,  
Tu, escravo da ambição!...

Catão, Catão, eis chegado  
O momento de partir...  
Com que rosto socegado  
Te vejo á morte sorrir!  
Nos humbraes da eternidade,  
Tu lhe quer's a immensidade  
Com Platão inda sondar;  
Assim a aguia alterosa  
D'alta penha cavernosa  
Mede os espaços do ar:

E depois, assim como ella  
Das nuvens rompendo os véos,  
Rasga os seios da procella,  
Deixa a terra e busca os céos:  
Tal com fronte socegada  
Cravando no seio a espada  
Com que partias grilhões,  
Solto dos grilhões da sorte,  
Voaste, calcando a morte,  
A's ethereas regiões!

Cesar vence, e ao capitolio  
Lá sobe triumphador,  
Roma prostrada do solio  
Beija as plantas d'um senhor ...  
Catão, Catão expirára ...  
No suspiro que exhalára  
A liberdade vou;  
Começava o ferreo imperio  
Que um Caligula, um Tiberio,  
Um Nero, monstro, gerou ...

Quanto ao livre sepultado  
Nas praias junto do mar,  
Lá dormia descaçado  
Sob a pedra tumular.  
Alli a gemente vaga  
Vinha livre sobre a plaga  
Beijar do livre a mansão;  
E inda fallar com saudade  
Da patria, da liberdade  
A' estatua de Catão.

— A. Soares de Passos.

Leça!

O TROVADOR.

A' Exc.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. A. A. de C. Guimarães.

Balado de tristeza e de saudade;  
Tão longe do seu bem, de quanto amava,  
.....

J. ARTHUR.

Do Leça nas margens um dia sentado,  
Curtindo no peito cruento pesar,  
O Bardo saudoso, d'amor arroubado,  
Dest'arte, chorando, começa a cantar:

Brando Leça, que é do tempo,  
Que é das horas venturosas,  
Em que eu vinha aqui cantar-te  
Minhas trovas amorosas?

Que é do tempo afortunado,  
Em que risonha a Natura,  
Só me sorria prazeres,  
Era toda formosura?

Que é do tempo em que eu alegre,  
Baixa a tarde — ao pôr do sol,  
Entre as moutas escondido  
Escutava o rouxinol?

Que é do tempo em que risonho  
Me revia em tuas aguas,  
Sem saber o que era — amor,  
Sem sentir as suas fraguas?

Aqui um suspiro do peito arrancado  
Na margem opposta foi longe eccoar;  
Um pouco respira, de dôr anciado,  
E logo de novo começa a cantar:

Só nesse tempo da vida  
Gosei doçuras da paz:  
Era tão bello ... que é delle?  
Passou já, não torna atraz.

Era bello ... sim, mui bello,  
Mui diverso do d'agora:  
Ria então o Trovador,  
Hoje só suspira e chora.

Suspira por uma virgem  
Tão donosa, meiga e bella! ...  
Chora triste, porque vive  
Tão longe, tão longe della.

Um novo suspiro do peito arrancado  
No bosque distante foi triste eccoar;  
E o misero Bardo d'amor arroubado,  
Deixou pensativo o saudoso lugar.

10 de Outubro de 1850.

J. P. C. S.

Saudades da Infancia.

Ao meu particular amigo Antonio Ferreira  
Moutinho.

Por um dia ... só um ... desse tempo  
Minha esp'rança mais bella daria!

SOROR DOLORES.

Infancia! quadra d'illusões formosa —  
Em que a vida sorri com imago enlevo!  
Quanto é bella e donosa a tua imagem  
Calando dentro d'alma.

\*

Oh! quam gratas que são dôces lembranças  
 Desses tempos d'amor e de ventura  
 Em que eu era innocente como um anjo,  
 Symbolo de pureza!

Eu folgava risonho em mar d'encantos,  
 Em brincos juvenis passava os dias,  
 E da noite ao cerrar do lindo manto  
 Sorrindo adormecia.

E eram bellos os sonhos que sonhava:  
 Brincava lá nos céos; — ouvia os anjos  
 Entoar ao Senhor cantos celestes  
 De magica harmonia!

E acordava depois nos ternos braços  
 Da carinhosa mãe que me afagava....  
 Que dôce despertar! que santa vida!  
 Tão livre de cuidados.

Ah! vem, oh linda imagem desses tempos,  
 Vem, sorrindo, mostrar-me o céo d'outr'ora,  
 As estrellas, o mar, a lua, as flores,  
 Dos meus primeiros annos.

Que eu gose inda uma vez sequer na vida  
 As dôces emoções da minha infancia,  
 Ah! que as sinta — tão virgens e tão puras —  
 Como eram nesses tempos.

Ainda uma vez só — quizera ainda  
 Sentir na face a viração da noite,  
 Cantando maviosa um hymno santo  
 Que o atheu não comprehende;

Quizera ouvir no pinheiral escuro  
 O saudoso gemer da triste rôla,  
 Qual outr'ora o escutei — tão repassado  
 De candida ternura;

E lá sentar-me ainda ao pé do cedro  
 Que altivo me abrigou nos verdes annos,  
 Ah!... e d'alli depois soltar meu canto,  
 Meu canto sempre livre;

Quizera... sim... quizera inda na fonte,  
 Onde outr'ora matei a sêde ardente,  
 Minha sêde estancar — que me devora  
 A febre da saudade:

Mas ah!... ei-la por terra — mil ruínas  
 A fonte veneranda...; altivo cedro  
 Abateu-lhe a cerviz o rijo sópro  
 Do furacão do norte.

A rôla, em viuvez, já não descanta,  
 Já não solta d'amor — um som canôro;  
 Nem já sequer a viração da noite  
 Murmura um hymno santo.

As estrellas, o mar, a lua, as flores,  
 Não tem, não, qual outr'ora um terno brilho,  
 Nem já — amor de mãe — nem almos sonhos —  
 Me embalam docemente.

.....

Ah!... de balde eu te chamo, oh linda imagem,  
 De balde inda uma vez te peço um rizo —  
 Tu foges.... não me escutas.... só me deixas  
 Dentro d'alma a saudade!

Porto — Janeiro de 1851.

*A. P. Caldas.*

**Resposta a um pedido.**

Descrever o martyrio não posso,  
 Pois que nelle descrevo a paixão,  
 Os tormentos que soffre, padece,  
 Meu bondoso, fiel coração.

.....

Tem origem, Isbella, é bem certo,  
 Nessa teima tão dura; cruel,  
 De julgardes fingida a amizade,  
 Que te sagra meu peito fiel.

.....

Mas um dia ha-de ainda raiar,  
 Que illumine essa tua razão,  
 Que dissipe, desterre essas trevas,  
 Esse negro phantasma — illusão.

.....

Só então poderias, Isbella,  
 Conhecer que não tinhas razão,  
 E daquelle, a quem tanto insultaste,  
 Alcançar generoso perdão.

Julho de 1850.

*Figueira d'Arcvello.*

## Soneto.

(N'UM ALBUM).

Cadaver, 'spectro sou, já nada sinto...  
Bem cedo envelheci!.. gelada vida  
Gelou-me o coração!.. com voz sentida,  
Se eu fallar de paixões, digam que *mintio!*

Se tive astro d'amor, ha muito extincto  
Em trevas me deixou — quando trahida  
Me foi uma afeição, que tão mentida  
Na dôr da van' saudade ás vezes junto...

Eu na terra que sou? — fronde myrrada  
Pelos rijos tufões deste descrêr,  
Que a face me curvaram macerada...

Prevejo a hora extrema do morrer...  
A campa vejo além... na campa o *nada*...  
Um somno sem ter fim... *jâmais* soffrer...

13 de Janeiro de 1851.

Camillo Castello Branco.

## Sei vencer-me.

Já cantei na minha lyra  
De amor os cruéis tormentos;  
Já chorei em dura ausencia;...  
Eram tristes meus lamentos;  
Hoje... maldigo um ingrato  
Que trahiu seus juramentos.

A virtude idolatrada,  
Tambem já cantei na lyra,  
Essa joia tam presada  
Desta mente que delira;  
Hoje... maldigo um perverso,  
Por quem minh'alma suspira.

Triste lyra, canta agora  
Minha perdida isempção;  
Lamenta dos meus quinz'annos  
A dôce satisfação;  
Lamenta meus infortunios;  
Minha insensata paixão.

Porém não, lyra, não soltes  
Tam triste lamentação;  
Não chores meus infortunios,  
Nem dô monstro a ingratição;  
Que eu adorando a virtude,  
Sei vencer minha paixão.

E que importa que um infame  
Despresasse o meu amor,  
Se hei-de achar em Deus conforto  
Ao meu mal, ao seu rigôr?  
Acharei nos céos o termo  
Ao meu pranto, á minha dôr.

E elle... esse vil, que a vida  
Me ha dest'arte envenenado,  
De remorsos perseguido,  
Neste mundo desgraçado,  
Será na terra maldito,  
Pelos céos abandonado.

10 de Janeiro de 1851.

Maria A.

## No Album

DA EXC.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup> D. C. L.

Esmeria! mandas ao vate  
Que te cante uma canção?  
Ah! não sabes que lhe bate  
Sempre oppresso o coração!  
Queres no livro da vida  
Ver uma folha perdida,  
Um pensamento de dôr?  
Não sabes que o soffrimento,  
O gemer d'agro tormento  
Coube em sorte ao trovador?

Queres ouvir um gemido  
Por entre o rir, e o folgar?  
Por entre as rosas — pendido  
Queres o lirio a murchar?  
Queres em céu azulado,  
D'estrellinhas recamado,  
Nuvem negra divisar?  
Queres por entre os trinados  
Dos rouxinões namorados  
Ouvir da coruja o piar?!

Queres por entrê harmonias  
Ouvir o bronze a dobrar?  
Por entre sons d'alegrias  
Queres ouvir meu trovar?!  
Ah! não! — deixa o desgraçado  
Que cumpra seu negro fado,  
Que trovar não pôde aqui;  
Não ha-de hir qual nuvem baça  
Verter o fêl da desgraça  
Onde a ventura sorri!

Não ha-de hir; nem tu, formôsa,  
Pôdes com isso perder;  
Tens ahí lyra ditosa  
P'ra te cantar a valer!  
Tens ahí mil trovadores,  
P'ra te fallarem d'amores  
Entre phrases d'encantar:  
— P'ra te dizerem que és bella,  
Que és lá do céo uma estrella,  
Cá na terra a fulgurar!

Mas se aqui me não é dado  
Cantar-te linda canção,  
Posso aqui deixar gravado  
Um sentir do coração:  
E' esse que n'amargura  
Nos vae entornar doçura,  
Trazendo allivios ao mal;  
Esse sentir de verdade,  
Esse sentir — amizade  
Constante, pura, e leal.

*J. Machado Pinheiro.*

#### As ondas.

Sentado nos rochedos  
Eu amo vêr as águas  
Cercar co'a espuma candida  
As elevadas frâguas.

Vêr uma vaga ao longe  
Erguer-se magestosa;  
E em fôfos rôlos plácida  
Deitar-se preguiçosa;

Outra correndo rapida  
As praias com fragôr;  
E morre, mas lá deixa  
De espuma o puro alvôr.

Mas se uma acaba — expira,  
Lá surge mais além  
Outra não menos férvida,  
E espuma traz tambem.

Meus dias melancolicos  
Que não doura o amor,  
Seguem-se como as ondas,  
E trazem-me só dôr.

Setembro 1849.

*J. S. da Silva Ferraz.*

#### Illusões.

E tudo sonho, mentira,  
E tudo, tudo illusão,  
Tudo engano lisongeiro  
D'inexperto coração.

(L. C. PEREIRA).

Porque havias, ó casta donzella,  
Em meu peito mil gosos verter?  
Porque havias — tão linda — e tão bella —  
Já d'amor os enganos saber?

Porque haviam teus olhos formosos  
De ternura tão meigos sorrir?  
Porque haviam teus braços mimosos  
N'um só peito dois peitos unir?

Porque eri na esperança mentida,  
Que zeloso nest'alma guardai?  
Porque cri nas venturas da vida,  
Que em tão curtos momentos gosei?

Porque havia tão cêdo o meu fado  
Esses dias de crenga levar?  
Porque havia esse genio malvado  
Linda rosa em cypreste mudar?...

Ah! do mundo são breves as ditas,  
São prestigios os rizes d'amor;  
Verdadeiras, reaes — as desditas —  
Que a existencia nos enchem de dor!

*A. F. Carneiro.*

Porto.



**As ondas do mar.**

Ah! voga navio  
 Nas ondas do mar....  
 Por ella não faço  
 Senão suspirar!  
 As ondas sulcando,  
 Por ella suspiro,  
 Gemendo e soffrendo  
 Do mar no retiró!  
 Ah! voga navio,  
 Ah! voga no mar!  
 E vós, minhas brisas,  
 Oh vinde abafar  
 As negras tristezas  
 De um triste penar!

Distante da terra,  
 Nas ondas do mar,  
 A vida do bardo  
 E' só suspirar!  
 Dos campos formosos,  
 E das lindas flores,  
 O bardo não gosa,  
 Nem gosa d'amores.  
 Ah! voga navio,  
 Ah! voga no mar!  
 E vós minhas brisas,  
 Oh vinde abafar  
 As negras tristezas  
 De um triste penar!

A vida do bardo,  
 Nas ondas do mar,  
 E' negra tristeza,  
 Cruel suspirar!  
 Da patria distante  
 A vida é tristura....  
 E della só gosa  
 Cruel desventura!  
 Ah! voga navio,  
 Ah! voga no mar!  
 E vós minhas brisas,  
 Oh vinde abafar  
 As negras tristezas  
 De um triste penar!

Assim murmurava  
 Nas ondas do mar,  
 Assim não fazia  
 Senão suspirar,

O pobre do bardo  
 Tão só, tão queixoso!...  
 E o vento assoprava  
 No mar proceloso.  
 Ah! voga navio,  
 Ah! voga no mar!  
 E vós minhas brisas,  
 Oh vinde abafar  
 As negras tristezas  
 De um triste penar!

Oceano — Maio 1849.

*A. Marques.*

**A Rainha do Harem,**

Neste Harem eu sou Rainha,  
 Amada do meu Sultão,  
 Tenho corôa, tenho sceptro,  
 D'escravas tenho um milhão;  
 Eu tenho joias sem conta,  
 E de que preço ellas são!  
 Terei eu rival no mundo,  
 Que imite a minha ambição!

Ao meu mando mil escravos  
 Curvam a fronte no chão;  
 Com meus encantos gentis  
 Te domino, ó meu Sultão;  
 Nada vive n'Oriente,  
 Que não me jure affeição;  
 A vida dos meus vassallos  
 Tenho presa nesta mão.

Quando quero tenho aos pés  
 O Monarcha d'Oriente,  
 Anello-lhe os seus cabellos,  
 A mim tudo me consente!  
 Cinjo-lhe as armas douradas,  
 Ao lado o sabre pendente;  
 Quem aos pés não invejára  
 O vêr rojar o crescente?

Já no seu solio real  
 Tambem me tenho sentado,  
 Ouço as preces do vassallo,  
 Os rogos do condemnado,  
 Que se quero tem perdão,  
 Quando não é castigado:  
 Quem ditoso não seria  
 Se possuisse este fado?

Cavalgo negro corcel,  
Do Arabe tão estimado  
Nesses desertos d'areia  
Por ardente sol queimado,  
Corro por elles ligeira  
Com o meu senhor ao lado:  
Trajo vestidos mui ricos,  
Trajo turbante dourado.

Mas que importa que possua  
Grandes riquezas sem par,  
Que tenha milhões d'escravas,  
De vassallos um milhar,  
Possua eunucos sem conta  
Dos mais bellos que encontrar,  
Não sou eu tambem só livre  
Té que a belleza durar?

Que m'importa que nos braços.  
Cinja o sceptro d'Oriente,  
Que em meu seio aljofarado  
Sinta seu beijar ardente,  
Que lhe annelle o seu cabello  
Tão preto, tão reluzente,  
Não serei tambem escrava  
De tão soberbo crescente?

Neste meu peito d'escrava  
Sabe o coração pulsar,  
Nasci livre, livre quero  
Nesta vida alguém amar,  
Quero que um ai de meu peito  
N'outro seio vá morar,  
Pouco importa eu seja pobre  
Ande esmola a mendigar.

Tenho soberbos palacios,  
Onde só posso habitar,  
Tenho tudo quanto quero,  
Quanto m'apraz cubigar,  
Mas não tenho liberdade  
De sósinha suspirar:  
Sou escrava, pois com ouro  
Meu senhor me foi comprar.

Porto — Agosto de 1849.

A. A. F. Braga.

### Charada.

Que fiz eu quando o mal d'outrem }  
Meu peito dilacerou? }  
Da bella ausente o amante }  
Só na segunda pensou. }  
2  
2

—  
Quem vem lá?  
Camarada.  
Passe de largo.  
Que tal é a charada?

### Enigma.

**U** XPREZA u.

### EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:

Charada — Tampo.

### Advertencia.

*Todos aquelles Senhores e Senhoras, que se dignarem concorrer com algumas Poesias ineditas, receberão gratis este jornal.*

*Recebe-se toda a correspondencia (franca de porte) e assignaturas para o referido jornal, no Porto, unicamente na loja de livros de F. G. da Fonseca, aos Caldeireiros numeros 12 e 13 — Em Lisboa na do snr. Lavado, rua Augusta n.º 8.*

*Assignatura por anno ou 52 numeros 800 reis — Semestre 480 reis, pagos á entrega do 1.º numero — Avulso 40 reis.*

A distribuição deste Jornal principia á sexta feira.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

Aos Vates!

Oh! como alegre, e bella no oriente  
D'entre as sombras a aurora se levanta!  
Oh! como a nova luz, doirando o espaço,  
A natureza encanta!

Na selva já se escuta a melodia  
Do côro alado, que d'amor gorgêa;  
D'aureo reflexo variando as côres,  
Serenos o mar ondêa!

Fagueira brisa pelo ar voando,  
Ora se prende, e geme entre verdores,  
Ora sorrindo, desce ao prado ameno  
Beijar o seio ás flores.

Deixando as margens de florída relva  
Foge ao manancial a limpha pura;  
Fadada inclinação a vae levando  
Brilhante á sepultura.

Nesta luz de meigo encanto  
Em tudo respira amor!  
As aves no dôce canto,  
No aroma a tenra flôr:  
Palpitante a mariposa  
Suspira em tórno da rosa:  
O romantico chorão,  
De ternura delirante,  
Tenta voar com a amante  
Caprichosa viração!

Trovador, se tu desejas  
D'um laurel a fronte ornar,

Vae colhê-lo quando vejas  
Candida aurora raiar  
Sobre a margem da corrente,  
Que retrate a refulgente,  
Formosa nuvem doirada,  
Tomando a fórma elegante,  
Voluptuosa, ondulante,  
Dessa mulher inspirada;

Que em meiga ironia repete ao amante:  
" Tu queres, tu podes deixar teu irmão?  
" Das mágoas a mágoa não vês na saudade  
" A todos pungindo? cruel, a ti não! "

Então não vacilles; de Emilia inspirado,  
A gloria da scena vae nella cantar;  
Verás que espontaneos, dobrando-se os loiros,  
Por ella mil c'rôas te vem offertar.

Soror Dolores.

Porto 9 de Janeiro  
de 1851.

Ao Oceano.

O' grande oceano, tu és meu rival,  
Tu gosas encantos que eu nunca gosei,  
Invejo-te a sorte, destino fatal,  
Te faz ser ditoso, eu nunca o serei!

Um anjo na terra, das bellas a bella  
A ti se encaminha c'o pé delicado,  
E tu, insensivel, tu passas por ella  
Sem dos seus encantos ficar namorado.

Com braços d'espuma fremente e bramido,  
O corpo lhe abraças gentil, e airoso,  
O seio lhe tocas, e o cóllo tão lindo,  
As tranças lhe beijas, e o rosto formoso!

Olhou-me, — e a chamma no peito accendeu,  
Olhou-te, — rugiste saltando em furor;  
Gosando prazeres só proprios do céu,  
Tu, monstro indomavel, não morres d'amor!

Da Asia perfumes, d'America oiro  
Embora nos tragas no dorso azulado,  
Que importa! se em troça te coube um thesoiro  
Que em todo universo não é igualado!...

O' grande oceano, tu és meu rival,  
Tu gosas encantos que eu nunca gosei,  
Invejo-te a sorte, destino fatal,  
Te faz ser diloso, eu nunca o serei!

1849. A. Girão.

#### Que mandas?

Formosa que mandas — que exiges da lyra  
Do vate mesquinho, do pobre cantôr?  
— Um canto que diga — do peito d'Elvira  
Sou ecco exacto dos ais d'uma dôr?  
E' isto o que mandas? oh! sim é verdade,  
Tu queres um canto que diga — saudade.

Comprehendo formosa; e tu m'a revelas,  
No ai que ainda agora teu peito exhalou!  
Na côr dessas faces, tão lindas, tão bellas,  
Mas qual branco lirio que ha pouco murchou.  
Na dôr que teus olhos exprimem fallando,  
Ou quando fitados nos céos, stás orando.

No rizo forçado, que a custo e a medo,  
Expira mal nasce nos labios á flôr;  
Pois temes que venha dizer o segredo,  
Do quanto no peito te pungé uma dôr!

Que o rizo que aos labios não traz a ventura,  
E' rizo que mente, só dôr, amargura.

Mas julgas, formosa! que possa o meu canto  
Cortar-te nos labios teu negro gemer?  
Seccar-te entre rizos, nas faces o pranto,  
Levar-te um allivio ao teu padecer?  
Não pôde o meu canto d'ha muito nascido,  
Da dôr que constante me traz opprimido.

Pedir-me a ventura! a mim? oh seria  
O mesmo que ás vagas pedir-lhe um cantor!  
O mesmo que aos ventos pedir-lhe harmonia,  
Aos pólos do norte pedir-lhe um ardor!  
Já vês que não posso na lyra cantar-te,  
Um canto que possa teu mal mitigar-te,  
Mas ah! se não pôde a dôr que te cança  
Levar um allivio meu triste trovar;  
Eu posso dizer-te — não percas a esp'rança  
De vires um dia mil bens a gosar —  
Que um Deus que dos anjos te deu a candura,  
Oh! ha-de na terra te dar a ventura!

Guimarães — Janeiro 1851.

J. M. Pinheiro.

No Album do meu amigo Faustino Xavier  
de Novaes.

Appar'ceu-me sorrindo em meio sonho  
A rizgem dos meus sonhos d'acordado.

Tive um sonho de maga ventura  
Qual eu nunca na vida sonhei:  
Eu pensava estreitar em meus braços  
Meiga virgem que tanto adorei.

Eu a via, qual Anjo formoso,  
Ostentando na face o rubor —  
E nos labios, que ardiã, queimavam,  
Imprimia mil beijos d'amor.

E seus olhos... tão lindos... tão negros,  
Me fallavam com doce paixão...  
Expressavam, diziam sorrindo,  
Todo o fogo do seu coração.

E seu collo de neve anceava  
Qual a vaga dormente do mar —  
E d'encontro ao meu peito eu sentia  
De seu peito o ardente pulsar...

Foi do céu... esse sonho divino  
Que me fez de prazer delirar!  
Minha vida por certo daria  
Se, de novo, o pudesse gosar!

Porto — Outubro de 1849.

A. P. Calhaz.

**Anacreontica.**

Longe da minha  
Querida Armia  
O' céos! não posso  
Ter alegria.

Que ella no peito  
Meu desgraçado  
Ardente chamma  
Tem ateadado,

Mas se despressa  
Minha ternura,  
Render-lhe cultos  
Não é loucura?

Oh! não. Quem sabe?  
Talvez que um dia  
Mais meigos olhos  
Mas volta Armia.

J. P. S.

**Inquietação.**

(IMITADO DE MYLLEVOYE).

Sabes tu porque entre affagos  
De vez em quando estremeco?  
Junto ao meu teu peito arfando  
Porque sombrio entristeco?

A. LIMA.

Não sabes, donzella, que triste tormento  
Envolve de lucros a minha ventura?  
Não sabes porque no mais doce momento  
Meus olhos se cobrem c'um véo de tristura?

Porque muitas vezes tam frio te aperto  
A mão delicada de branco marfim?  
Oh! não, não o sabes... pois hei-de dizer-t'o,  
Embora tu zombes e rias de mim.

Eu sinto no peito ciumes raivosos,  
Não tendo comtudo rivaes que temer!  
Se bello o presente me offerta só gosos,  
Lá vou no passado buscar desprazer.

Responde-me, dize-me: sempre constante  
Teu peito sómente por mim palpitou?  
A sombra não viste jámais d'outro amante  
Que as tuas vigílias ou sonhos turbou?

Tu dizes-me « eu te amo »... e a voz é tam doce!  
Mas essa palavra só eu t'a ouvi!  
Talvez que escutada por outro já fosse,  
Talvez... pois não posso escutá-la de ti!...

Jámais c'o olhar fixo, oppresso teu seio,  
Sentindo uma imagem querida surgir,  
A' noite scismastes, e n'um devaneio  
Das mãos o trabalho deixaste cahir?

Pareço-te injusto... pois sou amoroso...  
 Perdôa meu triste delirio fatal...  
 Porém quando se ama como eu extremo  
 Té n'uma lembrança se encontra um rival.

10 de Janeiro 1851.

*J. S. da Silva Ferras.*

**No outeiro de Santa Clara.**

As sãs virtudes cantar,  
 Que fulgem nesta clausura,  
 Quizera p'ra consagrar  
 A mui singela candura,  
 A pureza, a innocencia,  
 A santa beneficencia,  
 Dignas de o céo habitar.

Mas ah! que para louvá-las  
 Os meus versos pobres são,  
 Só poderia cantá-las  
 Harpa santa de Sião!  
 Mas de o não poder fazer,  
 Ha-de comigo morrer  
 O pesar no coração.

Dá vossa illustre prelada,  
 Da escrivã virtuosa,  
 Pelos anjos memorada,  
 Foi essa eleição ditosa!  
 Os bondosos dotes seus,  
 Vos symbolizam de Deus  
 A ternura carinhosa.

De tantas virtudes é patria fulgente,  
 No gremio dos anjos o reino do céo,  
 Onde a luz da gloria raiando formosa,  
 Dos justos na fronte fulgura sem véo!

As c'rôas, que os anjos contentes colheram  
 De purus cecens lá no seu paraizo,  
 Esposas de Christo, alli vos esperam,  
 E a dita suprema de Deus n'um sorriso!

*Guerra Leal.*

O meu amor.

(A EMILIA C. S. R.)

Quer's saber, linda innocente,  
 Todo o amor que por ti sente  
 Este pobre coração?  
 Quer's sabê-lo? eu já t'o digo,  
 Porque n'alma não consigo  
 Guardar tão forte paixão!

Não vês a rôla fagueira,  
 Além, na veiga fronteira,  
 O meigo esposo a beijar?  
 Vê-los como estão unidos?  
 Não ouves ternos gemidos,  
 Não vês seu dôce brincar?

Mais que o da rôla, constante  
 E' meu amor, delirante  
 Fiquêr logo que te ví:  
 Agora, por ti captivo,  
 Do teu amor eu só vivo;  
 Nem posso viver sem ti.

Não vês a vaga alterosa,  
 Que vem da praia orgulhosa  
 Mil aljofres espalhar;  
 E depois, ao mar voltando,  
 Ei-la por outras galgando,  
 Que não a fazem parar?

Do que essa orgulhosa vaga,  
 Que altiva no mar divaga,  
 E' mais forte o meu amor;  
 A vaga por fim fenece,  
 Mas minh'alma não te esquece,  
 Lindo archanjo do Senhor!...

Oh! não disse o que sentia,  
 Porque tenho a mente fria,  
 E o coração a escaudar...  
 Mas tu, que lês em minh'alma,  
 Vem dar-me de amor a palma,  
 Seja eu feliz em te amar.

S.

Aos annos

DA

*Ecc.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria José Guilhermina  
Pinto da Fonseca Rangel.*

CANÇÃO.

Eia, Musa, respira, alegre-te hoje,  
As lagrimas enxuga,  
Tão bello dia teu pesar arroje,  
E põe c'um sorrir teu, teu pranto em fuga;  
Teus labios abre, casa a voz c'o a lyra,  
Gostosa cantá o qu'o dever te lispira.

Mas que peso, infeliz, te opprime o peito  
E tua voz prendendo,  
N'um circulo te deixá o mais estreito  
De infelizes lembranças, que sorvendo  
Teu gosto, teu prazer, tua alegria,  
Cantar recórias de Marilia o dia?!

Oh! Musa tresloucada, desvanece  
Esses futeis receios,  
Qual o motivo eu sei que te entristee:  
Dos Vates, que de lux divina cheios,  
A Fama apregou por toda a parte,  
Não tens nomé, nem voz, lyra, nem arte.

Se Camões immortal, com voz divina,  
E com lyra deirada,  
Da Fama ao lado, foi cantando dina  
Memoria das acções de Lysia honrada,  
O que fez, foi cantar obras terrenas,  
Qu'inda que grandes sejam, são pequenas.

Mas tu, hoje recebes gloria: e tudo,  
A Marilia cantando,  
Obra que Deus formou, não homem tudo;  
Que sobre ella seus dotes espalhando,  
Não póde outra igualar, fazer tão bella,  
Pois toda a perfeição juntos Deus nella.

As viperinas tranças arrancando,  
Em vão se morda a inveja:  
Em vão congrege o miseravel bando

Dos zollos contra ti, que embora os reja:  
Não temas, cara Musa, os seus combates,  
Mova teu canto o vil ciume aos Vates.

Canta a belleza, canta as graças suas,  
O seu natal florente,  
Canta-lhe a sã virtude, qu'honra as tuas  
Phrases humildes, mas que puramente  
Phrases são, em que tu, nadando em gosto,  
Louvás na terra um divinal composto.

Da vil lisonja a torpe eloquencia  
Não appareça agora;  
Mas vozes puras só em concorrência  
Subam aos céos rogando, qu'a demora  
Do astro, qu'hoje brilha entre os humanos,  
Seja no giro seu por milhões d'annos.

Estes os votos d'amizade pura,  
A que limito o canto:  
Rogar aos altos réos pela ventura  
De quem meus fracos versos honra tanto!  
O' vós, a quem inflamma o pbebo lume,  
Sou maior do que vós, pois canto um Nume!

Mas ah! que louco sou! Canção, oh! basta:  
Suffoca a voz no peito;  
Quando as virtudes a belleza engasta,  
O ente assim formado, ente é perfeito:  
Só quem lhe fosse igual o louvaria,  
Celestes Numes, vós cantae Maria.

O. D. C.

*Augusto Luso da Silva.*

o meu viver.

Nos prazeres do amor já não deliro,  
Já não tenho na terra um coração,  
Triste e bem triste é meu viver na vida,  
Como é triste p'ra mim esta solidão!  
Já não amo do bosque a linda sombra,  
Nem do prado gentil meigo frescor,  
O meu viver na terra — é só tristeza —  
O meu gôso na vida — é minha dôr! —

Inconstante me foi a minha Elfrida,  
Os seus votos depressa ella esqueceu;  
Um sonho para mim foi a ventura,  
Porém... o meu amor é todo seu.  
Fugiram n'um instante os meus prazeres,  
Tão cêdo!... dos meus annos no verdôr!  
Illudido pensei gosar venturas...  
O meu gôso na vida — é minha dôr.

Foi rápida a illusão da minha vida!  
Desventuras na terra só colhi!  
Inconstancia no amor foi minha sina,  
Aos caprichos d'amor sempre cedi!  
A ventura que tenho são meus prantos,  
Mil pezarês sómente em vez d'amor!  
Oh meu Deus! quanto é triste a minha sorte!  
O meu gôso na vida — é minha dôr.

Dos annos no verdor sempre illudido!  
Desditoso! tambem já fui feliz!  
D'esperanças vivendo neste mundo  
Desengano cruel fez-me infeliz!  
Elfrida ao meu amor quiz ser perjura,  
Minha sorte é soffrer, negro rigor;  
O meu viver na terra — é só tristeza,  
O meu gôso na vida — é minha dôr.

A. Marques.

Ella.

À EXC.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup> D. \*\*\*\*\*

O meu amor primeiro,  
Unico, derradeiro,  
Achei-o pois: é Ella — .....  
(GARRETT.)

Tu seras tout dans tout pour moi.  
(BYRON, trad. de Amédée Pichot).

Tu és bella, pura, e casta  
Como a lua que se engasta  
Em puro manto d'anil:  
Tens candura, tens belleza,  
Tens bondade, e singeleza,  
Tens encantos mais de mil.

Os teus olhos radiantes  
São castanhos fulgurantes —  
Que lindos olhos que são!  
E côr delles o cabelo  
E' tambem formoso, e bello,  
E' d'amor dôce prisão.

São teus labios duas rosas  
Pudibundas, amorosas  
Inda em viço — sem abrir:  
E os teus dentes — neve pura —  
Têm mais brilho, mais alvura  
Entre as rosas a luzir.

Quem — ao vêr-te assim tão bella,  
Tão formosa, e tão singela —  
Não te ha-de querer amar?

Quem — ao vêr teu casto pejo  
A côrar n'um longo beijo —  
Ha-de em gelo se tornar?

Quem — ao vêr teu pranto esquivo  
Deslizando fugitivo  
Pelas faces de carmim...  
Quem terá alma tão dara  
Que não pague essa terrura,  
Adorando um anjo assim?

Eu já tive amenos sonhos  
Todos bellos e risonhos,  
Que no mundo não achei:  
Pois — desperto — me fugia  
A ventura que sorria,  
Dôces sonhos que sonhei.

Essa imagem que buscava,  
Que minh'alma idolatrava,  
Eu a cri um sonho vão!...  
Mas em ti: eu vi esse anjo,  
Essa imagem, esse archanjo,  
Essa formosa illusão!

Foi n'um baile recamado  
De setim, ouro, e brocado  
Que a esperanza me sorriu —  
Mas tão tenue, e duvidosa,  
Tão fugaz, tão melindrosa,  
Que n'um sópro se sumiu.



*Eu parti, e em dura ausencia*  
 Só vivi triste existencia —  
 Tristes dias que vivi!  
 Do Mondego pelas agoas  
 Pranteei acerbas mágoas,  
 Negro fel por lá bebi!

Mas ás margens do meu Douro  
*Eu volvi, e o meu thesouro*  
 Mais brilhante o deparei!...  
 Oh! que prazer, e que instantes,  
 Que momentos delirantes  
 A teu lado eu não gosei?!

Foi então que me entregaste  
 Esse amor que tu juraste  
 Ser fiel ao trovador:  
 Sou feliz, tenho a ventura,  
 Tenho um anjo de candura,  
 Tenho, *Emilia*, o teu amor!

Porto — 1850.

*A. F. Carneiro.*

**A Soror Dolores.**

Em letra d'ouro sagrar-te quizera  
 Um canto divino, um canto d'amor,  
 A lyra é quebrada, 'stalaram as cordas,  
 Os eccos morrendo só vibram a dor.

A seiva da vida gelou-me a desgraça,  
 Meu estro d'outr'ora eu chamo em vão,  
 Um sangue aguado nas veias me gira,  
 E' frio este peito outr'ora um volcão.

Não penso, não fallo, não sei o que sinto,  
 Desvairada trago a propria razão,  
 Só mágoas m'inspira, só tristes gemidos,  
 O medonho estado do meu coração.

Assim, ó *Marilia*, votar-te só posso  
 Constante amizade, nel gratidão;  
 Inda que no mundo, por fim tudo acaba,  
 Ellas no meu peito perpétuas serão.

Setembro 21 — 1850.

*Figueira d'Azvedo.*

**O Cego.**

NO ALBUM DO SNR. ALFREDO ALLEN.

Nesta cegueira embruteço!  
 Este viver é atroz,  
 Quem és tu?... eu não conheço  
 O teu doce som de voz.  
 Esta pergunta desculpa...  
 Sou cego!.. não tenho culpa  
 De tão triste assim viver...  
 O' meu Deus! que pensamento!...  
 E' morrer a fogo lento,  
 E' sempre, sempre soffrer.

Já vi... é duro dizê-lo!  
 O céu, a terra, e o mar.  
 E' mais duro inda soffrê-lo...  
 Muito custa a supportar!  
 Tropéço? o corpo vacilla,  
 Choro-me? a dôr mais scintilla,  
 Mais mázera o coração,  
 Hoje, oh meu Deus! nada vejo,  
 Nem sinto um doce desejo  
 Nesta densa escuridão.

Sinto só a doce briza,  
 Meus cabellos ondear,  
 Ou se branda se desliza  
 P'ra nós espaços girar.  
 Sinto o corpo s'está frio,  
 Sinto o forte ardente estio  
 No seu girar annual,  
 Tristuras, mágoas, e dôres,  
 Cercam o peito d'horrores,  
 Sente-as este mortal.

Sinto tambem alegria  
 Se no templo retumbar  
 Ouço alegre melodia,  
 Ouço triste psalmar.  
 Mas que serve ao desgraçado  
 Nestas trevas sepultado  
 Isto tudo perceber,  
 Se no mundo em que vegeto  
 Cego, pobre e inquieto,  
 Eu a luz não posso vêr!

Não blasphemo, não praguejo,  
 Contra quem me castigou;  
 Queixo-me, pois nada vejo,  
 Foi Deus que a luz me negou.  
 Como Ashavero caminha,  
 A minha vida mesquinha,  
 Corre, corre, sem parar...  
 O' meu Deus! não vos renego;  
 Mas ao triste, infeliz cégo,  
 As penas fazei cessar.

A. Azevedo.

(Em consequencia de ter escapado um erro notavel no seguinte soneto, de novo o publicamos).

**Soneto.**

(N'UM ALBUM).

Cadaver, 'spectro sou, já nada sinto...  
 Bem çado envelheci!... gelada vida  
 Gelou-me o coração!... com voz sentida,  
 Se eu fallar de paixões, digam que winto!

Se tive astro d'amor, ha muito extinto  
 Em trevas me deixou — quando trahida  
 Me foi uma afeição, que tão mentida  
 Na dôr da van saudade ás vezes pinto...

Eu na terra que sou? — fronde myrrada  
 Pelos rijos tufões deste descrêr,  
 Que a face me curvaram macerada...

Prevejo a hora extrema do morrer...  
 A campa vejo além... na campa o nada...  
 Um somno sem ter fim... jámais soffrer...

13 de Janeiro de 1850.

Camillo Castello Branco.

**Charada.**

Do grande mastro á pôpa  
 Sou sup'rior ao lugar,  
 Mas para ser o que sou  
 Com irmãs devo estar. } 1

Os dôces fructos encerro  
 D'animal industrioso,  
 E alguém dirá que sou  
 Um lugar religioso. } 2

E' sempre este o fim que tem  
 Muita cousa misturada. } 3

E' tambem assim que finda  
 O motivo da charada,  
 E' nesse mesmo motivo  
 Que ella está exarada.

**EXPLICAÇÃO DO NÚMERO ANTECEDENTE:**

Charada — Sentinella.

Enigma — O grande despreza o pequeno.

**Advertencia.**

Todos aquelles Senhores e Senhoras, que se dignarem concorrer com algumas Poesias ineditas, receberão gratis este jornal.

Recebe-se toda a correspondencia (franca de porte) e assignaturas para o referido jornal, no Porto, unicamente na loja de livros de F. G. da Fonseca, aos Caldeireiros numeros 12 e 13 — Em Lisboa na do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8 — em Vizeu na do sr. Dionizio de Sousa Loureiro.

Assignatura por anno ou 52 numeros 800 reis — Semestre 480 reis, pagos á entrega do 1.º numero — Avulso 40 reis.

A distribuição deste Jornal principia á sexta feira.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

Soneto.

**N**DA existe, cruel, inda em meu peito  
Se nutre da paixão o fogo activo;  
Inda contra o teu gosto por ti vivo,  
Fazendo o sacrificio mais perfeito.

Inda t'adore, inda te respeito,  
Vendo em ti de meus males o motivo;  
Porém o coração, de amor captivo,  
No captiveiro vive satisfeito.

Se ás vezes contra ti queixumes solto,  
Do que fiz insensata então me admiro;  
E aos meus antigos sentimentos volto;

Só por ti vivo, só por ti respiro:  
Sahirá com a minh'alma, em pranto envolto,  
Teu nome unido ao ultimo suspiro.

*Viscondessa de Balsemão*

D. CATHARINA.

Amor despettado.

Vendo amor que ha muito tempo  
Seus louvores não cantava,  
A mim se chega, e pergunta  
Quem tal silencio causava.

Respondi-lhe que o meu estro  
Já sentia enfraquecer,  
E que além disso não tinha  
Boas pennas d'escrever.

Lança a mão ás proprias azas,  
Arranca uma, e me diz:  
'Screve com esta, e serás  
Sempre em teus versos feliz.

Acceito o dom; mas confuso  
Nunca delle pude usar:  
Pois quem não sente o seu fogo  
Mal póde de amor cantar.

Dizia amor a Corinna,  
Co'a face banhada em pranto:  
Que m'importavam teus versos,  
Que m'importava o teu canto?

Não tinha por toda a parte  
Quem cantasse os meus louvores?  
Não se occupavam de mim  
Estros ao teu superiores?

Do meu poder sem limite  
Quem era que duvidava?  
P'ra girar no universo  
Um momento me bastava.

Tirei as pennas das azas,  
Sem pensar no que fazia,  
Julgando (cruel engano!)  
Que sem ellas voaria.

Quando quiz erguer meu vôo  
Pelo modo costumado,  
Então conheci o erro,  
Foi meu trabalho baldado.

Fiquei no sitio em que estava;  
Por força hei-de ser constante,  
Porque outras pennas de novo  
Não se criam n'um instante:

Porém guardem-se os mortaes;  
Que se azas tornar a ter,  
Se até agora fui ligeiro,  
Muito mais o hei-de ser.

*Viscondessa de Balsemão*

**D. CATHARINA.**

**A Elmano.**

Por Isbella o terno Elmano  
Suspira, e morre d'amor,  
Só ella o canto lhe inspira,  
Só por ella é trovador.

Do ciume devorante  
Já o vi no fogo arder,  
Hoje alegre, delirante  
D'amor parece morrer.

**D.**

**Resposta d'Elmano.**

O pobre Elmano p'la celebre Isbella  
Jámais suspirára, ou morrerá d'amores;  
Mais nobre objecto seu canto lhe inspira,  
A terna, a sensível, a meiga Dolores.

Por Ella sómente d'amargo ciume  
No fogo mais vivo gostoso arderia;  
Por Ella sómente d'amor delirando,  
Contente, ditoso, feliz morreria.

*Figueira d'Alcedo.*

**A Transmigração das aves.**

(CANTICO DO PROSCRITO.)

Onde vaes, linda avesinha?  
Que novos céos vaes buscar?  
Quem te obriga, innocentinha,  
A tua patria a deixar?  
Perdeste acaso o teu ninho?...  
Algun implume filhinho?...  
Não tens aqui um raminho,  
Um raminho onde pouzar?

Este bosque, onde habitaste  
Deixas em triste viuvez?  
Estes vergeis condemnaste  
Da solidão á mudéz?  
Esqueceste as lindas flôres?  
Esta relva de mil côres,  
Theatro dos teus amôres,  
Que foi teu bérço talvez?!

Não era aqui neste arbusto  
Que á noite vinhas pouzar,  
Quando o aquilão robusto  
Fazia o tronço estalar?  
Nessa roseira, curvada  
Sobre a fontinha apressada,  
Não vinhas, na madrugada,  
Um hymno alegre entoar?!

Ah!... Deixas tudo!... Olvidando  
Quanto te cercava aqui,  
Deixas este, e vaes buscando  
Outro céu, que te sorri!...  
Mas lá yae o irmão, o esposo;  
Nem aqui fica saudoso  
O filho querido e mimoso  
Ausente a chorar por ti.

Tambem se vestem de flôres  
Os campos, que vaes buscar;  
Tambem podes teus amôres  
Lá, sobre os ramos, cantar;  
Não teines negra indigencia;  
Não te desterra a violencia;  
Minora as penas da ausencia  
Dôce esperança de voltar!...

Mas o proscripto?... Divaga  
 Sempre em triste solidão!  
 Se o pranto as faces lhe alaga  
 Ri-se delle a multidão!  
 A terra.... brota-lhe espinhos!...  
 Negam-lhe os fados mesquinhos  
 Da mãe os ternos carinhos,  
 Docês abraços do irmão!

Da sua patria os encantos  
 As outras terras não teem!...  
 Tão linda a aurora seus prantos  
 Nas flôres verter não vem!  
 Não brilham tanto as estrellas;  
 As flôres não são tão bellas,  
 Nem tão garbosas são ellas  
 Se nas aguas se revêem!

Não tem no mundo um amigo  
 Para os prantos lhe enxugar,  
 Os homens negam-lhe abrigo,  
 Co'as féras vae habitar!  
 O seu carpir é baldado!...  
 Escarnecido!... ultrajado,  
 Vae sósinho abandonado  
 A triste vida exhalar!

Outubro — 1850.

*Soto-Mayor e Aseredo.*

A' guerra .....

Amo a vida do soldado,  
 E um viver d'emoções,  
 Sempre bello, e variado,  
 Sempre rico em sensações:  
 Amo vêr cruzar o ferro,  
 Dos canhões ouvir o berro,  
 Das balas o sibilar;  
 Quero por entre a metralha  
 Aos bravos lá na muralha  
 Da gloria a senda mostrar.

Embalado pela guerra,  
 Eu só nella sei viver;  
 O seu furor não me aterra,

Antes é o meu prazer:  
 Amo o viver agitado,  
 Gósto de ser despertado  
 Pelo toque do clarim;  
 E dos canhões no estampido  
 Acho encanto indefinido,  
 Acho harmonias sem fim.

Passem outros sua vida  
 Das cidades no ocio vil,  
 Seja embora divertida,  
 Tenha prazeres aos mil;  
 Antes quero a liberdade,  
 Da guerra a variedade,  
 Dos combates o furor;  
 Quero ouvir no val, na serra  
 Bradar alto = guerra = guerra =  
 O rude som do tambor.

Quero o ardor do combate  
 E da lucta o revolver;  
 Ouvir tocar a rebate  
 E' o meu maior prazer:  
 Que d'emoções não desperta  
 Vêr a campina coberta  
 De fuzis a scintillar!  
 Vêr por entre o fumo e fogo  
 Mil guerreiros logo logo  
 Os seus ferros ir cruzar?

Como é bello vêr prostrado  
 O inimigo a nossos pés?  
 Ceifar-lhe o viver ousado  
 Com a espada n'um revéz?  
 Como é bello destemido  
 Da lucta no mais renhido  
 Ir o ferro revolver?  
 Ir desafiar a morte,  
 Da espada sorrir ao córte  
 Sem descórar nem tremer?

E' d'um soldado bisonho  
 Os perigos reccar;  
 Já nada tem de medonho  
 Para mim o batalhar.  
 Morrendo... será com gloria...  
 Lá no campo da victoria  
 Como bravo, morrerêi;  
 Das descargas p'lo estampido  
 Ao som do tambor unido  
 Embalado dormirei.

Esta é a vida do soldado  
 Onde ha ahí viver assim?!  
 Morrer de louros c'roado  
 E' seu digno e nobre fim.  
 Venha pois breve o combate,  
 Das hostes o rude embate,  
 Das batalhas o furor;  
 Quero meu nome aos vindouros  
 Deixar coberto de louros  
 Pelos feitos de valor.

\*\*\*

**Soneto**

*A Francisco Joaquim Bringer.*

Arvore annosa, que já fructos dera,  
 Lá nas margens do Vouga, tão mimosos,  
 Arvore annosa, fructos saborosos;  
 Quem vos tornara a vér na primavera!

Risonha quadra, que veloz correra,  
 Esses dias levou, dias saudosos:  
 D'aspero inverno os ventos procellosos  
 Com força os fructos vos sacode, austera.

Mas esses fructos, que no chão cahidos  
 Estiveram por tempo, hoje contente  
 Levantados os vejo, e reunidos.

Esses fructos que são por toda a gente  
 Agora com prazer bem recebidos;  
 Incorruptos serão eternamente.

*A. Luis.*

**Amor.**

(TRADUZIDO DE V. HUGO).

De que serve ouvir nos bosques  
 A saudosa philomela!  
 Se em tu cantando tua voz  
 Tem mais encantos que a della.

De que serve Abril mostrar  
 No jardim rosa em botão!  
 Se a mais viçosa das flôres  
 Existe em teu coração!

Ou mostre Deus, ou esconda  
 Astros brilhantes nos céus  
 Que importa! se brilham puras  
 Estrellas nos olhos teus.

Esta voz, que me arrebatá,  
 Da tua alma a linda flôr,  
 A luz que brilha em teus olhos,  
 A isto chama-se — amor.

1850.

*A. Girão.*

**Rosa Branca.**

Eu amo a candida rosa,  
 Linda filha do rosal,  
 Amo a sua côr de neve,  
 Bella côr tão divinal,  
 Amo os prantos que derrama  
 Brandos fios de crystal.

Maga flôr — quanto é singelo  
 O teu garbo angelical,  
 Quando meiga desabrochas  
 N'um sorriso matinal,  
 Impellida docemente  
 Pelo sôpro boreal.

Oh! então és tu formosa —  
 Tua alvura é sem igual,  
 A par de ti nada vale  
 A rubra côr do coral,  
 Rosa branca! meu encanto!  
 Entre as flor's não tens rival.

Sobresae tua lindeza  
 Quando em — c'roa virginal —  
 Adorna a nivea fronte  
 Da mulher — anjo ideal —  
 Lá no dia tão querido  
 Do noivado festival.

Eu amo a tua candura,  
Linda filha do rosal,  
Amo-te, symbolo formoso,  
De pureza divinal,  
Amo-te a face orvalhando  
Brandos fios de crystal.

A. P. Caldas.

**Soneto.**

Tinha um só filho um pobre alquilador,  
E que era dos tafues cópia fiel,  
Vestia polidez, fallava mel,  
Era um janota, sem tirar, nem pôr.

Em um dia que o páe, Jesus que horror!!  
A' pressa apparelhava um bom cônel,  
Busca os arreios, falta-lhe o xairel,  
Revolve a casa, nada encontra, oh dôr!!..

Té do gallego vêr foi no bahú!!!  
Eis que chega de fóra o seu né-né:  
Quem pegou no xairel, serias tu?

E que espanto não faz vocemecê!  
Um janota como eu, não anda nú;  
Fui ao xairel, e fiz um cache-nes.

H. Augusto.

**M. C. C.**

Em que parte do céo, ou em que ideia  
Jámais pode encontrar se  
Um ente, um anjo, uma mulher contigo  
Capaz de assemelhar-se?

Eu não sei que se possa na terra  
Duvidar da existência d'um Deus,  
Quando tu és a prova mais forte  
Que se pôde mostrar. . . aos atheus!

Quem ha ahi sobre a terra que possa  
Vêr-te, ó Virgem, sem logo te amar?  
Eu não sei que existir possa um ente  
Que não faças de amor delirar!

Eu amo-te; e existes na minh'alma  
A par do Creator;  
Tu és a minha vida, luz, esp'rança,  
Minh'alma, crença, amor.

Quando vi teus encantos, Donzella,  
Quando ouvi tua voz de encantar;  
Quando vi teu sorriso fagueiro;  
Eu não pude deixar de te amar.

Oxalá que este amor que me abrasa,  
Com amor queiras tu compensar;  
Que os suspiros que o peito me abalam  
Possam ecco no teu encontrar.

E serás tão ingrata, que meus sonhos  
Não queiras realizar?  
Desejarás a minha unica esp'rança  
Tambem aos pés calcar?

Não, ingrata não és. . . bem m'o dizem  
Os teus olhos de mago luzir;  
Bem m'o diz este peito, que te ama;  
E teus labios que eu vejo sorrir.

Deus não quer que tu sejas ingrata  
Para em nada a mulher semelhar;  
Quiz o Eterno formar-te tam bella,  
P'ra que fosses na terra . . . sem par.

E sim: — tu és um anjo que o Eterno  
Ao mundo quiz mandar.  
Tu és a imagem q'rida de meus sonhos,  
Que eu hei-de sempre amar!

29 de Janeiro de 1851.

A. P. S.

## Um beijo.

(N'UM JOGO DE PRENDAS.)

Por um beijo... a eternidade!  
(C. MONTEIRO)

N'um jogo todo candura  
Tive em castigo a ventura  
D'uns lindos labios beijar:  
Vi a facé melindrosa  
Tornar-se da côr da rosa —  
Vi o seio palpitar!

E esse beijo qua era fôgo,  
Que foi dado em casto jôgo,  
Fez-me o peito incendiar:  
Era fôgo!... pois ardía —  
Em minh'alma bem sentia  
Viva chamma rebentar!...

Quem me déra assim a vida  
De ternos beijos cingida  
Entre delicias sem par:  
Quem me déra ter tal sorte,  
Pois assim quizera a morte  
Nos teus labios hir buscar!

1860.

A. F. Carneiro.

## O Adeus do Veterano.

Sou homem, devo ser forte,  
Devo a desgraça afrontar.  
.....

A. LAMA.

Nos campos faz gosto  
A vida passar,  
Façanhas de bravos  
Ouvir e contar.

Não chores, Maria, se parto p'ra a guerra,  
Intacto das balas eu hei-de ficar,  
Façanhas de bravos eu hei-de contar-te,  
Coberto de louros eu hei-de voltar.

Teu rosto tristonho  
Tu debes compôr,  
Maria!.. um abraço,  
Que rufa o tambôr.

Nos campos da morte, de mortos juncados,  
Eu hei-de prostrado pedir ao Senhor  
Por alma dos mortos finados na guerra,  
Com voz sepulchral, repassado de dôr.

Depressa de volta  
Tu tens de me vêr,  
A' nossa saude  
Havemos beber.

Espero inda vêr-te coberta de galas,  
Que dentro do sacco te quero trazer,  
Pois inda até hoje, querida Maria,  
O teu lindo rosto não soube esquecer.

Os feitos despertam  
Nos moços valor,  
As moças suspiram  
Captivas d'amor.

Agora sou velho, não tenho desejos,  
Conviva não sou do banquete d'amor;  
As moças despréso, lamento os seus erros,  
Meu peitô por ti só sustenta valor.

Soidosas se ficam  
Se vamos partir,  
E quantas e quantas  
Nos querem seguir!

Promessa singela tu faz hoje á virgem,  
Se quando voltar o teu corpo cingir,  
Pois só nos teus braços cercado de mimos,  
Eu quero gozar, e viver, e dormir.

Faz hoje vinte annos  
Que praça assentei,  
Que vida ditosa  
Eu sempre gozei.



Amor da minh' alma! prometto, protesto  
Na lucta travada valor mostrarei,  
Ou tinto de sangue, de friidas coberto,  
Perdido nos campos alli finirei.

As minhas façanhas  
Tem bom fiador,  
Não vês estas cruces  
Qu'attestam valor?

Repara... não vês esta farda furada  
Por balas de chumbo que causam pavor?  
Pois sabe, Maria, que dentro do peito  
Nenhuma cobiça... Oh! bem haja o *Senhor!*

Nos campos faz gosto  
A vida passar,  
Façanhas de bravos  
Ouvir e contar.

Não chores, Maria, se parto p'ra a guerra,  
Intacto das balas eu hei-de ficar;  
Adeus, oh meu bem, oh esposa adorada,  
Coberto de louros eu hei-de voltar.

A. Azevedo.

A. Agucena

E's de todas a mais bella  
Do meu jardim entre as flores,  
O' gentil, niça agucena  
Linda flôr, só meus amores.

Oh! sim; tua formosura  
Na terra não tem igual,  
Porque és bella, e és emblema  
Da pureza virginal.

Tuas puras alvas petalas  
Abres do sol ao calor,  
Bem como a innocente virgem  
Abre seu peito ao amor.

Dos Alpes o frio gélido  
Não excedê a tua alvura,  
E tua alvura é a imagem  
Da virgem toda candura.

A virgem toda innocencia  
Só tu podes igualar,  
Quando sabe nobre e altiva  
A amor seu peito esquivar.

Da manhã brilhante orvalho  
Quando te vem rociar,  
Puras lagrimas imita  
De virgem triste a chorar.

Da tua hastes formosa  
O elegante balouçar,  
Da virgencinha assemelha  
O sereno passear.

Linda flôr os teus aromas  
Com que hei-de inda comparar?  
Ao do incenso que uma virgem  
Offrece a Deus a resar.

Já que a agucena é emblema  
D'uma pureza sem par,  
P'ra cantar-te, oh linda flôr,  
Vou minha lyra afinar.

Desde hoje a ti só pretendo  
Os meus carmes dedicar,  
Porque descantar d'amores  
Póde só pranto excitar.

19 de Janeiro de 1851.

Maria A.

Maria!

Ha um nome formoso, que eu amo,  
Que de lindo minha alma encantou,  
E' o nome d'un ser, d'un archanjo,  
D'un archanjo que á terra baixou!

Que harmonias célestes desperta  
Esse nome d'ardente paixão!  
Sons tam magos vibrando no peito  
Vem dos anjos; da terra não são...

Ah! quizera que fôra esse nome  
De mulher, que soubesse entender  
Este fogo, que me arde cá dentro,  
Este amor de tão crú padecer.

Ah! quizera que a mãe, que deu vida  
A meu corpo, a esta alma de dôr,  
Assim fôra — tivera esse nome,  
Esse nome — tam doce — d'amor!

Ah! quizera c'um anjo, que houvesse  
Esse nome celeste, viver:  
Ah! quizera c'um sôpro de vida  
Murmurá-lo baixinho ao morrer.

Ah! quizera que o hymno da vida  
Fôra um nome na harpa cantar;  
Esse nome tam bello — Maria!  
Sempre, sempre nas cordas pulsar.

Mas que vale o meu qu'rer insensato,  
Se esse qu'rer é um sonho, illusão,  
Se não pôde um meu brado d'amor  
Achar ecco no seu coração?

Se seus labios tam meigos, tam lindos  
Nunca, nunca me hão-de sorrir!  
Nunca a virgem um raio d'esperança  
Deixará neste peito cahir?

Se uma voz, qual dos anjos, canora  
Nunca — eu te amo — me ha-de dizer?  
Se um suspiro do peito arrancado  
Nunca, nunca ha-de aos meus responder?

Se seus olhos, mais bellos qu'estrella  
Scintillando de noite no mar,  
Nunca, nunca com vista d'amor  
Dôr's atrozes virão mitigar!...

Linda virgem, meu sonho dourado  
Fôra insania o querê-lo cumprir:  
E's do céu; como pôdes na terra,  
Amor d'homens no peito sentir?!

H. A. S.

#### Charada.

Sa de véras: anhela o millionario  
As bençãos attrahir do céu, do pobre, } 1  
Quem na idéa perpassa lindas flôres, } 3  
Entr'ellas facilmente me descobre.

Prudente medico,  
Que o pulso toma,  
Julga-me sempre  
Fatal symptoma.

Mas, quando o amor  
Inflamma o peito,  
E' elle a causa,  
Eu sou effeito.

#### Epigramma.

Alli jaz (dizia um cura)  
Devota serva de Deos —  
Era o symb'lo da pureza,  
Lá está nos altos ceos!

Era eu o unico homem  
Que entrava só no seu quarto,  
Mas, padre, de que morreu?  
« Ai! morreu... morreu de parto! »

EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:

Charada — Miscellanea.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

**Soneto.**

**S**OMBRIA noite, como te accomodas  
A' tristeza, que nutre o sentimento!  
E como o véo, que cobre o firmamento,  
Faz cahir sobre mim as sombras todas!

Da fortuna inconstante as varias rodas  
Pararam para mim o movimento;  
Tu, fallaz, suavissimo alimento,  
Dôce esperança, já me não engodas!

O sol se põe, a luz desaparece;  
Mas eu vejo com gosto a escuridade  
Vindo encurtar o turno a quem padece!

Talvez fosse maior felicidade,  
Que somno bemfazejo me prendesse,  
E que delle passasse á Eternidade.

*Viscondessa de Balsemão*

D. CATHARINA.

Um at.

Dá-me um canto, minha lyra,  
Inda que seja d'amor;  
D'esse que geme, e suspira  
Na lyra do trovador!

Ora lá no céu da noite,  
Pela estrella prateada!  
Ora neste triste mundo,  
Pela donzella doirada!

Ora pela dôce briza  
Lindamente imaginada,  
Fugindo por esses ares  
Com a rosa desfolhada!

Ora pela violeta,  
Que nasceu ao pé da serra!  
Ora pela fresca aragem,  
Que sopra da sua terra!

Ora pela borboleta  
Que do iris traja as côres!  
Ora pelo roixinol,  
Descantando seus amôres!

Ora por fremente rio,  
Correndo soberbo ao mar!  
Ora por branda fontinha,  
Em 'stiva noite a espirar!

Minha lyra, não respondes!  
Não tens vozes para mim?  
Os teus cantos tão sentidos  
Acabaram, deram fim?!

E' que nesta solidão  
 Não colhes louros de gloria!  
 Julgas teus cantos perdidos,  
 Que ingratos não tem memoria?

Já te esqueceu, que enramada,  
 Outr'ora por minha mão,  
 Foste de candidas flôres,  
 Nascidas no coração?

Que só tua voz podia  
 Distrahir a minha dôr;  
 Inspirar-me dôces cantos,  
 Dar-me ao coração amor!

Adeus! lyra, para sempre,  
 Minha unica paixão!..  
 Silencio!.. Perdeste a voz?  
 Eu matei o coração!

Em premio de meus desvelos  
 Dá-me um canto, um canto só,  
 Em que chores esta vida,  
 Quando ella já fôr pó!

---

**A uma camponesa.**

Não supponhas a sorte inimiga  
 Por negar-te palacios, brazões,  
 Que nem sempre a ventura se abriga  
 Nesses vastos, pomposos salões.

Não te illuda fallaz apparencia,  
 Nem te venha o fulgor deslumbrar;  
 E' mais dôce o viver d'innocencia  
 Que no campo te é dado gosar.

Essas damas que ostentam vaidosas  
 Mil enfeites d'immense valor,  
 Quantas vezes não são desditosas,  
 E nem podem chorar sua dôr!

Tu, com simples, modesto vestido,  
 E's rainha em campestre funcção,  
 E se um rizo te assoma, é nascido  
 Livremente no teu coração.

Ellas vivem de dôr traspassadas  
 No cruento lutar das paixões;  
 Tem desprêsos, se são refalsadas;  
 Sendo fidas recebem traições.

Tu ao lado da luz fumegante  
 Passas horas contente a fiar,  
 Esperando em socego o descante  
 Que um amante sincero vem dar.

Ellas buscam nos leitos dourados  
 Do descanso gosar o prazer;  
 Porém nutrem, velando, cuidados,  
 Ou em sonhos amargo soffrer.

Tu encontras no leito singelo  
 Brando somno, socego real;  
 Té que escutes de novo ao desvelo  
 Convidar-te o cantor matinal.

Não supponhas a sorte inimiga  
 Por negar-te palacios, brazões;  
 Que nem sempre a ventura se abriga  
 Nesses vastos, pomposos salões.

Porto 1.<sup>o</sup> de Fevereiro de 1851.

A. Soror Dolores.

NO SEU ANIVERSARIO NATALICIO.

Se canticos tristes sómente m'inspira  
A dôr que comprimo em meu coração,  
As cordas sensíveis, que firo na lyra,  
Em eccos sentidos morrendo lá vão;

Mas tu que do peito as mágoas partilhas,  
E ás penas concedes lugar e razão,  
E's justa, és sensível, lamentas comigo  
A dôr que me causa sentida paixão:

Assim não repares se os hymnos são tristes;  
Os hymnos, que venho hoje triste off'recer:  
Bemdigo este dia; que volva ditoso  
Com menos pesares de acerbo soffrer.

Piedosos os céos te cedam ventura,  
Qual essa que Elmano constante deseja;  
Que amavel Dolores, de Lysia o esmalte,  
No throno do genio perpétua se veja.

Em 10 de Janeiro — 1851.

*Figueira d' Avevedo.*

● Canto do Hungaro.

(N'UM ALBUM).

Escravo o Magyar viver não sabe,  
No sangue affrontas mil sabe apagar.

A. MARQUES.

Eia ávante — soldados guerreiros!  
Eia ávante — valentes da Hungria!  
Pela terra formosa da patria.  
Arrostemos co'a vil tyrannia.

Somos livres, e — livres seremos —  
E quem ferros nos póde lançar?  
Sim! quem póde algemar nossos pulsos?  
Liberdade! quem póde algemar?

Em batalhas cruentas, mortif'ras,  
Nosso sangue em golfadas correu; —  
Mil tyrannos lá fogem vencidos  
Pelo povo que em massa cresceu.

Liberdade! — tão cara — tão nossa —  
Já brilhava no sólo da Hungria,  
As cadeias lançando por terra  
Da mais vil e feroz tyrannia!

Eis de novo vomita o inferno  
Lá do Volga torrentes d'escravos,  
Que sedentos de sangue e rapina  
Pizam já linda terra de bravos.

Mas qu'importa que o num'ro recresça,  
E qu'augmente da sanha o furor?  
Nossos ferros — existem ainda —  
Nossos braços — conservam vigor.

Guerra! guerra! de morte aos tyrannos —  
Haja guerra de morte a faltar!  
Oxalá! tanto sangue se vecta,  
Té que em sangue se possa nadar!

Habitantes! valentes soldados!  
Não ouvís?... oh! lá sôa o canhão —  
Avancemos unidos á carga,  
Deos protege do povo a missão.

Eia ávante — soldados guerreiros!  
Eia ávante — valentes da Hungria!  
Pela terra formosa da patria  
Arrostemos co'a vil tyrannia.

Porto — Agosto de 1849.

A. P. Caldas.

*Ao meu primo e amigo Joaquim de Sousa  
Neves e Almeida.*

**A Donzellinha.**

Linda, linda e pequenina!  
Mimosa e candida flôr!  
Imagem pura d'um anjo  
Meiga pomba do Senhor!

Como a fonte entre boninas,  
Te corre alegre a existencia!  
Não sobressaltam phantasmas  
O teu somno d'innocencia!

Pequenina, dormes, dormes,  
Como a rosa inda em botão,  
Embalada por favonios  
Em dôce noite de v'rão.

Não possa maligna serpe  
Morder-te a planta mimosa!...  
Os tufões te bramem longe,  
Para que sejas ditosa.

Cresce, cresce, pequenina,  
Foge do crime e d'amor!  
Consagra as horas da vida  
Ao teu Anjo guardador.

Quando a morte deshumana  
Te rasgar o fragil véo,  
Sem remorso, alegre, santa,  
Voarás da terra ao céo.

Porto 14 de Junho de 1847.

*Sousa-Moura.*

**A um meu amigo.**

**SONETO.**

Quando da morte o braço descarnado,  
Alçando sobre mim a fouce dura,  
Fizer baixar á fria sepultura  
Teu amigo infeliz, desventurado:

Entre os Lusos, o *Luso* malfadado,  
Por aquella amizade santa, e pura  
Que sempre te jurou, que inda te jura  
Em quanto o corpo seu fôr animado:

Compassivo te roga que lhe faças  
Este epitaphio na cinzenta lousa,  
Para assim prevenir novas desgraças.

*Repara, caminhante, aqui repousa  
A quem mataram de Marilha as graças,  
Triste daquelle que encara-la ousa.*

*A. Luso.*

**O pobre negro.**

IMITADO DE MILLEVOYE.

A's praias de Guiné,  
Roubado outr'ora,  
Chorava agora  
O pobre escravo —  
Com seus soluços  
O peito arfava;  
E de gemidos,  
Tão compungidos,  
Estas palavras  
Acompanhava:—

Que mal vos fiz, ó meu Deus,  
 P'ra soffrer tamanha dôr?  
 Não sou tambem vosso filho?  
 Não sou vossa creatura?  
 Será crime por ventura  
 Esta minha negra côr?

Como o branco que me opprime,  
 Não nasci p'ra ser ditoso?  
 Eu amava a minha Nélzi,  
 Seu olhar, sua ternura,  
 A sua meiga candura,  
 Me faziam venturoso.

Como eu amava o meu filho,  
 Querido fructo deste amor!...  
 Respiras tu, filho amado?  
 Inda vives p'ra conforto  
 Dessa tua pobre mãe,  
 P'ra lenitivo da dôr?

Não tornarei a embalar-te  
 No teu berço, filho querido!...  
 Nem a sorrir-te, a beijar-te,  
 Nem a espremer-te nos labios,  
 Da frondosa laranjeira,  
 O teu fructo appetecido?

A surprehender o leão  
 Quem te ha-de agora ensinar?  
 Como has-de tu domar  
 A serpente venenosa?  
 Como has-de tu saber  
 Nos abysmos mergulhar?

Não verei as bananeiras,  
 Que para ti só plantei!  
 Nem aquella sombra amada,  
 Onde a minha doce Nélzi,  
 N'uma hora abençoada  
 Nos meus braços apertei!

Não verei mais a cabaná,  
 Que meu velho páe me deu;  
 Nem o regato da rocha,  
 Onde a minha pobre mãe,  
 De somno eterno, em meus braços,  
 Para sempre adormeceu.

Uma tarde, a esta hora,  
 Eu repousava tranquillo;  
 Dôces sonhos me embalavam,  
 Leves auras me cercavam,  
 E dormia socegado,  
 Sem temor do crocodilo.

Mas outras féras mais cruas  
 Me vieram assaltar!  
 De brancos rijo tropéi,  
 Com zombaria e com móia,  
 Do meu somno socegado  
 Me vieram acordar.

Não ouviram minhas queixas,  
 Das minhas lagrimas riram!...  
 Os tyrannos me cercaram,  
 Seu escravo me fizeram,  
 Com duras, férreas cadêas,  
 Meus livres pulsos cingiram.

Resisti; mas minha audacia  
 Em breve foi abatida;  
 De férrea verga tres golpes,  
 Sobre a minha negra fronte,  
 Fez cahir a mão tyranna,  
 Do féro branco homicida.

Invoquei a tempestude,  
 Cheio d'ira e d'amargura!  
 Duas lagrimas ardentes,  
 Para Nélzi e p'ra meu filho,  
 Senti então a descerem  
 Pela minha face escura.

Em quanto o triste,  
 Sua canção,  
 D'escravidão,  
 Assim cantava;  
 Baixel negroiro,  
 Veloz e arteiro,  
 Outro infeliz  
 Do seu paiz,  
 Naquelle costa  
 Desembarcava.  
 Zabbi o chama,  
 E abraçando-o,  
 Assim lhe diz:  
 « Da minha Nézi  
 « Que novas ha?  
 Calou-te o outro,  
 Mostrou-lhe o céu.  
 « Bem sei, irmão —  
 « E de meu filho?  
 — Também é lá —  
 « Graças, Senhor!  
 E a alegria,  
 Que ha tanto tempo,  
 Na negra face,  
 Não apparecia;  
 Toda radiante,  
 Naquelle instante,  
 No torvo olhar  
 Resplandecia.

E tres dias com tres noites  
 Não tomou mais alimento;  
 Suor frio e copioso,  
 Que da frente lhe corria,  
 Sob um céu abrasador  
 Inundava o pavimento.

No quarto dia o senhor  
 Com férrea vara appareceu;  
 « A pé, escravo! « Não quero »  
 « A pé, escravo! « Sou livre » . . . .  
 Disse já com voz sumida,  
 E p'ra sempre adormeceu.

A. Mónico.

O estímulo do soldado.

No album do meu amigo Antonio Dias Coelho  
 Netto dos Reis.

Entre chuva d'espessa metralha  
 Ao ruidoso fragôr do canhão,  
 Lá no campo um soldado já falha,  
 Cae sem vida prostrado no chão.

Inda ha pouco era forte, e valente,  
 Um heroe, um guerreiro sem par:  
 Era um bravo qu'a patria cadente  
 Com seu braço quizera firmar.

Mas de peito de balas passado —  
 Desse peito de sangue a escorrer  
 Foge a vida — que um bravo soldado  
 Pela patria deseja morrer.

E o soldado qu'á patria ofertára  
 Essa vida tão cheia d'amor:  
 Que orgulhoso no campo traçára  
 Heroismos de tanto valor:

Murcha a c'roa de palmas viçosas,  
 Jaz sepulto no fundo d'um val,  
 E com elle as proezas famosas —  
 Illustradas, sem terem rival!

E no tum'lo singelo, e despido  
 Nem sequer um cruzeiro reluz! —  
 Sepultado ahi jaz, esquecido  
 Um valente guerreiro da cruz!

1850.

A. P. Carneiro.



**Apologo**

**O GRILLO E OS MOSQUITOS.**

N'um cantinho d'um campo, solitario,  
 Vivia um grillo novo inda sem azas;  
 Preferia a soidão á sociedade,  
 E sua raza cova ás altas casas:  
 Vivia o nosso monge no deserto,  
 Sem ter inveja ao mundo prasenteiro;  
 Eis que vem empecê-lo no retiro  
 De mosquitos um grosso nevoeiro;  
 Casquilhas cortezias todos fazem  
 Do grillinho espreitando a lura torta,  
 E tanta polidez e cortezia  
 Obriga o nosso grillo a vir á porta:  
 Que querem, meus senhores, que pretendem,  
 Desculpem não mandar entrar p'ra sala,  
 Mas a casa é pequena e lá não cabem.  
 Aos mosquitos desta arte o grillo falla.  
 Então, um d'entre o rancho sáe p'ra fóra,  
 E em nome de todos diz ao grillo:  
 Queriamos cantasse e hoje aqui  
 Viemos de proposito p'ra ouvi-lo.  
 Não os posso servir, caros senhores,  
 Pois receio o mau fim do desempanho;  
 P'ra cantar nunca tive natureza,  
 Nem mesmo para isso inda azas tenho.  
 Que lórpa, que idiota, que imbecil!!..  
 Dizem todos a um tempo com espanto.  
 Entre nós, meu senhor, mesmo as creanças  
 Já sabem dar assento ao dôce canto.  
 Vamos nós confundi-lo, todos gritam,  
 E delles se levanta a gran poeira,  
 Com as azas batendo umas nas outras,  
 Ao grillo fazem infernal zoeira.  
 Então, pergunta um, gosta do canto?  
 Espero que elogios a nós teça?  
 E' mui lindo, senhor, responde o grillo,  
 Mas aos grillos doer faz a cabeça;  
 Porém porque razão assim não canta,  
 Nem falla como nós, e tapa a boca?!  
 P'ra não dizer asneiras, diz o grillo,  
 E logo se encaixou dentro da toca.

Reparai bem, maus poetas,  
 São assim vossos esp'ritos:  
 Eu cá figuro o grillo,  
 Vós figuraes os mosquitos.

Se aquelles, batendo as azas,  
 Eram ranchos infinitos;  
 Tambem vós, que estragaes versos,  
 Sois tantos como os mosquitos.

Se vós costumaes morder  
 A's vezes alguns versitos,  
 Inda vos par'ceis com elles;  
 Tambem mordem os mosquitos.

Se, maus poetas, vos noto,  
 Hoje aqui vossos delictos,  
 Perdoae minha franqueza,  
 Mas sois em tudo mosquitos.

*H. Augusto.*

**Enigma do Sphinx.**

Rompe o dia sereno, puro e brando.  
 O tempo bom será e bonançoso,  
 Que o vento a névoa varre presuroso,  
 Que vinha o sol velar de quando em quando.

E ganhou o sol já forças;  
 Nem resto de nevoas ha.  
 Oh! que manhã tão amena!..  
 Que bella a tarde será!

Teremos folia  
 Na força do dia.  
 Sua formosura  
 Promette ventura.

Promette... promette...  
 (Que pèta nos mette!)  
 Promette alegria;  
 (Quem nisso se fia?...)

Sopram raivosos os ventos:  
 Que tempestade se apresta!  
 Ond'as promessas estão  
 Da lívida manhã de festa?

Pesadas nuvens se chocam  
 Prenhes d'electricidade.  
 Ventos contrarios guerreiam:  
 Prorompeu a tempestade.

Vae o sol a pino,  
 O tempo mofino  
 Começa a mudar,  
 E o vento a calmar.

Mas nada de festa  
 Na calada sesta;  
 E a tarde vae fria  
 Lá no fim do dia;

Que o sol já perdeu o brilho:  
 Não aquece o seu luzeiro:  
 E s'inclina ao oceano  
 Entre espesso nevoeiro.

Ei-lo cáe fulminado qual Phaetonte.  
 Ora só reinam sombras tenebrosas.  
 Desse dia de esp'ranças enganosas  
 Resquicios nem se vêem no horizonte.

29 de Maio — 1849.

Maria P. S.

**Charada.**

Separada de ti, anjo que adoro,  
 Só amo, só procuro a solidão;  
 Só quando estou assim, é que meu pranto } 1  
 Um pouco me allivia o coração.

Só poderá resistir a teus encantos,  
 Sómente deixará de te adorar } 2  
 Aquelle que assim fôr, ou nunca viu  
 De teus olhos, um meigo, um terno olhar!

Companheiro de meus primeiros annos,  
 Do prazer juvenil socio e amigo,  
 Tu fugiste de mim e me deixaste  
 Entregue á desventura e sem abrigo!

O amor que domina esta alma inteira  
 Me obriga sem cessar a procurar-te;  
 Mas em quanto elle fôr o meu tyranno.  
 Não posso (infeliz!) não posso achar-te!

A ideia de perder-te para sempre,  
 Mais te afasta de mim (oh! sorte dura!)  
 Quanto mais eu te busco, mais te perco,  
 Só, só te encontrarei na sepultura!

Janeiro de 1851.

Maria Cândida P. V.

**EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:**

*Charada* — Delirio.

**A distribuição deste Jornal  
 principia á sexta feira.**

*Errata.* — Em o nosso numero antecedente, a pag. 36, lin. 12, onde se lê = Bringer = deve lêr-se = Bingre = e na pag. 37, lin. 3.<sup>a</sup>, onde se lê = symbolo = deve lêr-se = symb'lo.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

## A monja d'Arouca.

**M**Arouca o sino trôa  
Com lastimoso clangor,  
Funebre dobre apregôa  
Morte d'illustre senhor.  
E' morto Payo Soares,  
Rico-homem destes lugares,  
O esposo da bella Mor.

Poucos dias de noivado  
Podéra Payo gosar,  
Quando a tuba do Salado  
O arrancára ao seu solar.  
Ledo vôa contra os Mouros,  
Que deseja honrosos louros  
A' linda esposa offertar.

Lá nos plainos de Granada,  
Contra o fero Alboacem,  
Mais ardente, heroica espada  
Não a brandíra ninguem.  
Mas depois da gran victoria,  
Ebriô d'amor e de gloria,  
Correndo á patria ei-lo vem.

Porque tam rijo esporéas  
Os flancos do teu corcel?  
Porque tam sóffrego anceias  
Vêr a face da infiel?

Trahido na tua ausencia,  
Vai minar-te a existencia  
Das dôres a mais cruel.

Entre agonias da morte  
Dom Payo assim s'expressou:  
« A' minha falsa consorte,  
Que meus dias encurtou,  
Eu perdôo a offensa crua;  
Mas mando me restitua  
Esse anel que deshonorou.

« Antes que o dia alvoreça  
M'o entregue em propria mão,  
Ou sobre sua cabeça  
De Deus cáia a maldição.  
Até do Inferno profundo  
Eu virei a este mundo  
Pedir-lhe satisfação. »

A' igreja do Mosteiro,  
Com responsos e orações,  
Vão seguindo o cavalleiro  
Monges, nobres e peões.  
De ferreas peças armado  
Alli foi depositado  
Entre funebres brandões.

A' voz compassada e rouca  
Dos bons monges de Grijó

Casam as freiras d'Arouca  
 Sonoro canto de dó.  
 Concluidos os responsos,  
 Das portas rangem os gonzos,  
 E o cadaver fica só.

Bate em gothica sineira  
 Da meia noite o stridor,  
 Trémula, pallida freira  
 Desce á igreja com terror.  
 Dos brandões a luz soturna  
 A'quella hora nocturna  
 Redobra o frio pavor.

Dos proprios pés no rugido  
 O susto lhe faz ouvir  
 Um lamentoso gemido  
 De cada campá a surdir.  
 Nocturnas, sinistras aves,  
 Revoando pelas naves,  
 De pavor a vem tranzir.

Pelo templo caminhando,  
 Por tres vezes succumbiu,  
 Outras tantas vacillando,  
 Sua marcha proseguiu.  
 Chegada ao arco cruzeiro,  
 Onde jaz o cavalheiro,  
 Sobre os joelhos cahiu.

« O' generoso consorte,  
 « Neste augusto tribunal,  
 « Face a face com a morte,  
 « Me confesso desleal.  
 « Sim, confesso, fui perjura,  
 « Nutro ainda a chamma impura  
 « Por teu infeliz rival.

« Porque não morri mesquinha  
 « Eu tambem aos golpes teus?

« Desgraçada, que não tinha  
 « Preenchido os dias meus.  
 « Pude eyadir-me ao teu ferro,  
 « Mas inda adoro o meu erro,  
 « Sou tambem perjura a Deus.

« Tua vontade sagrada  
 « Com terror cumprir eu vim;  
 « Recebe na mão gelada  
 « A prenda indigna de mim.  
 « Ah, se a morte consentisse  
 « Que a dextra tua cingisse  
 « Minha mão... » « Consenté sim! »

Grito de dôr e d'espanto,  
 Da tenra mão o estalar  
 Os eccos do templo sancto  
 Vem de seu somno acordar.  
 « Sim, consente, Payo brada,  
 « Que a mão que julgas gelada  
 « Te vai a vida arrancar.

« Entre os muros da clausura,  
 « Trahida a fé conjugal,  
 « Tu te julgavas segura  
 « Dos golpes do meu punhal.  
 « Insensata segurança!  
 « Por fartar minha vingança  
 « Descêra ao reino infernal. »

« Payo!.. Payo!.. eu não sou tua,  
 « O impio ferro detem!  
 « Sou de Deus, esposa sua,  
 « A Deus punir-me convem. »  
 — « Mas a Deus tu és perjura,  
 « Extinguindo a chamma impura,  
 « Vingo a Deus e a mim tambem.

« A meu amor delirante  
 « Que aleivoso galardão!

« Ganhar um nome brilhante  
 « Foi, por ti, minha ambição.  
 « Teu nome vil no Salado  
 « Era de guerra o meu brado,  
 « Teu amor o meu pendão.

« E tu? tu, Mor!.. vai, maldita,  
 « Vai unir-te ao meu rival. »  
 E no seio que palpita  
 Crava a folha do punhal.  
 Pelas frestas entra o dia,  
 E, em vez de Payo, alumia  
 A Mor na tumba fatal.

O. R. D. P. B.

N. B. Payo Soares de Payva foi casado com D. Mor Gonçalves Porto-carreiro, a qual houve mau preço e colheu-se com medo de seu marido a Arouca e filhou habito, e elle se fez morto para a matar.

*Nobituario de D. Pedro p. 243.*

*D'uma simples amizade,  
 Quantas vezes, sem querer,  
 Vai crescendo a sympathia,  
 Que d'amor me faz morrer!*

Quando, meu anjo, te vi,  
 Inda pela vez primeira,  
 Dôce alegria, fagueira  
 Em minh' alma conheci;  
 Suave nectar bebi  
 De grata felicidade:  
 Mas fallando-te a verdade,  
 O que a teu lado passei,  
 Ledos effeitos julguei  
 D'uma simples amizade.

De hora em hora contente,  
 Este nectar fui libando,  
 Porém nas veias coando  
 Me hia um calor ardente:  
 Este fogo vehemente,  
 Que me causava prazer,  
 De dia em dia a crescer,  
 Foi em meu peito lavrando,  
 E suspiros arrancando,  
 Quantas vezes sem querer!

Já não pôde o coração  
 Em seus desejos parar;  
 Já o começa a ligar  
 Forçosa lei d'attracção:  
 Sem imperio, a razão  
 Os meus passos já não guia;  
 Delirante todo o dia,  
 Em ti sempre contemplando,  
 Comtigo á noite sonhando  
 Vai crescendo a sympathia.

Em fim chegou o momento  
 Que jámais premeditei,  
 E a causa em fim achei  
 Do meu secreto tormento:  
 Não vacilla o pensamento!  
 Ai de mim! Posso dizer,  
 Que já vi em mim nascer  
 A mais ardente paixão,  
 Que me abraza o coração,  
 Que d'amor me faz morrer!

#### Soneto

*Ao sahimento do cadaver de S. M. Carlos Alberto,  
 hindo ser depositado na cathedral do Porto.*

Lá caminha tristonho, e vagaroso  
 Funéreo melancolico cortejo;  
 Ao nada reduzido, oh! alli vejo  
 Um Monarcha Magnanimo, brioso!

\*

Plebeo, ou burguez, nobre vaidoso,  
Corridos da illusão, cedendo ao pejo,  
D'ambição talvez mudem vil desejo,  
Vendo o fim do mortal . . . do Rei famoso.

Ah! se amiudadas vezes esta scena  
Da paz os inimigos contemplassem,  
Olvidando o furor, que os envenena,

Talvez p'ra sempre as guerras odiassem;  
D'uma vida gosando dôce e amena,  
Só delicias da paz apreciassem.

*Por uma Portuense.*

● Cachópo.

Hinc atque hinc vastæ rupes, geminique minantur  
In cœlum scopuli.....

VING. ENZED. I.º — 166.

« Ouço bramir a procella;  
Ao longe o mar se encapella;  
O nauta recolhe a vela;  
A celeuma se ergue ao ar.  
Ouço bramir a procella  
Sem as ondas receiar!

« Vejo um raio o ar fendendo;  
O pégo medonho, horrendo  
Junto a mim vejo fervendo  
Em ruído cachão! . . . .  
Vejo um raio o ar fendendo;  
Mas assustar-me? . . . Isso não! . . .

« E a grossa vaga subindo  
A mim, que altivo estou rindo,

Depois, sem forças cabindo,  
Volve aos pés do vencedôr! . . .  
E a grossa vaga subindo,  
Quebra em mim o seu furôr! . . .

« Nenhuma força me abala! . . .  
Se o céu nos pólos estala,  
Se o mar as rochas escala,  
Mesmo então temer não sei.  
Nenhuma força me abala;  
Das tempestades sou rei!

« As aves podem calcar-me,  
Porém se, ousadas, tocar-me  
Vem naus soberbas . . . beijar-me  
Ao abysmo os pés lá vão! . . .  
As aves podem calcar-me,  
Os baixeis . . . oh! esses não! . . .

« E eu ouço os crébros gemidos  
Dos tristes, que vão, perdidos,  
Ser pelo mar engulidos,  
P'ra jamais d'alli surgir! . . .  
E eu ouço os crébros gemidos,  
E, impassivel, fico a rir! . . .

« Zombo do mar e da terra,  
Dos elementos a guerra  
Não me assusta, não me aterra,  
Colosso da criação! . . .  
Zombo do mar e da terra! . . .  
Só de Deus respeito a Mão! »

7 de Janeiro de 1851.

*Soto-Mayor e Azeredo.*

● orphão.

Vêde-lhe a face livida da fome,  
E os olhos turvos d'um chorar inutil!..  
D'entre andrajos fétidos e palha,  
Ergueu, ha pouco, os franzininhos membros,  
E ei-lo, vindo a vós, medroso e tímido  
Uma esmola pedir por caridade.

Ao orphão desvalido que humedece  
De lagrimas o pão que lh'esmolardes  
As costas não volteis.

Arrastado no mundo sobre espinhos,  
Não vos pede caricias... só implora  
Que a fome lhe mateis.

Quando o frio da noite lhe apavora  
Das palpebras o somno, que é refugio,  
Derradeiro, talvez, ao desgraçado...  
O orphão, que não tem porvir ou esp'rança,  
Transporta-se ao que foi, e a vaga imagem  
Da mãe, que lhe sorri, dá-lhe um conforto.

Ledas recordações, se pôde tê-las  
Um filho que perdeu meigos afagos...  
E' o orphão feliz...

Recorda-se que uns labios lhe tocaram  
Seus labios, não tingidos pela fome,  
Nas faxas infantís.

Ledas consolações em largas noites  
São essas, que lhe presta a fantasia,  
Liberta das algêmas da miseria.  
O orphão embahado por chimeras  
Da mente a recordar gosos perdidos,  
Dorme, e sonha depois mentidos sonhos.

No céo desponta a luz... Desperta o triste,  
Olha em torno de si... não vê um espaço

Bocadinho de pão!..

O filho da amargura, as mãos mirradas  
Erguendo para Deus, pede-lhe a morte  
Em férvida oração.

E' surda a Providencia... Eccos doridos  
Do martyr da penuria não commovem  
A compaixão do Eterno!.. Elle, mendigo,  
O orphão vae á porta do abastado,  
Supplica, e a chorar, espera... espera  
Do gélido cynismo um não tardio.

Exhausto de vigor, lasso de fome,  
De lagrimas, e supplicas cansado  
Não pôde já rogar.

No portico de marmore d'um rico,  
Sentára-se o infeliz, e o rico, ao vê-lo,  
Mandára-o *caminhar*.

« *Caminha*, que é teu crime esse ferrête  
« De mendigo, que tens na magra face  
« E nos trapôs nojentos que te vestem...  
« *Caminha*, que é vedado ao verme ascôso  
« De rojos pela esqualida miseria  
« Roçar-se vil nos pórfidos do rico.»

E o orphão caminhou... Rodavam seges,  
Cruzavam-se librés faustosas, ricas  
De nobre corrupção...  
As faces salpicaram-lh'as de luma,  
E á mão que elle estendêra supplicante  
Foi cega a compaixão.

A' tarde, quando o sol dourava as orlas  
Do magestoso céo nos horisontes,  
O orphão mendigava um gazalhado,  
Um eido onde morrer!.. A fome acerba  
Minára-lhe as entranhas, lacerando-as  
Nesse agro espicaçar d'intimas dôres.

Ouviram-n'ò gemer a horas mortas,  
 E d'entre os labios, que sellára a fome  
     Soltára uma expressão...  
 Não pedira comer, nem gota d'agua,  
 Nem vestes que a nudez lhe agasalhassem...  
     Pedira a confissão.

No mesmo alvergue, alli, em pôdre esteira  
 Velava angustias, como elle, um velho  
 De faces cadavericas, sulcadas  
 Por fomes, e trabalhos, e tristezas,  
 Que não sabem chorar os que vão indo  
 Do bêrço á sepultura em chão de flôres.

Erguêra-se o ancião, e junto do orphão  
 Soluçante joelhou, e com seus braços  
     O corpo lhe cingiu...  
 « Pediste a confissão — diz-lhe o mendigo —  
 « Aqui vim p'ra te ouvir... nesta hora extrema  
     Irmão, Jesus te ouviu...

Que culpas confessára o agonisante  
 Não disse o confessor... Diz que em seus braços  
 Expirára de fome um desgraçado,  
 Qual outros que, vergados á penuria,  
 Salvára muitas vezes n'um mosteiro,  
 Onde, antes de mendigo, fôra monge.

.....  
*Camillo Castello Branco.*

-----  
**Era sonho.**

*Esu breve anche in sogno il mio contento.*  
 METASTASIO.

Que não possa eu na vida um momento  
 Ser ditoso — nem mesmo a sonhar!  
 E'-me sempre illusão a ventura,  
 E sómente real o pesar!

.....  
 Eu estava sentado com *ella*  
 Sobre a relva, sustendo-a em meus braços;  
 E cerrando seu peito a meu peito  
 A cingia com meigos abraços.

Suas faces mimosas — tam lindas —  
 Eu beijava abrasado em ternura;  
 E unindo-a a meu seio — sorrindo  
 Lhe pedia com meiga brandura:

« *Dás-me um beijo, meu anjo querido?*  
 « *Dá-me um beijo sómente — e mais não,*  
 « *Que eu em troca te dou esta vida,*  
 « *Te dou alma, e amor, coração. »*

E lançando-me os braços ao collo,  
 Com semblante fagueiro e risonho,  
 Quasi ao dar-me nos labios o beijo...  
 Acordei! — oh! meu Deus! — *Era sonho!!*

6 de Fevereiro de 1851.

*A. Pereira Soromenho.*

-----  
 ● **Favonio.**

Brando favonio, que agitas  
 Neste prado as lindas flôres;  
 Que mitigas com teu sôpro  
 Do ígneo sol os ardores:

Ah! como brincas alegre  
 Por entre as folhas viçosas!  
 Como furtas os perfumes  
 A's lindas, còradas rosas!



Se, como tu, eu soubera  
Nesses prados adejar,  
E as azas invisíveis  
Nas deves aurar librar;

Oh! por certo não brincára  
Co'a rosa, ou co' jasmim;  
Nem percorrêra sómente  
Um limitado jardim.

Eu fôra, n'um vôo ousado,  
Té onde habita o meu o bem,  
E com meus dôces beijinhos  
Não brindára a mais alguem.

Eu lhe off'recêra os perfumes,  
Roubados á bella flôr;  
Murmurára junto d'*ella*  
Meigas expressões de amôr.

Adejára a todo o instante  
Junto das faces mimosas;  
E meus labios imprimíra  
Nos lindos labios de rosas.

Fôra meu throno o seu seio;  
Onde amor ledo repousa;  
Onde só audaz desejo  
A furto penetrar ousa;

E alli, qual o monarcha  
Em solio d'ouro assentado,  
Entre os amantes felizes  
Fôra o mais afortunado.

6 de Dezembro de 1848.

*Clemente Barbosa de Vasconcellos.*

NO ALBUM DO SNR. A. ALLEN.

**A Revista nocturna.**

E' meia noite, o tambor  
Da campá se ergue e sae,  
Para a revista da noite,  
Os mortos chamando vae.

As mãos sêccas, descarnadas,  
As baquetas agitando,  
Vivo rufo d'alvorada  
Pelos plainos vão tocando.

Que estranho som de tambor!  
Como elle vibra tão forte!  
Té os bravos que morreram  
Vae despertando da morte.

Os que jazem pela Russia,  
Sob o gêlo sepultados,  
Vão erguendo, a custo, os membros,  
Duas vezes congelados.

Outros na Italia, sacodem  
O fino pó que os cobria;  
Erguem-se altivos, ao grito  
Do rude som que esturgia.

Outros das margens do Nilo,  
Vem á chamada acudindo;  
Outros dos plainos d'Arabia,  
Dos sepulchros vão sabindo.

Ao deixar a sepultura,  
Todos empunham a lança;  
Vão p'ra' revista nocturna,  
Que passa o Cesar da França.

A' meia noite, o clarim,  
Da campá se ergue e sáe,  
Monta a cavallo, e soando,  
P'ra' grande revista vae.

Em seus cavallos aereos,  
Vem chegando os cavalleiros,  
Todos cobertos de feridas,  
De nobres louros guerreiros.

Suas fauces descarnadas,  
Sob os cascos se sorriam,  
As mãos sêccas e mirradas,  
A féra espada brandiam.

E' meia noite, da campá  
O Cesar se ergue e sáe  
Sobre o seu branco corcel,  
Dos chefes seguido vae.

Traja pequeno chapéo,  
Vestido simples, sem gala,  
Pequena espada pendente,  
As mais famosas iguala.

A lua pallida e triste,  
A planicie inteira alcança,  
O HOMEM do chapéo breve,  
Para os seus nobre se avança.

Toda a linha dos finados  
Faz contínuencia real,  
Desfilam, armas ao hombro,  
Perante a Sombra immortal.

De cem bravos generaes,  
Se viu um circ'lo formar,  
E ao mais visinho delles,  
O Rei finado fallar.

As palavras vão de roda,  
Circundam em volta do Sena,  
Era a senha = Gloria e França =  
Contra-senha = Santa Helena. =

A. Montciro.

---

**Epigramma.**

Em fôfos colxões de pennas,  
Joven morgado dormia,  
Em quanto o páe moribundo  
Deste mundo se partia.

Antigo moço da casa,  
Chorando mui contristado,  
Ao bom filho foi dar parte,  
Que seu páe era finado.

« Oh! meu Deus! que afflicção,  
(Diz o rapaz bocejando):  
« Não terei com tal desgraça,  
« A' manhã em acordando! »

P.

---

**Charada.**

Olha essa patria de virtude austéra,  
Que formára os Leonidas em seu seio;  
Olha Athenas, e Roma; — inda o receio  
De me vêr propagar nos Reis impéra.

Se o Macedonio heroe não concebêra  
A idéa de cortar meu vão enleio,  
De funesto prestigio ainda esteio,  
De mim, d'Asia o destino dependêra!

Minha alma, que respeita a Divindade,  
Mas na terra a virtude só adora,  
Que arde em sacro amor da liberdade:

Eis a alma que vil baixeza ignora;  
Eis a alma de Catão, que á humanidade  
Será d'eterno culto merecedora!

4 + 1.

---

**EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:**

*Charada* — Socego.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

## A tormenta inesperada.

**R**ADIOSO o sol estava;  
Nem bafo de vento havia:  
O ar todo azul celeste  
Parece que reluzia,  
Que lá do lado do leste  
Radioso o sol estava.

Oh! que tempo tão risonho!  
Que dia tão prazenteiro!..  
A natureza folgava  
Na campina, valle, outeiro.  
Como que tudo bradava:  
= Oh! que tempo tão risonho! =

Negra nuvem, que assomava,  
Não assustou: tão pequena  
Quem podia reacar  
Toldasse a manhã serena?..  
Mas começava a engrossar  
Negra nuvem que assomava.

Oh! que tristeza tamanha  
Já cobria monte e prado!..  
Negros já eram os ares!  
E parecia que um brado  
Sahia assim lá dos mares:  
= Oh! que tristeza tamanha! =

O vento soprava rijo,  
E juntava naves tristes;  
E tu, ó sol radioso,  
De novas vistas fugiastes:  
E lá no bosque obumbroso  
O vento soprava rijo.

Aos mortaes tambem succede  
O mesmo que a este dia;  
Tolhem nuvens a ventura,  
Offuscam alma alegria;  
E o que succede á natura  
Aos mortaes tambem succede.

31 de Janeiro — 1851.

*Maria P. S.*

## Adeus á felicidade.

Adeus, dias ditosos da infancia;  
Adeus, tempo de maga ventura;  
Bella idade, feliz, em que est'alma  
Não soffria cruel amargura.

Adeus, tempo feliz dos quinz'annos,  
Que eu vivia feliz, socegada;  
No porvir, hoje triste, então via  
De mil flores a vida esmaltada.

Adeus, placidos dias d'outr'ora,  
Em que as creanças de amor despresava;  
Sem de amor conhecer os tormentos:  
Ai de mim! já de amar recelava.

Adeus, bellos, saudosos momentos,  
Em que juras de amor escutei;  
D'um ingrato querido, que amava,  
Ser amada (insensata!) eu pensei!

Quem diria, ao ouvir do perverso  
Seus protestos, seu meigo exprimir,  
Que encoberto com bella apparencia  
Uma fera devia existir!!

Quem pensára ao vêr-lhe o sorriso,  
De seus olhos a meiga expressão,  
Que ness'alma, que eu cria d'um anjo,  
Existia perfidia, e traição!!

Sim: foi elle — esse monstro — essa fera,  
Que eu julguei ser um anjo de amor,  
Que meus dias serenos — tam puros —  
Fez murchar-me da idade em verdor.

Adeus, tempo de tanta ventura,  
Já fugiste — e não podes voltar!  
Vi contigo fugir-me a alegria ...  
Que me resta? — soffrer; e chorar!!

Porto 15 de Fevereiro de 1851.

*Maria Augusta C. V.*

## ODE

*Para ser recitada em um theatro de curiosos que representavam = AS VICTIMAS DA CLAUSURA.*

..... Tentæne animis cœlestibus iræ!  
ENEIDA. L. 1.

Côrra os campos de Marte ensanguentados  
O Macedonio audaz, ébrio de gloria;  
E leve após de si mil assassinos,  
Dando largas á morte.

Furioso, indomavel Carlos surja  
D'entre os gélos do Norte, e temerario  
Com poucos, mas bravissimos soldados,  
Com sangue se embriague.

O grande Heroe do mundo, o Corso altivo  
Suba pelos degraus d'uma republica,  
Ao throno imperial. Seja esmagado  
Sob as suas victorias.

Da egoista Albion o grande Nelson  
Parta, e sob os seus pés Neptuno gema;  
Encontre em Trafalgar a par da morte,  
Sanguinolenta gloria.

Essa furia infernal, a insana guerra  
As almas lhes abraze: o Sabio austero  
Lhes ha de perguntar: Que bens fizestes  
A bem da humanidade?

Pugnastes, cruéis, a bem dos homens?  
Quebrastes o vil sceptro a vis tyrannos?  
Déstes ao povo oppresso a liberdade,  
Com que os dotou o Eterno?

Que bens fizestes vós? ... só assassínios,  
Traições, incendios só, e só violências!  
Por isso, bem que tarde, ha-de opprimir-vos  
A maldição dos povos.

Ufanos com a purpura, que os cobre,  
Os reis (rara excepção) não vêem o abysmo,  
Em que após seus escrúvos miserandos  
Vão a precipitar-se.

Por válidos servis escravizados  
Os proprios reis estão, reinar pensando;  
Por isso delles fuge espavorida  
Sacrosanta verdade;

Que fizestes, ó reis, a bem dos homens?  
Déstes-lhes liberdade? fostes integros?  
Páes sensíveis do povo, e não tyranos?  
Amigos, não verdugos!

Que bens fizestes vós? por patronato  
'Spesinhastes as leis! por isso um dia,  
Incansavel qual furia, ha-de opprimir-vos  
A maldição dos povos.

Os velados serões sobre projectos  
De leis, que se destroem mutuamente;  
Gasta o legislador, sempre invocando  
O bem-estar dos povos.

Protegem essas leis as artes bellas?  
Essa util, creadora agricultúra?  
O commercio, que exporta, e essa industria,  
Músculos d'um Estado?

São estes os fins teus? não: teu int'esse.  
E' a primeira cifra do teu cálculo:  
Sómente propões leis que favonêem  
A ambição que te abraça!!

Dize, legislador; a pró dos homens  
Que bens fizeste tu? nenhuns! por isso  
A ti, ás tuas leis ha-de opprimir-vos  
A maldição dos povos.

Humilde sacerdote vai prostrar-se  
Perante o sacro altar d'um Deus eterno;  
Deus de paz, e d'amor; não Deus sequioso  
De vingança e de sangue.

Por entre turbilhões de grato aroma  
Sobe a monótona voz do sacerdote,  
Que o Eterno importuna, e mesmo insulta  
Com hypócritas preces.

Que fazes, sacerdote, a bem dos homens?  
D'uma dôce moral, santa e sublime,  
Mais com o exemplo teu, que com palavras,  
Lhes dás lições proficuas?

Fallas-lhes da razão facil linguagem?  
Perdoando tu mesmo offensas suas,  
Os ensinas a amar-se mutuamente  
Com amor fraternal?

Não: tu propagas só o fanatismo!  
Proclamas uma guerra d'exterminio  
Contra os nossos irmãos, só porque adóram  
D'outra sorte o Eterno!

Fazendo profissão d'humilde e pobre,  
E' altivo e senhor, rico e opulento!  
Em vez de perdoar, tua alma insana  
Só aneia vingança!

Hypócrita por calculo, disfarças  
Essas negras paixões que tens no peito!  
Por isso, talvez cêdo, ha-de opprimir-te  
A maldição dos povos.

Arrisca o avarento em fragil lençol  
A vida; e vae ao longe, além dos mares  
Com descarnada mão cavar riquezas  
Em inhóspitos climas.

Sófrego elle enthesoura em férreo cofre  
O perfido metal que o tyrannisa:  
Vem; volta outra vez; nunca sacia  
A sacra fome d'ouro.

Aváro, que fizeste a bem dos homens?  
Soccorreste o infeliz? tiraste ás garras  
Da maequida fome o triste Orphão,  
Desvalida Viuva?

O enfermo devorado pela febre  
Em seu leito de dôr achou arrimo  
Em ti, no ouro teu?... talvez a morte!  
O ceifou immaturo!!!

Que bens fizeste tu, cego idolátra,  
Desse infame metal, fonte de crimes?  
Nenhuns! por isso cedo ha-de opprimir-te  
A maldição dos povos.

Homens, que me escutaes, eis resumidas  
Em mesquinho painel as duras causas  
Dos males sociais, que tanto opprimem  
A prole de Japeto.

Eis os crimes fataes; que, degradando  
A dignidade do homem, o tornam monstro!  
Eis o quadro espantoso, a cuja vista  
A humanidade geme!!!

Virtudes são tão raras no universo,  
Como essa apparição, já calculada,  
Desse (louco terror do inculto povo)  
Abrasado cometa.

Tam raras, como em câmpo, já ceifado  
Pela adestrada mão da camponeza,  
Aparece de longe a longe o raro,  
Esquecido respigo.

De crimes e virtudes consta a historia;  
A fabula engenhosa os moralisa;  
Mas com força maior virtudes, crimes  
Dão ser, dão vida ao drama.

No drama se apresenta o crime infame,  
Indómito e feroz: porém lá chega  
O punhal sequioso de vinganças,  
E foi punido o crime!

Opprimida Virtude a scena piza,  
E ao proprio vicio lagrimas arranca:  
Mas lá chega o momento em que triumphas,  
Ou ao menos se vingas!

Attento espectador, hoje na scena  
Verás a hypocrisia refalsada,  
Calçar com impio pé a triste victima,  
Eugenia miseranda.

Pranteia o fado seu; enche esse peito  
De justa indignação contra o hypocrita;  
Que, invocando de Deus o sacro nome,  
Attentados medita.

Mas folga, espectador: lá cáe exangue  
O verdugo cruel... arqueja, morre  
Sem contrição talvez..., impio!! sua alma  
Nem conhece remorsos!!!

Exulta, espectador: a oppressa victima  
Do brutal amador quebrou seus ferros;  
Brandos laços d'amor vão ante as aras  
Premiar-lhe a virtude.

Vê, que sob essas vestes odiadas,  
Ainda que quasi sempre exista o crime,  
Tambem pôde abrigar-se alma, que adore  
As leis da natureza.

Agora, qual abelha industriosa,  
Pousando, alli, extrahê ás flores  
O dulcissimo mel, cauta evitando  
Mortiferos venenos.

Prudente espectador, tu colhe o fructo  
Dás lições de moral, que te apresenta  
O drama, que vincula o dôce ao util  
Em presenteiro quadro.

Louva a nossa tenção; desculpa os erros  
De quem a vez primeira sobe á scena:  
Instruir, recrear foi nosso intento,  
E será nossa gloria.

Porto, 22 de Junho de 1841.

NO ALBUM DA ILL.<sup>ma</sup> E EXC.<sup>ma</sup> S<sup>ra</sup> D. . . .

(SOROR DOLORES).

..... o dom da lyra  
— Di-lo-hei funesto ou chamar-lhe-hei ditoso?

A. GARRETT.

Pretendes, cantora, dar gloria a meus versos  
Neste livro teu?!

Concerta-me, ó anjo, ás cordas da lyra,  
Concede-me a harpa que branda suspira...  
Acordês do céu!

Teus hymnos são eccos de peito ferido!..  
Revelam teus hymnos o teu padecer!..  
—Tu cantas, qual cysne tam meigo, tam triste,  
Nas ribas do Eurotas, se cuida morrer!

Gemi de saudade na rocha do monte,  
Quando tinha amor!..  
Meus ais magoados, meus rudes lamentos,  
Lá hiam nas azas dos horridos ventos!  
— Não sou trovador.

Mas tu já cantaste — feliz cherubim!  
No canto celeste não tinhas eguaes!  
Agora que gemes, imitas a rôla;  
Carpindo sózinha, sentida nos ais!

Oh!.. as tuas mágoas serão... talvez penas  
D'acerbos amores?!..  
A vida que vives hirá sempre assim?!..  
Martyrios com ella só podem ter fim:  
Teu nome é = DOLORES!.. =

Teu fado, cantora? o estro sublime,  
Que, em paginas d'oiro, divino transluz!  
Sem estro não fôras a pomba dorida,  
Relevo com vida na base da cruz!

Quizera compôr-te uma endeixa! Não posso:  
— E quem ousará?!

Coração d'Archanjo não pôde um mortal  
Intender-lhe as ancias, carpir-lhe seu mal;  
Ninguém poderá.

Hirei ao mosteiro das candidas Virgens,  
Silencio das campas quebrar, uma vez;  
Passar o teu Album ás mãos d'um Finado,  
Que repita as trovás da mis'ra Ignez.

Nuno Maria de Sousa-Moura.

## Canto

(A EMILIA).

Sem teu amor, innocente,  
Era triste o meu viver!...  
Mas ora góso contente  
O mais fagueiro prazer.

Nesse teu gesto mimoso  
Vejo a ventura fulgir;  
Tu só tornaste ditoso  
Na terra o meu existir.

Fulgiste, mimosa estrella,  
Do mundo na escuridão;  
Vieste pura e tão bella  
Reinar no meu coração.

E o teu reinar em minh'alma,  
Oh! que nunca terá fim:  
Tu tens da victoria a palma;  
Ser escravo é só p'ra mim!

Mas é tão dôce, é tão grata,  
Esta minha escravidão,  
Que quanto mais se dilata,  
Mais me anima o coração!

.....

S.

## Agouros.

SONETO.

Ha tres noites me ladra no telhado  
Uma agoureira c'ruja, e pia um môcho;  
Logo que me levanto, encaro um côxo,  
E os bons dias me dá um corcovado.

Pelo dia adiante um mau olhado  
De arremêso me dá um torto e chôcho;  
Um calvo, ao pôr do sol, com boné rôxo  
Me faz um rapa-pé empaturrado.

Todos estes malditos agoureiros  
Sempre foram Aruspices dos mortos;  
E da hora fatal os mensageiros...

C'rujas, môchos, carcundas, côxos, tortos,  
E calvos — seus iguaes — são marinheiros,  
Que levam os baixéis, da morte, aos portos!!!

*Francisco Joaquim Bingre.*

## A Zagala.

Que linda que és, ó Zagala,  
Com tuas vestes de gala,  
Com teus sorrisos d'amor!  
Como és meiga! como és bella!  
Tu és, sim, a minha estrella,  
O sonho do trovador:  
Oh! quanto não é gentil  
O teu garbo senhoril!

E's, ó maga pegureira,  
E's, donosa feiticeira,  
Meu encanto e seducção;  
Quando vejo o teu enleio  
Em formoso devaneio  
Sinto ardente o coração,  
Elle é teu — sempre o será,  
Por ti só palpitará.

Mas porque foges, medrosa,  
Porque assim vas pressurosa  
Ostentando tal rigor?...



Teu coração é de nave,  
 Ou por ventura prescreve  
 Os dōces lagos d'amor?  
 Escuta.... ó linda cruel...  
 Ser-te-hei sempre fiel.

Mas, sorrindo, tu córaste?!...  
 Teu amor — me revelaste,  
 Mais não posso duvidar. —  
 Vem, oh! vem, gentil Zagala,  
 Teus loucos prejuizos cala,  
 Vem contente repousar,  
 Nos braços do trovador,  
 Que te off'rece um céu d'amor.

Olha, vá como é formoso  
 O rouxinol mavioso  
 Em seus acentos de dōr...  
 Ouve tambem a rolinha  
 Suspirando, coitadinha,  
 Tão ardente em seu amor....  
 — E do rio o murmurar  
 Não convida tanto a amar?...

Zagala! linda Zagala!  
 Se o prazer no peito falla  
 Porque vacillas então?...  
 Olha p'ra mim com ternura,  
 Vem para aquella espessura  
 Escutar meu coração....  
 Lá... sobre a relva a florir  
 Não vês tu amor sorrir?...

Caldas de Vizella — Junho de 1849.

A. P. Caldas.

Soneto

Ao verso = *Além da morte viverei contigo.* =

A vida que eu vivi... porque sempre ha-de  
 Esta lembrança esvoaçar-me na alma?  
 E' que eu colhia do martyrio a palma,  
 Quando tu me sorriste com bondade;

E como a lua affaga atroz saudade,  
 Como a briza menor estiva calma,  
 Assim minha tristeza e dōr acalma  
 O teu mago sorrir de divindade.

Adeus a gloria e a ambição nutrida  
 Entre aureos sonhos! A ti só bemdigo...  
 Vá para os céos minha alma á tua unida;

Nossos corpos esconda um só jazigo,  
 E se p'ra tanto amor é curta a vida,  
*Além da morte viverei contigo.*

J. S. da Silva Ferraz.

Amo tres.

Não queres aceditar  
 O que te eu disse uma vez,  
 Que presando tres mulheres  
 Sou constante á todas tres?

Pois olha: — Jurei a uma  
 De a outra beijos não dar;  
 A outra jurei de nunca  
 Em certa rua passar.

A' terceira um juramento  
 Fiz de nella acreditar;  
 E como isso nada custa  
 Não quiz inda perjurar.

E desta sorte, *menina*,  
 Que é mui verdade já vês,  
 Que eu presando tres mulheres,  
 Sou constante a todas tres.

16 de Fevereiro de 1851.

X.

**Anacreontica.**

Oh! quão feliz sou  
 Estando sentado  
 Sósinho, mui junto  
 Do meu bem amado!

Se um sorrir d'amor  
 Em os labios seus  
 Eu vejo brilhar  
 Me julgo nos ceus.

Porém se de Marcia  
 Ausente me vejo,  
 Immerso em saudade,  
 Deliro, doudejo.

Feliz quem podéra  
 Constante gozar  
 De Marcia os encantos,  
 Encantos sem par.

J. P.

**Charadas.**

1.<sup>a</sup>

Este Templo o mais Augusto  
 Entre Christãos apparece,  
 Onde o Santo Sacrificio  
 Com magestade s'offrece.

1

Deste Deos abrir o Templo,  
 Usavam entre os Romanos;  
 Quando p'ra a guerra partiam  
 Lá em mui remotos annos.

2

De Tiberio o vil Ministro,  
 Como tyranno acabou;  
 A' morte sentenciado  
 Já nas mãos do algoz findou.

2.<sup>a</sup>

Como altiva lá vem! ah! como em furias,  
 Parece vir á terra o fim trazer!  
 Mas quando mais feroz, então mais rapida  
 No excesso de vida a vês morret!

2

Oh! que linda não és! — cópia risonha!  
 D'uma terna affeição, d'um puro amor,  
 Suave inspiração, creador emblema  
 Dos poeticos céos do trovador!

2

E sózinho sem ti, cançada a vida,  
 Assim passa entre a dôr, entre a saudade;  
 Ou vêr-te, ao succumbir! mas ah! nem isso,  
 Que assim volve p'ra mim a eternidade.

EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE :

Charada — Republicano.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

**Canção.**

**B**OSQUE sombrio, sitio socegado,  
Onde da minha lyra acompahada,  
Soltei aos ares minha voz magoada,  
Os ecos despertando.

Manda o destino que de vós m'aparte,  
Obedeço submissa, mas saudosa,  
Pois que a voz da razão imperiosa,  
Me decide a partir.

Se alguns dias passei menos contente,  
Outros muitos gosei da liberdade,  
Do tumulto fatal que ama a vaidade,  
A falta não sentia.

Os campos que passeia a loura Ceres,  
Os fertes valles, ingremes outeiros,  
Os sitios povoados de pinheiros,  
Tudo me lembrará.

Que mil saudades lego a estes sitios,  
E a minha lyra, e antiga companheira,  
Exposta ao tempo deixo na palmeira,  
Que os ventos não receia.

Mais suas vozes não serão ouvidas  
Se algum vento atrevido as despertar,  
Podem sem m'offender então julgar,  
... Que são os meus suspiros.

Canção pede algum genio bemfazejo,  
Protector destes sitios venturosos,  
Que faço sempre aos males sobranceira  
A' Quinta da Ermigeira.

*Viscondessa de Balsemão*

D. CATHARINA.

*A' morte da Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria José  
de Lemos Palmeiro (\*).*

**Soneto.**

Já repousas no céo, alma innocente,  
Que a um divino rosto déste vida:  
Tenra flôr em botão, por Deus colhida,  
Teu viço durará eternamente.

Teu gôso, teu viver é permanente,  
Na gloria p'ra que fostes escolhida:  
Porém a tua perda tão sentida  
A' nossa dôr allivio não consente.

Aos mortaes a quem só ventura déste  
A paz, e alegria tu roubaste,  
Para volver-te a Deus, d'onde vieste.

(\*) A pedido de sua prima a Baronesa de Leiria.

Mas já que o triste mundo abandonaste,  
 Não te esqueça pedir, anjo celeste,  
 Por quem na terra, infeliz deixaste.

*D. Maria Candida P. V.*

Esta hora é tão saudosa,  
 Tão suave, e tão mimosa  
 A' alma do trovador,  
 O dia já vae findando,  
 As sombras vem assomando,  
 A aragem falla de amor.

De Mendonça a companhia  
 Distráe a melancolia,  
 Que pesa no coração;  
 Oh! doce, santa amizade,  
 Como dás a felicidade,  
 Ao menos na illusão.

Porto 29 d'Abril — 1850.

*D.....*

*Resposta.*

E' tão saudoso este instante,  
 Tão suave, e tão tocante,  
 Ao peito do trovador,  
 Vae findando a luz do dia,  
 Do crepusculo a luz sombria,  
 Recordar-me faz amor.

De Marilia a companhia  
 Produz candida alegria,  
 No sensível coração:  
 Oh! terna cara amizade,  
 Amo-te a suavidade,  
 E's real, não illusão.

30 de Abril de 1850.

*Figueira d'Alcovedo.*

**Ultima esperanza.**

*A ANGELA...*

In the desert a fountain is springing,  
 In the wide waste there still is a tree,  
 And a bird in the solitude singing  
 Which speaks to my spirit of thee.

LONG BYRON.

Em vão minha alma desespera ás vezes,  
 Os tristes eccos a escutar da dôr;  
 Pois o passado com fataes revêzes  
 Me fez perder as illusões no amor...

Embora! eu sinto reviver-me na alma  
 Uma esperanza qual jámais nutri;  
 E arrojéi longe do soffrer a palma  
 Desde que, ó anjo, eu te encontrei... a tí.

Quando no mundo procurei ancñado  
 Um coração que respondesse ao meu,  
 Por mais de uns olhos eu quiz ser olhado,  
 E mais de um labio prometteu-me... o céu...

Nenhuma o triste com paixão amára —  
 De affectos puros só traições colhi:  
 Mas o amor puro qual o eu sonhára —  
 Mas o amor de anjo — só achei em tí.

Da gloria o sonho me embalou o berço,  
 Mas desse sonho despertei tambem;  
 — Viver contigo na ventura immerso —  
 A mente agora outro sonhar não tem:  
 Infundo sonho mais feliz — mais ballo  
 Que todos quantos com fervôr nutri!  
 Por elle vivo — e morrerei no anhelo  
 De lá no céu o realisar em tí.

Se não está meu coração já gasto  
 Da dôr passada — do cruel soffrer,  
 Se sentir pode de um affecto casto  
 Ainda enlêvos — emoções — praser...

Oh! será teu esse sentir fervente —  
 Esse crêr puro como d'antes cri;  
 E aqui no peito o coração contente  
 Pulsações fortes terá só p'ra ti.

Se o alaúde que estas dôr's pranteia  
 Póde inda cantos modular de fé —  
 Se perder póde do passado a idéa,  
 Que á mente surge qual fantasma em pé.

Como os desta alma sentimentos santos  
 Que vêem de novo ao coração... aqui...

Tambem seus ledos ou prantivos cantos  
 Serão só teus, pois que virão de ti.

Porém que importa fosse eu já descrente  
 Por mais de um ente me trahir fallaz;  
 Se de teus olhos o fallar não mente —  
 Se o teu sorrir quietação me traz.

Um bello sonho me desperta n'alma  
 Vagos reflexos do que já senti;  
 E esse sonhar que ao meu viver dá calma  
 Tenho-o, ó anjo, tenho-o só por ti.

E' este o élo que me prende á vida,  
 Quebrado o qual não quererei viver;  
 Sem o rocío da manhã querida  
 Tambem a flôr sentir-se-ha morrer —

Sem luz do sol fulgir não póde a lua,  
 Nem a campina c'o verdôr sorrir —

A minha sorte está unida á tua,  
 Pois eu viver não poderei sem ti.

Final esp'rança que em meu peito mora,  
 Os eccos tristes fez calar da dôr.

De um novo dia já raiou a aurora —  
 Já a luz se expande que respira amôr:

Inda uma fonte no deserto brota;  
 Inda uma palma no areal florí;

Inda uma ave na soidão remota  
 Me faz, cantando, meditar em ti.

Porto 22 de Fevereiro de 1851.

J. S. da Silva Ferraz.

Parodia.

Se eu fôra poeta cantára em meus versos,  
 Teus almos sorrisos, virtude sem par;  
 De luz inundára teu rosto adorado,  
 Se eu fôra das noites formoso luar.

Se eu fôra pintor verteria na téla,  
 A imagem que sei no meu peito guardar;  
 Se eu fôra guerreiro, á frente dos bravos,  
 Iria nas lutas por ti batalhar.

Se eu fôra das auras a aura mais branda,  
 Em tôrno de tí eu quizera adejar;  
 Se eu fôra do mar linda vaga azulada,  
 Teus pés eu viria na praia beijar.

Se eu fôra um suspiro do peito nascido,  
 D'amor os mysterios te hiria contar;  
 Se eu fôra uma rosa mui linda e nevada,  
 Teus negros cabellos quizera adornar.

Mas eu não sou aura, poeta, ou guerreiro,  
 Nem vaga, suspiro, nem rosa ou luar —  
 Sou homem que tenho na frente estampado  
 O sulco profundo d'um longo pensar.

A. P. Caldas.

Aos annos

DE MINHA IRMÃ A SENHORA

D. Adotinda Emilia de Faria Azevedo.

Ah! brinta, folga, e que o mundo  
 Não t'empine o que eu já sei  
 (A. Lima)

Mais um anno!.. eis tão viçosa  
 Já tão linda, e tão formosa.

\*

Essa aljofarada rosa  
 Que eu inda vi em botão :  
 Entre as auras embalada  
 Ao nascer da madrugada  
 Por Deus foste abençoada,  
 Que te deu mago condão.

D'ũa mãe no casto seio  
 De ternura todo cheio  
 Tu nasceste — e sem receio  
 Vês o mundo a negrejar ;  
 Em tórno de ti rebenta  
 Das paixões a vil tormenta,  
 Mas em balde! — que te alenta  
 Um carvalho secular.

E's qual louco passarinho  
 Que brincando n'um raminho  
 Busca prestes o seu ninho  
 Quando vê o sol morrer :  
 Mas lá quando nasce a aurora,  
 Do crepusculo á meiga hora  
 Ei-lo ahí que se enamora  
 Pelo espaço a discorrer.

Gosa — gosa da existencia,  
 Que os encantos da innocencia  
 Murcha-os breve a experiencia  
 Co'o desengano fatal!  
 Muitas vezes a bonina  
 Que veveja na campina,  
 Já sem brilho a fronte inclina  
 Ao sôpro do vendaal.

Queira o céo que n'um bafejo  
 Não te vá crestar um beijo,  
 Desbotando a côr do pejo  
 Que nas faces te reluz :  
 Oxalá que mão impura  
 Não recalque d'amargura  
 Os teus dias de ventura,  
 Do martyrio com a cruz.

Hoje ainda és tu donzella,  
 Innocente, casta, e bella —  
 E's qual timida gazella  
 Que uma aragem faz tremer :  
 A'manhã talvez!... quem sabe?  
 Póde um *nada* que desabe  
 Vir ferir-te — que não cabe  
 Na ventura eterna ser.

Porto 27 de Fevereiro de 1861.

*A. F. Carneiro.*

### Sophia.

Aimons au moment du réveil ;  
 Aimons au lever de l'aurore ;  
 Aimons au coucher du soleil ;  
 Durant la nuit aimons encore.  
 SAPHO.

Sophia — mulher ou anjo —  
 Que me fizeste acordar  
 Dos sonhos d'idealismo . . . .  
 Ouve meu pobre cantar :  
 Não queiras no scepticismo  
 Fazer-me a vida murchar.

Sophia — mulher ou anjo —  
 E's na terra um céo d'amor,  
 Tuas graças, teus encantos,  
 Dão allivio á minha dôr.

Sophia — tão lindo nome  
 Como posso eu esquecer ?  
 Se a inspiração que me deste  
 Fez no peito amor nascer !

Sophia — jura . . . eu te peço —  
 Férvido amor acceitar ;  
 Que eu te juro — para sempre —  
 Teu amor não olvidar.

Sophia — mulher ou anjo —  
 Que me fizeste acordar  
 Dos sonhos d'idealismo,  
 Vem meu soffrer minorar:  
 Não queiras no scepticismo  
 Fazer-me a vida murchar.

Fevereiro 24 de 1851.

N. Lima.

---

Nas Caldas de S. Jorge.

Eu abomino as cidades,  
 Essa turba delirante,  
 Esse mundo trêdo e falso,  
 Que chamam mundo brilhante.

Desprêso-lhe o seu orgulho,  
 O seu oiro, os seus brazões,  
 As soberbas equipagens,  
 Os seus immensos salões.

Enojam-me as suas polkas,  
 Seus estupidos *Leões*;  
 Seus ridiculos tregeitos,  
 Suas vis adulações.

Amo a casinha d'aldéa,  
 Amo do prado a verdura,  
 Amo o limpido regato,  
 Amo do bosque a espessura.

Encanta-me ouvir no monte  
 O cordeirinho a balar;  
 Encanta-me ouvir a rôla,  
 Nos pinheiros a rolar.

Gósto da rustica ponte  
 Sobre o ribeiro lançada;  
 Amo a casinha do moinho,  
 De leve palha colmada.

Apraz-me a lida da caça,  
 Gósto da pesca do rio,  
 Apraz-me ouvir as *cachópas*  
 A cantar ao desafio.

Apraz-me a rega do milho,  
 Gósto de vê-lo cegar;  
 E da *malha* do centeio,  
 D'*arrigada* do linhar.

Gósto d'ouvir o zagal  
 Na viola a descantar,  
 Amo a *chula*, a *ramaldeira*,  
 A *canna verde no mar*.

A. Montciro.

---

Nenia

*Pela morte do Sr. José Homem Corrêa Telles.*

Fidelis omnia mandata ejus;  
 confirmata in saeculum saeculi,  
 facta in veritate et sequitate.

PSALM. 110. v. 8.º

Como o sol que resplende em seu occaso,  
 Deixando ondas de luz do mar na estancia,  
 Que, soberba, o encerra;  
 Eterna brilhará a tua gloria:  
 Teus pensamentos serão facto ao mundo,  
 Honrando a patria terra!

Vergaste ao sôpro da terrível morte,  
 Legislador profundo, homem sublime,  
 Teu corpo em terra jaz!  
 No pó, que ennobreceste, eis-te envolvido,  
 Para mais não voltar do mundo á face,  
 Mas, oh! descança em paz!...

A's cinzas tuas dão tributo amigo  
 Tua esposa fiel, e a filha cara,  
 Portentos de piedade!  
 E os bons amigos teus suspiram, choram,  
 Que tu deixaste-os só, transpondo o termo  
 Da vida á eternidade!

Descança em teu jazigo, onde se acoitam,  
 Depois do affan da vida, os tristes restos,  
 Do despôjo mortal!  
 Repoisa ahi p'ra sempre! Entanto a Fama  
 Na Europa bradará — « E' morto um Sabio  
 Primor de Portugal! »

.....

E sabio, e justo, e grande, e recto, e probro  
 Pagou tributo ao Ser, deixando a vida;  
 E foi gosar dos céus!  
 Nós todos vamos, pois, lamento eterno  
 Depositar na campa, e por su'alma  
 Orar ao Senhor Deus!

Vamos lagrimas dar-lhe, encher de flores  
 O mausoléu que o guarda... Adeus extremo  
 Alli lhe vamos dar.  
 Sobre a lousa que cobre o homem justo  
 D'amizade protestos permanentes  
 Vamos já renovar.

Choremos, patria, choremos,  
 Que este pranto que vertemos  
 Bem merecido e justo é!  
 Com resignação rezemos

Ante a cruz que temós fé,  
 Ao Deus justo e excellente  
 P'lo cidadão clemente,  
 Rezemos prece fervente  
 Do seu tumulo ao pé.

Senhor Deus, tu que privaste  
 A terra, que tanto amaste  
 Do seu mais vivo pharol,  
 Tu, que eterno eclipsaste  
 Da sciencia o ardente sol...  
 Oh! quizeste-o erguer ahi  
 A Teu Throno junto a Ti,  
 Onde elle fulge, e sorri  
 Qual matulino arrebol?

Descança, Homem, descança:  
 Que nós temos viva esp'rança  
 Na eternidade, e em Deus!  
 Temos bemaventurança  
 Lá nas alturas dos céus!  
 A nossa alma é immortal,  
 A Gloria é eternal,  
 Onde, liberto do mal,  
 Gosarás dos premios teus.

Sobre a tua sepultura  
 Minh'alma toda tristura,  
 Toda luto, e mágoa, e dó;  
 Nessa pedra, que é tão dura  
 Vae sagrar dois versos só;  
 A esse genio fecundo,  
 Versos que digam ao mundo:  
 « O legislador profundo  
 « Não é mais que cinza e pó! »

Agueda, 7 de Maio de 1850.

José Maria Velloso.



o beijo.

Mucho demandas!  
Poco pedi;  
Quieres un beso?  
Dame-lo si.

MARTINES DE LA ROZA.

Dás-me um beijo? — se mo deres  
Dou-te em troca o coração;  
    « Dou-te tudo o que quizeres,  
    « Mas isso não posso — não. »  
Mas porque?! — deixei de amar-te?  
Tenho, acaso, outra affeição?  
    « Não, mas podes ir gabar-te,  
    « Por isso não to dou — não. »  
Outro beijo já me déstes;  
E fui eu dizê-lo então?  
    « Não me importa o que fizestes,  
    « Agora não to dou — não. »  
Vê-me a teus pés delirante....  
Nem assim tens compaixão!  
    « Se me juras ser constante  
    « Dou-te o beijo, aliás — não. »  
Juro cumprir teu desejo...  
Depressa.... por compaixão!...  
    « Pois está bom: toma o beijo....  
    « Mas não vás dizê-lo — não! »

15 de Janeiro de 1851.

P. S.

A uns annos.

Tu não ouves o mar, que bramindo  
Vem na praia quebrar seu furor?  
Tu não vês a violeta florindo,  
Das campinas por entre o verdor?

Não escutas a voz maviosa  
Do sentido cantor da soidão,  
A que a briza lá vae vaporosa,  
Bem ao longe levar a canção?

Tu não vês, nesse espaço azulado,  
Refulgindo do sol o fulgôr,  
Que lá vae, sobre o monte elevado,  
Desdobrar o botão d'uma flôr?

Tu não ouves o meigo cicio  
Da fontinha, que banha o rosal,  
E que, junto ao cypreste sombrio,  
Fôrma um lago de puro crystal?

Tu não sentes a briza fagueira  
Tuas faces, tão lindas, beijar,  
E de novo já vir prazenteira  
Nos teus lábios mimosos pousar?

Tu não ouves a trova singela,  
Que na mente creára o cantor,  
Cuja lyra por ti só revela  
Uma esp'rança nascida de amor?

E' que tudo que existe no mundo  
Vem comigo teus annos saudar!  
Tudo tem um desejo profundo  
De te vêr cá na terra a brilhar.

Gosa pois nesta vida, formosa,  
Mil venturas, que o bardo não tem,  
Mas em troca consente bondosa  
Que eu te adore, meu anjo, também.

8 de Fevereiro.

S.

**A Orgulhosa.**

Que illusão, e cegueira, e loucura  
Do poeta não era o pensar,  
Que cegueira não era a do Bardo  
Qu'rer o amor da mulher alcançar.

A. MANUEZ.

Pulsa, oh Bardo, com dôr, com sentimento  
O rude bandolim,  
E repelle do seio essa orgulhosa  
Que timbra — deshumana! em ser vaidosa,  
Que tenta dar-te fim.

Despresa o seu poder, os seus encantos  
Cheios de mesquinhez,  
Essas vaidosas galas mui douradas  
De manchas invisíveis tão colmadas,  
Cobertas com dobrez.

Fulmina fortemente essa perversa  
Em seu perjuro amor;  
Qu'astuta o coração meiga t'afaga  
Para te perseguir como uma praga  
Com seu fel e rancor.

Desvenda com teu canto o moço imbelles  
Que crê no seu sorrir;  
Que palpitante, alegre, assoberbado  
Aviventa no peito com cuidado  
Mentiroso porvir.

Esconjurada seja dos humanos  
Esta mulher venal,  
Ingrata, e tão perversa, e tão maldita,  
Que se jacta — oh horror! de ser perita  
Em espalhar o mal.

Vomitem já os céos raios aos centos  
Com fulgente clarão;  
Horrorisada trema — e sem jazigo  
Pereça esta mulher — não ache abrigo  
Nem n'ô seu coração!

Abra-se a terra — trague esta inconstante  
Que folga de viver,

Para matar d'amor triste proscripto  
Que se chora por vêr no peito escripto  
« Tens de morrer! »

Arroja d'encontrão sobre essas rochas  
Oh turbulento mar,  
E balouce o seu peito de revolto  
Como as vagas fermentes, quando solto  
Vem nas praias bramar.

Descarrega, *Senhor*, nesta orgulhosa,  
Hoje fa-la sentir,  
Um castigo tamanho e tão tremendo  
Qu'eu mesmo que t'ô invoco, e recomendo  
Trema, e pasme d'ouvir!

Enruga as suas faces... suas tranças  
Faz do vento quebrar;  
A seus olhos gentís some a belleza,  
E raivosa d'assombro, e de tristeza  
Vá nas campas chorar!

A. Azevedo.

**Charada.**

Cançado viajante, a quem opprimem, }  
Da Lybia adusta no esteril chão, }  
A séde afflictiva, a calma intensa, }  
P'ra de mim se queixar, não tem razão. } 2

Se diff'rença ha de mim á grande herdade, }  
Na materia não é, sim no tamanho: }  
Como ella, produzo os dons de Ceres; }  
E, como nella, em mim pasce o rebanho. } 2

Quem ás charadas  
Tem aversão,  
Por tal reputa,  
(Mas sem razão),  
Este trabalho  
De as fazer,  
E o, que temos,  
P'ra as resolver.

EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:

Charadas — 1.<sup>a</sup> Sejano — 2.<sup>a</sup> Vagarosa.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

## Silencio!

**E**SSÉ ecco, que se ouvia  
 Gemer na melancolia,  
 Dolorosa inspiração,  
 Para sempre emmudeceu;  
 Que a mágoa, que voz lhe deu,  
 Fechou-se no coração!

Dias d'amor, e ventura,  
 Dos evos á sepultura  
 Nunca mais irá chorar  
 Em saudosa melodia;  
 Como o cysne n'agonia,  
 Quando a vida vae deixar.

Nem jámais, do meu porvir,  
 Ha-de presagios carpir  
 Em convulsiva expressão;  
 Qual a Sybilla inspirada,  
 Sobre a trípede, anciada,  
 Revelando a predição.

O vate da primavera,  
 Mago abril, que em tudo gera  
 Encantadora harmonia,  
 Já nem brando som lhe extrai,  
 Fugitivo, como um ai,  
 De lembranças d'algum dia.

A bella, candida rosa,  
 Que em sua tyge orgulhosa,  
 Requestava a viração,  
 Murchou, e no chão rojada,  
 Sendo della idolatrada,  
 Não lhe move compaixão.

Dôce luz, sentimental,  
 Que em redoma de crystal,  
 Entre os véos da noite escura  
 O anjo d'amor accende,  
 Não lhe inspira, nem desprende  
 Um suspiro de ternura.

Era o ecco de saudade  
 De sonhada f'licidade...  
 Que sonhada só podia  
 Em mortal peito caber...  
 Emmudeceu-a o dever,  
 O dever... a tyrannia!

## ● Desgarrado.

Oh céos! que noite é esta tão sombria?..  
 Ah! finde bem depressa, e volva o dia,  
 Que as almas timoratas assocega;  
 E não é (como agora) a gente cega.  
 Meu Deus, ah!.. não... acaba uma tal noite...  
 (E nem uma choupana em que me acoite!)

Lá ouço as monotonas badaladas,  
 Que doze horas marcam bem contadas.  
 A meio a noite vae, e eu sósinho,  
 Sem conhecer as voltas do caminho:  
 No campanario escuto a coruja,  
 Que parece dizer-me = Fuja . . . fuja! =  
 E grasna um côrvo lá não sei aonde,  
 E logo outro côrvo lhe responde.  
 Um môcho no pinhal está gemendo  
 Desgraças e desastres predizendo:  
 Tambem negro rafeiro uivar escuto,  
 Annúncio de pesares, morte e luto.

Ah! quem soccorre  
 Este mesquinho,  
 Que não encontra  
 O seu caminho?

Mas ouço passos  
 Lá no montado . . . .  
 Socorro aqui  
 A um desgarrado!..

Ah! não são passos  
 De humano pé;  
 Se vem alguém,  
 Vivo não é.

Talvez o vento  
 Nessas charnecas  
 Redemoínhando  
 As folhas seccas,

Fingisse passos,  
 Mesmo gemidos,  
 Que perturbaram  
 Os meus sentidos!

Ai de mim pobre coitado!  
 Quem me acudirá agora,  
 Em noite tão denegrada,  
 Nesta tão mefina hora?..

Perde o susto, ó viandante,  
 Acharás além abrigo.  
 Quem se enerva com temores  
 Chama a si distante p'riço.

Um coração corajoso,  
 Bem que pequeno pareça,  
 Vale mais que um braço longo,  
 E que uma grande cabeça.

22 de Novembro de 1850.

*Maria P. S.*

Quando o dia já declina,  
 E o sol pállido illumina  
 Só o cume da collina,  
 Que se veste de aurea côr,  
 Olha a candida bonina  
 Como agora a fronte inclina,  
 Como agora sente dôr!

E depois que na espessura  
 Livre a briza já murmura,  
 E, de todo, não fulgura  
 Do sol raio abrasador,  
 Não ouvis soltar tam pura  
 Maga nota de tristura  
 Ao alado trovador?

Para mim já quasi é findo  
 Esse dia de amor lindo . . .  
 Para mim oh! já é vindo  
 O crepusculo do amor . . .  
 — Qual a fôr — me vou carpiando  
 E nos cantos exprimindo  
 — Qual o rouxinol — a dôr.

*J. S. da Silva Ferraz.*

**As minhas lagrimas!**

**À MEMORIA DE MINHA MÃE.**

Aos anjos que andam na terra  
Dá-lhes Deus bem curta vida.

L. A. X. PALMEIRIM.

Que eras do céu, não da terra  
Bem m'ò disse o coração.

A. F. MOUTINHO.

Com as lagrimas nos olhos,  
Com a dôr no coração,  
Vou soltar da triste lyra  
A minha triste canção.  
— E' singela, tão sentida  
Como os ais da solidão—  
Mas ardente, abrasadora,  
Como a dôr do coração!

Dentro d'alma foi nascida,  
— Foi a dôr que m'a inspirou;  
— Foi acerba saudade  
Que no peito m'a gerou;  
— Foi a benção derradeira  
Que minha Mãe me lançou!....  
— Foi a dôr, a — dôr immensa —  
Que este canto me inspirou.

Minha Mãe?!... primeiro nome  
Que a sorrir balbuciei!  
Minha Mãe?!... doce harmonia  
Que jámais olvidarei!  
Eu, por ella, a santa crença  
No meu peito acalentei—  
— Mãe, e Deus!.. foram os nomes  
Que o sorrir balbuciei.

Minha Mãe! oh minha amiga!  
Meu primeiro e santo amor!  
Para mim foste na vida  
Mais que um Anjo do Senhor!  
— Quantas vezes, no teu peito,

Escondi a minha dôr...

— Mãe! oh Mãe! tu foste sempre  
Meu primeiro e santo amor.

Sempre meiga e carinhosa  
Vi o teu pranto correr....  
Dôce pranto que soltavas  
A' voz do meu padecer....  
Eras Mãe!.. só tu podias  
Minhas mágoas compr'ender,..  
Ah!.. mil vezes c'ò meu pranto  
Vi o teu pranto correr.

.....  
Amor de Mãe?!.. amor santo—  
Ai de mim! já o perdi!  
E como elle tão sagrado,  
Nunca, nunca o conheci—  
— Ha muito amor, nesta vida,  
Mas, tão puro — nunca o vi;  
— Amor de Mãe!! — conheci-o  
Só depois.... quando o perdi!

.....  
E perdi-o!... sim, no mundo  
Ao desamparo fiquei....  
Foram lagrimas de fogo,  
Lagrimas que então chorei....  
De joelhos sobre a campa,  
— « Mãe! oh Mãe! » — por tí bradei:  
Mas de balde... não me ouvias...  
Ao desamparo fiquei!...

Mãe! oh Mãe!.. Adeus... eu calo...  
Mais não póde o coração!  
Expirou... morreu nos labios...  
A minha triste canção!  
— Só ao longe inda a repetem  
Os eccos da solidão—  
— Só no peito — existe sempre—  
Como a dôr no coração!

Novembro de 1850.

A. P. Caldas.

\*

## A Viuva.

A \* \* \*

São teus os carmes, que escrevo,  
Teus, meu anjo inspirador!  
Tu m'inspiras na alegria,  
Tambem m'inspiras na dôr.

\* \* \*

## I.

A donzella, gentil de seus encantos,  
Em casa de seus páes, farta, mimosa,  
Vivera virgem casta d'innocencia.  
Anhelante de crenças vê delicias  
Nos quadros, que lhe alindam aureos sonhos  
Embalados por mão da virgindade.

Melindrosa, córava quando ouvia  
Estranhos galanteios, que não eram  
As frases de seu páe, não perfumadas  
D'um ether seductor, que a perturbava.  
Quizera ella, outra vez não mais ouvi-las;  
E nesse esforço vão luctava, e, debil,  
Deixava-se prender nos laços meigos  
Das caricias d'amor, ebrio d'incensos.

Amou. Viva paixão ella inspirara  
Em mancebo formoso de virtudes,  
De genio, de feições, d'altos alentos.  
Foi delle ante o altar. Alli, tão linda,  
Curvada aos pés da cruz, arfa-lhe o seio,  
As faces virginaes são côr dos labios,  
E a mão, que aperta a mão feliz do esposo,  
Estremece... porque?.....  
..... Mysterios d'alma!....

## II.

Tão feliz, nos braços delle,  
Aquella meiga consorte  
Scismava tanto na vida  
Tão longe estava da morte!...

Não lhe pungia a saudade  
Da singela mocidade  
Nem dos carinhos da mãe!  
Seu coração não podia  
Tanto amor, tanta poesia,  
Repartir por mais alguém.

As frescas rosas da face  
Não lh'as murchara o tufão  
Da tempestade que passa  
E desfolha uma illusão.  
Dera-lhe o céu piedoso,  
D'entre os seus anjos, o esposo  
Para todo o seu viver!...  
Só pedia a Deus — na morte  
Lhe coubesse a ella em sorte,  
Primeiro que elle, morrer.

Que importava o laço augusto,  
Que a cingira ante o altar  
Ao mais leal dos maridos,  
Que lhe não déra um pesar?  
Desgraçada!... ella só tinha  
Seu dominio de rainha  
Sobre um nobre coração:  
Mas se o *alarma* das batalhas  
Rugir ao trom das metralhas  
Quem lhe respeita a paixão?

Seu marido... esse não pôde  
Que jurou bandeiras já:  
Pela honra d'um partido  
Em que *crê* á guerra irá.  
Irá no campo onde a lucta  
E' d'irmãos feroz disputa  
Ser um cadaver, talvez....  
Mas ceder aos prantos della...  
Trepidar ante a procella...  
Isso não — que é portuguez.

Nem dos tenros dois filhinhos  
Podem lagrimas valer:

Diz que o nobre amor da patria  
 Não permite filhos ter.  
 Diz que a patria geme escrava,  
 E que o solo, onde ella crava  
 Da *liberdade* o pendão,  
 Deve ser honrosa lousa  
 Onde vá carpir-se a esposa,  
 Livre já da escravidão.

E partira. Nesse dia  
 De dorido e acerbo adeus,  
 Joelhara a mãe e os filhos  
 De mãos erguidas aos céos.  
 Pelo páe mais carinhoso,  
 Pelo mais amado esposo  
 Choravam juntos da cruz:  
 Pranto de sangue chorava  
 A mãe que os filhos mostrava  
 A' VIRGEM, mãe de JESUS.

## III.

Ao sopro fervente dos campos da morte  
 Lá marcham soldados heroes tantos mil!...  
 Accêso se abraçam nos seios da patria  
 Os odios malditos da guerra civil!

Dos braços da esposa, que o susto apavora,  
 O páe de seus filhos a guerra usurpou;  
 Dos braços maternos a mão da desgraça  
 O filho, que extremo lhe resta, arrancou.

Intrigas perversas de nobres traidores  
 No sangue se nutrem da patria commum:  
 Que mostrem nas faces o sangue que vertem  
 Os grandes que os odios inflammam? — nenhum!

Quem pende a cabeça no chão mutilada,  
 Quem sente no peito uma bala a ferver,  
 — E' esse que a lei roja em nome da patria,  
 Qual rez no açougue da patria a morrer.

E' esse, que arbitrio não teve — o soldado —  
 Se a voz prepotente d'um grande bradou!  
 E' esse que um soldo escravisa a caprichos,  
 E em nome da patria bastarda expirou.

Ao sopro fervente dos campos da morte  
 Lá marcham soldados heroes tantos mil!...  
 Accêso se abraçam nos seios da patria  
 Os odios malditos da guerra civil.

## IV.

Desfraldam-se estandartes salpicados  
 De sangue fraticida!  
 No campo frente a frente, pavorosos,  
 Dois bandos vão travar, vertiginosos,  
 Questão de morte ou vida!

D'um lado é portuguez quem brande a espada  
 Em nome do seu REI.  
 Alli, não vêdes só rojar-se um 'scravo  
 Aos pés de seu senhor... — vêdes um bravo  
 Que morre pela LEI.

Tambem é portuguez quem vibra o ferro  
 A' voz de LIBERDADE!  
 Mentidas illusões, mentida palma,  
 Freneticas paixões lhe accendem n'alma  
 Baldada heroicidade!...

Cruzam-se as balas — estridor confuso  
 Retumba o arraial  
 Fremente escarva o andaluz irado  
 O fosso onde seu dono ensanguentado  
 O ai soltou final!

Além, naquelle cêrro, o peito aperta,  
 Nas contorsões da dôr,

Um mancebo gentil, que vê, na morte  
Myrrados labios d'infeliz consorte  
Dar-lhe um beijo d'amor.

No collo della, dois filhinhos caros  
Banhados de chorar...  
Dois orphãos desvalidos, miserandos,  
Que irão pedir esmola a um dos bandos  
Que um dia triumphar.

Mil turbidos fantasmas lhe revoltam  
A mente allucinada...  
Em seus labios febrís um nome esvoaça,  
Um beijo... extremo adeus do que trespassa  
A' esposa angustiada!...

Lá tem na frente a c'roa do guerreiro...  
— E' do sangue d'irmãos! —  
E a frente vacillou... já sente o forte  
Geladas bagas do suor da morte  
Nas já convulsas mãos.

E as mãos convulsas levantando a **CHRISTO**,  
Em segredo rezou...  
— Legára os filhos seus á Providencia?  
— Pedíra para a esposa a Deus clemencia?  
Quem sabe?... Elle expirou!

## V.

Orgulhosos castellos ostentam  
As bandeiras do seu vencedor:  
Borrifadas as faces de sangue  
Vem na paz pedir premio ao valor.

Foram fartos os premios que deram  
As mãos largas de quem triumphou...  
E dos mortos que os vermes roeram...  
Eram mortos... — ninguem se lembrou!

Vão nos campos heroicos da guerra,  
Onde jazem as cinzas do heroe,  
Vão seus filhos ás urzes da terra...  
Perguntar — o seu leito onde foi?!

Nem um pobre vestigio de lousa,  
Nem nas trevas do olvido uma luz,  
Nem legenda que diga — *repousa*  
*Um christão ao sopé desta cruz!*

Ai dos vivos, que os mortos não erguem  
Mais a frente que a espada rasgou;  
Nem infamias de vivos perseguem  
Quem na morte heroismos legou!

Ai da esposa, dos filhos, que vagam  
Dando um nome, que grande já foi...  
Mas que importa, se insultos lhes pagam  
Do soldado as façanhas de heroe!

## VI.

Depois do anoitecer — envergonhada,  
Vos pede a parca esmola a mãe d'uns filhos,  
Que perderam seu páe —  
Erguei-lhe o véo de dó — vêde-lhe a face  
Lacerada da fome, e o pranto amargo  
Que nas faces lhe cáe!..

Viuva... sem recursos... sem parentes  
Um amparo, que tinha — o seu marido  
Nas batalhas morreu!...  
Passageiro, que vaes, não tens que dar-lhe,  
Não tens um só ceutil?... mas dê-lhe a esmola  
Essa mão que venceu.

As migalhas da mesa, os vossos restos,  
Lançaes-os a dois orphãos que mendigam  
Da fome o negro pão...  
Vós, grandes que subistes á grandeza  
Por cima do cadaver do soldado,  
Vergae á compaixão!



Manhã... morta, talvez, a mãe que os chora,  
 Ingratos, que fareis dos pobres filhos  
 D'um nobre militar!  
 Deixa-los-heis passar, lividos, rotos,  
 Descrentes, sem pudôr, mortos d'esp'rança  
 No roubo o pão buscar?

Irão, irão, que a mãe na sepultura  
 Esquecida por vós, martyr d'affrontas,  
 Seus filhos não verá...  
 No tribunal de DEUS... sois vós e ella...  
 — Mas as contas que encerram crime e infamia—  
 Quem é que as saldará?!...

*Camillo Castello Branco.*

**Soneto.**

NO MEU LIVRO INTIMO.

Vivi d'esp'ranças — ria, e suspirava  
 Na doirada illusão, que m'envolvia —  
 Esp'rava no futuro achar um dia,  
 Que me pagasse a dôr, que alimentava.

Na lyra, que adorei, então cantava,  
 Depois do pôr do sol, a luz sombria,  
 A terra; o mar, os céos, e quanto via;  
 E toda a natureza idolatrava!

Passou o engano alfim — rasgou-se o véo;  
 E do livro do Fado em folha escura  
 Escripta me mostrou a voz de réo!

Ao réo do Fado, pois, cabe a tristura,  
 Já nem creio nos bens vindos do céu,  
 Só creio no meu Deus... na sepultura!

Janeiro 20 de 1851.

*José Maria Velloso.*

**A morte de meu irmão.**

Eu — mesquinho cantor que nunca a harpa  
 Inspirado travei;  
 Um canto não mentido — como eu, rude —  
 Ao irmão tecerei.

Ao humilde cantor, ó tu tam grande,  
 Perdôa o infimo canto!  
 De saudade e pesar o humilde grito —  
 Mas bem que humilde, sancto.

Quando — sudario immenso de cadaver —  
 De outr'ora no gigante  
 Da lua o refulgir, saudoso e triste  
 Se estender tremulante;

Quando em horas de mêdos — de terrores  
 O homem repouisar;  
 Eu — que o homem desprezô destas eras  
 Me irei a divagar.

E pararei no campo dos sepulchros  
 — Com a lua alvejando —  
 E na campa que eu sei — que eu só conheço  
 Me sentarei chorando.

E o hymno do homem de sublime engenho  
 Do irmão entoarei,  
 Nas campas em que dorme quêdo o homem  
 Das creaturas rei.

E o vento só, silvando entre os cyprestes,  
 Ouvirá meus gemidos,  
 Ou o môcho que solta agudos pios  
 Remedando ais sentidos.

Morte, filha do inferno, em teu regaço,  
 Um genio acalentaste —  
 Misero! de homens vis fugindo ao odio,  
 Só seus braços achaste!

Qual meteóro em tormentosa noite,  
Brilhaste um só momento:  
Um raio deslumbrante vespediste,  
Sumiu-te em breve o vento.

Quando a c'róa delouros e do engenho  
Já te cercava a frente;  
Quando o genio — de Deus presente immenso  
Já te escaldava a mente;

Quando — sorrindo á vida que se abria  
Para ti tam formosa —  
Tecias hymno — estreia de obras primas,  
Estreia primorosa;

A morte disparou seu fundo golpe,  
A cabeça pendeste;  
Os louros tam viçosos se murcharam  
E a voz emmudeceste.

Exulta, inveja! exulta em teus tripudios  
De gosos inhumanos!  
Que o tumulo occultou um grande engenho  
Na aurora de seus annos.

.....  
Na escuridão da campá dorme em paz  
O teu somno profundo...  
Repoisa em quanto os homens de descrever  
Se embatem cá no mundo.

Feliz é abi teu somno! assim o fôra  
O meu que inda ha-de ser! —  
Que t'o embala a gloria — o nome grande  
Que deixaste ao morrer!

E a mim que não possúo nome — gloria  
Quem me ha-de prantear?  
Quem virá alta noite a minha campá  
De lagrimas banhar?

Adeus oh! s'eu podéra junto a ti  
A existencia passar!!!!  
Talvez... e Deus o sabe, em breves dias  
Vá comtigo habitar.

Quando eu fôr já extinto — quem sentido  
Se lembrará de mim?  
Só dois unicos entes nesta vida  
Chorarão... esses sim.

H. A. de Sousa.

### Charada.

Do salso e verde mar, que banha as praias  
Desta terra da Fox tão pobre e ignota,  
Envolvida por mim em amplas saias,  
Sahia de banhar-se uma janota.  
« Menina », grita a mãe, « olha não caias! »  
Fatal o aviso foi, de cambalhota  
Cabe a pobre innocente, e salto fex,  
Que os mais lascivos olhos satisfex. } 1

A donzella inexperta, em cujo seio  
Singela honestidade só morava,  
Torcia o bello rosto em doce enleio,  
Que n'um vivo carmin eu lhe tornava —  
Só por mim lhe custou o caso feio;  
Só eu mais que ninguem a atormentava,  
E fui eu por quem ella mais sentiu,  
Que se visse o que então alli se viu. } 2

Mas apenas da quéda levantada,  
P'ra' barraca voou, que não correu;  
E á vista lasciva arrebatada,  
Como eu fendo no ar desappar'ceu —  
A mãe velha matrona já caçada,  
Corria nem que fôra um proprio eu;  
E vestindo a menina aos empuxões,  
Para casa a levou aos trambulhões.

A. M.

### EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE :

Charada — Frioleira.

*Errata.* — No numero antecedente, a pag. 72,  
2.<sup>a</sup> col., lin. 3.<sup>a</sup>, onde se lê = Tens de morrer =  
deve lêr-se = Tens de breve morrer.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

Ao dia anniversario

DA MORTE DE MINHA QUERIDA IRMÃ

MARIA DA GLORIA.

**P**ORQUE voltas, negro dia,  
Trazer a melancolia  
Ao meu triste coração?  
Porque vens tu avivar-me,  
Na memoria despertar-me  
Pungente recordação?!

Porque vens, dia cruel,  
Derramar de novo o fel  
Na taça da minha vida?  
Porque me queres dizer  
Que a causa do meu soffrer  
Para mim está perdida?!

Foste tu, dia tristonho,  
Dia p'ra mim tão medonho,  
Aquelle que me roubou  
Uma irmã que o céo me deu,  
Que inda é cara ao peito meu,  
E minha alma idolatrou!..

Não posso pois encarar-te,  
Nem me é dado contemplar-te  
Sem sentir no peito a dôr!  
Sem que minha alma estremeça,  
Sem que o pranto aos olhos desça,  
Pranto de acerbo amargôr!..

Vae! não voltes, negro dia,  
Trazer a melancolia  
Ao meu triste coração!  
Vae! não voltes avivar-me,  
Na memoria despertar-me  
Pungente recordação!..

10 de Março de 1851.

*D. Maria Candida P. V.*

**Soneto.**

Delirante o caminho não acerto  
O que deva evitar ou proseguir,  
E quando do que temo vou fugir  
Acho a meus pés o precipicio aberto.

E' tudo, quanto observo, um desconcerto,  
Descanço nunca posso conseguir,  
Se de cansada ás vezes vou dormir,  
Dos proprios ais ao som logo disperso.

Razão cruel, bem sei que me condemnas,  
Mas porque a meus males não acodes,  
E deixas augmentar as minhas penas?

Com tuas reflexões não m'incommodas,  
Se as tuas forças são debeis, pequenas,  
Razão, contra o destino, ah!.. tu que podes?!

*Viscondessa de Balsemão*

D. CATHARINA.

## Horas d'ocio.

Eu recebi um amor,  
Da mão da pura amizade,  
D'onde me veio esta flor,  
Que é roixa como a saudade?

Hei-de guardá-la no peito  
Bem junto do coração,  
Hei-de qu'ella é tão perfeita  
Como a portadora mão.

24 de Maio — 1850.

D:.....

*Resposta improvisada.*

Portador do amor perfeito  
Fui fiel entregador,  
Só em tua mão guardado  
Julguei o perfeito amor.

E' a flôr que eu cultivava  
Outr'ora no coração,  
Hoje só dessa cultura  
Guardo a recordação.

Oito lustros decorridos  
Gelaram-me a nivea mão,  
Hoje já colher não posso  
Dessa flôr a perfeição.

E' fado meu sempre triste  
Ter por sorte só a dôr,  
E nunca encontrar perfeito  
Um sensível terno amor.

Porto 24 de Maio de 1850.

*Figueira d'Azevedo.*

## Soffres?

*Dedicada á minha Ex.<sup>ma</sup> Prima D. M. A.  
L. C. d'A.*

Eu te vi sentada e triste,  
Eu te vi a suspirar:  
Quando para mim sorriste  
Era vago o teu olhar...  
Donzella, vi, que soffrias:  
Não m'o negues... que farias,  
Dizendo: — « não soffro, não » — ?  
A mágoa transluz no rosto  
De quem occulta o desgosto  
No fundo do coração.

Nos teus olhos li, donzella,  
O teu intimo soffrer:  
Não vi, não, na face bella  
Duas lagrimas correr.  
Mas qu'importa o choro, o pranto  
Se tu dizes — « soffro tanto » —  
Nesse vago, triste olhar?!  
Qu'importa?... sei que padeces,  
Ai sei triste, que feneces  
Quando devêras gosar!...

Sei que soffres, que definhas  
Sem te poder acudir...  
Se contar-te as mágoas minhas  
Te podêra distrahir...  
Mas, ai... louco!... que t'importa  
O mal, a dôr que supporta  
Quem pouco vale p'ra ti?  
Que t'importa o soffrimento  
Do triste qu'espera attento  
Que o sepulchro o chame a si?!...

Mas o soffrer, que diviso  
Lá dentro n'alma a roêr:

O penar, que n'um sorriso  
Tão triste se deixa vêr...  
Será?... mas não... impossivel  
Essa mal cruel, terrivel  
Da descrença e desamor?  
Oh! não é, qu'então a vida  
E' pesada, aborrecida  
Cheia de acerbo amargor!

Mas tu tens crenças, donzella,  
Pódes a vida gozar;  
E's inda joven... és bella,  
Pódes no mundo brilhar...  
Tens descrenças passageiras,  
Para logo mais fagueiras  
Virem as crenças d'amor.  
Tens momentos de tristeza,  
Mas que fogem com presteza  
Para amar com mais ardor.

Não póde o teu soffrimento  
Ser qual o meu tão fatal:  
Não tens no peito um tormento  
Duro, cruel, infernal!  
Não tens, não, que a tua vida  
Por certo não foi nutrida  
De bem crueis decepções.  
Não tens sido torturada,  
Não tens sido devorada  
Por bem loucas ambições!..

A tua 'sp'rança brilhando  
Tão fagueira vês sorrir!..  
A minha foi-se occultando  
Té de toda se esvaír..  
O teu futuro é luzente,  
O meu sim... é o do descrente,  
Só de trevas, nada mais.  
Tu crês virtude na terra,  
Mas eu digo — oh! qu'ella encerra  
Só crimes bem infernaes — !!!

Tu crês, que o vicio no mundo  
E' da regra uma excepção;  
Mas eu digo qu'é profundo  
No mais puro coração.  
Isto mesmo d'heroismo...  
Que mais é do qu'egoismo  
Para a todos exceder!..  
Eu creio só na maldade!  
No amor, nem n'amizade...  
Oh met Deus! não posso crêr!..

Mas eu vi, que tu sóffrias,  
Quando sorriste p'ra mim:  
Que nesse sorriso qu'rias  
Occultar a mágoa assim.  
Mas qual o teu soffrimento,  
Qual esse negro tormento  
Q'eu não posso decifrar?  
Oh! diz-m'o, diz-m'o... qu'impórta  
Que minha fé 'steja morta,  
Q'eu não viva para amar!

Se não amo, se não creio  
Como n'outro tempo cri...  
Por vezes inda m'enleio  
Quando sorris para mi.  
Mas é só porqu'a tristeza  
Abate a altiva belleza  
Que escarnece do soffrer.  
Mas é sim, porque a donzella  
Comigo então se nivela  
Para comigo gemer...

Cómigo?... não. Desgraçado...  
Teus males como carpir!...  
Hoje apenas... malfadado  
Dos males só sei sorrir.  
Hoje sim, que já não creio...  
Nos corações eu só leio  
Para nelles meditar.  
Alguns ha, que mais medito  
Por nelles terem escripto  
Esta palavra — Penar — !

Donzella, vê... só podia  
 Tuas penas estudar.  
 Dellas depois me sorria  
 Sem sequer as lamentar!  
 Diria coisas terríveis,  
 Que tu julgas impossíveis  
 Que um homem possa dizer.  
 Diria — Tenho estudado  
 Teu coração desgraçado,  
 Teu coração de mulher — !

Depois... o livro fechava  
 Que mais nada havia a lèr.  
 O meu estudo findava,  
 Sorrindo do teu soffrêr.  
 Deixa-me pois indecizo  
 Sobre esse triste sorriso,  
 Sobre esse teu suspirar...  
 Diz-me só — « eu soffro tanto!... » —  
 Nos bellos olhos sem pranto,  
 Tão negros a scintillar.

Então sim — posso julgar-te  
 Cançada de decepções...  
 Posso inda acreditar-te  
 Já sem fé, sem illusões.  
 Então sim, que a sympathia  
 Talvez em nós se daria  
 Ligados pelo penar.  
 Mas... louco!.. de que servira,  
 Que a mesma mágoa sentira  
 Quem não póde, triste amar?!..

19 de Outubro de 1850.

*Afonso de Castro.*

**A'vante!**

*Ao meu amigo Faustino Xavier de Novaes.*

A'vante, poeta, que — em nuvem doirada —  
 A Gloria te acena — de longe a sorrir;  
 A'vante, guerreiro da nova cruzada,  
 Teu nome famoso pertence ao porvir.

Escuta!.. não ouves a patria bradando:  
 — « Poeta! os teus cantos eu quero gozar! » —  
 Não sentes o fogo no peito lavrando?  
 Nas veias, não sentes feu sangue esaldar?

Poeta! que fazes?!... de braços cruzados!  
 Acaso o teu estro brilhante morreu?  
 'Starão para sempre de todo gelados  
 Os brios que a gloria no peito accendeu?

Empunha a tua harpa!... desprende o teu canto —  
 Entorna a magia que Deos te doou,  
 Nas tróvas tão lindas, tão cheias d'encanto,  
 Qual nunca dos risos a musa inspirou.

Não temas que a inveja te arranque da fronte,  
 A c'roa formosa de verde laurel —  
 Não temas — não póde — jámais sóbe ao monte  
 O rio que foge por entre o vergel.

A'vante, poeta, que — em nuvem doirada —  
 A Gloria te acena — de longe a sorrir;  
 A'vante, guerreiro da nova cruzada,  
 Teu nome famoso pertence ao porvir.

Fevereiro de 1851.

*A. P. Caldas.*

**ODE. (\*)**

Inda tens ancía, ó lyra,  
 Que te fira as desafinadas cordas  
 Com desleixado plectro? E's louca, és louca..  
 FILINTO ELYSIO. Ode.

Teima, e reteima a visitar-me o dia  
 Do meu longevo natalicio amargo...  
 Na afadigada via  
 De meu passeio largo  
 Inda pretende festivaes barulhos,  
 De oitenta e sete Julhos!...

(\*) Em 17 de Julho de 1860 — fazendo 87 annos de minha idade.

Inda a folguêdos sociaes convida  
 Meu decrepito ser, inda pretende  
     Que eu já no fim da vida,  
     Que d'um cabello pendé,  
 Dedelhe a lyra, supportando duras  
     Roazes: amarguras!...

Anniversario do meu longo oriente!..  
 Que pretendes de lustros dezeseite  
     Na raia do occidente?..  
     Açaso me compete  
 Cantar — hoje — meu velho natalicio  
     Em frente ao precipicio?..

Eu já desaprendi festivos metros;  
 Estalaram da lyra as fibras de ouro;  
     Perdi todos os plectros,  
     Que me deu Febo louro..  
 Já seu fogo radioso não me aquece...  
     O meu estro fenece.

A pesada velhice, a tenaz gôtta,  
 Companheiras da misera indigencia,  
     A ligadura rôta  
     Tem da minha existencia...  
 Com voz sirrosa, preza na garganta,  
     O cysne já não canta.

Guardar qu'importa na senil lembrança  
 A sua antiga e dôce melodia,  
     Se na triste mudança  
     Da lepida alegria,  
 Só pôde crocitar funéreo canto,  
     Que eache o Pindo de espanto?!..

Meus carmes aurilucidos perderam,  
 Bem como os meteoros, todo o brilho...  
     Nas trevas se esconderam  
     Desviados do trilho  
 Dos Arcades do Menalo famosos,  
     No Tejo, luminosos!..

Meu estro já não sobe; enfraquecido  
 Já não topeta co' Apollineo Carro;  
     Sobre as margens do olvido  
     Está bastante charro.  
 Já não bebo na limpida Castalia,  
     Nem na fonte Acidalia.

O dôce mel das Atticas abelhas,  
 O tempo m'o tornou amargo e azêdo...  
     Em lugar das centelhas  
     De Apollo, prêso, e quêdo,  
 Estou em crespo gêlo com cadeias,  
     E grossas farropeias.

Vergada está a maquina vivente,  
 Suas molas estão enferrujadas,  
     A pendula tremente  
     Tem vibrações variadas...  
 O relógio tontêa sem acerto;  
     Emfim não tem concerto.

E posso eu celebrar-te, dia escuro,  
 Tão falho, tão confuso, e titubante?...  
     Se eu por milagre duro,  
     Como queres que eu cante  
 Um natal tão senil com voz de corvo,  
     Em tão confecto estorvo?..

Não, não posso, nem devo: eu me envergonho  
 De já a voz soltar roufenha, e triste.  
     Se bem cantei, foi sonho  
     Que tive, e não existe...  
 Foi brinco de Morphéo, pintura fria  
     De brusca fantazia.

Quem soffrêra ouvir hoje á Chrichentine,  
 A' Tode, á Catalani, encantadoras...  
     E á maga Zamparini,  
     Decrepitas cantoras?...  
 Se o rouxinol no estio canta terno:  
     Enrouquece no inverno.

Engelhado, sem força, e assaz cansado  
De tão penoso giro, e tão comprido,  
O cantico afamado  
De todo está perdido.  
Enrouqueceu ao despedir do mundo,  
O cysne moribundo.

*Francisco Joaquim Bingre.*

**A uns annos,**

Quizera estar hoje mais ledo que nunca—  
Um dia sómente gozar alegria;  
E da alma expellindo pungentes lembranças,  
A dôr esquecer no prazer deste dia.

Quizera que a lyra que só ha cantado  
Tristezas — saudades, e prantos e dôr,  
Soltasse hoje um canto que a ti revelasse  
Esp'ranças e crenças que eu tenho no amor.

Quizera dos campos colher branca rosa  
Que pura e singela no candido alvôr  
Gentil retratasse o sentir de tua alma,  
Mais puro e suave que o aroma da flôr.

Mas não... que essa rosa depressa murchára;  
Perdêra seu vigo — seria um agouro...  
O amor que tu sentes é de anjo — é eterno —  
O meu de poeta... não é morredouro.

Debalde, meu anjo, buscára eu na terra  
De teu sentir puro a imagem fiel...  
Os anjos te tecem no céu d'onde és vinda  
Coroa mais bella — mais nobre laurel.

A lyra mesquinha quizera ofertar-t'a...  
Inutil desejo!.. meu canto que val?...  
No céu é costume, nas harpas sonoras  
Cantarem os anjos de um anjo o natal.

6 de Março de 1851.

*J. S. da Silva Ferraz.*

**Malmequer.**

Malmequer! flôr d'amizade  
Do fado a adversidade  
Gerou o teu despontar:  
Gerou-te — linda e vistosa —  
Com o perfume da roza  
Não te quiz, não, adornar.

Vegetas em todo o prado...  
Entapetas com agrado  
O mais formoso jardim.  
Sem arte — vives brilhando —  
O meu amor debuxando,  
Que cedo tem de dar fim.

E's delicada e modesta....  
O ardente sol não te cresta  
Como cresta outra qualquer.  
Teu brilho florece inculto,  
Teu disco d'oiro faz vulto  
Como o diche da mulher.

Tu ignoras quanto és bella,  
Ignoras ser mui singela,  
Ignoras o teu luzir;  
Como ignora o triste amante  
Que te busca a todo o instante,  
Segredos do seu porvir.

Quantas vezes te desfolha,  
Te consulta folha a folha  
A minha tremente mão!  
Mas seja acaso, ou do fado,  
São-me sempre — E' desgraçado  
Teu infeliz coração!

O' malmequer innocente!  
Como tu, eu descontente,



Minha sorte hei-de soffrer!  
 Hei-de vêr fugir a vida  
 Após a esp'rança perdida  
 De na terra um gozo ter.

A. Ascedo.

**A Feiticeira.**

NO ALBUM DO SR. A. M. DE SOUSA.

P'ra saber a sorte minha,  
 O meu fado, o meu penar,  
 Meus amores — minha sina  
 Fui as bruxas consultar.

Procurei a que eu sabia  
 Ter mais fama, mais saber,  
 Que eu ouvira que nem todas  
 Feiticeiras podem ser.

Fui fallar-lhe, respondeu-me:  
 « Minhas cartas vou deitar,  
 « Vou saber os teus segredos,  
 « Teus amores advinhar.

« Bem prestes uma donzella  
 « Teu amor captivará;  
 « Mas em troca mil extremos  
 « Dedicar-te saberá.

« Terá cabellos castanhos,  
 « Os olhos da mesma côr,  
 « Feiticeiros... dos que mandam  
 « — Que sentem — dizem amor.

« Será linda como os anjos,  
 « Terá d'anjo o coração,  
 « Será meiga qual a pomba,  
 « Será firme — que mais não.

« Será sempre estremeçada,  
 « Será teu o seu viver,  
 « Mas será desconfiada  
 « E zelosa sem dever. »

.....  
 .....  
 .....  
 .....

Está quasi realisada  
 Da tal bruxa a predicção,  
 Já encontrei linda virgem,  
 Que me deu seu coração.

O seu rosto diz bondade,  
 Seu sorrir é divinal,  
 Seus olhos matam d'amores,  
 Mas... zelosa sem igual.

Quizera já vêr cumprida  
 Toda, toda a predicção —  
 Minha vida unida á sua,  
 C'roada minha ambição.

Dezembro de 1849.

C. F.

**Porque 'stou triste.**

Ogni loco m'attrista ov'io non veggio,  
 Quei begli occhi soavi.  
 PETRANCA.

Eu 'stou triste... bem sinto minh'alma  
 Da saudade o tormento soffrer;  
 Eu bem sinto os suspiros, que aos labios  
 Vem do fundo do peito morrer.

Nem o canto mimoso das aves;  
 Nem os meigos suspiros da brisa;  
 Nem a fonte que triste murmura;  
 Nem o rio que — além — se dealisa;

Nem o mar, que nas rochas expira;  
Nem . . . . oh! nada me pôde alegrar!  
Eu 'stou triste! — recreios não podem  
Tal tristeza do peito arrancar.

Que me importa se reina alegria,  
E ventura bem junto de mim?!  
Ao pesar que ora sinto relar-me  
Nada pôde *por hoje* dar fim!

Não: — que a ausencia separa-me *della*,  
Da mulher a quem sempre adórei.  
E entristecem-me os sitios aonde  
A não vejo: — porque . . . nem eu sei!

11 de Fevereiro de 1851.

A. P. S.

### Apologo.

#### O CÃO COM O QUEIJO.

Corria um cão apressado  
Com um queijo que abocou:  
E na passagem d'um rio,  
Do queijo a sombra avistou.

Com grande sofreguidão  
De repente a bôca abriu:  
E indo a abocar a sombra,  
No fundo o queijo cahiu.

Quem não discorre prudente,  
Quem não tem cabeça sã;  
Larga aquillo que tem certo,  
Vae buscar a sombra vã.

### Epitaphio.

Philosopho christão aqui te acurva  
E viva ardente prece  
Aos céos envia: Aqui repousa Jonio,  
Esse joven em flôr roubado á vida!  
Lisongeiros futuros definharam,  
Que a dura crua Parca,  
Em terrivel marasmo disfarçada,  
Vida de lustros quatro e mais um anno  
N'um momento ceifou-lhe!  
Relampago fugaz foi-lhe a existencia!  
Arrebata-lhe a campa  
O despojo mortal. Su'alma, é crença,  
Entre os justos no céu entôa alegre  
A Jehovah hosanna!

20 de Fevereiro de 1851.

### Charada.

Supremo só Deus o é, } 1  
Co'ella se cõça a fé. } 1

Por teu bem, fiel christão,  
Presta-me muita attenção.

### EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:

Charada — Lampejo.

*Errata.* — No numero antecedente, a pag. 75,  
1.<sup>a</sup> col., lin. 32, onde se lê = Que o sorrir = deve  
lêr-se = *Que a sorrir.* = A pag. 80, 1.<sup>a</sup> col., lin. 3.<sup>a</sup>  
onde se lê = vespediste = deve lêr-se = *despediste.*

### ANATHEMA,

*Romance original por Camillo Castello Branco.*

Já se acha no prélo este lindo Romance,  
que constará de tres volumes em 8.<sup>o</sup> francez.  
O 1.<sup>o</sup> sahirá brevemente á luz.

Assigna-se no Porto na loja de livros do  
Editor F. G. da Fonseca, aos Caldeireiros  
n.<sup>os</sup> 12 e 13. — Preço de cada volume para  
os Snrs. Assignantes 400 reis, pagos no acto  
da entrega — Avulso 480 reis.

Os Snrs. Assignantes das Provincias re-  
ceberão os exemplares francos de porte.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

Inda lhe sagro um canto!

**N**as azas subtlis das brisas do norte,  
Lá vòda no céo a nuvem doirada  
D'um raio de luz, que brando lhe deu  
Formosa alvorada.

Electrico bafo o ar percorrendo,  
Da fonte gelada o seio tocou;  
E o seio gelado, tornando-se ardente,  
O gèlo quebrou;

Que em pura corrente vagando murmura,  
Perdida no gôzo de livre se vêr;  
Não soffre barreira, até que nos braços  
Do mar vai morrer.

Florecem os prados, verdejam os montes;  
Só árvore, que 'steril ficou condemnada,  
De singelas flôres a coma virente  
Não tem adornada.

A' sombra do roble, que as heras enléam,  
A terna avesinha, d'amor gorgeando,  
O bêrço mimoso aos tenros filhinhos  
Já vai começando.

A noite abraçando o dia que foge,  
Na hora que a essencia confundem no ceo,  
O prazo saudoso do mago crepusc'lo  
'Spirando lhe deo!

E' qu'em almo vapor,  
Cortando ethereos espaços,  
Revôda a primavera  
Da natureza aos braços.

De mysterioso amor  
Começa a palpitar  
Na pura atmosphera,  
Na terra, fogo, e mar.

Oh! como inspira ao vate  
Ineffavel poesia!  
N'um gôzo, que é só delle,  
Vaga melancolia!

Ao coração feliz,  
Ella sorri d'amôr;  
Balsamo dôce entorna  
N'alma, que punge a dôr.

Mas eu, que repellida  
Fui de toda a 'stação,  
Do tempo, e da existencia,  
Vejo-a volver em vão.

Passa por mim, qual ai  
De saudade e mysterio,  
Passa no monumento  
Do mudo cemiterio!

*No dia anniversario da morte de minha  
querida irmã Maria da Gloria.*

**Soneto.**

Dois annos já lá vão, irmã querida,  
Depois qu'eu te perdi (adverso fado!)  
Depois, nunca meus olhos tem deixado  
De chorar tua morte tão sentida!..

Qual terra planta, té nos céos erguida,  
Que o vento com furor tem açoitado,  
Por fim quebra; assim tu (destino irado!)  
Cahiste sem vigôr, depois sem vida!...

Por ti só mágoa e dô meu peito encerra,  
Tu gozas junto a Deus dita e prazer,  
Eu sôffro do pesar terrível guerra!

Mas já qu'a sorte ordena o meu viver,  
Pede ao menos no céo por quem na terra  
Sem ti lhe fôra bem melhor morrer!

10 de Março de 1851.

*D. Maria Cândida P. V.*

Cantei nas margens do Douro  
Os sorrisos da ventura,  
Hoje vai meu triste pranto  
Com as aguas de mistura.

Mil vezes soltei aos ares  
Vozes de satisfação,  
Hoje solto mil suspiros,  
Signaes da minha afflicção.

Voavam as leves horas  
Sobre as azas d'alegria,  
Hoje não cessa um instante  
A minha melancolia.

Encantadores prazeres  
Junto ao leito me seguiam,  
Agora sinistros sonhos  
Só pesares me annunciam.

Novos bens me promettia  
E esp'rança encantadora,  
Trocaram-se as esperanças  
Nos males que sinto agora.

As nove irmãs que algum tempo  
Dôces canções m'inspiraram,  
Temendo a minha tristeza  
Pouco a pouco se affastaram.

Já me não canço em chamá-las,  
Porque a dôce melodia  
Não se accorda facilmente  
Com a negra melancolia.

Debalde as plantas e flôres  
Me ostentam sua belleza,  
Já não posso distrahir-me  
Contemplando a natureza.

Debalde o zephiro brande  
Vem os ares perfumar,  
Nada toca os meus sentidos,  
Vivo só para penar.

Eis-aqui tens a pintura  
Do que fui... não do que sou...  
O tempo em vez de voar,  
Para mim paralisou.

Mas se andar será p'ra dôres  
 Mais crueis tornar a ter,  
 Pois manda a lei do destino  
 Só viva para soffrer.

Illusões da mocidade  
 Todas já perdidas vão,  
 Hoje meus gozos assentam  
 Nas penas do coração.

Dôtes affectos da alma  
 Foram p'ra mim nome vão,  
 Dissensões e abandonos,  
 Trophéos da minha paixão.

Embora cumpra-se a sorte  
 Qu'assim o manda o destino,  
 Do soffrer n'ardua carreira  
 Nem páro, nem desanimo.

*Viscondessa de Balsemão*

D. CATHARINA.

**A. Resignação.**

(VERSÃO DO FRANCÊZ).

A's vozes da virtude en sou sensível!  
 — O céo não desampara os desgraçados!

PIMENTA D'AGUIAR — *Arris*,  
 Act. 1.º Sc. 3.ª

Como a flôr — do sol tisonada —  
 Pede á noite a fresquidão:  
 — Como o nauta pede ás vagas  
 A patria que busca em vão:  
 — Como pede a mãe seu filho  
 Que é da morte na mansão:

Como o peito compungido  
 Pede triste a solidão;  
 — Como o bardo namorado  
 Pede á lyra uma canção:  
 — Como pede o *lusco-fusco*  
 Um suspiro ao coração:

Assim em sonhos d'amor  
 Minh'alma te pede em vão, . . .  
 — Porque, surda a meus dizeres,  
 Tens esquivo o coração?! . . .  
 = *Mas por ella eu rese ao menos*  
*Cada dia uma oração!*

Coimbra — Agosto de 1845.

*J. J. da S. Pereira-Caldas,*

**o meu pranto.**

Correi, lagrimas, correi,  
 Dai allivio ao meu penar;  
 Fuja-me entre pranto a vida,  
 Não é vergonha chorar.

Pelas faces onde impresso  
 Está o meu soffrimento,  
 Correi, lagrimas amargas!  
 Minorai o meu tormento.

Sim, correi, e dai allivio  
 Ao meu triste coração,  
 Oppresso pelo infortunio —  
 Ferido pela paixão.

Justo céo! e por quem é  
 O meu contínuo chorar?  
 Pelo ingrato que devia  
 Ao desprezo só votar.

E' sim por esse perverso,  
Que por outra me esqueceu,  
Que minha alma soffre tanto,  
Que inda corre o pranto meu.

Secca-te, pranto, não venhas  
Minhas faces mais molhar;  
Gôsto não dê ao perverso,  
Que me pôde atraioçar.

Mas que digo? corre, pranto,  
Cheio de fel e doçura,  
Meu lenitivo inda mesmo  
Na borda da sepultura.

16 de Março de 1851.

M.

**Outr'ora!... — Hoje!...**

Porque razão foi dada  
Ao desditoso a luz, e a vida aos que andam,  
Em amarguras d'alma.

HENR. E. D'A. COUTINHO.

Que m'importam do mundo as caricias  
Se minh'alma do mundo não é?  
O que importam terrenas delicias  
A quem nellas prazer já não vê?

Que m'importam encantos mimosos,  
Se de encantos na terra descri?  
Que m'importam sorrisos dolosos,  
Se eu despréso a mulher que sorri?..

O que importam palavras de amor  
A quem a alma vazia já tem?..  
Que m'importa protesto traidor,  
Se eu despréso protestos tambem?..

Que m'importam os beijos ardentes  
Da mulher qu' — eu te amo — me diz?  
Ah! seus labios de amor referventes,  
São por muitos tocados, são vis!..

Que m'importa no mundo a amizade?..  
Que m'importa o amor de mulher,  
Se um affecto não ha que me brade  
A esta alma que mirra o soffrer?..

O que importam prazeres mundanos,  
A quem foge do louco folgar?  
Que m'importa o gozar dos humanos,  
Se os humanos só posso odiar?!

Nasci... vivi... amei... Da minha vida  
Eis toda a historia. Por mulher formosa,  
Os mais sanctos affectos olvidára.  
De um carinhoso pae fugindo aos braços  
Sem á voz da razão prestar ouvidos;  
Pude um dia.....  
..... Segredos de minh'alma!..  
.....  
Conheci a mulher, por isso a odeio!..

Hoje que sou? Um mysterio!..  
Minh'alma sêcca e mîrada,  
Existe pobre — isolada  
Como cruz d'eremiterio!

E. A. S.

NO ALBUM DE UMA SENHORA.

(PRIMEIRA FOLHA.)

**Soneto.**

Não se esquece jámais da infancia qu'rida  
O primeiro folgar sem uma dôr;  
Ou nos seja o viver um dissabôr,  
Ou entre fôres nos sorria a vida:

E' grato á alma, ainda arrefecida,  
 O recordar nosso *primeiro* amôr;  
 Fôsse embora esse coração traidôr —  
 Embora fosse essa afeição mentida.  
 Assim como o olvido não consome  
 Primeiros gozos de um viver ligeiro,  
 Nem a afeição primeira... assim te assome  
 A' mente um pensamento lisongeiro  
 Ao lembrares aquelle cujo nome  
 E' neste livro teu também primeiro.

*J. S. da Silva Ferraz.*

○ meu passado.

*A MINHA IRMÃ ISABEL P. DA CUNHA REIS.*

No tempo d'outr'ora feliz em qu'eu era  
 Infante innocente do berço sahido,  
 Alegre brincava contigo na terra,  
 Não inda no tempo do mal pervertido.

De flôres tão bellas de côres brilhantes,  
 Eu lindos raminhos a ti offertava,  
 Então teu sorrizo nos labios pairando  
 Minh'alma tão nova de gôso encantava.

Na relva saltando por entre florinhas,  
 Só dôce alegria no peito sentia,  
 Só almo-desejo de vêr-te sorrir  
 Meu peito sincero com gosto nutria.

Nos brincos d'infancia do mundo zombando  
 A pura innocencia só eu conhecia;  
 Minh'alma tu eras, Isbella adorada,  
 Em ti o futuro da vida eu só via.

Mas hoje, que o mundo p'ra mim é um êrmo,  
 Da patria querida exilado vivendo,  
 Só dôres, pesares e mágoas sem fim  
 Me é dado tão longe de ti ir soffrendo.

Rio de Janeiro 7 de Junho de 1850.

*E. Alfredo da Cunha Reis.*

.....

Naquelle leito de dôr  
 Mãe infeliz alli geme...  
 Olha em balde de redôr,  
 Nada ouve... oh! como treme!  
 Seu filho recém-nascido  
 Não solta nem um gemido...  
 Por aquelle filho qu'rido  
 Terna mãe, chorando, teme...

Teve um filho... sim... coitada,  
 Que p'ra ella nem sorriu:  
 Teve um filho... malfadada,  
 Que nem gemer o ouviu!  
 Teve um filho... que morreu,  
 Quando no mundo appar'ceu!  
 Teve um filho qu'ella deu,  
 Mas á luz qu'elle não viu!

Teve um filho... desgraçada...  
 Qu'em seus braços apertou.  
 Em pranto toda banhada  
 Um cadaver abraçou!  
 Que terror exp'rimetaste,  
 Que terror, quando abraçaste  
 Esse filho... que geraste,  
 Qu'este mundo já deixou?!

Qu'immensa dôr tu sentiste  
 Nesse momento fatal?!  
 Que tormentos não nutriste  
 Em teu seio maternal?!  
 E que pranto derramaste,  
 Que suspiros não soltaste!..  
 A morte mesmc chamaste  
 Para acabar o teu mal.

Mas foi surda... ah!.. sim a morte,  
 Que não te quiz attender:  
 Era infeliz tua sorte;  
 Mas que servia o morrer?!

Tinha Deus lá destinado  
Ser teu filho ao céo chamado.  
Tem agora já rogado  
Por triste mãe a gemer.

E' mais feliz... 'stá nos ceos,  
Não conheceu esta terra.  
Ha só gozos ante Deos,  
Aqui o crime s'encerra:  
A falsidade, a traição,  
A mais feia ingratidão,  
Uma contínua illusão,  
Eis o que perdeu na terra!

Não lamentos alma pura,  
Que voou ao Creador.  
Bane de ti a tristura,  
Canta um hymno de louvor!  
Quem sabe, se desgraçado  
Seria sim reservado  
Para ser atraído  
Cá em seu primeiro amor!...

Quem pôde prevêr a sorte  
Qu'elle teria... coitado?  
Quem sabe se do mais forte  
Elle seria humilhado?  
Quem sabe se a tyrannia  
Cá na terra elle veria  
Erguer-se com ousadia,  
Tendo seus filhos calcado?!...

Terna mãe, tu porque choras  
O teu filho... que é feliz?  
Ao Senhor porque não oras,  
Já que Deus assim o quiz?  
Oh não podeste abraçá-lo,  
Sequer em vida beijá-lo,  
Em teus braços estreitá-lo?!  
Curva pois tua cerviz.....

7 de Fevereiro de 1850.

*Affonso de Castro.*

**Porque choras?**

Porque choras, ó meiga donzella?  
Porque fitas teus olhos no chão?  
Porque soltas do peito um suspiro,  
Repassado d'amarga expressão?

Já não folgas, qual d'antes, folgavas?  
Nem ás faces te assoma o rubor?  
Já não amas o arrulho sentido  
Da pombinha sedenta d'amor?

Nem te encantam as magas endeixas  
Da avesinha no roble a cantar,  
Quando avista o esposo voando,  
Caro esposo que a vem affagar?

Porque choras, ó meiga donzella?  
Porque fitas teus olhos no chão?  
Porque soltas do peito um suspiro,  
Repassado d'amarga expressão?

.....  
.....  
Donzella, não chores, enxuga o teu pranto,  
Que dias formosos inda hão-de raiar —  
Ainda na terra, contente e ditosa,  
Dos labios o riso tu has-de soltar.

Oh! vem, vem comigo vêr como se escondem  
Nas ondas nevadas os raios do sol —  
Repara, que lindas que são essas nuvens,  
A côr retratando do mago arrebol.

Não sentes teu peito mais livre aspirando  
A dôce bafagem da brisa a gemer?  
— Assim como o dia já vai terminando,  
Quizera vêr findo teu negro soffrer.



Denzella, não chlores, enxuga o teu pranto,  
Que dias formosos inda hão-de raiar —  
Ainda na terra, contente e ditosa,  
Dos labios o riso tu has-de soltar.

Março de 1851.

*A. P. Caldas.*

**O socego.**

In der Blumenflur des Lebens,  
In der Herbstes Garbensfeld,  
Suchte dich mein Herz vergebens,  
Vom Verlangen hoch geschwellt.

BURI. — *O socego.*

De ha muito sobre a terra mil estrellas  
Seus raios prateados disparziam ;  
Do mar na superficie  
Da lua a froxa luz se baloiçava.  
E de amor incendiado  
Inquieto gemendo,  
Pressuroso batendo,  
Meu coração pulsava.  
Doloroso arfar era então esse,  
Que annunciava a dôr que dentro ía ;  
Era o rouco gemido da agonía  
Triste senha do homem para o tumulo! —  
Assentado na areia humida e fria,  
Fresca aura da noite me açoitava ;  
De leve co'o fagueiro e brando sópro  
As faces macilentas :  
E não longe nas pedras denegridas  
Batiam levemente as mansas ondas,  
Que depois recuavam temerosas  
Brilhando com a luz da meiga lua.

Proximo ao castello, entre os penedos  
Na praia amontoados,  
Confiava do mar dôces segredos  
Só aos mortaes vedados.

O peito me passavam crús, atrozes  
Espinhos da afflicção ;  
E era surdo o mar a minhas vozes,  
Vozes do coração.

Sobre pedra alizada pelas vagas  
Tristonho me assentei,  
Voejavam-me na mente ideias magas  
Do tempo que passei.

E a pállida lua ía passando  
Por cima desse mar ;  
Nefasto môcho ouvi longe agoirando  
Sinistro torvo azar.

E a estrella da tarde — tam formosa —  
Ha muito se occultára,  
Lá no largo horisonte que de rosa  
A linda côr mudára.

Silencio — que era apenas perturbado  
Pelo das vagas murmurio surdo,  
Ou pela triste voz de aves nocturnas,  
Reinava em toda a parte. —  
Sobre a natura o genio do socego  
Abríra as lindas azas.

Mas não sobre meu peito em que ía dentro  
Tormenta sem igual!!...

S. João da Foz 5 de Março.

*I. P. F. da Costa Sarmêto.*

**Uma hora d'agonia.**

(N'UM ALBUM).

Sem paz, e sem prazer, e sem ventura,  
Aguardo a morte, que virá cortar-me,  
Em breve, o debil fio da existênciã!  
Jámais, mulher, então verá, pensar-me...

Depois vai desfolhar na minha campa  
Suspiros, rosas, lírios e saudades,  
E nella teu saudoso pranto verto,  
E esquece desta vida as tempestades.

A' sombra de cypreste, em cemiterio,  
Um dia dormirás tambem comigo:  
Alli acaba tudo: o pobre e o rico  
Repousam sempre iguaes sob o jazigo.

Oh innocente pomba dos meus sonhos,  
Anjo celeste, enlêvo da existencia,  
Em tuas faces deixa dar-te um beijo,  
Sahido da minh'alma, em innocencia.

Cingir me deixa em derradeiro abraço  
Teu corpo tão esbelto e delicado;  
Uma vez só, mulher! depois expiro  
Para jámais de ti ser adorado...

*Solus.*

### Soneto.

Engana um riso dôce e carinhoso  
Em labios de rubim, em nivea face;  
Illude um meigo olhar, que ás vezes nasce  
De falso amor, fingido e mentiroso:

Mente um terno suspiro, um ai saudoso,  
Que promette d'amor ditoso enlace;  
Ah! quizessem os céos não enganasse  
Um juramento, um voto fervoroso:

Amor a acreditar nos persuade  
O que não passa de um astuto engano,  
Envolto em apparencias de verdade:

Mas vòo o tempo!.. E furioso, insano,  
Acha o homem na torpe deslealdade,  
No ciume cruel o seu tyranno.

10 de Março de 1851.

S. A.

### Charada.

Se a primeira tem por cima  
O todo desta charada,  
Tem de certo côr escura,  
E não branca e encarnada. } 2

A segunda é de côr verde  
Quando não está madura,  
Quando os filhos tem crescidos  
Torna-se-lhe a côr escura. } 2

E' o todo de côr negra,  
Mas branqueia (ainda mal!..)  
Entre nós é pouco acceita  
A não ser no carnaval.

### Enigma.

Sou extenso, longo e curto,  
Sou veloz e sou ronçeiro,  
Mas ninguem pilhar-me pôde,  
Inda que corra ligeiro.

Sou voluvel, sou constante,  
Sou em tudo singular:  
Aos poetas dou ajuda,  
E não quero eu rimar.

EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:

Charada — Sermão.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

A uma rosa.

**L**INDA purpurina rosa,  
Que eu com minha mão cortei,  
Fui contigo bem tyranna,  
Porque a vida t'arranquei.

Hoje tão linda e mimosa  
No jardim te fui cortar;  
Para amanhã te vêr murcha  
Para um perverso imitar.

Quiz cortar-te e vêr a imagem  
Do meu puro, infliz amôr;  
Quiz comparar-te comigo,  
Retrato da minha dôr.

Imitar eu quiz o ingrato  
Que a ventura me roubou;  
Que soube fazer-se amar . . . .  
Que depois me atraçoou.

Das tuas purpureas folhas  
Tinha nas faces a côr;  
Hoje já quasi sem vida,  
Tenho da morte o palôr.

Tu tão linda foste em viço  
Do tronco por mim cortada;  
Tambem eu na flôr dos annos  
Vou á vida ser roubada.

22 de Março de 1851.

M.

o meu pequeno rafeiro.

Anda cá, fiel rafeiro,  
Vem consolar teu senhor.

ALEX. BRAGA.

Oh que bello o meu casal  
Campeava n'um oiteiro!  
Dia e noite o vigiava  
O meu pequeno rafeiro.

Frouxas vides junto á porta  
Pendiam d'um castanheiro;  
Descançava á sua sombra  
O meu pequeno rafeiro.

Virente macia relva  
Alcatifava o quinteiro,  
Sobr'ella mil pulos dava  
O meu pequeno rafeiro.

Lá dormia eu a sêsta;  
Calentava-me um ribeiro;  
A meus pés tambem dormia  
O meu pequeno rafeiro.

Mas ao portal assomava  
Desgarrado caminheiro,  
E despertava e latia  
O meu pequeno rafeiro.

Eu então também desperto  
Pelo fiel companheiro,  
Erguia-me, e socegava  
O meu pequeno rafeiro :

E dava couto e gazalho  
Ao cançado forasteiro,  
Que do meu pão abundava  
O meu pequeno rafeiro.

Quantas vezes então esse  
Invejava o meu oiteiro!..  
O meu viver socegado,  
O meu pequeno rafeiro!

Ah! que tinha bem razão  
De invejar o aventureiro  
O meu casal solitario,  
O meu pequeno rafeiro!..

Mas, ai triste! que perdi  
O bello casal do oiteiro!..  
De quanto tinha só tenho  
O meu pequeno rafeiro!

Té deixei a patria minha,  
Vago em paiz estrangeiro:  
Por chuvas e soes me segue  
O meu pequeno rafeiro.

21 de Julho — 1849.

*Maria P. de S.*

#### A Violeta.

(CANTO SÁPHICO.)

Vêde-a aqui..... 'stá tão viçosa!....  
Como punge dolorosa  
O peito na soledade!....

SOROR DOLORES.

Rôxa florinha, que entre humildes hervas  
Tímida escondes pudibundo seio,  
Hoje recebe do cantor saudoso  
Ternos cuidados.

Serás emblema da saudade amarga,  
Que a triste ausencia lhe verteu no peito.  
Reguem-te os prantos, que do vate inundam  
Lividas faces.

As frêscas auras adejando em tórno,  
Meus ais repitam, que teu seio abrigue.  
Ah!.. Que não venhã profanar-te um dia  
Mãos atrevidas.

Se aqui passasse quem de amor não sabe  
Mais que os prazeres, mais que os dôces rizos,  
Talvez, florinha, despeitoso e ousado  
Te desfolhasse!

Só tristes sabem conhecer-te o preço.  
Ai! se algum desses, que no peito sentem  
Agra saudade, te estender a dextra,  
Não, não lhe fuja...

Talvez seu pranto a rociar-te as folhas  
Desça, se as auras murmurar souberem:  
= Aos seus pesares, na saudosa ausencia  
Sagrou-a um vate. =

*Soto-Mayor e Azeredo.*

#### NO ALBUM

*De M.<sup>lle</sup> C. de C.*

Da lyra do vate que esperas, donzella,  
Ouvir que teu Album te possa adornar?  
Do mar desta vida medonha procella,  
Tremes as cordas lhe fez abrandar.

Só ais, só lamentos, suspiros e dôres,  
E' quanto hoje pôde soltar, e mais não;  
Eu devo calá-la, não hão-de amargôres  
Cobrir de negrumes o teu coração.

Tu mandas, não posso cantar-te na lyra,  
Que mágoas não devem teu livro enlutar;  
E mágoas e prantos é só o que inspira,  
Do vate que soffre seu triste trovar.

Não posso, acredita, não tem o poeta  
Na lyra uma corda que diga — prazer! —  
De fel o meu canto, a dôr só desperta,  
E cantos de dôres não te hei-de escrever.

Se dôce alegria pintasse em meus cantos,  
Se eu visse a ventura p'ra mim a sorrir!...  
Talvez que mesquinho, tentára d'encantos,  
Cobrir esta lauda que vou denegrir.

Mas visto que ordenas, consente, formosa,  
Que o véo despedace que esconde o porvir:  
— D'encantos embora te veja orgulhosa,  
A dôr tem mysterios que 'inda has-de sentir. —

Guimarães 8 de Março de 1851.

*J. Machado Pinheiro.*

**Velava.**

I.

O vento  
Vae lento  
No mar,  
As aguas  
A's fraguas  
Levar.

Eu gosto  
Do rosto  
Sem véu  
Da estrella,  
Que véla  
— Como eu —

E a lua  
Com sua  
Mudez,  
E' o puro  
E escuro  
Da tez,

Diz lédos  
Segredos  
De amor  
Brilhando  
Com brando  
Fulgôr.

II.

Que noite!  
Que lindo  
E infindo  
Luar!  
Diz tudo  
Tam mudo  
Amar!

Mas triste!  
Aonde  
Se esconde  
Meu bem,  
Que ouvir-me,  
Sorrir-me  
Não vem?

Qual anjo  
Dormindo  
Sorrindo  
'Stará?...  
Que sonhos  
Risonhos  
Terá!...

Quem sabe  
Se ella  
Lá véla  
Como eu  
Sorrindo  
Ao lindo  
Do céu!...

## III.

O' noite!  
 Vós bellas  
 Estrellas  
 Sem fim!  
 Tu, lua  
 Tam linda,  
 Bem vinda  
 Se é assim...  
 Se dorme  
 Sonhando,  
 Ou véla  
 Pensando  
 Em mim.

## IV.

Tal vagueava a mente  
 Ao pobre trovadôr,  
 E a terra era ridente  
 Da lua c'o fulgôr,  
 E tudo lhe dizia  
 E em tudo tudo lia  
 Uma palavra — amôr —

Amor! o mais fagueiro  
 Dos sonhos desta vida!  
 Quando ente prasenteiro,  
 Um anjo nos convida,  
 Co'a mais pura innocencia,  
 A amar uma existencia  
 D'antes aborrecida!

E que tormento triste  
 A vida foi p'ra mim...  
 Não vive — só existe  
 Quem soffre e geme assim:  
 Tu viste, ó Deus clemente  
 O trovadôr descrente —  
 Déste-me um teu ch'rubim.

Se houveras mais tardado,  
 O' anjo salvadôr,

Tivera eu acabado  
 Esse viver de dôr,  
 Minha alma te encontrára  
 No céu, onde gozára  
 O teu eterno amôr.

1850.

*J. S. da Silva Ferraz.***Um suspiro***JUNTO ÀS GRADES D'UM CONVENTO.*

Estas grades eu quizera  
 C'um sôpro meu estalar:  
 E que feliz s'eu podéra  
 Estas grades já quebrar;  
 Mas não posso qu'ellas são  
 Construidas de feição,  
 Que mesmo sendo Sansão  
 Não as podéra abalar.

E os meus loucos desejos  
 Contra as grades quebrarão,  
 Que não podem ternos beijos  
 Partir grades de prisão!  
 Mas o que pôde e que sei,  
 E' qu'estes ais que soltei,  
 Tão tristes como os eu dei,  
 Estas grades passarão.

— Meu suspiro tão saudoso  
 Pass'as grades infernaes:  
 Paira depois orgulhoso  
 Nesses rostos virginaes.  
 Não escolhas formosura,  
 Nem prefiras a ternura,  
 Mas escolhe o que em candura  
 Exceder a todos mais.

Vive lá; oh vive ahí,  
 Nesse ente de perfeição,  
 Que foi esse o que escolhi  
 P'ra lhe dar meu coração,  
 P'ra lhe dar a minha vida,  
 E minh'alma tão descrida  
 Por muito ser illudida  
 Na ternura, n'affeição!

Mas est'alma, que não cria  
 Nos sentimentos d'amor...  
 E' porque não conhecia  
 Mulher de tanto primor,  
 Como esta a quem mandei  
 Um suspiro que soltei  
 De meu peito que deixei  
 Descobrir a minha dôr.

18 de Outubro de 1848.

*Afonso de Castro.*

**Mais uma lagrima!**

*A MEMORIA DE MINHA MÃE.*

O' BIENFAITS d'une mère, inalterable empire!  
 Elle aime son enfant, même avant qu'il respire.  
 Mais, après tant de maux, quand ce gage adoré  
 S'échappe avec effort de son flanc déchiré,  
 Avec quelle douceur son oreille ravie  
 Reçoit le premier cri qui l'annonce à la vie!

MILLEVOIE — *La Tendresse Maternelle.*

Sentado sobre as fragas d'um rochedo,  
 Os olhos fitos na extensão do mar —  
 Longe do mundo, alli, vou em segredo,  
 Co'a voz das ondas minha voz casar.

E' triste, repassado d'amargura,  
 O canto que do peito aos labios vem;  
 Mais sentido que a brisa da espessura,  
 Que, meiga, ao pôr do sol, murmura além.

E' canto de saudade comprimida —  
 São lembranças d'um tempo que passou...  
 O trance mais cruel da minha vida,  
 Que, nest'alma só dôr — prantos deixou!

Minha Mãe!!.. minha Mãe!!.. que mago encanto—  
 Que harmonias sem fim teu nome tem!  
 — Não ha —nem pôde haver— outro mais santo—  
 Que diga tanto amor... tão doce bem!

Que mais falle... que expresse mais candura...  
 E que mais grato seja ao coração!  
 Que derrame — em torrentes — mais doçura —  
 No peito onde lavrou negra paixão!...

Minha Mãe!!.. minha Mãe!!.. oh qu'rida amiga!  
 Ente primeiro que na terra amei —  
 Onde o laço do sangue que nos liga?  
 Aonde o teu amor encontrarei?....

Aonde os mimos teus, Mãe carinhosa?  
 Aonde o teu angelico sentir?  
 Aonde a tua voz melodiosa,  
 Minha sina cruel sempre a carpir?...

Onde, oh Mãe! o consolo que me davas  
 Quando vias meu pranto rebentar....  
 Ou quando entregue á dôr tu me escutavas,  
 Da vida maldizendo agro penar!...

Meu Deus! tudo perdi! a negra morte  
 O doce amor de Mãe já me roubou....  
 Que trance tão cruel!... que dura sorte  
 P'ra quem na terra só.... tão só.... ficou!

Minha Mãe!!.. minha Mãe!!.. não posso tanto...  
 Não posso.... que me estala o coração!  
 Mas ah!... falla por mim.... diz tu, oh pranto,  
 O que dizer não pôde uma canção!

Porto — Fevereiro de 1861.

*A. P. Caldas.*

**Um suspiro.**

(M. G. S.)

Onde se foi o suspiro  
 Que sahiu do coração?  
 Quem acolhe um ai tam triste?  
 Quem tem delle compaixão?..  
 Suspirei; passou o suspiro  
 De minh'alma a solidão,  
 Tenebroso foi esse ai  
 Que sahiu do coração.

Onde achará um asylo,  
 O meu suspiro de dôr?..  
 Em peito de anjo da terra,  
 Não, qu'eu já descri do amôr.  
 Onde irei buscar asylo  
 Em que possa a salvo pôr,  
 Longe dos homens sem alma,  
 O meu suspiro de dôr?

Ah! onde se iria o triste  
 Repassado d'amargura?  
 Foi-se além deste universo  
 A uma região mais pura,  
 Foi alli, cortando os ares —  
 Aonde a lua fulgura,  
 Foi poisar aos pés do Eterno,  
 Repassado d'amargura.

.....

E lá, sorrindo aos tristes cá do mundo,  
 O suspiro ficou;  
 Pela terra buscára em balde abrigo,  
 Abrigo ahi achou.  
 Peregrino — corrêra o mundo todo,  
 E o mundo despresou;  
 Debalde, com amor anjo da terra  
 O peito lhe offertou.

Debalde! porque o peito d'um descrente  
 O suspiro soltou;  
 D'alma árida vinha, onde a descrença  
 Veneno derramou.

E. A. S.

**A rosa.**A' Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. M. da L. P. G. V.

I.

**FUDIBUNDA.**

O pejo é o colorido da virtude.  
*Apophthegma de Diogenes.*

Tu que fazes, florinha mimosa,  
 Só — dos mortos na eterna mansão —  
 Ostentando tuas graças de rosa,  
 Entre as hervas rasteiras do chão?

Quando a brisa entre a relva — queixosa  
 Suspirando te embala o botão,  
 Quando junto da noite — amorosa  
 Vae tocar-te subtil viração:

Quando a abelha zunindo formosa,  
 Das florinhas na linda estação,  
 Vae poisar-te na fronte mimosa,  
 Vae cravar-te seu duro farpão:

Quando a virgem gentil e donosa,  
 Vae tocar-te as folhinhas co'a mão,  
 Diz, florinha, porque — vergonhosa, —  
 Tu, tam bella, te inclinas p'ra o chão?..



Porque córas, gentil, meiga rosa,  
 Tu que tens de agradar o condão?  
 Porque dobras tua haste mimosa,  
 Se te embala subtil viração! —

Quando a aura da tarde amorosa  
 Te affaga — mimoso botão,  
 Porque córas, te mostras irosa,  
 Se te pinta sua terna paixão? —

Se na frente gentil, e airosa,  
 Crava a abelha seu duro farpão,  
 Depois foge buscando outra rosa,  
 Porque mostras assim torvação? —

Se a donzella correndo anciosa,  
 Te affaga as folhinhas co'a mão,  
 Sendo tu mais do que ella formosa,  
 Porque córas assim sem razão? —

Ah! que fazes, florinha mimosa,  
 Na dos mortos tam triste mansão? —  
 E's tam bella, tam meiga e donosa....  
 Deixa a herva rasteira do chão.

II.

**ORGULHOSA.**

..... tout, si je vous en crois,  
 Doit marcher, doit flechir, doit trembler sous vos lois.

RACINE.

Que é da rosa pudibunda  
 — A filha do cemiterio?  
 Sua existencia futura  
 Occulta fatal mysterio!..  
 A rosa que qual rainha  
 Dominou na tenra hervinha,

Que os negros sepulchros cobre,  
 Outr'ora meiga e formosa,  
 De belleza hoje orgulhosa  
 A frente já não encobre.

Quando a brisa matutina  
 Entre as folhas lhe suspira,  
 Entoando ternos hymnos  
 Ao som da aerea lyra,  
 Ella orgulhosa e altiva,  
 Irritada — dura — esquivá,  
 Ternos suspiros engeita.  
 Já não é a rosa linda,  
 Que córa com graça infinda,  
 Aos suspiros pouco affeita.

Se a aura do pôr do sol,  
 As debeis folhas lhe embala,  
 Em vão procura a coitada  
 Em seu orgulho abranda-la.  
 Altiva porque é formosa,  
 D'outr'ora a pudica rosa,  
 A fresca aura desprésa.  
 Rainha — nobre — e tam bella,  
 Engeita os affagos della,  
 Suas caricias não présa.

Que é da rosa que habitava,  
 Dos finados na mansão?...  
 Que crescia meiga e bella  
 Entre as hervinhas do chão? —  
 Já acabou sua innocencia,  
 Veio uma nova existencia,  
 Mudou a rosa tambem.  
 Quão demudada eu a vejo!..  
 Onde estará aquelle pejo  
 Que assim lhe ficava bem?...  
 .....  
 .....

Um dia a brisa — sussurrando alegre  
 Por entre as hervas na mansão dos mortos—  
 Tocou a rosa,

Então altiva, motejando a brisa,  
A linda planta sua fronte ergueu  
De desdenhosa.  
Soprou mais forte n'um momento a aura,  
Debeis folhinhas se espalharam logo,  
Morrêra a rosa!...

I. P. F. C. Sarmiento.

**A Indagação.**

(IMITAÇÃO DE LEGOUVÉ).

Cuido, Analia, que sósinha  
Te vi esta madrugada  
Na floresta aqui visinha  
Sumir-te mui disfarçada.  
— ; Que ías tu alli buscar?  
= *Ah! .. tu córas? .. tanto enleio*  
*Avulla o meu suspeitar!*

Logo após vi myst'rioso  
Josino — todo brandura —  
Na face estampado o gôso,  
Seguir á mesma espessura.  
— ; Quem suppunha elle encontrar?  
= *Ah! tu córas? .. tanto enleio*  
*Avulla o meu suspeitar!*

Rosa mal desabrochada  
Levavas — da côr do pejo;  
— Mas a flôr que delicada  
No seio tinhas, não vejo.  
— ; Onde foi ella parar?  
= *Ah! tu córas? .. tanto enleio*  
*Avulla o meu suspeitar!*

A' sombra que vos uníra,  
Eu gosava d'aura amena;  
— Cri que ouvi um ai ... mentira!  
— Suppuz ser d'aura, e não pena.

— ; Foi teu, ou delle o penar?  
= *Ah! tu córas? .. tanto enleio*  
*Avulla o meu suspeitar!*

Ao sahir do grato asylo,  
Do recinto deleitoso,  
Tudo em roda era tranquillo;  
Nada perturbou teu goso.  
— ; Quem pois te fez alterar?  
= *Ah! tu córas? .. tanto enleio*  
*Avulla o meu suspeitar!*

Ergue os olhos, vê-los deixa ...  
Tão lindos! — mas que mudança!  
— Chôro de zelosa queixa  
Roubou-lhes dôce bonança!  
— ; Quem te fez assim chorar?  
*Ah! tu córas? .. tanto enleio*  
*Avulla o meu suspeitar!*

E's feliz, pois que a um amante  
Horas aprazar te é dado;  
— Mais feliz, quem nesse instante  
Gosa um céu junto a teu lado!  
— ; Tens de amanhã lá voltar?  
*Ah! .. tu córas? .. tanto enleio*  
*Avulla o meu suspeitar!*

Braga.

P. da S.

**Charada.**

Transparente estôfo. } 2  
Nome de mulher. } 3  
Porção importante  
D'humano saber.

EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE :

*Charada* — Carapinha.  
*Enigma* — Tempo.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

## Recordação.

*Où, pour revoir encore, je vis dans son image.*

LAMARTINE.

**N**ão foi sonho!... Neste mundo  
Tambem com delirio amei,  
E d'um amor tam profundo  
Só o martyrio alcancei!  
Eu soffria-lhe a tortura,  
Sem que o pranto d'amargura  
Viesses aos olhos correr,  
Revelando esse mysterio,  
Que em meu peito ao cemiterio  
Devia mudo descer.

E a quem eu tanto queria,  
Era um rochedo com voz,  
Que insensivel repetia  
Gemidos de mágoa atroz!  
Eu d'amor ouvi-lhe os cantos,  
Da melodia os encantos,  
D'eterna recordação:  
Ah! quem jámais crêr podéra,  
Que essa voz divina era  
D'uma rocha vibração?!

Alma não tinha de certo,  
Que a minha desconheceu;  
Foi-lhe d'amor céo aberto,  
Nem um suspiro lhe deu;

E se deu, 'stava a fingi-lo  
Como o chôro o crocodilo!  
Deixou-me sombra sem luz,  
No valle-das paixões errante,  
Sem odio, sem peito amante,  
Confada só na cruz.

O coração já sentia  
Desfallecido a morrer,  
Que uma illusão me pedia  
De affagos para viver:  
Descri os homens traidores;  
Fui procurá-la nas flores...  
Escolhi a violeta  
Entre as filhas do vergel,  
Que em seu aroma um laurel  
Vem off'recer ao poeta.

Dou-lhe fórmãs d'inspirado;  
Seus perfumes são-me cantos;  
Em seu calix orvalhado,  
Vejo de ternura prantos!  
Imprimo-lhe um beijo ardente,  
Mas puro, mas innocente,  
Como... Petrarca exhalára  
Nos labios da sua Laura;  
Como a matutina aura  
No lirio depositára.

Assim vivo independente,  
Sonhando com essa flôr,

A que amo perdidamente,  
 Embora a sombria côr!  
 Para Desdémona, Othello  
 Foi de bellezas modelo:  
 Nos braços da noite escura,  
 E' que o astro diurnal  
 Produz a sentimental  
 Luz d'ineffavel doçura.

Desta flôr a maga essencia,  
 Inda distante de mim,  
 Magnetisou-me a existencia  
 N'um sonhar que não tem fim!  
 Tácito, não me responde;  
 Inspira-me, onde se esconde,  
 Saudosa, triste canção!  
 Ah! como ainda é malfadado,  
 Este tempo comparado  
 Aos tempos que já lá vão!

**Não podemos separar-nos!...**

*À MINHA AMIGA D. ANNA DA CONCEIÇÃO DA  
 CUNHA GUEDES.*

Eu quizera a pobre lyra,  
 Que ha tanto geme e suspira,  
 Hoje de novo afinar,  
 Eu quizera uma canção;  
 D'amizade e gratidão  
 Em teu louvor entoar!

Mas a dôr que esta alma sente,  
 E' tanta que não consente,  
 Que da lyra solte um canto;  
 Não pôde haver alegria,  
 Quando a mais negra agonia,  
 Faz verter amargo pranto!

Quando a dura sorte irada,  
 De ti me tem separada,  
 E' bem triste o meu viver!  
 Nem do dia um só instante,  
 Quando estou de ti distante!  
 Posso gozar o prazer.

Mas eu espero que o fado,  
 De me vêr penar cançado,  
 De ser cruel deixar á;  
 Eu espero que o meu Deus,  
 Tendo dó dos males meus,  
 Bem cedo nos juntará!

Se do fado a tyrannia,  
 Me podér fazer um dia,  
 Tua amizade perder,  
 Tu verás, anjo adorado,  
 O meu corpo inanimado,  
 Em breve á campá descer!

Dôce amiga, por piedade  
 Não me roubes a amizade,  
 Qu'até hoje me tens dado;  
 Sequer em quanto meu peito,  
 Não está em pó desfeito,  
 Não fôr em cinza tornado!

Quando a negra e crua morte,  
 Seu cruel, seu impio córte,  
 Sobre mim descarregar;  
 Vae, ó anjo de candura,  
 Sobre a minha sepultura,  
 Terno suspiro exhalar!

E' justo que a pedra molhes,  
 Com teu pranto, e que desfolhes  
 Sobre ella alguma flôr;  
 Pego um lirio, uma açucena,  
 Pego um ramo de verbena,  
 Que do peito exprime a dôr!

Sobre a loisa que guardar,  
E meus restos encerrar,  
Eu te rogo vás abrir;  
Epitaphio que assim diga:  
« *Dorme em paz, sincera amiga,*  
« *Té que a ti me vá unir.* »

25 de Março de 1851.

*D. Maria Candida P. V.*

**A' Primavera.**

De que me serve a grandeza,  
Os dotes da natureza,  
Neste lugar d'opressão?  
SONOR DOLORES.

E' este o céu que eu vi na minha infancia,  
Na minha primavera, quando flores  
Colhia em meu jardim, sorrindo amores,  
Nas transparentes ondas de fragancia.

E' este o sol d'então — é esta a estancia  
Do meu throno de luz... — estes verdores  
Despertam-me saudades... dissabores...  
Torturas bem crueis no fel da ancia.

Primavera gentil, meu sol festivo,  
Meus prados, minhas flores, que murchastes  
Depressa, como eu, ao sópro estivo...

O pranto que hoje aqui me despertastes,  
São lagrimas de morta... eu já não vivo  
Nem sei gosar os céos que embellezastes!..

C. I. C.

**Sorriste!**

Sorriste!.. Bem hajas! mataste-me a 'sp'rança  
Que insano sentia no peito a brotar!  
Sorriste!.. antes isso: se crente m'escutas  
Quem sabe que elysios podéra eu sonhar!  
Sonhava a ventura, pendente da sorte,  
E em berço de flores topava co'a morte!

Sorriste!.. Bem hajas! os céos te abençoem!  
P'ra sempre nos labios te quêde esse rizo!  
Que importam tormentos, que causas sorrindo,  
Se o pranto, que geras, te compra o p'raizo!  
Dos olhos d'hum anjo quem ha que esperasse,  
Em vez de sorrisos que o pranto brotasse!

Sorriste!.. e foi d'anjo?... que disse! illudi-me;  
Que o céu não tem risos p'ra a dôr dos mortaes;  
Bramindo a tormenta, no espaço infinito,  
Responde das nuvens do réprobo aos ais.

Só tu, inhumana, mais dura que as penhas,  
D'ouvir que te adoram sorris, e desdenhas;

Sorris... E que espanta!.. sorriu-se a ventura  
De vêr a desdita que o triste opprimia;  
Assim n'outras eras sorriam tyrannos  
De vêr como Roma nas chammas ardia!  
Que espanta!.. é destino! *sorrir e soffrer,*  
Que a dôr que huns opprime dá a outros praser.

Braga 2 de Março de 1851.

*D. João d' Azevedo.*

*A meu cunhado J. Alvo de Balsemão,*  
*no 1.º de Março*

SEU ANNIVERSARIO NATALICIO.

Um canto sagrar-te formoso divino  
No teu natal dia, Josino, eu quizera,  
Mas o estro é tão fraco e a voz é tão rouca,  
Que esforços baldados por fim eu fizera.

\*

Porém d'amizade o culto extremoso  
Sempre neste dia te venho render,  
Da sua constancia que é firme em meu peito  
As provas sinceras te venho off'recer.

Que innumerous annos tu contes ditoso,  
Cercado de honras, delicias, prazer,  
Que inda além dos évos robusto remontes  
Que as eras vindouras bem possas tu vêr.

Assim, meu Josino, meus votos alcanço  
Ao Throno Augusto de todo o Poder  
Lhe peço, lhe rogo, teus dias dilate  
Mil annos felices podendo viver.

Acceita, irmão caro, os votos sinceros  
Que a mão te offerece da pura amizade,  
Gerados n'um peito leal, e constante  
Irão confundir-se com a eternidade.

*Figueira d' Azevedo.*

---

**Descreste ?**

*DEDICADA AO MEU AMIGO J. J. VIEIRA.*

Amigo... soffres?... qu'importa?!  
No peito abafa o soffrer:  
A tua crença 'stá morta...  
Que resta agora... morrer?  
Morrer não, que o cemiterio  
E' grande, negro mysterio,  
Que ninguem decifrará.  
Alli... debaixo da loisa  
Sabes tu se lá repouso  
O cadaver que alli 'stá?!

Aqui perdeste a ventura...  
Queres do mundo fugir?  
E julgas na sepultura  
Descançado ir dormir?!  
Ai louco! pedes á morte,  
Que melhore a tua sorte,  
Que termine o teu soffrer!  
E sabes tu — desgraçado —  
Se na campa... atraídoado  
Inda t'irás revolver?

Perdeste crenças... qu'importa?  
Tambem as crenças perdi...  
A minh'alma sinto-a morta  
E revolvo-me inda aqui.  
Um coração... neste peito  
Já não tenho... foi desfeito  
Por bem horrenda traição.  
Hoje cadaver... sorrio,  
Na maldade tripudio,  
Que chorar... não posso, não.

Mas eu vivo aqui na terra  
Para della escarnecer:  
Com ella qu'esteja em guerra...  
Qu'importa? nunca tremer.  
Ama o homem... se alúm cança  
Vem depois a desesp'rança  
Para o peito lhe esmagar.  
Vê o mundo, que aborrece,  
Sorri, duvida, escarnece,  
E morre sem se humilhar.

Queres tu, que a turba ria  
Do teu intimo soffrer?  
Que a turba leve sorria  
Desse vão, triste gemer?  
Não queres? occulta a face  
P'ra que a turba não devasse  
Esse segredo de dôr.  
Levanta o rosto abatido...  
Qu'importa fosses trahido  
Nesse teu sonho d'amôr?

Qu'importa? louco... julgavas  
Nadar em gosos do ceu?  
Que neste mundo encontravas  
Um amor qual era o teu?!  
Aqui... na terra procura  
Desamôr e desventura  
Que mais nada pôde haver.  
Aqui um sôpro gelado  
Apaga o fogo sagrado  
Que no peito quer arder.

Tambem, amigo, esta vida  
Gasto — em silencio — a soffrer.  
Que m'importa... fementida  
Ser ahi toda a mulher?!  
Foi destino!.. e eu sorrindo  
Passei ávante... seguindo  
P'ra esse termo fatal.  
A terra é má, que m'importa?  
Se minha crença é já morta,  
Se tenho fé só no mal!!

Coimbra 20 de Março — 1861.

*Afonso de Castro.*

**Soneto.**

▲ \* \* \*

Mulher, és livre.  
A. HERCULANO.

Tu, martyr do dever, quando inspirado  
No peito o coração sentes de amor,  
Tens versos onde o estro é um fervor...  
Um genio a delirar amargurado —

As lagrimas saudosas d'um passado,  
Que viveste feliz, no teu verdor,  
Se as choras, vem pungir-me aqui a dôr...  
Que eu tive tambem já tempo dourado.

Não comprimas, mulher, a mágoa intensa  
Torrentes da harmonia dolorosa  
A's vezes são allivio á dôr immensa...

Se a mão da sociedade caprichosa  
Do peito te arrancou a viva crença  
Deixou-te a lyra triste e lacrymosa.

*Camillo Castello-Branco.*

**Aos annos d'um amigo.**

Eu sei de uma flôr nascida  
Entre pedras — lá n'um monte  
Que até ás nuvens erguida  
Alça a rija nua frente...  
Pobre florinha isolada,  
Nem da brisa idolatrada  
E só com urzes ao pé!..  
Tu, dos campos a rainha,  
Nessa serra tam sósinha!  
Oh! que triste, que mesquinha  
A tua vida não é!

Mas embora, aura ligeira  
Passe, ó flôr, sem te beijar;  
Tu és, ó rosa, a primeira  
Que a manhã vae visitar;  
Quando a aurora no horisonte  
Amostra a lucida frente,  
Orna o viso do teu monte  
Com mil raios de rubi;  
Da brisa embora esquecida,  
A manhã jámais te olvida,  
Dá-te a luz primeira a ti.

Assim, nascido entre prantos  
Foi o teu dia natal...  
Tu só gosas os encantos

De uma ventura ideal . . .  
 E no mundo é despresado  
 Quem tem contra si o fado,  
 Quem com mágoas vive só . . .  
 Como a triste infeliz rosa  
 Que, nascida desditosa,  
 Ha-de inda triste e soidosa  
 Um dia rojar no pó.

Mas o trovador que chora,  
 Que como tu sente dôr,  
 Será p'ra ti o que aurora  
 E' p'ra a isolada flôr  
 Um canto — ou antes gemido —  
 Pobre sim . . . mas não mentido  
 Seu alaúde sentido  
 Ha-de ao amigo sagrar . . .  
 Feliz elle se puder  
 Minorar o teu soffrer,  
 Dar allivio ao teu penar . . .

1.º de Abril de 1851.

*J. S. da Silva Ferraz.*

---

**São ciumes! . . .**

Quer's saber porque ás vezes n'um beijo  
 Estremeço qual timida flôr,  
 E nas faces já frias, geladas  
 Pousa a morte seu pallido alvôr?

Quer's saber porque ás vezes o peito  
 De repente começa a bater  
 Com tão fortes, tão rijas pancadas,  
 Que eu apenas o posso suster?

Quando em ondas se escoam delicias  
 Quer's saber porque fico a scismar,  
 E meus olhos sem brilho descáem,  
 Se nos teus os coitados vão dar?

Quer's saber porque ás vezes fenece  
 Entre os labios um brando sorrir,  
 E do fundo do peito se escapa  
 Um suspiro d'acerbo pungir?

Quer's sabê-lo?.. pois bem! — vou dizer-te  
 Qual a causa do meu suspirar —  
 Quaes as dôres que pungem minh'alma,  
 Que em torrentes eu sinto brotar!

*São ciumes! . . .* são mágoas terriveis —  
 E' um veneno mortal, e atroz,  
 Que no peito as entranhas rasgando  
 Me espedaça qual tigre feroz!

Porto 27 de Janeiro de 1851.

*A. P. Carneiro.*

---

**Um canto.**

**R.**

Ha no horto da vida uma rosa  
 Que eu não sei que se possa imitar;  
 E' tam meiga, tam pura e formosa  
 Que outra igual não se pôde encontrar.  
 Sobre o rosto mimoso a candura  
 Da innocencia se vê fulgurar  
 E nos olhos transluz-lhe a ternura  
 Que a alma a elles bem soube guiar.  
 . . . . .  
 E eu adoro esta rosa.

Por ella  
 Dera est'alma, que devo a Deus dar;  
 Se exigido me fôra — p'ra vê-la  
 Hia o céu pelo inferno trocar.  
 Porém ella, talvez, de seus sonhos  
 Me não deixa, oh! que não! — partilhar! . . .  
 Oh! que bellos momentos risonhos  
 Eu com ella devêra passar!!  
 Meiga rosa, sorri-me.



Eu anceo  
 De teus labios um riso gozar ;  
 Venha elle tirar-me um receio  
 Que a existencia me póde acabar !..  
 .....  
 .....  
 Nem a virgem mais pura e formosa,  
 Nem um anjo a pudera imitar !..  
 E' tam meiga — tam bella esta rosa !...  
 Esta rosa é no mundo sem par !...

24 de Março de 1851.

Y.

**Gemidos d'alma.**

A' Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. M. S. P. G. V.

A belleza em que eu cria,  
 Era mentida visão,  
 A candura era mentira,  
 A pureza uma illusão.

E. A. S. — *Inedita.*

Brilha no céu a lua scintillante ;  
 Calado é tudo, nem sequer bafeja  
 A aragem leve da inquieta brisa.  
 O mar ao longe — calmo e sem remanso,  
 Semelha de batalha vasto campo,  
 De sangrentos cadaveres alastrado,  
 E todo em torno respirando a morte,  
 Depois de terminada ardua pejeja.  
 Nem alvejam, sequer, tenues orlas  
 De branca espuma ; — nem, sequer, cicia  
 A pura onda rociando a penha.

Salve, quedo oceano, as tuas vagas,  
 Semelham-se a meu peito socegado ;  
 Quando mil sensações profundas — magas

Nascem nelle d'involta,  
 Ao vêr-te calmo, e mudo, o anhelado  
 Socego em breve ao coração me volta.

Ao longe vejo o penhasco  
 Alçando a rigida fronte,  
 Por entre a nevoa que tenue  
 Além se ergue no horisonte.  
 E minha alma tristurosa,  
 Expande-se, e pressurosa  
 Corre a buscar o rochedo ;  
 Crendo que por entre as fraguas,  
 Por sobre as placidas aguas,  
 Póde dizer seu segredo.

Engano cégo, e tam triste !...  
 Tambem o mar é cruel,  
 Tambem da negra perfidia  
 N'alma me derrama o fel.  
 Porque em breve enfurecido,  
 Solta horrisono bramido,  
 Encrespa as vagas co'o vento,  
 E meus segredos confia,  
 A' floresta, á rocha esguia,  
 Aos astros do firmamento.

Salve, mar, quando mudo e socegado,  
 Baloijas tuas aguas brandamente,  
 Nesse vasto espaço dilatado,  
 Que tu só tens na terra.  
 Salve, — quando não ruges ferozmente  
 Com as rochas, co'o vento em dura guerra.

Não creio no teu socego,  
 Nas tuas aguas de prata,  
 Quando, por noite serena,  
 A lua em ti se retrata ;  
 Que tu, mar, és inconstante,  
 Teu socego é d'um instante,  
 Tu tambem sabes trahir.

Bem depressa essa mudez,  
Das aguas a placidez,  
Trocas por surdo mugir.

Tu és cruel — traçoieiro,  
Eu não creio, oh mar, em ti,  
Não creio nos teus encantos,  
Que d'encantos já descri!...  
Já cri n'uma virgem pura  
Como a estrella que fulgura  
No céu azul de bonança:  
Na terra cria só n'Ella,  
Mas essa crença tam bella  
Morreu-me... e junto a esperança.

Fui feliz — folguei no mundo,  
Quem me dera inda o folgar,  
Quem me dera amor d'um anjo,  
Inda n'harpa descantar.

Que é da harpa em que tangias,  
Onde é ella, oh trovador?...  
P'ra que é ella a quem descrê  
Dos homens — patria, e amor!?! —

Já descrês!.. ah, triste bardo,  
Breve fugiu a illusão!...  
Nascestes — sentistes — amastes....  
Já tens duro o coração!

.....  
.....

Assim eu sou; no mundo peregrino,  
Choro sempre, e levado p'lo destino  
Discorro sem parar.  
Até tocar um marco onde cançado  
Descance somno eterno, não torvado,  
Q homem de chorar....

E ao que se ergue — chorando seu fado —  
Inda o espera bem rude soffrer!..  
Soffre o bardo, até que da campa  
Longos braços o venham prender.

Março de 1851.

*I. P. F. C. Sarmento.*

### Charada.

Votada pelo pae a dira morte,  
Quiteria pelo pae tal foi julgada: } 1  
— No deus, que só facecias tem por sorte, } 1  
Meu todo e outra parte está ligada: }

— Mas sendo o todo meu de varão forte,  
Que em Roma nos começos deu toada;  
— Apenas ao irmão meu feito assoma,  
Minha vida perdi na antiga Roma.

*Pereira-Caldas.*

### EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:

*Charada — Philosophia.*

## ANATHEMA,

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

*Romance original portuguez, em tres volumes  
de oitavo frances.*

Assigna-se no Porto, na loja de livros do editor *Francisco Gomes da Fonseca*, aos Caldeireiros n.º 12, e nas diferentes lojas de livros — em Lisboa, na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8 — em Coimbra, na loja do sr. Orceal — em Vizeu, na loja do sr. Dionisio de Sousa Loureiro — em Lamego, na rua de S. Francisco n.º 43 — em Braga, em casa do sr. José Antonio d'Oliveira Junior, rua do Souto n.º 22.

Preço de cada volume 400 reis, pagos á entrega. — Os exemplares para as provincias serão remettidos francos de porte.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

Feliz!... só tu!

**T**ERNO, alegre passarinho,  
Qu'entre essa arvore florida,  
Soltas teu mimoso canto,  
Passas satisfeito a vida.

Não receias da desgraça  
O genio devastador,  
Quando o quer a natureza  
Góssas dos fructos d'amor.

Vês-te em fim reproduzido,  
E qual é o teu prazer,  
Quando vês os caros filhos  
O primeiro vôo erguer.

Não esperas nem receias!..  
A desmedida ambição,  
Parece não ter lugar  
Dentro do teu coração.

Nunca te vem á lembrança  
Que engenhoso caçador  
Bem pôde, sem que o presintas,  
Armar-te o laço traidor.

Quanto invejo a tua sorte,  
Contigo a minha trocára,  
Em vez de habitar o mundo,  
Como tu aos ares voára.

Ambos somos semelhantes,  
Tu és, como eu sou mortal,  
Tu és sensível ao gosto,  
Eu sou sensível ao mal.

*Viscondessa de Balsemão*

D. CATHARINA.

**A gôta de orvalho.**

Arrogantes brazões, poder faustoso,  
Todas essas vantagens tão gabadas,  
Que a formosura, que a opulencia cercam,  
Nenhuma exceptuada, esperam todas  
A inevitavel hora.

H. ERNESTO D'ALMEIDA.

Sobre a folha tenue, esguia  
De solitario salgueiro,  
Que seus braços estendia  
Sobre rapido ribeiro,  
Do sol ao fulgôr primeiro,  
Gôta de orvalho luzia  
Sobre a folha tenue, esguia  
De solitario salgueiro,  
Que a branda brisa impellia.

Os raios do sol brilhantes  
Lhe emprestavam lindas côres:

E' verdade qu'inconstantes,  
Vivos, logo morredores  
Eram seus magos fulgores;  
Mas em velozes instantes  
Os raios do sol brilhantes  
Lhe emprestavam lindas côres,  
Luzes vivas, vacillantes.

Estava a gôta luzente  
Assim bella a fulgurar  
Sobre a folhinha tremente,  
Que balouçava no ar;  
E parecendo zombar  
Dessa abysmosa torrente,  
Estava a gôta luzente  
Assim bella a fulgurar....  
Mas... desabou de repente!

Esse brilho, essa lindeza,  
Encantos d'um só momento,  
Derribou (e com presteza)  
Leve rajada de vento:  
E enguliu desattento  
O ribeiro, e com fereza,  
Esse brilho, essa lindeza,  
Encantos d'um só momento,  
Falsa joia de riqueza.

Assim da terra, potentes,  
Nesta vida tão ligeira  
Reflectis raios luzentes  
De riqueza passageira.  
Sois qual gôta feiiceira  
Lá sobre as aguas correntes...  
Assim da terra, potentes,  
Nesta vida tão ligeira  
Temei o fim dos viventes.

19 de Março de 1851.

Maria P. de S.

**Queres a flôr ?**

Em má hora, anjo perdido,  
Me pediste alguma flôr!...  
Das que tenho, que são quatro,  
Nenhuma falla d'amor.

A primeira é a *saudade*,  
Cujo espinho atravessou  
O coração, que a regára  
Com pranto, que ella seccou.

A segunda é um *martyrio*,  
Que me deram, quando amei...  
Foi-me caro — é um thesouro  
Que por lagrimas comprei.

A terceira é dos sepulchros,  
— E' um *goivo*... não t'o dou,  
Fui colhê-lo ao cemiterio....  
Entre mortos vegetou!

A quarta... sim... dou-te a quarta,  
E' uma *rosa*... mas olha...  
— Se eu morrer, e tu sentires,  
Na minha campa a desfolha...

Porto 5 de Abril de 1851.

*Camillo Castello-Branco.*

**O cair da folha.**

(TIRADO DE MILLEVOIE).

Já os bosques, despojando-se,  
Cedem do outono á fereza;  
— Já do mysterio a belleza

Perdeu — co'a folha — a illusão!  
 Não mais rouxinol suavíssimo  
 Se escuta nesta scidão!

Porém vê-se ainda pálido,  
 Côr de morte, a passo lento,  
 Um joven que alli o alento  
 — Disséreis — ia finir.  
 D'annos verdes a aura placida,  
 Derradeira, ia aspirar!

Dôce bosque!... amei-te no intimo  
 De minh'alma, e neste instante  
 Venho dar-te o adeus amante,  
 Adeus de quem vai morrer!  
 Sêcca folha, a cahir tremula,  
 Bem me dá meu fado a vêr!

D'um nume funesto oraculo  
 Ouvi bem claro, e dizia:  
 = Que eu a folhagem veria  
 Revestir d'amarelliz;  
 = Porém (troou voz mais funebre)  
 Era esta a ultima vez! =

Que eterno cypreste lugubre,  
 Mais sem côr que o proprio outono,  
 Já me assombrava alto somno,  
 Que eu na campa ia dormir!  
 Que eu tinha apenas um átomo  
 De juventude a medir!

Que nem mais veria o pampano  
 Brilhar, nem herva no prado...  
 — Vou morrer!... vou, desgraçado,  
 Em breve finir-me assim!...  
 Dos euros sinto friíssimo  
 Já coar-me o sópro ruim!

Vi, como sombra phantastica,  
 Fugir minha primavera;  
 Triste morte hoje me espera,

Cahida folha vou ser!  
 Possam folhas, alastrando-se,  
 Meu jazigo aqui 'sconder!

'Scondam-me da mãe ternissima!...  
 Porém, se aqui, desgrenhada,  
 Vier minha dôce amada  
 Chorar, quando a luz se fôr;  
 C'um leve sorrizo acordem-me  
 Para ouvir-lhe um ai d'amor!...

Sem mais dizer, retirando-se,  
 Não voltou... que da floresta  
 Unica folha que resta,  
 Cae, e o infeliz cahiu!  
 Sobre o robre logo um tumulto  
 Pia mão lhe construiu!

Mas essa tam êrma lapida,  
 Só d'algum zagal sabida,  
 A ninguem chama ou convida,  
 Ninguem a vae visitar!  
 Nem a amante uma só lagrima,  
 Um só ai lhe foi votar!

Braga.

P. da S.

De Lord Byron — to Caroline—

Quando eu te ouço exprimir uma affeição ardente  
 Não julgues, meu amôr, que eu me não fio em ti..  
 Nesses teus olhos luz fulgôr que jámais mente,  
 E a alma ganha fé quando o teu labio ri.

Porém sinto um pesar... é que este amôr um dia  
 Qual folha definhada ha-de cahir no pó—  
 E' que virá um tempo em que nossa alegria  
 Já longe se verá com lagrimas e dó!

\*

Virá um tempo ainda em que esses teus cabellos  
 Não terão como agora a mesma liada côr :  
 Mais de um nos mostrará que esp'ranças e que anhellos :  
 E' tudo breve aqui : só dura mais a dôr.

E' isto que o meu rosto ennubla de tristura ...  
 Não que pretenda eu só a lei menospresar  
 Que Deus ordenou ser fado da creatura ,  
 —A morte—que tambem de mim te hade privar.

Tu , sceptica gentil , não temas que a descrença  
 Possa do teu amante o espirito invadir ...  
 Elle tem n'um olhar como o teu fé intensa ,  
 Uma lagrima o move — encanta-o um sorrir.

Mas como um dia emfim nos ha-de vir a morte ,  
 E os nossos corações em que ora ha tanto amôr,  
 Na campa dormirão 'té que um soído forte  
 Nos venha despertar desse somno de horrôr,

Sorvamos do prazer contínuos — longos tragos ...  
 Que as paixões como a nossa o off'recem sem cessar :  
 Esgotêmos a taça onde seus gôsos magos ,  
 O nectar dos mortaes — amôr fez encerrar.

25 de Março de 1851.

*J. S. da Silva Ferraz.*

*A minha Cuhada a Ex.<sup>ma</sup> D. Maria  
 Brizida de Sá Nogueira*

TRIBUTO D'AMIZADE.

**Canção.**

Puros votos da candida amizade  
 Eu gravarei no rígido penedo :  
 A's gerações por vir o meu segredo  
 Eu quero revelar.

Dos passados vaivens da infausta sorte  
 Tenho cançado o espirito , e abatido  
 Do triturado peito um só gemido  
 Eu solto a meu pesar.

Lá vão , e jámais voltam , já passaram  
 Os meus dias outr'ora tão ditosos :  
 Agora entre angustias afanosos  
 Hão-de alfim succumbir ...

Dôces lembranças do passado tempo ,  
 Dias flizes da minha mocidade ,  
 Os sinto agora na madura idade  
 Vir-me est'alma pungir.

Já d'almo amor gosei momentos ledos ,  
 Mas velozes por fim elles fugiram :  
 Barbaros , ai de mim ! não consentiram  
 Um pouco mais durar.

Errante vi-me alfim , que eu fui proscripto  
 Da patria , cujo céo sonhei tão lindo ,  
 De saudosas esp'ranças só nutrindo  
 O prazer de voltar.

Agora nella de soffrer cançado  
 Já vacilla a razão meu norte , e guia ,  
 O enorme pêso que me opprime o peito  
 Não posso supportar.

Só tu , ó pura , ó candida amizade ,  
 Que és presente dos céos o mais mimoso ,  
 Meu desgosto cruel , e tormentoso  
 Tu pôdes acalmar.

Inaccessivel , nas remotas eras  
 Teu bemfazejo nome eu gravarei ! ..  
 Dentro em meu peito á gratidão votado  
 Ha muito eternisei.

Porto 23 de Agosto — 1850.

*Figueira d'Alvedo.*

Ella.

A' Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. M. da L. P. G. B.

Eu sei sentir-te, mas não sei pintar-te.  
H. E. D'ALM. COUTINHO.

Honesto — fagueiro riso  
Eu diviso  
Em teu rosto encantador:  
Dá-me, donzella, um teu beijo,  
Que me apague o meu desejo  
Matador.

Tens na face tão nevada  
Engastada  
Pudica côr de carmin:  
Tens na bôca pequenina  
Uma crusta purpurina  
De rubim.

São teus dentes diamantes  
Mais brilhantes  
Do que as perlas de Gondar:  
E' um thesoiro teu seio,  
D'innocencia — d'amor cheio,  
A pulsar.

São teus olhos luminosos  
Mais formosos  
Que a estrella a refulgir;  
Como o pharol que distante  
Vê na praia o mareante  
A luzir.

São fios d'oiro os cabellos,  
Que tam bellos  
Nos hombros vejo ondear;  
Quando a aura prasenteira  
Vae entre elles tam fagueira  
Suspirar.

Tua mão é tam-mimosa  
Como a rosa —  
Como a rosa do jardim:  
Ou como o lirio do val,  
Que em candidez é rival  
Do jasmim.

Aos labios lindos te assoma  
Dôce aroma —  
Aroma que não tem par:  
Se fagueira por mim chamas  
Com teu hálito embalsamas  
Todo o ar.

Quando na dança enlaçada,  
Apertada  
Eu te vejo ao seio meu,  
Attentando no teu rosto  
Me transporta suave gosto  
Para o ceu.

Quando de tarde caminhas  
Sobre hervinhas  
Com teu passo tam subtil,  
Toda a flor se curva e adora,  
Do teu garbo se namora  
Tam gentil.

E se na praia arenosa  
Vagarosa  
Se vem a vaga quebrar,  
Ao vêr a tua belleza  
A teus pés vae com presteza  
Ajoelhar.

Quando cantas, o teu canto  
Terno — santo,  
Mil harmonias encerra:  
Divinal é o cantar teu,  
Tua voz é só do ceu,  
Não da terra.

Honesto — fagueiro riso  
 Eu diviso  
 Em teu rosto encantador:  
 Dá-me, donzella, um teu beijo,  
 Que me apague o meu desejo  
 Matador.

29 de Março de 1851.

*I. P. F. C. Sarmiento.*

---

**Gemidos d'alma.**

*Il ne nous reste plus que la triste memoire.*

*RACINE — Esther.*

*(M. G. S.)*

Quando a rosa no prado florido  
 Ergue a fronte de candido alvôr,  
 Porque ha-de o tufão desabrido  
 Perturbar o socego da flôr?..

Quando — longe, na etherea saphira  
 Brilha, limpida, a lua sem véo,  
 Porque ha-de dos ventos a ira  
 Involver d'atras nuvens o céu?..

Porque ha-de a borrasca medonha  
 Reverter as entranhas do mar,  
 Quando os raios da lua se movem  
 Sobre as vagas em mago folgar?..

---

Tambem já vivi maga vida de encantos,  
 Libei das delicias a taça formosa,  
 Na senda da vida cuberta de flores,  
 Ergui minha fronte d'amor orgulhosa.

Zombei da desgraça, mofei da tristeza,  
 Julguei que o soffrer era só illusão,  
 Minh'alma tam pura que só cria em Deus,  
 Erguia-se altiva dos céos a amplidão.

Meu peito abrazado só cria no amor,  
 D'uns labios formosos na dôce magia;  
 N'um peito que junto do meu palpitava,  
 N'um meigo sorrizo que — amor — me dizia.

---

Quando a rosa no prado florido  
 Ergue a fronte de candido alvôr,  
 P'ra que ha-de o tufão desabrido  
 Perturbar o socego da flôr?..

---

Tambem já vivi maga vida de encantos,  
 E veio o tufão que minh'alma seccou,  
 Levou-me os affectos mais puros, mais santos,  
 No peito ferido só dôr me deixou.

As faces rosadas queimou-me o chorar,  
 Meu rosto tingiu-se de pállida côr,  
 Fugiu-me a alegria, cessou meu folgar,  
 Meu peito cubrira de espinhos a dôr.

---

Quando longe na etherea saphira  
 Brilha, limpida, a lua sem véo,  
 Porque ha-de a procella medonha  
 Espalhar-se, tremenda, no céu?

---

Na aurora da vida morreu-me uma esperança  
 Que, louco, no peito nutria fagueira,  
 A vida d'encantos depressa esvaiu-se,  
 A crença mais dôce fugiu-me ligeira.

---

Debalde minh'harpa tentei dedilhar,  
 Um canto tecendo d'amor d'alegria,  
 As cordas da harpa gemendo tristonhas  
 Já ecco não tinham nesta alma vazia.



Chorei; porque o pranto correndo ardente  
 Nas faces que tinham da morte o pallôr,  
 A dôr mitigava que o peito sentia,  
 A's penas servia de mago frescôr.

Porque ha-de a borrasca medonha  
 Revolver as entranhas do mar?  
 Quando os raios da lua se movem  
 Sobre as vagas em mago folgar.

*E. A. Salgado.*

---

**Soffrimento.**

*Ella* chorava . . . . vertia  
 Lagrimas d'intensa dôr . . . .  
 E chorando era tão bella  
 Como um Anjo do Senhor!

O punhal atravessou-lhe  
 Bem profundo o coração . . . .  
 Mas seus labios não soltaram  
 Um grito de maldição!

Atravéz de mil torturas  
 Do mais agro padecer,  
 Só lhe ouvi bradar: — « O' morte  
 « Vem pôr termo ao meu soffrer! » —

Desditosa! que tormenta  
 Não tinha no coração! . . . .  
 Quanto custa vêr co'a esp'rança  
 Desfolhada uma illusão!

*A. P. Caldas.*

---

**A' Lua.**

(AO MEU AMIGO A. AZEVEDO).

Como vens tão pesarosa  
 Nesta noite tenebrosa,  
 Tu, ôh lua a scintillar!  
 Terás acaso pesar,  
 Das noites em que formosa  
 Costumavas fulgurar?

Oh! que então eras tão bella,  
 Como formosa donzella,  
 Como archanjo do Senhor:  
 Eras como o meu amor;  
 Mas em noite de procella  
 Brilhas com triste pallor:

Com que jubilo e que gosto  
 Não vi eu teu niveo rosto  
 Por esses céos a raiar:  
 E teu argenteo luar,  
 Desde que o sol era posto,  
 Até te esconderes no mar!

Porém em noites de inverno  
 Não apraz ao Deus Superno  
 Que tu brilhes a sorrir;  
 Vem um negrume cobrir  
 Esse teu rosto tão terno  
 Que nos céos se vê luzir.

Quem me dera que voltasse,  
 E que muito não tardasse  
 A primavera gentil,  
 Para que em céos de esmeril  
 Contente te contemplasse,  
 O' lua, entre astros mil.

Então eu de novamente  
 Mui satisfeito e contente  
 Bemdirei teu scintillar;  
 Sempre t'hirei namorar,  
 Sobre a areia refulgente  
 Nas tristes praias do mar.

Dezembro de 1847.

S. Rosa.

**Soneto**

Ao verso = *Nos livres campos onde habita Flora.* =

Debalde o homem tenta achar ventura  
 Entre o barulho immenso da cidade;  
 Debalde busca alli a liberdade,  
 Dos prazeres humanos fonte pura:

As leis alli se olvidam da natura,  
 Chama-se á prepotencia f'licidade;  
 Incenso vil se rende á iniquidade,  
 E crime se reputa a desventura.

Mas se dos bons costumes a pureza,  
 Das cidades fugiu, se lá não mora,  
 Nas aldêas s'encontra a singeleza;

A candida virtude inda se adora,  
 Ainda se respeita a natureza  
*Nos livres campos onde habita Flora.*

Porto — Março de 1851.

J. A. S. T.

**Charada.**

Rei Porcenna, as tuas iras  
 Não farão amedrontá-lo,  
 O valor da tua corôa,  
 Pouco é para comprá-lo.  
 Sobre mim a forte mão  
 Estendeu sem vacillar;  
 O fogo que em mim ardia,  
 Nem um ai lhe fez soltar.

Minha mão tão celebrada  
 Fez muralhas levantar;  
 Henrique oitavo fez throno,  
 Lucrecia Borgia chorar!  
 E a mim, tão innocente,  
 Que nunca fui criminoso,  
 Collocou-me ao pé do crime,  
 Só p'ra ser mais sonoro.

A cabeça de Marina  
 Por estes foi condemnada;  
 E su'alma lá no céo  
 Por lei igual foi julgada.  
 E' tão simples, mas tão santa  
 Essa lei que nos contém!..  
 « Ama a Deos que te creou,  
 « Não faças mal a ninguem.

Nas solidões do deserto,  
 Orgulhosas nos erguemos;  
 Nem dos seculos as iras  
 Em nossas bases tememos.  
 Homem grande e poderoso,  
 O maior que Deos creou,  
 Para incitá-los á gloria,  
 Aos seus bravos nos mostrou.

A. M.

EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:

Charada — Rémo.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

A' CRUZ.

(NO TEMPLO DA MINHA ALDEIA).

No templo sagrado, em frente da Cruz,  
Lembranças terrenas eu quero extinguir;  
Ouvidos prestar á voz que me manda  
Dos vicios do mundo zombar e fugir.

A voz que me grita do céo é mandada,  
A ella sómente eu devo attender;  
As culpas passadas chorar eu só quero,  
Nos braços da Cruz penar e morrer.

Os loucos prazeres, inuteis grandezas,  
Com cégo fervôr bem tempo gozei;  
Mas hoje conheço que é tudo illusão,  
Por isso abomino aquillo que amei.

Que valem da terra grandezas immensas,  
Que valem as pompas, que vale o folgar?  
Vaidades mundanas, ah! eu vos odeio,  
A Cruz eu só devo, só quero adorar!

Prostrada por terra com grande humildade,  
Mil preces dirijo ao nosso JESUS;  
A'quelle que affrontas, tormentos e morte  
Soffreu por salvar-nos, pendente da Cruz.

O' Cruz sacrosanta, a ti tambem vou  
Fazer um pedido que espero alcançar;  
Rogar-te que apenas a vida me deixe,  
Meu triste sepulchro tu venhas guardar.

10 de Abril de 1851.

*Maria Candida P. V.*

Cantico.

Tu, anjo da Poesia, que as ruinas  
De Sion lamentaste,  
Que a sacro Vate da harpa harmoniosa  
As cordas afinaste,  
Hoje vem-me inspirar, genio divino,  
Quero ao Sancto Jehovah tecer um hymno.

E's immenso, Senhor; quando a estrellinha  
Reverbera no mar;  
Quando de noite sobre as quèdas vagas  
Se baloiça o luar;  
Da estrella no fulgôr, na luz da lua,  
Eu vejo, oh Deus, a immensidade tua.

Se nas per'las de orvalho se reflecte  
Brilhante o astro do dia,  
Se a mimosa avesinha em seus gorgeios  
Um cantico te envia:  
A luz do sol, e da avesinha o canto,  
Me dizem que és, Senhor, immenso e Sancto.

Se o mar se vae quebrar com furia immensa  
 Nas rochas rebramindo;  
 Se o corisco veloz corre nas nuvens  
 De luz um sulco abrindo,  
 Sobre as nuvens, Senhor, e na agua anda,  
 Só tu moves o mar, e o raio mandas.

Eu te adoro, meu Deus, quando o trovão  
 Brame nos céos ruidoso;  
 Quando corre do ar na vastidão  
 O raio pressuroso,  
 Eu te adoro, meu Deus, porque a tormenta,  
 Teu poder a meus olhos apresenta.

Eu contemplo o regato que atravessa  
 Tam ligeiro a campina,  
 Com aguas de crystal regando o pé  
 Da cândida honina,  
 Vejo-o desappar'cer no verde prado,  
 E louvo-te, Senhor, que o has creado.

E's immenso, oh Deus; és grande em tudo  
 O que ha na natureza;  
 Ao vêr as tuas obras eu admiro  
 Seu poder e grandeza,  
 Sê bendito, Senhor, da creação  
 Que te deve o louvor e a oração.

\* \* \*

### A Cruz.

O' cruz, áve, spes unica.

#### I.

Eis a cruz!.. A adorá-la o mundo cõrra;  
 Em tórno della só queimem-se incensos,  
 Que ella prostrou os idolos!.. Ao mundo  
 Da verdade o clarão mostrou, rasgando  
 O nebuloso véo, que o encobria!  
 Foi um affar sublime!.. Exangue a victima  
 A victima dos crimes, que opprimiam

A face do universo, alli cravada  
 O homem com seu Deus reconcilia.  
 Abre a Cruz nova senda sobre a terra;  
 Quebra o férreo grilhão!.. O homem livre  
 Das garras da serpente, ao céo levanta  
 Olhos cheios d'esp'rança; e o céo, que o crime  
 Do primeiro mortal cerrára aos homens,  
 Aberto pela Cruz, seu gremio aos filhos  
 Do criminoso Adão já não recusa.

#### II.

Antes que surgisse ao mundo  
 A aurora da redempção,  
 Era um abysmo profundo  
 De maldade e corrupção!..  
 O homem, sem dôce esperança,  
 Só conhecia a vingança,  
 Não tinha fé, nem amor!..  
 Se os olhos ao céo volvia,  
 Por entre as nuvens lá via  
 Sómente um Deus vingador.

Se se aproxima da entrada  
 Do primitivo jardim,  
 Vê fulgir ardente espada  
 Na dextra de um Cherubim!..  
 Se o crime estende as raizes,  
 Ai dos homens infelizes,  
 Que vão todos perecer!..  
 O mar não respeita as plagas,  
 Sobe, cresce, e as frias vagas  
 Vem toda a terra envolver.

Se quatro impias cidades,  
 Dos vicios no lodaçal,  
 Requeintam átras maldades,  
 Ardem na sêde do mal;  
 Ai dellas!.. Chuva de fogo  
 Lá desde o céo desce logo,  
 Os homens... tudo a queimiar!..  
 Depois da chamma apagada,  
 Só carvões, cinza.... e mais nada  
 Se vê no infame lugar!

E quando a grei escolhida,  
Sob a vara de Moysés,  
Aguarda a lei promettida,  
Do Sinai prostrada aos pés;  
A' luz do raio, que estala,  
A' voz do trovão, que abala,  
Que enche o povo de terror;  
Israel, curvada a fronte,  
D'entre os incendios de um monte  
Recebe a lei do Senhor!..

E' que não era chegado  
O tempo da redempção;  
Ainda o véo do peccado  
Involve os filhos de Adão!  
Nos livros das prophecias  
Já escrevêra = MESSIAS =  
A mão eterna de um Deus;  
Mas os homens (desgraçados!)  
Pelo inferno escravizados,  
Do crime antigo são reos!..

Não viera a lei da Graça  
De Deus revelar-lhe o amor;  
Um só povo á fé se abraça,  
Os outros... cégos!.. Que horror..  
Vem longe ainda o instante,  
Em que o Christo agonisante,  
Dando á terra nova luz,  
Diga: — « O' homem! E's meu filho!  
« Por ti hoje aqui me humilho;  
« Vem abraçar-te a esta Cruz. » —

III.

Mas essa hora chegou!.. A Cruz se eleva  
No viso do Calvario!.. O sangue puro  
Da victima innocente, as nodos lava  
Da primitiva culpa.  
Depondo o raio, que abraçou Sodoma,  
O Homem-Deus, maisissimo Cordeiro,  
Vae de Bethlem ao Golgotha expiando  
Os crimes de seus filhos!  
A nova lei de Amor aos homens deixa;

Deixa-lhe a Cruz, qual arvore frondente,  
A cuja sombra o peregrino encontre  
Um allivio, um conforto.

E a Cruz ovante as mil nações da terra  
Vem todas acatar!.. Roma se curva,  
Curva-se o Capitolio ante o estandarte  
Da redempção do mundo!  
Adão tocando a arvore da morte  
Desobedece a Deus, perde os seus filhos!  
O madeiro da Cruz, vencendo o inferno,  
E' arvore da vida!

E a hora já soeu!... A Cruz se eleva  
No viso do Calvario!... O sangue puro  
Da victima innocente, as nodos lava  
Da primitiva culpa.

IV.

E dest'arvore sacrosanta  
Os fructos vamos colher!  
Fructos de bondade tanta  
Não deve o homem perder.  
Ai! tu, que gemes nos vicios,  
Rasguem-te a carne os cilicios,  
Que inda maiores supplicios  
Por ti um Deus quiz soffrer!

Ao lenho vamos curvar-nos,  
Ao lenho da salvação;  
Vamos com elle abraçar-nos,  
Pedir p'ra os crimes perdão!  
Ao vér tão grandes tormentos,  
Tão crueis padecimentos,  
Chovam lagrimas aos centos,  
Desça a dôr ao coração.

O homem n'alma contrito  
Adore o Christo Jesus,  
Que, em seu Amor infinito,  
Vem expirar sobre a Cruz!  
— Salve, salve, ó Cruz sagrada,  
Sobre o Golgotha arvorada!  
Tu nos apontas a estrada,  
Que da terra ao céu conduz.

Soto-Mayor e Azevedo.

**Consummatum est :**

Hæc dicit primus et novissimus,  
qui fuit mortuus et vivit.

APCALIPSIS. — *Cap. II. vers. 8.*

.....  
E o sol não mostrou mais aquelle dia  
Ao mundo a luz... ao mundo que fazia  
Morrer seu Creador ;

O mar calou o som por um momento —  
Dos ares na amplidão parou o vento —  
Murchou no prado a flôr.

Mas dos plainos do céu se o sol recúa,  
Não é para brilhar da meiga lua  
Silenciosa luz :

A noite tem também enlêvos santos ;  
E a natureza aos homens nega encantos,  
Olhando aquella cruz.

Não é dia nem noite... o céu é pardo —  
Mas nem brilha da estrella o brilho tardo,  
Nem ha lua no ceu ;  
Nem resvalam nos liquidos espaços  
Os rúbidos fulgôres já espaços  
Do sol, que se escondeu ...

Na terra é tudo horror — tudo mysterio...  
E, como em isolado cemiterio  
Alvejam mausoleos,  
Os que ao Senhor cuspiam destemidos,  
Ei-los agora de pavôr tranzidos,  
Dizendo-se « Era Deos! »

\*  
E era Deos! Era Deos que morrêra,  
Como um ímpio, pregado na cruz...  
Era Deos que a este mundo viera,  
Para ao mundo trazer nova luz. (•)

Era Deos que na terra morára,  
Como estrella baixada dos ceus ;  
O seu brilho vivaz se apagára —  
Para a patria voou — para os seus.

(•) *Ego lux in mundum veni. Evang. S. João.*

E o Espirito Eterno sorriá,  
Quando o Homem na cruz expirou :  
Elle a morte do filho não víra ...  
Outra idéa sua mente occupou.

Nessa cruz no Calvario elevada  
Deos eterno só lê « Redempção »,  
Que sua bôcca, de fel amargada,  
Inda achou uma voz de perdão !

O perdão! para aquelle que a inveja  
Apartou do caminho dos céos...  
O perdão para o vil que o moteja —  
Que, cuspindo-o, lhe diz « não és Deos. »

E era Deos, que a este mundo viera,  
Para ao mundo trazer nova luz...  
Era Deos! Era Deos, que morrêra,  
Como um ímpio, pregado na cruz.

\*

Qual foi o seu crime? qual foi o delicto,  
Que faz lá no Golgotha a cruz arvorar?  
Que fez? d'onde nasce esse odio infinito,  
Que faz todo um povo ruidoso — agitar?..

Que fez o propheta? por elle que o diga  
O surdo que falla — o cégo que vê ;  
A adultera salva de morte inimiga,  
E a pobre doente que em Deos houve fé.

Que Lazaro o diga — responda Jaíro,  
Que vê a filhinha gentil reviver...  
Dizei-o, vós todos que um crente suspiro,  
Eccoando em seu peito, tirou de soffrer.

Sabeis o seu crime, qual é? — a virtude!  
Por ella será agoutado Jesus...  
Por ella é que o povo, movendo-se rude,  
Exclama « que morra, que morra na cruz. »

E, quando prostrado rezava no Horto,  
Lá correm com Judas — o vil — o traidor —  
Ai delle! que a morte sem fé, sem conforto  
Lhe traz esse beijo que deu no Senhor.

E o crime funesto lá foi commettido! —  
Lá dá seu espirito a Deos quem Deos é...  
Tudo é consummado... lá sáhe o gemido  
Que espanta a natura — que a todos traz fé.

\*

Treme, ó povo temerario!  
Treme tu, Jerusalem,  
Que cubriste c'um sudario  
Meiga estrella de Bethlem!  
Essa cruz, por ti erguida,  
Te proclama deicida...  
O teu crime foi fatal!...  
Mas o vento do deserto,  
Que dos céos já levou perto  
Do Homem-Deos o ai final,

Ha-de um dia vir violento  
Sobre ti, Jerusalem,  
E trará no seu lamento  
Mais horror do que hoje tem...  
Será tudo então extincto...  
Murchará o therebintho  
Com seu hálito fatal:  
De ti... ha-de em tempo breve  
Só restar areia leve,  
Ludibrio do vendaval.

Abril de 1851.

J. S. da Silva Ferraz.

Jesus!...

Teu nome ousei cantar! — Perdôa, oh Nume,  
Perdôa ao teu cantor!  
Dignos de ti não são meus frouxos hymnos,  
Mas são hymnos d'amor.

A. Herculano.

I.

Morreu Jesus!... seu sangue precioso  
Lá roja... pelo chão!...  
Sobre o viso do Golgotha campêa  
A Cruz da Redempção.

A' voz da prepotencia e tyrannia,  
Ao medonho bramar da turba immensa,  
Que vociféra e ri... ei-lo pregado  
N'uma elevada Cruz, pendida a fronte,  
Os labios roixos, mutilado o corpo,  
Jesus! — filho de Deus, o Homem santo,  
O Rei dos reis, esse Senhor Supremo  
Que a um acêno só — fez que surgisse  
O mar, o céu, a lua, o sol, a terra —  
O monte, o prado, a flôr — todo o universo!  
Mysterio incomprehensivel.

E o sol sumiu seus raios luminosos...  
A lua já não tem pallor divino...  
O mar quedou — ao longe — a sanha altiva...  
O bello azul do céu jaz esvaído...  
Os montes e os valles são negrura...  
Ao prado, já sem flôr, seccou-lhe a seiva...  
— E toda a natureza traja luto. —

Morreu Jesus!... seu sangue precioso  
Lá roja... pelo chão!...  
Sobre o viso do Golgotha campêa  
A Cruz da Redempção.

II.

Vamos, Christãos, orar junto da Cruz,  
Onde Jesus  
Morreu.  
Orar apraz a Deus — quando a oração  
No coração  
Nasceu.

Rezar, rezar, ai! que doçura verte  
A férvida oração dentro do peito!  
Quanto é dôce o rezar!... é um consolo,  
E' balsamo suave ás penas d'alma,  
E' o unico prazer que tem na terra  
O ente desgraçado.

Vamos, Christãos, orar junto da Cruz

Onde Jesus

Morreu.

Orar apraz a Deus — quando a oração

No coração

Nasceu.

### III.

Oh! meu Deus — ás minhas culpas

Concedei hoje perdão,

Que este pranto que m'escalda

Gerou-se no coração. —

— Nasceu á voz do martyrio

Da vossa santa paixão!

Perdoai-me — pelo trance

De tão negra, acerba dôr...

Pelo sangue que vertestes

Nesses instantes d'horror...

— Pelos tão agros tormentos

Da vossa morte, Senhor.

Pelas lágrimas da Virgem,

— Santa Mãe que vos gerou,

Por esse amor tão sagrado

Qu'em su'alma acalentou —

— Pelo muito que soffrêra

Quando morto vos achou!...

A minha crença — tão bella —

No meu peito conservai.

— E' antidoto sagrado

Contra a dôr que n'alma vai.

— Quantas vezes ella acalma

O soffrer que gera um ai!

Oh! meu Deus — ás minhas culpas

Concedei hoje perdão,

Que este pranto que m'escalda

Gerou-se no coração —

— Nasceu á voz do martyrio

Da vossa santa paixão!

15 de Abril de 1851.

A. P. Caldas.

### A Cruz.

O' Cruz, ave spes unica.

Curva o joelho, Christão! D'alma nascido

Venha ás faces o pranto bem sentido,

Pranto que a dôr traduz.

Curva o joelho, Christão, que sobre o Horto,

Repassado d'angustias, é já morto,

E' já morto Jesus!

Olhae aquellas faces maceradas...

As carnes em mil partes retalhadas...

Desfeitas sobre a Cruz!

Oh! vêde como inclina a fronte exangue...

Como ainda do lado verte o sangue

Da nossa remissão!!

Aquelle que creára a terra, os mares,

O que manda a bonança, ou lá nos ares

Faz rugir o trovão!..

Ei-lo de pés e mãos na Cruz pregado...

Entre dois malfeitores collocado

Como um vil, um ladrão!!

Curva o joelho, Christão, que tu has sido

Quem, de tantos favores esquecido,

Mataste o teu SENHOR!

— Foste tu, peccador, que os olvidaste,

Que o teu Redemptor alli levaste

Entre tratos de dôr! —

Curva o joelho, Christão, e já contrito

Confessa aos pés da Cruz o teu delicto...

Confessa-o peccador!

Olha como, exhalando o ultimo alento

Nesse instante cruel do passamento,

Que Jesus nos levou...

Como tudo tremeu, cobrindo o mundo

Seu manto d'amargura e dó profundo

Que a terra enlutou!

— Como tudo tremeu quando, entre dôres,

C'o sangue a remissão dos peccadores

No Golgotha firmou...



Mais duro do que a rocha ao mar pendida,  
 Mais fero do que a fera embravecida,  
 O' peccador serás!!  
 Aos pés daquella Cruz arrependido  
 De haveres o teu Deus tanto offendido  
 Ainda não irás!!  
 Sobre aquelles degraus os teus peccados,  
 Sobre aquelles degraus erros passados  
 Alli não chorarás!!

Oh! chora; que o perdão alli se alcança!  
 D'alti derrama um Deus a doce esperança  
 Das culpas perdoar!  
 Humedece essa Cruz c'o amargo pranto  
 De offendido o teu Deus haveres tanto...  
 Oh! tanto sem cessar...  
 Que Deus te acolherá, e aos céos levado,  
 Na morada dos justos collocado,  
 Irás sempre habitar.

J. Machado Pinheiro.

Um hymno.

Hoje te invoco! oh vem! lança em minha alma  
 A harmonia celeste e o fogo e o genio,  
 Que dêem vida e vigor a um carne pio.

A. HERCULANO. — A Semana Santa.

Genio celestial, que no céo moras,  
 Que afinaste a Moysés a harpa sagrada,  
 Tu que os hymnos teceste, em que deploras  
 Babel maldigoada;  
 Sopros de Deus — archanjo da Poesia —  
 Sagrada inspiração do céo m'envia.

A cythara do bardo,  
 Afina, ente divino,  
 Dos céos á terra desce,  
 Vem inspirar-me um hymno.

Salve, cruz, que te ergues tristurosa  
 Do templo do Senhor na frente' áugusta,  
 Alevantando a fronte magestosa  
 Que o ímpio — o atheu assusta: —  
 Salve; da Redempção symbolo santo,  
 — Emblema do soffrer — a ti eu canto.

Ao infimo cantor  
 Perdôa o canto, oh Deus,  
 E' rude — mas é santo —  
 São d'alma os versos meus.

Sobre o Golgotha ergueu-se um dia a cruz,  
 E o mundo de pavôr estremeceu,  
 Em trevas se tornou do dia a luz,  
 E o sol escureceu:  
 Pelos homens na cruz morrera o Eterno,  
 E a terra tremeu — tremeu o inferno.

Da morte ás negras ancias  
 Senhor, tu te entregaste,  
 Soffreste pelos homens,  
 Por elles te finaste,

E desde então a cruz alevantou  
 A magestosa fronte triumphante,  
 Dos supplicios de incredulos mofou,  
 — De gloria radiante —  
 Pela terra correu, e em balde a terra  
 Aos sectarios da cruz fez crua guerra.

No Golgotha aprendêra  
 Santa resignação;  
 Da cruz era divisa  
 — Soffrer e dar perdão. —

Hoje os ímpios — os homens de descrer, —  
 Que blasphemam do Deus que hão renegado,  
 Aos pés calcam a cruz do eterno Ser,  
 Que o mundo ha resgatado:  
 Mas deixá-los; que um dia, emfim, dos céos  
 Sobre elles descera a ira de Deus.

Do Justo contra a ira  
 Hão-de buscar então,  
 Refugio cá no mundo,  
 Mas não o encontrarão.

Da face do Senhor, (loucos!) em vão  
 Tentarão occultar-se; — no Universo  
 Não ha abrigo p'ra o mau de coração,  
 Asylo p'ra o perverso,  
 Onde não chegue a cólera do Eterno,  
 Que os antros faz tremer do mesmo inferno.

Debalde fugirão  
 P'ra o seio das montanhas;  
 Nem estarão seguros  
 Da terra nas entranhas.  
 O Deus, que rege o mundo,  
 De lá os tirará,  
 E c'o elles de atros crimes  
 As contas saldará.

12 de Abril de 1851.

I. P. F. C. Sarmiento,

● Juízo Final.

(SEQUENCIA LATINA PARAPHRASEADA.)

..... — Es ist der Lohn  
Der Demuth, die sich selbst bezwungen!  
SCHILLER — *Der Kampf dem Drach.*

No dia tremendo, dos tempos extremo,  
Que em chammias o mundo se vir abrasado;  
— Conforme *David* e conforme a *Sybilla*  
D'um modo profundo nos têm esboçado:

Meu Deus, ó meu Deus, que supremo tremor  
Nos membros de todos terá de lavar!  
— Que gélido susto perante o Eterno,  
Que as culpas mais tenues nos ha-de julgar!

Por entre os profundos sepulchros da terra  
Um ecco terrível terá de correr:  
— Um ecco de tuba, que os mortos resurja;  
No throno divino que os faça appar'cer!

A morte suspensa terá de quedar-se:  
Seu giro á natura o Eterno suspende:  
Os mortos surgidos lá vão responder  
Ao grande Juiz de quem tudo depende!

Rasgados os sêllos do livro serão,  
Que os actos mais simples dos homens tem 'scriptos  
O livro tremendo, que Deus esfolhêa,  
Julgando do mundo os humanos delictos!

Sentado n'um throno de gloria suprema,  
A todos patentes as culpas serão:  
— Que nada se encobre ao divino Juiz,  
Que sabe dos homens a minima acção!

; A Deus nesse dia o que eu triste direi?  
— ; A quem eu mesquinho terei por patrono?  
— Se apenas o justo no dia de fogo  
Seguro se julga diante do throno!

Tremendo Senhor, ó Senhor magestoso,  
Que os justos do mundo com graça ajudaes;  
— Salvae-me, ó meu Deus, ó meu Rei piedoso;  
Dos poucos eu seja que justos contaes!

Lembrae-vos ao menos, amado Jesus,  
Que ao mundo viestes minh'alma remir!  
— Perdido não fique no dia final  
O triste que ancêa das penas fugir!

Os homens buscando, sem forças descança  
Na Cruz o Eterno, que apenas arqueja!  
Os homens remidos quiz elle, soffrendo:  
Tam gran' soffrimento perdido não seja!

Meu Deus, meu Juiz, que o delicto mais simples  
Com chammias eternas tornaes castigado;  
— As culpas que eu tenho, perdôa, Senhor;  
Perdôa-me em antes que eu seja julgado!

Compungem-me os crimes de lesa-Jesus,  
E as marcas do pejo meu rosto afoguêam!  
— As culpas perdôa, meu Deus de bondade,  
A'quelles—rendidos—que as culpas prantêam!

Da triste *Maria* que chora os peccados,  
Na Cruz perdoastes as culpas que tinha:  
— A *Dimas* tambem as palavras ouvistes:  
— Agora, ó meu Deus, a 'sperança sois minha!

Se os rogos que eu faço, valia não têm,  
Acaso, Senhor, pela minha maldade;  
Do fogo livrae-me, terrível, tremendo,  
Ao menos, ao menos por vossa bondade!

Contae-de, meu Deus, entre os vossos dilectos  
O triste que chora os delictos, que tem:  
— Dos maus para sempre o tirae-de, ao julgardes;  
A' d'reita o sentae-de que os justos contém!

No dia terrível, os réprobos postos  
Nas chammias intensas do fogo infernal;  
— C'os justos levae-me do mundo, Senhor,  
Comvosco a gosar da mansão divinal!

Humilde e curvado meus rogos eu digo,  
Contrito déveras no centro do peito:  
— Comigo o Senhor piedoso se mostre,  
Da morte ao cumprir-lhe o funéreo preceito!

No dia tremendo de choros e fogos,  
Que ao throno divino chamados vão ser  
Os mortos das campas;—que o seu julgamento  
Diante de todos patente vão ter:

As fontes da vossa bondade suprema  
Abertas aos mortos de todo deixae:  
— Meu dôce Jesus, ó meu centro das graças,  
Eterno descanço na gloria lhes dae!

Braga — Abril de 1851.

J. J. da S. Pereira-Caldas.

EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:

*Charada* — Pyramides.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

A' minha amiga D. Anna Elvira  
de Freitas.

**E**LVIRA, tu queres ouvir uma trova?  
Da lyra mesquinha um rude cantar?  
Tu queres em prantos d'acerba tristeza  
A voz soluçando ouvir desatar?

Teu peito, que nutre sincera amizade,  
Receio, Elvira, que vá magoar!  
De dôr que me punge no amago d'alma  
Jámais te quizera fazer partilhar!

Em velhas arcadas d'antigo mosteiro  
Os dias serenos me viste passar!  
Mas hoje tão outra, nem bem me comprehendo...  
Nos olhos o pranto não pôde estancar!

A cruz que se erguêra lá junto ao cypreste,  
Qual negro fantasma se vem amostrar!  
De dia nas horas que lentas caminham,  
De noite nos sonhos a vou encontrar.

Elvira, meu anjo, tu queres um canto,  
A lyra um canto não pôde soltar!  
A dura saudade que o peito devora  
Só tristes gemidos te pôde levar.

Vizella 13 de Abril.

Anna A. de Sá.

Desengana-te.

Não quero vêr-te a tristeza  
Tão profunda e concentrada,  
Abre o cofre do teu seio  
E verás que a dôr contada  
E' menor.

Tuas mágoas nessa idade  
Que serão? um dissabor,  
Que do *nada* nasce sempre,  
Pois de certo é *nada* amor...  
Crê em mim...

Tambem tive affectos grandes,  
Momentaneos, isso sim;  
Hoje sei porque tu soffres...  
E' que já soffri assim  
Quando amei.

Quatro lagrimas ardentes,  
Como quatro que eu chorei,  
Quando vi mentirem sonhos,  
Que donzella então sonhei,  
Muito valem!

Não constou, nem constará,  
Que d'amor peitos estalem...  
Quando instinctos te fallarem,  
Tem coragem! « que se calem »  
Diz-lhe então!

Verás tu, pomba chorosa,  
Que os delírios da paixão  
São depois na adulta idade  
Bons motivos d'irrisão...

Maria J. C.

**Os teus olhos.**

*Occhi, stelle mortali,  
Ministri de miei mali.*  
GUARINI.

Olhos castanhos, tam lindos  
Como os teus inda os não vi;  
Tam meigos, tam expressivos  
Que ao vê-os quasi morri.

Teus olhos dizem mysterios,  
Com uma tal expressão,  
Que a minh'alma revelaram  
Segredos de uma paixão.

Olhos castanhos-escuros  
Fallam tanto ao coração!..  
Dizem tudo que a alma sente;  
Dizem se amam, ou não.

Teus olhos amor encerram,  
Que — só eu — sei comprehender;  
Têem tal condão, e magia,  
Que me souberam prender.

Alegratam o meu peito  
Como a aurora alegre a flôr;  
Deram-me vida na esp'rança  
D'um porvir todo de amor.

São tam lindos os teus olhos!..  
Têem um tal poder em si,  
Que me obrigaram a amál-os;  
Que ao vê-os quasi morri!..

Maria d'Arrabida V. de A.

.....

Tu da morte, anjo invisivel,  
Que devassas os mysterios  
Lá, no seio dos sepulchros,  
No pavor dos cemitérios!..

Vem comigo!.. A hora é triste...  
Não respira a natureza...  
Tudo é trevas, mas os mortos  
Lá terão lampada accesa!

Vem comigo! Eu quero vêr-te,  
Ao clarão da frouxa luz,  
Quero vêr-te entre os valados,  
Onde alvejam ossos nus.

E's o archanjo!.. Evoca os mortos!..  
Da trombeta o brado espalha!  
Faz que um morto além resurja,  
Tinta em sangue inda a mortalha!

Lá sergiu!.. Foi poeta! vê-lhe  
Soffre a fronte algum laurel?  
Vê-lhe o genio arder nos olhos?  
Vê de vermes róxo anel!..

Pódes, anjo, um ar de vida  
Nos seus labios bafejar?..  
Que te diga... quero ouvir-lhe:  
« Se ha na campa o repousar!

« Se dos labios d'um perverso  
 « Atravéz irá da lousa  
 « Inda o fel da injuria infame  
 « Perturbar quem lá repousa...

« Ou se o infame a horas mortas  
 « Do remorso é arrastado  
 « Junto á campa, e pede ao mórtó  
 « O perdão de o ter matado. »

\*

Ah! cantôra, se um perverso  
 Torturado não expira,  
 Honra e crima é tudo o mesmo,  
 A providencia é mentira!

*Camillo Castello-Branco.*

**A. Estrella do Norte.**

Nunca os segredos da noite  
 Contemos, meu bem, ao dia,  
 Frios corações ignorem  
 Nossa mutua sympathia.

*Bocage — A Armia.*

Longe, mui longe, na amplidão dos ares  
 Só nuvens vejo, nuncias de procella;  
 Nos ramos dos cyprestes zune o vento,  
 C'o gélido soprar varrendo as campas.  
 Além é tudo trevas no horizonte,  
 Aqui, em torno a mim, é trevas tudo.

Dois chorões por entre as folhas  
 Não penetra hoje o luar;  
 Não dança além na fontinha  
 Com seu mystico brilhar.

De trevas um véo medonho  
 Cobre os espaços do ar,  
 E sopra o vento do sul  
 Com seu frígido soprar.

.....

Longe, mui longe, na amplidão dos ares,  
 Negras nuvens cubriram minha estrella.  
 Só o violento tufão que as leva ao longe  
 A's vezes vem mostrar-me o astro lindo  
 Escondendo-m'o logo á vista anciosa.  
 E eu a vejo sorrir por entre as trevas...  
 De lá ao trovador mandar um beijo,  
 Dôce beijo de amor que cala n'alma.

Meiga estrellinha do norte,  
 Lá nesse espaço sem fim,  
 Entre as nuvens da procella  
 Porque t'escondes assim!...

Porque não mostras teu rosto  
 A brilhar puro — sem véo,  
 Rodeada de astros mil  
 No espaço azul do céu!..

Só a ti, estrella, eu amo  
 Desde que o mundo odiei,  
 Desde que esta alma innocente  
 De illusões desentedei.

Meiga e gentil, engastada  
 Lá nesse espaço sem fim,  
 Linda estrellinha do norte,  
 Porque te escondes de mim?..

.....

Eu amo-te, estrellinha, quando á noite  
 No regato veloz reverberando,  
 Embalas os teus raios prateados  
 Nas aguas da crystal da lympha esguiva.

\*

Eu amo-te tambem quando sorrindo,  
A' flôr que no vergel a fronte curva,  
Com um só de teus raios vivificas  
Suas tenues folhinhas.

.....

Não gosto tanto de ti  
Quando nas nuvens te occultas,  
Quando da feia borrasca  
No negrume te sepultas.

Se não és tam engraçada  
Em negro espaço sem fim,  
Meiga estrellinha do norte,  
Porque te escondes assim?..

Descobre o rosto brilhante,  
Vem fallar-me aqui d'amor,  
Vem lançar negra tristura  
D'alma do teu trovador.

Amostra-te pura e bella  
Do ether na vastidão,  
Vem matar-me esta saudade  
Que nasceu no coração.

Vem desta alma tristurosa  
Abafar-me o suspirar,  
Mas não vás logo nas trevas  
Teus encantos occultar.

.....

Assim fallava o trovador saudoso,  
A' linda estrella que fugia esquiva  
A esconder-se nas nuvens da procella.  
Zunia o sul nos ramos dos cyprestes  
C'o gélido soprar varrendo as campas,  
E elle, o pobre bardo, angustiado,  
No céo fitos os olhos, suspirava

Pela amante que ao longe desdenhosa  
A's vezes lhe sorria um rizo escaço,  
E nas trevas depois se esvaecia.

.....

Linda estrellinha do norte,  
Lá nesse espaço sem fim,  
Do teu trovador saudoso  
Porque t'escondes assim?..

*E. A. Salgado.*

---

● meu Janigo.

Quando a morte cruenta que ao longe negreja  
Me faça gelar;  
Eu não quero que os homens nos seios da terra  
Me vão sepultar.

Eu não posso na patria—que opprimem tyrannos—  
Em paz descansar;  
Oh! nem posso, nem soffro que raça d'escravos  
Me venha calcar.

Antes quero que arrojem meu corpo gelado  
Nas aguas do mar —  
E só lá — serei livre — boiando nas ondas  
Azues — a brincar.

E só lá terei gosos que nunca na terra  
Eu pude gosar...  
— Tenha um rizo na morte quem sempre na vida  
Chorou... sem cessar;

Quem jámais ha sentido o prazer d'um encanto,  
Nem mesmo a sonhar...  
Quem só teve em partilha — tormentos e mágoas  
D'acerbo penar.

•  
E no seio das aguas será minha lousa  
Um astro a brilhar; —  
Epitaphio—os meus prantos, e a funebre lampada  
A luz do luar.

A. P. Caldas.

185...

Longe d'Elia!....

Longe!... Bem longe!... E em meu sonho,  
Qual formoso cherubim,  
Desces d'um céu tão risonho,  
E vens poisar junto a mim!  
Desces do céu; e as estrellas  
C'róam-te d'aureas capellas;  
Por finas, vistosas télas  
Dá-te a aurora o seu carmim.

Longe!... Bem longe!... E uma brisa,  
Que em tarde d'estivo ardôr  
Preguiçosa se deslisa  
Por sobre o calix da flôr;  
Nos innocentes brinquêdos  
Co'as folhas dos arvorêdos  
Diz-me tão ternos segrêdos!...  
Falla-me tanto de amôr!...

Longe!... Bem longe!... E um suspiro,  
Neste ardente delirar,  
Vae, deixando o meu retiro,  
Teu coração demandar.  
Ah!... Quantas vezes um beijo,  
Depondo o temor e o pejo,  
Nas azas do meu desejo  
Vae nos teus labios poisar!...

Longe!... Bem longe!... E a distancia,  
Que te separa de mim,  
Sabe transpô-la esta ancia,  
Este desejo sem fim.

Teu rosto se me retrata  
Do mar nas ondas de prata,  
Nessas nuvens d'escarlata,  
Nesses astros de marfim!

Ao mago cantor plumoso  
O teu Nome julgo ouvir  
Em seu cantar mavioso  
Mil vezes a repetir!  
Nesse crystal da fontinha,  
No baloiçar da florinha  
Vem pintar-me a paixão minha  
Teu engraçado sorrir!...

Que mago sonho!... Esta vida  
Passada em dôce illusão,  
N'uma esp'rança resumida  
E' vida do coração!...  
Se o poeta não sonhára,  
Se ás vezes não delirára,  
No desalento expirára  
Aos golpes d'uma paixão.

Soto-Mayor e Axcrêdo.

N'um Album.

Cansado de viver sem ter vivido,  
Eu sinto já minha existencia gasta;  
O tufão do descreer passando arrasta  
Cada sonho fugaz, no amôr nutrido...  
Mas não... mentí. Anjo do céu descido,  
A mais formosa joia que se engasta  
Na c'rôa do Senhor, pombinha casta  
Me acalenta — me affaga um sonho qu'rido.  
Se a solitaria flôr tambem um dia  
Tem de abater um sôpro furibundo...  
Meu Deus, antes a morte ao triste envia:  
Mas nascí p'ra soffrer... goso profundo  
Em a vida deixar eu sentiria,  
Pois todo o seu gosar me deu o mundo.

Março de 1851.

J. S. da Silva Ferraz.

## Cantos íntimos.

## I.

.....  
 Lá nos tórridos plainos do deserto  
 Desabrochára a flôr;  
 Mas o sol abrazava-a desabrido,  
 E murcha em breve — tendo a sós vivido —  
 Cahiu morta ao calôr!  
 Eu tambem no deserto da existencia  
 Nasci — sorrindo á dôr;  
 Mas hoje do infortunio a intensa calma  
 Tem já feito vergar á dôr est'alma,  
 Qual ao tufão a flôr!  
 .....  
 Poisada na palmeira uma avesinha  
 Começa a descantar;  
 Em vão seu soffrimento em cantos solta...  
 Chora — geme — e por fim na areia involta  
 Cae farta de pensar!  
 Tambem qual a avesinha arrastò a vida  
 Continuo a suspirar;  
 Em lagrimas, em ais a vida passo...  
 Mas os gemidos meus morrem no espaço,  
 Um peito sem achar!!...  
 Soffrer — sempre soffrer, eis minha crença:  
 Que mais tenho a esperar?  
 guardo a hora anclada, em que o jazigo  
 Dêe asylo ao soffrer, o seio amigo  
 Então me venha dar!

## II.

.....  
 Tive sonhos de amor; e nelles via  
 A ventura sorrir;  
 Mas despertava — achava a realidade,  
 Uma angustia cruel — uma saudade —  
 Ralando-me o existir!  
 Imagem bella, que jámais da mente  
 Em vida expellirei,

Eu via então... mas nunca pude achá-la!  
 Em toda a parte a escuto... ouço-lhe a falla...  
 Mas onde 'stá — não sei!  
 Era bella, qual nunca soube a mente  
 D'um vate imaginar;  
 Tinha um brando fallar, um meigo rizo,  
 Graças taes que só lá no paraizo  
 Poderam-se encontrar!

## III.

Alma não tenho, que meus pais escute,  
 Que enxugue o pranto meu;  
 Não tenho a quem contar mágoas que passo;  
 Nem tenho um peito só que em meigo abraço  
 Me cinja ao peito seu!...

Vivo só, como lá no deserto,  
 A florinha que, ha pouco, brotou,  
 E que exposta do sol aos ardores  
 Nem sequer um abrigo encontrou!

Dos meus sonhos a imagem querida  
 Se eu podésse na vida encontrar...  
 Fôra abrigo dest'alma que soffre...  
 Mas meu fado é gemer.... e chorar!

Desde o berço não tive um momento  
 Em que visse a ventura passar  
 Por meus dias.... em vão a procuro  
 Só em sonhos a posso encontrar.

.....  
 Que espero aqui no mundo sem um anjo  
 Que possa partilhar a minha sorte?  
 Assentado no marco dessa estrada  
 Que nos conduz á ultima morada  
 guardo ancioso a morte!!...

10 de Abril de 1861.

Soromenho.



## Portugal.

Portugal, onde has perdido  
A tua corôa de rei?  
Qu'ê desse poder temido,  
Que dictou ao mundo a lei?  
Onde existem tantas glorias  
Dessas famosas victórias,  
Quer na terra, quer no mar?  
Qu'ê desse nome valente,  
Que do poente ao oriente  
Fez todo o mundo assombrar?

Onde estão Pachecos, Castros,  
Os Almadás onde estão,  
De Marte luzentes astros  
Que abrilhantaram a nação?  
Onde estão as naus possantes,  
Que mil armadas gigantes  
Por esses mares romperam?  
Onde estão esses soldados,  
Esses homens esforçados,  
Os que Diu defenderam?

Onde está essa firmeza  
D'um antigo portuguez,  
Que do hespanhol a fereza  
Espantou mais d'uma vez?  
— Um Moniz, que, fronte núa,  
Se sujeita a morte crúa,  
Pois seu rei preito não faz?  
— Ou Martim que só se rende  
Quando vê já não offende  
O seu rei que morto jaz? —

Qu'ê d'um Fernando, a quem corre  
Nas veias sangue real,  
Que entre duros tratos morre,  
Que morre por Portugal?  
Que mais fez o audaz romano  
Quando Carthago inhumano

Lhe fez a vida perder?  
Fernando morre contente,  
Dizendo á patria: « Consente  
Que por ti eu vá morrer! »

Portugal, nessa batalha,  
Lá nesse Alcacer-quivir,  
Talhou-te a sorte a mortalha  
Que não podes sacudir! . . .  
Sessenta annos de torturas,  
Sessenta annos de amarguras  
Podem teus brios quebrar?  
Ah! não houve um lusitano  
Que bradasse: « Eia! ao tyranno!  
Vamos Lysia libertar? »

Oh! que sim. Pinto Ribeiro  
Fez Castella recuar:  
De Bragança o rei primeiro  
Quarto João fez cordar.  
Inda houveram mais valentes,  
Que ficaram independentes  
Dando á patria o novo rei,  
E por ella denodados,  
Vêem n'um dia restaurados  
Privilegios, fóros, lei.

Mas (ah!) hoje és qual mimosa  
Tenra vergonhea a crescer,  
A quem vae mão ardilosa  
Delgada haste torcer;  
E pouco a pouco mesquinha  
Entre as ancias se desinha  
Da morte que nutre em si,  
Até que, a fronte pendida,  
Diga já em voz sumida:  
« Agora sim . . . succumbi. »

Esse poder monetario,  
Essa astuta agiotagem,  
Que, matando o proletario

Qual da peste mata a aragem,  
E' essa mão que te estorce,  
Que, de ti tomando posse,  
Cadaver te ha-de tornar;  
Que, qual abutre esfaimado,  
Depois de haver-te sucado,  
Te ha-de das garras soltar.

Sem forças, empobrecido  
Ah! quem te ha-de respeitar?  
Tem-te nas faces cuspidio  
Das paixões o delirar!...  
Em mil bandos dividido,  
E' por elles proferido  
Teu nome com irrisão!  
O patriotismo d'outr'ora  
E' só egoismo agora,  
E' só interesse e mais não!

E queres que o estrangeiro  
Te não calque altivo o chão,  
Se elle vê os teus primeiro  
Ferirem-te o coração?!  
Nesses mares que fendeste  
(Esses mesmos que venceste,  
Que te curvaram a cerviz)  
'Spanta-te vê-los cuspir-te  
(Cobardes!) e opprimir-te,  
Porque te vêem infeliz?!

Que estale a lousa de um Gama,  
Aquelle d'um Condestavel,  
Desses varões, cuja fama  
E' no mundo incomparavel.  
E com tal resurgimento  
Verias n'um só momento  
Tudo, tudo em ti mudar,  
Podendo bradar: « Agora  
Sou o Portugal d'outr'ora  
Que vou de novo reinar. »

Mas se nas campas revolves  
Só nellas encontras pó!  
Ai, triste, que de lá volves

Mais cheio d'ancia e de dó!...  
Deixa em paz o que descança,  
Mas não deponhas a esperança  
D'ao teu mal vêres o fim;  
Que d'Ourique o Deus te véla,  
E de novo a fronte bella  
Ha-de coroar-te... oh! que sim.

*J. Machado Pinheiro.*

### Charada.

Do filho de Lamech, a Deus acceite,  
Cem annos — o que eu sou — lhe occupa o tino: }  
— E cem annos depois (que aos homens prega), } 2  
A mim se entrega então por dom divino.

Meu giro giro só, depois que a aurora  
Apenas do horisonte as raias passa: }  
— E mal que lá d'oeste as raias toco, } 2  
E' fraco o meu fulgor, a vida escaça.

Famosa região na Grecia sita,  
Dos vates vezes mil eu fui cantada:  
— Mil vezes em nações, e bem diversas,  
De vates a mansões eu dei toada.

*Pereira-Caldas.*

## INSPIRAÇÕES

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

Com este titulo vae brevemente sahir á  
luz um volume de poesias, impressas em  
vários jornaes, e outras ainda não publi-  
cadas.

Assigna-se por 300 reis na loja de livros  
de Fonseca, aos Caldeireiros n.º 12.

Na mesma loja se recebem assignaturas  
para o lindo Romance = **ANATHEMA**  
= pelo mesmo author.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

## Uma noite de tormenta.

**Q**ue noite tão triste, que triste silencio,  
 Nem uma estrellinha no céu a brilhar!  
 Nem pallida réstea da lua se avista,  
 Nem uma só ave murmura um cantar!

Apenas se sentem os tenros arbustos,  
 Do vento agoitados, no chão a vergar;  
 Apenas diviso as nuvens crescendo,  
 Que o denso negrume mais vem augmentar!

Apenas escuto, rompendo a mudêz,  
 Do córvo sinistro sinistro grasnar;  
 Apenas percebo no bosque distante,  
 Do môcho agoureiro funéreo piar!

Sómente de longe vem f'rir-me os ouvidos,  
 A voz do trovão lá distante a soar;  
 Sómente distingo a luz d'esse raio,  
 Que as trevas medonhas vem alumiar!

Que noite tão triste, que triste silencio,  
 E eu neste deserto sósinha a chorar!  
 Não ha mão amiga, de dôr commovida,  
 Qu'ô pranto amargoso me venha enxugar!

Que importam da noite os tufões rugidores?  
 Poder não tem elles de me intimidar!..  
 Maior tempestade que a da natureza,  
 Nos seios desta alma eu sinto estalar!

A dôr que me opprime é grande e profunda,  
 E' triste, e bem triste o meu suspirar;  
 O pranto, que vêrto, escalda-me o rôsto,  
 E' pranto nascido de acerbo penar!

Porém de que servem amargos lamentos?  
 Que vale um suspiro do peito arrancar?  
 Se uma alma sensivel não ha que me escute,  
 Nem peito que venha meu pranto affagar...

Que noite tão triste, que triste silencio!  
 Abranda a tormenta.... não tarda a findar;  
 Mas esta que sinto lutar com minha alma,  
 Em quanto eu viver, oh! não pôde acalmar!

Abril de 1851.

*D. Maria Candida P. V.*

À EXC.<sup>ma</sup> SENHORA

**D. Maria Candida P. Vasconcellos.**

(Inspiração da sua excellente poesia).

Quem é que alta noite, sósinha, n'um êrmo  
 Tristezas profundas revela a chorar?!  
 Que mão lhe comprime nos seios da alma  
 Um hymno dorido d'intenso penar?!

E' alma que inspiram saudades amargas?  
 Mystérios que o vulgo não sabe dizer?  
 Receios, temores, esp'ranças que morrem  
 No berço onde triste se assenta o descerer?

Bonina mimosa nos plainos da serra,  
Em torno a tormenta lhe adeja a rugir;  
— Assim tu, donzella, sósinha, alta noite,  
Não temes ao longe o trovão a bramir!

As lagrimas, virgem, choradas de noite,  
Se a lua no céu vae sósinha a passar,  
São ellas extremo recurso a quem soffre...  
« Bemdito, meu Deus, que nos déste o chorar!»

Amante ou trahida na esp'rança, se o foste,  
Sepulta bem funda, no abysmo da dôr,  
A queixa saudosa, que póde um sorriso,  
Em vez de consôlo, pedir ao traidôr...

Quizeras que o pranto nas faces purpureas  
Estranho carinho te fosse enxugar?  
Não sentes mais livre gemer-te a tristeza  
Nos êrmos, nos bosques, nas praias do mar?

Eu sinto!... e quizerá, se choro de sangue  
As lagrimas filhas da intensa afflicção,  
Quizerá choral-as occultas, que eu tenho,  
Bem mais que o rancôr, inspirar compaixão!

Abril de 1851.

*Camillo Castello-Branco.*

**Réverie.**

À MUCORM DA RECORDAÇÃO.

Deixou-me sombra sem luz  
No val das paixões evante,  
Sem odio — sem peito amante  
Confiada só na cruz.

Que accents divinos — que canto sentido  
Senti em minha alma tam doce aspirar?  
Seria da brisa saudoso gemido  
Que a pobre florinha deixou a sciungar?

Foi harpa das noites, suspensa em cypreste,  
Gemendo entre campas funérea canção!  
Ou anjo cahido da esphéa celeste,  
Vagando estrangeiro no orbe terrestre,  
Que do Eden suspirá perdida mansão?..

E' isso... isso tudo — que, ouvindo esse canto  
Senti-me enlevado scismar... e chorar!..  
Que importa? Bem-hajas! eu gosto do pranto  
Que faz na desdita venturas lembrar.

Teus tristes gemidos minha alma escutando,  
Ouvir pensamentos dos mortos julgou...  
Não sei porque a mente lembrou-se de um anjo  
Carpindo saudades de quanto adorou...

Mulher, como tu... a sonhára o poeta;  
Mas antes que em versos pudéssé dizer  
Esse anjo — essa fada que a mente inquieta  
Em férvidos sonhos ousou conceber.

Então se é poeta!.. Então tecem-se cantos  
Mais dôces — mais santos  
Do que esses que tecem os anjos a Deus!..  
Seus intimos hymnos são mágicos — bellos  
Que são seus anhellos

Mais puros ainda... mais puros que os teus.

Mas misero... ai delle! que pouco lhe dura  
Seu sonho tam bello — sua aurea illusão,  
Se um dia anhelante de crenças procura,  
A quem prestar cultos da sua afeição...

A flôr da sua alma desfolha-se em breve...  
Que do desengano sorveu todo o fel...  
A gloria mentidos sorrisos só teve...  
Amor nem ao menos lhe deu um laurel...  
Então é que o bardo seu cantico escreve  
Que é, como do sceptico o riso, cruel.

Tu não... tu se os sonhos passados deploras  
E' ioda outro sonho esse cantico teu...  
Mas sonho mais triste, que nelle tu choras  
Uma alma de gêlo que não te entendeu.

.....  
 Sua alma... julgaste-a de amor ser a meta...  
 Ouviste-lhe os cantos — carpiste-lhe os ais...  
 Mas eram mentidos... que a dôr do poeta  
 Não tem, não tem cantos que entendam mortaes.

E' mudo — inaudível da noite o descante...  
 Escreve seus hymnos tam bellos o mar?...  
 Da lyra da rosa — seu calix fragrante  
 Os cantos mimosos quem pôde escutar?..  
 .....

Mas não ... no teu peito não ha malquerença!  
 Os anjos que sabem? Amar — bendizer...  
 Se na alma tu sentes a dôr mais intensa  
 Saudade — poesia te vem dar prazer.

Então teem teus versos a vaga harmonia  
 Que tem a natura 'scondendo-se o sol...  
 — Se o fim lastimoso pranteia do dia  
 Que canta nas selvas a ave sombria  
 E pintam as nuvens no céu c'o arrebol,

O fim tambem choras do dia risonho  
 Que trouxe a tua alma tam vívida luz...  
 Que ainda um revérbero tem — mas tristonho...  
 Como o que illumina do martyr a cruz.  
 .....

22 de Abril.

*J. S. da Silva Ferraz.*

**Em uma campa.**

Que fazes aqui, florinha,  
 Sobre esta campa — sósinha,  
 Curvando a fronte p'ra o chão?...  
 Não sentes que é triste a vida  
 Em sepulturas nutrida  
 Dos finados na mansão?..

Apraz-te o zunir dos ventos  
 Quando soltam nos moimentos.

Os seus gemidos de dôr?...  
 Apraz-te escutar da briza,  
 Que sobre as hervas desliza  
 Melancolico rumor?..

Folgarás c'o murmurio  
 Do cypreste tam sombrio,  
 Ahi junto do mausoléo?...  
 Ou co'a lua que fulgura  
 No marmor' da sepultura,  
 Quando corre pelo céu?..

Que fazes aqui, florinha,  
 Nesta campa — tam sósinha,  
 Dos finados na mansão?...  
 Tu não vês que aqui a terra  
 Só restos de morte encerra;  
 Que é um sepulchro esse chão?..

Tu não vês que um dia a morte  
 Que aqui reina, talvez córte  
 O fio do teu viver,  
 Quando tua haste mimosa,  
 Ainda gentil e airosa,  
 Cheia de viço se erguer?..  
 .....

E o vento zuniu por entre as loisas,  
 Frio, mui frio enregelando a hervilha;  
 Os cyprestes esguios susurraram  
 A par dos mausoléos.

E a nitida lua no horisonte  
 Magestosa se ergueu; subindo aos aras,  
 Dos moimentos no marmor' refulgiu,  
 A scintillar nos céos.  
 .....

E a florinha tam mimosa  
 Curvou a fronte humildosa,  
 Do frio vento ao soprar.  
 Pobre flôr da primavera!  
 A campa a vida lhe dera,  
 Nella havia de acabar.

*E. A. Salgado.*

## ODE.

## O nada da existencia.

Quoi! hauteur de nos tours, splendeur de nos palais;  
 Napoléon, César, Mahomet, Periclès,  
 Rien que ne tombe et ne s'efface!  
 Mysterieux abime où l'esprit se confond!  
 A quelques pieds sous terre un silence profond,  
 Et tant de bruit à la surface!  
 Victor Hugo — *Les Feuilles de Paul.*

Como um seculo tam ligeiro passa  
 Sobre a face do mundo! e homens nascidos  
 Com elle, como cáem antes que finde,  
 Em flôr, ou já caducos!

Na primavera ás plantas como as folhas,  
 As gerações no globo quantas vezes  
 Se renovam, e fulgem; depois somem-se  
 Nas trevas do sepulchro!

E um seculo; que a par da eternidade  
 E' qual o grão d'arêa imperceptivel  
 Lançado no universo, nem apenas  
 E' a vida do homem!

E tu que présas racional chamar-te,  
 Inda te ostentas com fugaces brilhos,  
 Na purpura embrulhado, quando a campã  
 Em vil saial te espera!!

Assentado n'um throno te rodeiam  
 Orgulhos, ambições, inchados naíres,  
 E em breve aduladores lá te aguardam  
 Na cova immundos vermes!

Ineensos que na vida te embalavam,  
 Lá se trocam em podridão nojenta:  
 Lindas faces de rosa, um rosto angelico  
 Em medonha caveira!

E após de curtas eras mortaes restos,  
 Reduzidos a pó, que o vento espalha,  
 O heroe que foram já, em que o indicam,  
 Do nada hoje transumpto?!

E ha hi quem dê aprêço a c'rôas, thronos,  
 Quando depois da morte o horror eterno  
 Temos de partilhar ricos, e pobres,  
 Altos reis, vis escravos?

De que presta no derradeiro instante  
 Ter envergado a purpura esplendente?  
 Tam fria é a morte nos doirados tectos,  
 Como em choupana humilde.

Ahi talvez um coração celeste  
 De sob andrajos se acoitou sem fausto,  
 Louvando a Deus ao despontar da aurora,  
 Ao sol morrer no occaso.

Viu a vida passar sem ter remorsos,  
 Viu seu termo chegar sem ter receios,  
 Seu ultimo almejar foi o do justo,  
 Lá foi no céu ser grande.

Desengano da vida, és meu espelho!..  
 A ideia fixa em ti, quanto lamento  
 Os miseros humanos que se illudem  
 Co'as grandezas do mundo!

Sobre a cratera de volcão tremendo  
 Olhá pujando abrazeada massa,  
 E a subir, e a avultar... e n'um momento  
 No cavo antro afundir-se!..

Tal o ambicioso vês em dignidades  
 Faustoso remontar-se, e quando em gloria  
 Se julgava immortal, eis logo a morte  
 O traga, e ao nada o torna!

Sobre profundo pégo negro e morto  
 Lança uma pedra, logo desse ponto  
 Onde feriu, mil circulos se formam,  
 Que espraiaando-se morrem.

E depois torna o pégo a seu remanso,  
 E a pedra foi sumida e para sempre...  
 Assim abysma a terra homens famosos,  
 E se lhe extingue o nome!

No bulício do mundo embalde fervem  
Inquietos viventes, esquecidos  
Do triste golpe despidado e duro,  
Que certo os aguarda.

Da morte o feio espectro, empunho a foice,  
E a ampulheta veloz, atrás teus passos  
Ir seguindo não vês, rosar não ouves  
Numerando-te os dias?!

Que immensas gerações não tens colmado  
Este mesquinho globo, e onde estão ellas?  
Tudo a morte já devorou, nem restos  
Do que foram encontras...

E tu também serás o que ellas foram;  
Em breve dormirás o somno infindo,  
De que não despertou inda um só homem,  
Que á luz cerrou os olhos.

Epitaphios talvez, bordadas pedras,  
Altos mortaes apontem que jazeram:  
As campas lhe abre, a terra lhes revolve,  
Lá só encontras terra!!

Essas bordadas pedras, epitaphios,  
Logo se apagarão c'o andar dos annos:  
Nem o sitio sequer ver-se-ha jazida  
Ultimada soberba!

Esta vida infeliz é curto espaço  
De ladeiro, que além n'um salto acaba;  
Mal nelle entramos despenhados imos  
Ao sorvedoiro eterno.

Uns após outros cáem, nem um só voga,  
Todos ao fundo vão, d'onde não surdem:  
Da morte ao golpe acerbo os laços rotos,  
Não mais atar-se tornam.

Meus amigos, que haveis desaparecido  
Deste orbe desgraçado, um dia espero,  
Juntos aos pés de Deus, tornar a vêr-vos  
Na terra promettida.

Suave consolação, vida futura!  
Quem na terra preseí alli gosando,  
Para sempre hei-de vêr: — contraria ideia,  
Oh! brutal, não me empeças! —

Aquí onde as paixões d'encontro estrugem,  
E aonde um nada a que ousam chamar honra,  
Povos sem conto mette a ferro e fogo,  
Onde só reina a infamia...

Onde coroado o vicio e a petulancia  
Colhem adorações de vis escravos;  
Onde tyrannos torpes, additados  
Só delicias desfructam.

Onde a virtude e o justo espinhados  
São ludíbrio dos maus, vivem martyrios,  
E ás mãos morrem talvez de impio verdugo,  
Digna cópia dos Neros.

Aquí onde a virtude fugidia  
Poiso não acha, aquí hão-de dizer-me  
Devo criar amor á tam caduca,  
Quebradiça existencia?

Se a immensa Eternidade além da morte  
Eu não visse alongar-se porque a vida  
Havia de presar tam curta e breve,  
Tam recheada de dôres?

E que valera se mortaes não fôramos?  
No meio deste mar tão tormentoso,  
Para evitar vindoiros, duros males,  
Quem não a espeduçara?

Oh! que triste é viver quando a gangrena  
Mina o corpo social a passos largos...  
Onde as leis são prisões só para os fracos,  
Que ao pod'roso não ligam!

Mas ao cabo de tudo despidada  
A morte a foice vibra, e prostra em terra,  
Sem distincção as corôas, as tiaras,  
E a fama o tempo apaga-lh'as...

Gloria do mundo vã!.. és da trombeta  
 O tremulo clangor, que morre eccoando...  
 O brado teu assim rebenta altivo,  
 Revôa, e se esvaece!..

Valença do Minho, em um adro  
 de uma freguezia rural, 10 de  
 Outubro de 1842.

*Joaquim Silvestre de Sousa.*

**Sim ou não?**

Dal tuo gentil semblante  
 Nacque il mio ... amore;  
 E l'amor mio costante  
 Ha da morir con me.

METASTASIO.

Quem pôde, linda donzella,  
 Vêr-te tam meiga, tam bella,  
 Sem te amar?

Quem pôde vêr teu sorriso  
 Sem de amor no paraizo  
 Se julgar?

Eu não, que ao vêr-te, *querida*,  
 Alma, esp'rança, amor e vida,  
 Te votei;

Eu não, que ao vêr teus encantos,  
 Os meus affectos mais santos  
 Te sagrei.

Amo-te mais que o cativo  
 Ama a dôce liberdade;  
 Inda mais que o moribundo  
 Ama a Deus, e a eternidade.

Amo-te mais do que os anjos  
 Amam a Deus lá no céu;  
 Julgas pouco? — mais que a vida;  
 Mais que a mãe que o ser me deu.  
 E tu serás tam ingrata

Que me queiras desprezar?  
 Dôces sonhos de ventura  
 Quererás em fel tornar?  
 Este amor, que por ti sinto,  
 Que tu fizeste nascer,

E' a minha unica esp'rança....  
 Desejas vê-la morrer?  
 E essa esp'rança, que em meu peito  
 Tu só fizestes brotar,  
 E' a minha só ventura....  
 Quererás vê-la acabar?

.....  
 .....  
 Amas-me, vitgem? — responde,  
 Que te diz o coração?  
 Devo crêr em ser ditoso?  
 Devo ter esp'rança — ou não?.....

20 de Abril de 1851.

*Soromenho.*

**A tristeza do bardo.**

*A' Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. M. da L. P. G. B.*

Tedlo da vida concebeu minha alma.  
 GABBETT. — *Camões.*

Meiga estrella que fulguras  
 Dessés ares na amplidão,  
 Ouve os sons mornos e tristes  
 Da minha triste canção.

Indiscreto ribeirinho  
 Não mais — não mais sussurrar,  
 Involva-se em tuas aguas  
 O meu ardente chorar.

E tu, ó brisa fagueira,  
 Dá-me um só beijo dos teus,  
 Que me apague esta seccura,  
 Que devora os labios meus.

Rouxinol melodioso,  
 Qu'ora trisnas na espessura,  
 Casa ao meu teu terno canto,  
 Terno canto d'amargura.



Suspiro d'anjo da guarda  
Minhas faces bafejou:  
Onde está o anjo formoso,  
Que junto a mim suspirou?...

As azas puras abriu  
E veloz p'ra o céo voou....  
Foi-se; e eu fiquei sósinho  
Com o amor que m'inspirou.

Inzano! e cri no amor  
D'um ser do céo — eternal:  
Cri mudado meu destino....  
Illusão! — erro fatal!...

Nasci... p'ra ser desgragado!...  
Vivo... só para soffrer!...  
Não mereço o bem d'humanos...  
Como o do anjo merecer?!—

Anjo candido do céo  
P'ra que as azas desdobraste? —  
Se eu não cria, p'ra que amor  
M'infundiste, e t'apartaste?

Melancolico — sósinho  
Pela praia divagando,  
Não encontro lenitivo  
Para a dôr ir minorando:

Nem na luz da clara lua,  
Nem das ondás no rolar,  
Nem das aves na harmonia,  
Das auras no bafejar:

Nem sequer acho allivio  
Da rolinha no gemer....  
Tudo no mundo só serve  
P'ra augmentar o meu soffrer!

Meditando nas praias do oceano

A vida maldizia:

A existencia — a mulher — a natureza

Disso tudo descria.

E era triste, bem triste o meu scismar, —  
— O scismar do descrido! —  
De quem o coração é negro vacuo  
No peito carcomido!...

Cujos labios só sabem proferir  
Blasfemia — maldição!...  
Que só espera o nada — o escuro nada  
Da dôr terminação!...

Um ai! — os olhos volvo, oh! entê angelico  
Chora silencioso:  
Em fio corre o pranto pelas faces  
Do archanjo formoso.

Branças vestes trajava — as brancas azas  
Velam o puro seio...  
Immoavel o céo fita, as mãos cruzadas  
Com celeste meneio.

P'ra que veio tua voz de delicias  
Junto a mim, a fallar-me d'amor?...  
Se eu não cria... deixasses-me ao menos  
Essa crença, que eu tinha na dôr?!

Porque olhaste com olhos d'amor  
Para mim qu'encajado tremia?...  
Se ora tremo de dôr — de paixão —  
De paixão: que no peito não ia?!...

E nas aguas crystallinas  
Eu a vejo haloçar-se:  
Tecendo canções divinas,  
Em nuvens d'ouro sentar-se.

Da brisa no ciciar  
Lh'ouço da voz a magia:  
Da fonte no murmurar,  
D'avesinhas na harmonia:

Vejo nos raios da aurora  
Seu casto e meigo sorrir:  
Na flôr, que no prado mora,  
Começando ao dia a abrir.

E no silencio da estrella,  
Que fulgura na amplidão,  
Eu vejo da minha bella  
A linda — muda expressão.

.....

Assim carpia o bardo: — taes lembranças  
De já passados tempos pela mente  
Lhe pairavam crueis; cravou os olhos  
No firmamento onde milhões d'estrellas  
Formosas refulgiam; e uma lagrima  
De férvida paixão, d'amor ardente,  
Lhe correu pelas faces descarnadas:  
O rosto abaixa, e um suspiro triste  
Arranca de seu peito angustiado:  
Os felices momentos lhe lembraram,  
Que junto do seu bem lêdo passára  
Com mil beijos ardentes affagando-o —  
Beijos, que seu amor pagava em beijos....  
Mas agora curtindo acerbas dôres,  
De soidão em soidão anda vagando,  
Sem poder encontrar á dôr allivio.

.....

E o infeliz chorou — e chorou muito  
Mas cessou de soffrer....  
A voz occulta qu'ao ouvido disse:  
= Has-de, triste, morrer! =

Era a voz d'outro anjo, que o animava  
A soffrer sua sorte:  
O misero sorriu, pois conhecera-o....  
Era o anjo da morte!

19 de Abril de 1851.

I. P. F. C. Sarmiento.

(Fragmentos.)

A \* \* \*

No mosteiro vae fundo o silencio;  
Um silencio que gera terror:  
Só nos tectos, que banha o luar,  
Solta o môcho seu pio de horror.

A. HERCULANO.

.....

E' meia noite: o astro rutilante  
Derrama sua luz em toda a parte:  
Lá nas vetustas grades do mosteiro  
Entra pallido brilho — luz escaça —  
Do luar que se vae já extinguindo,  
Como para occultar á humanidade,  
— Do mosteiro o socego e soledade.

.....

E' lá — é lá que a paz dos monumentos  
Ensina a esquecer da vida os transe;  
— Os passados tormentos que alimentam  
Não odios vis, que ralam — torturando —  
O peito que os nutriu em raiva accêso;  
Mas sim o esquecimento do passado.  
E' alli — no descanso da clausura  
— Da campa na mudez — que o homem deve  
Ir-se curvar submisso; vêr no mundo  
Só torrentes de fel que vem d'encontro  
Aos miseros mortaes — que vão luctando  
A propalar o vicio uns; mas outros  
Que inda nutrem no peito instinctos nobres  
Se possivel lhes fosse abateriam  
A oppressão que flagella a humanidade  
— Que faz calar a voz ao homem livre  
— Ao homem que não troca a sua crença  
Por o dinheiro que só compra escravos!

.....

Lá no mosteiro a paz dos monumentos  
Ensina a esquecer da vida os transe.

1851.

N. Lima.

EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:

Charada — Arcadia.

Errata. — No numero antecedente, na pag. 134,  
col. 2.<sup>a</sup>, onde se lê = Alma não tenho, que meus  
pais escute = deve lêr-se = Alma não tenho, que  
meus ais escute.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

Que tens?!

A MINHA IRMÃ D. MARIA DA GRAÇA P. V.

**Q**UE tens? porque choras, irmã adorada,  
Quem causa teu pranto, teu negro soffrer?  
Quem pôde, tão joven, tão cheia d'esp'ranças,  
Roubar-te a ventura, gelar-te o prazer?!

Quem pôde em tua alma tão pura, tão casta  
Verter da desgraça o fel amargoso?  
Quem vae aos abysmos do teu coração  
Roubar um suspiro profundo e saudoso?!

Quem pode esta vida tornar-te odiosa,  
Fazer que só creias na dôr, no pesar?!  
A morte que a todos espanta, horrorisa,  
Tu dizes « só ella me pôde salvar! »

Que tens? porque choras, irmã adorada?  
Ah! conta-me as causas de tanto soffrer!  
Ah! dil-as' áquella que a vida daria  
Por dar-te ventura, por dar-te prazer!

3 de Maio de 1851.

*D. Maria Candida P. V.*

A' Lua.

La lune qui, dans sa carrière,  
Traçait un sillon de lumière  
Sur le sein tranquille des eaux,  
Ce long, cet imposant silence,  
Ce triste et pâle demi-jour;  
.....  
Tout faisait rêver .....

*Aimé Martin.*

Como caminhas gentil  
Nesses campos d'esmeril,  
Ostentando o teu fulgor!..  
Salve, candida vestal,  
Astro da noite eternal,  
Saudosa imagem d'amor!

Na corrente crystallina  
A tua face argentina  
Vem revêr-se tam louçan:  
A' bella filha dos prados  
Amostrando mil agrados,  
Beijas a fronte alvaçan.

No Doiro á beira sentada  
Venho triste — angustiada  
Teu brande riso colher!..  
E ás pacificas aguas  
Contar vou acerbas mágoas,  
Que laceram meu viver!..

Vou-lhe dizer: — Agua clara,  
 Vae á minha irman tam cara  
 Minhas lagrimas levar...  
 Diz-lhe: — que della distante —  
 Me viste aqui delirante,  
 Só por ella a suspirar!..

Mas tu, oh lua fagueira,  
 Pódes ser a mensageira, —  
 Allivio da minha dôr!..  
 N'um dos teus sorrisos, triste,  
 Vae levar-lhe onde ella existe  
 Da saudade o dissabor.

Valbom 22 de Abril.

*Maria da Luz P. G.*

**Saudade.**

(*N'UM ALBUM*).

Deixei-te, terra querida,  
 Quando devia habitar-te;  
 Quando minh'alma gostosa  
 Me convidava já a amar-te.

Deixei-te... e em ti deixei tudo,  
 Que no mundo amava mais!..  
 Comigo só trouxe a esperança  
 Para allivio dos meus ais.

Esp'rança, tu me dás força  
 Para esta ausencia soffrer;  
 Tu minotas-me a saudade  
 Em quanto ausente eu viver.

Esp'rança, és balsamo dôce  
 De minh'alma á intensa dôr;  
 Esp'rança, filha do céo,  
 E's companheira de amor.

Almada — 1850.

*Maria d' Arrabida V. de A.*

**Bem vinda!**

A. *Ecc.<sup>mo</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Anna A. de Sá.*

(Ao lêr a 1.<sup>a</sup> poesia que se dignou enviar á Redacção  
 deste Jornal, publicada no n.º 17 do mesmo.)

Bem vinda, cantora, bem vinda tu sejas,  
 Tua harpa sonora tem meiga expressão;  
 Se cantas sorrindo sorriem os anjos,  
 Despertas, se choras, no peito a paixão!

A brisa que geme por entre a folhagem  
 Em noite serena de brando luar,  
 Não têm nos gemidos a terna harmonia  
 Que imprime em teus carmes um genio sem par.

Quem póde, indiff'rente, escutar os harpejos  
 Das harpas dos vates d'antiga Sião?  
 Quem póde, cantora, escutar os teus cantos  
 Sem n'alma sentir a mais dôce emoção?

Apraz-me a canção que á amizade sagraste,  
 Ornada dos prantos que a dôr te arrancou  
 A' voz da saudade dos tempos passados,  
 Dos quaes a lembrança só n'alma ficou.

Apraz-me, tambem, escutar de teus labios,  
 A trova em que cantas a rosa-carmim,  
 A qual, orgulhosa, d'ouvir os teus gabos,  
 Mais linda se abraza na côr do rubim.

Bem vinda, cantora, bem vinda tu sejas,  
 Tua harpa sonora tem meiga expressão;  
 Se cantas sorrindo sorriem os anjos,  
 Despertas, se choras, no peito a paixão!

6 de Maio de 1851.

*A. P. Caldas.*

## O descrente.

Essa 'sp'rança qu'antevia  
Brilhando lá no porvir,  
Para mim é já perdida,  
Não a vejo lá luzir!  
Não a vejo, que d'ha muito  
Para mim não ha sorrir!  
Essa esp'rança enganadora  
Melhor foi ella fugir.

Hoje só tenho o passado  
P'ra alimentar minha vida!  
De saudades e lembranças  
E' minh'alma só nutrida:  
Que outro sustento não ha  
P'ra quem 'sperança é perdida.  
Chorar tempos que lá vão  
E' d'uma alma já descrida!

Sonhei amor cá na terra,  
Sonhei ternura... illusão!  
Nem a mulher tem ternura,  
Nem ha amor no coração!  
Tem o homem só desejos,  
Que se tomam por paixão.  
Mas o amor qu'eu sonhei  
Não ha neste mundo, não!

Descrente... conheço os homens,  
E sei lêr no coração:  
— Só int'resse por virtude,  
Falsidade, ingratidão —  
Oh quem me déra a cegueira  
Dos tempos que já lá vão!  
Fui feliz, e bem feliz  
Nesses tempos d'illusão!..

Fui feliz! inda me lembro,  
Tive momentos... nem sei.  
Momentos de tanto goso,  
Qu'esquecer não poderei.  
Certeza... tenho só esta

— De que muito' já gosei —  
Era a mulher o meu anjo,  
Mas agora... reneguei!!

Reneguei... não tenho amor!  
E' p'ra mim tudo indiff'rente!  
Des olhos mais seductores  
Terno olhar é impotente.  
De linda bôca o sorriso  
O mais das vezes só mente!  
Tudo sei calcar sorrindo,  
Nada commove o descrente.

Caminho por entre o mundo,  
Do mundo já desesperado,  
Como quem 'stivera ahi  
De ruínas só cercado...  
A perguntar ás ruínas  
Pela historia do passado...  
E a chorar sobre as pedras  
Aquelle fim desgraçado.

Mas o homem das ruínas  
Lá descobre uma inscripção,  
Como luz que em densas trevas  
Esclarece a confusão!  
E sorri... com o descrente,  
Que lê bem no coração  
— Vil int'resse e só desejo,  
Falsidade, ingratidão!! —

15 de Junho.

*Affonso de Castro.*


---

Não quero.

Offereces-me uma flôr  
P'ra a guardar no peito aqui...  
Diz ternura, diz amor?  
Isso, virgem, é melhor  
Para ti.

Em meu peito! mas não vês  
 Que é deserto árido e nú?  
 Murcharia; não me dês  
 Cruel remorso, talvez...  
 — Guarda-a tu. —

*S. Ferraz.*

.....

(L. P. V.)

Alta é a noite... não receies;  
 Vem comigo ao cemiterio;  
 Além, junto ás sepulturas  
 Vou revelar-te um mysterio.

Triste é a hora; sobre as campas  
 S'estende alvamento véo...  
 Pállida a lua caminha  
 Vagarosa pelo céo.

Vês além sob o cypreste  
 Que com o vento murmura;  
 Errante por entre as sombras  
 Escapa luz que fulgura?...

Vês além os mausoléos  
 Co'a luz da lua a alvejar?...  
 Não tremas, que amor de morto  
 Valor, mulher, te ha-de dar.

Em breve — amanhã talvez —  
 Se erguerá ahí uma loisa,  
 Dir-te-ha branco epitaphio  
 Quem junto a ella repouisa.

E tu virás alta noite  
 A' debil luz do luar,  
 Essa terra em que descango  
 Com teus prantos orvalhar.

E meu corpo inanimado  
 Tremerá na sepultura...  
 Lá te amarei, que o amor  
 Depois da morte inda dura.

Não resarás — que nas resas  
 P'ra mim a paz não se encerra...  
 Não ores por mim... só tu  
 E's o meu Deus cá na terra.

Vae só palavras de amor  
 A' sepultura ensinar...  
 Para quem só crê em ti,  
 Que vale o Christo invocar?...

Ouve... poisarás a bôca  
 Da campa na terra fria;  
 Beija-la-hei quando a noite  
 Fugir ao fulgor do dia.

E meus labios descórados  
 Inda uma vez se abrirão,  
 E aos teus, de horror gelados,  
 Frio sôpro enviarão.

Vae, ó virgem, quando ouvires  
 A meia noite soar,  
 Essa terra em que repouso  
 Com teus prantos orvalhar.

Maio de 1851.

*E.*

A poesia.

Baixaste acaso da mansão que habitam  
Cercadas de illusões risonhas fadas,  
E és dellas a rainha, a fôr, o mimo.

A. MONTEIRO.

Poesia! dôce numen que alimentas  
Coração pela dôr enfraquecido!  
Com esse fogo que dos céos te veio,  
Reverdeces no peito a esp'rança morta,  
E incendeias os seios da alma triste  
Que no mundo a ti só tem por amigo  
Para quem tu só és o só consôlo  
Neste amargo doêr da triste vida —!  
Poesia! oh! mago e divinal accento!  
Candida pomba que dos céos baixaste  
Co'as azas bafejando a dôr acerba  
Do infeliz em que vaes crear de novo  
Um desejo novel — dôce esperança  
Exhalada em suspiro inda mais dôce!  
Borrifas com orvalho sempre fresco  
A alma pela dôr já dessecada  
Nos trances do soffrer e da amargura.

Pobre alma, a quem mataram nobres crenças,  
Dás-lhe a mão nesse espasmo em que é lançada  
Por mentida affeição ou por ingrato,  
Que o amigo esqueceu, para o qual era  
Seu pensar, após Deus e sua amante!

E's estrella a brilhar na immensidade  
Desse lago de anil em noite escura —  
Do throno do Senhor és anjo qu'rido —  
E's a per'la mimosa que entre os labios  
Se vê da virgem que sorri travessa.

Poesia! a ti só pois — a ti meus votos!  
Puros votos d'amor — porque me has dado  
As crenças desta vida em que eu julgava  
Ser tudo uma illusão — um breve sonho.

Puros votos d'amor — porque me has dado  
Palavras desse fogo abrazeadas,  
Com que eu possa dizer meu puro extremo  
A' mulher que adorar — mulher ainda  
Só vista nos meus sonhos!....

Que fôra de Portugal,  
Quem minha patria amaria,  
Se Camões não descantasse  
A sua nobre ousadia?  
Que fôras tu, Portugal,  
Se não fôra a poesia?!  
Quem soubera o teu passado,  
Esforços de tal valia,  
Quem domou o Ganges bravo  
Com tamanha valentia...  
Que fôra agora esse Gama,  
Se não fôra a poesia?  
Albuquerque e Pachecos  
Quem delles se lembraria?..  
Té esse fero Menezes  
E Castro se olvidaria  
Té Nuno fôra esquecido,  
Se não fôra a poesia.

Hoje mesmo que és a victima  
Da mais torpe tyrannia,  
Vendida por *esses homens*  
Da mais baixa vilania,  
Quem te dêra um pensar nobre,  
Se não fôra a poesia?..  
Vendo-te agora tam pobre,  
Quem no teu valôr creria,  
Se não fôra esse padrão,  
Canto do rei da harmonia?..  
Portugal não existira,  
Se não fôra a poesia.

Porto 1851.

Thomas d'Almeida-Garrett.

## Lyrica.

(TIRADA D'ANACREONTE).

Molle repouso concertem-me,  
De loto e murta urdido,  
Onde eu possa — adormecido —  
Prazer, delicias sonhar.  
De Lieu tragam-me o balsamo  
Para o somno acalentar!

Tenho amor! Neste suavissimo  
Instante á vida fagueiro,  
Tens de ser o meu copeiro,  
Has-de o licôr ministrar.  
D'ouro ao níveo peito a chlamyde  
Prende, e vem sem mais tardar!

Qual roda, girando rapida,  
Foge a vida, e vae tam prompta,  
Que em breve o alvo a que aponta  
Parece vi-la encontrar!  
Della resta ao vento sôfrego,  
Apenas cinza a 'spalhar!

Que val' sobre um frio marmore  
Desparzir flôres cheirosas?  
Ha-de acaso o odôr das rosas  
Da morte o filho excitar?  
Quanto a mim — flôres e lagrimas —  
Bem as posso dispensar!

Mas ora que o pulso é férvido,  
Venha o licôr excellente;  
De rosas c'roada a frente,  
Rosas quero hoje aspirar!  
Venha nympha bella, ensine-me  
Como á morte me hei-de dar!

Sim, Cupido! antes que aos íferos  
Elysios córos me junte,  
Quero os mimos d'Amathunte,  
Entre Baccho e Amor gosar!  
D'ambos quero, em dôces extasis,  
Um Elysio aqui formar!

Braga.

R. da S.

## Hymno á Esperança.

Alta a noite escutei o carpir fúnebre  
Do nauta que suspira por um tumulo...  
GARRETT. — Camões.

Do desditoso allivio, ó dôce Esp'rança,  
Fagueira Deusa, a quem o mesmo Jove  
Não desdenha invocar, e ama propicia,  
Hoje alenta-me o estro.

A' mercê da desgraça a mim só cumpre...  
Hymnos votar-te na magoada lyra,  
Acossado d'acerbos infortunios,  
E's tu quem me avigoras.

Do celeste aposento desterrado,  
Assim Apollo entre os alpestres serros,  
Se infeliz te não chamava da harpa os canticos  
Tam dôces te sagrava.

Seus melodicos sons eram o encanto  
Dos zagaes socios seus, — as mesmas fêras  
Corriam a 'scutál-o; — ao pé do lobo  
Vinha ouvil-o o cordeiro.

Era só teu o divinal influxo  
Quem lhe movia os dedos... foi por elle  
Que, olhando Jove as ditas que gosava,  
O revocou aos céos.



Se tu não fôras o infeliz, que em ferros  
 Cruéis tyrannos lançam, 'smorecêra!..  
 Retens á quem do tum'lo o já sem falla  
 Pállido moribundo.

O desvelado amante, a quem a ausencia  
 Os carinhos roubou da linda amada,  
 Se tu o refrigeras com teus pomos  
 Crê-se ainda ditoso.

Tu em aureas visões, és quem lhe pintas...  
 Em premio dos tormentos dôces gosos;  
 Quem entrevêr-lhe fazes os abraços  
 Que lhe estão destinados.

Benigna mão, mil vezes condoída,  
 Tu, p'ra sanar meus males, estendeste;  
 Infeliz venho de novo, ó meiga Esp'rança,  
 As graças invocar-te!

Tu sabes que da pátria vivo ausente,  
 Da Mãe, que em formosura excede os anjos,  
 Excede-os na ternura, no ser meiga,  
 E na grandeza d'alma.

Vem pois, dôce Esperança, vda!... corre,  
 Vem acudir-me, que eu prometto grato  
 De contínuo espargir nos teus altares  
 Verdes — mimosas flôres!

Porto — Maio de 1851.

J. A. S. Teixeira.

Amo!

Amo a campina viçosa,  
 Quando ri, toda formosa,  
 Toda cheia de frescor,

Ao nascer e pôr do sol,  
 Aos cantos do rouxinol,  
 Em aureo dia d'amor.

Amo o brando murmúrio  
 Do regato, e o patrio rio,  
 — O meu Douro de crystal! —  
 Dia e noite a fulgurar  
 Hei-de amar 'té me finar  
 'Té dormir somno eternal.

Amo o lindo gorgear,  
 Esse dôce harmonisar  
 Das avesinhas a Deus:  
 Harmonia é d'excellência,  
 De pureza, e d'innocência,  
 Entoadada aos altos céos.

Amo, á tarde, a meiga brisa,  
 Que em affagos se dealiza  
 Pela selva a ciciar;  
 Que dá beijos á florinha;  
 Que consola a pastorinha  
 Sob o fresco a dormir.

Amo toda a natureza,  
 Rica sim, e só belleza;  
 Só suave inspiração,  
 Que me dá consolo e paz,  
 Quando, triste, a dôr me traz  
 Agro fel ao coração.

Amo sim o choupo e o til;  
 Tambem puro céu d'anil;  
 Sobre a campa a negra cruz,  
 Solitaria, em cemiterio,  
 Onde é tudo um só mysterio,  
 E em que a mente sempre puz.

Solus.

## ● Gondoleiro.

## BALLADA

TRADUZIDA DE C. DELAVIGNE.

Veneza.

« Bello gondoleiro, leva-me  
 « Até Rialto, diz ella,  
 « Que te dou o meu collar;  
 « E a sua pedra é tam bella! »  
 Disse — não — comtudo o arrais:  
 « E' mui pouco em meu pensar  
 « Por nesta gondola entrar.  
 « Não, Joannita, eu quero mais. »

« Olha cá, sei um lamento,  
 « E o cantarei, lhe disse ella,  
 « Indo ahi para Rialto,  
 « Sua musica é tam bella! »  
 Disse — não — comtudo o arrais:  
 « Pois que! por cantarolar,  
 « Vós nesta gondola entrar!  
 « Não, Joannita, eu quero mais. »

C'o seu rosario na mão:  
 « Olha, toma, lhe disse ella;  
 « O bispo benzeu-lhe as contas,  
 « E a sua cruz é tam bella! »  
 Disse — não — comtudo o arrais:  
 « Que! por contas de rezar,  
 « Vós nesta gondola entrar!  
 « Não, Joannita, eu quero mais. »

Sobre o canal todavia  
 Eu o vi remar p'ra ella,  
 E sorrir quando a fitava.  
 Que lhe havia dado a bella?  
 Com pejo saltou do caes:  
 Elle fiel por se mostrar,  
 Na gondola a fez vogar,  
 Sem exigir nada mais.

Guimarães 14 de Dezembro de 1850.

J. S. de Sousa.

## Anacreontica.

Na terra o avaro  
 Faz cóva occulta,  
 E seus thesouros  
 Nella sepulta.

Em quanto vive  
 Alli os tem:  
 Nem elle os gosa  
 Nem mais ninguem.

Por fim expira  
 Sem conhecer  
 Quanto perdêra  
 E fez perder!

Põe nisto os olhos,  
 O' Marcia cara,  
 P'ra que não sejas  
 Tambem avara.

Esses thesouros  
 D'alta riqueza,  
 Que tu herdaste  
 Da natureza,

Hoje gosados,  
 Oh! podem, sim!  
 Dar mil venturas  
 A ti e a mim.

J. V. Vasconcellos.

## INSPIRAÇÕES

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

Com este titulo acaba de sahir á luz um  
 volume de poesias, nitidamente impresso.  
 Vende-se por 300 reis na loja de livros  
 de *Fonseca*, aos Caldeireiros n.º 12.

Na mesma loja se recebem assignaturas  
 para o lindo Romance = **ANATHEMA**  
 = pelo mesmo author.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

## Os Cantos que são?

**D**o Vate inspirado, os cantos que são?  
São mágoas contadas em doce harmonia;  
São eccos saudosos d'um peito que amára;  
Sorrisos d'amor na extrema agonia;

A luz que illumina infinitos palmares;  
A corda estalada na harpa gemendo;  
Celestes mysterios na terra sonhados;  
A lua formosa nas trevas morrendo;

Sublime reflexo d'um raio divino;  
Fatidica voz rasgando o porvir;  
Meteóro qu'em tórno fulgura da cruz;  
D'uma alma em tormento os ais a fugir;

De mil corações é a vida d'um só;  
Aroma do lirio na tyge a murchar;  
Da vaga quebrada cachão que referve;  
Do fogo que escalda a chamma a brilhar;

Aurora dos polos nas sombras nascidas;  
Adeus do proscripto á patria adorada;  
As palmas da gloria no sangue colhidas;  
Legenda do sceptro na campá do nada;

Alegrias não são delle,  
Que a maga flôr da poesia  
Tem a essencia perfumada  
D'amor e melancolia.

E' triste como a sua alma  
Do seu estro a inspiração,  
Que por corda tem de gloria  
O chorar do coração.

Mas assim como entre gélos  
Rebenta o volcão fervente,  
Assim um peito insensivel  
Geme um cantico ardente.

O destino dos humanos  
Deixou em tudo excepção;  
Ser poeta não é ter  
De poeta o coração.

E quem seus carmes lh'inspira  
Que parecem vir do ceo?  
Ah! talvez levante um dia  
Da traição mentido véo!

Ou a mão d'impia lisonja  
No altar d'aureo Baal  
Queimará no vil thuribulo  
Impuro incenso venal.

Da lyra do Sibarita  
Não vivem as producções;  
Alcançam eternos prantos  
Os gemidos de Camões.

Se és trahido, ergue, ó poeta,  
Para o teu mundo ideal  
O teu vôo e deixa o resto  
Do teu viver material.

Ha muito, desenganada,  
Que este mundo não é meu,  
Ensaio hymnos d'amor  
Para ir cantar no ceu.

*Soror Dolores.*

**A orpham.**

(*A MINHA IRMAN MARIA DA LUZ P. G.*)

Loquar in amaritudine animæ meæ.  
JOB.

Pobre orpham — coitadinha —  
Como podes tu viver?!..  
Nesta soidão, isolada,  
Aqui tu queres morrer?!  
Inda no verdor dos annos  
Já não queres florescer?!

Tens na face a côr mortal!..  
Negro é o teu vestir!..  
Teus olhos sempre chorosos,  
Teus labios sempre a sorrir!..  
Quem te fez tam malfadada?!  
Quem tanto te faz sentir?!

Pobre orpham — coitadinha —  
Não tens quem seja por ti!..  
Por todos é despresada!..  
Ninguem te conforta aqui!..  
Pobresinha, não tens oiro...  
Por isso deixam-te assi!..

Nem amigos — nem parentes —  
Teu pranto vem enxugar!..  
Vem comigo, vamos ambas,  
Entre as câmpas habitar!..  
Eu sei o que é ser orpham,  
Eu sei o que é penar!..

Não temas... iremos ambas  
Do êrmo os umbraes transpôr;  
Quando a lua se levanta  
Com seu pállido fulgor,  
Quando o norte entre os cyprestes  
Susurrar inspirador!..

A' campá de nosso páe  
Iremos juntas orar...  
Com lagrimas bem amargas  
A terra iremos banhar...  
E de lá não sahiremos  
Sem que nos venha fallar!..

Vamos, de rojo a seus pés,  
Sua benção receber;  
Que suas fallas fagueiras  
Adoçam nosso soffrer...  
E' da orpham triste sorte  
Inda infante o páe perder!..

Porto 12 de Maio de 1851.

*Sophia P. G.*

● **Marinheiro.**

OFFERECIDO AO MEU AMIGO J. N. DA M.

..... Largo! Aos mares.  
Snr. GARRETT. — Cam.

Que m'importam tempestades,  
E o raio assolador?  
Quem se arroja a confessar-me,  
Que ás procellas tem horror? —  
— Como é lindo o meu imperio  
Das estrellas ao pallôr! —  
A'vante, minha galéra,  
Corre, vda, meu amor;  
Vdas melhor que o açôr,  
Mais ligeira do que a féra,  
Que persegue o caçador.

Como é lindo o meu imperio,  
Quando nasce, ou morre o sol!  
Recostado na amurada,  
Cá das aguas no lençol,  
O marinheiro sorri-se,  
Avistando o seu pharol!  
— Ai! manhãs do mar Tyrrheno,  
Dôces climas, onde o sol  
Surge mais puro e ameno,  
Do que o ouro do chrysol.

Queres ser meu companheiro?  
— Braço ao leme, e alma a Deus! —  
E não me tragas saudades  
Da terra e dos mimos seus;  
Não são da terra as bellezas  
Bellezas do mar e ceus;  
Os furores do oceano  
Amores são todos meus!  
Amo do mar escarcéos,  
Eu amo a Boreas insano,  
Que me açouta os mastaréos!

Eu zombo das fortes vagas,  
Do tremendo furacão;  
Eu refreio as tempestades  
D'aqui só com esta mão!  
Grita embora, mar furioso,  
Não vacilla o coração;  
Amostra-me teus furores,  
Escarnece-os meu timão;  
Meu braço não treme, não;  
Para mim os teus horrores  
De triumpho servirão.

Minha galera querida,  
Não vês as raivas do mar,  
Por nos vêr tão socegados  
Aqui sós a dominar?  
Corre, corre, minha amada,  
Tu, engraçada sem par,  
Dá-te beijos no costado,  
E' perfido o seu beijar...  
Começa de t'embalar;

Foge, fuge, que o malvado  
Talvez te quer devorar.

Vens de balde, oh! tempestade;  
Estou prompto a resistir;  
Não vacilla o marinheiro,  
Quando o raio vê luzir.  
Galera, minha galera,  
O trovão ouves bramir?  
As ondas negras de raiva  
No teu costado a cuspir!  
E o marinheiro a sorrir,  
Porque talvez elle saiba  
Que a tormenta vae cahir!

Eu, e tu, querida amante,  
Nos abraçamos aqui,  
Conjurem-se os elementos  
Todos, todos contra mi;  
Recostado em teu regaço  
Quantas procellas já vi!  
Quantas vezes da tormenta,  
Dos ventos escarneci!  
Quantas vezes eu me ri,  
Sempre que d'ave agoirenta  
Sinistro guinchar ouvi!

Toda a ventura dos homens  
Não vale um só gôso meu;  
De todo o imperio das ondas,  
Dos mares o rei sou eu;  
Olha, olha, minha amada,  
Vês tu aquelle escarcéo,  
Como ufano e magestoso,  
Do mar tocando nō céo,  
Vem provar o brilho teu?!  
Os teus brios o vaidoso  
Jámais, jámais conheceu.

Deixa vir essa montanha,  
Quem nos guarda é Jehovah;  
O teu rosto zomba della,  
Salta agora... salta já...  
Ei-la vae já de vencida,

Mas outra temos de cá...  
 Agora, agora... que scena!  
 Quadro mais lindo haverá?!  
 O raio fuzilará,  
 E tua mais fraca antena  
 A tudo resistirá!

Pelas ondas embalado,  
 Tumidas ondas do mar,  
 O mar, o céu, e a borrasca  
 Não cesso de contemplar;  
 Vejo d'aquí o horizonte  
 Negro volcão vomitar,  
 E o volcão amontoado  
 Outro oceano formar;  
 Eu ouço o raio estalar,  
 E o trovão por Deus mandado  
 Na immensidade a troar.

Vejo as ondas irritadas,  
 Feridas pelo aquilão,  
 Retorcerem-se raivosas,  
 E atirarem-se ao volcão;  
 A natura desvairada,  
 A natura em confusão;  
 Mas em breve a fresca briza  
 Vem após fero suão,  
 E repelle a escuridão  
 A lua que se desliza  
 Dos espaços na mansão.

E agora também é bello  
 As mansas aguas fender;  
 Nuvem d'ouro no horizonte,  
 Diz-me que o sol vai nascer;  
 Galera, minha galera,  
 Que lindo quadro vou vêr!  
 Sempre o mar, minha querida,  
 Ha-de nossa patria ser;  
 Hemos d'aquí fenecer,  
 E depois da nossa lida  
 No seu fundo adormecer.

Aveiro 10 de Maio de 1851.

*Bernardo Xavier Rodrigues de Magalhães.*

● **anniversario.**

Quem me déra ser vate gigante,  
 Ter torrentes de dôce harmonia:  
 Quem me déra essa lyra de Dante  
 P'ra a virtude cantar neste dia!

Quem me déra uma lyra afinada,  
 Uma lyra de sons divinaes:  
 Quem me déra ter alma inspirada,  
 Que meus versos tornasse immortaes!

Mas não tenho uma lyra de Tasso,  
 Que tão grande harmonia exhalou...  
 Saudaria com ella esse 'spaço  
 Pelo astro que nelle assomou!

Este mundo, feliz, saudaria  
 Por conter essa 'strella brilhante,  
 Que ao mundo appareceu neste dia  
 Magestosa, de luz deslumbrante.

Mas dissera-lh' a lyra sentida,  
 — Neste mundo não é teu lugar,  
 E's a rosa no monte perdida  
 Isolada, sósinha a brilhar.

Entre os anjos déveras viver  
 De suave harmonia cercada:  
 Que no mundo tu podes dizer  
 — Esta terra é p'ra mim limitada. —

Este mundo... que tem?! só negrura.  
 A' virtude que póde ofertar?  
 Uma vida que seja amargura,  
 Uma vida que seja penar!

Um tributo... não ha cá na terra  
 Para tuas virtudes sem par.  
 O que ha neste mundo? qu'encerra,  
 Qu'ahi possa a teus pés ofertar?!

Mas ao menos um canto singelo  
De minh'alma sem mancha, qu' é pura :  
A teus pés ousarei offer'cel-o  
Como prova de minha ternura !

E' um 'canto bem singelo,  
Qu'a teus pés eu vou depôr :  
Não tem pompas, não é bello,  
Não tem arte, nem primôr :  
Que minha lyra — coitada,  
Como què d'envergonhada  
A' virtude sublimada  
Dizer só sabe — louvôr ! —

Oh ! quizera mil canções  
Para a teus pés off'recer :  
Ter a lyra de Camões  
Para a teus pés a tanger.  
A que tenho . . . pobre é ella  
Para saudar essa 'strella,  
Que derrama luz tão bella  
Nos espaços a' correr ! . .

Mas ah ! tão debil é ella,  
Que só póde suspirar  
Vendo surgir essa 'strella  
No horizonte a brilhar :  
Sei só dizer — oh meu Deus !  
Como illumina esses ceus  
Com os encantos só seus  
Um meteóro sem par !

São gritos d'uma alma ardente  
Que não sabe outros soltar ;  
Por vêr astro tão luzente  
Nos espaços a brilhar.  
São cantos cheios d'amor  
Que s'elevam té o Senhor.  
Qu'hoje vem aqui depor  
Quem é feliz em te amar !

Janeiro 1850.

*Affonso de Castro.*

**A esquiua.**

Trigueirinha, quanto és linda ! . .  
Quem me déra um riso teu . . .  
Quanto déra eu se podésse  
Apertar-te ao peito meu ! . .

« Não sabes = esses teus olhos  
Porque não fitas em mim ? =  
« Amo-te como . . . na terra  
« Não conheço amor assim. »

Mas tu foges ! ? . . tão irada  
Contra mim — porque razão ? . .  
Sou acaso eu criminoso,  
Se te offende o coração ? !

Tanto amor . . . tanta ternura,  
Com que me has-de tu pagar ?  
Dou-te a vida — a alma, tudo . . .  
Dize, e tu que me has-de dar ?

Dás-me um beijo ? . . — os lindos olhos  
Me lançou — depois sorriu ;  
Animado pela esperança  
Hia a abraçá-la — fugiu . . .  
E eu, em vão, clamei = *não fujas* =  
Mas a ingrata não me ouviu ! . . .

• •

**A H.elle Devecchi,**

(Em a noite de 12 de Maio de 1851, ultima recita  
da Companhia Italiana.)

Quando languida te quebras  
Como a haste d'alva rosa,  
Que se embala caprichosa  
Ao soprar da viração,  
Dentro d'alma, que extasias,  
Tu despertas as magias  
De mimosa sensação.

Tu já viste a fada em sonhos  
De formoso encantamento  
Perpassar qual branca folha  
Nas leves azas do vento?  
Tal és tu, se graciosa  
Te requebras donairoza  
Em languor, em sentimento.

Tens as fórmãs fascinantes  
Quaes te inveja a bella houri,  
Que nos sonhos d'um califa  
Entre incensos lhe sorri!  
Ao cingir-te essa moldura  
Da caprichosa cintura  
Quem não morrêra por ti?!...

Morrer, não, que tu inspiras  
Muita vida e muito amor!...  
Tens nos olhos esse lume  
Que nos dá vida e calor!  
Eu por mim, quando te vejo  
Tanto garbo, é meu desejo  
Viver qual Adamastor!

Viver, sim, com olhos fitos  
Nesse melindroso pé,  
Que parece pizar flôres  
Nos jardins de Mahomet!  
Viver, sim... se tu vivesses  
E jámais envelhecesses...  
Se envelheces... pena é!...

Vêr-te assim tam linda hoje  
Entre as auras volitar,  
Borboleta que no calix  
Da açucena vem poisar...  
E depois vêr-te pendida;  
Como a flôr murcha, cahida...  
E' tam triste isto pensar!...

Mas se és fada tu não morres...  
Se és houri celestial,  
Se és um sylpho não feneces,  
Se és um anjo, és eternal!

Se mulher és tam sómente  
Viverás eternamente...  
Pela fama és immortal!

\*\*\*

#### Outros olhos.

Julgava que uns olhos negros  
Quizessem dar-me ventura!

F. PALHA.

Olhos negros são forrhosos,  
São mui lindos, sem ter par:  
Mas coitados! — são voluveis,  
O seu gosto é variar.

Podem muito quando querem,  
Tem em si um tal condão:  
Mas fallazs! — sempre mentem,  
Nunca fallam com paixão.

Já gostei d'uns olhos negros  
Como a noite eram assim:  
Eram bellos, mas brilhavam  
Para outrem — que não p'ra mim!..

Eu só quero olhos *castanhos*  
Porque nelles só vivi!  
Podem muito os outros olhos...  
Mas eu por estes morri!

Porto — 1851.

C.

#### O passado do poeta.

(MEDITAÇÃO.)

.....It is a word of many thoughts to me  
And feelings....

T. H.

« Houve um tempo em que eu era ditoso  
Embalado n'uns sonhos d'amor,  
Que fugiram... voaram... morreram,  
E nesta alma deixaram só dôr.



« Tinham paz, e prazer, e ventura  
Esses dias qual aura ligeiros:  
Eram ferteis de mil harmonias,  
Mui risonhos, serenos, fagueiros.

« Eu amava o regato, no prado,  
Murmurando na relva viçosa;  
Lindos hymnos das aves amava,  
A violeta, o suspiro e a rosa.

« Do meu Douro nas margens amênas,  
Ou de dia ou da noite ao luar,  
Ao susurro tão brando das aguas,  
Eu só tinha perpetuo gosar.

« Onde a lyra que outr'ora pulsava  
Os meus cantos d'amor innocente?  
Onde a rosa que á tarde cingia  
De mil beijos, da vida contente?

« Essas cordas douradas da lyra  
Estão mudas... apenas são pó:  
Outras tenbo, que choram, suspiram,  
Enlutadas sómente de dó.

« Morreu tudo, e no mundo só tenho  
Agradar penas, martyrios e dôres...  
De que vale o meu pranto sentido?  
De que valem os meus dissabores?

« Para mim a existencia é de trevas,  
Um abysmo... sómente um inferno!  
Nem teus olhos, donzella, me volves  
Desse olhar de pureza tão terno.

« Eras tu o meu anjo querido;  
Eras tu da minh'alma o prazer.  
Mas agora? Sósinho no mundo,  
Do poeta é bem triste o soffrer.

« Quando a mente se expande saudosa  
Pelo tempo que presies passou;  
Choro triste, passado d'angustias,  
Essa quadra, que logo murchou.

« Já em mim uma esp'rança não resta:  
Ei-las já pelo chão desfolhadas,  
Bem dispersas, ao sôpro do vento;  
Ei-las séccas... p'ra sempre mirradas! »

.....

Solus.

Não chores....

A' Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. \* \* \* \*

..... soffres?.. qu'importa?!  
No peito abafa o soffrer:

AFONSO DE CASTRO.

Não chores, linda donzella,  
Anjo mimoso do ceu! —  
A tua crenga tam bella  
Ha muito que já morreu.  
De que serve o prantear  
Se não pôde minorar  
As dôres que o peito sente?...  
Oh! se o pranto amargurado  
Me trouxesse do passado  
O meu viver innocente!...

De que serve neste mundo  
Amargo pranto verter,  
Neste pélagos profundo  
De tormentos e soffrer?...  
Aqui .. na terra a ventura  
Mais que um momento não dura,  
Logo se esvae n'um instante.  
E' qual estrella formosa,  
Que brilhando radiosa  
Encobre véo negrejante.

Eras qual pomba innocente  
Cahida em laço traidor,  
Qual a rolinha gemente,  
Que fere o crú caçador.  
Tu sorrias, suspiravas, —  
Toda em fogo te abrasavas  
Em teu ardente sonhar,  
Inexperta, — não sabias,  
Ainda não comprehendias  
Esta palavra — penar! —

Nesses teus olhos formosos  
Eu li o teu soffrimento,  
Nos teus suspiros saudosos,  
No teu arfar violento.  
Era a virgem casta e bella,  
Que suspira e só anhella  
Vêr seus sonhos realisar:  
Eram affectos mais sanctos,  
D'um amor cheio d'encantos  
O primeiro suspirar.

Ai de ti! — foste enganada  
 Nesse teu sonho d'amor,  
 Quando te crias amada  
 Por um infame traidor:  
 Crias, donzella, na terra,  
 Que tantos crimes encerra,  
 Leal amor encontrar!...  
 Tu julgaste que a ventura  
 Neste mundo eterna dura,  
 Sem jámais poder findar!...

Como rapidos passaram  
 Os teus dias de delicias!...  
 Como em breve se acabaram  
 D'amor as meigas caricias!...  
 Que te resta dentro n'alma  
 Onde já não vae a calma  
 Abrandar pungente dôr?...  
 Que te resta nesta vida  
 D'ardentes sonhos despida,  
 Sem amar, e sem amôr?...

Tu não sabias, donzella,  
 Que era tudo uma illusão?!...  
 Que o homem sómente anbella  
 Da mulher a perdição?...  
 A virtude é escarnecida,  
 A innocencia envilecida,  
 Sómente o crime é abraçado:  
 Só reina a perversidade, —  
 O negro vicio, — a maldade  
 Neste tempo desgraçado...

Não chores que os soffrimentos  
 Te hão-de o sepulchro cavar:  
 Entre martyrios — tormentos  
 Has-de a vida assim passar?...  
 Julgas tu que ao cemiterio  
 Pódes revelar mysterio,  
 Que quer's na terra encobrir?...  
 Sabes sé na eternidade  
 Existirá lealdade, —  
 Se póde amor existir?!..

O monstro que outr'ora amaste  
 Qual o tigre era cruel,  
 As fallas que lhe escutaste  
 Eram molhadas em fel:  
 Tinha a alma pervertida,  
 Na infamia revolvida;  
 Era rocha o coração:  
 Teu puro amor despresava,  
 Oiro só, — era o que amava.  
 Oh, céga, louca ambição!!

Do passado que te resta?...  
 Só eterno desprazer:  
 Cruel saudade hoje infesta  
 Esse teu calmo viver.  
 Depois de finda a ventura  
 Só resta amarga tristura  
 A quem tam dôce a gosou.  
 A campa, triste degredo,  
 Esconde um grande segredo,  
 Qu'inda ninguem decifrou!...

Não creias, virgem, no mundo  
 Onde é tudo uma illusão,  
 Neste pélagos sem fundo,  
 Onde só reina a traição...  
 Oh! — não creias, virgem pura,  
 Teu amor todo candura  
 Não achará outro igual.  
 Tu és qual pudica rosa,  
 Que na montanha escabrosa  
 Não tocou o vendaval.

Não chores, linda donzella,  
 Anjo mimoso do ceu! —  
 A tua crença tam bella  
 Por ventura não morreu?...  
 Não chores, que as dôres da alma  
 O prantear não acalma;  
 A's penas não vale o pranto,  
 Donzella, resignação!..  
 Encerra no coração  
 Teu amor tam puro e sancto.

Abril 24 de 1851.

J. P. F. da Costa Sarmiento.

## INSPIRAÇÕES

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

Com este titulo acaba de sahir á luz um  
 volume de poesias, nitidamente impresso.  
 Vende-se por 300 reis na loja de livros  
 de *Fonseca*, aos Caldeireiros n.º 12.

Na mesma loja se recebem assignaturas  
 para o lindo Romance = **ANATHEMA**  
 = pelo mesmo auctor.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

NO ALBUM DA EXC.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup>

**D. Maria Candida de Carvalho  
Vasconcellos.**

**D**ONZELLA, que fazes, que pedes um canto  
A quem, desgraçado, só pôde gemer!?  
Soltar um lamento, dizer — soffro tanto —  
Que mais, ó donzella, te posso fazer?  
Queres, que no livro onde 'screvem — ternura,  
Eu vá, desgraçado, escrever — amargura — ?!

Que fazes, donzella, que vens descuidada  
Rasgar uma f'rida, que não se fechou!..  
A barca desfeita por forte rajada  
Não sulca esses mares — d'ha muito parou —  
Em noite aziaga, terrível, escura,  
A 'strella s'esconde, nos céos não fulgura.

Se gostas, donzella, de vêr enlutado  
Teu livro tão cheio de trovas d'amor:  
Escrevo-te um canto de dôr repassado,  
Um canto bem cheio d'acerbo amargor.  
Donzella, se queres ouvir-me um lamento...  
Por Deus, não sorrias do meu soffrimento.

**Acordei! ....**

Tinha uma luz, que brilhava  
No meu futuro... além.  
Linda rosa que alvejava  
Mais branca do que a cecem.

Era um sonho venturoso,  
Qu'eu afagava... vaidoso!..  
De que não qu'ria acordar.  
Era a flôr do cemiterio,  
Que por horas de mysterio  
Triste 'sposa vae regar.

Era mais! era o meu Nume  
A quem só qu'ria adorar!  
Da briza tinha ciume,  
Se a briza lh'ia arejar.  
Tinha ciume da estrella,  
Que refulgia... tão bella  
A baloçar-se... por Deos!  
Tinha ciume dos montes,  
Tinha ciume das fontes,  
Do ar, da terra, dos ceos!

Era a minha luz d'esp'rança  
Tão fagueira a refulgir:  
Para o nauta... era a bonança,  
Onde o p'rigo vê fugir.  
Era a véla ao naufragado,  
Que sulcando o mar irado  
No extremo despontou!  
Era a mão, que do abysmo  
Com força, com heroismo  
Fora delle me arrancou.

Mas veio um sopro gelado  
Apagar a minha luz:  
Ao calvario... desgraçado  
Hei-de levar esta cruz.

Porque veio mão de morte  
 Na flôr dar fundo córte,  
 Bem fundo... que se murchou?!  
 Porque... 'spectro pavoroso  
 Por mim passou... temeroso  
 E do somno me arrancou?!

Acordei! mas ah que vejo?!  
 Bem negra, feia traição.  
 O meu somno quanto almejo!  
 O meu somno... mas em vão!  
 A dormir... eu tive gosos,  
 Hoje... dias desditosos,  
 Agora e sempre a soffrer.  
 A dormir vi n'um sorrizo  
 Ser o mundo um paraizo,  
 Toda a vida um só prazer.

A dormir... eu vi no prado  
 Mimosa flôr, que brilhou:  
 Agora... tudo mirrado  
 Pelo vento que soprou.  
 Então as aves cantando!  
 Agora os mûchos piando  
 Aquelles hymnos de dôr!  
 Então n'um dôce sorrizo  
 Julguei vêr um paraizo,  
 Do qual eu era senhor!

Agora... tudo negrura  
 Neste mundo em que acordei:  
 Dessa taça d'amargura  
 Grande parte já traguei.  
 Aqui... no mundo enganoso  
 Vago triste e duvidoso  
 Esp'rando o termo transpôr.  
 Aqui... na terra corrupta  
 A minh'alma sempre em luta  
 Succumbe por fim á dôr.

Mas qu'importa? lá descansa  
 Desta incerteza cruel,  
 Quem não vê fulgir esp'rança,  
 Quem dentro d'alma tem fel.

Qu'importa?... se alli é o *nada*  
 Nessa morte abençoada,  
 Porque a não hei-de chamar?  
 Porque não... com passo certo  
 Do abysmo hir bem perto  
 E dentro delle saltar?

Porque não?... somno profundo  
 No abysmo vou gosar:  
 Do abysmo horrivel fundo  
 Não me faz apavorar.  
 Que m'importa a mim a vida  
 Sempre de dôres nutrida,  
 Mas que ninguem conheceu?  
 Que m'importa o passamento,  
 Se é peor o soffrimento  
 De quem as crengas perdeu!

Que m'importa a hora extrema,  
 Que chamam — loucos — fatal!  
 Que m'importa a dôr suprema  
 Desse momento final!!  
 A' flôr pendida, mirrada  
 Que lh'importa que a rajada  
 Lhe faça as folhas cahir?  
 Que m'importa a mim a morte,  
 Se é peor a minha sorte,  
 Que nem eu sei definir!

E' peor isto que sinto,  
 Esta dôr... que nem eu sei!  
 Se digo — sôffro — não minto,  
 Não minto, não delirei.  
 Mas ah! ninguem acredita,  
 Mas ninguem, ninguem medita  
 Neste invisivel soffrêr!  
 Ninguem crê na dôr sepulta  
 Dentro d'alma — porque occulta —  
 Não a podem loucos vêr?!!

Coimbra 10 de Abril — 1851.

*Affonso de Castro.*

## A minha crença.

.... fore-taste of heaven.  
 LORD BYRON.

Não é sonho, não; eu creio...  
 Diz-m'o n'alma um novo enleio;  
 Diz-m'o ùa dôce emoção,  
 Quando estou ao pé de ti,  
 Que teu labio me sorri,  
 E me pulsa o coração.

Sim, meu anjo, creio já;  
 E esta crença não será,  
 Como as outras, illusão:  
 Uma voz n'alma me aspira,  
 Que me diz não é mentira  
 O meu crêr do coração.

Foram falsas, bem o sei,  
 Essas crenças que eu guardei;  
 Deu-m'as a imaginação...  
 Vieram-me em sonhos bellos,  
 Inspirados por anhellos  
 Que então tinha o coração.

Eu sonhei maga ventura...  
 Crí achar ùa alma pura  
 A quem dar minha affeição...  
 Mas o amor não vive cá,  
 Nem aqui ventura ha,  
 Como a quer meu coração.

Não te assustes, não, donzella...  
 Eu bem sei tens a alma bella,  
 Como ahi outra não ha, não:  
 Tens virtudes — mais do que eu —  
 E inda soute mais que o meu...  
 Teu ingenuo coração.

Mas os gosos innocentes  
 Que, eu bem sei, no peito sentes,  
 Quando com terna paixão

Fitas nos meus os teus olhos,  
 Em flôr's tornando os abrolhos  
 De meu triste coração,

São crepusc'lo á f'licidade,  
 Cuja dôce realidade  
 Ha dos anjos na mansão...  
 Só lá vive o amor no ceu...  
 Não o crês?... pois creio-o eu,  
 Que m'o diz o coração.

\*

E' tam bello assim viver  
 Nesta esp'rança, neste crêr  
 Que eu sorvi n'um olhar teu!  
 Com desdem olhar o mundo,  
 Como carcere profundo,  
 P'ra depois se hir livre ao ceu.

Seja a vida um soffrimento...  
 Eu por mim quero o tormento  
 Que o amor tem por trophéu:  
 E o amor de um cherubim  
 Que eu já amo, e que sem fim  
 Ha-de amar-me lá no ceu.

Embora o sceptico brade  
 Sem ter fé na f'licidade;  
 Nem em Deus creia o atheu;  
 Esses não terão, jámais,  
 Dôces gosos eternaes,  
 Como os crentes, lá no ceu...

Nem na terra... que a 'sperança  
 E' ao coração bonança...  
 E' da noite o sacro véu...  
 E o que firme n'um Deus crê  
 Atravéz delle entrevê  
 O que ha-de gosar no ceu.

Eu, ouvindo o som do mar,  
 Vendo um astro a scintillar,  
 Deixo o pensamento meu  
 Hir nas azas de uma briza  
 Junto á estrella que tapiza  
 O vergel sem fim do ceu.

\*

Foi assim que, d'uma vez,  
De uma noite na mudez,  
Esta crença Deus me deu . . .  
Foi do ceu que ella me veio,  
Que ha-de ser eterna eu creio,  
Como tudo o que é do ceu.

\*

Esqueçâmos, sim, a terra  
Que miserias só encerra . . .  
E gosêmos — tu e eu —  
Este amor, que um dia emfim  
Será só de *um* cherubim,  
Adorando a Deus no ceu.

Maio — 1851.

*J. S. da Silva Ferraz.*

○ **Monge.**

Terreurs d'une ame timide qui  
manque de confiance dans ses pro-  
pres forces; expansion d'une ame  
ardente qui a besoin de s'isoler avec  
son createur; indignation d'une ame  
navrée qui ne croit plus au bon-  
heur, activité d'une ame violente  
qui la persecution a algrie; affaisse-  
ment d'une ame usée qui le deses-  
poir a vaincue: quels especifiques  
opposent-ils à tant de calamités?  
Demandez aux suicides.

CHARLES NODIER.

I.

Inflammado nos estos da infancia,  
Um mancebo, abrazado em paixões,  
Viu-se aqui neste mundo, onde, em ancia,  
Arfa o peito anhelando illusões.

Em seus sonhos de crenças formosas,  
Atravez mago prisma d'amor,  
Mil imagens previu vaporosas  
Entre nuvens d'estranho fulgor.

E com ellas gravadas na mente,  
Mal do mundo os umbraes penetrou,  
Viu n'uns olhos o brilho innocente  
D'uma virgem das mil que sonhou.

Que transportes ferventes lhe accendem  
Castos hymnos d'um estro febril!  
Mas que importa, se o não comprehendem  
Lindos olhos em face infantil!?

Quando o mundo encontrou tão diverso  
Das esp'ranças, que tinha aspirado,  
Viu que a crença era um sonho disperso,  
Mal entre homens havia acordado.

Viu na sombra da crença esvaída  
Ir-se a luz do seu typo ideal;  
— Que as delicias, previstas na vida,  
Converteram-se em gôso carnal.

A mulher, sensação melindrosa,  
Perfumada no seu coração,  
Apagando-lhe a fé luminosa,  
Perverteu-lhe o candor da paixão.

Pervertido o mancebo na alma,  
Que tão casta esposára as paixões,  
Foi com mão libertina uma palma  
Na requesta colher das traições.

E colheu-a . . . Foi facil colhê-la  
Com destrezas gentis de devasso!  
Se de crimes a gloria quiz tê-la,  
Conseguiu-a, e alfim o cansaço . . .

O cansaço prostrou-lhe os sentidos  
E gelou-lhe os desejos ferventes . . .  
Só tem n'alma a surdez dos gemidos,  
Quando a ferem remorsos pungentes.

Não tem alma que aspire um desejo,  
Nem desejo sagrado á virtude! . . .  
Das donzellas o candido pejo  
Enfastia-lhe o espirito rude.

A seus pés desfolhadas as flores  
Das grimaldas de virgens trahidas,  
São despojos calcados d'amores,  
Cuja gloria são honras cuspidas.

Quando o crime irritado n'um sonho,  
Alta noite, se encosta ao seu leito,  
E lhe crava o remorso medonho  
Nas entranhas do intimo peito,

O mancebo desperta aterrado...  
Vem-lhe á mente os espectros sanguentos,  
Que da campa do tempo passado  
Resurgiram terríveis, sedentos!..

Vem-lhe á face o terror do que sonha,  
Logo apoz um cruento homicidio!  
Mas na alma lhe esvoaça risonha  
Uma idéa... — a do atroz suicidio!

## II.

As noites pavorosas de remorso  
Veladas pelo filho da desgraça,  
Só sabe o que ellas são homem, que esconde  
Um crime atroz na escuridão da alma!  
As grandes afflicções não se adivinham...  
E' preciso soffrer, chorar, e as lagrimas  
Dessorá-las no sangue!

Este mancebo

Foi só no seu martyrio! As faces magras  
Envelhecidas, humidas de pranto,  
Ninguem lh'as enxugou!....

Dóe o abandono

Bem mais que a desventura! O criminoso  
Mui dura expiação gemeu na terra,  
Se os homens com desprezo o viram ir-se  
Na estrada larga da maldade impune.

Deixaram-n'o sósinho. O êrmo é triste,  
A dôr lá não respira, e a angustia opprime,  
Cruenta, o coração, que é lacerado  
Pelo cancro roedor da impiedade.

Sim! o êrmo tem consolações e mimos,  
E o balsamo que cerra as chagas fundas  
Da consciencia. Lá ha-de encontrá-lo  
Quem nas horas avessas d'infortunio,  
E descrença nos homens, curva o joelho  
Diante d'uma cruz, e pede, e chora.

Chorar diante de Deus chorára o triste  
Com a face no chão... Dôr tão afflicta  
Não houve alguma a orvalhar com lagrimas  
A cruz deserta em solitaria encosta

A esperança do céo brilhou nas trevas  
D'aquelle espirito a penar torturas  
De duvida e descrença! Extremo affecto,  
Espolio não manchado de torpezas,  
E' esse extasis sancto que reanima  
O réo d'um crime, que repellem homens,  
E Deus ampara, e perdôa, e salva.

Nos labios do mancebo, onde crestaram  
Lascivos beijos a candura d'alma,  
Murmura agora a fervorosa prece  
A supplica, o perdão, o amor divino,  
A compaixão de Deus, e a caridade!

Foi esta a oração do que, vergado  
Por desgraças da terra, exora a Christo  
Um conforto do céo, a luz da esperança:

\*

« As nodoas dos meus crimes são patentes  
« Aos olhos do meu Deus!  
« Eu venho aqui, Senhor, entre innocentes  
« De crimes quaes os meus,  
« Eu venho orar tambem preces ardentes...  
« Serão d'um réo as supplicas ferventes  
« Repellidas dos ceus?  
« Oh Christo! — a aspiração que eu julguei morta,  
« No esteril coração,  
« Anceia o vosso amor! Sou réo!... que importa?  
« Olhae-me a contricção!

« Vêde a alma do réo que dôr supporta!  
 « A que infernos da terra ella o transporta!..  
 « Depois... due-lhe o perdão!

« Fui grande nas paixões, meu Deus!.. perdi-me  
 « Desvairado no amor!..

« Despi-me d'illusões... tragei do crime  
 « D'ouro o manto traidor!

« Uma virgem chorou... soffri... esqueci-me!  
 « Outra virgem chorou... passei... sorri-me  
 « D'escarneo aviltador!

« Depois, gelado n'alma o sentimento,  
 « Amava as sensações,  
 « Pedidas, tanta vez, ao soffrimento  
 « D'estranhos corações!  
 « Achei-os tão sublimes no tormento,  
 « Tão sanctos no martyrio!... e o amor violento  
 « Paguei-lh'o com traições!

« Perverso, o meu cynismo depravado  
 « Tornou-se ultrajador!  
 « A honra escarnei no desgraçado  
 « Sem manchas de traidor...  
 « Virtuoso... nenhum quiz a meu lado  
 « Ouvir-me o audaz sarcasmo empavonado  
 « D'um rir aviltador!

« Quando, mesmo no crime, o desconforto  
 « Para o crime senti,  
 « Chorei então, oh CHRISTO, o alento morto,  
 « Pois que tudo perdi!..  
 « *Morrer!* o nada! ou na terra um horto  
 « D'eternas agonias sem conforto....  
 « Meu DEUS!.. muito soffri!

« SENHOR! não mente o pranto que hei chorado!  
 « Vêdes meu coração!..  
 « Abri braços de páe ao desgraçado,  
 « Ludibrio da paixão!  
 « Que filho veio a vós, que haja voltado,  
 « Com o remorso n'alma atravessado,  
 « Ao mundo, á corrupção!?! »

Esse homem, que chorou gôtas de sangue,  
 Foi visto do SENHOR! E' grande o ETERNO!

## III.

Era no templo, e o orgão magestoso  
 Na amplidão das naves reboava  
 Accordes sons de musica divina.  
 O sol, no extremo céo, languente e froixo,  
 Chamejando nas ondas purpurinas,  
 Rúbidas restees atravez coava  
 Da esguia fresta no portico do templo.

Severo e triste no assombrado aspecto,  
 Por entre as turbas, que bemdizem, crentes,  
 O Deus de seus avós, vêde um mancebo,  
 Que timido se prostra. Ei-lo inspirado,  
 Erguendo as mãos, em oração piedosa,  
 Reverente, exemplar, como se um justo  
 De longa e sancta vida alli rezasse.

Do monge a voz solurna, e melancolica,  
 Dorida e cava, solta o hymno lugubre,  
 Profundo, da paixão de JESUS-CHRISTO.  
 Era terrível a magestade augusta  
 Das carpidas canções, que a voz do monge,  
 Por entre as ondas do sagrado incenso,  
 Erguia ao céo! Oh! dae-me um desses hymnos  
 De tão sancto terror, que o vilipendio  
 Emmudeceu, raivoso em suas iras  
 D'impiedade egoista e mal-feitôra!  
 Dae-me um dos hymnos funebres do templo  
 Do templo do mosteiro, onde ora jazem  
 O monge e o verme no sepulchro aberto  
 Por mão profanadora do passado,  
 E opulenta de opprobrio ao que é cadaver!

.....  
 .....  
 Na alma do mancebo, rociada  
 Pelo orvalho do céo, a essas horas,  
 Passavam-se mysterios grandiosos!  
 Entre elle e o mundo, entre a culpa e a prece,  
 Pozera a mão de Deus, a mão do archanjo



Que desde o berço ao tumulto vigia  
A vida incerta desse fragil barro,  
Que traz no coração o crime e a honra!

Se alli, aos pés do altar, foi provocá-lo  
Da tentação o seductor sorriso,  
O peccador sentiu valêr-lhe o anjo,  
E as lagrimas contritas do remorso,  
E o compassivo olhar d'um velho monge,  
Que vê, nas faces lividas d'um joven,  
O sangue, que hão vertido ulceras d'alma,  
Incuraveis no mundo!

Eis, de improviso,  
Os olhos do mancebo amortecidos  
Cravam-se fixos d'um fulgor estranho  
Nas faces cadavericas do monge.  
E o monge, ouvindo a inspiração celeste,  
Nos labios macilentos abre um riso  
D'esp'rança animadora ao penitente.

IV.

O templo era deserto, e o orgão mudo:  
Silencio, e sombras, e a tristeza austera  
Das naves solitarias, diffundiam  
N'alma a poesia dos mysterios sanctos.  
Da multidão, que foi d'alli tocada  
Por mão da fé no fel da consciencia,  
Ha delles um christão que não desvia  
Da cruz os olhos, e dá lagem dura  
Os joelhos não ergue. E', lá, sósinho...

Extinctas são as luzes já nos cyrios,  
Os gonzos rangem no portal da igreja,  
Descem as trevas como em céu de bronze,  
E o mancebo, estatua da tristeza,  
Ou da alegria em fervoroso extasis,  
Não respira, mas chora, e sente as lagrimas  
Cahirem-lhe da face ás mãos erguidas...

A passos surdos sobre as lages, vêde-o  
O monge d'alvas cans, symbolo sancto  
De heroicos tempos de saudosas crenças!  
A mão tremente e descarnada pouosa

No hombro do mancebo:

« Irmão — diz elle —  
« O pranto derramado em seio alheio  
« E' menos amargoso a quem o verte...  
« Se um seio peccador tu queres, filho,  
« Eu dou-t'o... chorarás... Ergue-te, crente!  
« Desgraçado na terra é só o impio! »

E ergueu-se o homem, cujos labios pousam  
Na mão do monge o beijo estremecido  
Por intimos tremores. Ambos tristes  
E mudos atravessam as arcadas  
Do taciturno claustro...

— Monge!... eu soffro...

— « Silencio! » — murmurou o monge — « Logo,  
« Mancebo, fallareis... Não podem vozes  
« Quebrar esta mudez... O claustro é mudo  
« Como os tumulos... »

Alfim, na cella estreita

Entraram, e fechada, como a lousa  
De dous corpos não mais vistos no mundo,  
Sacratio foi de dôres mysteriosas.

.....  
.....

V.

Era no templo do mosteiro ainda.  
Um monge triste, pállido, mas triste  
De serenos pesares, inda moço,  
Desprende a voz do céu sobre os que o olham,  
No pulpito, solemne e magestoso  
Como enviado de Deus! A fronte cinge-lh'a  
Uma aureola de luz! Dos olhos baços  
Desce-lhe o pranto, quando conta ás turbas  
Os tormentos de Christo! Ei-lo tão novo  
Inspirado dos anjos! Ei-lo erguido,  
Suspenso sobre a terra, como o archanjo  
Nos paroxismos da impia Babylonia!

.....

— Quem é? — murmura a multidão do templo —

« Foi um raio de cólera mundana! . .  
 « Solitario, gemeu . . . e é hoje a lampada  
 « Dessa luz immortal, que brilha intensa  
 « No caminho do céo, na voz d'um monge! »

*Camillo Castello Branco.*

(Extrahido das *INSPIRAÇÕES*).

**Os meus amores.**

Além na immensa vastidão dos mares  
 Não vês a vaga que soberba corre,  
 Que em densa nuvem s'elevando aos ares,  
 Desfeita em per'las no rochedo morre?  
 Não vês agora que o furor enfreia,  
 Lambendo as praias, sem causar terrores?  
 Correndo mansa na molhada areia? . .

Eis meus amores.

Não quero a estrella que no ceu fulgura,  
 Porque de dia seu fulgor não vejo;  
 Não quero a virgem innocente e pura,  
 Que um dia perde seu virgineo pejo.  
 Engeito d'auras amoroso incenso,  
 Despréso as lindas e viçosas flores;  
 Sómente as vagas no oceano immenso  
 São meus amores.

15 de Maio.

*E. A. S.*

**Charadas.**

1.<sup>a</sup>

Em lugubre mansão recorda quêdo  
 Os tristes restos do passado mundo:  
 — Fatal *trigamma* que levanta ao vê-lo,  
 Em todo o coração pungir profundo!

Saber e descripção, vedada ao vulgo,  
 Nas *béatas* que descarna, ostenta ousado: }  
 — Contin'ò penetrar por terreos stratos, }  
 Tal é o seu mister, tal é seu fado. } 3

Entre nuvens d'aromas passo os dias  
 Em dourados vergeis mimoso arbusto:  
 — Brumosos aquilões meu ser definham,  
 Meu ser definha e mata um solo adusto.

*Percira-Caldas.*

2.<sup>a</sup>

Tal no mundo sem ti me considero! } 1  
 E assim, ávida, fiz ás cartas tuas; } 1  
 Nascido no concelho de Penalva, }  
 Vae juntar ao Mondego as aguas suas. } 1

Aqui neste êrmo, aqui neste deserto  
 Mil ais exhala o angustiado peito;  
 Aqui longe de ti atroz saudade  
 A seus crueis tormentos me ha affeito.  
 Ah! não duvides, não, desta verdade,  
 A outro não dedico tal conceito.

**INSPIRAÇÕES**

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

Com este titulo acaba de sahir á luz um  
 volume de poesias, nitidamente impresso.  
 Vende-se por 300 reis na loja de livros  
 de *Fonseca*, aos Caldeireiros n.º 12.

Na mesma loja se recebem assignaturas  
 para o lindo Romance = **ANATHEMA**  
 = pelo mesmo auctor.

*Erratas.* — No numero antecedente, a pag.  
 156, col. 1.<sup>a</sup>, lin. 7.<sup>a</sup>, onde se lê = Ai! ma-  
 nhãs do mar Tyrrheno = deve accrescentar-se o  
 seguinte verso = *Minhas tardes do Ferrol* =

Na pag. 156, col. 1.<sup>a</sup>, lin. 12, onde se lê =  
 volcão = deve lêr-se = *bulcão* =

Na pag. 158, 2.<sup>a</sup> col. onde se lê = *wqord* =  
 deve lêr-se = *word*. =

Na pag. 159, 1.<sup>a</sup> col. lin. 13, onde se lê =  
 Onde a lyra que outr'ora pulsava = deve lêr-se  
 = *Onde a lyra em que outr'ora pulsava.* =



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

## Illusões da vida.

À MINHA AMIGA D. M. J. L. DE B.

Vão as rodas do tempo esmigalhando  
Uma por uma as illusões da vida.

A. X. R. CORDEIRO.

**N**ão vês, Armia, um pinheiro  
Naquelle longinqua aldêa,  
Que se mostra sobranceiro  
A tudo quanto o rodêa?  
Sua fôrma tão esguia  
As estrellas desafia;  
Seu crescido coruchoe,  
Sua coma rendilhada  
Parece altiva e ousada  
Estar roçando no ceo.

Ah, qu'enganosa, ó Armia,  
Nossa fraca vista é!..  
Como illude a fantasia  
Quanto na terra se vê!  
Se nesse elevado pinheiro,  
Das nuvens o companheiro,  
Estivera alguem sentado  
Sobre o mais alto raminho,  
Não víra o ceo mais visinho  
Do que deste baixo prado.

E de lá tinha de vêr  
Outro pinheiro feliz,  
Que no ceo figura ter  
Lançado mesmo raiz:

Mas se lá tambem chegára,  
Veria que s'enganára.  
Essas arv'res lá diante  
Chegar se vêem ás estrellas;  
Aproximamo-nos dellas,  
Vêmos sempre o ceo distante.

Assim, Armia, na vida  
Nos engana a providencia:  
Seguimos com grande lida  
Riqueza, poder, sciencia,  
Ventura ou consolações;  
Topamos vãs illusões.  
De longe nos apparece  
A *miragem* do deserto;  
Corremos... chegamos perto;  
Ella vae... foge, ou fenece.

29 de Março — 1851.

Maria P. de S.

## Bellezas da minha Terra.

Lá na leal cidade, d'onde teve  
Origem (como é fama) o nome eterno  
De Portugal .....

CAMÕES — *Lusiadas*.

Linda cidade da Virgem,  
Linda terra sem igual!..  
Ella foi que deu origem  
Ao nome de — Portugal —

— E' a patria dos amôres,  
Com seu manto de mil côres,  
A sorrir entre os verdôres.  
Deste solo divinal.

A minha terra é formosa  
Tem bellezas que mais não,  
E' qual virgem melindrosa  
Qu'infetiça o coração.  
E' o sonho que hei sonhado,  
Com a gloria entrelaçado,  
Atravéz do véo doirado  
Da mais santa adoração!

Patria, patria, os teus encantos  
Nos seios d'alma gravei,  
Hei-de sagrar-te os meus cantos,  
Só por ti m'inspirarei.  
— Por ti só, imagem qu'rida,  
Illusão nunca mentida,  
Por ti um goso na vida  
Santo goso inda terei.

Quando vejo o sol doirando  
As montanhas ao raiar,  
E de tarde mergulhando  
Nas brancas aguas do mar;  
Quando contemplo, enlevado,  
Este ceu tão azulado,  
D'estrellinhas recamado,  
De noite — á luz do luar;

Quando no cedro pousado  
O volátil trovadôr  
Solta um canto repassado  
De ternura, mágoa e dôr;  
Quando, além, s'expande o rio,  
Por entre o bosque sombrio,  
Imitando o murmurio  
Um gemido . . . um ai d'amôr;

Quando na crista do monte  
Ouço o cordeiro balar,  
Ou mais perto, em tosa fonte,

Branda lympha a suspirar;  
Quando por noite soidosa  
Canta a lyra harmoniosa  
Da virtação maviosa  
Que tanto convida a amar. . .

Oh! então eu solto um brado  
Do fundo do coração,  
Como o solta o desgraçado  
A quem ri uma illusão;  
Como o solta o que naufraga,  
Quando, nas azas da vaga,  
Vem cuspidô junto á fraga,  
Onde encontra a salvação;

Como o solta o terno amante,  
Quando a amada lhe sorri;  
Como o solta o navegante,  
Quando brada: — « terra vi! »  
Como o solta a mãe querida,  
Quando, no leito pendida,  
Vê sorrir no alvor da vida  
O filhinho para si;

Qual solta um povo opprimido,  
Quando á voz — rebellião —  
O tyranno perseguido  
Foge envolto em maldição;  
Qual o solta o desterrado,  
Quando, sonhando acordado,  
No seu paiz adorado  
Vê o pae . . . a mãe . . . o irmão;

Patria, patria, eu hei-de amar-te  
Em quanto vida tiver —  
Oh! jámais hei-d'olvidar-te  
Nem um instante sequer:  
— Tu és a fraga adorada,  
O rizo da minha amada,  
A liberdade sagrada  
Que inda espero um dia ver,

E's a terra pretendida  
Que o gageiro descobriu,

E's a imagem, tão querida,  
Do filhinho que a mãe viu,  
O sonho do desterrado,  
De saudade repassado,  
A illusão do desgraçado  
Que, tão grata, lhe sorriu;

Patria, patria, és meu anelo,  
E's a minha inspiração. —  
Quanto é dôce, quanto é bello  
O sentir desta emoção!  
Emoção que tem encanto  
Para mim, que te amo tanto, ...  
Nem eu posso dizer quanto  
Por ti sente o coração.

Maio 26 de 1851.

A. P. Caldas.

Os meus amores.

Pedi ao ceu uma estrella  
Destas de vivo fulgor;  
Queria dar-lhe o meu amor,  
Queria endoidecer por ella:  
E vi-a surgir tão bella  
Nessas campinas de anil,  
Que absôrto, extasiado,  
Endoideci ... de encantado  
Ao vê-la assim tão gentil.

Mas de nuvem denso veu,  
Negro, negro de assustar,  
Veio o meu astrô occultar  
No medonho gremio se'u.  
E a estrelinha morreu,  
Que nos ceus jámais a vi!  
Por mais que os olhos cançasse  
Não vi outra, que imitasse  
Linda estrella, que eu perdi!

E eu fui pedir ao jardim  
Uma bella e fresca rosa;

Deu-m'a tão pura e mimosa!  
Não tinha-lá outra assim.  
Tinha um seio de carmim  
Tal fragrancia a exhalar,  
Que embriagado o sentido,  
Por ella da amor perdido,  
Amei-a ... até delirar!

Porém um cura invejoso,  
Invejoso deste amôr,  
Quiz roubar-me a linda flôr;  
E em seu soprar furioso  
Vergou-lhe o pé melindroso,  
E depois lançou-a ao chão;  
A mesquinha aos pés calcada  
Ficou alli desfolhada ....  
Ludibrio da multidão!

Então Deus, compadecido  
De me vêr assim penar,  
Lá desde os ceus fez voar  
A' terra um anjo escolhido!  
Em nuvens d'ouro envolvido  
Surgiu nos sonhos meus ....  
Amei-o — e esta alma encerra  
Tão puro amor — qual na terra  
Póde dar-se a anjos dos ceus. —

Margo de 1851.

Soto-Mayor e Azerêdo.

A aurora.

A' Exc.<sup>ma</sup> Srr.<sup>a</sup> D. M. S. P. G.

Como alegre desperta, e radiosa;  
De encaixos mil ornada se levanta,  
Qual do festivo leito a nova esposa!

QUITA.

Em roseos véos envolvida,  
Além — de galas vestida  
Assoma a aurora a fulgir.  
Qual innocente donzella  
Lá vem pudibunda e bella  
Do dia as portas a abrir.

\*

Da manhã a mensageira  
 Longe — scintilla fagueira  
 No azul espaço engastada :  
 E na campina a florinha  
 Levanta a fronte tenrinha  
 D'alvas per'las borrifada.

Dôce zephyro adeja  
 Em tórno da flôr, que beija  
 Tam vergonhosa — a córar . . . .  
 A luz do dia nascente,  
 Sobre a agua transparente  
 Se vae no Doiro espelhar.

Entre espinhos escondida  
 A violeta entristecida  
 Espalha no ar seu odor.  
 Poisados sobre raminhos  
 Innocentes passarinhos  
 Tecem hymnos ao Senhor.

Pelas campinas amenas  
 Soam rusticas avenas  
 Alegrando o manso gado :  
 Salta a engraçada pastora,  
 Saudando a linda aurora,  
 Colhendo as flôres do Prado.

E o limpido ribeiro  
 Rasteja no chão — ligeiro  
 Entre as hervas serpeiando.  
 Em suas aguas de prata  
 Seus raios o sol retrata,  
 No Oriente fulgurando.

Como é bello da campina  
 Vêr a faxa purpurina  
 Ao nascer além o sol ! . .  
 Vêr fugir a noite ao dia,  
 Ouvir na selva sombria  
 O cantar do rouxinol ;

Respirar a aura pura,  
 Que vivifica a natura,

Que dá vida ás debeis flôres :  
 Ess'aura que anima o bardo  
 Opprimido pelo fardo  
 De crueis, intensas dôres ! . .

Maio 16 de 1851.

*J. P. F. da Costa Sarmiento,*

**O sonho do tyranno.**

(*TRADUÇÃO DE PHILIPPE LESBROUSSART.*)

Nero dorme : fluctúa em mar de sangue  
 A antiga Roma : a terra abandonada  
 Ao furor do tyranno implora embalde  
 A punição do monstro.  
 Aduladores vís, — triste cortejo —  
 O tigre espreitam, que quieto dorme ;  
 E esse somno bemdizem, que lhes deixa  
 Respirar por instantes.

Nero dorme, oh ! Romanos, e esses ferros  
 Em vossas mãos covardes quêdos ficam ? ! !  
 Por ventura o pavor vos susta o braço ?  
 Immortal será elle ? !  
 Filhos de Bruto ! arrojao um só momento.  
 Arrancae-o dos gosos, que o circundam.  
 Desse somno que passa o monstro passe  
 Da campaa ao somno eterno.

Embalde exclamo ! nessas almas frouxas  
 Só entrou mêdo vil ; a covardia  
 Infames cortezãos só entenderam,  
 De terror vacillando !  
 Com fingido sorriso elles occultam  
 Tristeza que o tyranno offenderia ;  
 Nelles só vêem semblantes jubilozos  
 Delatores infames.

E o açoute feroz da raça humana  
 Jaz no leito sonhando na carnagem;  
 Ante si sonha vê o negro quadro,  
 Seu quadro mais formoso!  
 Verdugos promptos... victimas presentes..  
 Ordena a execução... subitamente  
 Vê rolarem cabeças, e convulso  
 De contente vacilla!!

Um relampago brilha; ficam trevas  
 Apoz esse luzir; o trovão trôa;  
 C'o raio assolador o globo treme,  
 Abre um profundo abysmo...  
 E do seio cavado da voragem,  
 Que muge lá no fundo horrendamente,  
 Ensanguentada larva surge lenta...  
 Nero vê Agrippina!!

« Do globo inteiro soberano infame,  
 « Conheces tua mãe? — apoz dois annos  
 « Venho dar-te o teu premio, venho abrir-te  
 « Os abysmos do inferno!  
 « O teu castigo os Deoses decretaram;  
 « E contra o seu poder em vão chamáras  
 « Aterrado soldados, e verdugos;  
 « De nada te valeram!

« Attenta neste seio espedaçado,  
 « Que alimentou a infancia d'um tyranno;  
 « Neste seio, que abriu ferro assassino,  
 « A seu dono vingando:  
 « Meu sangue que do peito vem brotando,  
 « Vê como vae na terra que manchaste  
 « Juntar-se em borbotões nessas torrentes  
 « Do sangue dos Romanos!!

« A'vante, ávante, Nero! algumas victimas  
 « Faltam ao teu furor; enche bem prestes  
 « A lista de teus crimes; aproveita  
 « Momentos que te restam;  
 « Os destinos contaram teus delictos,  
 « Negros delictos a que o fado manda  
 « Igualar os tormentos, as torturas  
 « De tua lenta agoia!

« Nem sequer a guardar-te é permittido  
 « O recurso do forte, do animoso;  
 « Tyranno has sido, morrerás escravo;  
 « Vacillando ante a morte;  
 « Vê no futuro a historia inexoravel  
 « Affundir a memoria do tyranno  
 « Em lodaçal ensanguentado, immundo;  
 « E fica com teu fado. »

Desvairado, arquejando acorda o monstro,  
 O que em sonhos ouvira ainda escuta,  
 'Inda ouve retinir nos seus ouvidos  
 O aresto da vingança!  
 Vê sua perda, e chora, e se lastima;  
 Porém infames lagrimas que verte,  
 Que o espanto arrancou só por momentos,  
 O furor as enxuga.

Embalde seu poder sempre terrivel  
 Soberbo alevantando férreo braço,  
 Soube fazer calar, impôz silencio  
 A' verdade insolente;  
 O poder dos tyrannos cae com elles;  
 Oh! desespero! — oh! raiva, — elles não podem  
 Mau grado seu aniquillar o tempo,  
 Que ha-de ser dos vindouros!

Do desespero á beira treme o despota,  
 E por vê se desfaz os seus terrores,  
 Do crime á embriaguez s'atira em breve,  
 Com um furor crescente:  
 Em vão! que sob os tectos solitarios,  
 Lá no meio das trevas horrôidas,  
 Apparece Agrippina — o negro spectro,  
 Que o assusta e aterra.

Aveiro 11 de Maio de 1851.

*Bernardo Xavier Rodrigues de Magalhães.*

**O seu nome.**

Le murmure d'un son qui tremble et s'évapore.  
V. Hugo.

O seu nome é harmonia;  
Que do ceu cahiu um dia  
Da harpa de um serafim...  
Se, em vêr desta lyra rude,  
Seu harmonico alaúde  
O anjo m'o dêsse a mim!...

Mas não deu e a expressá-la  
Os humanos não tem falla,  
Só os anjos... esses sim.  
Eu concebo... sei que é bello  
Esse som... porém dizê-lo...  
Isso lá não é p'ra mim.

Quando á noite dôce brilha  
Da saudade a meiga filha,  
Pelos ceus a vaguear,  
No gemer que a noite aspira,  
Parece longinqua lyra  
O seu nome murmurar.

Sim eu ouço essa harmonia...  
Mas não sei quem m'a envia,  
Nem sei bem d'onde virá?  
Como não hei-de crêr eu  
Nos anjos que estão no ceu,  
Se só pôde vir de lá?..

Maio — 1851.

J. S. da Silva Ferraz.

**Aos meus annos.**

Mais outro anno rodou  
Nesta vida limitada:  
Mais um anno que acabou  
Desta existencia que é — nada —!

Mais um anno que vivi  
Nesta terra qu'é p'ra mi  
A corrente onde bebi  
Água nojenta, salgada.

Mais um anno... que valeu  
Nesta tão curta existencia?  
Só se foi porque me deu  
Bem amarga experiencia.  
Só se foi p'ra me dizer!  
— « Olha a virtude a gemer,  
« Mas o crime... esse a crescer  
« Nesta vida de demencia! »

Mais outra folha 'screvi  
No livro do meu viver;  
Mas o que gravei alli  
E' terrivel de dizer.  
São letras ensanguentadas,  
São idéas desesp'radas,  
São expressões arrancadas  
A quem vive de soffrer.

No livro da minha vida  
Mais outra folha hei voltado;  
Folha triste, denegrada  
Pelo muito qu'hei penado.  
Folha que diz — illusão!  
Virtude no mundo... irrisão!  
Cá na terra ha só traigão,  
Tudo cá é refalsado!! —

Mais um anno que arrastei  
Grossa cadeia pesada.  
Mais um anno que penei  
Nesta terra abandonada  
Desse Deus que volta o rosto  
Já cansado de desgosto,  
E que o mundo deixa exposto  
A' tyrannia damnada!...

Mais um anno... mas que vi?  
Muita questão debater-se.  
A Hungria morre ahi.



Com justiça a defender-se.  
 Em Roma solta-se um brado  
 Terrível, medonho, irado!  
 Tinha a justiça a seu lado...  
 Mas fraqueja... vae render-se.

Os tyrannos apparecem  
 De toda a parte a surgir!  
 Mas os livres 'stremecem  
 No cadafalso a cahir!..  
 Como assim?... ó Deus clemente  
 Deixaes morra o innocente?  
 Como vês impunemente  
 O nobre sangue espargir?!

Mais outro anno da vida  
 Em continua oscillação.  
 Depois da fé ser perdida  
 Resta-nos inda a razão.  
 Mas esta é fraca, impotente  
 P'ra resolver promptamente  
 As perguntas do descrente  
 Que não tem resposta, não!..

Mas hate a hora final  
 D'um anno... que não existe.  
 O momento sem igual,  
 Solemne, grande, mas triste!  
 Em que dois annos... oh 'stão  
 Parados... em suspensão!  
 Mas tem curta duração,  
 Que um delles, oh! já desiste!!

Desiste, chegou-lh'a hora:  
 O tempo lá lh'a marcou.  
 Esta luz é já da aurora  
 D'um outro anno qu'entrôu!  
 Tu, qu'inda agora surgiste,  
 Trarás luto? serás triste  
 Como o que já não existe  
 Qu'em decepções abundou?!..

22 de Janeiro — 1850.

*Afonso de Castro.*

**Onde estás?**

Onde te foste esconder  
 De teu trovador saudosos?  
 Onde teu rosto irei vêr,  
 Rosto d'anjo — tam formoso?  
 Lá no céu entre as estrellas,  
 Fulgindo de noite, bellas,  
 Do espaço em amplas telas,  
 Posso vê-lo tam mimoso?

Não, oh virgem, teus encantos  
 No céu não encontrarei,  
 De astros entre milhões tantos  
 Debalde te buscarei.  
 Em vão, que a nítida lua  
 Não me mostra a alvura tua;  
 No branco da face sua  
 Tua tês não acharei.

Em vão irei ás estrellas  
 Uma a uma examinar,  
 Não são como tu tam bellas,  
 Não têm o teu meigo olhar.  
 Como tu, mulher formosa,  
 Dos céos producção mimosa,  
 A' minh'alma saudosa  
 Não me vêem d'amor fallar.

Não te escondas, virgem linda,  
 Da face do trovadôr,  
 Oh! não lhe dês mágoa infinda,  
 Não lhe lances n'alma a dôr.  
 Vem affagar-me esta vida,  
 Só por ti, anjo, vivida;  
 Mulher do empyreo descida,  
 Corre a fallar-me d'amôr.

*E. A. S.*

## Um momento. (o)

.....  
 — Inda agora?! — é já tam tarde!..  
 Não temeste? — o juramento  
 Quizeste cumprir?... Já partes?  
 Não vás... espera *um momento*.  
 — Dás-me um abraço?... mas foges?  
 Escuta: — « Uma vez... tambem...  
 Lembras-te ainda?... abracei-te »...  
 Córas?!.. isso então que tem?  
 — Abraça-me... assim. Agora  
 Senta-te aqui: — porque não?  
 Lembra-te um dia, que... choras?  
 Ingrato!.. porque razão?  
 — Não sou, não. Agora um beijo...  
 Mas recusas? — vou contar-te:  
 « Uma noite... tu... suspiras?  
 Não chores... deixa beijar-te...  
 — Assim: — sorri-te... E's tam linda  
 A sorrir!!.. Olha: nos ceus  
 Não vês a lua?... que tens?  
 Vaes-te embora? — Aos braços meus  
 Vem uma vez... Não te esqueças  
 De mim, não?... Um beijo... adeus!

Noite de 1 d'Abril de 1851.

A. P. S.

## Charadas.

1.<sup>a</sup>

No reino vegetal d'apoio sirvo,  
 Bem que fragil me seja a força minha: }  
 — Rude seita d'outr'ora o todo } 1  
 A' perpetua nudez votado tinha.

Assim nos vates desenhado vejo  
 O deus que gira na carroça ardente: }  
 — Assim de Venus annelado fôra } 2  
 Mimoso aspecto seu — de graça ingente.

(s) Sei-o eu e sabe-o Deus!..  
 Não o sabe mais ninguém.

.....

Cruel no fito, de veloz caminho,  
 Terrível sigo meu funéreo norte:  
 — Dos tempos atravez, travez do espaço,  
 Vaes comigo d'envolta a dira morte.

2.<sup>a</sup>

De Cephas o pagão (que o já não era),  
 Após mentidas juras deu signal: }  
 — E após signal que deu, sentido Cephas, } 2  
 Chorou amargamente a culpa tal.

Remotas regiões do Indo além,  
 Além do Ganges o meu ser sustentam: }  
 — Se d'uns gosado sempre, ou lauto ou parco, } 1  
 Outros ha que de si té me afugentam.

Mimosa *planta* vezes mil me piza,  
 Para adorno por certo em grande parte:  
 — Contra o rígido inverno, em brumas cheio,  
 Soberbo effeito sou eu sempre d'arte.

Pereira-Caldas.

## EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:

Charadas — 1.<sup>a</sup> Solidão — 2.<sup>a</sup> Jasmineiro.

## ANATHEMA,

ROMANCE ORIGINAL PORTUGUEZ

POR

Camillo Castello Branco.

O primeiro volume deste lindo Romance, acha-se quasi prompto; e por isso roga-se a todos os Senhores, que receberam prospectos e se dignaram subscrever, o favor de os mandar entregar com tempo (para não soffrerem interrupção na remessa) no Porto, na loja de livros de *Fonseca*, aos Caldeireiros n.ºs 12 e 13. — Preço de cada volume para os Srs. Assignantes 400 reis — avulso 480 reis.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

Ao Ill.<sup>mo</sup> Snr. A. P. Caldas.

(Referindo-me á sua poesia publicada em o numero  
19 deste jornal.)

**A**INDA que de ser poeta  
Só tivera o coração  
Para sentir, e soffrendo  
Não achar consolação;  
Bem dissera minha sina  
Ouvindo tua canção!

Qual o cysne que orgulhoso  
Se vae no lago mirar,  
Assim relendo teus versos,  
Esse tão lindo saudar!  
Um sorriso d'ufania  
Aos labios vem assomar!

Ah! cantor, e póde acaso  
Tanta força d'expressão,  
Mer'cer a lyra que geme  
Nas sombras da solidão;  
Onde o mundo não trouxera  
Nem um sonho d'illusão?....

Desta lyra mal tangida  
A melhor corda estalou;  
As reliquias d'uma campá

Dôces cantos lhe ceifou!  
Qual meiga rosa cortada  
Cheia de viço murchou!

Se canta, agora, é forçada  
Que lhe falta animação,  
Porque no peito faltára  
Do viver uma porção!  
E apenas para prantos  
Inda pulsa o coração.

Vizella 25 de Maio.

*A. Amaña de Sá.*

Que me resta ??...

Fui feliz! — e que me resta  
Desse tempo de bonança,  
Em que a vida me animou  
Um porvir cheio de esp'rança?  
Deesse tempo, ai! só me resta  
Uma saudosa lembrança!

No regaço da ventura,  
Dôces sonhos eu sonhei!  
Embalada por prazeres,  
Puro gosar eu gosei!  
Quantos bens ha neste mundo  
Todos, todos desfructei!

Fui feliz! — immensa dita  
 Longo tempo me sorriu!  
 Essa dita foi um sonho,  
 Que ao despertar me fugiu,  
 Como o sol que despontou  
 E nas trevas se sumiu!

Fui feliz! — esta lembrança  
 Faz-me o pranto rebentar;  
 Mil sinistros pensamentos,  
 Meu coração enlutar!  
 Esta ideia, oh! faz de dôr  
 Quasi minha alma estalar!

Fui feliz! — hoje me opprime  
 Pezada mão da impiedade!  
 Contra mim se revoltou  
 Do destino a crueldade!  
 Por amiga só me resta  
 Uma constante saudade!

Fui feliz! — hoje mal-digo  
 Da minha vida o durar!  
 Mal-digo a sorte inimiga  
 Que me condemna a penar!  
 Mal-digo meus infortunios,  
 Meu pranto, meu suspirar!

Fui feliz! — hoje na terra  
 E' bem triste o meu viver!  
 Já murchou minha alegria,  
 Já findou o meu prazer!  
 Minha ventura.... perdi-a,  
 Resta-me agora morrer!..

Maio de 1851.

*D. Maria Candida P. V.*

A' minha amiga M. P. de S.

Não temas que do rosto a côr se mude,  
 Vence as rochas, e os troncos  
 A solida virtude.  
 DICRO.

Não vês, Armia, um jardim,  
 Com mil flôres variegadas,  
 Em linda manhã d'Abril,  
 Pelo orvalho rociadas?  
 Chega feroz aquilão,  
 Ei-las já beijando o chão.

Olha que linda donzella,  
 De face tão purpurina;  
 Os olhos avelludados,  
 A voz meiga, e argentina:  
 Já perdeu da face a côr,  
 Ao rijo tufão d'amôr.

Vês carvalho secular,  
 Que parece o céu fender?!  
 Começou a tempestade,  
 Para a terra o fez pender;  
 E de Deus um raio só,  
 O sepulta em negro pó!

Olha pr'aquelle guerreiro,  
 Que mil vidas vae ceifando;  
 E sua canção de gloria,  
 Já principia entoando;  
 Chega de longe uma bala,  
 Morde o chão, perdeu a falla.

Alli palacio brilhante  
 Da riqueza monumento;  
 Com columnas d'alabastro,  
 Desafia o firmamento:  
 A mão do tempo voraz,  
 Este colosso desfaz.

Tudo enfim, ó minh' Armã,  
Nesta vida transitoria;  
Dos feitos os mais ousados,  
Quasi não deixa memoria!  
D'um Cesar altivos louros,  
Pouco lembram aos vindouros!

Se duram inda perennes  
Os feitos do grande Gama;  
E' porque sua virtude,  
Foi maior que sua fama:  
E do immortal Camões  
Recebeu novos braços.

A virtude é só quem torna  
Nossa existencia feliz;  
A ella pois só devemos  
Curvar humilde a cerviz;  
Ella só nos póde dar  
No mundo gloria sem par,  
E deixar-nos no céu vêr  
A face do grande Sér.

1851 — Abril 6.

*Maria J.*

Amei.... amo.

Amei um astro fúlgido  
Da vida no verdor,  
Que escolhi nas myriadas  
Das luzes do Senhor...  
E até — louco! — pedia-lhe...  
Advinha o que... amor.

E vendo em dôces extasis  
Seu mudo scintillar,  
Disse orgulhoso « ama-me »...  
E qu'ria hir beijar  
Sem tremante revérbero,  
Na flôr da agua a brincar.

N'uma serra bem aspera  
Julguei sorrir p'ra mim  
Uma florinha tímida,  
Que eu preferia, assim,  
A's camelias inspidas  
De insipido jardim.

De dia — a esta flôr candida  
Prestava adoração,  
De noite — á estrella límpida,  
Do ceu emanação...  
Porque eu tinha o astro fúlgido  
Como da rosa irmão.

Mas foi como um relampago  
Esse viver... sem dôr...  
Veio um tufão, que rapido  
Me desfolhou a flôr...  
Vem nebuloso e horrido  
Roubou-me o astro... o amôr.

E o bardo melancolico  
Mil astros no ceu vê...  
Qué importa? o seu espirito  
Em nenhum delles crê...  
Sem flôr... sem astro, o misero  
Ficou tambem sem fé!...

Depois... n'uns olhos languidos  
Meus tristes olhos puz...  
Li n'uma face pállida  
Do sentimento a cruz...  
E lembrou-me a flôr mystica,  
Lembrou-me do astro a luz.

Amei esse ente angelico,  
Ainda o amo... sim...  
Mas sôffro... amarga duvida  
Faz-me infeliz a mim...  
Sei eu se este amor intimo  
Terá, qual o outro, fim?

Junho de 1851.

*Silva-Ferras.*

*Aos Ilustres Vates, e Ex.<sup>mas</sup> Senhoras Poetisas  
Dourienses da MISCELLANEA POETICA  
do Porto.*

**Boas Festas.**

SONETO.

Vates Dourienses, Poetisas bellas  
Do fulvo Douro, melicos cantores!...  
O Vougense Nestor, de lindas flores,  
Hoje vos tece festivaes capellas.

Se inda podésse desfraldar as velas,  
Subíra sobre os grupos dos louvores;  
E, bebendo de Phebo os resplendores,  
Vossos nomes pozera nas estrellas.

Mas que póde fazer nonagenario  
Com azas de bolor, cheias de arestas?...  
Ousaria subir sem toambo Icarío?!..

Suas audacias vãs foram funestas!..  
Doutos socios do sabio semanario,  
Elle só dar-vos póde as boas festas.

Mira 20 de Abril de 1851.

*Francisco Joaquim Bingre.*

**O Adeus do Soldado.**

..... mi bandera  
Es la gloria para mi.  
.....  
A la voz de « guerra á muerte »  
Flotas, ligera, en el viento,  
Libre como el pensamiento.

D. LUIS RIVERA.

Vou, Elvira, partir... vou deixar-te,  
Que o dever do soldado é marchar!..  
Já relincha o ginete fegoso,  
Já tremúla a bandeira no ar!

Adeus, Elvira formosa,  
Dos teus labios còr de rosa  
Desprende lindo sorriso:  
Inspira ao pobre soldado,  
Sempre triste e desgraçado,  
O valor que lhe é preciso.

Dá-lhe um ai, um terno adeus,  
Fita nelle os olhos teus  
De tão singela expressão;  
E diz-lhe que, ainda ausente,  
Ficará sempre presente  
Em teu fido coração.

Mas, minha Elvira, tu choras?!  
Dize-me porque apavóras  
O nosso bello porvir?  
Olha, não vês a esperança  
Que nos aponta a alliança  
Inda que longe a sorrir?

Minha Elvira, tem valor,  
Os nossos dias d'amor,  
*Por Deus!* não hão-de acabar:  
Na guerra não morrerei,  
E soidoso voltarei  
P'ra nunca mais te deixar.

A teus pés e triumphante  
Ha-de o soldado constante  
Na volta — louros depôr:  
E no arfar do lindo seio  
Ha-de vêr o teu enleio  
E morrer... allí... d'amor.

Porque choras, minha Elvira?...  
Se nunca, nunca te vira,  
Mais feliz seria então;  
Partiria para a guerra  
Sem deixar na minha terra  
O meu bem — meu coração!

Mas — escuta ! . . . ouço rumor !  
 E' o rufar do tambor  
 Que aos bravos convida á gloria !  
 Adeus ! . . . quando a patria falla  
 O soldado tudo cala . . .  
 Corre — vóa — p'r'á victoria !

Vou, Elvira, partir . . . vou deixar-te,  
 Que o dever do soldado é marchar ! . . .  
 Já relincha o ginete fogoso,  
 Já tremúla a bandeira no ar !

Maio de 1849.

*A. P. Caldas.*

Tausend Stacheln in dem Herzen,  
 Schmerz im Busen, Eis in Blick.

BURN — O soccego.

Ou percorra o nevoeiro  
 Esses espaços do mar,  
 Ou o furacão ligeiro  
 A immensidade do ar.  
 Ou ruja o fero escarceu,  
 Ou reverbére no ceu,  
 Pállido — o astro de amôr,  
 Sempre, virgem, me appareces,  
 Sorrindo — triste — pareces  
 O triste genio da dôr.

Não tens côr que diga vida  
 Em teu rosto divinal;  
 Foi pela morte tingida  
 Tua bôca angelical.  
 Teus olhos dizem martyrios,  
 Dizem dess'alma os delirios,  
 Dizem infindo soffrer, —  
 Teu rosto lindo — qual d'anjo,  
 Vem revelar-me, oh archanjo,  
 Torturas do teu viver.

Dos meus sonhos, virgem linda,  
 Risonha estrella de amôr,  
 Oh, não me escondas ainda  
 As causas da tua dôr.  
 Por saber os teus mysterios  
 Eu dera reinos, imperios  
 Se isso tudo fôra meu :  
 Daria a vida e a alma,  
 Dos justos daria a palma . . .  
 Mais . . . se mais tivera eu.

Não hesites mais, donzella,  
 Dize-me os segredos teus,  
 Ao peito meu os revela,  
 Formoso archanjo dos ceus.  
 Não creias, não, que meu peito  
 Não está ás dôres affeito,  
 Não as sabe avaliar.  
 Eu tambem tenho soffrido,  
 Meu coração 'stá ferido,  
 Soffre martyrios sem par.

Desde que aqui fui atado  
 Ao ecúleo do existir,  
 Inda vêr não me foi dado  
 A f'licidade a sorrir.  
 Eu já descri da ventura,  
 Na minha vida futura  
 Já nem uma esp'rança luz ;  
 Há muito que resignado,  
 Sem ousar erguer um brado,  
 Do viver arrasto a cruz.

Dos meus sonhos, virgem bella,  
 Risonha estrella de amor ;  
 Os teus segredos revela  
 Ao infeliz trovador.  
 Pódes nesta alma sem medo,  
 Donzella, do teu segredo  
 Vir depôr a confissão,  
 Contando-me as tuas penas,  
 Vem tornar-me mais pequenas  
 As que sente o coração.

*E.*

A' morte da *Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Rosa Carolina*  
*Magalhães.*

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,  
Quem entre os golvos t'esfolhou da campa?  
GANNETT.

Dos finados na mansão,  
Em funérea solidão,  
Onde lugubre canção  
Só s'entôa com dôr triste,  
Tu repousas, linda flor?  
Da cruel morte o palôr  
Desbotou-te no frescôr,  
Quando á vida tu sorriste.

A' mortal, negra tristura,  
Qu'ha na fria sepultura,  
Férrea mão, mirrada, dura  
T'impelliu, rosa tam bella:  
No altar foste da sorte  
Immolada á crua morte;  
Desfechou tam duro cóрте  
Acurvada fouce della.

Esse filho, qu'á luz deste,  
Abraçar, pomba celeste,  
Nem beijá-lo... tu podéste;  
Nem ao seio o apertaste  
O teu filho com ardencia,  
Com amorosa demencia...  
Por te faltar existencia...  
Porque morreste, finaste.

Filho, filho tam inf'liz,  
Quando alegte tu sorris,  
Possues só pae, que diz,  
E que brada ao coração;  
Mãe!!!... não a conhecerás,  
Nem carinhos, qu'ella faz,  
Porque já na campa jaz  
Dos finados na mansão.

Junto do seu mausoleu  
Pede agora ao Páe do ceu,  
Que se a morte cá lhe deu,  
Lhe dê lá celeste palma,  
E ao pé da fria lousa,  
Ondé essa pomba repousa,  
Onde ninguem resar ousa,  
Resa tu pela su'alma.

Lamego 24 de Janeiro.

*Francisco de Moura Secco.*

(A *ELLA* ••)

.... my eyes were greeted!  
ANDR.

Eu desejo de teus olhos  
Meigo olhar, que diga amor;  
Que derrame na minh'alma  
Lenitivo a tanta dôr...

Eu desejo de teus labios  
Um sorriso de candura,  
Que me fira a extrema corda  
Da alegria, e da ventura.

Eu desejo que me estendas  
Tua mão tão delicada;  
Que m'imprimas nestas faces  
Casto beijo, oh minha amada.

Eu desejo que tu soltes  
Um mimoso e grato *sim*...  
Só de creença... bem sahido  
De tu'alma para minha.



Tu ouve desta lyra os ternos cantos  
 Tão cheios de paixão,  
 Que eu sinto neste peito arder em chamas,  
 Queimar-me o coração, . . .

Porto, 29 de Maio de 1851.

*Solus.*

o trovão de Maio.

Meu Deus — meu Deus, suspendei  
 Do poder vosso o rigor!!  
 Lembrae-vós — tende piedade  
 Deste impio peccador!!  
 Suspendei vossa justiça, —  
 Sêde — sêde em meu favor!  
 Apesar de que eu sou  
 Indigno de vosso amor;  
 Sou um ingrato — um traidor —  
 Que contra vós sempre estou  
 Forjando cruel furor!!

Suspendei a tempestade  
 Do furioso trovão: —  
 Vós a podeis refrear  
 Co'o poder de vossa mão!  
 Oh! vêde, vêde, meu Deus!  
 Do mundo a confusão! . . .  
 Vêde como todo o globo  
 Está em viva afflicção!  
 Meu Deus! ah! não queiraes — não —  
 Que padeça o nosso povo, —  
 Tende delle compaixão!

Eu bem sei — sou um ingrato,  
 Não sou digno d'attenção:  
 Não faço mais que offender-vos; —

Tal é minha contrição! —  
 Vós, meu Deus — bem o sabeis, —  
 Tendes por isso razão.  
 Muito embora o estampido  
 Lá se escute do trovão; —  
 Mas mod'rai a confusão, —  
 Que ao mundo causa o ruído  
 Desse feio turbilhão!!

Senhor! os homens no mundo  
 Teem por vicio o peccar!  
 Não reflectindo — que um dia  
 Delle se hão-de afastar!! . . .  
 Quem sabe então, ó meu Deus,  
 Se p'ra bom — ou máo logar?!  
 « Dia fatal . . . ah! quem sabe  
 « Quando tu has-de chegar!?. . .  
 « Quem te virá annunciar? »  
 Meu Deus . . . ah! em mim não cabe  
 O vosso sabio pensar!!! . . .

Maio 31 de 1851.

\* R. S.

A' morte da Ill.<sup>ma</sup> e Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Rosa  
 Carolina Taveira, fallecida a 22 de  
 Janeiro de 1851.

Repousa, anjo celeso,  
 Nesse frio mausoleo!  
 Eras na terra brilhante,  
 Qual linda estrella no ceo.

Partiste . . . nem um adeus . . .  
 A' tua terra deixaste! . . .  
 Nem sequer ao triste esposo . . .  
 A quem fiel sempre amaste! . . .

Eras por elle affagada,  
 Com bem ternura, e ardor!...  
 Eras tu, meiga pombinha,  
 Sua esp'rança, seu amor!...  
 .....

Linda flôr do Paraizo,  
 Até no nome eras rosa!...  
 Toda tu eras bondade...  
 Eras mãe mui carinhosa!

E foi ao nascer d'aurora  
 Que tua belleza murchou...  
 Que ao Senhor tua alma déste...  
 Que tua vida acabou!...

Chorae agora, filhinhos!...  
 Já está na eternidade  
 Vossa mãe tão extremosa,  
 Que morreu na flôr da idade.

Lamego.

J. G. S.

**Epigramma.**

Um medico, que jogava  
 O gamão, tanto falhou...  
 Que os dados, com mil dabos,  
 Pelos ares atirou.

Que culpa (disse o parceiro)  
 Tem, Doutor, o pobre dado?!...  
 Tu te espantas de falhar,  
 A falhar acostumado?...

B.

**Charada.**

Dest'arte se julgára o rei *capello*,  
 Que osceptro portuguez d'Affonso herdára: }  
 — Dest'arte se julgára a Castro excelsa, }  
 Que em versos magistraes Camões cantára. } 1

Tal era junto a Affonso o nobre emprego,  
 Que o tronco dos Coelhos occupava: }  
 — Honradez e virtude, em cargo excelso, }  
 Sempre o luso varão assaz mostrava. } 2

Dos mares através viera o luso  
 A' força avassallar meu solo inteiro:  
 — Dos lusos por vingar-me, em furia accêso,  
 Enganos e traições urdi matreiro.

*Pereira-Caldas.*

**EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:**

*Charadas* — 1.<sup>a</sup> Peloiro — 2.<sup>a</sup> Gallocha.

**Advertencia.**

Com o n.º 26 deste Jornal, frontiscipio e indice, se completa o 1.º volume.

Todos aquelles Senhores que ainda quizerem assignar até ao dito numero 26, podem fazê-lo, no Porto, na loja do Editor *F. G. da Fonseca*, aos Caldeireiros n.ºs 12 e 13 — sendo o preço d'assignatura 480 reis, e depois de concluido o volume será a venda avulsa 960 reis.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

**A** REDACÇÃO deste Jornal agradece ao Ill.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Feliciano de Castilho as delicadas, e tão animadoras expressões, que se dignou dirigir-lhe na sua carta do 1.º de Junho do corrente anno; accetando, summamente penhorada, a promessa da sua tão valiosa collaboração.

**Porque descreste?!...**

**C**RUEL! — tuas injustiças  
Vem minha alma atormentar!  
Nem do dia um só instante  
Ellas deixam d'esmagar  
Um coração que bem breve  
Deixará de palpitar!

Deixará, sim... que não póde  
Por longo tempo soffrer  
A dôr, a mágoa, a tristura,  
Que laceram seu viver!  
Porque um fim, só no sepulchro,  
Póde o seu martyrio ter!

Debalde quiz combater  
Tua errada convicção!  
Mudá-la bem o tentei,

Mas não foi possível, não;  
Que no teu pensar injusto  
Persististe, e sem razão!...

Fiz-te vêr quantos pesares  
Tu me fazias sentir!  
Fiz-te ouvir minhas desculpas,  
Minhas queixas fiz-te ouvir!  
Em resposta só me déste  
Um ironico sorrir!

Em vão quiz justificar-me;  
Pois tu sempre a duvidar  
Minhas palavras tão puras  
Não quizeste acreditar!  
Foste cruel!.. mas o tempo  
E' que te ha-de provar!..

A justiça que mereço  
Não m'a fazes, bem o sei!  
Mas contra ti um queixume  
Nunca, nunca soltarei!  
Julgas-me mal... não importa!  
E's injusto... soffrerei!

Inda que do meu soffrer  
Não tenhas dó nem piedade!  
Inda que opprima a minha alma  
Tua céga crueldade!  
Té á morte te hei-de dar  
A mais sincera amizade!

Mas ainda além da campa  
 Ella me ha-de acompanhar!  
 Pois talvez nem mesmo a morte  
 Possa fazer-me olvidar;  
 A nobreza da tua alma,  
 Tuas virtudes sem par!...

..... de Maio de 1851.

*Maria Candida P. V.*

**A A. de C. Moreira Pinto**

(Pela occasião da sua primeira missa).

Oh! tu que já viste o mundo  
 Com os olhos da razão,  
 Que com exame profundo  
 Fizeste sabia eleição:  
 Tu que lêste a sã verdade  
 Nos annaes da eternidade,  
 Da divina erudição.

Seguir da virtude o trilho  
 Prometteste com ardor;  
 Do mundo deixando o brilho,  
 E seu mentido esplendor:  
 A tudo renunciaste,  
 Porque mais apreciaste  
 Ser ministro do Senhor.

E votando a Deus a vida  
 Que só d'elle deve ser;  
 Existencia apercebida  
 Dos enganos do prazer:  
 Pelo céo abençoado,  
 Junto do altar sagrado  
 Como feliz deves ser!...

*A. Amalã de Sá.*

**Tudo aborreço.**

Aborreço a minha lyra,  
 Que outr'ora tanto adorei,  
 Quando f'liz nella cantava  
 Um perverso a quem amei.

Odeio quanto me cerca....  
 Aborreço a luz do dia;  
 E da noite as densas trevas;  
 E a minha melancolia.

Aborreço a meiga briza;  
 Do sol o dôce calor;  
 Aborreço quanto é bello;  
 Aborreço o meu amor.

Aborreço a primavera,  
 E o sorrir da natureza;  
 Que faz horrivel contraste  
 Co'a minha cruel tristeza.

Do ingrato a quem amava  
 Detesto falsa ternura;  
 Aborreço-lhe os encantos;  
 Odeio-lhe a formosura.

O meigo olhar qu'espalhava  
 Nesta alma dôce magia  
 Aborreço-o, qu'occultava  
 A mais vil hypocrisia.

Aborrece-me o passado....  
 Horrорisa-me o porvir....  
 O presente é-me odioso;  
 Até me custa existir!...

Porto 5 de Junho de 1851.

*Maria Augusta C. V.*

## Um Convento.

Clama, ne cesses.....  
Is.

Estas ruinas solitarias  
Foram já casa de Deos.  
Foi d'aqui por linguas varias  
Oração fervente aos ceos.  
Aqui houve quem carpisse  
Pela Patria, e não se risse  
Das maldades que vão hi.  
Houve aqui quem n'alma tinha  
Sério amor á pobrezinha,  
Linda terra, onde eu nasci.

Houve um pensamento nobre  
N'o que est'obra edificou.  
Aqui deu-se esmola ao pobre,  
Que com fome aqui chegou.  
Deu-se lição de virtude,  
Sã doutrina ao povo rude,  
Pomentou-se assim a fé.  
Foi assim que o Evangelho,  
Junto ao Testamento Velho,  
Se conservaram de pé.

Quando um povo d'outro apóz,  
Cobertos d'ago luzente,  
Em seva lide feroz  
Truncavam cruz, e crescente.  
Quando só se ouvia o grito  
Tão guerreiro no conflicto,  
D'— *Avante* — por Christo, e Allah,  
Circumscripta era a sciencia  
Nas mansões da penitencia,  
Nos mosteiros de Jehovah.

N'elles foi que as Escripuras  
De Moysés, de Salomão  
Se acoitaram mui seguras  
Vivas ante a solidão.  
D'aqui foi que ao mundo a luz

D'altos preceitos da Cruz  
Foi refulgente a brilhar,  
Quando aos povos inexpertos  
Foram monges nos desertos  
Erguer de Christo um altar.

D'aqui foi que, quando o Gama  
Sem pavôr transpoz os mares,  
Dando assim eterna fama  
A' terra dos nossos lares,  
Sahiram homens provados  
Em virtudes — adornados  
Das insignias de Jesus.  
E foram para os gentios  
Ensinar preceitos pios,  
Hasteando a Santa Cruz.

Hoje em ruinas . . . só se escuta  
Medonho môcho piando;  
Mais além . . . naquella gruta  
De c'rujas horrido bando.  
Não ha quem reze uma reza  
Para o Páe da natureza;  
Nem quem leia uma lição.  
Tudo jaz alli calado:  
Foi por sanhas dô peccado,  
Causa má de destruição.

Já não cantam d'Isaias,  
Nem de Job tristes canções.  
Os lamentos de Jer'mias  
Não despertam devações.  
Não se escuta o Rei poeta,  
Não se ouve a voz de um Propheta,  
Nem se eleva a Hostia a Deos.  
Em vez disso, o libertino  
Folga alli, tocando um sino,  
Que encarnece, e insulta os ceos.

Portugal, que é o que te resta  
Do tempo que já passou?  
« Triste lembrança, funesta  
« Do que fui, que já não sou. »  
Foste grande, e houveste gloria;

\*

Foi honrada a tua historia;  
 Venceste povos, nações!  
 Hoje nem contas c'um filho;  
 Hoje, em vez do antigo brilho,  
 Contas quebrados braços.

Disse Deus = Tu vencerás  
 No signal da Santa Cruz.  
 Sem Elle não gosarás  
 Raios da divina luz.  
 Desprezaste os teus altares;  
 Não governas, pois, os mares;  
 Nem esses reinos d'alem.  
 Nem colherás a riqueza,  
 Que lá dava a natureza,  
 Nem mandarás a ninguém.

Has-de ouvir um genio mau  
 Sobre ti rijo bradar:

« Não terás nem uma nau,  
 « Que as ondas possa affrontar.  
 « O teu povo é sem abrigo;  
 « Do seu Rei é inimigo;  
 « Tudo acaba, e finda assim.  
 « Portugal, teu rosto cobre;  
 « Portugal, de rico és pobre;  
 « Portugal, chega o teu fim:

« Que o crime trazes na fronte  
 « Como ferrete infernal!  
 « Não ha homem, que te aponte  
 « Com respeito, ó Portugal!  
 « Has-de sentir os teus males;  
 « Pelos montes, pelos valles  
 « Verás sangue, e nada mais;  
 « Que Deus quer que, pobre, acabes  
 « Juntamente com as naves  
 « Dos Mosteiros Monacaes. »

Junho 2 de 1851.

*José Maria Vellozo.*

**Innocencia!**

Sans soin du lendemain, sans regret de la veille  
 L'enfant joue et s'endort, pour jouer se reveille.

DELLILE.

Em meio das selvas, mimosa donzella  
 Folgava sorrindo,  
 Da vida no alvôr.  
 Na face nevada, tão linda e tão bella,  
 O fogo luzia  
 De brando rubôr.

O cravo cortava d'um lindo encarnado,  
 A rosa colhia  
 Mais branca e gentil,  
 Depois lá voava na relva do prado  
 Em busca d'amores,  
 Bem tintos d'anil.

Sentada nas margens d'ameno ribeiro,  
 Raminhos fazia  
 Com mago primôr,  
 A' sombra d'antigo, frondoso salgueiro,  
 Que amigo lhe dava  
 Mui grato frescôr.

Seus ramos beijava, d'amor delirante,  
 O aroma aspirando  
 Com todo o ardôr,  
 Mas eis que desprende sonoro descante  
 O rei mavioso  
 Das selvas cantôr.

De tudo s'esquece... lá parte voando,  
 Qual gamo ligeiro  
 Nas balsas entrou,  
 Apoz um momento de novo tornando,  
 Do rei dos cantores  
 Nem mais se lembrou.

E toda cançada, deitou-se na relva,  
 Seus olhos tão negros,  
 Depressa cerrou;  
 Ao vê-la dormindo risonha na selva,  
 Dirieis — um Anjo  
 Que á terra baixou!

A. P. Caldas.

**Sonhos.**

Tive crenças. A desgraça  
 Fez-me bradar por Jesus.  
 C. CASTELLO-BRANCO.

Que me importa a mim a vida  
 No seio da dôr nutrida,  
 Sem esp'ranças no porvir?  
 Que importa ao desventurado  
 Ser o peito inda animado  
 A' existencia inda a sorrir,  
 Se da vida no horizonte  
 Não descobre astro de amôr,  
 Não vê uma unica fonte  
 Que possa apagar-lhe a dôr?

Eu sonhei uma donzella,  
 Vi-a pintada na tela  
 Da ardente imaginação.  
 Odorifera e mimosa,  
 Sonhei na vida uma rosa,  
 Inda fechada em botão.  
 Sonhei um fúlgido astro  
 A luzir n'um ceo d'amor,  
 Qual nitido alabastro  
 Brilhando de puro alvor.

Do meu sonho despertado,  
 Pela visão fascinado,  
 A donzella procurei,  
 Mas no mundo material  
 Não a achei tam ideal,

Não a vi qual a sonhei.  
 Depois no horto da vida  
 Busquei a mimosa flôr,  
 Mas ella era só nascida  
 Na mente do trovador.  
 .. .. .

Sobre um marco na estrada da vida  
 Assentei-me, chorando de dôr,  
 Em minh'alma, de crenças cingida  
 Eu sentia pulsar o amor.

Meditei, e cri vêr no futuro  
 Uma virgem mimosa e gentil,  
 Illusão!... era a imagem gravada  
 Na memoria por sonho febril.

E pensei na florinha mimosa,  
 Meditei no meu astro ideal,  
 Vi que embalde o buscava no espaço  
 E meus sonhos maldisse a final.  
 .. .. .

Assentado na estrada da existencia,  
 Chorei a desventura, qual outr'ora,  
 Ferido pela mão de Jehovah  
 Chorára Job.

Mas hoje de delirios insensatos,  
 Desses sonhos que a mente me doiraram,  
 Desses meus tresvarios que me resta?...  
 A ideia só!..

7 de Maio de 1851.

E. A. S.

**O sultão e a favorita.**

(ORIENTAL.)

— Tu és mais gentil, Zuleima,  
 Do que a rosa que o sol queima  
 Nos meus jardins de Stambul...  
 De Stambul — que auras aspira  
 Perfumadas — que se mira  
 Do seu mar no lago azul.

Muito embora tenha ella  
Essa côr rubente e bella,  
Que lhe dá do sol o ardôr.  
Pelo della eu não trocará  
Dessa face, a mim tam cara,  
O tam vívido rubôr.

Embora tenha perfumes  
Que lhe vem de magos numes,  
Das Hurís celestiaes.  
Tu, entre risonhas fallas,  
Balsâmico aroma exhalas  
De que eu gósto muito mais.

— Se eu tenho, sultão, no rosto  
Essa côr que te dá gosto  
E' dos beijos que me dás...  
Se exhalo perfume estranho  
E' da essencia que p'ra o banho  
O teu eunucho me traz.

— Mais que a rosa Alexandrina,  
Minha Zuleima, és divina,  
E's gentil... bem n'ô disse eu...  
Que importam beijos ardentes,  
Ou perfumes rescendentes  
Que Ceylão e Java deu?..

Quem sabe lá os amores  
Da flôr, sultana das flôres,  
Da qual tu tens o carmim?  
A brisa que lá doudeja,  
Talvez que tambem a beija  
Em ebriedade sem fim...

E os meigos prantos da Aurora,  
Que alvorece, e depois córa,  
Porque a amada lhe sorri,  
Talvez lhe tragam perfumes,  
De que escusas ter ciúmes;  
Que eu prefiro os que ha em ti...

*Silva-Ferraz.*

**Fugiste-me!...**

A' *Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. M. da L. P. G. B.*

O Catarina, être séparée de toi,  
c'est avoir les ténèbres sur les yeux,  
le vide au coeur!

V. Hugo. — *Angelo.*

Eu olho, e vejo só trevas,  
Onde até aqui via luz;  
Onde eram minhas delicias  
Hoje vejo a minha cruz.  
Inda ha pouco alli sentada,  
Tam formosa, recostada,  
Tendo um divinal sorriso  
Nos labios... eras um anjo,  
Teu olhar era o de archanjo....  
Eras o meu Paraizo!....

Como rapidos voaram  
Magos dias de ventura!...  
Que me resta dentro n'alma?  
Só tristeza e amargura.  
Mulher, que dentro em meu peito  
Ao amor tão pouco affeito  
Incendiaste um volcão;  
Vê; eu soffro crú supplicio,  
Soffro da dôr o flagicio,  
Que me estala o coração.

Olho de balde; meus olhos  
Já não vêem a formosura;  
Olho, e verto amargo pranto  
Repassado de tristura.  
Fugiste-me como a estrella,  
Brilhando por noite bella,  
Se esconde do maricheiro;  
Ou como o astro de prata,  
Que nas aguas se retrata,  
Se mette no mar ligeiro.

Fugiste-me como d'alma  
Foge a esp'rança derradeira,



Ou como foge ao perdido  
 No val a luz feiticeira:  
 Fugiste-me, e só deixaste  
 No peito que incendiaste,  
 Uma só coisa — o amor. —  
 No coração a amargura,  
 Nos labios só a tristura,  
 Nos meus olhos só a dôr.

E eu requeimei as faces  
 Com meu ardente chorar;  
 Porém, a quem te perdeu  
 De que serve o prantear?...  
 Que vale, se no universo,  
 Neste mundo tam perverso  
 Não ha p'ra lagrimas dô?...  
 Que valem tristes gemidos, —  
 Tristes suspiros sentidos,  
 Se tu não ouves um só?!...

Vê, mulher, meu existir  
 Passa como a noite escura,  
 Quando no céu, todo trevas,  
 Um só astro não fulgura.  
 Eu vi-te e meu coração  
 Concebeu fatal paixão,  
 Foste o meu primeiro amôr.  
 Amei o sorriso teu,  
 Amei teu olhar do ceu,  
 Mas hoje... só amo a dôr!...

Anjo, eu vi-te, e amei-te,  
 Minha alma pura encantaste,  
 Era bello o meu viver,  
 Meu viver envenenaste.  
 Oh, vem pôr termo a meus ais,  
 Quero vêr-te uma vez mais,  
 Venha depois o inferno;  
 Quero o céu um só momento  
 Venha depois o tormento,  
 Venha o soffrimento eterno.

E oh! que é bem triste e cruel  
 Esta dôr que me definha!...

No meio de meus tormentos  
 S'esvae a existencia minha!...  
 Eu vi a estrella brilhante,  
 Vi-a brilhar um instante,  
 Depois nas trevas sumiu-se.  
 Tive uma linda visão;  
 Quiz que a magica illusão  
 Fosse eterna.... e esvaiu-se!...

Esvaiu-se como á noite  
 Se esvae a luz do luar,  
 Se a feia — negra procella  
 Cobre os espaços do ar:  
 Esvaiu-se como a esp'rança  
 Do infeliz que se cança  
 P'ra ter o amor d'uma ingrata:  
 Esvaiu-se qual a estrella,  
 Que antes refulgira bella,  
 E que o mar não mais retrata.

Maio 24 de 1851.

*J. P. F. C. Sarmiento.*

(Fragmentos d'uma pagina intima.)

\*\*\*

(AO MEU AMIGO J. P. F. C. SARMENTO).

VIII.

Eu vi-a; — 'stava tam triste!...  
 — Quando os olhos me volveu  
 Vi na face transluzir-lhe  
 Mago reflexo do ceu.

Bella imagem da saudade!..  
 Fez-me as lagrimas brotar  
 D'alma, aonde o soffrimento  
 As já fizera estancar.

Chorei!... De seu terno peito  
Para um suspiro mer'cer,  
Déra-lhe estes poucos dias,  
Que me restam p'ra viver!  
.....

## IX.

.....  
Eu vi-a! — Senti no peito  
Morta crença renascer;  
Bella esp'rança, que perdêra  
— Ao vê-la — vi-a appar'cer.

Mas ella!... talvez... quem sabe?  
Olhou-me indiff'rente!... olhou!..  
— Quando foi, meu Deus, que um anjo  
D'homens o amor acceitou!..

Nunca! — não; quando é tam puro,  
Tam santo, qual o amor meu,  
Deve acceital-o — que assim  
Tambem, como *elle*, é do ceu!  
.....

## X.

.....  
.....  
Eu sóffro tanto!...

Mas ella  
Que lhe importa a minha dôr?  
Quem sabe, se já de, ha muito,  
Deu a outrem seu amôr?  
.....

Ao menos quero na vida  
Ser, sómente, o seu cantôr!  
.....

8 de Junho de 1851.

Augusto P. S.

## O Amor Pintor.

(VERSÃO DO ITALIANO, DO POETA ROSSI.)

Amour est un étrange maître!  
— Heureux qui peut ne le connaître  
Que par récit, lui ni ses coups!

LAFONTAINE — *Fabl.*

Surprêso fiquei um dia  
Das travessuras d'amor:  
— Tirada a venda dos olhos,  
O rapaz fez-se pintor!

Achego-me ao *cavallete*,  
Em que amor attento estava;  
— Quando o meu olhar, ó Philis,  
Surprêso em dobro ficava!

O pincel era uma setta,  
A téla o meu coração;  
— O teu rosto era o desenho,  
Que pintava a sua mão!

Leiria, em 1846.

J. J. da S. Pereira-Caldas.

---

EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:

*Charada* — Malaio.

---

## Advertencia.

Com o n.º 26 deste Jornal, frontiscipio e indice, se completa o 1.º volume.

Todos aquelles Senhores que ainda quizerem assignar até ao dito numero 26, podem fazê-lo, no Porto, na loja do Editor *F. G. da Fonseca*, aos Caldeireiros n.ºs 12 e 13; e em Lisboa na loja do Snr. *Lavado*, rua Augusta n.º 8 — sendo o preço d'assignatura 480 reis, e depois de concluido o volume será a venda ayulsa 960 reis.



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

## A' minha estrella perdida.

**E**u amei uma estrellinha,  
Meiga, terna, innocentinha  
Como um anjo do Senhor!  
Foi ella que me encantou,  
Quem primeiro me inspirou  
Um pensamento de amor!

Essa estrella era tão bella,  
Tão brilhante, e tão singela,  
Que lhe dei meu coração!  
Amei-a sinceramente,  
Dei-lhe o amor o mais ardente,  
A mais ardente paixão!

Era essa affeição tão pura,  
Que eu estava bem segura  
De nunca poder findar!  
Nem em sonhos eu julgava  
Que a estrella que eu tanto amava  
Tinha em breve de acabar!

Mas n'uma hora de tormenta,  
A mais forte, a mais violenta,  
A minha estrella perdi!  
Em vão no céu a busquei,  
Pois nem um raio avistei  
Da estrella por quem morri!

Depois disso, neste mundo,  
Neste pélagos profundo,

A minha alma ficou só!  
Nem do dia um só instante  
A deixou um negrejante,  
Funéreo manto de dó!

E triste vida eu vivia,  
Pois no meu peito sentia  
A creença murchada em flôr!  
Não tinha a quem ofertar,  
A quem podésse entregar  
Meus affectos, meu amôr!

Quiz buscar novos amôres,  
Procurei-os entre as flôres,  
Mas nunca mais pude amar!..  
Ou se amei era fingido,  
Porque amor puro e sentido  
Nunca mais o pude achar!..

Uma noite, em que eu sózinha,  
Minha sorte tão mesquinha  
'Stava a chorar e carpir;  
Julguei vêr no puro céu,  
Envolvida em claro véo  
A minha estrella a luzir!..

Uma forte sensação,  
A mais profunda impressão  
Animou todo o meu ser!..  
Em frenetico transporte  
Eu jurei de até a morte  
Os meus cultos lhe render!..

Minha estrella, nunca mais  
 Tu me fujas, que os meus ais  
 Só por ti é, que serão!  
 Dar-te-hei sempre os meus cantos,  
 Os meus suspiros, meus prantos,  
 Minha mais terna afeição!

Minha estrella tão brilhante!  
 Fulge tu sempre constante!  
 Não te tornes a encobrir!  
 O' meu astro de bonança!  
 Tu és a minha esperança!  
 Meu presente e meu porvir!..

13 de Junho de 1851.

*D. Maria Candida P. V.*

o Mosteiro no Deserto.

Faço-lhes saber, que tenho exemplo em dous grandes Santos, que foram o devotissimo Bernardo, e mais atraz o grande Basilio; e ambos occupados em nos pôrem diante dos olhos, não sumptuosidades de edificios, porque nenhuns havia onde viviam: senão riquezas naturaes do Ermo, debuxadas com termos quasi poeticos, e tanta brandura, que fazendo musica nos ouvidos, e creando n'alma desejos de fugir do povoado, accendem n'alma fogo de saudades do ceo.

FR. LUIZ DE SOUSA — *Hist. de S. Domingos.*

Tambem aqui penetrar poude o braço,  
 Que arrojou á voragem deste mundo  
 Homens a Deus sagrados!.. Não poderam  
 Essas altas montanhas, essas rochas,  
 A asp'reza e a solidão, parar-lhe os golpes!  
 Em vão curvado, monge aqui dizia:  
 — Longe desté deserto, a tempestade  
 Póde estragos fazer, que irosa trêa;  
 Mas aqui?.. Não!.. Os tumulos não busca,  
 Os tumulos do pobre, a mão profana!

Ouro, quem o viu aqui!.. Cinza e cilícios  
 Penitencia e oração!.. Riquezas d'alma.—  
 E em socego acostava a grave fronte  
 Na descarnada mão; rugosa dextra  
 Volvia as santas paginas da Biblia,  
 E os labios trem'los murmuravam preces.

Mas enganou-se o monge!.. O braço despota,  
 Tinto no sangue dos irmãos vencidos  
 Nessas luctas civís, foi lá, ao êrmo,  
 Onde austêra virtude se acoitava  
 Contra os vícios dô-mundo!.. E arrojava  
 Ao meio dos baldões, cuspiu-lhe a face,  
 Rasgou-lhe as véstes, apontando-a ás turbas  
 Como imiga fatal da humanidade!

E buscou oiro e riqueza...  
 Mas nada achou, que a pobreza  
 Tinha alli o throno seu!...  
 Achou um burel grosseiro;  
 Era o *lazo* de um mosteiro,  
 Onde a vaidade morreu.

Era o leito enxerga pobre,  
 Ou tosca esteira que cobre  
 Dura táboa, ou o frio chão!  
 Que estas, alli no deserto,  
 Longe a terra, e o céo tão perto,  
 Do monge as riquezas são!

E achou a cruz e o cilicio,  
 O voluntario supplicio  
 Do crime, que a *dôr* prostrou!  
 Achou em tudo humildade,  
 Penitencia, austeridade,  
 No, que o mundo aos pés calcou!

Mas quem comprehender sabe estas riquezas  
 Do êrmo!..; Os que, do mundo escravos, vivem  
 No seio da opulencia e da vaidade!...  
 Estes não!.. que sorriam despeitados  
 Do monge expulso!

A fronte austera e grave  
 Vergou d'injurias sob o peso!... a vida  
 Fugiu-lhe pouco a pouco ao som das affrontas,  
 Entre as torturas da penuria extrema!

E o mosteiro deserto, entrega ás feras,  
 Desabando em ruínas, mudo... accusa  
 Os corações, que repassar não pode  
 Tão sublime impressão, tanta poesia!

Maio de 1851.

*Sotto-Mayor e Azerêdo.*

**Porque é ruínas o Convento?**

E' que o filho dos érnos, renegando  
 Das tradições antigas  
 Desceu a pelear na ardente arena  
 Das facções inimigas.

A. HARCULANO.

Ruge o vento, que se engolfa  
 Nas arcadas, feitas pó,  
 E c'o môcho compõe solfa;  
 Que ambos tem cantar de dô.  
 Outras músicas outr'ora  
 Reboavam onde agora  
 Só o vento se demora,  
 A tecer rudes canções...  
 Mas Deos quer do vento a prece...  
 A oração que lhe offerece  
 Como a do homem não se tece  
 De envolta com vis paixões.

Quando a lua no céu passa  
 Vagarosa... como a dôr...  
 Alumia co'a luz baça  
 Muita scena de terrôr:  
 Através do amplo sudario,  
 Involucro imaginario  
 Do convento solitario,  
 Que ondas banham de luar,

Varias sombras caprichosas  
 Doudejam hi temerosas...  
 Talvez almas criminosas,  
 Algum peccado a penar!...

Mas porque foi feita ruínas  
 Casa santa do Senhor?  
 Porque só aves ferinas  
 Rompem com pios de horror  
 O silencio que ali mora?  
 No lugar onde o homem ora...  
 Até onde Elle se adora  
 Póde exercer Deos sua furia?...  
 — Póde, sim! — uma voz brada  
 Entre magestosa e irada...  
 Que a pergunta, a Deos mandada  
 Pelo descrente, é-lhe injuria.

Era a voz do Anjo, animado  
 Por sacro fogo do céu,  
 Quando ás sombras do passado  
 Rompe altivo o denso véo...  
 Seu espirito morava  
 Em Job que o Senhor cantava;  
 Em Jer'mias que chorava  
 As desgraças de Sião...  
 Eu — mesquinho trovador,  
 Que o ouvi gemer de dôr —  
 Desse Archânjo do Senhor  
 Hei-de dizer a canção.

Quando no alto das montanhas  
 Era o monge triste e só,  
 Que as paixões lhe eram estranhas,  
 E do mundo tinha dô...  
 Oh! então do penitente  
 Hia a oração fervente,  
 Hymno de alma pura e ardente,  
 Açoiar-se aos pés de Deos.  
 A's paixões oppondo a calma  
 Da oração, via sua alma  
 Acenarem-lhe co'a palma  
 Do martyrio anjos dos céos.

Mas depois... homens corruptos,  
 Por um zêlo falso e vão,  
 Nestes paços dissolutos  
 Foram fazer a oração...  
 Motejaram o er'miterio,  
 De uma cruz santa o mysterio...  
 O divino ministerio  
 Quizeram com luxo ornar...  
 Mas o que viveu na ermida  
 Teve do céo a guarida;  
 E ai da raça corrompida  
 Que na terra quiz reinar!

Converteram n'um prostíbulo  
 A casa das orações...  
 Queimaram em vil thuribulo  
 Vil incenso ás ambições...  
 A's paixões rendido o preto  
 Já não sentiam no peito  
 A doçura do preceito,  
 Legado por seus avós...  
 Em lugar da caridade,  
 Só teve cubiça o frade...  
 O orgulho em vez de humidade  
 Tornou-se nelle feroz.

Quando Deos ao mundo veio,  
 A's almas não trouxe fé,  
 Infundindo-lhes receio  
 Das torturas da polé...  
 Porém, esses jesuitas,  
 Renegando de eremitas,  
 Qu'riam por traças malditas  
 Apagar co'a oppressão  
 No nobre o louco egoismo,  
 No povo o rude heroismo...  
 E esse novo despotismo  
 Chamaram-lhe — Inquisição —!

Deos fulminou-os c'o raio  
 Da justiça... homens do mal,

Maldizei-o, detestae-o...  
 O seu raio foi Pombal!  
 Crentes na vossa ambição  
 Vós não esperaveis, não,  
 Esse genio... dos que vão  
 Cumprir mandados do ceu...  
 Tambem quando a patria bella  
 Vós vendestes a Castella,  
 Não contáveis co'a procella  
 Popular... e ella appar'ceu.

Portugal! gangrena intima  
 Em ti lavra a corrupção;  
 Porque te curvas, qual victima,  
 De perversos ao baldão!...  
 De teu povo a heroicidade  
 Vencerá inda a impiedade;  
 Que a arvor' da liberdade  
 Com seu sangue regará!  
 Oh! esse dia de festa  
 Não luziu; porque inda resta  
 Dentro de ti, quem attesta  
 Que inda hypocrisia ha lá!

Inda ha hi, quem nessas ruinas  
 A mão do Senhor não vê...  
 Que attribue obras divinas  
 Aos homens de impia desfé.  
 Mas tu, povo, desattende  
 Essa voz que Deos offende...  
 A liberdade defende,  
 Que é teu ultimo brazão...  
 Se o não mantens, povo nobre,  
 Do teu Portugal, já pobre,  
 Sobre a campa, ao som de um dobre,  
 Os *devotos* resarão!..

Junho — 1851.

J. S. da Silva Ferras.

○ meu = Souvenir. =

II.

( \* \* \* )

Os pensamentos, que me sahem  
do coração, só a ti é dado com-  
prehendê-los!

..

Anjo! vi-te — qual flôr êrma — sósinha;  
Qual estrella brilhando na amplidão;  
Vi-te triste, qual rola innocentinha  
Gemendo na soidão!  
Na face melancolica — gravada  
Soletrei a expressão do teu penar;  
Toda a angustia d'uma alma amargurada  
Eu li no teu olhar.....  
Corria a turba em cantos, e alegrias,  
Embebida no seu louco folgar!  
Tudo era prazer! — Só tu jazias  
Entregue ao teu pesar!  
E eu vi-te assim tam só!... Bem anciára  
Poder ficar ahi — só p'ra te vêr;  
Contar-te as minhas mágoas desejava;  
Narrar-te o meu soffrêr!  
Se me ouvisses — eu sei que não descera  
Dos olhos meus o pranto sem o teu!...  
A' minh'alma um suspiro teu viera  
Em troca d'outro meu!  
Impossivel!... Das turbas arrastado  
Por entre o povo fui... onde... não sei!....  
Senti minh'alma triste — olho..... isolado  
Sem ti, anjo, me achei!.....  
  
Sem ti? — não; que tu vives nest'alma.....  
Tu me segues por todo o logar!  
— Que me importa; que o mundo me deixe  
Se has-de sempre nest'alma ficar?!...  
Eu senti a saudade na mente  
Desenhar-me teu rosto sem par;  
A tristeza 'stampada na face,  
Em teus olhos o pranto — o pesar!..  
E quiz vêr-te!... volvi, anjo, — e vi-te!  
= Não aonde primeiro te achei. =  
Tam sósinha! tam triste! — Em meus sonhos  
Como estavas eu já te sonhei!

As saudades, que eu n'alma sentia  
Só com vêr-te poderam ter fim!  
Quem me déra saber se, qual sinto,  
Tambem sentes saudades por mim!  
Talvez não! — E' destino d'um triste  
Nem, ao menos, gosar a illusão!  
Ter em troca de pranto um sorriso;  
Ter em paga de amor a traição!...  
Meiga virgem, se amor te mereço  
Não me negues um meigo sorrir,  
Que me tire a cruel incerteza,  
Que tortura meu triste existir!..

.....

Ha muito o sol se escondera  
Lá nessas ondas do mar;  
Sobre a terra o céo viera  
De trevas um véo lançar.  
Era noite. Indo-se um dia  
Deixou-me em melancolia,  
Como a terra em viuvez!  
Senti n'alma a atroz saudade...  
Qu'ria vêr-te! — e na verdade  
Pude vêr-te inda uma vez!

A' janella... recostada  
Pude vêr-te, anjo do ceu!  
Vi-te sobre a mão nevada  
Apoiando o rosto teu.  
Vi-te a face melindrosa  
Aonde triste, e saudosa  
Tu'alma pura transluz!..  
Vi-te o corpo delicado  
Entre as sombras desenhado  
Pelos reflexos da luz!

Volvéste-me teus olhos.....  
Oh! — tu... nesse momento déste a vida  
A um pobre coração,  
Que, ha muito, do soffrer ao péso cança!  
.....  
E' tam dôce, anjo meu, ter uma esp'rança!...  
Embora uma illusão!...

15 de Junho de 1851.

Augusto P. S.

## Amarguras d'alma.

(AO MEU AMIGO A. P. C. SOROMENHO.)

Ma se consentimento é di destino;  
Che poss'io più, se no aver l'alma trista,  
Umidi gli occhi sempre, e 'lviso chino?

PETRARCA.

De que me serve esta vida,  
Triste vida sem ventura,  
De crueis mágoas cingida —  
Negro viver d'amargura?...

De que serve, se no mundo  
Só me é dado o sofrimento,  
De dôres um mar profundo,  
Contínuo — longo tormento?...

Suspiro, e o vento, logo,  
Os meus suspiros recebe;  
Choro lagrimas de fogo,  
A terra as lagrimas bebe.

Eu amei virgem formosa, —  
Meu primeiro e casto amor,  
Era a florinha mimosa,  
Qu'encantára o trovador.

Foi estrellinha brilhante,  
Que na terra me sorriu;  
Pude vê-la um só instante,  
N'um momento me fugiu!

De que serve, pois, no mundo  
O viver de sofrimentos,  
Este oceano profundo  
D'inexprimíveis tormentos?...

De que serve aqui... na terra  
Existir sem ter ventura,  
Andar com a dôr em guerra,  
Luctando co'a amargura?...

.....  
Caminha errante nas spidões da vida,  
Minh'alma triste, pela dôr oppressa;  
Não ha na terra, de gosar despida  
Quem a meus males lenitivo off'reça!..  
Fugindo ao mundo, que só tem torturas,  
Activa corre a vastidão do ceu,  
Da virgem busca lá de noite os olhos,  
O rosto seu.

E depois desce saudosa e triste,  
Sem ter achado o que buscava ansiosa;  
Nenhuma estrella lá no ceu existe,  
Que como *Ella* possa ser formosa...  
Entre esses astros, que fulguram lindos,  
Além — pendentes na amplidão do ceu,  
Um só não brilha, que assemelhe, ao menos,  
O rosto seu.

Junho 14 de 1851.

J. P. F. C. Sarmiento.

## Quadras Allegoricas.

O homem isolado pouco póde —  
« associado » póde tudo!

FERRER — *Curs. de Dir. Nat.*  
(T. 1. §. 356.)

Attenta, attenta em ti, mortal ousado;  
As vestes deixa do profano mundo  
— Medita de contin'o em teu passado;  
Em teu novo porvir medita a fundo!

Debalde intentas, ó mortal vaidoso,  
Fazer por occultar um só defeito:  
— Que o templo fraternal é cauteloso;  
Do profano mortal vae' lér no peito!



Se audaz simulação teus passos move,  
Só buscas, infeliz, cruenta sorte:  
— Aos olhos fraternas ninguem se encobre;  
Na ponta d'um punhal te busca a morte!

Teus passos volve atrás, volve apressado,  
Se te engodam do mundo as gradações:  
— Que o templo fraternal, templo sagrado,  
Do merito só preza as distincções!

Se a mente só por brinco aqui te end'reça,  
Ou se acaso teu peito se amedrenta;  
— Torna atrás; — corre já; — voa depressa;  
Que inflexível virtude aqui só entra!

Ai de ti! — Ai de ti, mortal nefando,  
Projectos d'ambição se aqui te importam:  
— Que ferros mil no templo venerando  
Dobrez d'intentos teus p'ra sempre cortam!

Do castigo soffrer ninguem te exime,  
Se devasses do templo um só arcano:  
— No mundo fraternal não folga o crime;  
Como folga mil vezes no profano!

Braga, Janeiro de 1848.

*J. J. da S. Pereira Caldas.*

**Não sabes?!....**

Não sabes o que diz lagrima ardente,  
Pelas faces maceradas,  
A correr!  
Não sabes o que diz brando suspiro,  
Que do peito, junto aos labios,  
Vem morrer?  
Diz a lagrima na face  
Que no peito existe a dôr!  
O suspiro esse revela  
Um pensamento d'amor!

*A. P. Caldas.*

**Um offerecimento.**

(A ELLA.)

Bewahre heilig, was ich dir gegeben.

NATALIN. — *Um presente.*

Já quiz entoar na lyra  
Um hymno ao Creador,  
Quiz ao som das aureas cordas  
Tecer um canto ao amor.  
Foi em horas de agonia,  
Tinha a alma sêcca e fria,  
Meu peito já não sentia,  
Baldado foi o meu querer;  
Nesses momentos de dôr  
— Socegado soffredôr —  
Desesperára do Senhor,  
Renegára da mulher.

Em minh'alma amargurada,  
No ímo do coração,  
Sentia então a opprimir-me  
Da desgraça a férrea mão.  
Minhas crenças eram findas,  
As minhas crenças mais lindas,  
E eu soffria dôres infindas,  
Martyrio me era o viver.  
Sonhos de outr'ora esqueci!  
Dentro no peito — aqui...  
Cheio de angustia — senti  
O despeito nascer.

Esqueci canticos santos,  
Hymnos d'amor esqueci,  
Examinei a minh'alma  
Nua e árida a senti;  
E travei então da lyra  
Que de ha muito não ferra,  
E qual o cysne que expira  
Quiz cantar canto final.  
Suas cordas afinel,  
Alguns cantos entoel.  
O que foi, já nem eu sei...  
Creio que cantei meu mal.

O que eu sei é que de balde  
 Quiz louvar o Creator,  
 Quiz tecer, porém não pude,  
 Algum canto ao amor;  
 O meu estro não fervia,  
 E eu tinha a alma fria,  
 Era em horas d'agonia,  
 Horas de intimo soffrer.  
 Nesses momentos de dôr  
 — Angustiado soffredor —  
 Desesperára do Senhor,  
 Renegára da mulher.

.....  
 .....

Mas fôra da mulher,  
 Que a alma me esmagou,  
 Que as fibras uma a uma,  
 Do peito me rasgou.

Quando te vi, oh anjo,  
 Em sonhos d'idealismo,  
 Eu cri em ti, e em Deus,  
 Morreu-me o scepticismo.

Desfez-se como o fumo  
 Que varre o furacão,  
 Nas trevas de minh'alma  
 Reverberou um clarão.

Então dentro no peito  
 Nasceu — amor e fé —  
 Est'alma que descreia  
 Em tudo hoje crê.

Mulher de meus sonhos,  
 No mundo que és?  
 E's anjo na terra,  
 Celeste talvez.

Desceste do empyreo  
 A' mansão do pó  
 A santificá-la  
 C'o halito só.

Na terra me foste  
 Estrella de amor,  
 De minhas tormentas  
 Astro salvador.

Tu que m'inspiraste,  
 Archanjo dos ceus,  
 Recebe meus versos,  
 Meus versos são teus.

Donzella mimosa, recebe-os benigna,  
 Escuta meus cantos de ardente paixão,  
 Escuta minha harpa que o amor te revela,  
 Que eu sinto bem fundo no meu coração.

São intimas vozes — sabidas do peito  
 Que de teus encantos escravo se fez,  
 São debeis preludios dos seios dest'alma  
 Que tu, linda virgem, ligaste a teus pés.

Tu só os inspiraste — são teus os meus versos,  
 Aceita-os, archanjo, meus cantos d'amor;  
 Nasceram-te, oh virgem, no rosto mimoso,  
 Crearam-se n'alma do teu trovador.

11 de Junho de 1851.

*E. A. Salgado.*

#### Charada.

Embora nos tecidos prêsa sempre,  
 Da luz — e só da luz — meu ser provém : } 1  
 — Se vária nas nações, em tudo vária,  
 O sabio a sete ou tres por simples tem. }

Dest'arte da natura o brado brada, }  
 Se o misero infeliz a alguem se achega : } 1  
 — Virtude divinal e lei exceisa,  
 Que no mundo em geral o rico emprega. }

Doz filhos de Jacob buscada então,  
 Na cova de Joseph sirvo os traidores :  
 — Comigo, em nó d'acoite, expulsa Christo  
 Da casa da oração aos mercadores.

*Percira-Caldas.*



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL SEMANARIO.

O tempo v<sup>o</sup>a.

Minha bella Marilia, tudo passa.  
DINCO.

**T**udo fuge!.. tudo passa;  
Fugiram-me as alegrias  
Da infantil puerilidade;  
E os meus gostosos dias  
Da primeira mocidade,  
Tudo fuge! tudo passa  
Nesta vida tão escaça.

Tudo passa! tudo fuge!  
Lá se vão átros momentos  
D'agonia e d'afflicção,  
Que deram crueis tormentos  
A meu pobre coração.  
Tudo passa! tudo fuge!  
Dia d'hontem não é hoje.

Tudo fuge! tudo passa!  
E' do tempo o goso extincto,  
Alegrias, afflicções!  
Do passado hoje só sinto  
Saudosas recordações.  
Tudo fuge! tudo passa!  
A ventura e a desgraça.

Tudo passa! tudo fuge!  
O que inda agora é presente,  
Será em breve passado:

Pouco tempo se é contente,  
Ou se vive desgraçado.  
Tudo passa! tudo fuge!  
Ninguem da vida se anoje.

Tudo fuge! tudo passa!  
Nada no mundo tem dura,  
Desgostos, consolações;  
Juventude, formosura;  
Individuos, gerações,  
Tudo fuge! tudo passa!  
Succed'uma á outra raça.

30 d'Abril — 1851.

Maria P. de S.

Soneto

*Aos annos de meu irmão o Barão de Leiria Antonio,  
em 3 de Junho de 1851.*

N'um momento de paz e de ventura,  
Só cheio de prazer e flicidade;  
Um presente nos foi da divindade,  
Teu puro coração, tua alma pura!

Do teu genio sem par toda a candura,  
Formou o estreito laço de amizade,  
Que logo nos uniu em tenra idade,  
Que ha-de ligar-nos té á sepultura!

Neste dia brilhante a toda a hora,  
Meus votos com fervôr ao céo envia  
Minha alma que por ti sómente implora!

No regaço da paz e da alegria,  
Ao lado da familia que te adora,  
Possas tu annos mil contar tal dia!...

*D. Maria Candida P. V.*

**A um arbusto.**

Lindo arbusto, quanto é bella  
Tua linda, verde côr!  
E's bella, qual o era outr'ora  
O meu puro e casto amôr.

Tu dos gêlos do inverno  
Já soffrêste a tyrannia;  
Seccaram-te as verdes folhas....  
A mim.... fugiu-me a alegria!

Mas a dôce primavera  
Veio-te outra vez florir!...  
Para mim não mais voltou...  
Vi-a p'ra sempre fugir!

Pela manhã fresco orvalho  
Nova vida te vem dar;  
E da tarde meiga briza  
Nas folhas te vem brincar.

Mas eu, triste! na aurora da vida  
Já não posso a ventura encontrar!  
Vejo a vida, c'o a esp'rança que amava  
Entre a dôr, entre o pranto murchar!

*Maria A.*

**Um Anjo.**

*A' Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. J. A. T. M.*

..... Eras a virgem qu'eu sonhára  
Da vida no verdor; eras a estrella  
Que de longe, e ha longos annos me sorria.

ALEXANDRE BRAGA.

Vem, ó virgem, casta e pura,  
Inspirar o trovador;  
Com teu rizo de candura  
Vem matar-lhe a crua dôr....  
Vem dizer-lhe, ó virgem bella,  
Que a tu'alma, tão singela,  
Não une a peito traidor.

Quando te vi, ó donzella,  
Não pude deixar d'amar....  
Vi-te tão casta, e tão bella,  
Qual um Deos para adorar!  
Vi no arfar desse teu seio  
E no teu tão grato enleio  
O meu amor despertar.

Eu senti nesse momento  
Pulsar forte o coração;  
Esgotei o meu alento  
Nas trovas d'uma canção;  
E bem fundo.... dentro d'alma  
Em lugar da dôce calma  
Senti queimando um volcão.

.....!  
.....!  
Oh! não queiras, linda virgem,  
Meu amor atraiçoar,  
Já que tu lhe déste origem  
Os meus dias vem doirar,  
Que neste mesmo momento  
Eu te faço um juramento  
D'a ti só idolatrar!...

Porto 23 de Junho de 1851.

*A. M. S.*

**Definições.**

Deus se fez homem, o diabo fez-se mulher.  
V. Hugo — *Ruy Blas*.

Mulher, que és tu cá no mundo?

E's um mysterio profundo,  
E's um abysmo sem fundo,  
E's uma pomba sem fel:  
E's estrella reflectida  
N'alma do crente illudida;  
Da cadeia, desta vida  
E's o principal anel;

E's um ponto em geometria,  
Um zero, uma ninharia,  
Um gajo que se atavia  
Com as pennas do pavão.  
E's uma sombra, uma asneira,  
Uma mera frioleira,  
Uma eterna pasmaceira,  
E's um nada, uma illusão.

*Eduardo A. S.*

**Mulher!**

IMPROVISO.

(Ao lér as *Definições* do Sr. E. A. Salgado).

Oh! Mulher, que és tu na terra?  
E's um ente soffredôr . . .  
E's um anjo de candura,  
E's allivio a muita dôr . . .  
E's a dôce melodia,  
E's o sol doirando o dia,  
E's a amavel companhia  
Que nos deu o Creador.

E's a lúcida esperança  
Com seu magico fulgor,  
E's a pudibunda imagem

Da Santa Mãe do Senhor,  
E's o consôlo da vida,  
Que, sem ti, indefinida,  
Qual esperança perdida,  
Seria um cahos d'horror!

*A. P. Caldas.*

**A oração.**

So von Andacht, so von Gottvertrauen  
Ihre engelreine Brust geschwellt,  
Betend diese Heilige zu schanen,  
Ist ein Blick in jene Welt!

*MATTHISSON.*

Tu rezas, Sophia! — pombinha innocente!  
O Christo, piedoso, no céu te ouvirá . . .  
A's dôres pungentes, teu rogo fervente,  
Allivio nas rezas, talvez, achará! . . .

De joelhos pareces a pura innocencia,  
Que já Raphael, inspirado, pintou;  
Ou candida rosa, a quem a existencia  
Do sol densa calma no prado murchou.

Tu sentes no seio — flôr do paraizo —  
Um fogo sagrado que o faz agitar! . . .  
Do peito os pesares exprimes n'um rizo,  
N'um terno suspiro — n'um timido olhar.

Nas harpas celestes, — em dôce harmonia —  
Os anjos entôam só hymnos d'amôr! . . .  
Aos sons divinaes, que desperta a magia,  
Tu podes juntar os teus cantos de dôr.

Oh! reza, Sophia, que o teu sóffrimento  
Conforto na terra não pôde encontrar! . . .  
Qu'importa que a vida te seja um tormento  
Se os gosos do céu tu irás partilhar! . . .

Maio 28 de 1851.

*J. P. F. C. Sarmiento.*

\*

## A morte do Bandido.

BALLADA

(TRADUZIDA DE C. DELAFIGNE.)

Terracina.

Aos brigadeiros romanos  
 Trinta escudos em dinheiro!  
 Junto ás Lagôas Pontinas  
 Cahiu Memmio o audaz, guerreiro.  
 Pálido já, sem alento,  
 Dos Appenninos a um roble  
 Vêde-o ahi meio encostado,  
 Sem movimento!

A morte o aguarda, e se a preza  
 E' boa, para a empolgar  
 Faz esforços, e a alma é surda  
 A' voz que a está a chamar.  
 Que tempo não é preciso,  
 De um tal corpo a alma rebelde  
 Para expulsar!

Junto quasi a antigo muro,  
 Que é de Cicero jazigo,  
 Lá conduziram, levaram  
 O socio valente e amigo.  
 Do Vesuvio á Appia Via  
 Não ha hi quinta, nem tumulo  
 Que a Cicero antigamente  
 Não pertencia.

Em tua escura morada,  
 Com doze tochas na mão,  
 Doze bandidos imploram  
 O Senhor em oração,  
 Pelo seu socio o Bandido  
 Deitado no duro chão...  
 A' tua gran' sombra estes hospedes,  
 Tullio, honra dão!

Um curvando-se sobre elle,  
 Da face desanimada  
 Lhe aproximava sentido

Accêsa tocha inflammada.  
 Outro em lagrimas banhado  
 Dizia, abrindo-lhe a cova,  
 « De seus companheiros d'armas  
 « Foi tam amado!  
 « Não o é mais um cardeal  
 « Pelos sobrinhos na morte  
 « Assistido. Quam formoso  
 « Homem de bem vêr seu porte  
 « Da pilhagem no ardor!  
 « Que probro não era o forte  
 « A fazer igual na preza  
 « A sua sorte!

« Cada anno na Primavera  
 « C'o sacro buxo sombreava  
 « Pelos Ramos seu chapéo,  
 « E nunca durante a oitava,  
 « Em seu bosque encantado  
 « Pôr mãos á obra este bravo  
 « Jámais se viu, do raminho  
 « Sem ir ornado.  
 « Padres, leigos viajavam  
 « Conforme sua vontade,  
 « Fóra inglezes tinham todos  
 « Misericordia e piedade.  
 « Era o herege boa preza.  
 « Festejada a Paschoa seja,  
 « E para morrer assim  
 « Serei a Igreja!»

Memmio move-se, ei-lo falla:  
 Escutae sua voz extincta!...  
 C'os braços, co'as largas mãos,  
 Que abundante o sangue pinta,  
 Mosquete antigo deitado  
 De sob as sarças e arbustos  
 Ao chão por achar procura  
 Junto a seu lado.  
 Seu fiel defensor e amigo  
 O fita quasi a morrer,  
 O cão duro a seus esforços,  
 Faz esforços por erguer.  
 Curva o dedo quasi frio,

O cão no fuzil petisca,  
E faz brilhar a seus olhos  
Uma faisca.

« Muito bem! diz, reconheces  
« O teu dono, arma querida....  
« Adeus, morro! inda gotejas  
« Do sangue de minha f'rida.  
« Para vinganças tirar  
« Desta morte a mãos valentes  
« Mais que as minhas neste dia  
    « Tu vaes passar.  
    « O gaetano que me veio  
« Surprender é-me devido:  
« Fogo sobre o assassino!  
« E' por elle que hei morrido!  
« Nessa cova onde meu corpo  
« Vae descer, comigo eu quero  
« Antes tres dias ahi seja:  
    « Eu lá o espero. »

Um frade então com ar dôce  
E com olho fervoroso,  
Hia andando o seu caminho,  
E scismando vagaroso  
No santo emprego da esmola,  
Que largo para o convento  
Lançado os feis lhe haviam  
Na gran'sacola.

Com respeito se lhe inclinam,  
Prendem sua Reverencia,  
Que por um ladrão guiado  
Vae indo sem resistencia.  
Sem levantar a cabeça,  
Passo a passo, com receio,  
Que lhe não fosse pescado  
Soante recheio.

Lá comsigo elle rezou,  
Fez votos: em Deus pensamos  
Quando pela nossa vida  
Por ventura receiamos.  
Memmio diz: «— A alma salvar-me  
« Se não vens mui cuidadoso,

« 'Stás na tua derradeira;  
    « Vem confessar-me.  
    « Meu padre, cumpre lá em cima  
« Por bem sangue derramado  
« Sem remorsos que eu responda,  
« Sendo por tal perguntado. »  
O padre humilde lhe torna,  
Cheio de terror profundo:  
« Meu filho, quem não tem faltas  
    « Cá neste mundo! »

A cada morte os bandidos  
Mui devotos, tristemente,  
Co'a dextra mão se benziam  
Cheios de respeito ingente.  
Memmio diz neste momento:  
« Em nome do Salvador,  
« Da Virgem, eis o que deixo  
    « Em testamento.  
    « A' minha Adda as joias todas,  
« Pois me foi tam carinhosa,  
« A cruz d'ouro ao logar santo:  
« Para ti a arena famosa,  
« Que as cinzas tem de alegrar-me:  
« Ao frade a bolsa vou dar,  
« Emfim a minha alma a Deus,  
    « Se a quer tomar. »

Já se sabe, mal que o frade  
Pasmado a bolsa colheu,  
E mesmo a coisa é do estilo,  
Muito prestes o absolveu.  
Adda chega, e o filho co'ella,  
Nos pretos olhos aonde  
O relampago fuzila,  
    Que altivez bella!  
« Morto! é morto! diz, amigos,  
« A consolação maior  
« Que tenho, é que fugindo  
« Não o viu o vencedor.  
« Não! erguendo-se de cólara,  
« Começou elle a bradar.... »  
E o filho chorava, vendo  
    A mãe chorar.

O seu ultimo momento  
 Já quasi Memmio tocava,  
 E sua Adda com ternura  
 Docemente lhe fallava.  
 O abraçava delirante:  
 Co'a madeixa da côr d'ouro  
 Limpava as profundas f'ridas

Do seu amante.

Sobre um braço elle se firma,  
 E suspira, e a seu pesar,  
 Já seus queixos emperrados  
 Os dentes lhe vão cerrar.  
 Interno, surdo ruido  
 Seu martyrio vem trahir,  
 Mesmo assim sorri para ella,  
 Mas que sorrir!

« Adeus, adeus, lhe diz elle,  
 « Nós nos vamos separar,  
 « Como em tarde já que fôge,  
 « Em que te estive a esperar.  
 « Lembras-te inda, d'alto gozo,  
 « Minha bella companheira,  
 « Do beijo dado na serra  
 « Por teu esposo?  
 « Beijo de amor, esporios!  
 « Mais dôce foi esse beijo;  
 « Mais ardente do que o d'hoje,  
 « Quando nas selvas de um brejo  
 « Abafei o teu bradar.  
 « Um só mais!.. ah glacial  
 « E' o beijo; o beijo triste  
 « Do funeral!

« Oh Adda, minha viuva,  
 « E'-te precisa uma escora;  
 « Escolhe um bravo, e amai ambos  
 « O filho que me olha e chora.  
 « Tem cuidado e compaixão  
 « Como se fôra de mim,  
 « Para que elle viva e morra  
 « Qual bom christão.  
 « Em completando treze annos  
 « Que commungue é necessario;

« Dir-lhe-has no dia seguinte  
 « Teu pae fita o teu fadario:  
 « Olha, aqui está sua campa,  
 « Acolá vês as estradas.  
 « O seu grande exemplo segue,  
 « Suas pizadas!.. »

Logo o bandido já pállido  
 Começou-se a revolver  
 De sangue em ondas, e pena  
 Era então vê-lo soffrer!  
 Ave! depois foi dizendo  
 Como disse, e em roda delle  
 Tudo que assistia — Amen!

Disse gemendo.

Pesada emfim sua fronte  
 Para o peito lhe cahiu,  
 Rebôa por esses ares  
 Salva d'honra que se ouviu.  
 Do filho os gritos encubra:  
 Oh espingardas troai!  
 Para o céo, ou para o inferno  
 A alma lá vai.

Guimarães — Dezembro de 1860.

*Joaquim Silvestre de Sousa.*

•  
 Mis lamentos.

( \* \* \* \* )

Quien puede, hermosa, mirar-te,  
 Sin amar-te?  
 No puedo yo.... por mi vida!  
 Por ti, ay mucho, suspiro...  
 Por ti siento quando miro  
 Tus ojos la alma encendida!

Y tu... no ves, mia ingrata,  
 Qué me mata  
 Del tu desprecio el rigor!...



No seas cruda . . . . el páraiso  
 Damelo en dulce sorriso;  
 Y en un suspiro el amor!

Yo bien sè que tiento en vano,  
 (Triste humano!)  
 Ser dichoso! O! yo bien sè,  
 Que en vano mi alma se cansa! . . .  
 Pero . . . . dame la esperanza,  
 Por el amor, que yo te dè.

Es bien dura la mia sorte!  
 Con la muerte  
 Quizàs me vaya mejor!  
 Quizàs! — que es la sepultura  
 Abrigo en la desventura;  
 Dulce alivio en la dolor! . . .

Oporto 24 de junho de 1851.

Augusto P. S.

A

D. Em... R. L.

Para mim és tu hoje o universo.  
 A. HERCULANO.

Mulher! que desta lyra as frouxas cordas,  
 Ainda adormecidas na innocencia,  
 Vieste modular, escuta agora  
 Nos seus harpejos o cantar de um crente.  
 Ao anjo que appar'ceu, em aureos sonhos,  
 Primeiro ao trovador — a mim — eu ergo,  
 Humilde, os firmes cantos amorosos . . .  
 . . . . .  
 Eu creio em teus sorrisos, nesses olhos,  
 Que chammejam de amor, que vibram n'alma  
 As cordas da saudade; e tambem creio  
 Nas tuas fallas, que, sincera, soltas,  
 Em harmonicos sons, ao triste bardo;  
 Tu és consôlo, lenitivo ás dôres . . .  
 . . . . .

Em teus labios um sorriso,  
 Só ingenuo e casto e lizo,  
 Para mim, anjo, pairou:  
 Eu amei do coração  
 De tu'alma essa expressão,  
 Que, tão grata, me afagou.

Uma falla que me dêste . . .  
 Um momento em que quizeste  
 Dar-me, a furto, olhar de amor,  
 Foi momento de prazer,  
 Que jámais hei-de esquecer,  
 Sôffra embora crúa dôr.

Eu sonhei-me ao céu erguido . . .  
 Tive instantes de esquecido  
 Nesse goso, que fugiu,  
 Que voou sem mais tornar,  
 Sem me vir mais afagar,  
 Que em mui breve se sumiu.

Mas eu creio que virá,  
 Que depressa raiará  
 Outro dia, oh anjo, assim,  
 Mui risonho, harmonioso,  
 Só de encantos, venturoso;  
 De alegria e paz, emfim.

Porto, 12 de Junho de 1851.

Solus.

Não descri.

Anjo, que tens?! porque choras?!..  
 Que te opprime o coração?!!  
 Que vagos sonhos são esses,  
 Que sonhaste d'illusão?!!..

Eu descrêr?! ah! não descreio  
 Nem por quanto tem o mundo,  
 Que o meu crêr é filho d'alma,  
 E' sentimento profundo.

Injusta . . . tu me criminas  
Sem ouvir-me, sem razão; . . .  
Se eu amára assim . . . descrêra . . .  
Mas eu não descreio, não.

Não ha estrella mais bella,  
Que tenha tanto fulgôr,  
Como a crença que consagro  
Neste meu tão puro amôr!

Póde o sol congelar lindas flôres,  
As estrellas não terem fulgôres,  
Póde a lua no céo não brilhar,  
E a neve nas serras queimar,  
Mas não póde minha alma perder  
Um amor que, não finda, o morrer.

Coimbra — Junho de 1851.

\* \* \*

Scese dal ciel su bianca nuvo letta  
Un amor senza benda e disarmato,  
— Di chiara luce il crine irradiato,  
In rosea vesta d'umiltà negletta.

CORILLA OLYMPICA. (*Morelli*  
*Fern.*) — *Poes.*

Minh'alma, toda candura,  
A' amizade está votada:  
— Nem venturas, nem desgraças  
Minh'alma tornam mudada!

Viva embora em longos climas,  
Quer feliz, quer desgraçada,  
— Será tua em laço eterno  
A amizade a mais sagrada!

Serão meus os teus pesares,  
Serão tuas minhas ditas;  
— Será teu eternamente  
Coração em que palpitas!

Póde o céo cair por terra,  
Do mundo os polos quebrar-se;  
— Mas amor que te eu consagro  
Não tem nunca d'acabar-se!

Póde o mar em fogo arder,  
A noite em dia trocar-se;  
— Mas não póde o amor que eu nutro  
Vir jámais a terminar-se!

Braga — Novembro de 1847.

*J. J. da S. Pereira-Caldas.*

### Despedidas da Freira.

Adieu, adieu . . .  
.....

Tyranno amor,  
Tentas em vão  
Querer ferir  
Meu coração.  
— Temem tuas armas  
Só os patétas;  
Eu as desprezo  
As tuas séttas.  
— Já olho os homens  
Só com desdem . .  
Amar não quero  
A mais ninguém.  
— Guarda-os . . não quero  
Os teus favores . . .  
Seu mel mistura-se  
De agros rigores.  
— Soffrer ingratos  
E' uma asneira . . .  
Amor, adeus!  
Que vou ser freira!

*J. A. S. Teixeira.*

EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:

Charada — Corda . . . . .



# INDICE.

	<i>Pag.</i>		<i>Pag.</i>
<i>D. Anna Amalia de Sá.</i>			
<b>A</b> MINHA amiga D. Anna Elvira de Freitas.	129	Aos Vates!	25
Ao Ill. <sup>mo</sup> Snr. A. P. Caldas.	177	A Elmano.	34
A A. de C. Moreira Pinto.	186	Um ai.	41
<i>D. C. I. C.</i>		<i>D'uma simples amizade, &amp;c.</i>	51
A' Primavera.	107	<i>Esta hora é tão saudosa, &amp;c.</i>	66
<i>D. Catharina (Viscondessa de Balsemão).</i>		Silencio!	73
Soneto.	33	Horas d'ocio.	82
Amor despeitado.	33	Inda lhe sagro um canto.	89
Soneto.	41	Recordação.	105
Canção.	65	Os cantos que são?	153
Soneto.	81	<i>D. Maria J.</i>	
<i>Cansei nas margens do Douro, &amp;c.</i>	90	Desengana-te.	129
Feliz!... só tu!	113	A' minha amiga M. P. de S.	178
<i>D. Maria Augusta C. V.</i>		<i>D. Maria da Luz P. G.</i>	
Sei vencer-me.	21	A' lua.	145
A Açucena.	39	<i>D. Maria Peregrina de Sousa.</i>	
Adeus á felicidade.	57	Enigma do Sphinx.	47
O meu pranto.	91	A tormenta inesperada.	57
A uma rosa.	97	O desgarrado.	73
Tudo aborreço.	186	O meu pequeno rafeiro.	97
A um arbusto.	202	A gota de orvalho.	113
<i>D. Maria d'Arrabida V. d'A.</i>		Illusões da vida.	169
Os teus olhos.	130	O tempo vóa.	201
Saudade.	146	<i>D. M. Sophia P. G.</i>	
<i>D. Maria Candida P. V.</i>		A orpham.	154
Soneto.	65	<i>Uma Portuense.</i>	
Ao dia anniversario.	81	Soneto ao sahimento do cadaver de S. M.	
Soneto.	90	Carlos Alberto.	51
Não podemos separar-nos!...	106	<i>Affonso de Castro.</i>	
A' Cruz.	121	Soffres?	82
Uma noite de tormenta.	137	<i>Naquelle leito de dôr, &amp;c.</i>	93
Que tens?!...	145	Um suspiro.	100
Que me resta?!...	177	Descreáte?	108
Porque descreáte?!...	185	O descrente.	147
A' minha estrella perdida.	193	O anniversario.	156
Soneto aos annos de meu irmão o Barão de Leiria Antonio.	201	No Album, &c. — Acordei!...	161
<i>D. Maria Felicidade do Couto Browne (Soror Dolores.)</i>		Aos meus annos.	174
<i>Sou dos que não querem vida, &amp;c.</i>	9	<i>A. Monteiro.</i>	
		O pobre Negro.	44
		A revista nocturna.	55
		Nas Caldas de S. Jorge.	69

	<i>Pag.</i>		<i>Pag.</i>
<i>A. Azevedo.</i>			
Vive no céo . . . . .	7	Amo tres . . . . .	63
O Trovador . . . . .	12	O beijo . . . . .	71
O céguinho . . . . .	31	Porque 'stou triste . . . . .	87
O adeus do Veterano . . . . .	38	Um canto . . . . .	110
A orgulhosa . . . . .	72	Cantos intimos . . . . .	134
Mal-me-quer . . . . .	86	Sim ou não . . . . .	142
<i>A. F. Carneiro.</i>		A Esquiva . . . . .	157
A amizade . . . . .	6	Um momento . . . . .	176
A minha rosa branca . . . . .	12	(Fragmentos d'uma pagina intima) . . . . .	191
Ilustres . . . . .	22	O meu = Souvenir = . . . . .	197
Ella . . . . .	30	Mis lamentos . . . . .	206
Um beijo . . . . .	38	<i>A. Soares de Passos.</i>	
O tumulto do soldado . . . . .	46	Catão . . . . .	17
Aos annos; &c. . . . .	67	<i>A. A. F. Braga.</i>	
São ciumes! . . . . .	110	A Rainha do Harem . . . . .	23
Outros olhos . . . . .	158	<i>Augusto Luso da Silva.</i>	
<i>A. Girão.</i>		Aos annos . . . . .	29
Ao oceano . . . . .	25	Soneto . . . . .	36
Amor . . . . .	36	Soneto . . . . .	44
<i>A. Marques.</i>		<i>Bernardo Xavier Rodrigues de Magalhães.</i>	
A crença . . . . .	7	O Marinheiro . . . . .	154
As ondas do mar . . . . .	23	O sonho do tyranno . . . . .	172
O meu viver . . . . .	29	<i>Camillo Castello-Branco.</i>	
<i>A. M. S.</i>		Primeiros affectos . . . . .	4
A minha saudade . . . . .	8	Soneto . . . . .	32
Um Anjo . . . . .	202	O orphão . . . . .	53
<i>A. P. Caldas.</i>		A viuva . . . . .	76
Fujamos . . . . .	6	Soneto . . . . .	109
Um desejo . . . . .	11	Queres a flôr? . . . . .	114
Saudades da Infancia . . . . .	19	<i>Tu da morte; anjo invisivel, &amp;c.</i> . . . . .	130
Um bonho! . . . . .	26	A' Exc. <sup>ma</sup> Sur. <sup>a</sup> D: Maria Candida P. V. . . . .	137
Rosa Branca . . . . .	36	A M. <sup>lle</sup> Devecchi, &c. . . . .	167
O Canto do Hungaro . . . . .	43	O Monge . . . . .	164
A Zagala . . . . .	62	<i>Claudino Pereira de Faria.</i>	
Parodia . . . . .	67	A Feiticeira . . . . .	87
As minhas Lagrimas! . . . . .	75	<i>Clemente Barbosa de Vasconcellos.</i>	
A'vante! . . . . .	84	O Favohio . . . . .	54
Porque choras? . . . . .	94	<i>E. A. Salgado.</i>	
Mais uma Lagrima! . . . . .	101	Out'ora! . . . hoje! . . . . .	92
Soffrimento . . . . .	119	Um suspiro . . . . .	102
Jésus! . . . . .	125	Gemidos d'alma . . . . .	118
O meu Jasigo . . . . .	132	Cantico . . . . .	121
Bem-vinda! . . . . .	146	A Estrella do Norte . . . . .	131
Bellezas da minha Terra . . . . .	169	Em uma campá . . . . .	139
O adeus do Soldado . . . . .	180	(L. P. V.) . . . . .	148
Innoceencia! . . . . .	188	Os meus amores . . . . .	168
Não sabes! . . . . .	199	Ondé estás? . . . . .	175
Mulher! . . . . .	203	<i>Os pençorra o nevadino, &amp;c.</i> . . . . .	181
<i>A. Pereira Soromenho.</i>		Sonhos . . . . .	189
Em que penso . . . . .	5	Um offerecimento . . . . .	199
R. O. G. . . . .	27	Definições . . . . .	203
Era sonho . . . . .	54		

	Pag.		Pag.
<i>E. Alfredo da Cunha Reis.</i>		<i>J. S. da Silva-Ferraz.</i>	
O meu passado . . . . .	93	Fugiste-me . . . . .	190
<i>Francisco Joaquim Bingro.</i>		Amarguras d'alma . . . . .	196
Agouros . . . . .	62	A oração . . . . .	208
Ode . . . . .	84	<i>J. S. da Silva-Ferraz.</i>	
Apologo . . . . .	88	Invocação . . . . .	9
Boas Festas . . . . .	180	Porque amo o pôr do Sol? . . . . .	14
<i>Francisco de Moura Secco.</i>		As ondas . . . . .	22
A' morte da Exc. <sup>ma</sup> Snr. <sup>a</sup> D. Rosa Carolina Magalhães . . . . .	182	Inquietação . . . . .	27
<i>Guerra Leal.</i>		Soneto . . . . .	65
No Album de uma Senhora . . . . .	14	Ultima esperanza . . . . .	66
No outeiro de Santa Clara . . . . .	28	Quando o dia já declina, &c. . . . .	74
<i>Heliodoro Augusto de Sousa.</i>		A uns annos . . . . .	86
Maria . . . . .	39	No Album de uma Senhora . . . . .	92
A' morte de meu irmão . . . . .	79	Velava . . . . .	99
<i>Henrique Luso.</i>		Aos annos de um amigo . . . . .	109
Soneto . . . . .	37	De Lord Byron — to Caroline — . . . . .	118
Apologo . . . . .	47	Consummatum est: . . . . .	124
<i>I. P. Moraes Sarmento.</i>		No Album . . . . .	133
O orphão . . . . .	9	Réverie . . . . .	136
<i>D. João d'Azavedo.</i>		Não quero . . . . .	147
Sortiste! . . . . .	107	A minha crença . . . . .	163
<i>João Machado Pinheiro.</i>		O seu nome . . . . .	174
No Album . . . . .	21	Amei... amo . . . . .	179
Que mandas? . . . . .	26	O Sultão e a Favorita . . . . .	185
No Album . . . . .	98	Porque é ruínas o Convento? . . . . .	195
A Cruz . . . . .	126	<i>José Maria Valloso.</i>	
Portugal . . . . .	135	O Jão de Camões . . . . .	1
<i>J. P. C. S.</i>		Nenia . . . . .	69
O Leça! . . . . .	19	Soneto . . . . .	79
Anacreontica . . . . .	27	Um Convento . . . . .	187
Anacreontica . . . . .	64	<i>Joaquim Silvéstre de Sousa.</i>	
<i>J. A. S. Teixeira.</i>		Ode . . . . .	140
Soneto . . . . .	120	O Gondoleiro . . . . .	152
Hymno á esperanza . . . . .	150	A morte do Bandido — Balada . . . . .	204
Despedidas da Freira . . . . .	208	<i>J. J. da S. Pereira-Caldas.</i>	
<i>J. P. F. da Costa Sarmento.</i>		A Resignação . . . . .	91
O socego . . . . .	95	A Indagação . . . . .	104
A Rosa . . . . .	102	Aos annos de um amigo . . . . .	109
Gemidos d'alma . . . . .	111	O cahir da folha . . . . .	114
Ella . . . . .	117	O Juizo final . . . . .	128
Um Hymno . . . . .	127	Lyriça . . . . .	150
A tristeza do bardo . . . . .	142	O Amor Pintor . . . . .	192
Não chores . . . . .	159	Quadras Allegoricas . . . . .	198
A aurora . . . . .	171	Minha alma, toda candura, &c. . . . .	208
		<i>J. V. Vasconcellos.</i>	
		Anacreontica . . . . .	152
		<i>J. G. S.</i>	
		A' morte da Ill. <sup>ma</sup> e Exc. <sup>ma</sup> Snr. <sup>a</sup> D. Rosa Carolina Taveira . . . . .	183
		<i>D. M. C. M. Sotto-Mayor e Azeredo.</i>	
		A transmigração das aves . . . . .	34
		O cachópo . . . . .	52

	<i>Pag.</i>	<i>Soluta.</i>	<i>Pag.</i>
Soneto . . . . .	96		
A Violeta . . . . .	98	Uma hora d'agonia . . . . .	95
A' Cruz . . . . .	122	Ano! . . . . .	151
Longe d'Ella! . . . . .	133	O passado do Poeta . . . . .	158
Os meus amores . . . . .	171	(A Ella * *) . . . . .	182
O Mosteiro no Deserto . . . . .	194	A D. Em.... R. L. . . . .	207
<i>M. de Mendonça Figueira de Azevedo.</i>		<i>Thomaz de Almeida Garrett.</i>	
Sempre Ella . . . . .	11	A Poesia . . . . .	149
Resposta a um pedido . . . . .	20	* <i>F. R.</i>	
A Soror Dolores . . . . .	31	Lyra . . . . .	5
Resposta d'Elmano . . . . .	34	O Sam Gonçalo . . . . .	14
A Soror Dolores . . . . .	43	Ode . . . . .	58
Resposta . . . . .	66	* <i>G.</i>	
Resposta improvisada . . . . .	82	Não descri. . . . .	207
A meu cunhado J. Alvo de Balsemão . . . . .	107	* <i>N.</i>	
Canção . . . . .	116	A uma camponesa . . . . .	42
<i>Nuno Maria de Sousa Moura.</i>		* <i>O. M.</i>	
A Donzelliha . . . . .	44	A' guerra . . . . .	35
No Album da Ill. <sup>ma</sup> e Exc. <sup>ma</sup> Snr. <sup>a</sup> D....		* <i>R. S.</i>	
(Soror Dolores) . . . . .	61	O trovão de Maio . . . . .	183
<i>N. Lima.</i>			
Sophia . . . . .	68		
Fragmentos. . . . .	144		
<i>O. R. D. P. B.</i>			
A Monja d'Arouca . . . . .	49		
<i>Silva Rasa.</i>			
O meu amor . . . . .	28	<i>Charadas</i> — a pag. 8, 16, 24, 32, 40, 48,	
Canto (a Emilia). . . . .	62	56, 64, 72, 80, 88, 96, 104, 112, 120,	
A uns arnos . . . . .	71	136, 168, 176, 184, 200.	
A' Lua . . . . .	119	<i>Enigmas</i> — a pag. 8, 24, 96.	
		<i>Epigrammas</i> — a pag. 40, 56, 184.	
		<i>Epitaphio</i> — a pag. 88.	



# MISCELLANEA POETICA,

JORNAL DE POESIAS.

PUBLICADAS DESDE JULHO DE 1851 A AGOSTO DE 1852.

---

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

---



**PORTO:**

**NA LOJA DE F. G. DA FONSECA,**

LIVREIRO E EDITOR.

—  
1852.



**PORTO — NA TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA ,  
Praça de Sancta Thereza, n.º 28.**



# MISCELLANEA POETICA.

## Invocação.

Como te invocarei, que santo nome,  
    Filha do ceu divina,  
Te hei-de eu dar, ó Poesia, encanto, afago  
Da minha juventude?

GARRETT — *Flôres sem Fructo.*

**C**ELESTE Inspiração! candida virgem,  
Oh numen da poesia — tu que ensinas,  
Lá na etherea mansão os sacros hymnos  
Aos santos cherubins, magos archanjos,  
Desce á terra, nas azas da harmonia,  
E vem poisar teu genio sobre a lyra  
Onde o cantor novel descanta a mêdo. —  
Vem dar-lhe animação, vem afagar-lhe  
As dôces illusões, os bellos sonhos,  
Os brincos infantís, meigos anhelos,  
As crenças no porvir, as esperanças,  
Que lá — no pensamento se debatem  
Como as vagas do mar desconstradas,  
Ou, antes, que refervem como a lava  
Nos seios do volcão.

Vem tu, oh virgem,  
Alindar-lhe as canções, doirar-lhe os vôos!  
Em languido requebro dá-lhe um riso,  
Imprime-lhe na fronte um beijo em fogo,  
Que lhe faça elevar seu estro ardente,  
Que em delirio doudeja e que vagueia  
Nos espaços da mente afogueada!  
Vai com elle collier, em lédos brincos,  
As florinhas gentís, que, aos pés da serra,  
Brando arroio beijou; — depois, com ellas,  
Ensina-o a tecer linda grinalda  
Com que possa adornar a nívea fronte  
Da virgem que sonhar em devaneios.

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

Celeste Inspiração! anjo mimoso,  
Oh numen da poesia — inspira o vate:  
Em seus carmes d'amor verte a magia;  
Ensina-o a cantar heroicos feitos  
Que as tradições da patria nos revelam!  
Vem os hymnos do ceu trazer-lhe á terra,  
Modulados na voz do sentimento,  
Para, humilde, levar aos pés do Eterno  
Em maviosos sons seus cantos d'alma:  
E mais audaz então, pulsando a lyra,  
Ha-de o vate, por ti, virgem celeste,  
Magos carmes sagrar á patria cara,  
Ao seu Deos, ao amor, e á liberdade.

Porto 8 de Julho de 1851.

A. P. Caldas.

## N<sup>o</sup>um Album.

Poeta! que exiges?.. d'um genio mesquinho  
Haver no teu album mimosa canção!?  
Não vês que quem vive no mundo isolado  
Não tem harmonias no seu coração!

Não vês que inda joven ouvido hei bastante  
D'enganos do mundo que fazem descrêr!  
Que a par da alegria dos annos primeiros  
Existem tormentos que fazem morrer!..

Tu has-de sorrir-te... sorrir-te e não crêr  
Que em tão verdes annos se perca a illusão,  
Mas ha-de o sorriso seccar-te nos labios  
Ao lêres a historia do meu coração.

JULHO 10 — 1851.

NUM. 1.

Descri por ter vivido só e triste  
 Carpindo a minha dôr,  
 N'um mundo d'illusões, sem ter gosado  
 Um sorriso d'amôr.

Por não ter cá na terra uma só alma  
 Que me saiba entender,  
 Nem ter um peito d'homem que lamente  
 Meu acerbo soffrer.

.....  
 Porém se eu das Musas, sequer um instante  
 A lyra inspirada podésse tanger,  
 Nas cordas vibrando mil cantos de gloria,  
 Os cantos e a lyra te iria offerecer.

E então bem podéra talvez por momentos  
 A mágoa escapar-se do meu coração;  
 E junto dos astros levára teu nome  
 A mente orgulhosa de tal distincção.

Braga.

E. Julia.

Vaes deixar-me!...

A MINHA AMIGA D. ANNA DA CONCEIÇÃO DA  
 CUNHA GUEDES.

Vaes partir, anjo do ceu,  
 Estes sitios vaes deixar!  
 Vaes, sem querer, o peito meu  
 A' dôr, á mágoa entregar!  
 Vaes partir! e a sorte dura,  
 Negra taça da amargura,  
 Me vai fazer esgotar!

Fará triste o meu viver,  
 Esta distancia cruel!  
 Em minha alma vai verter  
 O mais amargoso fel!  
 Mas não fará esta ausencia,  
 Nem da saudade a violencia  
 A tua amiga infiel!

Vaes partir! eu suspirando  
 Fico nesta solidão!  
 Sem confôrto, supportando  
 O pêso d'uma paixão!..  
 No mundo só tu podias  
 Nas mais crueis agonias  
 Dar-me paz ao coração!

Sem ti, é p'ra mim a vida  
 Pranto, suspiros e ais!  
 Em desgostos consumida,  
 E' um êrmo, nada mais!  
 Mas se é forçoso deixar-me,  
 Promette nunca olvidar-me,  
 Lá tão longe nonde vais!

Cara amiga! quanto é forte  
 Esta cruel anciedade!  
 Antes mil vezes a morte  
 Que os tormentos da saudade!  
 Aquella finda o penar,  
 Esta rasga sem cessar  
 A minha alma! e sem piedade!

Ai de mim! quanto é custoso  
 Dos meus labios desprender  
 Extremo adeos, que amargoso  
 Me faz o pranto correr!..  
 Vaes partir!.. chega o momento!..  
 Oh! meu Deos! que soffrimento!  
 Melhor me fôra morrer!..

Junho de 1851.

D. Maria Candida P. V.

Ouvindo um sino que tocava  
 a defuncto.

On sont-ils? qui pourra l'apprendre à notre cœur?  
 Heureux ceux qui sont morts dans la paix du Seigneur!

Que diz esse bronze no som alterado  
 Que tanto no peito desperta o soffrer?  
 Que diz? — diz finado á campa baixando!  
 Dos sonhos da vida terrivel descrever!

E' som infallivel de dôr e saudade  
O ecco sentido no triste dobrar!  
Annuncio d'um somno p'ra sempre dormido,  
Que o brado mais forte não pôde acordar!

Meu Deos, que mysterio, quem pôde sondá-lo?..  
Da paz do sepulchro quem já murmurou,  
Quem disse, p'ra todos aqui ha descanso?  
Em cinzas um Nero jámais repousou?

Ouvira o tyranno, do mundo maldito,  
A voz do Eterno bradar = maldição! —  
Debalde bradaram tangeres do bronze,  
Bradára debalde pedindo oração!

A's vestes d'um anjo apinha-se a turba,  
A turba, chorando, medita... e resou!  
Nas crenças do nada lá foi involvido,  
Quem sabe se em nada depois se tornou!

São altos juizos, decretos divinos,  
Que nos homens só cumpre saber respeitar:  
Verdades escriptas no livro sagrado,  
Que o homem não pôde jámais soletrar.

*Anna A. de Sá.*

A' Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Engracia Julia.

.....

Escrevêste um canto triste,  
Quando ao sol d'amor te abriste,  
Linda flôr deste jardim!  
Revelaste dissabores  
Nessa idade em que os amores  
Tem horisontes sem fim.

Eu bem sei como se chora,  
Mal da vida assoma a aurora  
D'entre as trevas do porvir...

São tristezas com doçura,  
São caprichos que a ternura  
Faz chorar e faz sorrir.

Foram lagrimas mimosas  
Orvalhando as castas rosas  
Do teu rosto juvenil;  
Mas não foi o pranto ardente  
Onde a morte está latente  
Com seu veneno subtil.

Nessa idade é que arfa o seio  
Em seus sonhos d'almo enleio,  
Nos transportes do ideal!  
Nessa idade, oh linda virgem,  
E' que o amor arde em vertigem  
Na paixão crente, immortal.

Ai daquelles que inda esperam  
De seus sonhos que tiveram  
Vêr real uma illusão!  
Ai de todos se é mentira  
Esta crença que a alma aspira,  
E que tu não descrês, não!

E's tão nova!.. não descreias  
Dessa immensa fé que anceias  
Desse amor que em vão retens;  
E's rainha em throno d'ouro  
Quando ostentes o thesouro  
Da alma nobre, que tens.

Quem podéra ter viçoso  
Um affecto fervoroso  
No queimado coração!  
Quem podéra, anjo celeste,  
Dar-te um hymno, mas não este,  
Sem ornatos de paixão!

\*\*\*

Braga — 7 de Junho de 1851.

## Chatterton.

Tu pars du moins mon frere avec ta robe blanche  
 Tu retournes a Dieu comme l'eau qui s'épanche  
 Par son poids naturel  
 Tu retournes a Dieu, tête de candeur pleine  
 Comme y va la lumière et comme y va l'haleine  
 Qui des fleurs monte au ciel.

V. Hugo.

Que vivo fogo — que ardencia  
 Sinto n'alma, dentro em mim...  
 Tóco as raias da demencia...  
 Ella deve vir assim!  
 Mas não virá, que inda antes  
 Os meus dias cruciantes  
 Hão-de por fim perecer.  
 Sim, que importa ao suicida,  
 Se despresaram sua vida  
 Que despresem seu morrer?

Pobres versos — devaneios  
 Dest'alma qu'inda arder sinto —  
 Do peito vagos anceios,  
 Traduzidos por instincto...  
 Tu, que a inspiração envias,  
 Tu, Senhor das harmonias,  
 Espalhadas ahí além...  
 Recebe-as lá no teu seio  
 De novo... o que de lá veio  
 Não entende aqui ninguem.

Qu'riam que a alma vendesse  
 Por esta vida... tam má...  
 Ella nem sequer merece  
 Lagrimas que eu choro cá.  
 Vivam elles... que eu não quero  
 Sua vida... que eu espero  
 Que m'a deis melhor, Senhor!  
 Livre da venalidade,  
 Onde não veja a impiedade  
 Motejar da minha dôr!!  
 .....

E em seus labios um sorriso  
 Errou de triste ironia...

Ao lembrar o paraizo  
 Assim Deus na cruz sorria.  
 Era a triste despedida  
 Que fazia a uma vida  
 Que lhe déra crua morte...  
 Como a rocha a vaga affronta,  
 O sorrir, que lhe despona  
 Nos labios, provoca a sorte.

Que venha agora o despreso  
 Ferir ess'alma tam pura...  
 A morte o fará illeso  
 Do soffrimento e tortura...  
 O orgulho dessa alma nobre  
 Não consente que se dobre  
 A um mundo falso e vão,  
 Que lhe disse em seu egoismo  
 Suicidio ou servilismo  
 Dilêmma de maldição!

Escolheu o suicidio,  
 Que ahí fraqueza se diz...  
 Elle é só o dôce allivio  
 De quem é tam infeliz...  
 Da mente os vagos delirios,  
 Do coração os martyrios,  
 Toda a dôr acaba assim...  
 E' fraqueza? mas o herôe  
 Ao tormento que lhe dôe  
 Não desejará um fim?

Assim lhe sorriu a morte  
 Ao pobre do Chatterton...  
 Se foi fraco Nero, forte  
 Era a alma de Catão...  
 Joven! se a fronte não ergues  
 Não és poeta... não te vergues  
 Senão diante de Deus!...  
 Se o mundo tua alma opprime,  
 Torcendo-t'a como um vime,  
 Manda-lh'a de novo aos ceus!..

Lá os anjos de um diadema  
 Te hirão a fronte cobrir...

Lá terás quem o poema  
 Compr'henda do teu sentir...  
 Ha poucos anjos na terra,  
 E esses poucos que ella encerra  
 Não se encontram aqui, não...  
 Vaguêam cá neste mundo  
 E após um penar profundo  
 Encontrar-se no céo vão.

Chatterton! tu não morreste,  
 Que o teu nome vive ainda;  
 Se tu pouco aqui vivesse  
 Para o ornar de luz infunda,  
 Os *infelizes* na mente  
 Tem o teu genio presente  
 E os teus tormentos febrís...  
 E um respeito, nunca tardo,  
 Rendem ao genio do bardo  
 E ao martyrio do infeliz.

Esses, sim... que a sociedade  
 Vã e estúpida inda é...  
 Inda da venalidade  
 Vê-se o throno erguido em pé...  
 Inda ha hi quem cala n'alma  
 Muita dôr que só se acalma  
 Como a tua, c'o morrer...  
 Tem o fado a mesma voz...  
 E' p'ra torturar o algóz,  
 O martyr para soffrer.

1850.

*Silva-Ferraz.*

**Outr'ora.**

Houve-hum tempo, em que eu sonhava,  
 Vendo a area pratejar,  
 Que hera o místico palacio  
 De meu Nume tutelar.

Foi mentira, o illuso sonho  
 Não me vem já fascinar.

Joven crente o peito arfava  
 De ternura e de illusão;  
 Que misterios que hum ribeiro  
 Não fallava ao coração!  
 Já não falla; he muda a limpha,  
 Mudos seus murmurios são.

Horas houve, em que meu goso  
 Hera á noute, e entre rochedos,  
 Ir sosinho, e á luz d'estrellas  
 Conversar c'os arvoredos.  
 Hoje he muda a selva escura,  
 Não me conta os seus segredos.

Dei saudades, dei tristezas  
 Ao pavor dos sanctuarios;  
 Fui espectro, que inda em vida  
 Conversou c'os lampadarios.  
 Hoje á luz, que arde nos templos  
 Vejo crepes mortuarios.

Prados, rios, bosques, fontes,  
 Cedros, campos, e ciprestes,  
 Que segredos, que ternuras  
 Não ouvi, não me dissestes!  
 Ah! dizei, e sois os mesmos  
 Que chorar já me fizestes!

Não, não sois que o mesmo encanto  
 Não tem já vossa folhagem,  
 Não soletro um nome q'rido  
 Ciciando a branda aragem.  
 Sois talvez o que haveis sido  
 Mas diversa a linguagem!

E' que hum sonho, huma so crensa  
 Guarda o peito inda hoje pura,  
 — N'essa dor, que o berço lega  
 P'ra findar na sepultura!  
 Se he que finda na incerteza  
 D'outra dor talvez futura!

Palmeira 11 de Junho de 1851.

*D. João d'Azevedo,*

**Troca.**

(TRADUÇÃO LIVRE.)

Virgem, tua mão formosa  
 Anima a mudez das flores;  
 Diz tua chamma amorosa  
 A escolha das suas côres:

— Poeta, tão dôce canto  
 Trahe a alma do cantor;  
 De cada nota o encanto  
 Me revela o teu amor.

Deixai-me por ti cortada  
 Guardar no peito esta flôr.  
 — Deixai-me por ti vibrada  
 Guardar a canção d'amor.

**Canto d'amor.**

Da florinha queimada o que seria  
 Sem do orvalho o frescor?  
 Do rubro oceano do horizonte immenso  
 Sem sol alumiador?  
 Da negra noite toda involta em trevas  
 Sem d'astros o brilhar?  
 Do alegre rouxinol, dos seus cantares  
 Sem a quadra d'amar?  
 Que seria p'la dôr d'alma opprimida  
 Sem d'esp'rança o clarão  
 Dos meus sonhos da noite, hymnos do dia  
 Sem a tua afeição?

O. M.

**Um bardo na Germania.**

« Eu já tenho as faces lívidas  
 « Requeimadas por as lagrimas;  
 « E minh'alma é morta já.  
 « Para meu coração languido,

« Aqui — neste mundo misero,  
 « Nem um só consôlo ha.  
 « Fui outr'ora qual a flôr  
 « Que refresca a viração,  
 « Mas dos gelos o rigôr  
 « Matou-me ainda em botão.

« Ai, quando tu melancolica,  
 « Aqui, neste plaino árido  
 « Me procuravas em vão,  
 « Que os filhos de minha patria  
 « Para combater chamavam-me  
 « Contra a dura escravidão.  
 « Formosa Hwintila, além  
 « No sangrento combater,  
 « Sentia esforçar-me alguem,  
 « Tu, só tu podias ser.

« Porém de hoje em diante, misero,  
 « Nesses combates mortiferos  
 « Quem animo me ha-de dar?  
 « Se tu já não tetes canticos  
 « Dos combatentes impavidos  
 « Ao bom genio tutelar?  
 « Pobre de mim! eu te oavi  
 « Dar o suspiro final!  
 « Sobre tuas faces vi  
 « Uma pallidez mortal.

« Tu deixaste o mundo, Hwintila,  
 « Porque a grande Hertha invejára-te  
 « Tuas graças divinaes.  
 « Eras creatura celica,  
 « Não quiz vêr-te a existencia  
 « A florir entre mortaes.  
 « Então tu'alma — veloz  
 « No grande Wal-halla entrou  
 « Foi de lá que veio a voz  
 « Que para lá te chamou.

—  
 Cantava assim triste bardo,  
 Curvando-se sob o fardo  
 De cruéis tribulações,  
 Suas faces eram lívidas,

E queimadas pelas lagrimas,  
E o seu coração languido  
Matavam-lh'o as paixões.

« Além, filho, na floresta,  
« Não ouves hymnos de festa,  
« Não vês o fumo no ar?  
« Não ouves d'aqui os canticos  
« Que entoam virgens teutonicas?  
« Não ouves vozes propheticas  
« Lá no bosque secular?

« Filho, oh, filho, não deploras,  
« Ouve, Hwintila, não chores,  
« Que é inutil teu chorar.  
« Tu já tens as faces lividas  
« Que t'as queimaram as lagrimas,  
« Teu coração é já languido,  
« Não o queiras dessecar.

« Filho, oh filho, escuta, corre  
« Para além, aonde morre  
« Um guerreiro lá do sul (\*)  
« Dize, não ouves os canticos?  
« Não vês tu por entre as arvores  
« O fumo do sacrificio  
« A subir p'ra o ceu azul?

Irvigio não respondeu,  
Que mudo o fizera a dôr;  
Seus olhos ao ceu volveu  
Com um pallido fulgôr.  
Quem não lh'intendêra a alma  
Onde não entrava a calma  
De um prazer animador?

Que lhe importam sacrificios  
Se Hwintila não vae lá?  
Se a linda virgem germanica  
Não pertence ao mundo já?

(\*) Romano.

Mas que cantos serão esses  
Que o vento de longe traz?  
Entoam-n'os mil guerreiros;  
Serão de guerra ou de paz?

« Filho, a patria é accommettida  
« Pelos guerreiros do sul,  
« Cuja terra, como dizem,  
« Cobre sempre um ceu d'azul:  
« Filho, a patria por ti chama,  
« Por teu braço a patria clama,  
« Vae por ella combater,  
« Porque só para ella existes...  
« — Ouve, escuta os cantos tristes  
« Que o vento nos vem trazer.

— Quaes aurochs furiosos lutamos,  
— Mas a hora maldita soou,  
— Em que a patria c'o pêso d'imigos,  
— Inclinou-se e gemeu... baqueou!

— Ai agora em seu trance afflictivo  
— Que nos resta? — com ella morrer,  
— Que o guerreiro seu sangue dará,  
— Mas escravo não sabe elle ser.

— Vós, oh filhos de Teut esforçados,  
— Hymno extremo á patria entoai;  
— Se do jugo livrar-se não pôde,  
— Morrereis com seu ultimo ai.

« Ouve, a patria por ti chama,  
« Vae por ella combater,  
« Se teu braço é já inutil  
« Deves com ella morrer.

Irvigio não respondeu,  
Que mudo o fizera a dôr;  
Seus olhos ao ceu ergueu  
Com um pallido fulgôr.  
Quem não lh'intendêra a alma  
Onde não entrava a calma  
De um prazer animador?

Que lh'importa a sua patria  
Se Hwintila não é lá?  
Se a linda virgem germanica  
Não pertence ao mundo já?  
.....

« Filho, oh filho, vês ao longe  
« Altivas aguias romanas?  
« Vês fugirem, sem vergonha,  
« Nossas cohortes germanas?  
« Filho, vês, e lá não corres?  
« Por tua patria não morres,  
« A' tua patria fiel?...

.....  
Ai! seu filho não o ouvia,  
Somno eterno já dormia  
Encostado ao seu broquel!

*E. A. Salgado.*

**Que pensas?....**

O meu viver na terra — é só tristeza,  
O meu goso na vida — é minha dôr!

*A. MARQUES.*

Donzella, tu julgas que eu vivo contente?  
Que, longe de ti, só me apraz o viver?  
Acaso não sabes que, triste e descrente,  
Venturas não goso, não goso prazer?!

Acaso ignoras, que longe e sósinho,  
Na dôr eu consumo meus dias tristonhos?  
Acaso ignoras, que á dôr me definho,  
Que, todos, fugiram d'outr'ora os meus sonhos?

Não sabes, donzella, que a triste amargura  
A vida consome do teu trovador?  
Não sabes que eu sinto nest'alma a negrura  
Dos tristes efeitos d'acerbo rigor?...

Não sabes, ó virgem, que agudo tormento  
Envolve meus dias no pranto e na dôr?  
Não sabes, donzella, entender um lamento,  
Que solta meu peito que aneia d'amor?

Donzella, tu julgas que eu vivo contente?  
Que, longe de ti, só me apraz o viver?  
Acaso não sabes que, triste e descrente,  
Venturas não goso, não goso prazer?!

Não sabes, ó virgem, que, longe e distante,  
A vida é p'ra mim um agudo tormento?  
Pois sabe, donzella: — quem ama constante,  
Sósinho não vive, não vive um momento!

Lamego 1 de Julho de 1851.

*D. Nuno de Locio.*

### Soneto

*Colocado na Eça da Senhora D. Theresa Maria da Encarnação Cardoso,*

Em 28 de Janeiro de 1851.

Foi mãe incomparavel, dôce esposa,  
Só filhos procreou d'alto talento;  
Não teve uma ancia só no passamento,  
Voou sua alma ao céo a ser ditosa.

Fadada foi por Deus que agora gosa  
Sobre milhões de sóes do firmamento;  
C'os justos ora está no ethereo assento,  
Por toda a eternidade venturosa.

Profundo soluçar lá tens ouvido  
Dos filhos teus, e o pranto de saudade  
Que o coração lhes chora tam sentido.

Supplica pois á Summa Magestade  
Que lhes pague por ti cada gemido,  
Dos bens sem conto seus co'a immensidade!

*J. S. de S.*

### Expediente.

Pede-se aos Snrs. Assignantes das Provincias, que não quizerem continuar com as suas assignaturas, o favor de devolverem este numero pelo proximo correio.

Assigna-se no Porto na loja de livros do Editor *F. G. da Fonseca*, aos Caldeireiros n.º 12 — e nas Provincias nas lojas do costume.


Por anno..... 960 reis.

Por semestre ..... 480 ”

*Errata.* — Km o n.º 26 da 1.ª collecção, a pag. 207, onde se lê — *Es bien dura la mia sorte!* — deve lêr-se — *Es bien dura la mia suerte!*



Soneto.

 ESPERANÇA que fagueira me sorri,  
Houve tempo que aos pés eu já calquei!  
Tua pura afeição já despresei!  
A tua alma sem par desconheci!..

Depois, anjo do ceu, que te perdi,  
A morte com fervôr eu invoquei!  
Mas hoje que de novo te encontrei,  
Se a vida viver quero é só por ti!..

Não me importa do mundo essa grandeza!  
Nada valem p'ra mim, eu t'o assevero,  
As pompas! as vaidades! a riqueza!..

Só te peço me dê amor sincero!  
A par desse sentir, dá-me firmeza!  
Dá-me o teu coração, nada mais quero!..

18 de Junho de 1851.

*D. Maria Cândida P. V.*

A uma menina.

Va, le sort te sourit encore,  
Le ciel ne peut vouloir, dissipe tout effroi,  
Et l'un jour triste succede a ta joyeuse aurore.

V. HUGO.

Que vida a tua — menina —  
Que vida tão innocente,  
Que vida rica d'esperança  
Tu vives tão docemente!

Como é bella a tua idade  
De poesia e d'amor:  
E's poeta — quando sentas  
As canções do Trovador.

Ancêas, tremes, suspiras,  
Vem-te ás faces o rubor  
Ao ouvir — meiga — os seus cantos,  
Porque são cantos d'amor.

— Tu amas — quando suspiras:  
Té amas o suspirar!  
Porque suspiras — nem sabes —  
Mas sentes o peito arfar!..

— Suspiras — quando saudosa  
Vês chegar o fim do dia;  
Porque vês correr ligeira  
Essa quadra d'alegria!..

Ficas então pensativa  
Em dôce melancolia;  
Mas assim inda és mais meiga,  
E's mais bella — tens magia!

Não suspires — virgem pura —  
Não tens porque suspirar;  
Tu da vida não conheces:  
O soffrimento, o penar.

E's formosa, casta e pura,  
Tu não tens de que tremer!  
Pódes sonhar dôces sonhos!  
Descuidada adormecer.

Deus creou os teus encantos,  
Encantos para admirar;  
Deu-te *angelica* belleza;  
Deus fadou-te para amar!

E tu amas — como a infancia  
Ama louca os brinços teus,  
Teu amor é tua vida;  
E' teu condão, é teu Deus!

Se feliz — goza da vida,  
'Stás na quadra das paixões;  
Essa quadra é d'uma instante,  
Morre após das illusões!..

Agora tens mocidade,  
Tens da belleza o fulgor;  
Tens as crenças vivas, puras  
No homem — no seu amor...

A' manhã talvez — quem sabe —  
Podem matar-te a esperança!  
E's mulher — és a virtude —  
Não conheces a vingança...

Goza pois — meiga donzella —  
Dessas puras alegrias...  
Nada temas — Deus é justo,  
Ha-de velar por teus dias.

Lisboa — Maio 1851.

*Antonio Lopes Barbosa d'Albuquerque.*

**Versos do passado.**

Amada, como só podem  
Ser os anjos do Senhor,  
Foste-o tu, perola augusta  
Da corôa do Creador.  
Os meus prantos, meus sorrisos,  
Os meus sonhos eram teus;  
Meus consôlos, minhas dores,  
Meus mais férvidos amores  
Consagrei-t'os como a Deus!

Ninguém teve mais poesia,  
Nem amor mais infeliz!  
Quanta fé podêsse dar-te,  
Virgem meiga, eu dar-te quiz!  
Tu não sabes como queimam  
As paixões um coração!  
E' preciso ter soffrido,  
Muitas lagrimas vertido,  
Sem pedir consolação.

Eu, sósinho e os meus tormentos,  
Alta noite hia aspirar  
De ti longe... auras d'esp'rança  
No meu tão triste scismar.  
O scismar, se é de poeta,  
Mal tu sabes quanto dóe...  
E' chorar essa saudade,  
Que nos vem daquella idade  
Em que a gente feliz foi!

Eu pensei reverdecer-se,  
Por milagre da paixão,  
Esta flôr, que vive um dia  
Dos viços do coração!  
Constrangí, forcei minh'alma  
A's chiméras do prazer...  
Pedi-lhe hymnos para dar-te,  
Crenças vivas para amar-te  
Com fervor... depois — morrer!

Murmuravam as fontinhas  
O teu nome em maga voz;  
O clarão da lua tinha  
Um mysterio para nós;  
O rumor destas florestas  
Era um hymno de encantar;  
E das noites a poesia  
Do silencio, que extasia,  
Tinha voz — «soffrer e amar!»

Soffri muito, e não me ouviram  
Que suspiros suspirei;  
Soffri muito e era ditoso,  
Na desgraça, porque amei...  
Tem sabor nossos martyrios,  
Se b desprezo os não pagou...  
São bem pagos, pois se temos  
Um sorrir no fim d'extremos...  
Que mais quer quem já chorou!!

Nada peço... Tu não podes,  
Dar ao lirio o seu frescôr...  
Pobre lirio, que esfolhaste  
Caprichosa, sem ter dôr!..

Teus encantos podem muito . . .  
 Quem o sabe mais que eu!  
 Se matar-me, anjo, podeste,  
 Não farás junto ao cypreste  
 Palpitar quem já morreu!

1 de Junho de 1844.

*Camillo Castello Branco.*

**Não me tenhas amor.**

(A \* . . . .)

Mulher! — cala-te. Esses prantos  
 Vida não me podem dar!  
 Em vão suspiras! — est' alma  
 Já nada a pôde acordar! . . .

Foge! — Não vês esta face  
 Fria, como a sepultura? . .  
 — Vae pedir da campa ao seio  
 Um suspiro de ternura!

Vae — que nem ha-de escutar-te  
 Ecco triste! — e a negra lousa  
 Nem ha-de, ao menos, dizer-te,  
 Se um cadaver lá repousa!

Assim eu! — Rocha insensível,  
 Nem prazer, nem afflicção!  
 Não te responde minh' alma;  
 Não te escuta o coração!

Foge! — Um cadaver não ames,  
 Que te não pôde adorar! . .  
 Não lhe imprimas esses beijos,  
 Que o has-de frio encontrar! . .  
 Mulher, foge . . . . que um cadaver  
 Não sente — não pôde amar!

21 de Julho de 1851.

*Augusto Pereira Soromenho.*

**Devaneios.**

I.

**RECORDAÇÕES.**

; Estrella! porque te elevas  
 Derramando luz nas trevas,  
 A que eu já estava affeito?  
 ; Anjo! porque o soffrimento  
 Por um terno sentimento  
 Substituíste em meu peito?  
 ; Mulher! porque me disseste  
 Que teu coração celeste  
 Para o meu só fôra feito?  
 ; Demonio! porque affagaste  
 O infeliz, e o arrojaste,  
 Outra vez, da dôr no leito?

E' o canto de minha alma,  
 Ao lembrar-se do passado . . .  
 Tormento que só acalma  
 O teu olhar adorado . . .  
 Sim, quando terno sorriso  
 Languído, vago, indeciso  
 Em teus labios vae voar,  
 E'-me um sonho fugidío  
 O passado, um desvario  
 Seu soffrer e seu gosar.

Tu ouviste-o . . . esse gemido  
 Que sahiu do coração? . .  
 Não o ouviste, ente querido . . .  
 Oh! por Deus dize que não!  
 Mas que tem? se o não entendes . . .  
 Não . . . que tu não comprehendes  
 Os mysterios que ha na dôr.  
 Tu, pobre anjo de innocencia,  
 Só conheces da existencia  
 Suas noas, seu amor!

Se ha no mundo quem affague  
 Tormentos que o poeta affigem . . .

Se ahí ha quem o amor pague  
De innocente e meiga virgem...  
E's só tu, ente querido,  
Que Deus me deu, condoído  
De meu tam triste existir...  
E eu... sei que tens na terra  
Nobre coração que encerra  
Puro, celeste sentir.

Oh! deixa que eu me recorde  
Desse dia em que te eu vi...  
Nada ha ahí que não me acorde  
Lembranças do que eu senti:  
Ouves a gemente vaga,  
Que quer devorar a plaga?...  
Tive um dia amargo e triste,  
Quiz a morte buscar nella,  
Quando, outra Venus, tam bella  
Tu d'entre a espuma surgiste!

E apenas se ergueu teu gesto  
Das ondas, não quiz morrer.  
Da dôr apagou-me o ésto  
O esperar tornar-te a vêr...  
E assim foi... vê essa lua,  
Que em pendente mar fluctua,  
Que aos tristes saudades dá?...  
Chorava uma noite a vê-la  
Quando outra vez visão bella  
Me sorriu... estavas lá!

## II.

## VISÃO.

N'uma noite não dormida,  
Dessas que o poeta só tem,  
Em brancos véos envolvida,  
Eu vi-lhe a sombra querida,  
Que para mim vinha além.  
Mais formosa inda ninguém  
Nem a imaginou, sonhando!...

Oh! que dôce enlevo, quando  
Ella me deu um olhar!...  
Nesse mágico momento  
Esqueci todo o passado,  
Por tanta dôr agitado;  
E do presente o tormento  
Me foi um triste sonhar.  
E o porvir?... esse advinhei-o  
Em seu sorrir de amor cheio,  
E disse-lhe em meu enleio  
« Sempre me has-de assim amar? »

Oh! que accents tam queridos  
Penetraram meus ouvidos!...  
Ainda hoje essa voz ouço  
De seráphica harmonia  
Das folhinhas no balouço,  
Em noite de amor saqueira...  
Talvez *ella* é quem m'a envia  
Nas azas de aura ligeira.

Ella... quem? não sei dizê-lo!...  
Era filha de um anhello,  
Nascido em meu coração?  
Era célica visão?  
Anjo que de sua mansão  
O Senhor me quiz mandar?  
Que me importa? enfim... é *ella*...  
E' a creatura mais bella  
Que Deus podia formar!  
E' o ente que amei outr'ora  
Em meus sonhos... que amo agora...  
Que hei-de eternamente amar.

E' aquella  
Que nessa noite tão bella  
Para mim risonha veio  
E disse « Eu creio  
Não te hei-de amar sempre assim...  
Que o ceu encerra  
Mais puro amor que o da terra...  
Amor sem fim... »

E eu despertei desse sonho,  
 Como dos que eu tinha de antes...  
 Mas esses breves instantes  
 Que durou, foram bastantes  
 Para eu vêr de aureo matiz  
 Bordada por mão de fada  
 Do meu viver negra téla!  
 Visão té no acordar bella!  
 Quando eu despertava della  
 Cria já... era felia.

III.

CANTO.

Tu, meu Deus, ouviste o canto  
 Que sahiu desta alma então!..  
 Essa que eu cri amar tanto  
 Nunca assim me inspirou, não...  
 Mas eu o passado olvidára,  
 Senão talvez despertára  
 Dessa lethargia cara,  
 Cuja saudade inda me não deixou.  
 Mas a saudade é ao goso  
 Que então me fez venturoso,  
 Como este hymno imaginoso  
 E' para o que então ella me inspirou.

Ente celeste! que viver preparas  
 Ao que esperava perecer na dôr!  
 No peito eu sinto as affeições mais caras,  
 Florindo á sombra de teu verde amor.

Amo-te como a terna mãe amára,  
 Se não fosse no ceu, junto ao Senhor..  
 Oh! talvez que ella amar-me te mandára  
 A mim... orpham infeliz de seu amor.

Se és ente cá da terra, viste-a em sonhos?  
 Contou-te o meu viver só de amargôr?  
 Tu dias prometteste-lhe risinhos  
 Para mim... oh! bem-vindo o teu amor.

Eu te amo como a cara liberdade  
 E a terra que sorriu ao meu verdôr...  
 Por ella eu martyr fôra, e dá saudade  
 A victima eu serei sem teu amor...

Amo-te como a Gloria... unica estrella  
 De que eu segui outr'ora o aureo fulgôr...  
 Mas vêr-te foi o mesmo que esquecê-la,  
 O seu brilho eclypsou-o teu amor.

Só para te cantar terei a lyra,  
 Não para ornar meu nome de esplendor...  
 Melhor que o ruido a que o mortal aspira  
 Soa em teus labios a palavra — amor—

Amo-te ainda mais como a Deus amo,  
 Deus que lançou em meu caminho a flôr,  
 De lá cahida de um celeste ramo,  
 Que tinha por perfume o teu amor.

E' só por ti que eu a existencia quero...  
 Por ti a morte não me inspira horror...  
 Para onde quer que ella me leve, espero  
 Gosar ainda teu eterno amôr.

Junho — 1851.

Silva-Ferraz.

**Revelação involuntária.**

Tenho um segredo  
No coração,  
Que a ti, oh anjo,  
Não digo, não.

Morrerá um dia  
Comigo só,  
Quando á morada  
Descer do pó.

Qual o de outr'ora  
Vate infeliz,  
Que suspirava  
Por Beatriz,

Assim suspiro,  
Anjo, tambem,  
Sem o motivo  
Dizer a alguém...

Mas ai, donzella,  
Que revelei?!..  
Ai! que ségredos  
Guardar não sei.

25 de Junho 1851.

*E. A. Salgado.*

**Uma meditação.**

As nações todas acabam,  
Findará o meu paiz.  
Grandes imperios desabam,  
Todos curvam a cerviz.  
Todos tem hora marcada,  
E quando ella fôr chegada,  
Ai da terra malfadada!  
Que foi Deus qu'assim o quiz.

Nem o colosso que abrange  
Todo o paiz conquistado  
Desde a Grecia quasi ao Gange  
Foi mais bem afortunado:  
Qu'esse mesmo desabou,  
E da carta se riscou,  
Só na historia conservou  
Seu poder desmesurado.

Nem o poder colossal  
Dessa nação espantosa,  
Que não teve outra rival  
Senão Carthago a famosa:  
A' acção do tempo resiste,  
Qu'hoje della nada existe  
A não ser lembrança triste,  
Ou pretensão orgulhosa.

Nem ess'outra monarchia,  
Que da Siberia té o Gange,  
E da China p'ra a Turquia  
Espaço tão grand'abrange:  
Poude c'o a sorte lutar,  
Qu'em ella qu'rendo matar...  
Oh! ninguem pôde aparar  
Os golpes de tal alfange!

E se d'Alexandre o imperio,  
E se Roma colossal  
Jazem já no cemiterio,  
Deixado o mundo a final;  
Como pôde esta nação  
Ter ainda duração?!  
Não hirá mui longe, não.  
Vejo o patrio funeral!..

Houve aqui povo gigante,  
Que sem ter grand'extensão  
Arrojou c'o seu guante  
Muito além da aurea Ceilão:

Batalhou, venceu, por fim,  
Passa o golfo de Tonkin,  
Treme o monarcha em Pekin  
Pelo paiz de Cantão!...

Póde ser, não saibam nada  
Do que nós hoje sabemos;  
Carthago jaz arrazada...  
A sua historia perdemos;  
Pois que Roma furiosa  
Na sua raiva espantosa  
Quiz que da rival famosa  
Nem ruinas encontremos!!!

Mas ao menos n'um outeiro  
Não ficará um signal,  
Que diga a algum caminheiro  
Ond'era a terra natal  
Do que Roma não domou,  
Qu'a Boa-'Sperança dobrou,  
E que a India conquistou;  
Qu'era alli o Portugal?!...

30 de Dezembro 1848.

*A. de Castro.*

○ Nauta.

AO MEU AMIGO ANTONIO JOSÉ DE SOUSA.

.....  
Se a minha esp'rança foi morta  
Co'a desventura a lutar!  
Se no fim de acerbas mágoas  
De amor ardendo nas fraguas,  
Só nas lagrimas... nas reguas  
Posso as penas sepultar.

R. A. DE BULHÃO PATO.

Era noite: o immenso mar  
Contra os penedos batia:  
Lamentosa alcyon gemia,  
Imitando o suspirar  
Do amante que perdia  
A virgem do seu sonhar.

— E o nauta miserando..  
Estes cantos vae cantando.

— Lembrança da patria mintia!  
Como vens alimentar  
Esta vida tam mesquiinha,  
Que eu já sinto defunhar...  
Para um filho de teu povo  
Dá-me, oh patria, um canto novo.

Ouve, diz-me, patria amada,  
Ainda tens no seio teu,  
Linda Fatima guardada?  
Olha, diz-lhe que sou eu  
Que lhe brado destas plagas,  
Vem... amemos junto ás vagas.

Oh! aqui ao pé das agoas  
Meu amor não terá fim!  
Terão fim só minhas mágoas,  
Quando estejas junto a mim:  
Vem... enxuga-me este pranto  
Com teu meigo e terno canto.

Seja aquelle que cantavas  
Do luar á froixa luz,  
Quando, á noite, vagueavas,  
Nos lindos plainos de Ormuz.  
Falla, falla de Idalina,  
Dessa virgem tam ferina.

Oh! que canto tam sentido!  
Como n'alma se gravou,  
Arrancando-me um gemido,  
Qual jámais peito gerou!..  
Não era assim que dizia  
O descante que eu te ouvia?

—  
« Eras amada, Idalina,  
Mas ferina,  
Aviltaste essa paixão...  
De seu puro e casto amor  
O amador  
Só colheu negra traição. »

« Fôste perjura, Idalina ...  
 Tua sina  
 Condemnou-te á maldição.  
 Pois tornou-se vingador  
 O amador,  
 E puniu tua traição! »

Era assim a canção que cantavas  
 Com tam dôce, tam terno sorrir;  
 Era assim que tu firme juravas  
 Os teus labios jámais polluir.

Quantas vezes sentado a teu lado  
 Maldizer Idalina eu ouvi?  
 Oh! então eu de amor enlevado  
 Castos gosos no peito nutri.

Mas quão louco que eu fui, inda agora  
 Por sonhar c'o prazer, sem lembrar  
 Que do tempo gostoso de outr'ora  
 Nunca posso um momento gosar.

Minhas crenças de então já murcharam,  
 Nem Fatima tornei mais a vêr...  
 Que do inferno ao proscripto bradaram,  
 Só te resta chorar e morrer.

E eu já prantos chorei de amargura,  
 Só me resta findar minha dôr,  
 Procurando na morte a ventura  
 Que perdi de Fatima no amor.

Adeus, patria! adeus, Fatima!  
 E' por ti que eu vou morrer,  
 O momento se aproxima  
 De p'ra sempre te perder.

Encapellado o mar forceja altivo  
 Em escarceus horrendos contra as rochas;  
 A cada instante o temporal recresce,  
 E vem as trevas alumiar o raio,  
 Rasgando as nuvens que passar o deixam.  
 E o baixel do proscripto malfadado  
 Vaga sem rumo, solitario no êrmo  
 Infinito das ondas, de que é brinco.

Acalmára a tormenta: o mar já tinha  
 Despedaçado esse baixel tam forte  
 De encontro ás fragas sempre immoveis, quêdas.  
 Nada restava... só passado tempo  
 Vê-se vagar á flôr das torvas agoas  
 Do infeliz nauta o corpo inanimado —  
 Cadaver frio, envolto na mortalha,  
 Inda mais fria das gementes ondas,  
 Que pouco a pouco lentamente fogem,  
 Par'cendo em sons queixosos, tristes eccos  
 Contar o fim tam triste do proscripto,  
 Dizendo suas ultimas palavras:  
 Patria... Fatima... adeus!

Porto — 1851.

N. Lima.

soneto.

*Foi capricho feroz roubar-me a vida!...*

Demonio! que encontrei no meu caminho  
 Hirto d'espinhos desde o berço á morte...  
 Mulher! não me angusties!.. mais negra sorte  
 Não queiras que eu arraste aqui mesquinho!

Tu nesta alma entranhaste a dôr do espinho  
 D'uma céga paixão... eis-me sem norte  
 Perdido neste mar, sem quem se importe  
 De vêr-me aqui morrer... morrer sósinho!

Mulher! eu que te fiz?! porque inspiraste  
 Esta alma nas paixões adormecida,  
 E logo tão cruel me abandonaste?!

Mulher! eu perjurei?! foste trahida?!  
 A fé, que eu tive em ti, porque a mataste?!  
 — *Foi capricho feroz roubar-me a vida!..*

(No Senhor do Monte).

?



## O meu viver!

**M**eu viver era ditoso,  
 Meu viver é desgraçado!  
 Meu coração que já foi  
 Por terno amor animado;  
 Hoje soffre mil torturas  
 Da saudade atravessado!

Quando estou na flôr da idade,  
 Dos meus annos no verdôr!  
 Quando o mundo amar devia,  
 Com paixão, com fé, e ardôr!  
 Minha vida é só tristeza,  
 Só pesar, tormento e dôr!

Socego, dita, e ventura,  
 Ai de mim! tudo perdi!  
 Dentro da alma já não sinto  
 Dôce paz que já senti!  
 No meu peito vai murchando  
 Meiga esperança que nutri!

Do meu passado existir,  
 Saudosa recordação!  
 O receio de perder  
 Pura celeste visão!  
 Uma por uma me estalam,  
 As fibras do coração!

Não haverá sobre a terra  
 Dôce allivio ao meu penar?  
 Não haverá um só ente,  
 Que me possa consolar?  
 Branda mão que enxugue o pranto,  
 Que derramo sem cessar?!

Oh! que não! findar não pôde  
 Minha dôr, minha amargura!  
 Encontrar só poderei,  
 Minha perdida ventura,  
 Quando cobrir minha cinza,  
 A lousa da sepultura!!!

2 de Agosto de 1851.

*D. Maria Cândida P. V.*

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

AGOSTO 7 — 1851.

## Ode.

A MINHAS PRIMAS D. ANNA A. DE SÁ, E  
 SUAS IRMÃS.

Sinto meus dias turbidos correndo,  
 Tão tristes e pesados;  
 Que só, formoso côro, só tu pôdes  
 Dar-lhe divino alento.

Olhando aos altos céos, d'onde baixaste  
 Oh tu, querida Annalia,  
 Ergue a paterna voz, lá sobre os astros  
 Meu nome collocando.

Imita de Israel ethereos vates;  
 E os anjos, e os archanjos  
 Com a Biblia na mão serão contigo,  
 A teu lado cantando!

Oh quão sublime a lyra se levanta  
 Dos pés do sanctuario!  
 Oh quão pura a dicção, quão bella a frase  
 A da Santa Escriptura!

Assim outr'ora as nymphas amorosas,  
 Dos lares de Vizella,  
 Em seus mimosos braços arrolavam  
 De Sá os tenros filhos.

As famosas canções, que alli nasciam,  
 D'alli aos céos voavam:  
 Ellas, nos livros santos embebidas,  
 'Spargiam dôce nectar.

Chuvia um santo orvalho, estremecendo  
 De Sá nas verdes plantas!  
 As nymphas do Vizella o derramavam  
 Por tão ditosas selvas.

Taes, Annalia gentil, os fados altos  
 Dos nossos bons maiores.  
 Desde a mais tenra idade ás musas dados,  
 Na Biblia meditando.

NUM. 3.

Eia, formoso côro, herdeiras dignas  
De scintillantes genios :  
Cantando, orai por mim, já caducante :  
Dai-me divino alento.

*J. J. de Sá.*

### A Vareira.

(No Album do Ill.<sup>mo</sup> Snr. Carlos Nogueira  
Pinto Gandra).

#### CANÇÃO.

Nascida entre as finas areias doiradas,  
Que as margens guarneceem  
Das praias d'Ovar,  
Vagando nas ribas, d'espuma banhadas,  
Risonha ventura  
Me vem afagar.  
— Aqui, nestes êrmos,  
E' dôce  
Viver;  
Bem longe do mundo  
Só gózo  
Prazer.

E quando serenas se agitam as vagas,  
Qual peito de virgem,  
Que aneia d'amor,  
E lá quando o vento descanta nas fragas  
Um hymno sentido  
Que envia ao Senhor!  
— Então, no meu barco,  
Vou, lêda,  
Saltar,  
E as velas desfaldo  
Voando  
No mar:

Voando, voando no dorso agitado  
Da branca mareta  
Bordada d'azul,  
Qual vóa nos lagos o cysne nevado,

Por tardes calmosas,  
Boiando taful.  
— E as figas e rédes  
Eu lanço  
No mar.  
Que vida tão grata!  
Que bello  
Folgar!

A's vezes, de noite, por serras d'areia,  
Caminho sósinha,  
Cantando, ao luar;  
Eu vou á cidade, que ao longe campeia,  
Vender os productos  
Das pescas do mar.  
— Com dôces fadigas  
Sustento  
Meus paes!  
Oh Ente Supremo,  
Bemdito  
Sejaes.

Nos imos do peito da humilde vareira  
Não calam os sonhos  
De negra ambição;  
As ondas, as rochas, a brisa ligeira,  
O limo das fragas,  
A areia do chão...  
— Os gozos são estes  
Dos êrmos  
D'aqui;  
Com elles me quero,  
Com elles  
Nasci.

Nos dias de festa — que trajo engraçado!  
Eu visto um collete  
De fiço carmim,  
Um cinto verdinho, chapéo desabado,  
— Que coisas tão lindas,  
Tão bellas p'ra mim! —  
— E a saia, curtinha,

Com fitas  
D'anil,  
Descobre os contornos  
Da perna  
Gentil!

E quando os mancebos, seus olhos fitando  
Nos meus tão escuros,  
Me fallam... d'amor!

Eu sinto nos labios o riso pairando,  
Nas faces morenas  
Eu sinto o rubor;  
— Mas ai! que depressa

Se géla  
Meu rir,  
Que eu temo, medrosa,  
Me queiram  
Trahir.

Ai! serras, fragedos, ai! vastas areias,  
Ai! terras da patria  
Quão gratas que são!

Ha laços mais fortes, mais dôces cadeias?  
P'r'á filha das praias,  
Por certo que não: —  
— Que eu vivo gostosa

Nas terras  
D'Ovar —  
Vagando nos êrmos,  
A' beira  
Do mar.

Porto — Julho de 1851.

*A. P. Caldas.*

### Felicidade na isolação.

OFFERECIDA Á EXC.<sup>ma</sup> SENHORA D. \* \* \*

Que triste não é o viver entre o mundo  
Qual flôr, que n'um solo estrangeiro nasceu?!  
Da noite ao silencio contar o que sinto.....  
Da noite... que os homens nenhum me entenderam?

Nenhum... que elles hoje — talvez os melhores!  
Do vil scepticismo trajando a libré,  
De tudo que é nobre, que é grande escarnecem,  
No vicio, no crime sómente tem fé!!.....

E eu insensato! pedi-lhe uma parte  
Pequena que fosse no seu coração;  
Abri-lhe confiado do meu os arcanos,  
E a paga que tive..... foi 'scarneo ou traição!

E que outra podia alcançar desses homens,  
P'ra quem a materia sómente é real?!...  
Fallei-lhe em paixões, na virtude, e na honra,  
Quando elles só sabem, só crêem no mal!...

Então aprendi a viver só comigo,  
A achar dentro em mim um amigo o melhor;  
As mágoas que tenho do peito as confio,  
Encerro-as allí, — não as ouve um traidor.

Se sóffro, não solto lamentos cobardes,  
Allivio, ou piedade pedir-lhes não vou;  
Tiveram p'ra mim um sorriso d'escarneio,  
Em troco o mais fundo despréso lhes dou.

Qual hera pendente d'um muro em ruina,  
Por sóra mostrando brilhante verdôr,  
Assim a minha alma c'um viço fingido  
Esconde as profundas ruinas da dôr.

Da dôr... que se ainda me assoma um sorriso,  
Se os olhos, se as fallas reveste o prazer,  
E' sol passageiro, que o rosto illumina;  
Mas que a alma gelada não pôde aquecer.

Porém soffra embora: ... no peito rasgado  
A dôr concentrando, hão-de vêr-me sorrir;  
Depois só a mim pedirei lenitivo,  
Que aos outros despréso, não baixo a pedir.

Menti; ... não é triste viver isolado  
— O homê que pensa jámais está só;  
O Eterno e sua alma povôa o deserto,  
O resto não vale um momento de dô.

Evoca ante si os heroes do passado,  
Escuta-lhe as fallas, as nobres acções;  
E em sonhos creando outro mundo mais bello,  
Da terra, dos homens esquece as prisções.

\*

Sua alma revôa nas azas dos sonhos,  
Arroja atrevida seu vôo p'r'o ceu;  
E lá d'entre nuvens lhe surge uma virgem,  
Qual outra tão bella jámais concebeu.

Do ceu!... é um anjo?... seu dôce sorriso,  
Seus olhos, suas fallas desvairam d'amor....  
Um'hora sómente desta arte passada,  
Que um sec'lo de vida tem prego maior.

Que são a par della mulheres da terra?  
Tão baço reflexo vão outros amar:  
— A mente divina d'um bardo só deve  
Um ente divino tambem adorar.

Que val pois viver isolado entre o mundo,  
Se o genio se pôde crear um melhor?!  
Sejamos qual ave, que larga o seu ninho,  
E a climas mais dôces vai dar seu amor.

Menti.... não é triste viver isolado;  
O homê que pensa jámais está só:  
O Eterno e sua alma lhe dão a ventura,  
O mundo não vale um momento de dó.

3 d'Agosto de 1851.

*Delfim Maria d'Oliveira Maya.*

#### Amas-me?

Julia! diz-me:

« As tuas crenças  
« São profundas como a dôr  
« Que se inspira da saudade,  
« Quando a punge um casto amôr?

« Tu em mim tens crenças, Julia?  
« Por ventura vês escripta  
« Na paixão que os labios calam  
« Uma paixão infinita?

« Se o Senhor um dos seus anjos  
« Enviasse a ti dos ceus,  
« Amarias com ternura  
« Esse enviado de Deus?

« Se teus olhos penetrassem  
« Algemas do coração  
« Chorarias, vendo a mágoa,  
« Que envenêna uma paixão?!

(No Senhor do Monte).

?

*Ao lêr a poesia — Á VIOLETA — que se  
dignou escrever no meu album a  
Exc.<sup>ma</sup> S<sup>ra</sup>.<sup>a</sup> D. Isabel M. C.*

Quando li, anjo, os teus versos,  
Tive orgulho e fui feliz!  
Senti muito.... quiz contar-t'o,  
Mas não posso revelar-t'o  
Como o coração m'o diz.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Cantaste na tua lyra  
Com candura, com primôr,  
Revelaste que soffrias  
Ao cantar tão linda flôr.

Que soffrias... que penavas...  
Bem m'o disse o coração;  
Bem m'o disse a melodia  
Da tua meiga expressão.

Tu disseste á Violeta:  
« Exprimes melancolia  
« Da minh'alma és o retrato,  
« D'ella tens a sympathia. »

Ai, donzella, quanto é grata  
A tua dôce expressão!  
Como falla maviosa  
Tão sentida ao coração.

Diz-me, ó anjo, quem t'inspira,  
Os teus carmes d'encantar?!  
Diz-me, quem é tua musa?  
Quero-a tambem exaltar!..

Cantaste na tua lyra  
Com candura, com primôr,  
Revelaste que soffrias  
Ao cantar tão linda flôr.

Porto 8 de Julho de 1851.

A. M. S.

**Lamentos de Camões.**

AO MEU AMIGO ANTONIO A. SOARES DE PASSOS.

Vinde afagar-me os ultimos momentos,  
Dôces recordações do meu passado!  
Despertem vossos gozos e tormentos  
Alma, que dorme somno socegado.  
Assim despertam perfumados ventos  
A flôr, que á noite adormeceu no prado,  
Até que surge aurora appetecida  
Que lhe traz, co'a luz nova, nova vida.

Quando o exilado chega á patria terra,  
Antes que pize a conhecida plaga,  
Olha esse mar, com que lutou em guerra,  
E cujo ruido ainda o embriaga:  
Minha alma já tambem o porto aferra  
Onde acharei enfim repouso, e paga  
A's fadigas do mar que o meu esquite  
Rojou a mais de um áspero recife.

Antes humida vista de saudade  
Quero alongar por essa minha vida;  
E será esse o olhar extremo, que ha-de  
O mundo ter da victima esquecida...  
Ninguem vem minorar minha anciedade!..  
Tal solitaria flôr, no êrmo nascida,  
Onde as auras não vão, nem luz, nem nada,  
Morre, como viveu, abandonada.

Eu já morri ha muito! Quando o mundo  
Me negou illusões, que eu lhe pedia,  
Quando nos homens meditando a fundo  
Cubriu meu coração nuvem sombria,  
A morte da alma, o tédio mais profundo  
Eu senti de um viver que offerecia  
Espinhosos abrolhos, cruas dôres  
Ao que esperava nella encontrar flôres.

! Patria! Amor! Gloria!  
; Simulacros santos!  
Incensos puros vos rendeu minha alma!  
Hoje, depois de desenganos tantos,  
Ao vêr que só por vós não tive calma,  
Inda que falsos são vossos encantos  
Que me negaste promettida palma  
Não vos sei maldizer!.. ainda agora  
Minha alma enternecida vos adora!

Oh! como de esperanças me fizestes  
Pulsar outr'ora o coração no peito!  
Que doces gôzos e emoções me destes  
Nesse viver, em lagrimas defeito!  
E ainda agora sois vós, visões celestes,  
Que me abarcaes o miserando leito!..  
Já louros não trazeis, nem rosas lindas,  
Só saudades... embora!... sois bem-vindas!

Nathercia! era o seu nome! o nome d'ella!  
Quando me esquecerá? lá sob a lousa!  
Creio que não... lá mesmo a essa voz bella  
Ha-de tremer o corpo que repousa.  
Tu, que foste na vida a minha estrella,  
Cujó amor nem a morte roubar ousa,  
Lá do ceu, onde estás, d'onde eras filha,  
Do teu cantor sobre o sepulchro brilha!

Oh! que sublimes affeições! que amores!  
Ninguem os teve como nós ainda!  
De quanta gloria havia eu quiz as flores,  
Para te offertar dellas a mais linda!  
Soldado, dos combates nos fervores  
Por ti me quiz cobrir de gloria infinda!  
Poeta, quantas vezes eu sonhava,  
Que minha fronte tua mão laureava!

Nos campos da batalha sorrir via-te  
Deslumbrante, do gladio no lampejo;  
Invocava o teu nome, depois hia-te  
Imprimir casto mas ardente beijo,  
Beijando a cruz da espada... então surria-te  
Um sorrir puro, sem mortal desejo,  
Que á tua linda imagem tam querida  
Estava — alli — a do meu Deus unida!

Se depois repousava o leito duro  
De pedras só tornava-se de flores...  
Teu lindo gesto me surria puro  
Da noite nos balsámicos vapores.  
Vinham então as crenças no futuro  
E o meu viver real e minhas dôres  
Eram-me então quaes sombras fugidias  
Diante das matutinas harmonias.

Que dias assim rapidos corriam!

Quantas horas felizes se escoavam  
 « De noite em doces sonhos, que mentiam »  
 « De dia em pensamentos que voavam : »  
 Mas que tormento quando me fugiam!  
 Ao despertar que dôres me esperavam!  
 E' tam triste sonhar feliz ventura,  
 E acordar para vêr só amargura!

Morreu! Morreu! porque inda me esvoaca  
 Na tôrva mente esta fatal lembrança?!  
 E' a crença que no espirito me passa  
 Do amor que além da morte inda se alcança,  
 Pôde a morte roubar-lhe a vida escaça,  
 Mas nem pôde murchar minha esperança  
 Que deixarei quando deixar a vida...  
 Quando no ceu emfim me fôr cumprida!

! Patria! ai como eu te amei! Se ter ciumes  
 Se pôde ter de quanto terno se ama,  
 Podia-os ella ter! E'reis dois numes,  
 Que em meu peito incendieis igual chamma!  
 Se via a Deus da terra nos perfumes,  
 Ou no fogo do ceu, que astros inflamma,  
 Eu erguia uma prece ao Ser Divino,  
 E eram dois nomes só todo o meu hymno!

Patria! ai como eu te amei! Tuas memorias  
 Minoravam-me as dôres do desterro...  
 Foi lá que eu descantei tuas victorias!  
 Foi lá que em prantos deplorei teu erro!  
 E em quanto motejavam tuas glorias  
 Almas de gêlo, corações de ferro,  
 Eu cria-me feliz por ser teu filho,  
 E quiz dos teus heroes seguir o trilho.

Fui teu soldado então. Quantas mortalias  
 Vi talhar ante mim o anjo da morte!  
 Seu bafo, atravessando as ferreas malhas,  
 Hia fazer morder o pó ao forte.  
 Julguei que ao sôpro ardente das batalhas  
 Podias refflorir; mas fero norte  
 Açalára a raiz, marcára o termo  
 Ao cedro que se erguia rei do êrmo!

Breve tua hora soará tremenda!...  
 Ai, pobre patria, morrerás em breve!  
 Já teus filhos não seguem nobre senda  
 Desses heroes, que Portugal já teve...  
 Alkâcer-Kibir é a triste lenda  
 Que sobre a tua campa a infamia escreve  
 De almas vís patricidas, que em escravos  
 Os descendentes tornarão de bravos!

Ao menos eu nunca verei a terra  
 Que tanto amei curvar-se á tyrannia!  
 ; Vem, somno eterno! estes meus olhos cerra,  
 Que a luz não vejam do funéreo dia!  
 Ouvir não quero em vez de voz de guerra  
 Som de algêmas, que aceita a cobardia...  
 Deus me ouvirá, e um só sudario ha-de  
 Envolver a Camões e á liberdade!

Depois... que o meu cadaver pize embora  
 De Portugal a raça renegada!  
 Riam tyrannos! minha extrema Aurora  
 Inda allumiará do livre a espada!  
 Calquem o pó que já animou outr'ora  
 Chamma celestial por Deus creada,  
 Em quanto ao ceu tu voarás, minha alma,  
 E lá do livre colherás a palma!

Morreu tudo o que amava o pobre vate!  
 Morreu Nathercia, e a patria esmorecida  
 Os seus filhos em vão chama ao combate;  
 Não lhe escutam a voz desfallecida.  
 Tambem meu coração, se ainda bate,  
 E' porque já viveu risonha vida,  
 E ainda se nutre da vivaz memoria  
 Que tem desse viver de Amor e Gloria.

Gloria! Nítida estrella, que inquieta  
 Fulguras feiticeira e luminosa  
 Nesse ceu, que entrevê só o poeta  
 Do seu viver na noite tormentosa,  
 Eis-me tocando da existencia a meta,  
 Sem vêr ainda tua luz mimosa...  
 Será preciso que esta vida eu cesse  
 Para que, ó astro, teu brilhar comece?

Sim, quando a terra abandonar minha alma,  
 A' terra descerás, astro tam bello!  
 Meu pó, que então desejará só calma,  
 Virão teus resplendores aquece-lo.  
 Só do poeta o amor não acha palma  
 Na terra... é sonho, é não cumprido anhello,  
 E ha-de delle restar só, quanto resta  
 Da passagem das auras na floresta:

Um leve sopro, que agitou passando  
 A debil flôr que se abandona a elle,  
 E que se agita ansiosa suspirando  
 Ao vêr, que o silfo seu amor repelle;  
 Té que perdido o viço e aroma brando  
 Morre, sem ter quem sua morte vele,  
 Como este coração já agitado  
 Por tanto amor morre hoje abandonado.

¡ Patria! que é o teu sceptro de rainha,  
 Com que te alçavas entre os reis do mundo?  
 ¡ Gloria! onde está a fé, que em ti eu tinha?  
 ¡ Amor! onde é teu ancian profundo?  
 Aprouve aos ceus assim! foi sorte minha  
 Que tudo visse morto o moribundo!...  
 Que saudades posso eu levar da terra  
 Que só ventura mentirosa encerra?

Mas se em troca da gloria deslumbrante,  
 Que a meu nome dará tardio fausto,  
 Tu podes, Patria, ainda ser gigante,  
 Tome-a o Fado cruel em holocausto!...  
 Senão... adóce teu final instante  
 O vêr de um filho teu morrer infausto...  
 Vê que desço inda livre ao meu jazigo  
 E alegre morro por morrer contigo!

Julho de 1851.

*J. S. da Silva-Ferraz.*

soneto

Ao lêr a linda poesia da Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria  
 Candida P. V., inserida no numero antecedente.

A esp'rança que fagueira te sorria  
 Para que, virgem bella, aos pés calcaste?!  
 E porque, sem ter dôr, abandonaste  
 A quem ardente amor por ti sentia?!

E's mulher — e a mulher não conhecia  
 Tam puro sentimento? — assim erraste?!  
 E's poeta — e poeta despresaste  
 Um sentir, que elle só bem avalia?!

Tu crávaste o punhal sem ter piedade!  
 Mas se aquella affeição desconheceste,  
 Foi sómente inconstancia, e não maldade.

Agora, que a sua alma compr'endeste,  
 Por ter dó, ou remorso, ou por bondade,  
 Vens-lhe dar teu amor — alfim cedeste. —

Porto 25 de Julho de 1851.

*Antonio Lopes Barbosa d'Albuquerque.*

Um hymno.

Minh'harpa, embora sejas triste e pobre,  
 Bem falta d'harmonia,  
 Desprende aqui, humilde, um sacro hymno,  
 Não cheio d'ufania:  
 Desprende-o, em alta noite, no silencio  
 De toda a natureza,  
 Em que s'escute apenas murmurando,  
 Alegre ou em tristeza,  
 O mar, entre os rochedos a quebrar-se;  
 Da brisa o ciciar,  
 Serena, lá do bosque na espessura;  
 Do mocho o suspirar.

Eu sempre louvarei o Ser Eterno,  
 O Rei da criação,  
 Que o ceu, a terra, o mar, a natureza  
 Formou n'uma expressão!  
 Eu te saúdo, oh cruz, no monte erguida,  
 De musgo só c'roada:  
 Tu és da divindade a imagem santa  
 Dos homens tão calcada!  
 Eu te saúdo, oh cruz, em quem a esp'rança  
 Procura o trovador:  
 Em ti medita o moribundo crente  
 Na agonizante dôr.  
 Quando eu, tambem, ao vir da morte a fouce  
 Ceifar-me a existencia,  
 Nessas angustias estiver gemendo,  
 Vem tu ser a essencia  
 Que dê conforto, que console esta alma;  
 Assiste ao meu morrer  
 Só fertil d'amarguras, doloroso,  
 D'extremo padecer.

Poeta, livre sou. Eu vélo e penso,  
 E rogo inspirações  
 Do mar ás ondas, da campina ás flôres,  
 A tudo... ás sensações.

Porto, 8 de Julho de 1851.

*Sohs.*

Eu.

Queres vêr, meu anjo, a rosa  
Ceifada ainda em botão,  
Que pede ao sol lhe dê vida;  
Pedindo as folhas em vão?

Queres vêr a imagem triste  
D'um ente que já viveu,  
Mendigando amor na terra?  
— Ergue teus olhos... Sou eu!...

28 de Julho de 1851.

A. S.

Sorriste!....

(M. S. P. G.)

Heureux qui près de toi pour toi seule soupire!  
Qui jouit du plaisir de t'entendre parler,  
Qui te voit quelquefois doucement lui sourire!

SAPHO — Traducção de \*\*\*

Formosa — p'ra que sorriste,  
Se a tua mágoa exprimiste  
Nesse sorriso do ceu? —  
Que um reverbero d'esp'rança  
D'um porvir — todo bonança —  
Reflectiu no peito meu.

Hoje sorriu-me a ventura,  
A'manhã a sepultura  
Me desfolha a illusão!...  
E, depois, a eternidade  
Vem mostrar-me a realidade  
Dessa magica visão! —

Que me resta n'outra vida,  
Onde o empyreo não convida  
A gosar terreo prazer?!...  
Só me resta uma lembrança,  
Que a dureza da tardança  
Não suffocou ao morrer.

Sorriste! mas eu não creio  
Que fosse só com receio  
De eu descobrir tua dôr!...  
Bem hajas! — candido anjo,  
Que n'um sorriso d'archanjo  
Dizes soffrer — e amôr!

Julho 13 de 1851.

J. P. F. C. Sarmiento.

Charadas.

Não ha nada neste mundo, } 1  
Que de sete uma não tenha: }  
— Nobre appellido d'outr'ora, } 1  
Inda o nobre ha quem sustenha: }

Numa em Roma — e Viriato  
Em terras de Portugal —  
Consultas fingem mil vezes  
Comigo pobre animal.

Mas assim seus planos vingam  
Entre as turbas bellicosas;  
— Que sem mim talvez não fossem  
Essas turbas humildosas!

Percira-Caldas.

Tempo foi, em que só elle, }  
E filhos, e netos seus } 2  
Tiveram o sacerdocio }  
Dos altares do nosso Deus. }

Não cuides, porém, que um só }  
Ha corrido depois disto; }  
Porque foi em priscas eras, } 2  
E antes de Jesus Christo. }

Se não desejas  
Por tal passar,  
Medita bem  
Antes d'obrar.



Um Canto.

A SENTIDÍSSIMA MORTE DO ILL.<sup>mo</sup> SNR MANOEL  
AUGUSTO DE SERPA PINTO.

**S**OLTA um canto, ó minha lyra,  
De quem só geme e suspira,  
No meio da solidão!  
O teu canto seja triste  
Como a dôr que agora existe  
Dentro do meu coração!

Não quero canto de gosto,  
Porque o mais negro desgosto,  
Toda a minha alma enluctou!  
Quero um canto, onde se leia  
A dôr que opprime, que aneia,  
Que o meu peito espedaçou!

Alvo lírio que formoso  
No jardim 'stava orgulhoso,  
Cheio de viço e frescôr;  
Eil-o por terra lançado  
Pelo vento desfolhado,  
Já sem vida e sem verdôr!

Cahi o cédro gigante,  
Que ás nuvens, forte, arrogante,  
O dominio disputou!  
Mas ai! no ecco sentido  
Que fez da quéda o ruído,  
Quantos peitos abalou!!!

Só se ouvem os gemidos,  
Tristes ais, ternos sentidos  
De quem fica em soledade!  
Bebendo a taça de fel,  
Que lhe dá sorte cruel  
Pela mão da saudade!

Quem poderá offerrecer  
Lenitivo no padecer  
Desta familia isolada?!  
Onde póde achar conforto  
Um pae que o filho vê morto,  
Uma mãe desventurada?!

Era um filho respeitoso,  
Um irmão terno, extremoso,  
Um amigo o mais leal!  
Seu sensível coração,  
Só sujeito á compaixão,  
Não teve, nem tem igual!

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

\*

Angelica creatura!  
Dorme em paz na sepultura,  
O teu somno sem ter fim!  
Mas na patria onde tua alma  
Foi colher celeste palma,  
Ao Senhor pede por mim!!!

7 de Agosto de 1851.

D. Maria Candida P. V.

A' minha amiga

A EXC.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup> D. MARIA AUGUSTA DA C. J.

De que servem tristezas, saudades,  
Mil suspiros do peito arrancar,  
Sem outra alma que sinta o que soffres,  
Onde possas allivio encontrar?

De que serve? — Meu seio te off'rego...  
Teus pesares lhe podés contar,  
Sem temer que um sorriso de escarneo  
Triste pranto te faça estancar!

Oh! não temas! eu soffro igualmente....  
Tambem sinto que vivo bem só;  
Sem abrigo encontrar a meus males;  
Sem ninguem que de mim tenha dó!..

Não me negues o dôce consolo  
De poder minorar teu soffrer;  
Não me negues a esp'rança de n'alma  
Teus suspiros poder acolher.

Diz-me os negros tormentos que soffres;  
Minhas penas te quero contar,  
Diz-me a historia dess'alma!.. Na minha  
O que sinto te hei-de inda narrar!

Diz se queres ouvir os meus carmes;  
Se elles podem teus ais minorar,  
Diz-me, ó Virgem, se queres constante  
Amizade dest'alma acceitar.

19 de Junho de 1851.

Maria d' Arrabida Vilhena d' Almeida.

Ao III.<sup>mo</sup> Snr. J. P. F. C. Sarmiento.

(Referindo-me á sua poesia publicada no ultimo numero da primeira collecção deste jornal.)

Il faut un baume au mal que le sort nous destine;  
Et ce baume est pour moi dans tes vers.

Jules de Resseguiet.

Poeta, soffri! — é verdade!..  
Nem, siquer, uma illusão  
Reverdece da saudade  
Em meu êrmo coração!..  
No seio da soledade  
Meu destino choro em vão!..

Quem ouvindo não sentira  
Tristes lembranças brotar,  
Os echos da sua lyra,  
O teu divino cantar?!...  
Fui poeta quando ouvira  
Tua branda voz soltar...

Nesse canto tão sentido  
Allivio á dôr eu achei,  
Foi cada verso um gemido  
Que no meu peito abafei!...  
E no fim — depois de lido —  
Com meus prantos o reguei...

Se souberas, alma pura,  
Quanto é custoso o viver —  
A quem já sonhou ventura,  
Em breve vê-la morrer!..  
E' só lá na sepultura  
Que se deixa de soffrer!..

Poeta, canta; meu tormento  
Adoçam tuas canções;  
Do teu genio o luzimento  
Desperta mil sensações....  
E' puro teu sentimento —  
Tão longe das illusões!

Agosto 10 de 1851.

Sofia P. G.

Uma tarde á beira mar.

Á MINHA AMIGA D. MARIA P. DE S.

Neste escalvado rochedo,  
Sentada á borda do mar;  
As ondas ouço bramir,  
Vejo espuma alevantar.

Lindo ceu azul-celeste,  
Negras nuvens vem cubrir;  
Rouco som de tempestade  
Ouço já repercutir.

Ao longe fragil barquinha  
Se eleva, torna a cabir;  
Parece que o mar irado  
D'um trago a quer engolir!

Treme o triste pescador  
Que alli sua vida arrisca;  
Estala, rugo o trovão,  
Do raio vejo a faisca.

E a barca fluctuante  
Parece desaparecer!..  
Tremeu o meu coração,  
Senti-me desfallecer.

Chorei a sorte mesquinha  
Do infeliz pescador,  
Que só conhece do mundo  
Pobreza, mágoas, e dôr!..

Mas oh! ceus! minh'alma exulta,  
O coração se expandiu,  
Negra nuvem s'afastou,  
O ceu sereno se viu!

E a barquinha junto á praia  
Vejo alfim vir aportar,  
E seus miseros conductores  
Ante Deus vem ajoelhar...

Então o mundo esqueci,  
Vi só o meu Creador;  
No frio chão ajoelhei,  
E orei com grande fervor.

E' contemplando o mar,  
Que Deus parece maior;  
As pompas alli se esquecem  
Deste mundo enganador.

Alli para o descrente  
Um grito bradando está;  
Vê aqui a eternidade,  
Reconhece Jehovah.

4 de Maio—1851.

Maria J.

**Amo-te (\*)**

Amo-te — sim — com que fogo  
Só m'ò diz o coração.  
Não no vou lèr nos gemidos  
Do soprar da viração;  
Nem no fulgir d'alma estrella  
A reinar na escuridão;  
Nem no suspirar da lympha  
Do rouxinol na canção;  
Nem nas vagas, que gemendo  
Fina areia beijar vão.  
'Strella, lympha, aves e vagas  
Ai! de mim! perfidas são.  
Amo-te — sim — com que fogo  
Só m'ò diz o coração.  
'Strella, lympha, aves e vagas  
Ai! de mim! perfidas são.

Eu fugi da turba insana,  
Fui um êrmo procurar,  
Quiz alli em magos sonhos  
Ir contigo conversar.  
Auras, 'strellas, lymphas, aves,  
Vagas quiz antes sondar.  
Uma a uma seus encantos,  
Seus mysterios perguntar.

= Mansa lympha crystallina,  
Porque vás a suspirar,  
Se por entre verde relva  
Vida aos prados vás levar?

(\*) Recebendo n'uma carta esta poesia, para a remetter á redacção da *Miscellanea*, era-me prohibido nella, por o seu auctor, o assignar-lhe seu nome, nem mesmo as iniciais delle.

Assignei-as.

O amigo que não desejasse a gloria ao seu amigo, seria um traidor á sua amizade.

O futuro que promette a poesia = *Amo-te* = ao seu joven auctor, deixa já vér por entre tantas bellezas poeticas, o logar distincto que em breve occupará, entre tantos genios que hoje ennobrece a patria de Camões; — a corda finalmente que o espera; que, por mais brilhante que seja, nunca será tanto, como a que lhe deseja o seu amigo

J. M. Pinheiro.

Peregrino exhausto á sêde  
Vem aqui vida buscar...  
Porque vás tu pois, oh! lympha,  
Porque vás a suspirar!

= Eu suspiro, eu gemo, eu choro  
De saudades, de pesar;  
Se dou vida ao prado, ao campo,  
Campos, prados vou deixar,  
Vou pagar meu feudo aos rios,  
Vou-me ao pégo lá finir.  
Se sou doce entre verduras,  
Serei sal do largo ao mar.  
Eu suspiro, eu gemo, eu choro  
De saudades, de pesar. =  
Ondasinhas correm, fogem  
Uma... e outra a suspirar.

Se aqui brincam entre seixos  
Vão lá longe em rochas dar.  
Se aqui entre lirios gemem,  
Voz nas praias vão deixar.  
Se doçuras aqui levam,  
Que amarguras tem no mar!..  
Tambem póde inda teu peito  
De suspiros se cançar.

= Ciciante aura d'incensos  
Porque vás tu a gemer!..  
Tu aqui em labios virgens  
Vás de mil beijos viver...  
Acolá em niveas rosas  
Vás perfumes lá colher...  
E' teu throno o espaço infindo...  
Mais feliz quem póde ser?  
Ciciante aura ligeira  
Porque vás tu a gemer? =

= Eu suspiro, eu gemo, eu choro,  
Gosto mesmo de gemer.  
Sou feliz; não ha quem possa  
Mais do que eu livre viver.  
Já me enoja esta ventura...  
Já sorri... quero gemer.  
Tambem tu podes ainda  
Como a aura varia ser.

= Porque vens, oh! maga estrella,  
Entre trevas — só — fulgir?...  
Teus segredos, teus mysterios...  
Bem quizera eu descobrir...  
Mas que val?... em vão... não posso  
Ir arcanos teus ouvir:  
Dize, dize, oh! maga estrella,  
Porque — só — vens tu fulgir!.. =

Mas a estrella ficou muda,  
Foi embalde o meu pedir.

Tambem eu te pedi juras,  
Teus protestos quiz ouvir,  
Mas ficou mudo teu labio,  
Foi embalde o meu pedir.  
Se tambem tu tens mysterios,  
Não nos posso eu descobrir.

= Porque trinas doces queixas,  
Rei das selvas, rei cantor?...  
Cantas tu d'argentea lua,  
Maga luz, almo pallor?  
Vivo matiz das campinas,  
Perfumes da rubra flôr!  
Ou revivendo a natura,  
Reviveu o teu amor?..

Dize, dize, porque trinas,  
Rei das selvas, rei cantor?  
= Canto cantos d'alegria  
São meus cantos ao Senhor.  
Perdi filhos, perdi tudo,  
Perdi tudo... o meu amor.  
Deixei selvas — voz... perdi-a,  
Que não tem vozes a dor.  
Hoje canto — e a voz... achei-a  
Porque achei o meu amor.  
Olvidei os seus desprêsos,  
Torno a ser seu amator.  
Canto cantos d'alegria,  
São meus cantos ao Senhor. =  
Tambem tu podes ainda  
Ser perjura ao meu amor.  
Quebraria então esta harpa  
Já sem vozes, sem calor;  
Sem calor, morta, sem vozes,  
Que não tem vozes a dor.

= Branda vaga feiticeira,  
Como vens gentil assi!..  
D'alva espuma ornada em frente  
Serpeando a rocha alli...  
E depois buscando a areia,  
Afangando-a ao longe... aqui.  
Branda vaga feiticeira,  
Como vens gentil assi!.. =

= Eu sou mortalha de neve,  
Vem o ceo revêr-se em mi.  
Nos meus braços vaporosos  
Mil humanos já cingi.  
Enganei-os — lá ao largo.  
Engoli-os — e rugi.  
O sangue tingiu-me a alvura...  
Veio o ceo revêr-se em mi.  
Vim gemer de novo á praia

Feiticeira, sempre assi!..  
Venho vêr com meus gemidos  
Se tambem te illudo a ti...  
Ah! tu tremes... dize agora  
= Como vens gentil assi!.. =

Eu tremi — verdades duras  
Me dissera a vaga alli.  
Tambem tu... mas não, não podes  
Tão cruel ser tu assi!..  
Teus suspiros, teus sorrizos  
Brotam d'alma... são p'ra mi.  
Quero ter inda uma crença,  
Uma só — será em ti.

Creio-te, amo-te é que diga  
Com que fogo o coração.  
Não no digam as perfídias  
Do soprar da viração.  
Nem a *lympha crystallina*  
No seu doce, triste som.  
Nem a estrella radiosa  
Astro — só — na escuridão.  
Nem o cantor solitario  
A trinar terna canção.  
Nem as vagas refalsadas  
Que nas rochas quebrar vão.  
Auras, 'strellas, aves, *lymphas*,  
Vagas mais que falsas são.  
Amo-te — sim — porque o oiço  
N'ua voz do coração.

Guimarães 4 de Agosto.

F. M. de G.

Subi hoje ao sacro monte  
Do Bom Jesus Salvador,  
Vim prostrar-me aos pés da cruz  
Cheio d'um santo fervor;  
E depois traçar co'a penna  
Palavras todas de amor.

Todas minhas não; que um bardo  
Já no meu album escreveu  
« Singela pura innocencia,  
Candida filha do ceu »  
Como elle, fallo d'um anjo,  
Ouvi o retrato seu.

« Tem uns olhos tão formosos,  
« Mais bellos oh! nunca eu vi!  
« E negra trança ondeada,

« Que outra igual não ha 'hi  
 « Dos labios pendem-lhe as graças  
 « Quando falla, ou quando ri.

« O collo alvo de jaspe  
 « O seio . . . . . oh não vereis . . .  
 « O seio d'uma donzella  
 « Co'os olhos não profaneis;  
 « E os mais thesouros da virgem  
 « Malvados não devasseis.

Bom Jesus, 11 de Agosto de 1851.

*José Borges Pacheco Pereira.*

**Um canto.**

(A. A. C.)

Lyra minha, quero um canto  
 Ao meu archanjo tecer,  
 Sem suspiros e sem pranto,  
 Todo alegre elle ha-de ser.

Vem comigo, virgem linda,  
 Que nos não veja ninguém,  
 Não se ergueu o sol ainda  
 Na orla branca d'além.

Ouves, longe, na capella,  
 A' oração chamando alguém,  
 Sino da torre singella  
 Em compassado vai-vem?

Ouves o gallo da aldeia,  
 E a andorinha também,  
 Que em torno ao ninho volteia,  
 Festejando o sol que vem!

Vem, meu anjo, vem gostosa,  
 Vêr as flores que o campo tem,  
 Vamos vêr a linda rosa,  
 Vêr a candida cecem.

Virás comigo, que um canto  
 Tê quero depois tecer,  
 Sem suspiros e sem pranto,  
 Todo alegre ha-de ser.

Iremos vêr as florinhas  
 Que ha no nosso jardim,  
 As violetas tenrinhas,  
 A açucena, o alecrim.

Quero ser a rubra rosa  
 A córar, córar sem fim,  
 Quando vir a côr mimosa  
 Dos teus labios de' carmim.

E quero vêr a açucena  
 Trocar a côr c'o jasmim,  
 Em te vendo a mão pequena  
 Tam branca qual o marfim.

Apressa-te que já veio  
 Do Oriente o sol em fim,  
 Quero que brilhe em teu seio,  
 Mais macio que o setim.

Ora escuta-me, que um canto  
 Te vou agora tecer,  
 Sem gemidos e sem pranto,  
 Todo alegre ha-de elle ser.

Mais que houri és formosa,  
 No paraizo de Islam,  
 E's mais bella, mais mimosa,  
 Que a estrellinha da manhan.

Em tua face rubicunda,  
 A's vezes côr de roman,  
 A innocencia pudibunda  
 Vem retratar-se louçan.

.....  
 .....

Mas tu córas! . . . ah, mais cantos  
 Não continuo a tecer;  
 Em vão quero a teus encantos  
 Devido preito render.

Virgem linda, quando a aurora  
 Romper de novo ámanhan,  
 Viremos, como agora,  
 Vêr a campina aldean.

3 de Julho de 1851.

*E. A. Salgado.*

## Apostrophe à Musa.

All cannot gain renown "by field and flood"  
Let those shed ink, who cannot wade in blood.

THE MORAUXS.

Sensível musa, que incessante choras,  
Mágoas d'amor, só lagrimas devoras,  
Grossas gottas, saudavel alimento,  
Que infeliz *bardo* verte em seu tormento.  
Talvez por isso assim myrrhada e secca  
'Stás, que de certo te levára a breca,  
Se não fôra teu dote a eternidade.  
Li n'um tal escriptor da nossa idade  
(O nome me escapou — se elles são tantos,  
Que entulham por ahí todos os cantos!)  
Que não provinha, como outr'ora eu cria,  
De muita agua beber, a *hydropesia*,  
E em ti, oh! musa, confirmado o vejo.  
Sempre em agua afogaste o teu desejo;  
Ou de *Hippocrene* outr'ora na alma fonte  
A' grata sombra do *Appollineo* monte,  
Ou n'agua morna dos jornaes agora,  
Que t'a ministram hoje a toda a hora  
(A' tendencia geral sempre fieis),  
Em banhos, em bebidas e em *clysteis*.  
Comtudo, em vez d'*hydropica*, pareces  
Que sómente de *pthisica* padeces;  
Tão chupada andas sempre e transparente,  
Que deixas vêr a todos claramente,  
Que nada tens em ti — nem uma ideia.  
Qual menina porém, que a custo alteia  
Com engommadas saias e chumaços,  
Perdidos peitos e quadris escaços,  
Assim trajas tambem largo vestido  
D'ignoto phraseado sem sentido,  
Que sabes estofar de palavrões,  
*Fibras e vozes d'alma, inspirações*,  
Inda arrastando, como por appenso,  
Cauda longa de epithetos sem senso:  
E levas por ornatos e brinquinhos  
Admirações e riscos e pontinhos.

Chorona musa, que sem fim lamentas  
Desastres, que talvez tu mesma inventas:  
Saudade, ausencias e desdens das bellas  
(Por certo são bem desdenhosas ellas!),  
Angustias, solidão e caramunhas,  
Que no verso encaixou força de cunhas:  
Musa, já que é chorar ordem do dia,  
Ou erros do governo em prosa fria,  
Ou rigores do fado a descantar,  
Choremos nós tambem de os vêr chorar.  
Ai! pobre musa, sim, chorar bem podes,  
Vendo-te contrafeita em tantas odes,  
E em archanjo por fim até mudada.  
Mas archanjo de fórma extenuada,  
Rachitico, pigmeo, que vae sem dôr  
Pousar na *lyra d'ouro ao trovador*.

Mas nada de paixões — não podes rir-te?  
Vem passear comigo, e distrahir-te.  
Verás por essas ruas espaçosas  
Ao dar das tristes cousas curiosas,  
Se da cidade as filhas queres ver,  
Esta hora sempre debes escolher,  
E bem podes contar que então vem ellas  
A costura trocar pelas janellas.  
Em quanto vae a mãe dar volta á casa,  
Anda fervendo a filha n'uma brasa,  
Buscando occasião de vir á 'scada  
Uma carta aceitar aliniscarada,  
Papel de côr, e coração na obreia,  
Que, depois de gastar semana e meia  
Em passar, hora certa, á porta sua,  
Gentil paralta lhe off'receu da rua.

Ai! chora, musa, a nossa mocidade:  
Correm *elles* as ruas da cidade  
Com olhos fitos sempre nas janellas,  
E *ellas* lhes pagam logo as olhadellas.  
Sem mais prefacio eis um namoro atado:  
Nunca se tinham visto, nem fallado,  
Não se conhecem, nem sequer de leve —  
Mas não se perca tempo — a vida é breve,  
E cumpre namorar, seja quem fôr.  
Ah! desgraçados, crêdes isso amor?  
Ou que se cifra em cartas, bilhetinhos,  
Perder tardes, fazer rir os vizinhos?  
E quem namoras, infeliz poeta?  
Não sabes por ventura que indiscreta  
A bôcca, que tão facil te sorriu,  
Com cem outros o mesmo repartiu?  
E que esses lábios, que te off'recem beijos,  
Mataram a outros já iguaes desejos?  
Ou que essa mão, que apertas tão querida,  
Por outros toques já foi polluida?  
Porém zêlos não tens do que é passado?  
Oh! o goso d'amor mais elevado  
Sentir não sabes, nem o que é pureza.  
N'um ponto a encerraria a natureza?  
Que queres então dizer daquella  
Intacta, em tudo virginal donzella,  
Que nem co'os olhos inda amor fallou,  
Nem d'homem pela mão tocar deixou  
Mesmo a orla sequer do seu vestido?  
Que só dar ao feliz seu escolhido  
Tudo quer uma vez e eternamente,  
Quer sem reserva dar, mas a um sómente?  
Que nunca separar quiz o menor  
Do que reputam o favor maior?

Mas, se o passado para ti é nada,  
No presente suppões que a tua amada  
Aos outros todos nega o que te dá?  
Pobre coitado! louco, olha, vem cá,  
Quem é tão pouco em *succeder* custosa  
Será no *ao mesmo tempo* escrupulosa?  
Quem, sem nissó encontrar difficuldade,  
Passa deste p'ra aquelle sem saudade,  
Qual estalagem tendo o coração,  
Aonde entram uns depois que os outros vão,  
Só deverá julgar pouco decente

Escutar dous, ou tres conjunctamente?  
Digo no mesmo dia, muito embora  
Seja, como convém, diversa a hora.

Mas que mais queres, se não mais mereces?  
Se todo o sentimento desconheces,  
Se é namorar p'ra ti mero brinquedo,  
De que te cançarás, ou tarde, ou cedo?  
É de amor os mysterios profanando,  
Dos amigos á chusma vaes mostrando  
Da, que amar dizes, os escriptos varios,  
Fazendo até notar com commentarios  
A orthographia um pouco sibyllina,  
Que sincera sonhou pobre menina?  
Se é quanto alcanças logo apregoado,  
E nem sabes sequer gosar calado?  
Triste a que terna o coração te abraße,  
E um verdadeiro amor por ti sentisse.  
Trahir cumpre hoje, p'ra não ser trahido;  
Ai de quem dêr a amor outro sentido.

Oh! perdão, musa, se, por conversar  
Com este amigo, te deixei ficar:  
Muito bem sabes, que te sou devoto,  
E que a ti vezes mil por proprio moto  
Incenso queimo sem algum int'resse:  
Sem exigir uma faisca desse  
Estro, com que te fazes tão rogada;  
Nada devo, antes tu me és obrigada,  
Pois para gloria tua é tão sómente  
Que, lucros desprezando altivamente,  
De instancias a poder de muito amigo  
Com custo assignaturas eu mendigo,  
Para os meus versos entregar ao prelo.  
Lê o meu a quem lêr, se quer's sabel-o.  
Embora os versos desconheçam lima,  
Sejam ruim *prosa disfarçada em rima*,  
Chamo-me afflito, disso sou senhor,  
Menestrel, bardo, vale e trovador.  
E tantos hoje se intitulam taes,  
Que excedem muito, muito os provençaes.  
Se quisermos julgar pelo que lemos,  
Sem duvida devemos crer, que temos  
Ainda muito cavalleiro Arthur  
*Suivant la gloire, brûlant d'amour.*

Ha esta noite um baile, se desejas  
Querida musa, ir lá, e não te pejas  
De te deixares vêr bem decotada,  
Irás comigo, como apresentada.

(Continuar-se-ha). *Luis de Castro.*

**Não posso!**

(NA CARTEIRA DE \* \* \*).

Donzella, que exiges?! — A historia dest'alma  
Não pôde interessar-te, não devo-à contar!  
— A' lua, que brilha orgulhosa entre os astros  
Que importa a florinha que marcha ao brotar?!

Tens dó deste pranto! — Não houve no mundo  
Quem inda o sentisse por mim uma vez!  
— Ao homem vaidoso, que passa entre as campas  
Que importa o cadaver, que jaz a seus pés?!

Donzella, que exiges?! — Não vês nesta face  
*O sulco profundo d'um longo penar?*  
Não lês neste riso, que adeja em meus labios,  
Mysterios que a alma vem nelle contar?

Não posso dizer-ta! — Segredos da campã  
Quem ha sobre a terra que os deva saber?  
— Ninguém! — Quando a morte chamar-nie a  
(seus braços  
Vae lêr-me o epitaphio, que est'alma vaes lêr!

Donzella, que exiges?! — Não peças ao morto  
Lembranças da vida que outr'ora gosou...  
Não pôde elle dar-tas! — Não tentes... Seus labios  
Da morte o silencio p'ra sempre sellon!

Não tentes! — Debalde quizera dest'alma  
Contar-te profundos mysterios de dôr!...  
— Não pôde uma rocha soltar um gemido;  
Nem pôde um cadaver fallar-te de amor!..

5 de Agosto de 1851.

*Augusto Pereira Soromenho.*

**Desenganô!**

Pour un peu de plaisir que l'on goûte ici-bas,  
Un long et noir chagrin nous assiège et nous ronge.  
Sans nous connaître, enfin, nous marchons à grands pas  
Vers l'abîme éternel, et la mort nous y plonge.

*Aimé Martin.*

Existencia fallaz — vida d'enganos —  
D'amarguras n'um dédalo passada,  
Onde brilha a esperanza abençoada  
Na carreira veloz de largos annos!  
Dôces tragos d'amor que, tam insanos,  
Na taça os mortaes libam — amargada—  
(Misera condição que lhes é dada!)  
Depois sentindo ficam graves damnos.  
Embora co'as paixões andem luctando,  
Que nunca alcançarão da gloria a palma,  
Por mais que novas forças vão tomando:  
No fundo sentirão sempre da alma  
Pesadêlo cruel, — que a vae vergando  
A' dôr que no sepulchro só acalma!

Agosto 16 de 1851.

*J. P. F. da Costa Sarmiento.*

## Desabafo.

E com isto não enfado mais a vm.<sup>ces</sup>  
(Parodia ao Sr. S. A., que no Pirata  
se despede do publico.)

Sou poeta, e tenho o estro  
Que não teve esse maestro  
Que escreveu o *Machbet*!  
Os meus versos, se versejo,  
Raios são, porque eu tropejo  
Lá do ceo numero sete!

Já não creio nas mulheres,  
Que me lançam ás colheres  
Agro fel no coração;  
N'outro tempo... sim, amei-as,  
Como o *Verdi* ama as cholchêas  
D'uma funebre canção!

Oh que sim! Amei-as munto,  
Quando tinham do presunto  
De Lamego a rubra côr...  
Dei por ellas o cavaco,  
Oh se dei!.. tornei-me um caco...  
(Com licença) um estupôr!

Longo tempo á beira d'agua,  
Rah d'amor, chorei a mágoa  
Que me deu n'alma p'ra traz...  
Ai! baldados meus suspiros,  
Quiz então dar-me dous tiros  
N'um ouvido.....  
..... "O'lá, que faz!"

Foi um brado mavioso  
D'um archanjo donairoso,  
Que tomava banho então...  
Eu, co'a mente desvairada,  
Cuidei vêr uma pescada  
Com vestido de baetão!

Ah! que amor lhe dei nos versos,  
Que lhe fiz por hi dispersos  
Em jornaes, que ella não leu!  
Não me viu a dôr immensa,  
(Apesar d'eros d'imprensa)  
Que no prelo então gemeu!

Quantas vezes a REVISTA  
Eu pedi ao jornalista  
Me deixasse escrevinhar!  
E p'ra que? p'ra dizer — ELLA!  
SILPHO! ARCHANJO! FADA! ESTRELLA!  
E o mais, tudo *sein par*!

Os meus versos, tão amados,  
Inda hontem criticados  
No *Pirata*, oh ceos! os vi!..  
Fôste tu, parvo *Aceredo*,  
Que de lá, sobre um penedo,  
Orneas-te... e ouvi-te aqui!

Mestre-eschola das montanhas,  
Trata lá dessas castanhas,  
Da batata, e do feijão;  
Não corrijas minhas trovas,  
Quando dás sobejas provas  
De rebelde á correcção.

Vai guardar as melancias,  
Vê se as poças 'stão vazias,  
Olha a horta se grelou;  
Mas em versos não decidas,  
Quando em versos és um *Midas*  
Nas orelhas, que ostentou.

A. E. I. O. U. Y.

## Charada.

A primeira, apesar de ser quarta,	}	1
Qu'era sexta de <i>la</i> , me disseram.		
A segunda, na ordem terceira,	}	1
Da primeira p'ra traz a pozeram.		
Estas duas, burlado mancebo,	}	2
Por set'annos d'escravo, te deram.		

Banir-me intenta  
Seita maldita,  
Que a bella França  
Infelicitá.  
De paes e filhos,  
Irmãos, mulher,  
Profundo amor  
Destruir quer.  
Monstro sacrilego,  
Suspende os passos!  
Romper não tentes  
Tão dôces laços.  
Não vês, perverso,  
Que á louca empreza  
Resiste mesmo  
A natureza?

EXPLICAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE:

*Charadas* — 1.<sup>a</sup> Côrça — 2.<sup>a</sup> Leviano.



**Prece.**

**O**h! meu Deus, p'ra que me déstes  
A vida só p'ra gemer?  
P'ra que prolongaes meus dias  
Se só vivo p'ra soffrer,  
Sem haver ninguem que possa  
Minorar meu padecer?

Se me estava destinada  
Uma sorte tão mesquinha,  
Oh! meu Deus, p'ra que me déstes  
Uma alma qual a minha?!

Mandai-me, meu Deus, a morte,  
Que é de todos tão temida,  
Quebrar os grilhões pesados,  
Que me prendem nesta vida.  
Não sejaes surdo á prece  
Desta alma em dôr nutrida.

5 de Agosto de 1851.

*Maria Augusta.*

**Um sonho.**

(EM UM PASSEIO AOS CARREIROS.)

Um dia sentada na beira do mar,  
O peito ralado d'angustias e dôr;  
Os olhos bem fitos eu tinha nas ondas,  
Que vinham na praia quebrar seu furôr!

Eu via suspensa... tão vasto oceano  
A's vezes mansinho no leito a dormir;  
Depois agitado bramindo com furia,  
Emblema sentido do meu existir!

Minha alma opprimia constante saudade,  
Que o pranto a meus olhos fazia descer;  
Pois longe daquelle que a vida me anima,  
Não goso um momento de paz, ou prazer!

Depois que, sósinha, sem fé, sem conforto,  
Instantes bem longos, tão triste passei;  
Afflicta e cançada de tanto scismar,  
A fronte n'um duro rochedo encostei!

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

Eu pude dormir, e n'um sonho que tive,  
Esse ente perfeito que sempre hei-de amar;  
Eu vi.. (ai! de mim! que terrivel lembrança),  
Primeiro esquecer-me, depois prejulgar!...

Por outra donzella mais rica e formosa,  
A minha afeição, o perverso trocou!  
Promessas e votos de eterna constancia,  
Do amor o mais férvido... ah! tudo olvidou!

Eu vi o meu anjo, sentado a par della...  
Ouvi mil protestos, mil juras d'amor!..  
Tremendo de raiva, com furia bradei:  
« Demonios vingai-me, puni o traïdor!.. »

Acordo! meu Deus! oh! que sonho horroroso,  
Que faz a minha alma de dôr estalar!  
Legou-me o destino, por sina a desgraça,  
Soffrer é meu fado té mesmo a sonhar!..

S. João da Foz, 1.<sup>o</sup> de Setembro de 1851.

*D. Maria Candida P. V.*

**Soneto**

A SAUDOSA MEMORIA DE MEU CHORADO PAÉ.

Schlummre sanft, du gute fromme Seele,  
Bis auf ewig dieser Schlummer fliehet!

HOLTY.

Meu páe! — oh! que tristeza e que dôçura  
Nos labios coar sinto regelados —  
Quando oigo do teu nome articulados  
Sonoros sons com voz suave e pura!

Fiquei — menina — entregue á desventura,  
Faltando-me os carinhos extremados!..  
Parentes!... minha mãe, só, derramados  
Enxugou estes prantos de amargura!...

Vejo-te inda no transe afflictivo,  
Em que dos olhos meus te ausentaste,  
Dando á dôr de perder-te lenitivo.

Sê ditoso, no céo onde voltaste!..  
E por mim resa a Deus — em quanto vivo.  
Carpindo a saudade que deixaste!

Agosto 24 de 1851.

*Sofia P. G.*

NUM. 5.

SETEMBRO 4. — 1851.

## A firmeza nas procellas.

À MINHA AMIGA D. MARIA E. T. L.

L'infortuné.....  
 Saura qu'il est un Dieu témoin de ses douleurs,  
 .....  
 Et qu'il n'est jamais temps de perdre l'esperance.

Fénélon — Tragedia de Chenier.

Furiosas, rijas vagas  
 Sobre a aréa voem rodando;  
 E entre cavernosas fragas  
 Rugem roucas, reboando  
 Furiosas, rijas vagas.

Levantam-se em turbilhão;  
 Alto sobem, logo descem:  
 Mas quando mais quêdas são,  
 Quando dormir parecem,  
 Levantam-se em turbilhão.

Sua arrogancia e orgulho  
 Faz par'cer que ao mesmo ceu  
 Lançar vão o seu marulho;  
 E mostram no furor seu  
 Sua arrogancia e orgulho.

Essa firme penedia  
 Fá-las mais enraivecer;  
 Porém a sua ousadia  
 Nem de leve faz tremer  
 Essa firme penedia.

A's procellas desta vida  
 Assim o sabio resiste;  
 Sem afan, sem grande lida  
 Elle oppõe a lança em riste  
 A's procellas desta vida.

Servem d'elmo, escudo e lança,  
 Ao sabio, justo e prudente,  
 Paciencia, fé, esp'rança:  
 Que virtudes, ao paciente,  
 Servem d'elmo, escudo e lança.

Leça 13 de Junho de 1851.

Maria P. de S.

## Quem sabe?....

*Quem sabe?*... — fatal ideia!  
 Ah! que tão negra expressão!  
 Como meu peito te odeia,  
 Te mal-diz meu coração!  
 Co'o mais acerbo tormento,  
 Tu enlulas n'um momento  
 O mais ditoso viver:  
 E á dôr do desvalido,  
 Ao seu viver insoffrido  
 Vem novas ancias verter!

Entre os rizos da ventura  
 Não vens tu, genio do mal!  
 Com teu manto d'amargura  
 Cobrir ditoso mortal,  
 Que no prazer embebido  
 Tinha o futuro esquecido;  
 Mas ah! que ao recordar  
 Esse futuro... um gemido,  
 Bem profundo, e bem sentido,  
 Já sabe o peito exhalar.

*Quem sabe?* nelle pensando,  
 Adeus vida de prazer...  
 Quem 'stava té alli gozando  
 Agora vai padecer:  
 Já maldiz, já deplora  
 Esses sorrisos d'uma hora...  
 Essa cruel illusão!  
 E no que via ventura,  
 Só vê agora amargura,  
 Traz-lhe a dôr ao coração.

Hoje o prazer só me cabe,  
 E' p'ra mim só o gozar,  
 Mas amanhã?... ah! *quem sabe?*...  
 Se todo serei penar!  
 Quem me diz que n'um momento,  
 Se não mude em soffrimento  
 Minha dita, meu prazer?  
 Pois não pôde haver mudança  
 Neste viver de bonança?  
*Quem sabe?*... mas pôde ser.

E p'ra aquelle que na terra  
 E' seu condão o pensar,  
 Esse — *quem sabe?*... que encerra  
 Se não mais dôr a avivar?  
 Pois ao triste acostumado  
 A sempre ser desgraçado,

*Quem sabe?... que lhe dirá?*  
 Não lhe diz — o teu futuro  
 Deixará de ser escuro,  
 Não diz não, mas sim — será!

Pois no meio da tormenta  
 Não diz elle a suspirar:  
 — A esperança que me alenta  
 Virei um dia a gozar? —  
 — Minha dôr, minha agonia  
 Terá na vida um só dia  
 Que me deixe de pungir?  
 Mas *quem sabe?...* esta incerteza,  
 Com a mais negra tristeza  
 Lhe vem a alma partir.

Oh! *quem sabe?...* se é baldado  
 O meu pedir ao Senhor,  
 A esp'rança que acordado  
 Eu sonhava toda amor!...  
 Essa esperança tão bella,  
 Que é no mundo a minha estrella,  
 Minha crença, minha fé!  
 Mas *quem sabe?...* oh! que tormento!  
 Oh! que dôr, que sofrimento,  
 Este *quem sabe?...* não é!

Oh! mal hajas tu que trazes  
 Ao meu peito tanto fel;  
 Que penar soffrer me fazes  
 Uma agonia cruel!  
 Só na campa, n'um jazigo,  
 Acharei á dôr abrigo?...  
 Mas *quem sabe?...* Ah! nem alli!..  
 Nem dos mortos na morada,  
 Acabará nesse *nada*  
 O soffrer que já soffri!

*J. Machado Pinheiro.*

**Fragmento.**

Tempo d'infancia! Oh! *quem um Deus fôra*  
 Que n'aurora da vida ao mundo os eixos  
 Cravar podésse!

Cada grão d'areia  
 Que da ampulheta no tumulto do tempo  
 Se precipita, vem qual lava ardente  
 Queimar minha alma.

Ao rouxinol saudando  
 Ao Rei dos astros que do purpurino  
 Leito se erguêra meus sentidos carmes  
 Casar não ousou....

Não ousou, que em cada dia  
 Sinto uma esperança morrer;  
 Que importa se ella mentia!  
 Adoçava meu soffrer...  
 Se a cada instante que passa  
 Para mim a sorte escaça  
 Uma illusão despedaça,  
 Sem que lhe possa valer.  
 Do inverno na aspezeza  
 Vem o norte rugidor  
 Arrancar á natureza  
 O diadêma de verdor:  
 A cada folha que solta  
 Vai uma esp'rança d'involta...  
 Aos bosques a coma volta,  
 Não torna d'esp'rança a flor.

.....  
 Meus aureos sonhos! Meu sonhar d'infancia!  
 Sois a miragem que ao arabe erradío  
 Lá nós plainos ardentes enganára.  
 Os labios sêccos, abrazada a fronte  
 Corre o mísero, corre, vò e cança,  
 E cada vez mais longe avista o oásis  
 E a lympha que serpeia entre os sycomoros  
 Corre, vò e lá vai — fugira o eden,  
 O céo, que o céo trocára nesse instante  
 Por uma gota d'agua, que podésse  
 Com sêccos labios bocejar ao menos...!  
 Corre, e a fonte fallaz lá sempre ao longe...  
 Exhausto de fadiga, ei-lo prostrado  
 No candente areal, até que o sópro  
 Do simoun abrazador cavar-lhe venha  
 No inhospito deserto ignota campa.

.....  
 Após mil sonhos creados,  
 Quando a ventura nos sorri,  
 Após mil sonhos dourados,  
 Qual infante os concebi,  
 Voei — mas rasgada a venda,  
 Vi-me de espinhos na senda,  
 Sem uma mão que se estenda,  
 Oh! que me arranque d'aquí.

D'aquí, onde soffro e gemo  
 Sem ter um norte, uma luz!  
 Que no mundo que condemno,  
 Oh! já nada me seduz....

Nada, não — tenho uma esp'rança  
Em um porto de bonança,  
Aonde o repouso se alcança  
Na camp'a á sombra da cruz.

Março 20 — 1850.

A. C. Lousada.

Adeos!....

Cara estancia, prados, rio,  
Berço, céo, frondoso teixo,  
Dóce mãe, pombinhas, fonte,  
Tudo alfin saudoso eu deixo!

EVARISTO BASTO.

Adeos, margens risonhas do Douro,  
Onde os dias mais lédos passei;  
Onde em dôces folguedos da infancia,  
Mil venturas, ditoso, gosei.

Adeos, serra, que altiva campeias,  
Impassivel, qual rocha do mar —  
Como é bello na fronte escavada  
Vêr as nuvens tocar-te ao passar!

Adeos, céo azulado da patria —  
Meu docel, quando, infante, fui rei;  
Quando em cima d'um throno de relva,  
Entre risos, — « A' guerra! » — bradei.

Adeos, bosques d'amena espessura,  
Ondé grato me fôra o viver —  
Onde em noites calmosas do estio  
Vai a rola saudosa gemer.

Adeos, Branca!.... — primeiros amores,  
Que, em delirio, na mente afaguei!  
Vou partir... e as saudades que sinto...  
Nem eu posso dizer-t'as... nem sei!

Adeos, Branca!... talvez... para sempre —  
Diz... ao menos... — adeos — n'um signal!  
Ah! que eu possa inda no longe avistar-te  
Linda estrella do meu Portugal.

Agosto de 1849.

A. P. Caldas.

Uma saudade.

Perguntei ao pó do morto,  
Se o penar tinha conforto  
— Morta a vida — alli no chão?...  
Ficou muda a fria loisa...  
Se o cadaver lá repouisa,  
Já não soffre o nada... não!..

Invejei dos moimentos  
Frias cinzas — e em tormentos —  
Finda a vida — finda a dôr;  
Negro leite, onde a vingança  
N'um braço dada em herança,  
Dorme alfin ao pé do amor.

Da saudade o duro açoite  
Me levára alli de noite,  
A pungir no coração.  
E eu pedi a morte em brado,  
Como pede o torturado,  
Morte sim, mais tractos não.

Pedi morte em vez de vida,  
Em vez de ar — uma jazida —  
Uma camp'a á terra, ao ceo.  
Mas a terra e o ceo foi mudo,  
Impassivel, frio... tudo...  
— Só fallou o mausoléo.

Sim — fallou; ouvi na camp'a  
Onde — um jaz — mão d'homem 'stampa  
Duros dentes a ranger...  
— Era o vérme em sanha dura  
— Rei voraz da sepultura —  
Núa ossada a corroer?..

Ou o peito apodrecido  
Do cadaver d'um descrido  
Rugiria então alli?...  
— E o escarcéo feroz da vida  
— Morta não — adormecida —  
Vinha em vão bater aqui?..

Ai!.. descri de achar conforto  
Nos gêlos do pó do morto  
Ao cancro da minha dôr...  
— Perdôa, virgem, perdôa  
Se o trovar meu triste vôa  
Sem fallar-te inda de amor.

Mas sem ti a vida é nada,  
De saudades repassada

De que serve a vida assim?  
 — Tu partiste; e eu em delirio  
 Te chamei no meu martyrio,  
 Mas em vão!.. triste de mim!..

Os teus olhos, os teus beijos  
 Já não matam meus desejos,  
 Em brazidos ardo em vão.  
 Se gemer vou solitario  
 Minha sina, meu fadario  
 Fallam eccos, mas tu não.

Vida tal — em trato eterno —  
 Não é vida, é um inferno,  
 De que serve assim viver?...  
 Nega-me a terra um conforto,  
 Os gêlos do pó do morto...  
 Mal de mim! em que hei-de crêr!..

Guimarães 27 d'Agosto.

F. M. G. M. S.

Affonso e Isaura.

D'alto castello roqueiro  
 Na mais alta barbacan,  
 Uma tarde, pensativa  
 'Stava a linda castellan.

« Ai! — diz ella — ha já dois annos,  
 « Des que Affonso me deixou!  
 « De agoirar-me tristes novas  
 « Inda o pranto não cessou!

« Quem sabe se ... » — Junto aos fossos  
 Uma voz ouviu soar...  
 Melancolica e sentida  
 Descantava este cantar:

Na cruzada um cavalleiro  
 Se alistou;  
 E a sua linda dama  
 Cá deixou.  
 Mas na hora da partida  
 Prometteu  
 Ser fiel! — e assim jurára  
 Pelo ceu.

Ha dois annos bem contados,  
 Que partiu ....  
 Mas a sua bella Isaura  
 Já trahiu!  
 Trahiu sim, que a linda moira  
 Se rendeu;  
 E da triste, que deixára,  
 Se esqueceu!

\*

Qual estatua — fria, immobil,  
 A castellan se tornou!  
 Aquella trova terribil  
 Por negro agoiro tomou!

« Pagem — diz — fóra dos muros  
 « Um homem deve de estar;  
 « Trazei-o á minha presença...  
 « Quero com elle fallar. »

Era um velho; — longa barba  
 Rosto e peito lhe encobria;  
 Toga e bordão de romeiro  
 Eram gallas que vestia.

« Peregrino, sê bem vindo;  
 « Vens tu de terras de além?  
 « — Senhora, sim; venho agora  
 « Da Santa Jerusalém. » —

« Podes-me, acaso, dar novas  
 « De Affonso Gil — trovador?  
 « — Era um valente guerreiro,  
 « Dos mouros era o terror!

« Casou-se com linda moira  
 « Deu-lhe a alma e coração!  
 « Inda é vivo! antes não fôra!  
 « Que perdeu-se um bom christão! »

Palavras não eram ditas  
 Quando a castellan cabiu;  
 « Mataste-me, Affonso ingrato! »  
 Foi só quanto proferiu.

Só passadas quatro horas,  
 Foi que aos sentidos voltou;  
 E a seu lado o peregrino  
 A chorar tambem achou.

« Perdoa-me, Isaura bella,  
 « Os males, que te eu causei;  
 « Se vês que sou criminoso,  
 « Mil castigos soffrerei! »

\*

Um grande sarau dá hoje  
 De Monsaraz o senhor;  
 Desposa-se Dona Isaura  
 Com Affonso — o trovador.

Na Palestina mereçêra  
 O ser chamado — *Leão*;  
 Ganhou nome, ganhou gloria,  
 Veio a Isaura dar a mão.

Disfargado em peregrino  
 Conseguiu elle saber  
 O amor da que em dois annos  
 Não poude Affonso esquecer.

Viveram bem casadinhos;  
 Se com filhos não sei eu ...  
 Depois de velhos . . . morreram!  
 Foram direitos p'ra o ceu! . .

\*

Victoria e Victoria  
 Acabou-se a historia.

28 de Junho de 1851.

*Augusto P. S.*

#### Versos e pensamentos soltos.

; Angela! é este o nome que o poeta  
 Gravou na lyra em beijos fervorosos!  
 Dóce palavra que elle vê escripta  
 No ceu, no mar, na terra!  
 ; No ceu vê-a brilhar á luz dos astros!  
 ; No mar escuta-a no soar das ondas!  
 ; Na terra aspira-a no hálito das auras!

; Nome que eu creio até que a natureza,  
 Em horas de silencio e de mysterio,  
 Casar costuma de Senhor ao nome!  
 Eu nunca confiei teus sons divinos

Senão da solidão, onde não haja  
 Profano ouvido que te não distingua  
 De sons que ouvio no vozear da orgia . . .

Oh! ; Angela! este som de mil segredos  
 Encerra para mim mais melodias  
 Do que as que os bosques tem, illuminados  
 Pelos ultimos raios do sol-posto . . .  
 Quando as aves gorgeariam ternos hyrnos,  
 E a fontinha descae de seixo em seixo,  
 E canta o sul a ramalhar nas árvores  
 No chão movendo as folhas descóradas,  
 Que parecem querer voar ás socias  
 Ainda verdejantes e viçosas.

\*

Quando a noite silencio impõe ao mundo,  
 Que o ceu brilha, o mar geme, e a terra dorme,  
 Então o nosso amor gozemos, Angela!  
 Embora durma a terra . . . não são della  
 Nossos puros affectos, nossas almas . . .  
 Não . . . que nunca esta mente me repousa,  
 Mas véla como o mar que geme ao longe . . .  
 Não . . . que em teu peito um coração palpita  
 Ancioso como o ceu c'o brilho trémulo  
 De tantos astros súlgidos.

\*

Não fallas! !

Eu amo tanto a tua voz angélica,  
 Que deixa o coração n'uma dóce enlévo,  
 Qual bem-aventurados gosar devem!  
 Esta palavra « Eu te amo », repetida  
 Tantas vezes por ti, olha, meu anjo,  
 Tem para mim ainda o mesmo encanto  
 Que soubeste enfiltrar-me a vez primeira,  
 Que a murmuraram tímidos teus labios  
 Como innocente infante murmurára  
 Uma oração, quando a sineta dobra,  
 Annunciando um morte — o dia findo! —

\*

Que lindos olhos tens! E ha-de o poeta  
 Só cantar as estrellas que fulguram  
 Tam longe lá no ceu, quando ha na terra  
 Astros como esses teus!

; Luz de esperanza,  
 Que em atra cerração vi brilhar única!

Deixa-me sorver sófrego teus raios,  
 Como sorve os do sol pudica rosa!  
 E se esta dá em troca desses raios  
 Ao seu rosal aromas rescendentes,  
 Minha alma te dará seus pensamentos,  
 Meu coração seu desejar mais puro!

\*

¡Angela! Como eu te amo! Como eu vivo!..  
 Porque a vida é amar... Ter em Deos crença  
 Não é fitar teus olhos scismadores?  
 Não é uma oração (dessas que sabe  
 Erguer a Deos a natureza inteira)  
 O palpitar de dous amantes seios...  
 O éxtase de dous olhares ternos,  
 Que ora se encontram, ora vão pousar-se  
 A um tempo na gentil face da lua  
 Que parece calar no mudo brilho  
 Também amores, como os nossos, castos!

\*

Oh! isto é que é viver!

Dormir um somno  
 Que afagam sonhos, que visões alindam,  
 Para um dia acordar ao som de musicas,  
 De harpas celestiaes!...

E ha ainda, ó Angela,  
 Quem chame á vida inferno, a Deos mentira!

Julho — 1851.

*J. S. da Silva-Ferraz.*

### Apostrophe á Musa.

(Continuado da pagina 30).

A's tuas ordens, musa, aqui 'stou prompto:  
 Ja ves que exacto sou, são dez em ponto.  
 E quão formosa estás! So me parece  
 Que mal dos hombros nus se compadece  
 A patente magreza, o descarnado  
 Co'ó cheio, voluptuoso arredondado  
 D'occultas fórmãs, que desenha a seda.  
 E' forçoso que tudo hoje te ceda,  
 Vaes tudo deslumbrar co'a pederaria,  
 Que talvez não supporte a luz do dia.  
 Mas sou de parecer que os sapatinhos  
 De setim branco mettas nos bolsinhos,

Por que iremos a pe — sege não tenho.  
 Mandei-a procurar com todo o empenho;  
 Disse o alquilador que a não havia,  
 Mas quer-me parecer que o mal viria  
 Antes de eu não ter pago inda uma conta  
 (Ja nem sequer sei bem a quanto monta!)  
 Que elle por vezes mil me tem mandado.  
 Mas um homem de bem, que é obrigado  
 Dos seus eguaes a frequentar a roda,  
 Theatros, hotequins, andar á moda,  
 Fazer que deve, se não tem dinheiro,  
 E precisa mostrar que é cavalheiro?  
 (Gósto desta palavra, so por ver  
 Que é balda de gazeta, e sem saber  
 Com segurança onde ella a origem tem,  
 Co'o bom Faria quero crer que vem  
 D'algum cavallo da fiel nação,  
 Que nos veio valer na intervenção.)  
 Como dizia, o homem collocado  
 Em certa posição ve-se forçado  
 A ir ás assembleas, aos salões,  
 A's partidas, pikniks, reuniões.  
 A todo o preço de jogar carece,  
 Depois então, dizel-o mal parece,  
 Pagar á vista não se póde tudo.  
 Mas ninguem quer fazer papel d'entrudo,  
 Por isso em conta carregar eu mando  
 Aquillo, que preciso, pois pagando  
 Nem compraria, acreditar-me pódes,  
 Cera mustacha para os meus bigodes.

Não queres reparar que vista mette  
 O luzir dos botões do meu collete?  
 Valem sem hesitar um dinheiroão.  
 Que brilho as pedras tem! — são do Mourão.

Eis o meu braço, vamos a caminho,  
 Que temos até la um bocadinho. —  
 Por detraz desta esquina olha, não ves  
 Da rua em meio alli posto um fregues?  
 E na janella em cima, o escutando,  
 Um vulto feminil se debruçando?  
 O caso passa a mais, se não me engano,  
 P'ra a 'scalada prepara-se o magano.  
 Temos que ver! Daquelle canto sae  
 Vulto, que sobre o outro irado cae.

La fervem entre os dous valentes murros,  
 La soão roucos, abafados urros.  
 E' sem duvida o irmão da rapariga,  
 Zelando a honra sua, que assim p'riga.  
 A' lança, espada e ao punhal d'outr'ora,  
 Mudão-se os tempos, succedeu agora  
 O socco agarotado, o pugilato  
 Menos p'rigoso, um pouco caricato.  
 Tudo isto d'acola vendo a patrulha,  
 Nem se mexe apesar de tanta bulha:  
 Bem sabe ella, por isso não se cança,  
 Que é tudo criancice e guerra mansa.

Os dous gallispos campiões deixemos,  
 Nosso caminho por aqui tomemos.  
 Somos chegados; os sapatos muda,  
 E entretanto permite que saccuda  
 Eu das botas o po com este lenço.

Podemos ora entrar. Segundo penso,  
Esse senhor ahí, que vae subindo,  
Mui conhecido teu será do Pindo.  
Como que debes estimal-o assento,  
Aqui na 'scada mesmo eu t'o apresento:  
Eis o vate, que a todos leva a palma,  
Escreve versos com o *sangue da alma*.

Da casa á dona feita a venia usada,  
De ceremonias mais 'stás dispensada,  
E podemos, se quer's, ir começando  
Por essa valsa, que se está tocando.  
Nesta dança não sei tão innocente  
De mau que viu um Byron maldizente.  
Bem se esfalfa o Inglez, mas pregue embora,  
Que ja nossos costumes não melhora.  
Em vez de monopolio e despotismo  
'Stá felizmente em voga o communismo,  
E o bello sexo ha muito busca geitos  
De emancipar-se com eguaes direitos.  
Oh! que prazer, passar-te com ternura  
Todo este braço em volta da cintura,  
Esta mão contra o peito meu pousando,  
Teu halito inda quente respirando,  
Livre gosar á vista d'olhos mil  
O jus d'amante em hora pastoril!  
Cumpre seguir o mundo, e aproveitá-lo,  
Que é louca a pretensão de reformal-o.  
Eu ca por mim confesso ingenuamente,  
Antes quizera um so amor ardente,  
Mas, se ninguem m'o dá qual eu desejo,  
Pilho um abraço aqui, e allí um beijo.  
Nada do que me dão ingrato enjeito,  
Deem mais, se póde ser, que eu mais acceito.  
Qualquer taful, que por ahí casquilha,  
Sabe mui bem de cór esta cartilha.

'Stá bom, musa gentil, basta por ora;  
Vamos sentar-nos um bocado agora,  
E, cavalleiro teu, sempre a teu lado  
Esta noite serei. Oh! tem cuidado  
A essa dama de te não chegares,  
Pois p'rigo correrás de lhe esmagares  
Talvez os doces, que terá lampeira  
Mettido ás escondidas na algibeira.  
Mas se ella tem em casa uma filhinha,  
Que está ja no costume, coitadinha!  
De lhe levar a mãe, sempre que sae,  
Qualquer cousa da parte aonde vae!

Olha allí de ti mesma um predilecto,  
Um poeta fidalgo mui discreto,  
Que ora nos conta em suas poesias  
Quantos em caza tem thios e thias,  
Ora relata em lamentosa rima  
A dura morte da int'ressante prima,  
Ora improvisa aos annos das sobrinhas  
Sonetos, por que tem quatorze linhas.  
E inda estes versos *de familia* o povo  
Ha-de pagar-lhe co'um cruzado novo!

E não pasmas de ver tão galhofeiro,  
De cabeça tão leve, e pe ligeiro  
Aqui tanto *poeta agonisante* —  
*Amador infeliz* — *Sa caducante*?

Tanto vate funereo, que so chora  
A *dor acerba, infinda*, que o devora!  
Que, p'ra viver *dos homens isolado*,  
A este sitio vem despovoado?  
Que ter no rosto diz a todo o mndo  
Do seu *longo penar sulco profundo*?  
Que so lamenta o seu *soffrer intenso*,  
*Sua descrença e padecer immenso*?  
(*Immenso* por que *immenso* e *mago* é tudo:  
E' *immenso* o *punhir d'espinho agudo*,  
*Magos olhos, surrisos, carmes* temos  
E inda *magos archanjos* nós veremos).  
E não extranhas ver tão perfumado  
Currer as damas tanto desgraçado,  
Que apenas vive *dias cruciantes*,  
Que apenas ama *as brisas ciciantes*?  
Que *d'amarquras dedalo* atraves  
Dos seus versos conduz os frouxos pes,  
E semeando *fel, prantos e ermos*  
Entre altos, turgidos, guindados termos,  
Em quanto (é dicto do mordaz Frances)  
Co'a saude melhor come por tres,  
Por methaphora morre em cada verso?  
Não te parece que em logar diverso  
Devêrão 'star agora estes chorões?  
Mas qual historia! Olha-os mui pimpões  
De cima abaixo a sala passeando,  
O corpo a retorcer se peneirando,  
Calça esguia, casaca ao escapar,  
Arcando os braços, co'o chapéo a dar.

Ves nesse canto aquella desgraçada,  
Que toda a noite tem 'stado sentada?  
Coitada! Embora morra por dançar,  
So á falta de gente agarra par.  
Ella, como bem ves, não é formosa,  
Em extremo porém é virtuosa,  
Pois, sendo tambem pobre, abraça a seita,  
Que p'ra o ceo guarda quanto o mundo enjeita.  
De perto conheci, por meus peccados,  
Uma *que tal* de figados damnados.  
Emilia se chamava essa ruindade,  
Um monstro de virtude e — fealdade.  
Que uma furia peor, ou que um dragão,  
Copiado do pae fiel earão.  
O corpo tinha d'idolo hottentote —  
Um cepo mesmo — nem sequer barrote!  
Dizia então que não cedia a nada,  
Creio porém que nunca foi tentada.  
Contra as irmãs, que amará a natureza,  
Era ella um argos de brutal fereza.  
Eu então, que uma destas pretendia,  
Obsequios mil ao satanaz rendia.  
Dei-lhe d'optimo doce uma caixinha,  
Mas o tempo perdi co'a tal bestinha:  
Que ella apenas pescou, desfeito o encanto,  
Que era so pedra, e diferente o sancto,  
Depois de ter dos doces dado cabo,  
Guerra, guerra mortal fez-me o diabo.

(Continuar-se-á).

Luiz de Castro.



A cruz da solidão.

**A**o vêr-te assim c'roda de boninas,  
O' cruz da solidão,  
Que lembranças saudosas me despertas  
No triste coração!!

Tambem eu vinha alegre n'outro tempo  
Coroar-te de flores,  
Tu eras bella cruz, meu pensamento,  
Tu eras meus amores!

Eu via então sorrir-me entre esperanças  
O meu lèdo viver:  
Mas ah! que essa illusão p'ra mim tão cara  
Vi depressa morrer!

Um anno decorreu... e que diff'rença!  
Como tudo mudou!  
Esse alegre folgar de quem não soffre  
Para sempre findou.

\*

Porque a flor da minha vida  
Foi de pouca duração!  
Gelado sôpro do norte  
Vergou-lhe a haste p'r'o chão.

Agora sósinha e murcha  
A florinha abandonada,  
Em breve na fria campá  
Hirá cahir desfolhada.

E hoje só esta idéa  
Me pôde vir consolar,  
Sôffro muito, já não posso  
A existencia supportar:

Perdi tudo, e se no peito  
Tenho ainda uma esperança,  
E' só na paz do sepulchro,  
Que só alli ha bonança...

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

SETEMBRO 18. — 1851.

Mas, Senhor! por piedade,  
Que meu ultimo gemido,  
Com ternura ou com saudade  
Seja por ELLE acolhido!

E posso eu desditosa  
Essa ventura aguardar?  
Verei eu nos olhos d'ELLE  
Uma lagrima brilhar!?

Uma lagrima em seus olhos!...  
Ai de mim, o que pensei!...  
Posso eu ser feliz no mundo,  
Onde só dôr encontrei?!

Pedi muito, e não mereço  
Tanta ventura alcançar;  
Mas ao menos quando a morte  
Meus tristes dias findar,  
Que venha na minha lousa  
Branca rosa desfolhar.

Ah! Senhor! vêde o meu pranto,  
Ouvi a minha oração,  
Conservai-me esta esperança,  
Embora seja illusão!  
Deixai bafejar-me a campá  
Mesquinha consolação!...

Quinta de Palmeira 9 d'Agosto de 1851.

E. Julia.

Um sonho.

A meus pés... hia um regato,  
Mansamente a murmurar!...  
Deslizava pelos seixos  
De crystal a scintillar,  
Tinha um hymno em seu murmurio,  
Tinha um som de contristar.  
Oh que regato tão lindo  
Era elle a derivar!..

NUM. 6.

Eu alli estava com Ella  
 N'uma noite a respirar  
 Essa brisa fresca e pura,  
 Que parece obriga a amar,  
 Que do sol por mais ardente  
 Nos faz então deslembrar...  
 Que por noites d'almo estio  
 A vida nos faz gozar.

E essas mil folhas suspensas,  
 Que no ar se baloiçavam:  
 Agitadas pela briza  
 Magos cantos descantavam...  
 E os mais suaves gosos  
 Em nossas almas lançavam.  
 E' que ao Deos da Creação  
 As mesmas folhas louvavam!

E lá no cume da serra  
 Vinha a lua a despontar!  
 E seus raios projectavam  
 N'um rouxinol a cantar:  
 Que em suas ternas cantigas  
 A viera alli saudar!  
 Que sentir seria o delle  
 Naquelle seu gorgear!..

E as aguas do regato  
 Murmuravam docemente.  
 Espriadas na campina,  
 Qual 'spelho resplendente!...  
 E as folhas com a briza  
 Se agitavam brandamente:  
 Era uma noite d'amor,  
 Q'eu respirava contente!..

.....  
 .....  
 Ella 'stava a par de mim,  
 A par de mim a pensar...  
 E olhava para a lua,  
 Como se olha a namorar.  
 — Deixa a lua: tenho zelos.  
 Dá-me sequer um olhar —

E sorriu, mostrou-me a face,  
 Para na face a beijar!

Ha momentos em que um beijo  
 Encerra em si mais sentir...  
 E diz mais, que mil palavras,  
 Que possa alguém exprimir.  
 Com esse roçar de labios  
 Não ha nada a competir.  
 Que o pensar mais delicado  
 Se póde nelle expandir!...

Eu beijei... beijei-lhe as faces,  
 Aquellas faces mimosas!  
 Oh que enlevos tem um beijo  
 Nessas horas tão saudosas!...  
 Se eu roçara os bellos labios  
 De sua bôca de rosas!...  
 E lá murmura o regato  
 Canções dôces, amorosas!

E das aguas o murmúrio  
 E da noite a viração...  
 Os cantos do rouxinol  
 Nessa dôce solidão:  
 Produziram tal effeito  
 Sobre este meu coração...  
 Que mais louco do que nunca  
 Me tornei d'amor então...

Se eu podéra... nessa bôca  
 Minha vida beberia.  
 Roçar teus labios... morrer...  
 Quanto feliz eu seria!...  
 Hir na campa esquecer-me  
 De gozos que perderia.  
 Era mais que a minha 'sp'rança,  
 Era o céo, que me sorria!

Eu não sei se Ella escutou  
 Meus lamentos magoados...  
 Que só sei... foram nos labios  
 Com seus labios infiltrados

Que só sei... nos via a lua  
Estreitamente enlaçados.  
E dormimos... docemente  
Pelos sonhos embalados!

Acordamos... já o sol  
Lá na serra despontava.  
Demos inda um terno beijo...  
E mais outro... Ella chorava!  
Daquelles olhos o pranto  
Meu coração devorava.  
Meu coração?... sinto-o morto...  
Ah!.. foi sonho, qu'eu sonhava!!!

20 de Junho de 1849.

*Afonso de Castro.*

**Amo-te.**

(D... Q. A. S. S.)

Amo-te, virgem formosa,  
Como á propria Divindade;  
Como o triste prisioneiro  
Ama a dôce liberdade.

Amo-te como o exilado  
Ama a patria carinhosa:  
Como o terno, e triste vate  
Ama a lyra harmoniosa.

Amo-te muito... sim, muito...  
Com ternura, com ardor:  
Amo-te no sol brilhante,  
Porque tens delle o esplendor.

Amo-te na vaga lua,  
No seu fulgor e magia;  
Porque tens della a saudosa,  
E aerna melancolia.

Amo-te na linda estrella,  
Que no vasto ceu fulgura;  
Por della seres o retrato,  
Porque assim como ella és pura.

Amo-te na rosa branca,  
Quando orvalhada e viçosa:  
Porque tens sua belleza,  
Sua côr gentil, mimosa.

Amo-te no mar, na terra,  
Nos astros, no ceu, na aragem;  
Porque em tudo vejo traços  
Da tua querida imagem.

Amo-te muito: — eu t'o juro...  
Mas abranda os teus rigores...  
Não merece os teus desdens,  
Quem por ti morre d'amores.

28 de Agosto de 1851.

*M. \*\*\**

**No album de J. B. Pacheco Pereira.**

Tu já viste o desalento  
Com que em horas de tormento  
Tristes trovas escrevi:  
Oh! mal sabes que tristeza  
E' não ter a alma preza  
Aos encantos d'uma *hourí*!..

Sei que vives por que sentes  
As aspirações ferventes  
D'um fogoso coração;  
Tens na terra quem te adora,  
Quem te affaga a toda a hora,  
Sei que vives... mas eu não!..

Não, não vivo! — E' bem tristonha  
Esta vida a quem não sonha

Uma imagem de mulher!...  
Com que amor, com que ternura  
Eu pagára hoje a ventura  
D'um momento de prazer!

Diz-me tu, não é tão lindo  
Acordar, lèdo, sorrindo  
A' imagem que sorri!?!...  
E depois ter crenças nella  
E perder-se a gente ao vê-la...  
Como eu já me perdi!...

Amei tanto... e tão ardente  
Eu já fui, quando innocente,  
Meus affectos consagrei,  
Que hoje, amigo, eu, vago espectro  
Como quem depoz o sceptro  
Desse throno, onde reinei!

Tenho crenças... são no Eterno,  
Só a elle um culto interno  
Lhe consagra o coração:  
Tambem creio na amizade,  
Que não queime a intensidade  
Dos delirios da paixão.

Essa sim foi-me inspirada  
Pela coroa bem fadada,  
Que, poeta, Deus te deu...  
Eu não sei por que magia  
As prisões da poesia  
Nos são mandadas do ceu.

---

**Soneto.**

Nada vale ao mortal triste experiencia!  
Nada valem vergões d'algema antiga!...  
Se ha lindos olhos, onde amor se abriga,  
Se depende d'amor nossa existencia.

O' seductora voz! magica essencia!  
Que me offusca a razão, e o pensar liga!...  
Que sou? que valho? quando amor me obriga?  
Que aproveita á razão a resistencia?!..

Tudo succumbe a amor; em vão procuro  
Forçar minha razão, Julia, a deixar-te,  
Se tens no peito meu throno seguro.

Mas 'inda que infeliz por adorar-te,  
Sem me a esp'rança sorrir lá no futuro,  
Oh! nunca, nunca deixarei de amar-te.

*José Borges Pacheco Pereira.*

---

**A manham.**

Surge! surge, manham! C'a luz rúbida  
Os fantasmas da noute apavora!  
Os jardins e campinas enflora  
Com teu miágico e brando aspirar!

Surge! surge! e a teus raios benéficos  
Seu azul mostre o ceu luminoso,  
Mostre a terra seu verde viçoso,  
E a côr de ambos retrate esse mar!

\*

Vem! oh! vem espalhar com mão pródiga  
Entre as flôres do extremo Occidente  
Os perfumes e côres do Oriente  
Que roubaste ás campinas de lá!

Vem! Esperam-te as aves harmónicas!  
Vem! Esperam-te os lirios pendidos!  
Vem! E a lira dos cantos doridos  
Hoje um cántico ledó terá!

\*

Surge! surge das ondas! Anceiam-te  
Quantos entes povoam a terra!  
Tudo quanto no mundo se encerra  
Te quer vêr radiante e louçam!

E eu que a noute passei em insomnia  
Consumida em vãos sonhos... em nada,  
Quero a fronte sentir refrescada  
Por teu hálito puro, ó manham!

\*

Quero a luz! Quero a luz, como o misero,  
Desde o berço gemendo amarguras,  
Quer passar horas lédas e puras  
Nos prazeres do amor divinal!

E é tam dôce, após queixas e lágrymas,  
Vêr o riso nos labios da amada,  
Como vêr a natura inundada,  
Após trevas, da luz matinal!

\*

Mas lá vens! Já te vejo... escutaste-me...  
Já se tingem os ceus de escarlata!  
Já as ondas cessaram o embate,  
Que ellas sabem que est'hora é de paz!

Vem, ó virgem que eu amo! sem silíde,  
Entre os silfos que leves adejam!  
Todos lédos est'hora festejam,  
Priguiçosa! só tu não virás!..

\*

Vem! gozemos o bello espectáculo  
Que offerece gentil natureza!  
Triste veu lhe occultou a belleza,  
Mas já feito pedaços lá cae!

Junto a mim vem sentar-te!.. abracemo-nos!  
Ouves?... vê?... tudo canta e tem calma!  
Nossas almas tornadas uma alma  
Tambem digam mil cantos n'um ai!  
*J. S. da Silva-Ferraz.*

Vem ....

.... Ouvi-me!  
A. Henc.

Vou mandar-te nas azas da briza  
Um saudoso suspiro d'amôr;  
Vou mandar-te das cordas da lyra,  
Meiga pomba, o meu canto de dôr.

Não desprezes, donzella, meu pranto,  
Que revela sincera paixão;  
Não desprezes quem vai offertar-te,  
Entre lagrimas, seu coração.

Eu te adoro!... De rosas e lirios  
Teu altar eu vou sempre cobrir.  
Eu te adoro!... Perpétua na mente  
Tua imagem tenho eu a sorrir.

Vem, oh anjo, dar paz e ventura  
Ao poeta, que vive por ti;  
Vem, oh anjo, afagar-me nos sonhos;  
E saber que em teus olhos eu cri.

Porto, 11 d'Agosto de 1851.

*Sohu.*

A<sup>o</sup> Exc.<sup>ma</sup> S<sup>ra</sup>. D. Sofia P. G.

..... du divin volume  
Où tes doux chants m'étaient ouverts,  
Je ne sais quel flot d'amertume  
Coulait en moi dans chaque vers.

DE LAMARTINE.

Genio celeste, que á terra  
Baixaste só p'ra soffrer,  
E todo o fel qu'ella encerra  
Na amarga taça beber!..  
De lá trouxeste um thesoiro,  
Dos archanjos a harpa d'oiro  
P'ra na agonia a tanger!

Esse canto, onde expressivo  
Pintas o teu dissabor,  
Quem ao lê-lo — condoído —  
Não sente qu'é trovador?!..  
Haverá alma que ame —  
Que, passadas, não derrame  
Duas lagrymas de dor?!..

Ouvir-te a voz argentina  
Em celeste vibração; —  
Juncta á magia divina  
D'amargura a percepção:  
Traspassa a rocha mais dura;  
Condóe o tigre á brandura;  
Fere o sangue ao coração!..

Vate não era; mas vendo  
Na terra um anjo a chorar...  
De teus males me doendo,  
Senti-me logo inspirar!  
São as trovas mais sentidas,  
Que as almas engrandecidas  
Sentem na dôr aspirar!..

Se um coração opprimido  
Encontra allivio ao soffrer,  
E' quando um peito doído  
Como elle sabe gemer...  
E este balsamo saudavel,  
Que no infortunio é duravel,  
Fui-t'o em meu canto off'recer!..

Teu pedido ouvindo agora  
Tenho orgulho!... E se cantor  
E' — triste — aquelle que chora,  
Eu serei teu trovador!...  
Será meu esse teu pranto,  
Beberei nelle o encanto  
Do teu genio inspirador!

E essa branda harmonia,  
Que achares nos versos meus;  
E' o aroma da poesia,  
Que vem dos suspiros teus...  
Da tua mente é o vivo lume  
Qu'incensa com seu perfume  
Celestes hymnos a Deus!

Agosto 23 de 1851.

*J. P. F. C. Sarmiento.*

Muito amor.

(BEBARGER).

E' loucura talvez, mas eu quizera  
Do mundo todo o ouro amontoar,  
Que com elle contente eu te fizera  
A vida com mil gosos aditar:  
Oh eu quizera sim muita riqueza,  
Não por que me deslumbre o seu fulgor,  
Porque escravo não sou, não, da avareza,  
Porém tenho-te muito, oh!.. muito amor.

P'ra te immortalisar, anjo adorado,  
Se me inspirasse o fogo da poesia,  
Teu nome nos meus versos celebrado,  
De um pólo ao outro pólo voaria:  
Podesse eu em padrões d'alta memoria  
Nossos nomes ligar com esplendor!...  
Oh não me cega, não, a fama, a gloria,  
Porém tenho-te muito, oh!.. muito amor.

Quizera lá do throno poderoso  
A' Europa, ao mundo minhas leis dictar;  
Quizera a c'roa para ser ditoso,  
Para na tua frente a vêr brilhar.  
Eu quizera a teus pés vêr humilhada  
A nobreza, fortuna e o valor;  
Não me cega a ambição, oh cara amada,  
Porém tenho-te muito, oh!.. muito amor.

Mas para que formar tão vão desejo,  
Desejo que não vale um seu olhar...  
Que mais que um trono, a vida, vale um beijo  
E sentir contra o meu seu peito arfar.  
Oh! podesse, anjo, eu vêr ainda um dia  
Langares-te em meus braços com ardor...  
Ai eu não tenho gloria, nem valia,  
Porém tenho-te muito, oh!.. muito amor.

*A. C. Lousada.*

**Apostrophe à Musa.**

(Continuação).

Esta quadrilha danarás comigo,  
Que ninguém, musa, quer dansar comtigo.  
Ja ves que estás um pouco antiquada:  
Bons tempos forão, quando cras amada,  
Quando ainda se ornava a poesia  
Co' o brilhante matiz da phantasia.  
De sentimento o homem transbordando,  
O ia em torno a si communicando:  
Uma nympha velava em cada fonte,  
E oreades tinha cada monte;  
Dos rios engrossavão o thesouro  
As naiades gentis com taças d'ouro;  
Em cada arvore a dryade sentia  
O bem, ou o mal, que o homem lhe fazia.  
Tudo amava; do zephyro amorosa  
Ternos affagos acceitava a rosa;  
Deixando ouvir a voz canora e bella,  
Trinava brandas queixas Philomela.  
Habitava um Tritão entre escarceos,  
Na branda viração falava um deus;  
Povoado era então o firmamento,  
E do seu scintillante, ethereo assento  
De virgens e d'heroes almas brilhantes  
Guiavão pela noute os navegantes.

O que tinha alma e vida ja não sente,  
E' hoje morto, ou bruto tão somente.  
Tudo morreu, tudo hoje ás mãos d'algozes,  
Theoclastas fanaticos, ferozes,  
Vandalos de casacas e espartilho,  
Espanca-numes os chamou Castilho.

Tanto assassínio que nos ha rendido?  
Um plagiato misero, enxabido.  
Da poesia pelo deus brilhante  
Um archanjo nos dão extravagante,  
De que na Biblia não achei indicio;  
E a deusa, que no carro a amor propicio  
Curria o ceo d'estrellas rodeada,  
Tornão-nos em *alampada* azeitada.  
Inverter termos a invenção eis sua,  
E *sol das noutes* vão chamando a lua,  
Porem, porque não hei-de, não perceba,  
*Lua dos dias* eu chamar a Phebo.

Tudo era crença então, prazer e canto:  
Hoje é tudo descrença e desencanto,  
E se temos por aguas d'Hippocrene  
*Choros d'Armia e lagrimas d'Irene*;  
No verso so se ve cançado *amor*  
Por fas ou nefas a rimar com *dor*:  
E tanto o apurão, que ninguém duvida  
Que elle p'ra as rimas emigrou da vida.  
Té as damas em cantos maviosos  
Publicão ja segredos amorosos,  
Contando ao povo em sonoro verso  
Tristes amores seus com um *perverso*.

P'ra versejar desorer cumpre hoje em dia,  
Té que eu tambem descri — da poesia.  
E tanto a antiga musa á d'hoje excede,  
Oh! quanto em pregas graciosas cede  
E em bellas fórmas ao trajar d'outr'ora  
Um albornoz, ou um chapeo d'agora.

Não ves que *vis à vis* tão escovado,  
Pelo dono da caza me foi dado!  
Quem é, perguntas? Mal dizer-to posso,  
Sem que me trema a carne até ao osso.  
E' um açoute dos que tu amimas,  
Autocratico julgador de rimas,  
Um lobishomem, um incendiario,  
E', ai! que medo, um critico lit'rarío.  
Ainda ha pouco que este espadachim  
D'uma gazeta fez no folhetim  
Ante a sua magnanima excellencia  
Todo o vate passar em continencia.  
Nem as damas sequer o rigorista  
Ao menos dispensar quiz da revista,  
O que ninguém dirá ser mui cortex.  
Depois a cada qual por sua vez  
O responso foi lendo, e lhe intimando  
O que tinha a fazer, foi lhe assentando  
De quando em quando sua catanada.  
Em linguagem ou frouxa e arrastada,  
Ou sem dó torturada horivelmente,  
P'ra o sublime tocar baldadamente;  
No dogmatico tom, que competia  
A profundo doutor em poesia,  
Foi lendo este Aristarco inexoravel  
A cada qual sentença inappellavel.  
Na parte doutrinal como modelo  
Nos disseca um poeta ao escarpello.  
A este juiz de nervos delicados,  
Que por maos versos são incommodados,  
*Arripião-se as carnes e o cabelo,*  
*Rangem os ossos,* não me custa a crel-o,  
Ouvindo um asno, que cantar pretende,  
E o melindroso tympano lhe offende.  
Por isso em conclusão sem piedade  
De seu pleno poder e auctoridade  
Poetas vinte e dous elle condemna  
A perpetua ult'rior mudez, sub pena —  
De as suas proprias *trovas* lhe soffrerem,  
De escutarem, sem nada lhe dizerem,  
*Contar e recontar sua alma triste*  
*N'um riso* (aqui ao riso quem resiste?)  
*Os mysterios sem fim da sua dor;*  
E seu *cadaver,* sem falar d'amor,  
Enfeixar versos, e insultar Lobato;  
De aturarem com 'spirito pacato,  
Que elle nos mande *VER* — *the FRIA a face,*  
E com *ecchos,* que escutão, mais nos mace.  
Quando a sentença vi, que dava cabo  
Assim de tanto misero diabo,  
Notei que se esquecera o valentão  
Que é *fraqueza entre ovelhas ser leão.*

*C'est fini.* Falta em passo moderado  
A sala passear de braço dado,  
Que vem a ser, segundo a nova uança,

Uma especie d'appenso á contradansa.  
Do jogo a sala, e o que estiver aberto,  
Vamos ver, 'stá o corredor deserto.  
Ou antes p'ra depois deixemos isso,  
Que ahí vem os criados co'o serviço.  
Postando-nos no vão desta janella  
(Não tens que recear apalpadella),  
Podemos disfructar a bel prazer  
O que na sala toda houuer que ver.

Não te farei notar os namoricos,  
Que por hi trazem esses mafarricos,  
Os apertos de mão, risos amaveis,  
E eterno cochichar d'inseparaveis:  
Tanto por que seria impertiuente  
Inda qu'rer apontar-te o que é patente,  
E porque com rasão caso não fazes  
Que raparigas gostem de rapazes,  
Como por 'star eu mesmo f'rido na asa.  
E temer que tambem me entrem em caza.  
Em honra te confesso da verdade,  
Que, se estivera aqui minha *deidade*,  
Que par tivesses pouco me importara,  
Nem eu com tigo tanto me occupara.

Repara, ves aquelle formigueiro  
Em volta alli d'aquelle taboleiro,  
O quer que é, uns os outros empurrando,  
A' força, ás rebatinhas disputando,  
E atropellando até pobres criados?  
Sabes aquillo o que é? São rebugados.  
Estes senhores meus das suas *prendas*  
Recebem sempre d'estas encomendas,  
E — "traze-me do baile um rebugado" —  
E' rifão em taes casos costumado,  
Que ja por vezes tem cabido a mim.  
Eu a todas então digo que sim,  
Porem vou no outro dia antes comprar,  
O que não quero andar a ugafanhar.  
Ve agora o damismo, cousa rica!  
Uma viuva ao lado aqui nos fica,  
Que, embora para tal tudo se torça,  
As filhas quer cazar á f'oa força.  
Protege *rendezvous* aos namorados,  
E estes em caza até são tolerados,  
Promettendo cazar sem mais instancias  
Mal possão *permittit-o as circumstancias*.  
E' viuva tambem aquella alli,  
Essa porem so quer cazar-se a si.  
Com outros inda ha pouco em caza d'ella  
Uma noute passando a dar á trela,  
Por acaso pesquei, quando sahia  
Que um gebo que alli 'steve, mas havia  
Meia hora ja se tinha despedido,  
Ficava d'uma porta atraz 'scondido,  
Que parecia ser d'uma caxinha.  
Que era elle sei, porque de sóra tinha  
Da cinzenta quinzena inda um bocado,  
Mas vidas d'outros não me dão cuidado.  
Assim dizem d'aquella cazudinha,  
Que demais go'ta d'uma tal fardinha,  
Mas o marido traz a fronte leve;  
E d'aquella, que vae cazar em breve,

Que não deixou p'ra então muitos mysterios.  
Estes pontos porem são muito serios,  
E eu hei-de as linguas más sempre odiar.  
Aquella, que alli ves tão grave estar,  
Na sua terra foi a Sera Anninhas,  
Do que nunca passou entre as visinhas:  
Hoje por timbre ella um pinheiro tem,  
E senhora se cré muito de bem,  
Porque a tractão de dom por caridade  
Na bocca sempre traz — *capacidade* —  
Por terceira palavra ao conversar.

Para a polka por fim pilhaste par,  
E, se todos aqui são titulares,  
Que titulo elle tem, para lh'o dares,  
Quer's saber? Eu por mim quem é não sei,  
Porem um bom conselho te darei.  
Quando o nome não sei a uma mulher,  
Chamo-a Maria, dê por onde der.  
E' um jogo, é verdade, mas em summa  
Entre mil vezes errarei so uma:  
D'esta sorte o teu par, seja quem for,  
Por minha conta chamarás doutor.

Vae, vae, que em quanto o pe na dansa agitas,  
N'esse gyrrar em voltas tão bonitas,  
N'esta varanda suspirando intento  
Pensar n'aquella, que no pensamento  
Que as outras vale mais todas gosadas.  
O Douro susta as ondas prateadas  
Soberbo de espelhar na face liza  
Linda imagem gentil da minha Eliza.  
Suas nymphas esquece, e qual rafeiro  
As plantas beija á dama, a quem inteiro  
Um coração votei, que por diviza  
O seu nome quer so. Eliza, Eliza,  
Alma, vida, desejos, em que ancio —  
Sobre as azas do amor eu t'os envio.

(Continuar-se-á).

Luiz de Castro.

## Charada.

Das chuvas na estação, moderado, abrando } 2  
Desabrido rigôr d'agudo frio. }  
Modifico sob arvore frondosa } 2  
Oppressivo calor d'accêso estio. }  
Quão bello o, que diviso! o valle, o monte,  
A cidade, a floresta, o prado, o rio.

## EXPLICAÇÃO DO NUMERO 4:

Charada — Família.

*Erratas.* — Em o n.º 5, a pag. 36, Poesia =  
*Uma saudade* = onde se lê — *Frias cinzas* — e em tor-  
mentos — deve lêr-se — *Frias cinzas* — sem tormen-  
tos — e onde se lê — Se o trovar meu triste *vôa* —  
deve lêr-se — *Se o trovar meu triste sóa*.



Soneto

Aos annos do meu querido Páe, em 25 de Setembro de 1851.

**S**ALVE, dia brilhante e magestoso,  
Que enviado por Deos a nós vieste!  
Salve, dia feliz, porque me déste  
O mais terno dos páes, o mais bondoso!

Salve, oh! vezes mil, páe carinhoso,  
A hora abençoada em que nasceste;  
Qual astro salvador appareceste  
Neste mar inconstante e procelloso!

Em prova do mais terno e santo amor,  
Minha alma, minha vida, e coração,  
Se eu podésse, a teus pés hia depôr!

Da filha acceita, páe, com affeição,  
Os votos que te faz com fé e ardor,  
De respeito, humildade e gratidão!

*D. Maria Candida P. V.*

Ao apparecer da lua.

Bem vinda sejas, ó lua,  
Com teu pállido clarão,  
Tua luz suave e triste  
Traz-me allivio ao coração;  
Tu és a saudosa imagem  
Do meu tempo de illusão.

Meigo astro, confidente  
Do meu pranto e meu amor,  
Leva impressa nos teus raios  
A imagem da minha dôr,  
Dos tormentos que me causa  
Da minha sorte o rigor.

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

Quando o ingrato a quem amei  
Em ti os olhos fitar,  
Diz-lhe quanto d'elle ausente  
E' cruel o meu penar,  
E vai nessa alma de gêlo  
Os remorsos accordar.

Diz-lhe: — Ingrato, tu pagaste  
A ternura com traição,  
Ganhaste com fingimento  
O mais puro coração....  
Mas fugir, ah! não procures,  
De Deos justo a maldição.

15 de Junho de 1851.

*Maria Augusta.*

Ainda ris!

Mulher, que é do teu voto? que fizeste  
De tanto amor tão puro? Anjo dos Anjos,  
Ai! quem te fez demonio?..

*Noites do Castello — Cant. 3.<sup>o</sup>*

Trahido! e tu riste! Demonio, que fazes  
Com esse sarcasmo sanguento, cruel?!  
Não basta um tormento rasgar-me as entranhas,  
Quer's inda que eu trague desprezos de fel?  
— Oh! não: em vez d'ulg'ras de martyr me aponte  
Teu dedo do reprobo o stygma na fronte.

Eu cri-te um Archanjo! — candura, pureza,  
Hypocrita masc'ra tudo era — e mais não.  
Tua alma era negra — teus labios mentiam —  
Protestos, ternuras... mentira! illusão!..  
— D'amor pelo prisma prestigios só via,  
E as bordas do abyssmo de flores cobria.

A' face do Eterno juraste constancias;  
Mulher, os teus votos?.. mentiste inda ao Ceu?..  
Se na terra gozas, além... olha a campa...  
No pó dos sepulchros lá roja o atheu. —  
— Tambem riu na terra — foi rei — teve um trono,  
Mas Deos negou-lhe hoje dos mortos o somno.

OUTUBRO 2. — 1851.

NUM. 7.

Trávido! e o sonho raiando d'esp'ranças  
 O pé do perjurio — só — pôde esmagar?..  
 E as crenças do bardo tão bellas, tão puras,  
 N'aurora da vida já se hão-de finar?..  
 — E em troca de esp'ranças na terra — no Ceu —  
 Arrojam-me ás plantas uma harpa d'atheu?..

Se a lyra a desgraça me deu de poeta,  
 Não quero taes loiros, que espinhos me dão.  
 Que importa que em trovas descante estas mágoas  
 Se as f'ridas gotejam do meu coração?  
 — Que importa uma vida de alegres lembranças,  
 Se é negro o futuro — sem luz de esperanças?!

Um peito de virgem não acho na terra  
 Que saiba os segredos dest'alma entender.  
 Se os labios das virgens — *ter fé* — me disseram,  
 Do sceptico as vozes bradaram — *descrêr*. —  
 — E os labios das virgens mentir só souberam,  
 E as vozes do triste verdades disseram.

Adeos crenças minhas d'amor — tão risonhas —  
 Amadas com fogo; — que importa? lá vão.  
 Os labios das bellas só fallam perfidias,  
 Por entre ternuras se esconde a illusão.  
 — Se a alma do sceptico é negra, perdida,  
 E' que é já desperta do sonho da vida.

Tambem desse sonho mentido até hoje,  
 Sorrindo d'esp'ranças, julguei despertar...  
 E em troca d'um Eden buscado com ancia,  
 Do nada co'as trevas só pude topar.  
 — Que importa este pranto, que as faces me molha,  
 Se o livro do engano rasguei folha a folha?!

Trávido! que importa? que importam despezos?  
 Que importa um sarcasmo sanguento, cruel?  
 Se pôde um tormento rasgar-me as entranhas,  
 Não podem ferir-me despezos de fel.  
 — Oh! não: em vez d'ulç'ras de martyr me aponte  
 Teu dedo do reprobo o stygma na fronte.

F. M. G. M. S.

## O fim do dia.

### I.

Do Sol o globo immenso  
 Ao mar ei-lo pendido...  
 O Ceu fica incendiado  
 Em vívido rubór.

O Ceu outro Oceano  
 Dissera-se de fogo,  
 Que apaga um anjo logo,  
 Por ordem do Senhor.

Já a orla do Oriente  
 As trevas vão cubrindo...  
 Da noute vem surgindo  
 O tímido pallór.

### \*

Mas que soar tam triste  
 Ao longe leva o vento?!  
 Será do ar o lamento?  
 Da terra é o gemer?

Não. E' a oração que o homem  
 Une á da natureza:  
 Que todo o ente resa,  
 Ao vêr a luz morrer...

O múrmuro regato,  
 E a ave sensitiva...  
 Até á flôr prantiva  
 Ouvi canções tecer.

### II.

#### REGATO.

Bem sinto a luz fugir-me  
 Por traz daquella serra...  
 O Sol já deixa a terra  
 Pelo revoltó mar.

Já não me envia raios,  
 Nem me illumina as ágoas;  
 E eu canto as minhas mágoas  
 No triste murmurar.

Minhas pequenas margens  
De límpidos verdôres,  
Em breve as vossas flôres  
Não hei-de retratar.

Só se, a luzir nas trevas,  
Argenteo pyrilampo,  
Fugindo o ardôr do campo,  
Vier' em vós pousar.

III.

FLOR.

Porque de nós te apartas,  
Da terra alma alegria?  
Porque já se annuvia  
O monte e o prado e o val?

Em brevc aura ligeira  
Virá passando avante,  
Sem conhecer a amante  
Sua flôr sem igual.

Que a minha côr desmaia  
Se a tua luz me deixa...  
A treva escura fecha  
Meu calix virginal.

Oh! volta em breve á terra,  
De lucto e dó cuberta...  
Esperarei desperta  
Teu riso paternal.

IV.

A AVE.

O dia se despede  
Das selvas. Aos outeiros  
Seus raios derradeiros  
Inda reflectir vão.

O Ceu se entenebrece...  
Aspira morna a aragem  
Que do álamo á folhagem  
Dá branda agitação.

E eu canto em meus gorgeios  
O Sol que de mim foge,  
De mim, que cantei hoje  
A sua apparição.

E' meu destino, alegre  
Saudar a luz nascida,  
E á sua despedida  
Erguer triste canção.

V.

Ouvistes esses cantos  
Que modulou a ave?  
Que uniu ao som suave  
Do rio a pobre flôr?

São cantos inspirados  
Pela melancolia  
Que nest'hora extasía  
Os entes do Senhor!

E ha-de casar a hymnos  
De fé tam pura e intensa  
Um canto de descrença  
Blasfemo trovadôr?

\*

Bem-vinda, hora solemne  
De luz mysteriosa,  
Incerta, duvidosa,  
Como a hora do espirar!

Compara-te a sua alma  
O sceptico, o descrente...  
Eu não, oh Deos clemente,  
Não te hei-de blasfemar!

No meio da desdita  
Creerei na felicidade...  
Ao vêr a escuridade  
A luz hei-de esperar.

Porto — Setembro de 1851.

J. S. da Silva-Ferraz.

\*

**Dorme.**

*A minha irmã M. V. d'O. C.*

Dorme, dorme, pequenina,  
No teu bercinho engraçado,  
Que dos anjos o mais lindo  
P'ra tua guarda foi dado:  
O Senhor ouviu meu pranto,  
Deu-me em ti um novo encanto  
Pelo filho que perdi.

— Dorme, dorme, pequenina,  
Tua mãe véla por ti.

Tu sorris, sorris em sonhos...  
Que vês tu — que vês, oh filha?  
E' o céo, onde entre os anjos  
Teu irmão risonho brilha?  
Oh não vás, não vás fugindo  
P'ra ao pé delle: foi infundo  
O tormento que soffri....

— Dorme, dorme, pequenina,  
Tua mãe véla por ti.

Que vês tu? Fada risonha  
Toda toucada d'estrellas,  
Que vem fadar-te no berço  
Com suas prendas mais bellas?  
Vês, bem sei, a linda fada  
Vês, bem sei, filha adorada,  
Que te embala e te sorri.

— Dorme, dorme, pequenina,  
Tua mãe véla por ti.

Verás tu no céo radiante,  
Sobre um livro d'ouro fino,  
Traçar-te um anjo formoso  
O mais brilhante destino?  
Será teu norte a virtude  
Desde o berço ao ataúde.....  
Não é o que lês d'ahi?

— Dorme, dorme, pequenina,  
Tua mãe véla por ti.

Mas que tens, que tens agora,  
Meu anjo, meu paraíso?  
Nos teus labios pequeninos  
Já não volteia o sorriso....  
Viste acaso no teu sonho  
O mundo, qual é, medonho?  
Não temas que estou aqui....  
— Dorme, dorme, pequenina,  
Tua mãe véla por ti.

Teu irmão deixou um êrmo  
A casa que habitara;  
Chorei muito — Deos ouviu-me,  
E mandou-te, oh filha cara.  
O choro tornou-se em canto,  
Em rizo tornou-se o pranto,  
Todo o pranto que verti.  
— Dorme, dorme, pequenina,  
Tua mãe véla por ti.

E's para mim mais que o mundo,  
Que por elle eu te não déra;  
Comtigo bem junto ao seio  
Que m'importa a sorte féra!  
O mais vehemente desejo  
Dar-t'o eu n'um longo beijo  
Nesses labios de rubi.  
— Dorme, dorme, pequenina,  
Tua mãe véla por ti.

Tu não sabes, não, anjinho,  
Qual minha louca alegria  
Quando de — mãe — doce nome  
Tua bôcca balbucia.  
Esse som que desprendeste  
E' p'ra mim canto celeste,  
Qual nenhum outro ouvi.  
— Dorme, dorme, pequenina,  
Tua mãe véla por ti.

Dorme, dorme sem receio,  
Dorme, que á Virgem Maria  
Eu pedi por ti, resei-lhe,  
Resei-lhe já noite e dia:

Dorme, dorme descansada  
 Pelo seu nome escudada,  
 Nome que te dei — a ti.  
 — Dorme, dorme, pequenina,  
 Tua mãe véla por ti.

E' o mais lindo dos nomes  
 Que eu encontrei para dar-te,  
 Li-o na estrella d'aurora,  
 No céo, mar, por toda a parte.  
 Diz innocencia, candura,  
 Dá esp'rança, dá ventura,  
 E' o mais lindo que vi —  
 — Dorme, dorme, pequenina,  
 Tua mãe véla por ti.

Dorme, dorme, pequenina,  
 No teu bercinho engraçado,  
 Que dos anjos o mais bello  
 P'ra tua guarda foi dado;  
 Dorme, dorme, minha esp'rança;  
 Iris vivo de bonança,  
 Estrella que me sorri,  
 — Não temas nada, não temas,  
 Tua mãe véla por ti.

C. Lousada.

Ultimo canto.

(A. A. A. C.)

Ah! je suis malheureux. Il n'y a pour  
 moi qu'une chose douce au monde,  
 c'est vous. Pourtant je sens bien que  
 vous ne m'aimez pas.

VICTOR HUGO — *Angelo*, J. 1. sc. 1.<sup>a</sup>

Tu queres que est'alma outra vez desprendendo,  
 A deixe vejar por um mundo de luz!  
 Tu queres que eu cante! não vês que soffrendo  
 Ao Gólgotha levo tambem minha cruz?

Tu pedes um canto — talvez de alegria,  
 Talvez respirando doçuras do amor!  
 Não vês que minh'alma fechou-se á poesia,  
 Vergando — sem forças — ao péso da dôr?

Não vês que já tenho as cordas quebradas  
 Da lyra que outr'ora — feliz — dedilhei?  
 Deixou-as — fugindo-me — assim estaladas  
 Um anjo de graça que — insano! — adorei.

Se pódés, dá fogo, dá vida a minh'alma  
 De teus lindos olhos c'um magico olhar,  
 Verás como a dôr em meu peito se acalma,  
 Ver-me-has a lyra de novo pulsar.

Escuta-me, archanjo, se a voz de quem te ama  
 Não entra até o imo de teu coração,  
 Então é extincta p'ra mim toda a chamma  
 Que a mente inflamma no ardor da paixão.

Desesperei, porque a desgraça,  
 Opprimindo-me cruel,  
 Já me fez beber na taça  
 Do engano amargo fel.

Amei muito — delirante,  
 Com amor embriagante,  
 E tive em paga a traição.  
 Em paga de amor profundo  
 Qual ninguém teve no mundo,  
 Nascido no coração.

Soffri. Hoje que m'importa  
 Trahido ter sido já?  
 Se p'ra o mundo est'alma é morta,  
 Que me importa amor de cá?

Não, oh virgem, se eu pudesse,  
 Se captivar-te soubesse,  
 Bem feliz pudéra ser.  
 Mas meu desejo é loucura,  
 Que p'ra mim não ha ventura  
 Que me doure um só prazer.

E. S.

## Uma saudade.

(Ao meu intimo amigo Eduardo Augusto Salgado.)

Esta imaginação só me accrescenta  
Mil mágoas no sentido, porque a vida  
D'imaginações tristes se sustenta.

CAMÕES — *Elegias.*

Entrei neste cemiterio  
Onde estão mil gerações!  
E no pó d'atro mysterio  
Vi desfeitos os braços!..  
Feliz somno ao que repouisa,  
Que quebrou juncto da loisa  
Uma a uma as illusões!...

Os tormentos desta vida  
Aqui todos esqueceu....  
Embora de dôr's nutrida  
Socegado adormeceu!..  
Mas — talvez — que ao apartar-se  
Vira o pranto derramar-se  
D'uns olhos fitos no ceu!..

Talvez! quem sabe?... seria  
De mãe a quem tanto amou,  
Que a Deos uma resa envia  
P'lo filho que lhe levou?..  
Ou foi — talvez — de um amigo,  
Em cujo seio um abrigo  
Ao seu penar encontrou?...

Mas, oh! não; foi d'uma amante  
Chorado o pranto da dor,  
A quem amou delirante  
Co'o mais puro e sancto amor!..  
E' ella que assim se queixa —  
Soltando saudosa endeixa,  
Que envia aos pés do Senhor!..

E' ella, sim, que extremosa  
Tambem soube o que era amar!..  
E todo o fel — lacrymosa —  
D'amarga taça esgotar...

Que o amor é desgraçado,  
Sem uma 'sp'rança alimentado  
Nas illusões a brilhar!..

Mas ao menos não vivêra  
Seu fado, só a carpir...  
Uma alma co'elle soffrêra,  
No mais ardente sentir...  
Embora em saudades gasto  
Esse amor tam puro e casto,  
Qu'em breve vae possuir!...

Eu nem, sequer, isso espero;  
Não ha quem sinta por mi!..  
Nesta dôr me desespero —  
De viver tam triste assi!..  
Dormindo aqui descansado,  
Por ninguem serei chorado  
A não ser senão por ti!...

Setembro 26 de 1851.

*J. P. F. C. Sarmiento.***Estava morta!**

Já vejo luzir as torres  
Dessa terra onde nasci,  
Já descubro um prado ameno  
Onde em criança corri.  
Sinto um prazer infinito  
A avistar o que já vi:  
Alegria como agora,  
Oh! de certo não senti.

Terra natal, eis teu filho,  
Teu filho que te deixou,  
Mas lá longe, em grandes terras  
Sempre por ti suspirou.  
De teus rios, tuas fontes  
Nunca elle se olvidou,  
A terra da sua infancia  
Nunca elle deslembrou.

Bastantes annos correram  
 Que longe de ti andei.  
 Não mudaste? inda és a mesma?  
 Fui eu só o que mudei!  
 Está tudo como estava  
 Quando de ti me afastei?  
 Vive tudo o que vivia,  
 Vive tudo quanto amei!

.....  
 .....  
 .....

Mas que 'scuto?... o sino tange,  
 O sino toca a finado!  
 Quem morreu na minha terra,  
 Quem será o desgraçado?  
 Desgraçado?!... é loucura:  
 Foi da vida alliviado.  
 Infeliz é só quem vive  
 Nesta vida, torturado!

Infeliz é quem se arrasta  
 Neste mundo de traição,  
 Nesta vida, cá na terra,  
 Onde é tudo uma illusão!  
 Onde errados caminhamos  
 Escutando o coração.  
 Onde somos vencedores  
 De nossa fraca razão!

.....  
 .....

Caminho do cemiterio  
 Já lá vae o sahimento,  
 O — *de profundis* — dos padres  
 Arrastado pelo vento,  
 Chega a mim, lugubre e triste  
 F'rindo meu ouvido attento!  
 Funeraes apenas chego?!  
 E' fatal presentimento.

.....  
 .....  
 .....

Pedi ao Senhór  
 Com todo o fervor  
 Por quem nesta vida  
 De dôres nutrida  
 Vivja afastada  
 Dos filhos, coitada.

2 de Novembro — 1849.

*Affonso de Castro.*

Só tu.

Tu mihi sola places, nec jam, te praeter, in urbe  
 Formosa est oculis ulla puella meis.

TIBULLO.

Ha mil florinhas formosas,  
 Que orgulhosas,  
 Se baloicam no jardim;  
 São gentis, mimosas, bellas...  
 Porém eu, de todas ellas,  
 Só quero a *rosa* p'ra mim.

Milhões de estrellas brilhantes,  
 Scintillantes,  
 Lá nos ceus vejo a fulgir;  
 Mas, de todas, a primeira  
 Só amo — que prasenteira  
 A' noite nos vem sorrir.

Ha muitas aves mimosas  
 Que saudosas  
 Descantam no pôr do sol;  
 Mas, entre todas, sómente  
 Eu amo o doce e plangente,  
 O canoro *roussinol*.

Ha no mundo mil donzellas,  
 As mais dellas  
 Mui lindas — eu bem o sei;  
 Mas, entre todas, constante  
 Só amo a ti, porque amante  
 Como tu nenhuma achei.

Eu amo-te, ó virgem linda,  
 Como ainda  
 Não amou no mundo alguém;  
 E's do amor a divindade...  
 E's triste qual a saudade,  
 E's bella como a cecem.

E's só tu doce guarida,  
 Desta vida  
 E's só tu a imagem bella  
 Dos meus sonhos — minha estrella,  
 Minha crença, esperança, amor?..

8 de Junho de 1851.

A. S.

(M. A. C.)

... se eu fôra tão feliz que possuísse,  
 Insigne, primorosa, branda lyra,  
 Confesso que sublime modulara,  
 .....  
 O canto dos teus dons — Marcia — bella! ...

J. A. DA CUNHA PORTO.

Quem é a fada mimosa  
 Tão sentida e maviosa  
 Que o seu canto descantou?  
 D'onde vem esta harmonia,  
 Que me prende, e m'extasia,  
 Que minh'alma captivou?

Serás archanjo celeste,  
 Que dos céos aqui vieste  
 Lindas trovas harpejar?  
 Ou és a brisa indolente  
 Descantando docemente  
 Alta noite — á beira mar? —

Não és, não — tu és donzella  
 Mais pura que pura estrella  
 Lá nos céos a fulgurar! . . . .  
 Ao cantar na tua lyra  
 E' o amor que t'inspira  
 O teu cadente trovar?

Oh! s'eu podéra — ditoso —  
 Puro canto harmonioso  
 Na minha lyra vibrar;  
 Nesse canto mostraria,  
 Que no meu peito a alegria  
 Veio o teu canto gerar! . . .

\*

Na minha lyra singella  
 Tambem quizera, donzella,  
 Offertar-te uma canção, —  
 Mas que pôde um desgraçado,  
 Que só geme torturado  
 Pela ancia da paixão?!

Setembro de 1851.

A. M. S.

**Charada.**

Pois tu és metade d'alma: } 1  
 Dignidade és da igreja: } 2  
 Não habitas na cidade,  
 A enxada as mãos te caleja.

EXPLICAÇÃO DO NUMERO 6:

Charada — Panorama.

**ANATHEMA.**

ROMANCE ORIGINAL

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

Publicou-se este lindo Roman-  
 ce, completo em 1 vol. de 8.<sup>o</sup>  
 francez. Vende-se no Porto, na  
 loja do editor *Fonseca*, aos Cal-  
 deireiros n.<sup>os</sup> 12 e 13 — Em Lis-  
 boa, na loja do Snr. *Lavado*, rua  
 Augusta n.<sup>o</sup> 8 — Em Coimbra,  
 na do Snr. *Orcel* — Em Vizeu,  
 na do Snr. *Dionisio de S. Lou-  
 reiro* — Em Lamego, na do Snr.  
*José Cardoso*, rua de S. Francis-  
 co n.<sup>o</sup> 43 — Preço 480 reis.



Saudade.

Se de meu pensamento  
Tanta razão tivera de alegrar-me,  
Quanto de meu tormento  
A tenho de queixar-me,  
Pudéras.... consolar-me.

CAMÕES. — Odes.

**P**ORQUE negaste ventura,  
Sorte cruel para mim?!..  
Não vejo esp'rança futura,  
Que me alegre um dia a fim!..

— Assim —

Eu vou na vida, sem norte,  
Buscando, afflicta, a morte  
Onde cessa a dôr tam forte  
Deste misero viver!..

— Eu crêr! —

Mas o mundo é refalsado! —  
Feliz crença na illusão,  
Quando palpita, anciado,  
Em chammas o coração!..

— Oh! não! —

E, vago delirio ardente,  
Que a alma abraçar se sente...  
Devaneio em que a mente  
Imagens sabe doirar!

— Amar! —

Brilha amargoso encanto!  
Grito vibrante do ceu!  
Escalda as faces o pranto,  
Calca a dôr o peito meu!..

— Só eu —

Sei soffrer — resignada —  
Desses tempos deslembada,  
Vendo ante mim, levantada,  
Surgir a campa a alvejar!..

— Chorar! —

Dos tormentos na voragem  
Eis s'ergue sombra infernal!  
E' do passado a imagem,  
Mostrar-me a sina fatal!..

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

— Final —

Se dest'alma moribunda,  
Fôra de lucto a canção!...  
Que esta saudade é profunda  
A rasgar-me o coração!

Setembro de 1851.

Sophia P. G.

A Actriz Doida

LUIZA ABBADIA. (\*)

I.

A ACTRIZ.

Nos seios da tua Italia  
A ventura te sorriu;  
Foste um astro rutilante  
Que em céo de trevas luziu!  
Fadou-te o rei da harmonia;  
Deu-te doce melodia,  
Deu-te ardente inspiração....  
— Quem sentiu mais goso n'alma?  
Quem colheu mais rica palma  
No fulgor d'uma ovação?

Quem pizou mais lindas flores?  
Quem mais bravos escutoj?  
Quem de mais viçosos loiros  
Sua fronte engrinaldou?  
Quem já viu sorrir-lhe a gloria  
Por entre a téla illusoria  
Do mais brilhante porvir?  
Dize-o tu, maga cantora,  
Mas... impossivel te fôra...  
Expressar não é sentir:

(\*) Esta insigne cantora, que tantos applausos colheu nos principaes theatros da Italia, teve um accesso de loucura na noite de 3 de Maio do corrente anno no theatro de S. João desta cidade, motivado por alguns signaes de desapprovação que lhe deu uma plateia..... pouco generosa.

Sente o peito muitas vezes  
 O que o labio nunca diz,  
 Nem tu podes revelar-nos  
 Os teus triumphos d'actriz;  
 — Esses gozos que gozaste,  
 Quando n'alma aculentaste  
 O brasido do vulcão,  
 São os teus sonhos doirados,  
 São segredos registrados  
 No livro do coração!

São as delicias do Eden  
 Que do genio os filhos teem,  
 Sentem-n'as elles na terra,  
 Elles só e mais ninguem;  
 Elles só — n'um vivo aneio,  
 N'um ardente devaneio  
 Em que aspiram o ideal;  
 Em que aspiram quanto é nobre,  
 Quanto no mundo se cobre  
 Com as vestes do immortal.

Mas se a ventura desponha,  
 Vem depois negro soffrer:  
 — Por um gozo mil tormentos  
 Do mais agro padecer —  
 Duvidaes? oh! lêde a historia  
 Da predilecta da gloria  
 Laurenda como actriz;  
 Vê-la-heis — genio brilhante,  
 Apoz — tremer . . . delirante;  
 Alfim — mulher infeliz!

## II.

### A LUCTA — O ADEOS Á PATRIA.

Travara-se a lucta nos plainos da Italia —  
 A' voz — Liberdade — responde o canhão;  
 Lampejam os ferros nos ferros cruzados,  
 De cada romano lá surge um Catão!

O fogo que ardia no peito dos livres  
 Rebenta qual lava fremente a queimar . . .  
 — Quem póde estancar a corrente das chammas?  
 — Os brios d'um povo quem póde abafar?

— Ninguem. —

Quando os povos pretendem ser livres  
 Em massa dictando, nas praças, as leis —  
 Não ha resistir-lhes: — baqueiam os thronos,  
 Esmagam-se as c'roas e os sceptros dos reis...

Victoria! victoria! lá brada em tumulto  
 O povo d'esravo já feito senhor!  
 Victoria! victoria! murmuram os ventos  
 No ar açoitando o pendão bicolor!

Victoria! repetem os plainos da Hungria,  
 Quaes lagos de sangue, brilhando ao luar;  
 Victoria! lá brada a Polonia algemada,  
 De novo tentando seus ferros quebrar.

Victoria! murmuram as Gallias altivas!  
 Victoria! repete Castella a tremer . . .  
 E o brado que sôa, confuso em distancia,  
 Ainda no Tejo se escuta ao morrer!

E os cantos, as trovas, os hymnos festivos  
 Succedem-se alegres da guerra ao troar:  
 A' sombra dos louros d'um nobre triumpho  
 Agitam-se os povos em dôce folgar!

Mas breves se passam instantes de gozo —  
 — « A's armas! » — lá brada de novo o tambor!  
 — « A's armas! » — repetem os filhos de Roma  
 Voando ás muralhas com avido ardor.

E os livres do Sena caminham — que infamia! —  
 A espada na dextra, no peito a traição . . .  
 Em frente dos muros intimam — « Rendei-vos » —  
 Respondem-lhe os bravos na voz do canhão! !

Bem hajas, oh Roma, que assim esmagaste  
 A altiva soberba do povo francez!  
 Bem hajas, oh séde d'antigas grandezas,  
 Que a morte preferes no azar d'um revez.

E a lucta renasce mais viva e renhida,  
E os fortes raream mordendo no pó...  
E os ferros baloçam ao som da metralha  
Que arranca do peito gemidos de dó!

Mas ai que lá cedem os fortes do Tibre...  
Mas cedem — exhaustos — perdido o vigôr;  
Crivados de balas, mas — nunca rendidos —  
Succumbem — morrendo — nas ancias da dôr!

\*

E a mulher que sorriu banhada em pranto  
Ao vêr raiar formosa a liberdade  
No céu da sua patria  
Vergou no soffrimento — á dôr profunda,  
Ao tristonho morrer dos seus anhelos...  
.....  
Recursos... não os tinha;... — as suas joias  
Vendeu-as p'ra valer nos desgraçados,  
Aos nobres campeões da liberdade!  
.....  
Neste lance cruel d'atra agonia  
Lá vò a Portugal — terra de livres —  
Lá vai cantar, actriz, nas margens bellas  
Do mui risonho Douro!  
.....  
Ao largo — sobre o mar — adeos extremo  
Balbucia, chorando, á patria cara...  
Ai! que amargos que são aquelles prantos  
Tão diff'rentes dos prantos que vertêra,  
Quando em extasis vira a bella Italia  
Elevar-se d'altiva ao Capitolio  
E rainha calcar grilhões d'escrava!

### III.

#### A APFRONTA — NO THEATRO DE S. JOÃO.

Matam muito os soffrimentos  
Oh se matam! — bem n'ò sei;  
Que as torturas d'agonia  
Longo tempo exp'rimenteí...  
Quando vejo um desgraçado

Estorcer-se, atribulado,  
Sobre o poste — do soffrer —  
Dou-lhe um pranto generoso  
Que eu já sei quanto é custoso  
Mui acerbo padecer!

E a cantora soffreu muito  
Ao deixar o seu paiz;  
Perguntai á philomela  
Se em terra estranha é feliz...  
Se lá distante e saudosa  
Inda canta maviosa  
Como alli... na solidão;  
Escutai-lhe a melodia,  
Sentireis uma agonia  
A trinar-lhe na canção.

Tal a cantora exilada  
A's turbas se apresentou,  
Laureada c'o prestigio  
Dos triumphos que alcançou!  
E mil vistas se fitaram  
Nessas faces que córaram  
P'ra de novo desmaiar,  
Como a nuvem que doirada  
Fica branca assetinada  
Quando o sol s'esvai no mar.

E mil acordes divinos  
Retumbaram no salão —  
Era a orchestra que fallava  
Tão sentida ao coração!  
Era o — rei da melodia —  
Era — Verdi — que fazia  
As fibras d'alma abalar...  
Umavez vehemente,  
Mas outras dôce e gemente  
Como a brisa a suspirar...

E a cantora descantava  
Com doçura, com saber,  
Triste como a philomela  
Modulando em seu soffrer;  
Mas a sua voz mimosa,

\*

Ai!... tremeu... qual treme a rosa,  
 Ao soprar da viração...  
 Eu curvei-me ao sentimento,  
 Ao seu nobre abatimento,  
 Aos estragos da paixão!

Mas as turbas não compr'endem  
 A nobreza do sentir;  
 Arrojaram-lhe as affrontas  
 Nos sarcasmos do sorrir!  
 — Pela taça do martyrio  
 Sorveu a triste em delirio  
 O veneno mais atroz...  
 E depois... allucinada...  
 Cahe por terra desmaiada  
 Junto aos pés do seu algoz!

Então rebentam as palmas  
 Com violencia, com ardor...  
 De cada lado um triumpho,  
 De cada parte um louvor!  
 E' que já nesse momento  
 Dominava o sentimento  
 D'uma esteril compaixão...  
 Tarde foi...; — que lhe valia,  
 Se na frente o sangue ardia  
 Como a lava no vulcão!  
 .....

## IV.

## A DOIDA.

Deixai passar a doida... respeitai-lhe  
 A demencia gerada na desgraça...  
 Oh! não vos agrupeis que ella suffoca...  
 Deixai, deixai que esse ar que inda respira  
 Possa livre gemer em torno della  
 Afagando-lhe a face quequeimada,  
 Mitigando-lhe um pouco a febre ardente  
 Que no amago do peito lhe referve.

E ella vem caminhando a passos lentos...  
 Na frente que lhe pende sobre o seio  
 Avulta-lhe uma c'roa, inda mimosa,  
 Dessas muitas que a Italia lhe offertára  
 Quando em mago fulgor — astro nascente —  
 Viu rojar a seus pés um povo inteiro,  
 Que em delirio febril topava as raias  
 D'uma ovação ardente e entusiasta!

Tem os braços cruzados sobre o peito...  
 Ondeam-lhe os cabellos sobre o collo...  
 Seus vestidos são brancos como a face  
 Onde a dôr lhe transluz: — mas ella chora...  
 E ajoelha no chão... e a c'roa arranca,  
 Que a frente lhe adornava... — ai! como fita  
 Os olhos nella scintillantes!... — como  
 Um beijo lhe imprimiu no ardor da ancia!

E quem lhe não compr'ende a dôr pungente  
 Que atravez da demencia transparece?!  
 Quem não vê nesse olhar e nesse beijo  
 A paixão que lhe escalda os seios d'alma?!  
 Quem não sentiu no peito uma agonia  
 Que o pranto inda retém ao vêr seu pranto?!  
 Quem não dá um consolo á desgraçada  
 Que a esperança só tem — na paz da campa?!

\*

Poetas, chorai a sorte  
 Da mulher que foi actriz...  
 Não vos diz o peito em ancia  
 Que essa sorte vos condiz?  
 Confrontai: — é vossa a historia;  
 — Aspirou o céu da gloria  
 No fulgor das ovações;  
 Também como ella foi nobre,  
 E também sósinho e pobre  
 A' campa desceu Camões!

A. P. Caldas.

## A Noviça.

## I.

Sobre a crista d'um outeiro,  
Que descobre até ao mar,  
Campêa nobre mosteiro  
D'apparencia secular:  
Foi ás Filhas de São Bento  
Consagrado este convento  
N'outras eras que lá vão;  
Hoje Freiras, seculares  
Ind'alli mandam aos ares  
Sacros hymnos d'oração.

Está só, nem a cabana  
Alli se vê do pastor,  
Nem a mesquinha choupana,  
Nem a casa do Senhor:  
Só ao fundo da collina,  
N'uma risonha campina  
Que meia legua lhe diz,  
'Stá linda aldêa assentada,  
Que de longe é avistada  
Pela torre da matriz.

Alta noite de Janeiro,  
De çover a bom chover,  
Vai á brida um cavalleiro  
A correr a bom correr:  
Vai perdido, desvairado,  
Que o caminho tem errado  
Da noite na escuridão;  
Que só a terra alumia  
O lampear que annuncia  
Medonho rouco trovão.

— Ah! que noite tão comprida!  
Oh! que sorte tão cruel! —  
E já a esp'rança perdida,  
Larga rédeas ao corcel,  
Larga rédeas, mette a passo;

Que cheio d'ancia e canção  
Ah! mal póde caminhar.  
Mas mil passos não daria,  
Dá de frente á portaria,  
Ao mosteiro vai parar.

Chama, bate, é baldado  
A'quella hora o bater;  
Tudo alli é calado,  
Ninguem lh'ousa responder.  
(Talvez nas cellas tranzidas,  
Em orações embebidas,  
As Monjas aos ceos oravam;  
Que por certo o fim do mundo  
Naquelle troar profundo  
Em cada som escutavam.)

Com mais força o cavalleiro  
Torna a bater, mas em vão;  
Nem uma voz do mosteiro,  
Só lhe responde o trovão.  
Então juncto ao tronco annoso  
D'antigo roble frondoso  
(Ai do triste) s'encostou:  
Alli de braços cruzados,  
Como estatua de finados,  
Por longo tempo ficou.

Eis que o sino do mosteiro  
Já cinco vezes soou:  
De repente o cavalleiro  
Ergue a fronte e suspirou;  
E diz por entre gemidos:  
— Será tarde!... Estão cumpridos  
Dez annos de tanta dor...  
Dez annos... fal-os agora...  
Oh! meu Deos, tenho uma hora  
D'esperança p'ra o meu amor.

Oh! que sim! Formosa amante,  
Minha Isabel onde estás?  
Minha... Talvez inconstante  
Meu amor olvidarás;  
Ou fiel, n'uma hora lanças

Por terra nossas esp'ranças,  
 Professando ante o Altar;  
 Que assim foi por nós jurado,  
 Se este tempo passado  
 Me não visses cá voltar.

Mas voltei, que nem azares,  
 Nem ferros da escravidão,  
 Nem a tormenta dos mares,  
 Nem o pêso da afflicção,  
 Nem dos combates as sanhas,  
 Nem estas f'ridas lá ganhas  
 Me poderam vêr tremer;  
 Mas tremo hoje incessante  
 Que talvez de mim distante  
 T'esteja agora a perder.

N'isto uma voz de saudade,  
 D'amargura, fel e dôr,  
 Casa aos sons da tempestade  
 Seus accentos d'amargôr:  
 Canta assim... (oh! quem a ouvira  
 Que de penas não sentira  
 A partir-lhe o coração?)  
 Canta assim... (com que ternura,  
 Repassada d'amargura,  
 Não desprende esta canção?)

## II.

— Como a noite retrata a minha alma?  
 — De meu peito que copia fiel?  
 — A materia, que o ar inflamma,  
 — Que modelo d'um riso de fel?  
 — Sim, d'um riso, que eu quero inda agora  
 — Entre dôres p'r'o mundo sorrir;  
 — Que do mundo só tenho uma hora,  
 — Uma hora..., depois succumbir....  
 — Oh! bem hajas, meu Deos, que mandaste  
 — Nos espaços rolar o trovão;  
 — Que a terra, que os ceos enluctaste  
 — Dos negrumes do meu coração.

— Não te culpo, gentil cavalleiro,  
 — Por teu voto não vires cumprir;  
 — O vil ferro d'atroz captiveiro  
 — Talvez ouse teus pulsos cingir.  
 — Ou quem sabe (meu Deos que amargura!)  
 — S'impia morte cortou teu viver?  
 — Se o destino te deu sepultura  
 — Onde louros contavas colher?  
 — E se ao menos podêsse a mesquinha  
 — Os espaços voando transpôr,  
 — Sobre a lousa fatal ir sósinha  
 — Seus gemidos, seus prantos depôr...;  
 — Mas nem isso!... Do mundo portanto  
 — Seus prazeres p'ra mim o que são?  
 — Pode acaso já dar-me um encanto  
 — Quem nem mesmo me deixa a illusão?..  
 — Adeos, prados, campinas, e mares,  
 — Ainda livre vos posso avistar:  
 — Para sempre guardai meus pesares,  
 — Como ditas soubestes guardar.  
 — Oh! guardai-os; e ás eras distantes  
 — A historia contai-lhe fiel:  
 — Oh!izei-lhe, que foram constantes  
 — Os amores de Pedro e Isabel. —

— Isabel! eu que perdida  
 Para sempre te julguei,  
 Tu, vida da minha vida,  
 Por perdido te encontrei:  
 Minha sorte tão mesquinha  
 Finda hoje, porque és minha,  
 Porque a mesma te encontrei.

Oh! bem hajas, que me pagas  
 Neste instante em que te ouvi,  
 O que em tão longinquas plagas  
 Noite e dia padeci.  
 Soffri muito: tratos, dôres,  
 Do captiveiro os rigores,  
 Ai de mim o que soffri!

Isabel, mas já partiste . . . .  
 Onde estás, minha Isabel?  
 Isabel, que nem ouviste,  
 O teu Pedro tão fiel.  
 Que não possa eu estes muros,  
 Esses ferros tão seguros,  
 Este todo tão cruel,

Lançar por terra em pedaços,  
 E voando ir-te bradar:  
 « Isabel, vem nos meus braços  
 Nossas dôres acabar;  
 Que findou neste momento  
 De dez annos o tormento  
 Oh! p'ra nunca mais voltar. »

## III.

Da Igreja as paredes  
 Forradas estão  
 De negras baetas,  
 Que roçam no chão.  
 Que ais tão sentidos,  
 Que tristes que são!  
 De lucto e de morte  
 Que escura mansão!

Que atra tristeza!  
 Quem foi que morreu?  
 — *Tão moça e tão linda* —  
 Alguem respondeu;  
 E nisto um gemido  
 Os ares fendeu.

Mas ah! que os finados  
 Não podem gemer:  
 — *Só morta p'r'o mundo* —  
 Se ouviu responder.  
 De novo um gemido  
 O ar a fender.

C'roda de flôres  
 Então se avistou

Formosa donzella,  
 Que em terra as lançou.  
 O véo de professa . . .  
 — *Suspende* — bradou  
 A voz de um guerreiro  
 Que tudo atroou.

Era a voz do cavalleiro  
 Mais forte do que o trovão,  
 Que tirar vinha aos Altares  
 Quem lhe déra o coração.

— Pedro! Pedro! — E sem sentidos  
 Isabel no chão bateu:  
 Com que ancia o cavalleiro  
 P'ra sua bella correu?

— Isabel, oh! volta á vida,  
 Volta de novo a viver:  
 Vamos ambos tantas dôres,  
 Tantas penas esquecer. —

— Pedro! que vi?.. Foi um sonho?..  
 P'ra que havia eu de acordar?  
 Um claustro... um voto... o resto...  
 Ah! tudo o mais foi sonhar. —

— Não foi, não: teu Pedro vive,  
 Vive todo para ti:  
 Tinha o teu amor, formosa,  
 E com elle não morri. —

— Pedro! Pedro! — E cáe nos braços  
 Do seu amante fiel.

— Pedro! Pedro! ainda sou livre,  
 E' tua a tua Isabel. —

Alli em menos d'uma hora  
 Esta mudança se deu:  
 = Em vez de Freira uma noiva,  
 Um esposo em vez de um veu. =

.....  
 .....

Ainda hoje no mosteiro  
 Este conto é popular:  
 Ainda hoje boas velhas,  
 Vendo moça a suspirar,  
 Vão-lhe o conto da Noviça  
 Logo, logo relatar.

*J. Machado Pinheiro.*

N'um Album.

*A Amelia.*

Mandas que teça d'amor um canto  
 Que enxugue o pranto que aos olhos vem,  
 Que calar faça meus ais no peito,  
 A' dôr affeito, mandas tambem.

Archanjo, não peças tanto,  
 Meu pranto deixa correr,  
 Se o coração não serena,  
 Em pena deixa-o morrer.

Se em ais magoados desfaço est'alma,  
 Que não acalma nenhum prazer,  
 Se tu não pódes dar-lhe alegrias,  
 Nas agonias deixa-a estorcer.

Se gozos o peito anhela,  
 Donzella, deixa-lhe a dôr,  
 Deixa-me soffrer calado  
 Do fado negro rigôr.

Se o coração geme magoadado,  
 Anjo adorado, deixa-o gemer,  
 Se elle suspira, em muda queixa,  
 Suspiros deixa livres correr.

Ha muito que eu tenho affeito  
 Meu peito ao crú penar,  
 Se geme, tristes gemidos  
 — Sentidos, deixa-o soltar.

*E. A. S.*

**Charadas.**

1.<sup>a</sup>

Que de Deus foi delegado, } 2  
 Sustentou o Islamismo: }  
 Que tem poderes divinaes, } 2  
 E' de fé no christianismo. }

De certo é nome proprio:  
 Mas d'homem, ou de mulher?  
 De cidade, monte, ou rio?  
 Resolverá, quem souber.

2.<sup>a</sup>

Mulher, que perpetrou atroz delicto. } 1  
 Faz d'alguns cargos o valor subir. } 1  
 Não pódes 'star assim na sociedade. } 1  
 Miserando! quem soffre o seu pungir.

3.<sup>a</sup>

Certo espaço de tempo. } 2  
 Medição certa de versos. } 2  
 Termo de certa sciencia:  
 D'extremos mui adversos.

**EXPLICAÇÃO DO NUMERO 7:**

*Charada — Aldeão.*

**OBRAS**

DE

**CAMILLO CASTELLO BRANCO.**

<b>ANATHEMA</b> — Romance original —	
1 vol. . . . .	480
<b>INSPIRAÇÕES</b> — 1 vol. . . . .	300
<b>AGOSTINHO DE CEUTA</b> — Drama	
original em 4 partes . . . . .	240
<b>O MARQUEZ DE TORRES NOVAS</b> —	
Drama original em 4 actos . . .	360

Vendem-se na loja de Fonseca, aos Caldeiros n.ºs 12 e 13.



## De noute.

## I.

**A** NOUTE, a meiga fada que percorre  
 Pelos espaços infinitos — vastos,  
 Negras roupas trajando, ao vento soltas,  
 Já o ceu esmalton de mil diamantes:  
 E como o anjo da morte, ao pé das campas,  
 Impõe silencio com solemne gesto  
 Aos que visitam a mansão dos mortos;  
 Assim a veladôra dos amantes  
 Ao ceu e á terra manda que emudeçam.  
 E tudo emudeceu. Quem ha que possa  
 Resistir aos mandados desse genio,  
 Enviado por Deos, de cujo throno  
 São os vivazes lumes que abrilhantam  
 A cúpula do ceu indefinida?!

\*

Amo-te oh noute plácida e sombria!  
 Amo-vos horas de serena calma!  
 Amo-vos, astros que luzis trementes  
 Rompendo co'a luz vossa a escuridade...  
 Assim n'alma descrente um puro afeto  
 Rompe as trevas do triste sceticismo.

## II.

O' noute! com teu veu misterioso  
 Quantos tens occultado doces crimes,  
 Doces crimes de amor — se amor tem crimes —  
 Que até ás vezes tu fagueira animas!  
 Oh! se fosse de noute que Leandro  
 Visse na torre de A'bydos o lume,  
 Viva expressão de um fogo mais ardente  
 Que da linda de Sestos n'alma ardia,  
 Elle não se arrojára, não, ás furias  
 Do encapellado mar que o ameaçava  
 C'o solemne rugir: mas tu, ó noute  
 Mandavas corações... a tempestade  
 Aos ouvidos do amante voz não tinha,  
 E para os olhos seus aquelle facho  
 Luzia mais, que todos quantos astros  
 Traz ás vezes teu manto socegado...  
 Elle a lutar co'as vagas espumantes,

2.ª COLLECÇÃO.

Fitos os olhos no fanal, seu norte...  
 E o mísero clamou, clamou de balde,  
 Porque se ouviam mais do vento os sópros,  
 E o troar do trovão, que os ais do amante,  
 Que achou a morte, procurando a vida!

\*

Mas p'ra que relembrar o caso infausto?  
 P'ra que vituperar-te, amiga noute,  
 Com narração mil vezes repetida?  
 Quantos doces momentos — quantos gosos  
 Tu tinhas dado ao nadador afouto,  
 Antes que de Helle o mar o devorasse?!  
 Oh! gozasse eu, qual gozou elle, a vida,  
 Depois tivesse, qual teve elle, a morte.

## III.

E a quantos genios tu não déste, ó noute,  
 Inspirações sublimes, grandiosas,  
 Altivas concecções que quasi elevam  
 O homem á divindade, sua origem!  
 Que cantos aos poetas tu tens dado!  
 Que versos te deveu Camões, Petrarca!  
 Que harmonias em ti beberam mestres,  
 Que ouvidos, corações nos arreatam!..  
 E que fôra sem ti das almas ternas  
 Que punge a doce magoa da saudade  
 Mimoso filha tua, ó branda noute?!  
 Oh! como ella suspira brandamente  
 Nos corações sensiveis, quando a lua  
 Manda um sorriso de esperança e allivio  
 Aos tristes que na terra a gemer vagam!  
 Tudo nos falla della então... a brisa  
 Com nossos corações gemer parece;  
 Das flôres o mover julgamos pena,  
 Que as punge como a nós, os infelizes;  
 E o rio, que murmura então mais brando,  
 Crêmos que vae a suspirar saudades!

## IV.

E as noutes da minha patria  
 Não tem no mundo rivaes!  
 Seja bello o ceu de Italia,  
 Do que o nosso não o é mais.

OUTUBRO 30. — 1851.

NUM. 9.

As canções dos Gondoleiros  
De Veneza nos canaes  
Não são tam ternas de ouvir-se,  
Como o são de Inez os ais,  
Que pensa ouvir quem divaga  
Do Mondego nos cristaes.

Ai noutes da minha patria,  
Que encantos tendes p'ra mim!  
Lindo ceu, mimosa lua,  
Sempre vos amei assim.  
De outras terras, outras noutes  
Poderia amal-as, sim!  
Foi porém sob estes céos  
Que eu primeiro ao mundo vim  
Gozar ou gemer... que importa?...  
Sabe-o Deus, da vida o fim!

Das noutes da minha patria  
Os encantos hei-de amar,  
O gemer das suas auras,  
Do seu ceu o palpitar,  
Suas argenteas estrellas,  
Seu pathetico luar.  
Hei-de amal-as, que só ellas  
E' que podem despertar  
Em minh'alma mil lembranças,  
Que fazem rir e chorar!

## V.

Noute! noute! Eu amei desde infante  
Os segredos que escondem teus veus!..  
Muitas horas então esquecido  
Eu olhava, eu surria aos teus ceus!

E dizia comigo: "Esse espaço  
E' pizado por anjos de Deus!  
Quem me déra voar para elles,  
Quem me déra gozar beijos seus."

"E está lá minha mãe... entre os anjos!  
Minha mãe que eu a vêr não tornei...  
Minha mãe, visão santa que eu tive,  
Como em sonho de que despertei!"

"Quem me déra fitar os meus olhos  
Nessa face que a vêr não tornei...  
Quem me déra..." mas vinham chamar-me  
E adeus sonhos que eu ledo sonhei.

\*

Tinham vindo depois outros tempos  
Da innocencia murchar o candór;  
Como após a gentil Primavera  
Tudo cresta do Estio o queimór;

E eu te amava inda, ó noute! eu queria  
Teu silencio, teu triste pallór;  
Que a minha alma folgava co'as trevas,  
Como folga co'a luz meiga flór.

E os teus ceus enlevado eu mirava,  
Sem carinhos de mãe já sonhar...  
Outro afetto sentia eu no peito,  
Mas por quem? mas a quem o ofertar?

Não sabia; mas tu me dizias  
Que podia algum anjo baixar  
Da celeste morada, e na terra  
O meu cândido amor aceitar.

\*

E foi assim! da noute o doce influxo  
Não me fez, não, nutrir vans esperanças,  
Falsas crenças no amor, que eu anceava.  
Depois que illuso andei de bella e bella  
Buscando amor, achei na terra um ente  
Mais meigo e puro que o por mim sonhado  
No ceu, por essas horas esquecidas  
Em scismar melancólico....

## VI.

Brilhae, brilhae, ó astros scintillantes,  
E do ceu aclarae o azul-escuro.  
Suspira manso Douro entre montanhas,  
Tuas agrestes, magestosas margens.  
Movei, auras, movei as tenues folhas  
Do verde ulmeiro e da oliveira escura...  
A's tuas harmonias; meiga noute,  
Case eu meu pobre cántico.

Castello de Paiva — Setembro de 1861.

J. S. da Silva-Ferraz.

**Uma lembrança.**

Faz-me lembrar esta noite  
 Bons tempos que já passei!  
 Porém hoje... o que me resta  
 Desses gozos que gozei?  
 Esses momentos d'amôr  
 Nunca mais eu os terei.  
 A lembrança e nada mais  
 Eu sómente conservei!

Era nestas noites bellas,  
 Nestas noites de luar,  
 Nessas horas de mysterio  
 Qu'eu com Ella hia fallar:  
 Qu'eu lhe dava um terno beijo  
 Para um outro m'Ella dar!  
 Qu'eu lhe dava inda mais outro  
 Para assim a socegar!!

Era então naquellas noites...  
 Tão claras, tão brilhantes,  
 Em que os astros lá nos Céos  
 Mais parecem diamantes:  
 Qu'eu passava a sós com Ella  
 Taes momentos, taes instantes!..  
 Qu'eu gozava... oh! bem de certo  
 Os prazeres mais delirantes!..

Porém hoje... o que me resta  
 Dos prazeres que já lá vão?  
 A — lembrança — e nada mais  
 A queimar-me o coração.  
 A — lembrança — que definha,  
 Mas não mata logo, não!  
 A — lembrança — qu'ê p'ra mim  
 Como eterna maldição!!

Se eu podéra... mas não posso .  
 Esta lembrança esquecer:  
 Minha vida então seria  
 D'um limitado soffrer.  
 Mas assim... esta — lembrança —

De certo me faz morrer.  
 Morra embora! qu'esta vida  
 De certo não é viver!!

Eu não posso nestas noites,  
 Nestas noites de luar  
 Hir sentar-me lá no monte  
 Esses Céos a admirar!  
 Eu não posso... que a lembrança  
 Me vai logo lá assaltar.  
 E sobre aquelles amôres  
 Só então eu sei chorar.

Dia e noite, esta lembrança,  
 Dormido, ou acordado:  
 Não me deixa: mais m'estreita,  
 Tenho-a aqui sempre a meu lado!  
 Tenho-a aqui semp'r'a dizer-me  
 — Olha bem p'ra o teu passado —  
 Qu'eu comparo á vida d'hoje...  
 Pelo que sou desesp'rado!!

Desesp'rado... peço a Deos  
 Esta vida acabe já!  
 Não me attende! o meu pedido  
 Quem sabe s'Elle ouvirá?!  
 E quem sabe se na morte  
 Nada mais se sentirá?!  
 Quem póde?!... vendo uma campa  
 Dizer — Socego... só lá!!

3 de Junho de 1849.

*Affonso de Castro.*

**Um som da lyra.**

Eu sinto, Elmira, ao proferir teu nome  
 Suave canto a resoar infindo  
 A meus ouvidos, que te escutam, anjo,  
 As fallas tuas, que somente os hymnos  
 De harpas celestiaes vibrando imitam  
 Em seus divinos sons!

Oh! sim, eu amo,  
Qual póde amar o coração poeta,  
Sorrisos carinhosos de teus labios,  
Olhar d'amor desses teus lindos olhos,  
Em tuas faces da paixão o pranto.

Da aurora ao despontar, em que murmura  
Fragante aos ceus a natureza os hymnos;  
Em que das ondas o soar sereno  
A paz e o goso na minha alma esparze;  
Em que das aves doce melodia,  
Que ao ciciar das auras vai casar-se,  
E' semelhante á tua voz tão meiga;  
Em que o prado, a flôr, a relva, a fonte,  
De ti me fazem recordar, meu anjo,  
Então da lyra eu te consagro os cantos.

Do teixo á sombra, ao expirar do dia,  
Quantas vezes, Elmira, eu vou sentar-me,  
E esta mente espriar, que não repousa,  
Por lédos gosos, de mysterio, ricos!..  
Eu te contemplo, sim, em toda a parte!  
E's astro fúlgido a brilhar perpetuo  
Ante os meus olhos; que eu não posso, Elmira,  
Olvidar-te sequer por um momento,  
Deixar d'em ti ter crença, e dia e noute,  
Sonhar-te sempre, qual tu és, formosa.

! Espessas selvas, dilatados campos,  
De frescura e d'amor tão verdejantes,  
Como ao poeta, em ti c'o pensamento,  
Lembranças despertaes queridas, bellas!..  
A tua imagem nos dourados raios  
Do pôr do sol a fulgurar eu vejo,  
Sorrindo para mim, qual entre nuvens  
De linda noute nos sorri a lua,  
Cuja pallida luz rutila frouxa  
Nas quêdas ondas do meu patrio Douro.

Sósinho eu vou, por essas horas tacitas,  
Da lua ao brilho, nas amenas noutes,  
Que fogem rapidas, tanger a lyra  
Em cantos rudes, mas singelos, francos;  
Cantos que exprimem do poeta a ardencia  
Com que te adora, e a teus pés espalha  
As brancas rosas que innocente colhe,  
Em ti pensando, no jardim vistoso,  
Onde as gotas do orvalho se parecem  
Ao pranto que tu vertes quando triste.

Em tudo eu leio, extasiado, o nome  
Dessa Venus gentil, que é paz, bonança  
Ao coração do vate, quando em dôres....  
Aurea esperanza eu alimento n'alma;  
Ditosos sonhos ao poeta embalam;  
Carmes d'amor soltam da lyra as cordas:  
« ; Elmira! ; Elmira! » me repete ao longe  
O bosque, o mar, a natureza inteira!  
E este nome jámais hei-de esquecer-o  
Até que a morte nossos olhos cerre.

; Gosêmos ambos este amor tão puro;  
Unidas sejam nossas almas sempre;  
Suaves corram nossos curtos dias  
No doce laço dos affectos santos!

Outubro — 1851.

*Solus.*

#### A Mulher.

(Versão do Hispanhol, de Lopo de la Vega).

.... é este o meu condão....  
José Freire — D. Sisnando.

E' do homem a mulher o mais ameno:  
Que é delles o mais mau, também não calo:  
— A vida lhe soe ser e seu regalo:  
A morte lhe soe ser e seu veneno!

De bondade e virtude é vaso pleno:  
Sua peçonha á d'aspide eu igualo:  
— Por bom ao mundo seu valor 'signalo:  
Por mau ao mundo seu valor condemno!

Ella nos dá seu sangue, ella nos cria:  
— Das cousas que fez Deus « a mais ingrata »  
Se um anjo ás vezes é, também harpya!

Tam prompta nutre amor, como maltracta:  
— E' por fim a mulher como a sangria,  
Que ás vezes dá saude, ás vezes mata!

Cepães, Junho de 1836.

J. J. da S. Pereira-Caldas.

## Apostrophe à Musa.

(Continuação).

Musa, anda cá, sahiste-te mui bem!  
 E ainda quererá dizer alguém  
 Que, depois de passados tantos annos,  
 Te afferras so a Gregos e Romanos?  
 Creio que em torno á classica Acidalia,  
 Em volta d'Aganippe e de Castalia,  
 Do Erymantho nas fraldas tão viçosas,  
 Do Cephiso nas margens deleitosas  
 Virgens d'Argos, depois escravas turcas,  
 Não dansavão nem polkas, nem masurcas.  
 Nem de pião em voltas desabridas,  
 Quaes loucas da tarantula mordidas,  
 Gyravão n'esse eterno rodopio,  
 Que o norte valsador nos impingiu.  
 Nem formavão das Cyclades as filhas  
 Insulsas, frouxas, commodas quadrilhas.

Olha, ja sei por fim teu par quem era:

O medico é da caza, que quizera  
 Bem antes que as visitas lhe pagassem,  
 Do que para funções que o convidassem.  
 Um d'estes inda ha pouco amargamente  
 Se queixou da miseria d'esta gente,  
 Que um Crasso em fausto envergonhar parece,  
 E a quem occupa de pagar se esquece.  
 A toda a hora o medico é chamado,  
 E nem um tem por fim " muito obrigado ",  
 Sufrendo tempos maos, chuvas e frios  
 Por quem lhe os bolços deixará vasio;  
 Por quem anda em selim, *cabriolet*,  
 Vendo o pobre credor marchar a pe.  
 Mas ao senhor não lembrem, que elle amua,  
*Op'rarius dignus est mercede sua.*

Agora escuta, temos que aturar,  
 Que a filhinha da caza vae cantar.  
 Aqui nunca dispensão as visitas  
 De gabarem por arias mui bonitas  
 Uns destemp'rados guinchos assassinos:  
 Todos são tolos com os seus meninos.

Debaixo d'esse lustre, que simelha  
 Lamparina em cubiculo de velha  
 (Do simile não quero honras d'auctor,  
 Pois que fui simplesmente imitador:  
 Vendo porem poetisar a lua,

Comparando-a, talvez p'ra gloria sua,  
 Com um lustre pendente n'um salão,  
 Quiz guardar, quanto pude, a proporção);  
 Debaixo pois d'aquella lamparina  
 Ve que reunião luzida e fina  
 D'habitos, de commendas, medalhões,  
 Conselheiros, viscondes e barões!  
 Pobres d'avós, porem ricos em feitos  
 Todos honrados são, valentes peitos,  
 E ao mesmo tempo de modestia tanta,  
 Que toda a gente com razão se espanta.  
 De serem elles os que mais se esquecem  
 Dos serviços, que as honras lhes merecem,  
 Té nem gostando, que lhes falem n'isso.  
 Mas para o mundo, que se lembra d'isso,  
 Cada um traz no brazão a gentileza,  
 Que lhe pôde valer grau de nobreza.  
 Olha esse ahi, a quem por ter virado  
 A casaca, que mal tinha estreado,  
 A inveja quiz chamar cara de pau,  
 Traz em campo d'azeite um bacalhau,  
 Com a quebra porem de bastardia.  
 Aquelle outro em signal de fidalguia  
 Um corpo de ginete em duplicado  
 Por fronte de ministro rematado,  
 E *sic itur ad astra* em letra d'ouro.  
 Este por baixo de turbante mouro  
 Um braço de judeu, tremenda lista  
 D'agios pousando em banca de cambista.  
 Aquelle em fundo verde uma aduela  
 Envolta em po d'arroz e de çanela.  
 Este por longo rabo atravessada  
 Unia c'roa de conde em mão nevada.

A'quelle lado então mui soberbão.

Ve do seu nome o septimo barão.  
 E' de linhagem nobre e estirpe antiga,  
 E embora a fome ás vezes o persiga,  
 Não trocara os seus rotos pergaminhos  
 P'lo cacau de cem novos barõesinhos.  
 Nunca fez elle cousa, que se visse,  
 Nem por ora constou p'ra o que servisse.  
 O nobre rebentão de fina raça,  
 Excepto p'ra beber, andar á caça,  
 Jogar pouco do seu, muito do albeio,  
 Suppor que n'um fidalgo nada é feio,  
 E, sem dar, nem pagar nada a ninguem,  
 Nem assim mesmo professar vintem.  
 Has-de vel-o fugir qualquer mixtura

Co'o sangue sempre vil da plebe impura ;  
 O que nobre não é chamar gentalha ,  
 Todo o mundo tractar como canalha ;  
 Ja de padres cercar-se mui devoto ,  
 Ja na archiconfraria formar voto ;  
 E do seu rei *legitimo* em abono  
 Dizer-se defensor d'altar e throno :  
 Não podendo imitar nos nobres feitos  
 Os seus avós , excede-os nos defeitos.

Mas cada louco tem sua mania :  
 Alli aquelle gasta todo o dia  
 Em certas lojas a falar d'amor ,  
 Das luveiras heroe conquistador.  
 Co'o modo de rendel-as sempre acerta ,  
 Faz-lhes publica côrte á porta aberta :  
 Porem para quebrar longos jejuns  
 Com *muita esp'rança os fructos são nenhuns.*  
 A' Porta do Olival nem as louceiras ,  
 Nem na feira lhe escapão as fructeiras.

Acolá olha todo paparreta  
 Mais teso , mais direito que um corneta ,  
 Ou que um alferes , que p'la vez primeira  
 Sae co'o novo casaco da fileira ,  
 Um que a padraсто de Minerva cheira !  
 Dos estudantes costumado e affeito  
 A's barretadas , que , se não respeito ,  
 Ao menos provão aos seus RR medo ,  
 Elle logo se creu de muito cedo  
*Totum continens* de saber profundo ,  
 E *non plus ultra* oraculo do mundo.  
 Vivendo sempre em terra pequenita  
 Entre intrigas formou-se jesuita :  
 P'ra os collegas surri , para o reitor  
 Curva-se humilde e cumprimentador ,  
 E a quem julga inf'rior mostra tyranno.  
 Apenas um desprezo soberano ,  
 Deslebrando que , sendo um pobretão ,  
 Dos seus discip'los engordou co'o pão ,  
 Vendendo á força cheios d'historefas  
 Compendios dez com suas cadernetas.  
 Contudo confessar é rasoavel  
 Que p'ra dar um aspecto respeitavel  
 Ao que , a ser commettido na Azambuja ,  
 Roubar diriam uma garatuja  
 Se fórma , que se diz congregação ,  
 Para o preço taxar , que custarão  
 As obras , que hão-de ter curso forçado ;  
 Diz o vulgo porem desconfiado

Que d'um jogo ridiculo não passa  
 Armada a alheios pintos esta caça ;  
 Pois quantos vão la com legaes maneiras  
 Fintar p'ra outros extranhas algibeiras ,  
 Nas mesmas circumstancias tambem 'sperão  
 Do servido o favor , que lhe fizerão.  
 Ajuda-se o collega , que valer-nos  
 Bem póde por seu turno e succurrer-nos.

Ora este amigo com o tal Joguinho  
 Tem arranjado ja bem bom bolcinho.  
 Foi uma mina , com que o homem deu ,  
 Tendo antes como mestre do Lyceu  
 Com outros d'egnal laia conloiado  
 Em todos os exames traficado.  
 Mas caso d'elle aqui não faz ninguém :  
 Dão-lhe a importancia so que lhe convem  
 Como a insolente , insipido pedante ,  
 Soberbo , malcriado , intolerante.

Ai ! musa , não te vae par'cendo agora  
 Que nos podemos bem ir indo embora ?  
 Ja *fosseis* por ahi nos vão chamando ,  
 E' mais que tempo pois d'irmos andando :  
 Inda que não percebo em que accepção  
 Modernamente se usa o palavirão ,  
 Não ser em bom sentido ao menos vejo.  
 Aproveitemos prestes este ensejo ,  
 E agora que ninguem mais vae , saiamos :  
 D'ir a pe a vergonha assim pouparamos.  
 Depois que heroe romantico á pancada  
 O Pegaso estirou 'stás apeada.

Nós um pouco amanhã passearemos ,  
 Que p'ra ver inda varias cousas temos ;  
 Para caza porem vou entretanto ,  
 E embora o somno ja me aperte tanto ,  
 Antes me esforçarei de adormecer  
 Por descobrir que quererá dizer  
 O que ha pouco n'um publico papel  
 Um poeta chamou *risos de fel.*

(Continuar-se-á).

*Luis de Castro.*

#### Um sonho.

« Um dia — sentado na beira do mar ,  
 Pensava — bem triste no meu existir !  
 Ao vêr-me — tão só — sem carinhos d'amante ,  
 Que a vida fizesse d'esp'ranças florir !

« Eu via: suspenso... tão vasto oceano,  
E o mar levantar-se d'altivo, orgulhoso!  
Olhava p'ra terra, e só via — confuso —  
O riso sinistro do mundo vaidoso!

« Minha alma opprimia constante saudade,  
Dos entes queridos, que assim me deixaram!  
Olhava — e não via um só peito d'amigo,  
Que todos — ingratos, p'lo ceu me trocaram!

« Depois que, sósinho, sem fé, sem conforto,  
O mundo vaidoso, e suas pompas deixei!  
Eu fui encostar minha fronte ao rochedo,  
E alli bons instantes — scismando — passei!

« Eu pude dormir, e n'um sonho que tive  
Eu vi uma *candida* virgem sorrir-me;  
Depois ir banhar-se, esconder-se nas ondas,  
E d'ahi a um instante appar'cer, e fugir-me!»

Passou — como a lua nos ceus vaporosa,  
E assim como a lua, com tal rapidez!  
Que apenas a custo lhe disse, entre prantos,  
Escuta-me ó virgem, sómente uma vez!

Olhou-me a donzella sorrindo tão meiga,  
Que logo senti em minha alma nascer  
Um intimo affecto, tão casto, e tão puro,  
Que nunca pod'rá em meu peito morrer!

Jurei — prometti-lhe a mais firme constancia,  
Ouvii com meiguice mil juras d'amor!  
Fallou-me, e o que disse, ficou bem occulto  
No meu coração, que jámais foi traidor!

Passou — como a lua nos ceus vaporosa,  
Esse ente perfeito que sempre hei-de amar:  
Depois de mostrar-me, que Deus m'enviava  
Um anjo celeste para eu adorar.

No templo, no mar, e nos bosques, nas serras,  
Té mesmo no baile a não pude esquecer!  
Tal foi o delirio — que vê-la pensava,  
Té sobre o meu tum'lo chorar, e morrer!

Acordo! oh! meu Deus, ni! que sonho ditoso!  
Se o ceu — o meu anjo sonhado me dera —  
Se fosse real este sonho que eu tive,  
Amava o meu anjo — e a adorá-lo morrera!

S. João da Foz, 4 de Setembro de 1851.

*A. L. Barbosa d'Albuquerque.*

### Um beijo.

O beijo, que eu te pedi,  
Deste-m'o cheio d'amor,  
Conheci-o no ardor,  
Que nos teus labios sorvi...  
Deste-me o nectar dos deoses,  
E a razão quasi perdi.

Foi um beijo, que escaldava,  
Outro... não devo querer...  
Tenho medo de morrer  
Agora, que mais te amava!  
Mas co'um teu beijo morrendo  
A vida, que me importava?!...

Diz-me tudo um beijo teu,  
Resume a tua paixão,  
Vai dizer-me ao coração,  
Que tudo o que é meu é teu,  
Que vives co'a minha vida,  
Que a razão 'amor cedeu.

Tu sabes o que fallaste  
Nesse beijo tão ardente?...  
Muda expressão que não mente,  
E creio me não enganaste!...  
De ser minha e sempre minha  
Nesse beijo me juraste.

### Outro beijo.

Maria! quero outro beijo,  
Mas que prove o teu amor,

Eu quero vêr-te perdida  
Das faces a linda côr,  
Vêr-te em delirio e sósinha  
Nos braços do trovador.

Eu quero vêr os meus labios  
Collados aos labios teus;  
No teu halito de fogo  
Abrazar desejos meus,  
Vêr nossos peitos unidos  
Até voarmos aos ceus.

Mas tambem quero a tua alma  
Sempre sempre a mim votada,  
Quer seja em sonhos dormindo,  
Ou quer de dia acordada;  
Quero até os pensamentos  
Da tua vida passada.

Só então direi que és minha,  
Que sou feliz nesta vida;  
Não me importa o que hei soffrido  
Com a sorte desabrida;  
Descerei sem tanto horror  
A' negra fatal jazida.

Tu reparaste o meu mal,  
Déste-me o que ha de ventura,  
Gorei no mundo um paraizo,  
Triumphei da sorte dura;  
E será minha esta sorte,  
'Té baixar á sepultura?!...

Janeiro de 1849.

*José Borges Pacheco Pereira.*

**Charadas.**

1.<sup>a</sup>

Esbelto " nas damas " }  
E' mimo perfeito : }  
— Beatas o cobrem }  
Com summo respeito. } 2

Nos astros medita  
Laplace d'est arte : }  
— " Assim " o que estuda } 1  
Das turbas se aparte.

Em Rhodes erguido,  
C'os tempos luctou :  
— A terra por terra  
Seus restos lançou.

2.<sup>a</sup>

Sou principio que onde eu falto, }  
A vida torno mortal : } 1  
— Sou provincia, e populosa, }  
No reino de Portugal. } 2

Sou fazenda mui macia,  
De valor, de estimação :  
— Sou insignia conhecida  
Nas côrtes d'esta nação.

*Pereira-Caldas.*

**EXPLICAÇÃO DO NUMERO 8 :**

*Charadas* — 1.<sup>a</sup> Alipio — 2.<sup>a</sup> Remorso —  
3.<sup>a</sup> Diametro.

**HARMONIAS DA NATUREZA.**

**POESIAS**

DE

**J. S. DA SILVA FERRAZ.**

Assigna-se por 200 reis no Porto,  
na loja de F. G. da Fonseca, rua  
dos Caldeireiros n.ºs 12 e 13.

Os Senhores Assignantes da MIS-  
CELLANEA poderão possuir este volu-  
me por 120 reis.



## Lamentos.

## I.

## SCISMAVA.

**P**ASSO aqui tardes, sósinha,  
 Nestes prados verdejantes  
 A scismar:  
 N'alma sinto as fundas mágoas,  
 Ao murmurio destas agoas,  
 Murmurar.

Quando assim me vejo triste  
 D'um penar d'intima pena...  
 Choro então;  
 Que eu não amo a natureza  
 Em seu manto de tristeza  
 Na soidão.

Amo-a sim, embalsamada  
 Nos perfumes que lhe aspira  
 A alma em paz;  
 Mas se a dôr punge de aguda  
 A natureza tam muda  
 Não me apraz.

Sei que a dôr tem desafôgo  
 No alaúde, terno amigo  
 Tam fiel;  
 Faça trovns, mas as trovas  
 São amargas, 'duras provas  
 De agro fel!

## II.

## SOFFRIA.

Porque não vens, minha infancia,  
 Entre incensos de fragrancia  
 Distrahir-me desta ancia  
 Que me aperta o coração?

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

Terá tamanha maldade  
 Essa austera sociedade,  
 Que me roube a liberdade  
 De pedir-te allivio em vão?

Porque não ha-de a alegria  
 Inda aqui voltar um dia  
 Ao seu throno de poesia,  
 Ao formoso Portugal?  
 Será certo que esta plaga  
 Onde a miseria divaga  
 E' como a luz que se apaga  
 Findo o hymno sepulchral?

Será certo!... Eu ouço a historia  
 Desta patria, cuja gloria  
 Antes não têt-a em memoria  
 Que saber o que ella foi:  
 Diz-me o silencio do nuda  
 A pairar sobre esta ossada,  
 Que desta mãe malfadada  
 Foi cada filho um heroi!

Sou mulher; não sinto o braço  
 Rijo ancear por vasto espaço  
 Onde o meu montante d'ago  
 Fosse brilhar, portuguez!  
 Sou mulher; mas não desminto  
 Esta saudade que sinto  
 D'um padrão que vejo extincto  
 Nos muros de Diu, e Fez!

Faz-me dó vêr a tristeza  
 Desta terra portugueza,  
 Qual donzella, se a belleza  
 Lhe murchou n'um dia só!  
 Vêl-a assim gentil e bella  
 Descer d'um throno, que é della,  
 E, por fim, ter eu de vêl-a  
 Escarnecida sem dó!

Minha patria, mau futuro  
 Te prediz, quem vê o escuro  
 Fundo abysmo, onde immaturo

NOVEMBRO 13. — 1851.

NUM. 10.

Eu contemplo o teu morrer :  
 Mas quem vê na luz da esp'rança  
 Um clarão de confiança ,  
 Pede a Deus — não á vingança —  
 Para a patria um novo ser.

E eu pedi ! que n'estes prados ,  
 N'estes lagos prateados ,  
 N'estes montes escarpados  
 Vive o amor da oração.  
 Não sei d'onde mais sentida  
 Possa a dôr n'alma insoffrida  
 Ser da terra ao ceo erguida  
 Que no ermar da solidão !

## III.

## CHORAVA.

Em tardes de saudade amargurada ,  
 Ao pé do anoitecer ,  
 Eu venho aqui , viuva abandonada ,  
 Viuva d'uma crença , requeimada  
 Nas lavas do descer . . .

Aqui , na solidão , arfa-me o peito ,  
 Aspira immenso ar ;  
 Careço para a dôr um vasto leito ,  
 Não posso respirar no asylo estreito ,  
 Onde é força . . . calar.

Amargas , n'estes êrmos , eu chorava  
 As lagrimas um dia ;  
 Busquei repouso aqui . . . Oh ! se buscava !..  
 Em vão no peito a dôr acalentava . . .  
 Em vão . . . que não dormia !

Hoje choro tambem . . . Passou a infancia  
 Nos annos que lá vão . . .  
 Já dorme o existir , mas véla a ancia . . .  
 Dormiremos um dia em muda estancia  
 D'uma campa . . . no chão !

Debalde intima voz me diz na alma :  
 « Silencio ! amarga dôr ! »  
 E' martyr a mulher , martyr sem palma !...  
 De que serve a mudez se não lhe acalma  
 Do amar o intenso ardôr ?

Ha no seu coração tanta harmonia  
 Em tudo que é amar ! . . .  
 Em tudo vê florir tanta poesia . . . .  
 De taes visões povôa a phantasia  
 No seu vago scismar . . .

Que é pena vél-a escrava da mentira  
 Em nome da razão !  
 Faz dó vêr-lhe baldado quanto aspira  
 Na infancia , e quando a mente mais delira  
 Por tudo que é paixão ! . . .

## IV.

## DESESPERAVA.

De que serviu este pranto ,  
 Quem m'escutou n'esta dôr ?  
 Dóe a alguém a occulta lagrima  
 Chorada sobre uma fiôr ?

N'este deserto da vida  
 Os tormentos são assim . . .  
 Dobra-se a elles quem soffre ,  
 Como ao vento este jasmim !

Eu , solitaria , não tive  
 Consolação em chorar . . .  
 Serei o goivo da valla  
 Entre as campas a murchar ?

Como o goivo eu pendo a fronte  
 A' luz ardente do ceo ,  
 E depois . . . cinza me junto  
 A's cinzas do mausoleo.

Mesquinha flôr! não revives,  
Quando te orvalha a manhã?  
E' para ti perpétua a morte  
Qual p'ra mim a esp'rança vã?

O meu destino cumpriu-se,  
Tive-o no berço — este foi!  
Não é d'hoje a farpa ervada  
Que hoje no peito me dóe.

Entre os risos da innocencia,  
Candida, anciosa d'amor,  
Não sei porque, mas sonhára...  
Sentira os golpes da dor...

Não tenho estrella d'esp'rança  
No ceruleo mar dos ceos;  
Quem me fez tam negra a vida?  
O muito crêr, ó meu Deus!

V.

RESIGNAVA-ME.

« O' meu Deus! » são palavras ungidas  
De consôlo á que em Deus não descreu...  
São as notas que vão mais sentidas,  
Nos meus cantos amargos, ao ceo.

E' nos transes d'ingrato martyrio  
Que entre afagos avulta o Senhor...  
Quando a alma se exalta em delirio  
Está mais perto do seu Creador.

Este vacuo d'amor sinto cheio,  
Pois que a Deus, na minha ancia d'amar.  
Dou mil crenças acêsas no seio  
Que este mundo não pôde apagar.

Sei que a terra não tem lenitivo  
Para o mal que me dóe... bem o sei...  
E' de ferro este anel em que vivo...  
O porvir não tem luz... que farei?  
.....

Além da câmpa irão meus olhos d'alma  
Segredos penetrar!  
Verei aos pés de Deus curvada a face  
Enxuta de chorar...

Verei da fronte humilde e soffredora  
Para sempre descer  
A c'rôa do martyrio á que na terra  
Soffreu sem maldizer!

Carolina da V. Castello-Branco.

(J. do P.)

No Album

DO MEU AMIGO FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

Nesta folha vaes lêr, poeta, o meu canto  
Como o som do clarim altivo e rude:  
Tão pobre como elle é, não o desprezes;  
Se o não adornam da poesia as flores,  
Mentiroso não é, — é bem sentido.

Deshonra áquelle que.....  
Prostitue o alaudé:  
Deus á poesia deu por alvo a patria,  
Deu a glorie e a virtude.  
(A. HERCULANO.)

Mancebo, o fogo sagrado  
O Rei dos sec'los te deu,  
Fadou-te cysne inspirado  
Soltando cantos do ceu;  
Deu-te a lyra, que pulsára  
Já David, e em que soltára  
O seu cantico sem par;  
Mas ao anjo dos amores,  
Sorrindo, d'alegres flores  
Mandou-a antes coroar.

E tu o fogo divino  
Deixarás no ocio morrer,  
Ou aguia a pairar sem tino,  
Em pueris brincos perder?!..

\*

Não darás p'la patria um brado  
 Grande como o seu passado,  
 E que a faça resurgir?!  
 Não vês o povo gemendo  
 De fome e frio tremendo  
 A' miseria succumbir?!..

Não vês ter o vicio um throno,  
 Gosar honras, dar as leis?  
 Gemer em triste abandono  
 Os que á patria são fieis?  
 Não vês o sabio olvidado,  
 O virtuoso despresado  
 Pedindo um pouco de pão?  
 Ah! vês sim!... e não te inflammas,  
 Da satyra o fel não derramas  
 Fulminando a corrupção?!..

Eia surge! no combate  
 Vem teus irmãos ajudar;  
 E's do povo — elle se bate,  
 E' crime os braços cruzar;  
 E' crime que um bardo deve,  
 Quando a patria assim o pede  
 Na lucta o primeiro ser:  
 — Pela patria e liberdade,  
 Sempre o seu grito ser ha-de,  
 Se tal nome quer mer'cer.

Na terra missão sublime  
 Tem o poeta a cumprir  
 Maldição ao que se exime,  
 Que deixa o genio extinguir!  
 Agora — altivo propheta,  
 Erguer-se deve o poeta  
 Os vicios a fulminar;  
 Logo audaz guerreiro e vate  
 Ter a espada p'r'o combate,  
 E a lyra para o cantar.

Surge pois; dá cumprimento  
 A tão sagrada missão;  
 Vai dar largas ao talento  
 Sobre as azas da canção,

Vem ser poeta do povo,  
 Revelar n'um canto novo  
 Seus prazeres, seu soffrer,  
 Que a ninguem mais bem cabida  
 E' a gloria tão subida  
 Do Luso Beranger ser.

Porto 18 de Setembro de 1850.

*D. M. d'Oliveira Maya.*

### Outono.

#### I.

Que tristeza tam sombria  
 Tem as tardes outonaes!  
 Com que lúgubre harmonia,  
 Rios, ventos, suspiraes!  
 Do azul ceu a côr divina  
 Tolda alvacenta cortina,  
 D'onde vem coada a luz.  
 Cré-se a terra um santuario,  
 E o sol triste lampadario  
 Que através de um véu reluz.

Ai! Outôno, tu convidas  
 Nossas almas á tristeza.  
 Que melodias sentidas  
 Arrancas da natureza!..  
 A natureza — alahude  
 D'onde tira o inverno rude  
 Rudes sons — de extasiar:  
 Meiga canta a Primavera;  
 Desejos o Estio gera;  
 Tu, porém, fazes scismar!

Fazes scismar com teus ventos  
 De sentido murmurar;  
 Que soltam tristes lamentos,  
 Divagando pelo ar.  
 Que melancolicos fallam  
 Entre as árvores que emballam  
 Em caprichoso mover;  
 E tambem o chão alastram  
 De séccas folhas que arrastram  
 Ao pó, onde vão morrer. . . .

Fazes scismar. Agoureiro  
 Coração, entregue á dôr,  
 Diz que é tambem traiçosoir  
 Como o vento infido amôr —  
 Se o vento n'árvor' suspira,  
 O amôr no peito delira,  
 Sonhando infindo gozar.  
 Se depois a árvore perde  
 Tanta folha d'antes verde,  
 Perde a alina o crêr, e esp'rar.

\*

E eu tam moço, eu que devera  
 Só amar a Primavera,  
 Surrir á vida, ao prazer,  
 Gósto mais de ti, Outôno;  
 Gósto de me entristecer;  
 Gósto do plácido sôno,  
 Que a tua luz me faz ter.  
 Anceio chorar contigo,  
 Como em terno seio amigo  
 Anceia um triste morrer.

II.

Que é feito da verdura, que a linda Primavera  
 Deixou por esses campos, sorrindo a um bello sol?  
 Já não s'escuta a ave, que a luz nascente espera;  
 Nem se ouve, ao fim da tarde, cantar o rouxinol.

—

Aonde estão as flôres, que airosas se miravam  
 Nas gótas de rocio, que Aurora á relva deu?  
 Em galas esses dias co'as noutes porfiavam;  
 Se a terra tinha flôres, estrellas tinha o ceu.

—

Vês, Angela, esse lago, que dorme socegado?  
 Ha pouco retrattava do sol vivo fulgôr:  
 E o sol nem já deslumbra o olhar, ao ceu mandado,  
 E o lago só espelha das nuvens o pallôr.

—

Que é feito da verdura? olha no chão as folhas.  
 Aonde estão as flôres? o sol as desbotou.  
 E o sol? onde fulgura? em vão para o ceu olhas;  
 Só vês escuro manto que a luz nos occultou.

III.

E ha-de vir para mim um dia ainda  
 Em que eu perguntarei, cedendo á dôr,  
 Aonde está da vida a quadra linda?  
 Aonde a infancia, e a estação d'amôr?

Aonde o tempo em que ao prazer se vda?  
 Aquella idade de feliz viver  
 Que de esperanças e illusões povda  
 Ente que nem é anjo nem mulher?

Quem me responderá? terna amargura  
 Do pranto? Não... que o pranto á face yem,  
 Se a alma conserva um resto de ternura;  
 E eu creio que ella então já não a tem.

Responderá talvez sorriso amargo,  
 Que ha-de nos labios adejar fatal,  
 Dizendo que o viver foi um letargo,  
 De que triste acordei p'ra vér o mal!...

IV.

Mas porque ter taes lembranças.  
 Nesta idade, em que esperanças  
 Nutre o peito com ardôr?!  
 Perca embora a natureza  
 Todo o límpido verdôr;  
 Nem se escute na deveza  
 O trinar do rei-cantor;  
 Nem além nessas campinas  
 Brilhem gótas cristalinas,  
 Nem viceje uma só flôr.

Que me importa, se na terra  
 Ha um ente onde se encerra  
 Tudo quanto falta ahi,  
 De belleza — de harmonias  
 Quaes na primavera vi —?  
 Se o ceu tem côres sombrias,  
 Em seus olhos um ceu ri —  
 Se a campina é toda triste,  
 Uma flôr sei eu que existe  
 Que em seu coração flori.

\*

E oh! em quanto que em sua alma  
 Essa flôr p'ra mim florir,

Como solitaria palma  
 Ao viandante a sorrir;  
 Em vão queimôres do Estio,  
 Em vão do Outôno sombrio  
 Melancolias virão:  
 Té do Hivero a estação fera  
 Achará a Primavera  
 Florindo em meu coração.

## V.

Que é do canto, ó minha lyra,  
 Bem triste, que te eu pedi?  
 Mas o vento, que suspira,  
 Falla, descanta por ti.  
 As folhas que no chão fremem  
 Por ti cantos tristes gemem;  
 E tu gemêras assim  
 Também sentidos lamentos,  
 Modulada pelos ventos,  
 Em vez de o séres por mim.

Castello de Paiva — Outubro de 1851.

*J. S. da Silva-Ferraz.*

## A Felicidade.

(IMITAÇÃO).

F'licidade, onde estás, onde existes,  
 Que ninguem te pôde inda encontrar?  
 E's tu sonho, illusão, com que a 'sp'rança  
 Nos pretende no mundo enganar?

Vês alli, além — mais longe,  
 Lá mais longe, entre verdores,  
 Esse canteiro de flores,  
 Prados, montes, tudo a ornar:  
 Lá mais longe, onde serpeia

Pura a lympha, onde s'arreja  
 D'aurea côr messe, que ondeia  
 Como as aguas lá do mar?  
 E' ahí; nos grita a esp'rança,  
 Onde vaes junto á bonança  
 A f'licidade encontrar!  
 Não é ahí: além, mais longe,  
 Só no mar a vacs achar.

Vês alli, além — mais longe,  
 Lá mais longe — tão airosa  
 Essa fórma vaporosa  
 Que em sonhos costumás vêr?  
 Nas tranças dos seus cabellos,  
 Nos meigos olhos, tão bellos,  
 No seio, aonde os anhellos  
 Vão o seu fogo acender;  
 E', dessa virgem nos braços,  
 Que tu vaes d'amor nos laços,  
 Encontrál-a com prazer..!  
 Não é ahí: além, mais longe:  
 Só a gloria a faz nascer.

Vês alli, além — mais longe,  
 Lá mais longe — além, a c'roa  
 Dos teus desejos — oh! vòa.  
 Tens um immenso porvir,  
 Corre, vai e toca a méta  
 Do saber; como poeta  
 Canta amor, como propheta  
 Mostra a senda, que seguir  
 Deve o povo, e com espanto  
 Verás o mundo, ao teu canto,  
 Prostrar-se para te ouvir..!  
 Não é ahí: além — mais longe;  
 Outra gloria a faz florir.

Vês alli, além — mais longe,  
 Lá mais longe — a terra geme,  
 C'o pêsô do ferro treme,  
 Nos eixos mal se sostém;  
 Lá vês a teus pés prostrados  
 Povos sem conta, acurvados  
 Reis e grandes abysmados,

E com sorrir de desdém  
 Vaes ávante...! A c'roa é nada  
 P'ra tua fronte: a espada  
 Te fará ir mais além...  
 Não é ahi: além — mais longe:  
 Só o prazer a contém.

Vês alli, além — mais longe,  
 Lá mais longe, no oriente;  
 Onde embriaga o ambiente,  
 Onde com louco prazer  
 Em banho todo perfume  
 Dá trégoas ao seu ciúme  
 Linda odalisca, que nume  
 Mais parece, que mulher;  
 Onde em gigantescos bosques  
 Telha o ouro mil kiosques,  
 Onde se sabe viver?  
 Não é ahi: além — mais longe:  
 Na solidão a vaes vêr.

Vês alli, além — mais longe,  
 Tão lindo, dôce retiro:  
 Corre o sol um, outro giro,  
 E sempre elle entre verdôr;  
 Ao romper da madrugada  
 Ave linda, enamorada  
 Sobre o loureiro embalada  
 Vem tecer cantos d'amor.  
 Ahi — do mundo distante  
 A f'licidade é constante,  
 A vida corre sem dôr...!  
 Não é ahi: além — mais longe.  
 Depois da campa transpôr!?

F'licidade, onde estás, onde existes,  
 Que ninguem te pôde inda encontrar?  
 Tu és sonho, illusão, com que a 'sp'rança  
 Nos pretende no mundo enganar.

Setembro — 1851.

A \* \* \*

### Não intentes.

— Que tens? Pensativa  
 Meditas amor?

— Oh! não, fugitiva,  
 Só nutro rancor,  
 Que um peito offendido  
 De fel é nutrido  
 E não de ternura,  
 Qu' é grande loucura:  
 — Loucura?! — p'ra nós:  
 Ternura por vós...  
 E' ter desventura.

— Que fallas carpidas  
 Ora tu fallaste!  
 Paixões esquecidas  
 Agora acordaste,  
 Fazendo nascer  
 Com esse dizer:  
 Paixão a mais forte,  
 Que d'uma tal sorte...  
 Eu ousou afirmar  
 Por teu terno olhar  
 Me daria a morte.

— E' muito, não creio.  
 — Meus olhos não crês?  
 — Nos olhos não leio:  
 Nos olhos tu lês?  
 — Nos olhos sei lêr  
 Um terno volver,  
 Que diz muito mais,  
 Que sentidos ais  
 De labios mimosos.  
 — Mimosos? — formosos,  
 Se queres... divinaes.

— Mas quem me assegura  
 Não ser falsidade?!  
 Tu finges ternura,  
 Não fallas verdade.  
 Não fallas... tu mentes:  
 Oh! mais não intentes.

São horas perdidas  
Em almas descritas  
Qu'rer insinuar-se.  
Não ha que fiar-se  
Nas almas trahidas.

— Escuta um momento:  
Só peço um segundo,  
Que o meu sentimento  
Maior é que o mundo...  
Não cabe no peito!  
— Pois que?! com effeito  
Assim é tão forte?!  
— Que vae dar-me a morte  
Esse teu desdem,  
Que mata, que tem  
D'um alfange o córte.

— Mas tu desconfias?!  
Pois vou retirar-me:  
Julguei, que te rias,  
E tu vaes ralar-me!  
— Oh não: não te vás,  
Qu'então saberás,  
Se sei exultar  
Com teu gracejar;  
Mas diz-me, que mentes  
Com teu = *não intentes* =  
P'ra te requestar.

— Serei requestada,  
Amor eu terei:  
Mas fui enganada...  
Não mais o serei.  
Qu'esse teu amor  
De tanto valor  
Não póde acabar.  
A vida a findar...  
Ainda amaremos.  
E ao ceo voaremos  
Não cheios d'amar!

23 de Dezembro — 1848.

*Affonso de Castro.*

**O desprêso.**

Filtrou-me na alma um veneno  
Tão negro, que me matou,  
Eu cahi co'a face em terra,  
Armia me despresou.

Se tenho vida não sei,  
Que perdi de todo o alento,  
Oh! não tem vida, quem soffre,  
Quem vive cruel tormento.

Para mim cerrou-se em trevas  
O mundo — gôsos dourados;  
As fontes não teem frescura,  
Não teem encantos os prados.

Perdeu a lua a meiguice,  
A philomela a ternura,  
As flores não teem fragancia,  
Nem o regato murmura.

Já nem p'ra mim ha sorrisos!...  
Nem d'uns olhos um volver!  
Quem vive a vida, que eu vivo,  
Anceia só por morrer.

*José Borges Pacheco Pereira.*

**Charada.**

Mil vezes me vibra,  
Mil vezes me canta,  
De damas fagueira  
Mimosa garganta. } 1

Amores eu nutro,  
Que os odios similham:  
— A todos arranho,  
Se as unhas os pilham. } 2

Embora pequeno,  
Mesquinho não sou:  
— A muitos " maiores "  
Meu todo lhes dou.

EXPLICAÇÃO DO NUMERO 9:

*Charadas* — 1.<sup>a</sup> Colosso — 2.<sup>a</sup> Arminho.



## CONSTANTINO!

## REI DOS FLORISTAS (\*)

**E**RGUE a fronte altiva e nobre,  
Ergue a fronte, oh genio-rei!  
A ti, sim, a ti me curvo,  
A ti só me curvarei:  
Que m'importam reis da terra  
Debatendo-se na guerra  
Das mais turbidas paixões?  
Podem outros dar-lhes cantos,  
Eu, por mim, maldigo quantos  
Rojam vis adulações.

O poeta nasceu livre  
Como é livre o immenso mar;  
Os cantos da minha lyra  
Não os sei mercadejar.  
—A' sob'rana intelligencia,  
A' sã virtude na essencia,  
Só meus cultos prestarei:  
Constantino! a ti um brado,  
A ti meu canto enlevado,  
A ti, sim, oh genio-rei!

Rival de Deus sobre a terra  
Quem te nega adoração,  
Quando a França te sauda  
—Novo rei da criação—?!  
Quando a Europa, d'espantada,  
Curva a fronte laureada  
Ante o teu genio immortal?!  
Quando colhes d'entre os louros  
O mais rico dos thesouros:  
—Um triumpho a Portugal—?!

(\*) Este gracioso titulo, se a memoria me não illude, foi conferido ao nosso compatriota Constantino, natural de Monção, e residente em Paris, pela Duqueza d'Orleães, extasiada ao vêr as suas tão primorosas flores. Na grande exposição de Londres, Constantino quiz que as suas obras fossem consideradas como generos d'industria portugueza; e como taes foram premiadas.

Constantino! como é grande  
O teu genio creador,  
Quando vértes o perfume  
No calix da tua flôr!  
Quando imitas a belleza  
Da risonha natureza  
Com teu mágico pincel!...  
— Quem ao vêr tão bellas flôres  
Não as cré lindos verdores  
Do mais nitido vergel?

No tapete d'esmeraldas,  
Que alcatifa o teu jardim,  
Brinca meiga a branda aragem  
Embalando alvo jasmim;  
Fascinada a mariposa  
Lá doudeja em torno á rosa,  
Lêda poisa; mas, em vão....  
Na seiva o goso procura,  
Não a encontra.... e na tortura  
Morre, alli, d'uma illusão!

Constantino! a ti me curvo,  
A ti só me curvarei;  
E's um astro luminoso,  
E's do mundo o genio-rei!  
Quando a Europa os seus primores,  
Variados, de mil côres,  
Na Bretanha apresentou,  
Quiz a França disputar-nos  
Alta gloria; — quiz roubar-nos  
O teu nome que assombrou....

Mas tu d'altivo bradaste:  
« Sou filho de Portugal!  
« Embora eu viva na França,  
« E' minha terra natal. »  
Oh! bem haja o homem nobre,  
Que ama ainda a patria pobre,  
Rica outr'ora tanta vez....  
Bem haja o filho valente,  
Que da honra não desmente  
Nesta acção de portuguez!

Constantino! vinga a patria  
 Que foi grande entre as nações;  
 Ennobrece-a ennobrecendo  
 Mais e mais os teus braços:  
 Eia, oh genio! um passo avante,  
 Um passo mais, — e brilhante  
 Será teu nome immortal!  
 Viverás na lusa historia,  
 Qual lá vive inda a memoria  
 Do nome de Portugal!

Porto, 25 de Novembro de 1851.

A. P. Caldas.

### Soidão.

#### I.

Longe — longe, onde não chegue  
 O tumultuar do mundo,  
 Vasto cárcere profundo,  
 Onde geme o coração...  
 Longe — longe, nestes êrmos,  
 Onde só ha Deos que mande,  
 Livre a alma então se espande  
 Livre a alma é alma então!

Homem! — podes já sósinho  
 Chorar triste as tuas dôres;  
 Que a vida tem raras flôres,  
 Mais duros espinhos tem.  
 Poeta! — teus pobres hinos  
 N'alma espontaneos nascidos,  
 Pelos ecos repetidos,  
 Não motejará ninguém.

Ninguém? talvez não... quem sabe?  
 Talvez morem nos desertos  
 Espíritos encubertos  
 Que animam as solidões...  
 Mas se deixaram os homens,  
 Eu por mim também deixei-os;  
 Não posso pois ter receios  
 De que ouçam minhas canções.

\*

Ai que fallas têm os êrmos!  
 Cada voz da soledade  
 Quanto excede em magestade  
 O exprimir de humana voz!  
 Que ternura diz a fonte  
 No seu murmurar cadente!  
 No ruído da torrente  
 Que expressão ha tam feroz!

Fôsem sempre vozes, destas,  
 As que ouvissem meus ouvidos!  
 Accentos desconhecidos  
 Fôsem outros para mim!  
 Não teria eu visto o mundo  
 Tam outro do que eu sonhára!  
 A minha illusão tão cara  
 Não tivera ainda fim!...

\*

Quem me dera na soedade  
 Viver só co'a natureza!  
 Com ella sentir tristeza,  
 Sentir com ella prazer.  
 Longe os homens! — Só quizera  
 Anjo puro de innocencia,  
 Para esta meia-existencia  
 Emfim completa fazer.

#### II.

E se o mundo não tem essa alma,  
 Que ha-de unir-se p'ra sempre co'a minha,  
 Se é engano na terra mesquinha  
 Outro amôr procurar para o meu...  
 Se o humano existir foi partido  
 Em dous entes — misterio divino! —  
 Que se affastam aqui de continuo  
 Para só se encontrarem no ceu....

Para que me envolver nesse lodo  
 De um gozar que por pouco inebria?  
 Porque não esperar esse dia  
 De ventura em quieta soidão?  
 Que me faz ouvir fallas de virgens,  
 Que — coitadas — não sabem que mentem,  
 Quando exprimem affetos que sentem  
 Só presagios do que sentirão...

## III.

Para que, minh'alma  
Deliras ainda?

A tarde é já finda

Vae a escurecer.

Calaram-se as aves,

Só lá n'um pinheiro

O mocho agoureiro

Se escuta gemer.

Nos dias de Março

Quando o sol se punha

Outr'ave compunha

Mais dôce cantar.

O canto era alegre

Como o dia o fôra;

Mas é triste agora,

Como o meu scismar.

\*

Ao longe fumega

Modesta choupana.

Com linda serrana

Conversa o pastor,

Que tem entre as horas

De repouso e lida

Est'hora querida,

Est'hora de amôr...

Só tu, ó poeta,

Que fazes da vida?

Será consumida

Em sonhos por ti?

Acorda — desperta!..

Repouso profundo

Não terás no mundo,

Só no céu... alli.

E' vão o silencio,

E' vão o repouso

Que busca ansioso

O teu coração

Aonde não sintas

Tua alma inquieta;

Só ahí, poeta,

Terás solidão.

Porto — Outubro de 1851.

J. S. da Silva-Ferraz.

## Damelvina.

Genio formoso, que meu estro inflammas

Em ondas vivas de sagrado fogo,

Com força irresistivel me impellindo,

Ai! o que amar-se, não cantar-se pôde

A resumir n'uma ode:

Dá-me ao menos tirar da rude lyra

Mellifluo canto, sonoro verso,

Em sons de prata um hymno grandioso,

Digno do nome, que invoquei divino,

De Damelvina dino.

Se o poeta inspirado, o vate accêso,

Virtude, encantos, formosura e graças

Quer em dôce magia unir no canto,

Uma palavra tem, que mais diz inda,

E' Damelvina linda.

Sua alma ingenua, infantil é pura

Do fingimento as tramas desconhece,

Mais que una voz não tem p'ra um sentimento,

Traz em constante, harmonica união

Labios e coração.

Para todos risonha, affavel, franca,

Com dogura igual todos encanta,

Com todos folga em brincos innocentes,

Para todos a mesma ser deseja,

E com todos graceja.

Da vil calumnia a lingua viperina,

Nem receia sequer; espume'o monstro,

E morda-se de raiva: com o escudo

D'alma innocencia, que immortal radia,

A virge' o desafia.

Mas esse aspecto descuidado, alegre

P'ra um sómente não é qual é p'ra todos;

D'amor as chammas em seu peito lavrãr,

Seu terno coração a paixão sente,

Qu'a donzella não mente.

\*

Para um sómente, seu feliz eleito  
São seus desvélos, seus carinhos meigos:  
Sobre o peito leal ella constante  
Traz sua imagem, e dos seus amores  
São verde e branco as cores.

Quando ao som do piano a voz casando,  
Em accôrdo do céo, queixoso canto  
Saudosa ella ergue de tristeza e pena,  
Quem deixará com ella de dizer:

*Quero, quero morrer?!*

E se ternas endeixas entoando,  
Modula a voz com mavioso accento,  
Quem, ouvindo-a, com ella não sentira,  
Não dissera: um amor reserva assim

*Só p'ra mim, só p'ra mim.*

Basta, já basta, temeraria musa,  
Encolho o vôo audaz, que insano arrojo  
Além dos astros fez-te erguer ousada:  
A rainha pretendes do universo

Encerrar em teu verso?

Feliz, feliz, se Damelvina linda  
D'entre o mysterio, em que s'involve o canto  
Se conhecer a si e a ti, que insana  
Para lyra de prata vivo engaste  
D'esmeraldas buscaste.

\* \* \* \*

### Uma recordação.

OFFERECIDA A UM AMIGO.

Ha bellezas nesta vida,  
Que mais valera não ver,  
Que fazem seja insoffrida  
A existencia a soffrer:  
Que causam tormentos taes,  
E ruinas tão fataes  
No peito d'alguns mortaes,  
Que melhor fôra morrer.

Antes morte quero eu,  
Que se apresse: não a temo.  
No frio sepulchro meu  
Ninguem ouvirá; que gemo:  
Lá não hirão affrontar-me,  
Nem hirão lá insultar-me,  
E o veneno entornar-me  
C'um frio sorriso seu.

Eram duas. Ind'as vejo  
De belleza radiantes,  
Da donzella tem o pejo,  
Que as torna fascinantes:  
E seus olhos amorosos  
Dizem versos maviosos  
De mais graça, e engenhosos  
Que os d'Homeros, ou Dantes!

Se d'um Tasso eu ter podéra  
As harmonias tão bellas:  
Não bastavam se quizera  
Intentar o descrevêl-as;  
Eram anjos, serafins,  
Eram bellos cherubins,  
Mais brilhantes que rubins,  
Que cegavam só de vél-as!

Onde foi?.. já m'esqueci,  
Nem disso quero lembrar-me.  
O que sinto? o que senti?...  
Foi a paixão dominar-me:  
Foi uma bella visão,  
Que me cegou a razão  
Roubando-me o coração,  
Que de todo então perdi.

Resta-m'apenas a idéa,  
Que me veio accommetter;  
Era sinistra, era fêa,  
Mas não podia soffrer,  
Que um outro fosse attendido,  
E que fosse assim ouvido,  
Sem por mim ser combatido  
Té morder no chão a arêa.

Desejei então a era  
Da cavallaria andante;  
Porque alli mesmo offerecêra  
A'quelle outro o meu guante:  
E na liça disputára,  
E co'a 'spada lhe provára,  
Que os dois anjos lhe roubára  
Se comigo combatêra!

Oh! mas não: qu'era horroroso  
A combate provocar  
Um amigo extremoso  
Por dois anjos captivar.  
Mas que qu'reis? se de repente  
Eu fiquei como demente,  
Quando o vi tão ternamente  
Com taes anjos a fallar!!!

23 de Setembro — 1848.

*Afonso de Castro.*

**Em dia de finados.**

Fugit velut umbra ....  
JOS.

Como lugubre soa na alta torre  
Dos sinos o dobrar!  
Como vem esses sons partir-nos a alma,  
E a morte recordar!

Não te aprazem taes sons, torpe mundano!  
Gostas de te enganar...!  
Vive engolfado em vicios todo um anno,  
Hoje deixa-os dobrar.

Queres do mundo o ouropel sómente,  
Amas só o folgar,  
E contando-te os dias não escutas  
Dos sinos o dobrar?!...

Cada pancada sua que ora vibram,  
E vai no valle eccoar,  
São instantes da vida passageira,  
Que vejo resvalar.

São paginas que o negro anjo da morte  
Vai para mim voltar:  
Pouco me resta já, añada foice  
Bem vejo lampear....

Após o curto prazo desta vida  
Lá me estão a esperar  
Poucos palmos de terra, immundos vermes,  
Que me tem de tragar.

E a Eternidade! e os seus milhões de seculos;  
Aos milhões, sem cessar  
A desdobrar-se, a desdobrar-se infindos,  
Sem jámais acabar!...

Mundano desgraçado, aborrece-te  
Dos sinos o dobrar?  
Não te queres da terna mãe, de amigos  
Um só dia lembrar?

Oh! que talvez por ti d'aquí a um anno  
Será este dobrar!...  
Não quererás então que por tua alma  
Vá teu amigo orar?

Tocai, sinos, tocai, que pobre poeta  
Hoje me apraz chorar,  
E sobre os tristes restos dos que foram  
Eu vou submisso orar.

Aquí n'um cemiterio solitario  
Deixai-me contemplar  
O nada da existencia, aonde o orgulho  
Eu vejo nivelar....

Resequidas ossadas, e caveiras  
Sobre a terra boiar  
Vêde ahí...— de quem são? do grande ou nobre,  
Ou pobre popular?

Nada já distinguir entre elles posso;  
 Veio tudo igualar  
 Aqui a morte crua, inexoravel,  
 Que não sabe perdoar.

Oh respeitavel som do desengano,  
 Eu quero o teu dobrar;  
 Poeta a quem de Christo a Divindade  
 E' dôce acreditar.

Dia dos mortos, dia de saudade,  
 Quem te ha-de desprezar?  
 Oh mundano, és amigo, e dos amigos  
 Não te queres lembrar?

Deixa pois nessas torres, campanarios  
 Hoje ao menos troar  
 Melancolicos sons que da saudade  
 Te façam repassar.

De teus socios da infancia que é já feito?  
 Poucos te hão-de restar:  
 Da amizade arraigada em tenros annos  
 Vais viuvo ficar!...

E não queres o dia consagrado  
 Para um pae te lembrar?  
 E não queres que a voz da igreja eccôe  
 Para t'o recordar?

Miseravel que és tu, egoista immundo,  
 Que te ousas enfadar  
 Contrá a tremenda voz da Eternidade  
 Que te está a bradar!...

Curva esse joelho duro, e ante o meu Christo  
 Vem a frente prostrar;  
 Não côres de vergar o collo altivo,  
 Que vais cêdo finar.

As honras, as riquezas, prepotências,  
 Nada te ha-de prestar;  
 No instante pavoroso da agonia,  
 Que te vejo assomar.

Vem comigo, christão, ante os altáres  
 Por teu irmão orar;  
 As pedras do jazigo, olha, é tam dôce  
 Com lagrimas banhar!

Não sabes que depois de a Deus orarmos  
 E' suave o perdoar?  
 Não sabes que um só ai que lhe dirijas  
 Vai o amigo salvar?

Tocai, sinos, tocai, que pobre poeta  
 Hoje me apraz chorar;  
 E sobre os tristes restos dos que foram  
 Eu vou submisso orar.

Guimarães, 2 de Novembro de 1851.

*Joaquim Silvestre de Sousa.*

#### A Primavera.

Dieu fit ta voix, ó Philomèle!  
 Et tu fais ton hymne à la nuit!  
 LAMART.

E' na primavera,  
 Que os ternos amores  
 Vem meigos brincar  
 Por entre as flôres.

E' nesta quadra  
 De graça e belleza,  
 Que os risos esmaltam  
 A natureza.

E que a philomela  
 Nos bosques e prados  
 Gorgeia harmonias  
 Em dôces trinados.

Em tão lindas tardes  
 Tudo diz — amor —  
 No canto — a donzella —  
 Na flauta — o pastor.

*José Borges Pacheco Pereira.*

**Amor!**

A da aurora maga scena;  
 O nascer e o pôr do sol;  
 Quêda noite, linda, amêna;  
 Gorgeiar do rouxinol  
 Escondido na espessura  
 Lá da selva, que murmura,  
 Que suspira com rumor;  
 Roseo céo, risonho, bello;  
 O do amante grato anhello,  
 Tudo tem p'ra mim amor.

O cicio entre a folhagem  
 Da fagueira viração,  
 Agitando, na passagem,  
 Meiga flôr, que vai no chão  
 Suas folhas esparzindo;  
 O cantar suave, infindo,  
 Da andorinha ao Creador;  
 O dobrar do sino ao longe;  
 Santo psalmejar do monge,  
 Tudo tem p'ra mim amor.

A fontinha murmurando  
 Do luar á argentea luz;  
 As estrellas scintillando;  
 Na montanha a negra cruz;  
 Tristes bosques, arvoredos;  
 O das vagas nos rochedos  
 Vir quebrar-se em estridor;  
 Da campina o rir formoso;  
 O regato bonançoso,  
 Tudo tem p'ra mim amor.

Em virgineas faces pranto,  
 E dos labios suspirar;  
 De ternura affago, encanto;  
 Do poeta o dedelhar  
 Em su' harpa hymnos de crente,  
 Falsos não, mas d'innocente;

Ternos cantos do pastor  
 Entre a relva verdejante;  
 Casto seio agonisante,  
 Tudo tem p'ra mim amor.

Agosto — 1851.

Solus.

**Recordação.**

(AO MEU AMIGO M. S. A.)

Minha lyra emfim vibrada,  
 Prodíga teus dons sublimes;  
 Faz ouvir meu canto d'alma  
 Dos cantos d'alma que exprimes.

Eu canto na terra ingente  
 Da natura, a criação;  
 Canto do ceo as grandezas,  
 Inda que em rude canção.

Eu amo trovas que canto,  
 Trovas que inda não cantei,  
 Nas bellas terras do Norte,  
 Nas terras que muito amei.

Eu amei d'Europa as terras  
 Do meu nobre Portugal:  
 Foi de Portugal o Porto  
 A minha terra natal.

No Porto amei o Douro;  
 Amei do Douro a corrente;  
 Da corrente amei a margem,  
 Amei-lhe a face virente.

Amei, na fonte do prado,  
 Da lympha pura o crystal;  
 Amei o bosque no Porto;  
 Amei do monte o pinhal.

Amei do matto a roseira  
Sósinha, triste a brotar;  
Amei-lhe a rosa nascente,  
Amei-lh'a no desfolhar.

Amei o mar e as ondas;  
Das ondas a branca flôr:  
Amei nas costas do Porto  
Da argentea vaga o fragôr.

Amei a verde collina,  
O rôxo lirio, o jasmim,  
Entre as boninas do campo,  
Entre a murta do jardim.

Do jardim á verde murta  
Amor eterno votei,  
Do rosal a branca rosa  
Com viva paixão amei.

Amei a brisa serena  
Em pura noite d'Abril,  
Amei no Porto as estrellas,  
E nestas Venus gentil.

Nas puras aguas do Douro  
Amei da lua o fulgir;  
Amei na sombra do bosque  
Do pyrilampo o luzir.

Da aurora as vestes puras  
Eu amei no alvorecer;  
Eu amei ao sol no occaso,  
Amei seu amortecer.

Amei os goivos das campas;  
Amei do sino o tocar;  
Amei da noite o silencio  
Severo n'alma a calar.

Amei nas serras a neve;  
No campo a verdura amei;  
Encantos, emfúm, ó Porto,  
Encantos teus, que gosei.

Oh Porto, cidadê eterna,  
Do Luso Reino a flôr,  
Eterna foste da — VIRGEM —  
Como tens della o candôr!

Em teu sólo, anjo formoso,  
Meu primo berço assentei:  
A' luz do teu sol amado  
Com teus afagos brotei.

Em tua face formosa  
Minha alma já exaltou  
Alta gloria do teu nome,  
Que inda ha pouco fulgurou.

Mas aqui, do Sul ao lado,  
Essa ventura acabou:  
Esse anjo bello que olhava  
Foi sonho que perpassou.

Agora com mágoa canto  
Meu patrio lar, que deixei;  
Porque ainda eu amo a patria,  
Amo-a como outr'ora amei.

Cidade de S. Paulo (Brasil),  
30 de Junho de 1851.

V. R. C. de Lemos.

#### EXPLICAÇÃO DO NUMERO 10:

*Charada* — Regato.

*Correcções.* — No numero 9 — Poesia — *De noute* — I. — verso 1.<sup>o</sup>, onde se lê *percorre*, leia-se *discorre*. — II. — verso 5.<sup>o</sup>, onde se disse *noute*, diga-se *dia*.

#### HARMONIAS DA NATUREZA.

##### POESIAS

DE

J. S. DA SILVA FERRAZ.

Assigna-se por 200 reis no Porto,  
na loja de F. G. da Fonseca, rua  
dos Caldeireiros n.<sup>os</sup> 12 e 13.

Os Senhores Assignantes da MISCELLANEA poderão possuir este volume por 120 reis.



## Um pensamento.

**U**oi bem longo, meu Deos, foi bem longo  
Esse tempo de muito soffrer!  
Quando esp'ranças morriam no peito,  
E da vida não tinha o viver!

Quando via passarem meus dias  
Como o nauta que o rumo perdeu!  
Quando apenas fitavam meus olhos  
Uma estrella luzindo no ceu!

Qual espectro negreja assombrado  
Entre galas de meigo folgar,  
O passado que a mente revolve  
E não póde jamais deslembrar.

Oh! bem hajas, tu, bem hajas,  
Que me fizeste viver!  
No mundo (p'ra mim deserto)  
Soletrava só morrer!  
Como o gemido da rôla  
Era triste o meu gemer!

Era triste — oh! era triste  
O viver da solidão!  
Esse viver que no peito  
Comprimia o coração!  
Quando d'amor a ventura  
Era sómente illusão!

Hoje, sim, que me pertence  
Tua vida, teu amor;  
Que respondem á minh'alma  
Extremos de Trovador;  
Que no sentir a saudade  
Tem um eccó a minha dôr.

Vizella 26 de Novembro:

*Anna A. de Sá.*

## Ode.

Voava altivo genio em torno a Jove  
E das brilhantes azas sacudia  
Consoladora, próvida esperança  
A nitida alegria.

Em leve giro corre o orbe inteiro,  
Mares, imperios, reinos, e desertos  
De nações mil de povos diferentes  
Observa cuidadoso os desconcertos.

Vê dos Jóões com barbara piedade  
Humanos sacrificios  
De apparente virtude o véo sagrado  
Cobrir infames vicios.

Nesta cegueira mesma alucinados  
Suas leis, seus costumes *respeitando*,  
A's nações que presumem de *mais cultas*  
Vão de fidelidade exemplos dando.

Vê de antigos Imperios as ruinas,  
Carthago não existe,  
E da rival, que tantos tempos fôra,  
Mal vê um resto triste.

Os monumentos d'ambição da gloria  
Em que a vaidade triumphar quizera  
Em pedaços por terra, ou escondidos,  
Por entre os braços da musgosa era.

Os Caligulas, Neros, Agripinas,  
Os despotas tyrannos  
Imperio na memoria só conservam  
Por males, e por damnos.

Vê da guerra incendiado o ardente raio  
Regar o sangue os campos devastados,  
Servirem a ambição, a vil cubiça,  
Braços a melhor uso destinados.

Na Africa ardente, na gelada Frigia,  
Em todas as nações  
Triumphar da innocencia o torpe engano  
Reinarem as paixões.

A lisonja, a mentira cavilosas  
Com a santa verdade confundidas,  
Espalhando talvez mortal veneno  
Nas phrases mais pomposas e escolhidas.

Sobre a Galia suspende o vôo altivo,  
Reconhece o terreno  
Das côrtes, das sciencias berço antigo,  
Rico, fertil, e amêno.

O Senna, as praças, templos sumptuosos,  
Que foram ás virtudes consagrados,  
De roubos, de despojos de mil povos  
Por um fausto insultante agora ornados.

Os antigos costumes esquecidos,  
Honra, delicadeza,  
Trocados o heroismo, a gloria, o brio  
Por sordida avareza.

Nomes que respeitaram as idades  
De homens fieis, e de um saber profundo,  
Dormiriam no mudo esquecimento,  
Se a fama os não levasse a todo o mundo.

Pálidos rostos, vozes suffocadas  
O temor, o receio,  
Deixando os que inda tem uma alma pura  
Em tormentoso enleio.

Novos costumes, novas leis observa  
Que os antigos abusos não melhoram,  
Os bens nestas mudanças promettidos  
Na massa dos possiveis ainda moram.

Vê o crime, a ambição enthronizados  
Insultar a innocencia,  
Acompanhados do fatal cortejo  
Da indomita violencia.

Vê o monstro que as furias alimentam  
Com o manto real de sangue tinto,  
Que de novas traições victimas novas,  
Inda conserva o coração faminto.

O despota cruel que os sceptros quebra,  
Que o prazer desconhece,  
Que do sol mesmo os raios luminosos  
Calcára se podesse.

Então o genio ao vê-lo horrorisado,  
O vôo erguendo sem demora gira,  
Sobre elle solta em turbilhões de fogo,  
Raiva, vingança, a maldição, a ira.

Chega de Jove ao throno magestoso  
De cólera incendido,  
Das mãos lhe arranca o raio furibundo  
E vôa enfurecido.

Feliz agouro o genio te anuncia.  
Oh Lysia! oh! patria minha, ouve e descança,  
O genio vem trazer-te o raio ardente,  
Tu serás o instrumento da vingança.

*Viscondessa de Balsemão*

D. CATHARINA.

---

**O Poeta.**

Oh! quando o mundo ao poeta  
Inveja o nobre cantar,  
Não sabe, que a dôr sem méta  
Se lhe vem sempre ajuntar.  
Não sabe — que se o soubera,  
Lamentára — não quizera  
Possuir tão fatal dom;  
— Dom que traz sempre amargura,  
Como a onda que murmura,  
Traz um rouco, e triste som.

Soffre e canta!... é o destino  
Que ao poeta Deus traçou!  
Soffre e canta!... o dom divino  
Só por tal preço o comprou!..  
— Rouxinol da humanidade,

E' quasi a dôr e saudade,  
 Que só lhe inspiram canções!...  
 Com seu genio anima' a terra;  
 Mas em si tem sempre a guerra  
 Dos desejos, das paixões!

Em quanto o resto do mundo  
 Descuidado folga e ri,  
 Um dia todo jucundo  
 Jámais p'ra elle surri!  
 Jámais!.. que essa alma é immensa...  
 — A ventura a mais extensa  
 Vai n'um instante exaurir:  
 — Vasta chamma furiosa,  
 Mal lhe toca, queima a rosa,  
 Que ao pé della veio abrir!...

Depois co' genio sagrado  
 Quer inda a cinza animar;  
 — Promotheo mais arrojado,  
 Quer o nada aviventar!  
 Mas em vão... Onda que passa,  
 Já não ha poder, que a fuça  
 Tornar de traz a volver...  
 Só resta ao triste com ella  
 Misturar seu pranto, e vê-la  
 Com este junta correr!...

Sua vida é uma lucta,  
 Que á ventura lhe é fatal:  
 Sempre em seus cantos s'escuta  
 Vão aneio do ideal.  
 Alma do ceu exilada,  
 Pinta sempre a patria amada,  
 Quer fazer do mundo um ceu;  
 Mas da patria que perdêra,  
 Bruto o homem s'esquecêra,  
 — *Lindos sons* só percebeu!...

Amor — é para elle a vida  
 Toda, — toda consagrar;  
 Não ter cousa mais querida,  
 Não qu'rer mais que bem amar.  
 — E' cifrar nelle a ventura,

De mãe, de irmão a ternura  
 Alli toda resumir:  
 — E' fundir n'uma unidade  
 Dois entes, que nem a idade,  
 Nem a morte hão-de scindir.

A patria, a honra, e a virtude  
 Quem mais que o poeta as presou?  
 Vêde o canto altivo e rude  
 De Camões como o provou!  
 — Era o poeta inspirado,  
 Dando em stylo de soldado  
 Aos reis, aos povos lições:  
 — Era quem antes quebrára,  
 Que do *bello* deslisára,  
 Que torcer suas acções.

Mas que vale que o poeta  
 Busque a humana perfeição?  
 Que vale — inutil propheta,  
 Fulminar a corrupção?  
 O mundo não o compr'ende!...  
 Ouve... passa... e mais estende  
 Baixeza do seu viver!...  
 — Viva estatua não manchada,  
 Entre ruinas alçada,  
 Fica o poeta!... ainda a crêr!...

Amor — patria — e Divindade  
 Inda lhe anima a canção:  
 Por ellas — p'la humanidade  
 E' morrer — sua ambição.  
 — Agora sacro poeta,  
 Toma o canto de propheta  
 Para os vicios fulminar;  
 — Logo audaz guerreiro e vate,  
 Traz a espada p'r'o combate,  
 E a lyra para o cantar.

Vai sentar-se solitario  
 Sobre a campa das nações,  
 Como outr'ora viram Mario  
 De Carthago as solidões.  
 Com mão tremula na lyra

Alli um canto suspira,  
Em que a dôr se casa á fé:  
— Dante em toda a terra escrava,  
D'um livre o protesto crava  
Contra os tyrannos que vê.

Em vão a voz já caçada  
Recusa o canto entoar,  
A mão quasi congelada  
Mal póde as cordas vibrar:  
Sua alma não se desmente;  
Sempre joven, sempre ardente  
Não conhece o perecer:  
— E' sol posto no horisonte,  
Mostra mais rubida fronte,  
Quando está p'ra s'esconder.

Inda soffre!... ainda canta!...  
Tal foi o destino seu!...  
Mas mais alto a voz levanta,  
De mais perto vendo o ceu.  
Seu constante pensamento  
Inda no ultimo alento  
E' por Deus, patria, e amor!...  
Deixa a vida.... a canção pára,  
E mais bella, mais preclara  
Vai seguir junto ao Senhor....  
.....

Porto 6 de Agosto — 1851.

*Delphin Maria d'Oliveira Moya.*

**Ao meu presado amigo Augusto  
Pereira Soromenho.**

Amigo, se pódes, escuta meu canto,  
Involto é de mágoas, qual meu coração;  
Só tu has-de ouvir-o... tu, sim, que avalias  
O que é aos vint'annos amar sempre em vão!

O que é nesta idade á mulher que adoramos  
Ouvir « não te creio » sorrir-se e fugir;  
Sorrir-se e c'os olhos, c'os gestos, com tudo  
Deixar um futuro fagueiro entrevir!

Ah! diz-me: ha na vida tormento que eguale  
A sempre na duvida os dias contar?!  
Julgarmos que esse anjo dos sonhos dourados  
Topamos e vêmol-o em furia tornar?!

Volverem-se os dias, os mezes, os annos,  
E sempre o futuro sombrio a apparecer;  
Buscar no passado amena lembrança  
E vêr que só magoas nos póde offerecer!

Oh! não; sobre a terra não ha... não existe,  
Tormento, que eguale tam triste viver;  
E' lenta agonia, que o gêlo da campa  
Só julgo poderia findar-lhe o soffrer!...

Amigo, a desdita herdeira no berço....  
Cresceu, arreigou-se no meu coração;  
Roubou-me p'ra sempre do peito a ventura...  
P'ra sempre!... e com ella sua dóce illusão!...

Povoa de Varzim, 27 d'Outubro de 1851.

*A. Luis de Vilhena.*

**O mar.**

O espirito de Deus era levado por  
cima das aguas. GENESIS.

I.

Ruge, ó mar!

Eu vim sentar-me  
Nestas rochas, junto a ti;  
Quero ouvir teus sons altivos —  
Sons da terra aborreci.  
Lá ou se ouvem dos tiranos,

Que folgam, risos profanos,  
Ou de escravos o chorar.  
Tu só dizes liberdade,  
Dóce nome que sempre ha-de  
Em minha alma um éco achar.

Tu és livre, qual sabiste  
Da idéa do Creador,  
Quando o cáhos se tornou mundo  
E brotou da terra a flôr.  
Tambem, livre a terra era,  
Quando ainda a Primavera  
Só para Deos a enflorou;  
Mas depois homens vieram,  
Delles tiranos nasceram —  
A terra se escravizou.

Só tu simbolo ficaste  
Da liberdade — de Deos,  
Que te concedeu no globo  
Retrattar a côr dos Ceos.  
E de balde a humanidade  
Tem buscado a liberdade,  
Que é na terra um sonho vão.  
Livre só tu és, Oceano!  
Pois não pôde haver tirano  
Que te imponha o jugo, não!

E' por isso que te eu amo,  
E por instinto te amei,  
Quando infante horas inteiras  
A contemplar-te passei.  
Como tu, eu só me humilho,  
Inda que da terra filho,  
Ao teu Deos — meu Deos tambem.  
Eu desprezo vis escravos  
Como tu zombas dos bravos  
Que para domar-te vem.

Mar, oh! mar, quando te eu vejo  
Descuidoso ás praias ir,  
Porém, como envergonhado,  
Da terra logo fugir;  
Mar, então eu tenho pejo  
Da minha patria — desejo  
Ter nascido filho teu;

Ser teu filho, e, ou furioso  
Ou risonho e bouançoso,  
Sempre ter a côr do Ceu . . .

## II.

Mar! eu gósto de ti — ou manso e manso  
Tuas ondas se elevem vagarosas,  
Como as louras espigas que no campo  
Varrera o norte no correr ligeiro,  
E vem depois erguer brisas contrarias;  
Ou no teu seio as rancorosas vagas  
Formem surgindo serras sobre serras  
Como as que o viandante descortina,  
Ao longe, no horisonte recortado.  
Mar! eu gósto de ti — ou vás amigo  
Cercar as rochas de leitosa espuma,  
Ou arrufado já, e descontente  
Tu queiras submergir esses penedos,  
E intentes castigar-lhes a ousadia  
De se erguerem a cima do teu nivel.  
Sempre és sublime, ó mar, sempre me é grato  
O teu risonho ou carrancudo aspetto!  
Eloquente pregão de um Sér Eterno,  
Dizes sua bondade em teu socêgo,  
Dizes sua justiça em teus furores!

## III

Oh! como é magestoso um sol de Estío,  
Dourando o ceu e prateando o Oceano!  
O Oceano — cuja face flutuante  
Então semelha as transparentes roupas  
De adormecida virgem com que brinca  
A caprichosa viração da tarde.  
Esses raios, ó mar, que o sol te envia  
Nesses dias tam outros dos de agora,  
Vem-te os mandados transmittir do Eterno?  
Vem-te dizer que durmas no teu leito,  
Ou que ameaces temeroso os homens?  
Ou virão só brincar com tuas ondas?  
Ou serão mensageiros de algum anjo  
Que vem trazer suspiros e saudades  
A espiritos que habitam no teu seio? . .

O' mar! Quando tu brilhas assim plácido  
Com os raios do sol que se retratta

Na tua sempre-movel superficie,  
 Quando tu mostras essa côr brilhante  
 Entre o verde da terra, e azul dos Ceos,  
 A vista do poeta ora se espraia  
 Pela tua extensão indefinida,  
 Ora no ceu se fita e duvidoso  
 Não sabe qual será de Deos—dos anjos  
 A magnífica estancia!

## IV.

E depois, quando é noute, que a lua  
 Lhe dá jorros de mystica luz,  
 Como é bello assim visto o Oceano!  
 Como a onda em seu seio reluz!

Quem ao vêr os reflexos infindos,  
 Que se agitam na face do mar,  
 Não crê vêr infinitas estrellas  
 De nos astros inveja excitar?

Quantas vezes, ó mar, eu desejo  
 Ser então esse raio da lua;  
 Ser o sópro das auras, ser tudo  
 Que em teu cimo brincando fluttua:

Porém, quando se turham os ares,  
 Que os teus brados repete o trovão,  
 Como os écos do monte repetem  
 Finaes notas de triste canção,

Quando ao ceu tu elevas altivo  
 Essas vagas, que infundem terror,  
 Quando a brisa se esconde entre as flores,  
 E entre as nuvens da lua o fulgôr,

A minh'alma, anellando o infinito,  
 Só deseja a procella então ser,  
 E co'as vagas, co'as nuvens, c'os raios  
 Confundir-se em sublime prazer!

\*

Quantas vezes tam mágica scena  
 O poeta a sorrir contemplou!  
 E no ceu atravez de mil nuvens  
 Meiga estrella de amor lhe fallou!

Mas o atheu quantas vezes tremendo  
 Tem ouvido os rugidos do mar!  
 Quantas vezes seu brado terrível  
 Dentro d'alma sentiu ecoar!

Porque o mar diz «martirio» aos descrentes—  
 Diz «cruel desespero!» aos atheus—  
 Diz aos tristes que soffrem «'sperança!»  
 Diz a todos emfim «Ha um Deos!»

Novembro 1851.

J. S. da Silva-Ferraz.

**Mulher!....**

..... Curicuse et volage  
 Elle va parcourant tous les objets flatteurs,  
 Sans se fixer jamais.....  
 (André Chénier.)

Alidé, tu és formosa  
 Como a palmeira alterosa  
 Que no deserto nasceu!..  
 Se, em vez d'arabe errante,  
 Cingira o verde turbante,  
 Mar e terra fôra meu;  
 Te dera por cada beijo,  
 Que te faz tremer de pejo,  
 Mais saphiras, do que vejo  
 D'estrellas fulgir no ceu.

Eu cobrira teus cabellos  
 Co'os diamantes mais bellos  
 Que o Emir tem no yataghan;  
 Mil escravas de teu somno  
 Velariam o abandono,  
 Das Pérís oh mais louçã;  
 Poderias sem receio,  
 Sem do pejo o casto enleio  
 Descobrir teu lindo seio  
 No teu banho da manhã,

Qu'em tua linda morada,  
 De dia e noute cercada

Por meus valentes saphis,  
 O olhar da turba ignara  
 De certo não profanara  
 O teu leito de rubis;  
 Tua rede de brocado,  
 Nem teu jardim encantado,  
 Nem teu banho perfumado  
 D'aloés e de ambar gris.

Mas nem escravas submissas,  
 Nem custosas alcatifas,  
 Nem joias tenho que dar!..  
 Mas qu'importa...! A fronte tua  
 Não vem um raio da lua  
 De divo fulgôr cercar...?  
 Em vez de coxim bordado,  
 Tens meu collo por estrado,  
 Por escravo, a mim prostrado,  
 Sempre attento a um teu olhar.

Já o astro do dia a fronte rúbida  
 Entre nuvens de ouro, lyrios, purpura,  
 Vagaroso mergulhar na orla extrema  
 Da tumida campina;  
 E a brisa suspirando brandamente  
 Por entre a ramagem verde-negra  
 Da fragancia das flores embalsamada  
 Imitava o carpir, o triste canto  
 Da rôla gemedora.

A sombra, quasi extincta, d'um sycom'ro,  
 E do amor entregue aos doces gôsos  
 Da vida no alvor 'inda, um mancebo  
 De rara formosura, embora a fronte,  
 Dos filhos do deserto, que n'outr'ora  
 Talaram vencedor's o solio fertil  
 Da Hespanha guerreira, a côr tingisse,  
 Taes fallas em transporte proferira  
 Reclinado meiga e docemente  
 Aos pés d'uma donzella, tão formosa,  
 Que ao vê-la, dô Islam o crente fido  
 Julgára, d'Alsirat a ponte estreita  
 Transposta, n'ella vêr houri celeste.

E de fogo os desejos  
 D'amor em mil beijos,  
 Em beijos ferventes  
 Nos labios ardentes  
 A chamma apagava:  
 Ao collo enlaçada,  
 O rosto de fada  
 Aos labios unia,  
 E um beijo que havia  
 Com mil lhe pagava.

.....

Mas não ouves longinquo soido?...  
 Lá ao longe se tange o anafil....  
 E' forçoso deixar-te, anjo qu'rido,  
 Que faltar ao guerreiro appellido  
 Não sei eu... desertar... fôra vil.

Ai, serpentes, aqui nas areias  
 O leão vós quizestes tentar.  
 Oh! bem vindos: faltavam-lhe preias,  
 Tinha sêde, co'o sangue das veias  
 Vinde, vinde o leão saciar.

São os meus: é a tribu mais forte  
 Que batalha co'o frangue infiel...  
 A tal brado faltar? Antes morte!  
 Vais tingir, meu alfange, o teu córte  
 No vil sangue do rume cruel.

Ai, soberbos filhos do poente,  
 Inimigos da fé, de Koran,  
 Quero ver s'esse ferro valente  
 Não se quebra, qual brinco innocente,  
 Sob o pezo do meu yataghan.

Alidé, vou deixar-te, mas jura  
 Não trahires té á morte Ibrahim;  
 Qu'ao infido neguem sepultura  
 Para o corpo, vá-lhe a alma impura  
 Habitar sob o negro seggin.

E ella lhe jurou desfeita em pranto  
 Ser sem fim seu amor, sua constancia,  
 E, cobrindo-o de beijos, parecia  
 Que, partindo, o amante lhe levava  
 A alma, a vida, coração e tudo...  
 Oh que pranto d'extrema desventura  
 Não verteu do amante ao separar-se!

E depois, quando já do solo ardente  
 O ginete devorando o longo espaço  
 Na encosta da colina se sumira,  
 Co'os olhos fitos, do guerreiro querido  
 O turbante alvejando lá ao longe,  
 Extatica, seguiu por longo tempo...  
 Depois — ei-la anciosa sobre as ruínas  
 D'antigo monumento, que Carthago  
 Orgulhosa alteára nessas plagas,  
 Foi postar-se p'ra dar-lhe adeos extremo.  
 .....  
 Entre nuvens de pó, no oriente  
 Sumira-se o mancebo.

Do deserto a filha o triste pranto  
 Dos formosos olhos enxugára,  
 Como se crime fôra, de saudosa,  
 Lagrimas derramar pelo amante,  
 E volveu cuidadosa a vista em torno....  
 De repente não sei que pensamento  
 A' mente lhe assomou.... Das lindas flores  
 Matiz da relva de pequeno vâsis,  
 Colheu algumas e das mais formosas:  
 E os bellos, gentis, negros cabellos,  
 Qu'inda ha pouco o amante lhe beijára  
 De goso ébrio, desprendendo ao vento,  
 Alguns fios cortou, com que n'um ramo  
 Mensageiras flor's prendeu com arte,  
 Que sobre o capitel de rota columna  
 Entre o acantho occultar foi cuidadosa.  
 .....

São momentos após.

Sob o sycomoro  
 Embebidos d'amor em doce enleio

Dous vultos s'enlaçavam amorosos,  
 Qual duas serpentes enraivadas  
 S'estreitam entre si em luta extrema.

.....  
 Alidé sua jura assim cumpria!?  
 E lá no firmamento, deslizando,  
 Em denso véo de nuvens argentinas  
 De pejo occultava a casta fronte  
 Phingari formosa.

Agosto 25 — 1850.

(Yezid).

---

### Disfructe.

O *Aristarchus* do *Chronista*  
 E' maluco e mal-creado,  
 Segundo me tem mostrado  
 Escriptos que tenho á vista;  
 Fallando, n'uma revista,  
 D'aquillo que mais ignora,  
 Não respondêra eu agora,  
 Se não soubesse o rifão:  
 Se ouvires ladrar um cão,  
 Diz-lhe logo: — *passa fóra*.

O entregador da *Miscellanea*.

---

A Rilhafolles chegou  
 Prêso, um doudo furioso;  
 O porteiro, escrupuloso,  
 Quem elle era, perguntou:  
 Apenas um guarda ousou  
*Aristarchus* nomear,  
 Diz o porteiro a gritar:  
 O' Antonio! traz um cabo,  
 Amarra-me este diabo,  
 Que ha muito cá tem lugar.

*Idem.*



## Um canto.

*A sentidíssima e muito chorada morte de minha  
Prima D. Maria da Gloria Pygnatelli  
de Vasconcellos.*

**U**NDA! inda outra vez eu vou pulsar-te,  
Pobre lyra, que ha tanto abandonei:  
Inda quero outra vez ouvir teu som,  
Depois... oh! nunca mais te vibrarei!

Tu que nunca prazeres descantaste,  
Mas só deixaste ouvir hymnos de dôr;  
Costumada ao pesar, oh! dá-me agora,  
Um canto repassado de amargôr!

Choremos, minha lyra malfadada,  
O anjo protector que nos fugiu!  
Mas ai! tristes de nós, se em vão buscamos  
O astro salvador que se sumiu!

\* \*

Anjo do ceu, que na terra  
Sómente instantes viveste!  
E todo o fel que ella encerra  
Por negra taça bebeste;  
Inda ha pouco eras do mundo;  
Agora em somno profundo,  
Para sempre adormeceste!

Foste um astro de bonança  
Que Deus á terra enviou!  
Tua luz era de esp'rança,  
Mas teu fogo se apagou!  
Déste-nos paz e ventura,  
Mas a fria sepultura  
Os teus mimos nos roubou!

Casta pomba de innocencia,  
Que a nós quizeste descer!  
Foi santa a tua existencia,  
Foi de martyr teu morrer!  
Porém a mágoa, a saudade,  
Eterna por toda a idade,  
Em nosso peito hão-de ser!

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

Não póde a tua memoria  
Ser pelo tempo riscada!  
Tu serás, oh grande GLORIA,  
Eternamente chorada!..  
Hás-de ser! porque a dôr d'alma  
Nesta vida não se acalma,  
Só na campa é terminada!

E só lá póde findar  
A dôr de quem te perdeu!  
Já nos não póde animar  
A esp'rança que feneceu!  
Porque a dita que nos davas,  
Quando a vida desfructavas,  
Comtigo á campa desceu!

Eu te rogo, alma pura,  
Que neste mundo habitaste,  
Pela taça d'amargura,  
Que com valor esgotaste...  
Prostrada ante o Senhor,  
Lhe rogues com fé e ardor  
Por quem na terra deixaste!

\* \*

Já basta, minha lyra desditosa!  
Suspende, sim, suspende o canto triste!  
Que vale o pranteir, se ella morreu!  
Se esse anjo do Senhor já não existe!..

Só valem para o ceo rezas e prantos,  
Por alma d'ella, que não cobre a lousa!  
Mas dos tristes da terra, a voz não póde  
Despertar um cadaver que repousa!

Adeus, lyra infeliz, eu te abandono,  
Que sinto de pavôr gelada a mão!  
Tudo, tudo acabou! só resta a mágoa,  
Que eterna ficará no coração!!!

Cabo, 12 de Dezembro de 1851.

*D. Maria Candida P. V.*

DEZEMBRO 25. — 1851.

NUM. 13.

## A ROSA.

*Poesia offerecida ao Ill.<sup>mo</sup> Snr. Francisco  
Ildefonso Gromicho Couceiro.*

Decantar da rosa as côres,  
Não posso com os primores  
Do nosso grande Camões;  
Pois nem tenho estro gigante,  
Qual Tasso, Byron, ou Dante,  
Para tecer-lhe canções...

Não tenho, que se o tivera,  
Muito agora me prouvera  
Cantar a flor, que mirei:  
Louvára, como os cantores,  
Na rosa, inveja das flores,  
Os emblemas, que encontrei.

Cantaria a côr mimosa  
Da tão linda e bella rosa,  
Que ha poucos momentos vi;  
E cantando-a, já cumprido  
Havia o grato pedido,  
Que de cumprir prometti.

Oh! que prazer, que alegria,  
Bem ditoso fruiria,  
Podendo cantar a flôr!...  
E ainda júbilo tinha,  
Se, embora em canção mesquinha,  
Podesse louvar-lhe a côr.

Se pudesse; oh! que ventura  
Adogava esta amargura,  
Que sinto no coração!..  
E talvez ninguem 'stranhasse  
O mesquinho, que eu cantasse,  
E o singelo da canção.

Que assim era, se eu soubesse  
E algumas trovas pudesse,  
Embora pobres, tecer;

Da gentil e bella rosa,  
Galharda flôr tão donosa,  
Havia de hoje dizer. —

« A rosa é imagem linda  
De pura belleza infinda,  
E de sensível frescor;  
Ornato das jovens bellas,  
Rico adorno das donzellas,  
Emblema de grande amor.

« E' rainha seductora  
Do vasto imperio de Flora,  
Onde está constante a rir;  
E' flôr de gala e de festa,  
Que as virgens, como as de Vesta,  
Lhes deve a fronte cingir.

« Ella, com graça divina,  
Traja veste purpurina,  
Mostrando-se tão louçam  
Junto ás florinhas do prado,  
Como as do jardim esmaltado,  
Com as gôtas da manham.

« E' flôr, que tem poesia,  
Cândida, terna magia,  
E puro, affavel amor.  
Que o doce aroma d'incenso  
Tem perfume mais intenso,  
Mais fragrancia, mais odor.

« E' oh! sim, a rubra rosa  
Das flôres a mais formosa,  
Sobretudo essa que eu vi;  
Não sei, que mysterio tinha,  
Nem tambem d'onde ella vinha,  
Mas ao vê-la amor senti!..»

Ai! que tudo isto dissera,  
E ainda mais se podéra,  
Mas não posso, que não sei...  
Faltam-me livros, estudo;  
Tão pobre, falta-me tudo,  
Não posso, nem poderei...

Cantar da rosa a lindeza,  
 Não posso com a belleza  
 Do nosso grande cantor;  
 Nem mesmo encanto mesquinho,  
 N'um canto bem pobresinho,  
 Eu posso cantar a flor!...

Serpa — 1851.

A. J. Pereira da Silva.

Os meus amores.

Amo o altivo cedro annoio,  
 Que se eleva magestoso,  
 — Rei dos bosques — té aos ceos;  
 Amo-lhe a folha virente,  
 Quando canta docemente  
 O Santo Nome de Deos:

Amo a lua tão saudosa,  
 Retratando a face airosa  
 Nas brancas aguas do mar;  
 Amo a estrella scintillante  
 Quando a vejo radiante  
 No ceo — tão linda — a brilhar:

Amo o rouxinol mavioso,  
 Descantando, desditoso,  
 Entre as folhas do vergel;  
 Amo a violeta do prado,  
 Brando lyrio desmaiado,  
 Verde folha do laurel:

Mais que o cedro magestoso,  
 Mais que o astro luminoso,  
 Mais que a folha do laurel,  
 Mais que a terna philomella....  
 Amo a tua face bella,  
 Oh innocente — ISABEL —!

10 de Dezembro de 1851.

M. S.

Porque?

Mulher, porque havias olhar-mé e sorrir-me,  
 As cordas dest'alma com força vibrar?  
 Da beira ao abysmo porque conduzir-me  
 E lá para o fundo, cruel, apontar?  
 Mostrar-me o abysmo terrível, medonho,  
 Quando eu acordava de tão bello sonho!!

Mulher, porque havias dizer — sou amante —  
 E, triste, embalar-me nos sonhos d'amor?  
 Mulher, porque havias, ligeira, inconstante,  
 Da flor matizada murchar o verdor?!  
 Que luz me brilhava nas trevas da vida...  
 Mas tu a apagaste, mulher fementida!

Agora que resta!.. na vida que faço  
 Sem crenças, sem alma, cadaver... aqui?!  
 Bem perto da campa... valor... mais um passo  
 N'um somno profundo p'ra sempre cahí!  
 Allí nem torturas, nem gosos... o nada!  
 Apressa o momento, vem morte adorada.

Mulher qu'eu julgára tão meiga e tão bella!  
 Mulher qu'eu sonhára um Anjo dos ceos!  
 Mulher... e sonhei-te.. meu Deos! maga 'strella!..  
 Assim sonha o nauta por sobre 'scarceos.  
 Tambem o soldado lá dorme e descança,  
 Confia nas armas e vive d'esp'rança.

Vive sim... mas vem um dia  
 Rija lança o derribou:  
 Audaz o nauta confia  
 Nos mares que já sulcou.  
 Mas vem um dia a tormenta  
 Sobre o navio rebenta,  
 Fazendo tudo abalar.  
 E se o nauta perde a 'sp'rança,  
 Alfim na luta se cança,  
 Não póde o barco salvar!

Tambem eu erro no mundo,  
 Perdido, triste... que sei!  
 Vejo um abysmo profundo

Para onde caminhei.  
 Mas não me aterra a voragem  
 Com frieza, com coragem  
 No abysmo hei-de cahir.  
 Deixo a vida... que tem ella?  
 Para mim será tão bella  
 Que não a deva fugir?!

E' uma barca boiando  
 Por sobre as vagas do mar.  
 Ora bella... deslizando...  
 Em furia logo a saltar.  
 Ora linda, empavonada,  
 Pelas brizas afagada,  
 Respirando só amor...  
 Ora tremendo de susto,  
 Rompendo as vagas a custo  
 Que a açoitam com furor!

E' baixel que fende os mares,  
 Ufano, cheio de si.  
 Um ponto negro nos ares...  
 Ei-lo então tremendo ahi.  
 Navegando tão altivo,  
 A deslizar fugitivo...  
 Sopra rijo furacão.  
 Ei-lo sem mastros, sem norte,  
 Dos ventos entregue á sorte...  
 As ufancias lá vão!

Uma rajada... que a vaga  
 Cheia de furia a bramir:  
 Ai! todo o baixel alaga,  
 Que d'ella não ha fugir.  
 Ella vem... monte gigante  
 Passa, arrasta, n'um instante...  
 Tudo qu'encontra levou!  
 Para o mar não ha vaidade,  
 Qual a morte, a Eternidade  
 Que o fim da vida marcou.

Corre a vida... doce engano!  
 Corre sem se aperceber,  
 Mas um dia o desengano

A' porta nos vem bater.  
 O prazer em dôr se muda  
 Pelos póros nos transuda  
 Um bem acerbo amargor.  
 E' porque a vida está gasta,  
 E' que enlutada se arrasta  
 N'um contínuo dissabor.

Corre a vida... quanto é bella,  
 Que poesia não tem!  
 Vê-se a amante nessa 'strella  
 Que fulgurando lá vem.  
 E' tão bella, retratada  
 Na superficie espelhada  
 Do lago-que alli se vê!..  
 Sentimos a voz d'amante  
 N'aquelle bosque distante...  
 Sentimos... nem sei o quê!

A vida assim se alimenta  
 Destas doces illusões!  
 Estala um dia a tormenta,  
 Sopram rijos furacões.  
 Então a esp'rança é perdida,  
 Nada nos resta na vida  
 Senão tudo 'scarnecer.  
 Da justiça e da bondade,  
 Dos crimes, da eternidade,  
 Até mesmo do morrer.

Quando tu, mulher, trahiste  
 Um amor qual era o meu!..  
 Quando tu, mulher, mentiste  
 A ti mesmo, ao mundo, ao ceu!..  
 Quando tu — que me parecias  
 Anjo do ceu que sorrias —  
 Demonio te vens fazer...  
 No mundo fico isolado,  
 Desta vida já cançado,  
 Quero sorrir e morrer!!

Lisboa — em Julho de 1851.

*Affonso de Castro.*

## O Inverno.

## I.

Salve ainda uma vez, ó natureza!  
 E's bella mesmo assim triste e sombria.  
 Amo a severidade que hoje ostentas,  
 Gósto do teu aspetto carregado.  
 Já não tapisa os campos verde relva,  
 Mostrando aqui e alli virentes flôres;  
 Já não se escuta o murmurar carpido,  
 Que tem no curso o límpido regato.  
 Em vez do bafejar de estivas auras,  
 Escutam-se as rajadas do nordeste,  
 Que ao cedro abaixa a sobranceira fronte.  
 Em vez do som do rio voluttuoso  
 Ouve-se ao longe a tumultuaria queda  
 Da torrente que alaga o pé dos montes...  
 Salve ainda uma vez, ó natureza!  
 Deixa-me contemplar as tuas scenas!  
 Quero-me estasiar ante o subliue  
 Dos teus bellos, embora rudes, quadros!

## II.

Despidos troncos, desnudados ramos  
 Só vejo em tórno a mim. Sua folhagem  
 De que servira agora? O fero norte  
 Na passagem não quer achar estórvo.  
 Era lindo de ver-se a branca lua  
 Pelas noutes de Maio voluttuarias  
 A espreitar entre as folhas dessas árvores  
 Que os pardos e hirtos ramos hoje ostentam;  
 Mas nestas noutes que creou o Eterno  
 Para ao mundo fallar, não deve o raio  
 Entre a folhagem ostentar-se ao homem,  
 Mas em nua amplidão, traçando rápido  
 O nome do СЕННОР em igneas letras.

## III.

Oh! como vai soberbo agora o Douro  
 Com suas turvas aguas apressadas.  
 Não se demora já com as florinhas  
 Que em suas margens vicejavam d'antes,  
 Já não banha o sopé dessas montanhas,  
 Que se desconjuntaram ha mil annos,

Dando passagem ao soberbo rio,  
 Que ao mar Occidental as aguas leva.  
 Ei-lo agora elevado, ameaçando  
 Inundar valles, arrazar campinas.  
 E os choupos e os chorões que n'outra quadra  
 Se debruçavam na corrente limpida,  
 Tem hoje o pé no rio mergulhado  
 Co' a rama a fluttuar á mercê da agua.  
 E no alto da collina surge ás vezes  
 O colono ao romper da madrugada  
 A vér se as aguas perpassando rápidas  
 Arrebataram já os duros troncos,  
 Onde no Outono a vide se enroscava.

## IV.

Poeta! ante essas scenas magestosas  
 Não se te expande o coração? tua harpa,  
 Cujas trémulas cordas já vibraram  
 Tépidas auras de fagueiro sópro,  
 Tua harpa cujos sons a Deos sagraste,  
 Ha-de muda ficar? não ha-de um hino  
 Ao Eterno offertar, como a florinha  
 Ao sol offerta seu fragrante incenso?

## V.

## HINO.

Louvores ao Senhor, que faz no Estio  
 Lourejar a seara na planura!  
 Por Elle é que no rio  
 O sol então fulgura.  
 E' Elle quem lhe agora a face véla  
 Com nuvens de sombria e escura massa,  
 Que, não fúlgida estrella,  
 Mas o raio trespassa.  
 Não desesperes, homem, escutando  
 O rugir do tufão que na passagem  
 Vae do álemo soltando  
 O resto da folhagem.  
 Foi Elle quem mandou o fero norte  
 Deixar assim a creação despida;  
 Elle — o que dá a morte...  
 Elle — o que dá a vida.

Dezembro de 1851.

J. S. da Silva-Ferraz.

**Amo-te.**

Amo-te mais do que a rosa  
 Ama a terra onde nasceu;  
 Do que a perola ama a concha,  
 Em que no mar se escondeu:  
 Um amor, assim como este,  
 'Inda ninguem concebeu.

Amo-te mais do que a rôla  
 Ama o seu querido par;  
 Do que as ovelhas os montes,  
 Onde vão livres pastar:  
 Um amor, assim como este,  
 Nem eu o sei decifrar.

Amo-te mais do que a abelha  
 Ama o seu mel dos rosas;  
 Do que o rousinol no estio  
 Ama os verdes salgueiras:  
 Um amor, assim como este,  
 Tem da loucura os signaes.

Amo-te mais do que os peixes  
 Amam as aguas do mar;  
 Do que o leão ama as selvas,  
 Onde se viu a reinar:  
 Um amor, assim como este,  
 E' um amor singular.

Amo-te mais do que o nauta  
 Ama a sua embarcação,  
 Mais do que a donzella Turca  
 Os preceitos do Alcorão:  
 Um amor, assim como este,  
 Toca a sua perfeição.

'Inda mais do que o exilado  
 Ama o seu paterno lar;  
 Do que o pastor a cabana,  
 Que primeiro o viu brincar:  
 Um amor, assim como este,  
 Meu nome ha de eternisar.

'Inda mais do que o florista  
 Ama o seu lindo vergel;  
 Do que o cão ama seu dono,  
 De quem é guarda fiel:  
 Um amor, assim como este,  
 Tem mais doçuras que o mel.

'Inda mais do que a andorinha  
 Ama o seu paiz natal;  
 Do que um portuguez as glorias,  
 Do que já foi Portugal:  
 Um amor, assim como este,  
 Não tem no mundo rival.

'Inda mais do que o pagão  
 Ama o sol, que vê nascer,  
 Do que o prêso a liberdade,  
 Que p'ra sempre viu morrer:  
 Um amor, assim como este,  
 Nem tu podes compr'hender.

Amo-te mais do que o cego  
 Ama a luz, que viu fugir;  
 Do que a mãe ama do filho.  
 O seu primeiro sorrir:  
 Um amor, assim como este,  
 Ninguem sabe definir.

Este amor tão meigo e forte,  
 Qu'inda ninguem te off'receu,  
 E' um amor original —  
 Tão original, que é só meu;  
 Um amor, assim como este,  
 Pertence-te... é todo teu.

Braga — 1851.

*José Borges Pacheco Pereira.*

**o Desamor.**

(VERSÃO DO HESPAÑHOL.)

Tristes lembranças  
 Dos meus amores,  
 Por quantas dores  
 Fazeis passar!

Mais me valêra  
 Não ter nascido,  
 Que haver soffrido  
 Tanto pesar!

Eu já não canto,  
 Como sóhia,  
 Por algum dia  
 Gôstos d'amor!

Pranteio apenas  
 Tristes indeixas,  
 Pelas suspeitas  
 D'um desamor!

Da minha amada  
 Todas as glorias  
 Só em memorias  
 Existem já!

O que antes era  
 Contentamento,  
 Cruel tormento  
 Tornado está!

Quanto me custa  
 Tal aventura!  
 — Sorte tam dura  
 Não póde haver!

Amor tyranno!  
 Fatal inleio!  
 — D'onde me veio  
 Tanto soffrer!

Quando medito  
 No meu estado,  
 Por confiado  
 Vejo meu mal!

A haver previsto  
 Lances que peno,  
 Meu desimpeno  
 Fôra cabal!

Ao que ha logrado  
 Deitar-me fôra,  
 Pedia outr'ora  
 Desbaratar!

Hoje a victoria  
 Não cantaria;  
 — Nem se riria  
 Do meu chorar!

Este é o pago  
 D'uma formosa,  
 Cheia qual rosa  
 D'espinhos mil!

Mas quem lhe lê  
 Na indole ingrata,  
 A desbarata  
 Firme e subtil!

; De que te serve  
 Tal formosura,  
 A ser perjura  
 C'o amator?

Mais vale um'alma  
 Firme e constante,  
 Que um ar brilhante,  
 Graça e primor!

; Não ha, meu bem,  
 Teu pensamento,  
 Teu juramento  
 Vir a valer?

Votos, promessas,  
 Rixa, desprêso,  
 Queixas sem pêso  
 Devem ceder!

; Já não te acordas,  
 Perfida amante,  
 Quanto constante  
 Sempre vivi!

Um desingano  
 O pago ha sido,  
 Que só mer'cido  
 Tenho de ti!

E pois não 'spero  
 Por hora asinha,  
 Que eu diga — minha —  
 Belleza tal:

Triste e choroso

Por ti, perjura,  
Tal desventura  
Choro fatal!...

Adeus, amores,  
Adeus, mulheres;  
— Adeus, prazeres,  
Gostos, adeus!

Nem tenho esp'ranças  
N'este comenos,  
Allivios — menos —  
Senão em Deus!...

Porém que digo?...  
— Abandonar-te?...  
— A ti deixar-te?...  
Não póde ser!

Tires-me embora  
Toda a esp'rança,  
A confiança  
Não hei perder!

Não, minha qu'rida,  
A quem te adora  
Desdouro fôra  
Ser-te traidor!

Morrer contigo  
Constante juro,  
Bem que perjuro  
E' teu amor!

Minha constancia,  
D'um'alma amante,  
Bronze e diamante  
Deve exceder!  
Volvas-me embora  
Teu rosto fero,  
Um dia espero  
Me hajas de qu'rer!...

Braga, Novembro de 1851.

*J. J. da S. Pereira-Caldas.*

**Disfructe.**

Quem será 'um *critiqueiro*  
Que hoje *Aristarchus* se diz?  
Será, talvez, de Mouriz,  
Porco, e gordo carneiro?  
E' de crêr, pelo que escreve;  
Porém se a provar se atreve,  
Morar na Cidade Eterna,  
Então já eu descortino,  
Que, ou é sucio do Pepino,  
Ou patusco de taverna.

*O Entregador da MISCELLANEA.*

Se d' *Aristarchus* alguém  
Diz, não ter pés nem cabeça,  
E' mister que hoje conheça  
Que nisso não pensou bem;  
Cabeça sei que a não tem,  
Nem quando nasceu a trouxe;  
Mas quanto a pés, enganou-se  
Quem lh'os negou — que é mentira —  
E desta ninguém me tira:  
*Quem não tem pé não dá couce.*

*Idem.*

**Aos Snrs. Assignantes.**

Com o presente numero findam as assignaturas feitas por um anno; e por isso roga-se aos Snrs. Assignantes que quizerem continuar, tenham a bondade de o mandar participar com tempo, para não soffrerem interrupção na remessa do jornal.

Para completar a 2.<sup>a</sup> collecção da *Miscellanea* faltam 13 numeros (seis mezes), cuja assignatura é de 480 reis.

Os Snrs. Assignantes que ainda estão em debito, terão a bondade de mandar satisfazer o importe de suas assignaturas, no Porto, escriptorio da Redacção, rua dos Caldeireiros n.º 12 e 13.



## Não descreias.

A MINHA IRMÃ D. MARIA DA GRAÇA P. V.

**A**NJO! soffres!... mas qual é  
A causa do teu soffrer?!  
Morta a esperança, morta a fé,  
Resta-te agora morrer?!  
Resta-te a dôr, a saudade!  
A mais penosa anciedade!  
O mais intimo gemer?!  
Perdeste a dita, a ventura;  
Só na paz da sepultura  
Confiança pôdes ter?...

Oh! se eu podêsse abrandar  
Do fado cruel rigor!..  
Se eu podêsse mitigar  
Tua mágoa, e tua dôr!...  
Dôce esperança que me alenta,  
Que me anima e me sustenta,  
Perderia com valor!...  
P'ra te dar felicidade,  
Minha vida e liberdade  
Te offertára com ardor!...

Mas eu não posso levar-te  
O prazer ao coração!  
Ai de mim! só posso dar-te  
Mesquinha consolação!...  
Que vale a minha ternura?  
Minha estima santa e pura?  
Minha tão cega afeição?!  
Se peza sobre a tua alma,  
Do soffrer a negra palma,  
Do destino a férrea mão?

Avalio o teu soffrer,  
Porque assim tambem soffri!  
Mas breve a sorte has-de vêr  
Sorrir alegre p'ra ti!...  
Fallo por triste experiencia,

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

Porque já uma existencia  
D'amarguras só vivi!..  
Do amor e d'amizade,  
Da compaixão, da piedade,  
Como tu tambem descri!...

Mas em breve a sorte dura  
De ralar-me se cançou!  
Dôce raio de ventura,  
Em meu peito despontou!  
Bastou uma hora... um momento!..  
E meu negro soffrimento  
Em prazeres se tornou!..  
Soffri... penei... mas agora...  
Sou feliz!... males d'outr'ora!...  
Meu coração olvidou!...

Terna irmã, ah! não suspires!  
Não tens porque suspirar!  
Não descreias... não delires,  
Deves com fé esperar!  
Deves crêr que o negro fado  
De perseguir-te cançado,  
Ha-de bem cêdo mudar!  
Deves ter resignação,  
Porque a dôr do coração  
Nem sempre pôde durar!...

Bem sabes que Deos é justo,  
Teu mal não pôde esquecer!  
Deixa o temor, deixa o susto,  
Qu'elle te ha-de valer!...  
Se até agora de amargura,  
De pesares e tristura  
Só tem sido o teu viver;  
Confia, anjo, confia,  
Que feliz, dítosa um dia,  
Invejada pôdes ser!

26 de..... 51.

D. Maria Cândida P. V.

**Despedida.**

Berceau de mon heureuse enfance,  
Adieu! te quitter c'est mourir!

BERANGER.

Adeus, êrmo tão triste e saudoso,  
Onde a vida vi lêda passar;  
Onde a idade de amor e ventura  
Vi, ditosa p'ra mim, despontar!

Adeus, tempos de paz e de gôsto;  
Magos sonhos d'um dôce existir;  
Bella idade, em que vi entre esp'ranças  
A ventura apontar-me o por-vir!

Adeus, lindas manhãs, que em folguêdos  
D'innocencia passava a folgar,  
Sem que nem o mais leve desgosto  
A minh'alma viesse turbar!

Adeus, tardes d'estio formosas,  
Que eu gostava de o céu contemplar,  
E um futuro de esp'ranças e gosos  
Me aprazia na mente formar!

Adeus, noites de outono saudosas,  
Em que alegre sorria ao luar;  
Adeus, brisa que vinhas fagueira  
Alta noite meu rosto agoitar!

Adeus, tempos de crenças na vida;  
Doces dias de amor... de paixão;  
Adeus, sonhos de esp'ranças mimosas;  
Adeus, pura, divina illusão!

Êrmo amigo, onde fui tam ditosa,  
Onde vi a ventura sorrir,  
Adeus! — longe de ti, com saudade  
Vou meus males e penas carpir!

Tu me ouviste primeiro na vida  
Entoar o meu hymno de amor;  
Logo após... ser trahida... e entre prantos  
Os meus dias passar, e entre a dôr!

Adeus, berço da infancia, recebe  
De saudade e de amor prantos meus;  
Sou forçada a deixar-te! — p'ra sempre  
Lindas, verdes campinas, — adeus!!

29 de Setembro de 1851.

*Maria Augusta C. V.*

Ganhe um momento o que perderam annos.  
BOCAZ.

Meu Deos! Vêde ante vós o ingrato filho,  
Que mal deixou do berço a innocencia,  
Ludibrio das paixões cede á demencia,  
A' cegueira fatal d'um falso brilho.

Abandonado a si, lá piza um trilho  
De crimes que lhe accusa a consciencia...  
Fui eu, Senhor, um réo d'impia existencia!  
Sou eu, Senhor, um réo que a vós me humilho!

Calai-vos, crimes! Este asylo é Santo!...  
Mais alta voz aqui tem esta Cruz,  
Onde ao sangue de Christo eu junto o pranto.

Bem dita sejas tu, divina Luz!  
Que nas trevas dest'alma ergueste um canto,  
De crenças e de fé ao meu Jesus!

14 de Novembro de 1851.

*Camillo Castello-Branco.*

..... Misero!... eu pensava  
Em mim quasi immortal a essencia humana!..  
BOCAZ.

Perdido nessa turba desditosa,  
Que esquecida de Deos vaga perdida,  
Neste mundo pensei ser resumida  
Dest'alma a existencia tormentosa!

Julguei que era na campã tenebrosa  
O fim da criação!... Pensei que a vida,  
Das desgraças da terra espavorida,  
Achava no sepulchro a paz ditosa!...

Tive um dia na vida, em que a amargura  
Me fez as mãos erguer contrito aos Ceus,  
Pedindo-lhe um perdão da vida impura!

Que allivios no chorar foram os meus!  
Nas lagrimas senti tanta doçura!...  
Bradou-me o coração: — Tu és de Deus!

22 de Novembro de 1851.

*Camillo Castello-Branco.*

**A saudade da Patria.**

HYMNO,

*Offerecido a Madama Drusilla.*

— Do meu Arno favorito  
Vim correr por longes terras,  
Minha Italia, e minhas serras  
Constrangida a abandonar.

*Pomba, corça, aguia dos Alpes  
Que lhe importa a ella o mundo,  
Se a seus pés vê iracundo  
Té o raio fulminar!*

— Bracharenses! vossos prados,  
Vossos céos tem poesia;  
Mas dos meus dôce magia  
Não m'a fazem olvidar.

*Pomba, corça, aguia dos Alpes  
Que lhe importa a ella o mundo,  
Se a seus pés vê iracundo  
Té o raio fulminar!*

— Amo aqui vêr a espessura  
Destes virgens arvoredos;  
Mas além n'esses penedos  
Vejo as neves alvejar.

*Pomba, corça, aguia dos Alpes  
Que lhe importa a ella o mundo,  
Se a seus pés vê iracundo  
Té o raio fulminar!*

— Amo aqui sobre as montanhas  
Vêr fulgir um sol de rosa;  
Mas a lua é mais formosa  
Sobre a neve a fulgurar.

*Pomba, corça, aguia dos Alpes  
Que lhe importa a ella o mundo,  
Se a seus pés vê iracundo  
Té o raio fulminar!*

— Amo um sol, que me recorda  
D'outro sol do meu Danubio;  
Mas as chammas do Vesuvio  
A que as hei-de eu comparar?

*Pomba, corça, aguia dos Alpes  
Que lhe importa a ella o mundo,  
Se a seus pés vê iracundo  
Té o raio fulminar!*

— Amo o quê?... amo a saudade,  
Que m'inspiram estes montes;  
O meu céu, meus horisontes  
Quem m'os déra ir demandar!

*Pomba, corça, aguia dos Alpes  
Que lhe importa a ella o mundo,  
Se a seus pés vê iracundo  
Té o raio fulminar!*

Braga, 6 de Dezembro de 1851.

*D. João d'Azevedo.*

**Na dôr o amor!**

AO MEU QUERIDO AMIGO A. LUIZ DE VILHENA.

I.

Amigo, a dôr que traça surdamente  
Os fios da existencia, sobre a face  
Retratar-se não vem; germina occulta

Nutrindo-se de lagrimas! ..... Medonho  
O abysmo que cavára dentro d'alma  
Ninguem ousa sondá-lo; o soffrimento  
Coberto pelo véo de atro mysterio  
Quem póde comprehendê-lo?

Eu, que na vida  
Chorei perdida esp'rança entre amarguras  
Sem allivio encontrar; que senti n'alma  
O cancro roedor de uma saudade  
Minando-me a existencia!

E's tu sómente  
Quem podes comprehender-me. Os tristes versos  
Irão de envolta em lagrimas mostrar-te  
O quanto póde o amor na dôr gerado!  
.....  
.....

## II.

Já viste uma rosa calcada entre as campas,  
Sem viço, sem galas, já murcha e sem côr?  
—Sou eu!—de desgostos calcada, esta vida  
Succumbe entre angustias no abysmo da dôr!..

Minh'alma despida de esp'ranças e sonhos  
Se exhala em gemidos de intenso penar;  
—Eu vago no mundo qual pállido espectro  
Sem ter um sepulchro que o possa abrigar!..

Sósinho na terra, sem norte, sem guia,  
Espero da morte esp'rançoso fanal....  
Se peço ternura, respondem zombando  
Com risos de escarneo, sorrindo a meu mal!..

Na aurora da vida, que outr'ora doirára  
D'amor doce sonho, já sinto a morrer  
A fé neste mundo, mas sinto-a vehemente  
No asylo da campa que me ha-de acolher!

No peito d'um anjo, que em sonhos formára,  
Que agora, desperto, no mundo encontrei,  
Podéra aos tormentos achar um repouso,  
Gosando venturas que nunca sonhei!

Podéra c'um riso matar-me os tormentos;  
D'amor c'um suspiro meus males findar....  
—Loucura!—Já viste que possa a *ventura*  
Chorar se á *desdita* tormentos causar?!

Eu amo; bem sinto ferver-me cá dentro  
A lava amorosa de ardente vulcão  
— D'outr'ora olvidando cruentos pesares  
Só busco venturas ao meu coração!

Talvez... quem o sabe? de balde as procuro...  
— Bem póde nas trevas um raio fulgir!...  
Eu creio sómente que a paz dos sepulchros  
Ser-me-ha doce allivio... depois do existir!..

## III.

Agora nada espero!—as minhas crenças,  
Venturas, illusões, sonhos, prazeres,  
Succumbiram! Perdi já toda a esp'rança!..  
Nada tenho no mundo.... A sepultura  
Será meu doce asylo; o esquecimento  
O amor que mereço ao mundo e aos homens!..  
.....  
.....

..... Na meiga aurora  
Da vida, em que o amor sorri nos sonhos,  
Custa muito morrer sem ter gosado  
Uma hora de prazer!... Basta de prantos...  
Amigo, tu bem sabes quanto custa  
Uma esp'rança adorar.... vél-a perdida...  
Chorar.... soffrer.... da dôr no desamparo!..  
Meu canto has-de entender, sem que um sorriso  
Te assome nos labios de desprêso e escarneo.  
Irmãos na desventura, Deus formou-nos  
Para allivio ao soffrer acharmos juntos.  
Lê estes versos, que transcrevo d'alma,  
Se á tua elles fallarem... tanto basta....  
Desejo ao coração fallar sómente  
Mágoas contando que este peito sente!

27 de Outubro de 1851.

A. P. Soromenho.

**Canção do Barqueiro.**

Surge a luz. Vem o sol já nascendo,  
 E estas aguas do Douro illumina.  
 Sopra o vento, e brincando co'a véla,  
 Quer-me a barca levar á bolina.  
 Minha barca, que á noute dormiste  
 Destas aguas no seio fagueiro,  
 Corta as ondas, que tens de vêr hoje  
 Linda terra do pobre barqueiro.

Ai que sonho tam bom eu não tive  
 Esta noute passada no Douro!  
 Abracei terna mãe, cara esposa,  
 Nos meus sonhos de próspero agouro.  
 E hoje se ha-de cumprir esse sonho,  
 Que minha alma diz ser verdadeiro;  
 Diz-me o peito, a bater, que hoje findam  
 As saudades do pobre barqueiro.

Como é boa esta vida no rio!  
 Que prazer vêr o sol despontar!  
 Vêr douradas agora estas aguas,  
 Prateadas de noute ao luar!  
 Reis da terra que crêdes ventura  
 O esplendor do poder lisongeiro,  
 São mais bellos, mais livres que os vossos  
 Os prazêres do pobre barqueiro.

Vós, guerreiros, que em lides inglorias  
 Tanto sangue verteis fraternal,  
 Quantas vezes um justo remorso  
 Vem turbar vosso gôzo infernal!  
 Eu, tambem como vós, tenho lides,  
 Da procella o furor venço arteiro  
 E um bom somno — eis o gôzo que segue  
 A vittoria do pobre barqueiro.

Minha barca, que herdei de paes ternos,  
 Que me fazes da infancia lembrar,  
 Onde a vida tam grata me ha sido,  
 Vou deixar-te... mas hei-de voltar...  
 Vôa, vôa nas azas do vento,  
 Quero vêr trás de mim este outeiro,  
 Que me occulta a cabana, onde moram  
 Os amores do pobre barqueiro.

Ali moram os entes queridos  
 Que me fazem deixar-te, ó meu Douro,  
 Ali vive ãa mãe carinhosa —  
 Lá existe de amor um tesouro.  
 ... Lá acodem ao som da busina  
 Mais do que eu, mais que a barca ligeiro,  
 Ai est'hora de gôzo compensa  
 Os trabalhos do pobre barqueiro.

Eis os únicos entes do mundo  
 Que inda a terra me fazem amar,  
 Mortos elles, não têmeas ó Douro  
 Que o teu filho te torne a deixar.  
 Tu que o seio na vida me abriste,  
 Ouvirás o meu ai derradeiro;  
 E serão tuas aguas serenas  
 O sepulchro do pobre barqueiro.

Rio Douro — Outubro de 1851.

*J. S. da Silva-Ferraz.*

**A infancia do poeta.**

Ditosos sonhos, que fugiram rapidos,  
 Risonha quadra do viver d'outr'ora,  
 Esp'ranças bellas, tão amênas, fúlgidas,  
 A mim tristezas só me daes agora.

Festivos cantos desprendeou a lyra:  
 Seus sons co'a brisa vespertina iam  
 Formar murmúrios, innocentes hymnos,  
 Soar co'as ondas, e depois morriam.

A' meiga sombra do sombrio teixo,  
 Por lindas tardes, eu tambem vibrei  
 Meus ternos cantos da mesquinha lyra,  
 Meus ais sentidos, porque então amei.

Amava cego o vão prazer do mundo;  
 Amava louco o virginal sorrir;  
 Amava as fallas maviosas d'Anjo,  
 E tudo eu via para mim fulgir.

Que paz e júbilos nest'alma tive!  
 Febril a mente, e o coração ardendo  
 D'amor em chammas, que em meu peito havia,  
 Illuso eu fui em falsos brilhos crendo.

\*

Mas onde essas venturas que eu sonhára  
 Em sonhos que pensei jámais mentiam?  
 Aonde a linda quadra? Os ternos cantos  
 Que as cordas do alaúde desprendiam?

Aonde esses folguedos, os delirios  
 Da ardente infancia, da existencia bella?  
 Aonde esses anhellos, os segredos  
 Que o coração do infante não revela?

Não resta desse tempo no meu peito  
 Senão triste saudade, e mágoa e dôr;  
 Senão duros martyrios, que annuiviam  
 Minh'alma, hoje sósinha, orphã d'amor.

\*

Ditosos sonhos, que fugiram rapidos,  
 Risonha quadra do viver d'outr'ora,  
 Esp'ranças bellas, tão amênas, fúlgidas  
 A mim tristezas só me daes agora!

*Solus.*

**Quem me dera batalhar!**

OFFERECIDA AO MEU AMIGO V. G. C. M.

Quem me dera ser contigo,  
 Quem me dera ora a teu lado;  
 Mas esta vida que sigo,  
 Esta vida de soldado . . .  
 Não me deixa a escolher  
 Onde devo combater,  
 Pelejando até morrer  
 N'um combate encarniçado!

Eu amo os p'rigos da guerra,  
 Amo os rufos do tambor,  
 Gósto vêr raspar a terra  
 Pelo corcel sem senhor;  
 Gósto mesmo d'escutar  
 O canhão alli troar,  
 Da batalha o vozear  
 E da bala o 'stridor.

Amo muito a dura peleja,  
 Amo o rude batalhar:  
 Amo sim tudo o que seja  
 — Grande p'riço p'ra arrostar; —  
 Porque emfim . . . lá 'stá a gloria! . . .  
 Quanto é bello vêr na historia  
 Sobre o throno da memoria,  
 Um nome grande a reinar!

Possa mil tropheos colher,  
 Possa ter sorte invejada:  
 Possa, sim, tudo vencer  
 Minha boa, firme espada.  
 Que todas estas victorias,  
 Que todas estas glorias  
 — P'ra o guerreiro meritorias —  
 São p'ra dar á minha amada.

Mas que vale o meu desejo,  
 Se aqui não ha batalhar! . . .  
 Um ataque em vão almejo,  
 Mas que importa o suspirar;  
 Já não espero de vêr  
 Uma batalha romper,  
 Nem das balas o chover,  
 Nem corceis a relinchar!

Tu terás a terna amante,  
 Que suspire ora por ti:  
 E's feliz, que neste instante  
 Se dão batalhas ahi:  
 Que podes louros colher,  
 Que podes tudo vencer,  
 E finda a guerra dizer  
 — Tudo por Ella venci. —

Eu te vejo mesmo agora  
 O nome d'Ella invocar.  
 A metralha mate embora,  
 Para ti não ha parar:  
 Que tudo levas diante  
 Com o teu grito d'—ávanté—  
 Qu'é o nome d'essa amante,  
 Que te faz tudo arrostar.

Que te faz ser tão temivel  
 No meio dessa peleja,  
 Que te faz ser invencivel,  
 Causando a todos inveja.  
 Que te faz dizer— aqui  
 Cheguei eu, e não tremi:  
 Jovens guerreiros a mi,  
 Qu'a victoria nos lampeja.—

Mas eu triste sem poder  
 Ao pé de ti batalhar!  
 Ao pé de ti combater  
 Té os louros alcançar!..  
 Para depois... triumphante  
 Ir aos pés de minh'amante  
 Com ternura delirante  
 Esses loiros lá poisar!

Oh! qu'é triste a minha sorte,  
 A minha sorte fatal,  
 Antes eu quizera a morte  
 N'uma batalha campal,  
 Do que 'star aqui parado  
 Tendo vida de soldado!  
 Que do amigo apartado  
 E da amante tão leal!..

Maio — 1847.

### Incredula (!)

Tu duvidas que a nuvem librada  
 Nas formosas campinas dos ceos  
 Seja o incenso, que a terra prostrada,  
 Manda em rolos fragrantés a Deos!

Tu duvidas que o sol t'allumia,  
 Que fecunda o rocio alga flor;  
 Tu duvidas das trevas, do dia,  
 Da grandeza do Deos creador?

Não crês tu que do mar nas campinas  
 As areias ninguem vai contar?...  
 Que as estrellas, que vês pequeninas,  
 São mil mundos suspensos no ar?

Tu duvidas— não creio— da vida,  
 Tu duvidas do ephemero prazer?  
 Tu duvidas da esp'rança mentida  
 Que nos faz supportar o viver?

Pois duvida do sol— vendo o dia;  
 Vendo o mundo— de Deos creador;  
 Sim, duvida de tudo, Maria,  
 Crê porém no meu férvido amor.

*Ycaid.*

### Soneto

*A instituição da Sociedade de Soccorros dos Typographos Portuenses, no dia 1.º de Janeiro de 1852.*

E' honra o trabalhar. Se a Deos rogamos  
 O saboroso pão de cada dia,  
 O espirito, que ao Ceo a prece envia,  
 Supplica-lhe o vigor, que precisamos.

A saude, grato bem, que hoje gozamos,  
 Manhã nos faltará, e a fome impía  
 Virá junto do leito da agonia  
 Lembrar-nos o vigor, que dissipamos.

Liguemo'-nos irmãos todos n'um só,  
 A mutua caridade uma em nós seja,  
 E façamos da vida um 'streito nó.

Na terra, entre nós, expire a inveja,  
 E quando formos terra, cinza, e pó,  
 A nossa associação no Ceo se veja.

## Amor.

(IMITAÇÃO.)

Dos zéphiros brandos não amo os bafejos  
Que meigos, risonhos nos fallam d'amor;  
Mas amo dos ventos o sôpro tão rijo,  
Que secca, devasta nos prados a flor!

Do céo eu não amo as estrellas brilhantes;  
Não amo o regato, mansinho a correr;  
Mas amo do raio o estrondo medonho,  
Toldado de nuvens o ceo a chover!

Não amo da terra agradaveis folgedos;  
A paz eu não amo, que p'rigos não tem;  
Mas amo da guerra os combates sanhudos,  
E a vida dos mares eu amo tambem!

Eu amo o que póde agitar a minh'alma,  
E tudo que a vida me póde extinguir,  
Qu'Elisa trocou por malditos desprezos  
Seus magos sorrisos, — meu doce fruir!..

Serpa, 10 de Março de 1851.

\* \* \*

## Charadas.

1.<sup>a</sup>

Se a syllaba primeira em *co* mudares,  
Mal poderás na mesa dispensar-me: }  
Se a mudares em *mu*, terás um ente, }  
Que a vida ora nos doura, ora envenena. } 2

Da terra ao centro já conduzo o homem, }  
Destruição levo já á cidadella. } 2

Oh! fonte perennal d'ethereo gozo,  
Celeste emanção da Divindade,  
E' o meu paraíso onde te vejo,  
Onde tu não estás, é la o inferno.

2.<sup>a</sup>

Aos deuses n'outr'ora servia d'assento,  
Que as rezes continha que o povo immolava: }  
— As victimas todas, no ambito della, }  
O povo n'outr'ora com fogo queimava. } 2

No rosto espelhado mil vezes se mostra  
Das almas sensiveis á triste desgraça: }  
— Nas vestes mil vezes « mil vezes » atesta }  
Penares profundos que o fato mal traça. } 1

Usou-me com gôsto na Roma pagã  
Romano que o povo p'ra chefe buscou:  
— Comigo os trabalhos de novo repete,  
Apenas o mando tal chefe deixou.

## Disfructe.

Dizes tu, *Aristarchus*, que o talento  
Por natureza ás damas foi negado?  
Pretendes, meu maluco enfatuado,  
Que te julguem mulher?.. baldado intento!..

Que da poesia o dom, de que és isento,  
A artistas e caixeiros foi vedado?  
Que o genio pelo estudo é só creado?  
Infeliz charlatão, eu te lamento!

Se fosses alfaiate, ou çapateiro,  
Seriam d'outro modo alinhavadas  
Essas obras que espalhas por dinheiro:

As letras são por ti aos pés calcadas;  
Commerciante não és; menos caixeiro,  
Só burro pódes ser... pelas patadas.

*O Entregador da MISCELLANEA.*

## HARMONIAS DA NATUREZA.

## POESIAS

DE

J. S. DA SILVA FERRAZ.

Assigna-se por 200 reis no Porto,  
na loja de F. G. da Fonseca, rua  
dos Caldeireiros n.<sup>os</sup> 12 e 13.



## Ao Immaculado Coração de Maria.

## INVOCÇÃO.

**S**ENHORA! o vosso altar já foi sacrario  
De riquezas do Céu, que ó Céu vos dava  
Em prol de Portugal.

Em cada portuguez tiveste um filho,  
De todos ereis Mãe, refugio a todos,  
Nas angustias do mal.

Em vosso Coração immaculado  
As lagrimas da dôr tinham asylo,  
Oh Rainha dos Céus!  
As lagrimas, com vosso patrocínio,  
Erguiam-se da terra, qual perfume  
Ao throno do meu Deus!

Em trances d'afflicção, nos grandes riscos,  
No afôgo das pelejas duvidosas,  
Vosso nome se ouvia:  
As armas orgulhosas, destemidas,  
Afrouxavam nas mãos dos inimigos,  
Ao nome de MARIA!

Lá nas iras do mar, quando o sepulchro  
Ao convulso baixel a tempestade  
Nos recifes abria,  
Azulavam-se os céus, fugia a nuvem,  
Voava a viração, vinha a bonança,  
Ao nome de MARIA!

Quando em leito de pallida doença  
Febril enfermo, abandonado e triste,  
Sem esp'ranças jazia,  
De novo o coração lhe palpitava,  
Erguia-se robusto, as mãos erguendo  
Ao nome de MARIA!

Donzella, que a chorar passára noites  
De saudades por quem tamanho affecto  
Lhe não agradecia,  
Lá vinha a ser feliz com quem amára,  
Pois déra o seu futuro em segurança  
Ao nome de MARIA!

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

E a carinhosa mãe, que o filho amado  
De seus amigos braços para a guerra  
Chorando, despedia,  
Joelhava-se, depois, ante o oratorio,  
E a vida de seu filho confiava  
Ao nome de MARIA!

E seu filho, mais tarde, em vivas ancias,  
A' porta do seu lar, com mão tremente,  
Receoso, batia....

Nos braços maternas contava, ufano,  
Triumphos, que tivera sobre a morte,  
Ao nome de MARIA!

.bi.

O nome de MARIA hoje invocamos,  
Nós, filhos desses homens d'outras eras,  
Que morreram na fé.

SENHORA! protegei nossos trabalhos!  
Sem protecção do Céu o esforço humano  
Baldado esforço é!

No coração dos vossos portuguezes  
Despertai o temor, tão vivo um dia,  
No porvir immortal.

Do vosso resplendor a luz das crenças,  
Descei sobre este solo, escuro e pobre,  
Salvareis Portugal!

*(Do Christianismo).*

C. C. B.

Ao meu amigo o III.<sup>mo</sup> Snr. Camillo  
Castello-Branco.

A'vante, mancebo! prosegue na estrada  
Que ao longe te aponta tão fulgida luz!  
Despreza a vereda, d'espinhos calçada,  
Que á perda infallível incautos conduz!

Já como o baixel, que sem leme, perdido,  
Se vai nos rochedos d'encontro partir,  
No mundo enganoso vagaste, esquecido  
Que ao longe te esp'rava medonho porvir.

JANHEIRO 22. — 1852.

NUM. 16.

Seguiste essa turba, que insana caminha  
Da sorte nefanda sujeita aos baldões;  
Como ella, curando da vida mesquinha,  
Tambem foste escravo de negras paixões.

E's homem... erraste... faltou-te a coragem,  
Ao vicio deixaste teu genio curvar;  
Illuso escutaste a fallaz linguagem,  
Que loucos, perversos costumam fallar...

Erraste?... que importa, se em tão verdes annos  
A impulsos cedeste, tão nobres — tão teus?  
Que importa?... se breve do mundo aos enganos  
Fugiste, bradando: sou vosso, meu Deus!

E Deus acceitou esses votos ardentes  
No fundo nascidos do teu coração;  
Chamou-te ao seu seio, mostrando aos descrentes,  
Que os genios sublimes do mundo não são.

A gloria te espera! Vaes prestes mostrar-te  
Interprete aos povos da voz do Senhor!  
Não temas que a inveja se atreva a arrancar-te  
A c'róa fulgente d'eximio orador!

A'vante, mancebo! prosegue na estrada  
Que ao longe te aponta tão fulgida luz!  
Despreza a vereda, d'espinhos calçada,  
Que arrasta os incautos p'ra longe da Cruz!

Porto 10 de Janeiro de 1852.

*Faustino Xavier de Novaes.*

o adeus.

Adeus, Julia, eu vou deixar-te!  
A saudade tributar-te  
Que me rala o coração!  
Vou de ti longe viver!  
Talvez... quem sabe... morrer,  
Do mundo na solidão!

Vão alli meus tristes dias  
Entre montanhas sombrias  
Amortalhar-se na dor!  
Vão meus ais, vão meus suspiros,  
Da solidão nos retiros  
Repetir-me = Julia amor!

Vão alli d'alma soltar-se  
Em torrentes pela face  
Prantos d'acerba amargura!  
Vão alli mil pensamentos  
Redobrar os meus tormentos,  
Torturar minha loucura!!

Vão alli da noite os sonhos,  
Pallidos 'spectros, medonhos  
Desprêsos representar-me!!  
Vão alli d'acre sorriso,  
O inferno, e o paraizo....  
Fantasmas mil recordar-me!

Vão alli de ti comigo  
Baixar ao triste jazigo  
Segredos d'agra saudade....  
Vão na campa amortecidos,  
Inda assim, entre gemidos  
Viver lá na eternidade!

Vão alli repercutir-se,  
Tristes endeixas ouvir-se  
De quantas dôres se dão!  
Vai alli a voz sentida  
D'amante por si perdida...  
Só bradar = perdão, perdão!

Adeus, Julia, eu vou deixar-te!  
A saudade tributar-te,  
Que me rala o coração!  
Vou de ti longe viver!  
Talvez... quem sabe... morrer,  
Do mundo na solidão!!

Braga 10 de Janeiro de 1852.

O'.....

## Só ella.

Não ha anjo, como esse anjo, tam fermoso,  
 Não tem astro, como esse astro, tanta luz;  
 Não ha ente, como esse ente em que amoroso  
 Minha esp'rança, meus affectos todos puz.

Eu sonhei-a nos meus sonhos de poeta,  
 Casta virgem, terna amante, como ella é:  
 Já em sonhos me incendia esta alma inquieta,  
 Que por ella, só por ella, n'um Deos crê.

Seu sorriso n'alma infiltra mais poesia,  
 Do que o raio derradeiro, que o sol tem:  
 Mas é que este só nos diz que morre o dia,  
 E elle mostra-me a ventura vir alem.

Nem a lua melancolica, occultando  
 Entre as nuvens seu tam tímido fulgor,  
 Tem o brilho, que em seus olhos brilha, quando  
 Receosa me promette eterno amor.

Receosa de que? virgem! que receias?  
 Tu não sabes quanto amor existe em mim?  
 Tu não sabes que eu anceo, como anceias,  
 Affeições celestias, amor sem fim?

A harmonia, que a distancia dulcifica,  
 Da suave philomela a descantar  
 Não é, não, de enlévos mágicos tam rica  
 Como a doce voz que teus, que faz seismar.

Nem as flores do vergel aromatisam  
 Leves auras com perfumes, quaes tu tens;  
 Como os raios da manhã o dia avisam,  
 O teu hálito me dis, que perto vens.

Não pudéra conceber a musa antiga  
 Meiga Deosa, que tivesse o teu andar....  
 Talvez mesmo, anjo celeste, Deos bemdiga,  
 Quem fôr crente ás tuas plantas ajoelhar.

Julho de 1851.

*J. S. da Silva-Ferraz.*

## A Solidão.

## I.

Tu és, oh Solidão, refugio ameno,  
 Sacrario onde o poeta as mágoas suas,  
 Seus ais, seus pensamentos livre guarda!  
 E's tu que lhe despertas sua mente,  
 Que vai sondar então ricos mysterios,  
 Mysterios sacrosantos, povoados  
 Por Deos, a cujo throno chegam, voam  
 Do triste as orações. Aqui, ao sôpro  
 Das auras, que ciciam frescas, puras,  
 Por entre as ramas do funéreo teixo,  
 Aos módulos gorgeios da avesinha,  
 E aos sons que o mar lá mais ao longe ruge,  
 Feliz se torna o desditoso vate,  
 Que chora e canta, no vibrar da lyra,  
 Mentidas illusões, venturas, sonhos,  
 As crenças que tivera, e que mentiram,  
 Qual mente esta existencia, a vida, o mundo.

## II.

Oh meiga Solidão! como serênos  
 São os momentos que em teu seio passo!  
 Ai como est'alma sente refrigerio,  
 Consolação e paz, quando, sósinha,  
 Se immerge extasiada em pensamentos  
 Tão puros, como é pura a linda estrella  
 Que em prateado ceo trémula brilha!  
 Assim, dos homens longe, a vista volvo  
 Ao venturoso tempo em que sorriam  
 Esp'ranças para mim, tornadas hoje  
 Em pó, que o vento ao perpassar dissipa.

Febri! eu sinto a mente: incerta vága,  
 — Extática ao cantar da natureza —  
 Por quanto me rodeia! E' magestoso,  
 Divino o susurrar das melodias  
 Da harpa immensa, que infinita sôa!

Querida imagem da tristeza, salve!

Quem mais do que o poeta, ente fadado,  
Sentir acaso pôde esses mysterios? —  
E' grande ess'alma, onde perenne habita  
D'amor essencia pura; aonde corre  
Feril-a o prantear, gemer amargo  
De coração em trevas....

Meigos carmes,  
Que solta entre os delirios cá da terra,  
Onde ha tumultuar de infames turbas,  
Revelam seu sentir, dizem que espinho  
Lhe punge o coração, êrmo de amores....

## III.

Ao ir sumir-se nas cerúleas ondas,  
A' tarde, o astro luminoso, bello,  
Eu vou aos pés da cruz, alli sósinha,  
Erguer fervente prece; vou regal-a  
De lagrimas sentidas; vou dos labios  
Baixinho murmurar perdão de crimes,  
Se é crime este viver d'intimas dôres....  
Que aspecto melancolico, saudoso,  
Não apresenta agora a meiga lua,  
Mandando á terra, solitaria e triste,  
Seus frouxos raios, seu fulgor serêno!  
Suspiram do arvoredado as verdes folhas  
Com mais longinquos sons; susurra altivo,  
Dos ventos agitado, o mar iroso,  
E em toda a parte a voz do Eterno eccôa.

## IV.

Solidão! Solidão! quero meus prantos  
Verter no seio teu; pulsar na lyra  
Trépidos cantos de louvor, sentidos,  
A' negra cruz deste saudoso êrmo;  
Depois deixar-te, oh luctuosa lyra,  
Sósinha e muda, pendurada em tronco  
D'arvor' nodosa, baloiçando ao vento  
Até que as cordas outra vez te vibre.  
Viver contigo eu quero: ouvir apraz-me,  
Oh Solidão, o harpejar dos hymnos  
De amor, que aos ceos tu dia e noite elevas.  
Querida imagem da tristeza, salve!

Solus.

## A Honra.

Ambicionae a honra, e não as bonras.  
R. DE BASTOS.

Que palavra escutei, que resôa  
Tam suave, tam meiga, tam pura,  
Como o som d'uma harpa celeste,  
Que nos ares cadente murmura!

D'onde vem esta voz! ah! encanta,  
Mas que diz, que revela ao ouvido!  
Ella encerra mysterio profundo,  
Ou vazia será de sentido?

Honra! Honra! onde estás, e que exprimes!  
Quero vêr-te, desejo te ouvir,  
Mas apenas a furto te mostras,  
E mal deixas teus sons distinguir.

Serás tu por acaso um fantasma,  
Que com candidas vestes avultas,  
E esse nome tam doce apregoando,  
Quasi sempre entre sombras te occultas?

Não, não és, já te vejo e comprehendo,  
E's formosa e feliz realidade;  
Tu és pura, qual branca açucena,  
Tu exprimes justiça e lealdade.

Quando ostentas teu brilho radioso,  
Mil e mil vão de rojo adorar-te,  
E esses mesmos que cultos te negam,  
Seus respeitos não ousam negar-te.

Bella filha do ceo! porque foges  
Destes campos do meu Portugal!  
São tam lindos! o arroio os refresca,  
E fragancia lhe esparze o rozal.

Não te lembra? era nelles outr'ora  
Onde mais fulgurar te aprazia,  
Foste o timbre de seus cavalleiros,  
De que o mundo com pasmo tremia.

Era bello esse tempo, era grato  
 A este povo d'heroes pertencer,  
 Pela cruz, pela patria pugnavam,  
 E eram d'antes quebrar que torcer.

Que prodigios! senhores dos mares,  
 O medonho gigante domaram,  
 E no seio d'incognitos reinos  
 Seu glorioso pendão hastearam.

Os leões atrevidos da Hespanha,  
 Essas aguias possantes da França,  
 Tudo adiante de si, e em pedaços,  
 Arrojaram na ponta da lança.

Mas deixaste estes campos de Lysia,  
 E não mais esses dias sorriram;  
 Já espurios não poucos dos filhos,  
 Seu illustre brazão denegriram.

Recolhido cá dentro dos muros,  
 Seu pendão já fluctua rasgado;  
 Vem ao Luso dar leis o estrangeiro,  
 E elle agora se curva humilhado.

Hoje o egoismo é a sua bandeira,  
 Sua fina estrategia a traição;  
 Jorra o sangue de paes, e d'amigos,  
 Murcha a industria, e perece a nação.

Ah! não fujas, mimosa do Eterno,  
 Solta em Lysia teus raios dourados,  
 Guia co'elles os passos de tantos,  
 Que da estrada lá vão desgarrados.

Brilha, ó Honra! e se ainda é preciso  
 Que realce teu vivo fulgor,  
 Dessas sombras d'heroes te rodêa,  
 Que ostentaram lealdade e valor.

Ergue as louzas, os vultos lhe mostra  
 Que tam nobres sob ellas se occultam,  
 E talvez que se corram de pejo  
 Os seus netos, que as cinzas lhe insultam.

Pódo ser que inda os erros expiem  
 Com accões de nobreza e bravura,  
 Pódo ser que inda raiem na patria  
 Bellos dias de gloria e ventura.

Julio.

### Lagrimas e Saudade.

*Na morte de minha presadissima mulher D. Antonia  
 Guilhermina Marques de Sousa, em 29  
 de Dezembro de 1851.*

Maintenant, tout est mort en ma maison aride,  
 Deux yeux toujours pleurant sont toujours devant moi;  
 Je vais sans savoir où, j'attends sans savoir quoi;  
 Mes bras s'ouvrent à rien, et se ferment à vide.  
 Tous mes jours et mes nuits sont de même couleur,  
 La prière en mon sein avec l'espoir est morte,  
 Mais c'est Dieu qui t'écrase, ô mon âme! sois forte,  
 Baise sa main sous la douleur!

LAMARTINE.

Onde foste pousar, candida pomba!  
 Vonste para o ceo, e aos pés do Eterno  
 E's agora, meu bem, querida Esposa!  
 Em lagrimas banhado  
 Neste mundo fiquei de dôr pasmado!

No acêso imaginar se me afigura  
 Vêr-te junto de mim, fallar comtigo,  
 Mas varre-se a illusão, vejo sómente  
 A pallida saudade,  
 E na campa sentada a Eternidade!

Os braços me descahem, joelho em terra,  
 Elevo aos ceos os macerados olhos,  
 Desejo a Deos orar, e não encontro  
 Nem uma voz sómente,  
 Sinto apenas na face o pranto ardente!

Oh lagrimas correi até que estanque,  
 Resequido meu coração rebente.  
 Para que hei-de viver? para taes golpes  
 Sem cessar me rasgarem,  
 Para os males contínuo me cercarem!

Desde o berço até agora um só instante  
 Nem sequer resvalou que me afagasse;  
 Nuvens tristonhas que o pavor tingira,  
 De flagícios pejadas,  
 São sobre mim em raios entornadas.

Quatro filhos perdi, perdi a Esposa,  
 Cara Esposa, modelo de virtudes:  
 Para sempre a perdi, não ha tornal-a!  
 Meu Deos, não póde tanto  
 Este meu que derramo amargo pranto!

Se a troco desta vida que é só tua,  
 Eu podésse outra vez, meu Deos, ganhal-a,  
 Minha vida era sua em troco á della;  
 Terno abraço lhe dera,  
 E com prazer assim então morrera.

Mas nada podem votos, tristes lagrimas,  
 Contra as ordens fataes da Providencia!  
 Grande da terra seja, ou desgraçado,  
 Não é das prisões solto  
 Em que morte cruel o tenha envolto!

Miseraveis que somos! — os cajados  
 São c'os sceptros iguaes ao trus da morte! —  
 Frio cadaver que da campa os vermes  
 Esperam igualmente  
 Na immunda corrupção, asco da gente! —

Eu já cançado estou de soffrer tanto;  
 Quebrado o coração me apraz a idéa  
 De em breve terminar pobre existencia.  
 Para que presta a vida,  
 De penas tam crueis sempre batida?

Estive junto a ti, querida Esposa,  
 Até o ultimo alento. Pouco a pouco,  
 Em graduado almejar se foi soltando  
 A tua alma tam pura,  
 Subiu logo dos ceos á immensa altura.

Ficaste como viva, e tam serena ....  
 Tal morre o justo; os filhos te aguardavam,

Mandados pelo Eterno, e já seus anjos,  
 De tua alma pegaram,  
 E com ella da gloria ao throno voaram.

Curtos momentos antes, carinhosa,  
 Comigo te abraçavas, me dizias  
 Tam sentidas palavras de saudade!  
 E eu só te re-pendia  
 Co'o pranto que das faces me corria!

Em triste viuvez fiquei no mundo,  
 Nunca mais te verei, tam doce amiga;  
 Tudo me tira Deos que me consola,  
 Só males me dardeja;  
 Assim sua vontade feita seja!

Qual meio sêcco arbusto, na campina  
 Crestado pelo sol, estou sósinho  
 Dos ventos açoitado, e sem abrigo:  
 Presto alvo de sua ira  
 Procurarás em vão onde existira.

Offerenda ao meu amigo o Ill.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Joaquim de Oliveira Cardoso, Conego da Insigne Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, em retribuição do bello Soneto que fez collocar no caixão de minha finada mulher, e que segue.

C.

Joaquim Silvestre de Sousa.

Guimarães 31 de Dezembro de 1851.

**Soneto.**

Resignada curtindo longos dias  
 Os espinhos de acerba enfermidade,  
 O véo despiste emfim da humanidade,  
 Com que eximias virtudes encobrias.

Nas raias deste mundo não sentias  
 Deixar de seus jardins a amenidade,  
 Só profunda pungia-te a saudade  
 Do Esposo e filhos que gemer ouvias.

Mãe carinhosa, desvelada Esposa,  
 Que do Eterno a dulcissima ternura  
 Em premio tens na estancia luminosa.

Ah! vê-os ajoelhar na sepultura,  
 Seus gemidos ameiga-lhe piedosa,  
 E derrama-lhe o orvalho da ventura.

**A' Liberdade.**

Geme tinta no sangue a forte Hungria,  
A Polonia de ha muito jaz calcada,  
E a França, sim a França laureada  
Curva agora a cerviz á *Monarchia!*

De novo lá resurge a tyrannia,  
Tyrannia feroz, abominada,  
Que ao livre, *por ser livre*, ensanguentada  
Lh'arroja a fronte aos pés com mão impia...

Folgai, folgai, oh despotas da terra,  
Erguei novos tropheos á crueldade,  
Dai largas no furor que o mundo aterra:

Embalde agrilhoaes a lealdade;  
Póde em sangue nadar o mundo em guerra,  
Mas ha-de alim reinar a liberdade.

Janeiro de 1852.

A. P. C.

**A' memoria de minha Mãe!**

Meu peito tristonho aneia gemendo  
Curvado á desdita d'um negro pezar;  
Eu choro... e no choro que ardente m'escalda  
Debalde procuro um allivio encontrar.

Debalde, que não tem fim  
Meu pezar, e minha dôr...  
E' cruel, e bem cruel  
Esta vida d'amargôr.  
Minha Mãe! — já não existe —  
Já não tenho o seu amor!...

Oh, meu Deos! como é pezado  
O meu tão triste viver;  
São de mais os meus tormentos,  
E' de mais este soffrer;  
Dai-me, oh Deos, a negra morte,  
Eu antes quero morrer!...

Morrer... e qu'importa se vou abrigar-me  
Na eterna morada lá junto ao Senhor?  
Qu'importa se junto da Mãe qu'eu amava  
Terei seus carinhos, seus rizos d'amor?

Janeiro de 1852.

A. M. S.

**A' morte da Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. M. D. M.**

19 de Dezembro de 1844.

**Está no Céu!**

Solta, ó lyra desditosa,  
Um triste canto dos teus;  
Que aquella por quem suspiro  
Fugiu dos homens p'ra Deus!

L. DE B. CORREA.

Qual lindo botão de rosa  
Cortado no seu verdor,  
Assim cortados teus dias  
Foram sem mágoa, sem dôr.

Linda rosa, teu aroma  
A fria morte invejou;  
Anjo d'amor, tua vida  
Oh! negra fada fadou.

Mal haja da morte o golpe  
Que tão cedo te ceifou;  
Mal haja d'amor a sina,  
Mal haja quem te fadou.

\*

Fugiste aos homens, ao mundo,  
Ao mundo cheio de dor;  
Oh! que te engastem os anjos  
Na corôa do *Senhor*.

Que eras do ceu, não da terra,  
Bem m'o disse o coração,  
Bem m'o disseram teus olhos  
Côr da celeste mansão,  
Bem me disse teu sorrir  
Que não eras minha, não.

Tu vieste mostrar-nos de *Deus*  
A existencia, poder e candura,  
Tu vieste, qual veio *Jesus*,  
Nossos peitos encher de ternura!

E como elle, n'agonia  
Os olhos volveste a *Deus*,  
E abraçando-te na cruz,  
Ao mundo disseste: *adeus*.

Morreste morte d'um anjo!  
Quem dera assim um morrer!  
Mas anjos não morrem, não;  
Tu morreste p'ra viver.

\*

Consenti, ó meu Deus, que minh'alma  
Vá á sua juntar-se nos ceus,  
Vá gozar seus ardentes transportes,  
A seu lado adorar-vos, meu Deus!

Consentí que este amor innocente,  
Qu'impia morte cortou ao nascer,  
Vá no ceu triumphar, revivendo,  
Vá no ceu o meu Deus bem-dizer.

Consentí, ó meu Deus, que minh'alma  
Vá á sua juntar-se nos ceus,  
Vá gosar seus ardentes transportes,  
A seu lado adorar-vos, meu Deus!

M. F. A.

---

**Vingar-me-hei!**

Ingrata! com indifferença  
Tu pagas tamanho amor;  
Casas teu riso ao meu pranto  
Alegria á minha dôr!

Oh! não prosigas, donzella,  
Não redobres meu soffrer,  
Que a fronte que á terra verga  
Póde-se 'inda altiva erguer.

Póde, sim: e então teme,  
Teme.... que eu.... vingar-me-hei!  
Será vingança inaudita....  
Tamanha.... que nem eu sei.

Mil vidas, que tenhas, linda,  
Mil vidas te hei-de arrancar,  
Mil vidas, ou mais que fossem,  
Com.... beijos que t'hei-de dar.

A \* \* \*

**A uma Camelia branca.**

*Offerecida á Ill.<sup>ma</sup> e Exc.<sup>ma</sup> Senhora  
D. M. C. P. V.*

Candida bella, essa rosa  
E' tão linda, é tão formosa,  
E' tão parecida comtigo,  
Que d'alma te juro e digo,  
Que ao vél-a desabrochar,  
Tua belleza sem par  
Só lhe pude comparar.

Meu anjo, logo que a vi,  
Desejo ardente senti  
D'entregal-a em tua mão,  
Certo que ao teu coração  
Tu a levarás tão pura,  
Tão sem mancha em sua alvura,  
Como tu és na candura.

Sim, oh! bella, é a primeira  
Que deu este anno a roseira  
De meu tão pobre jardim!  
Ah! quem me dizia a mim  
Ha um anno já passado,  
Que eu teria aqui voltado  
Triste sim.... mas não mudado....

\* \* 27 de Dezembro de 1851. \* \* \*

---

EXPLICAÇÃO DO NUMERO 14:

Charadas—1.<sup>a</sup> Guilhermina—2.<sup>a</sup> Arado.



## Soneto

*Recitado pelo joven pianista Arthur Napoleão, de  
oito annos d'idade, em a noite do seu Beneficio  
no Real Theatro de S. João, em  
29 de Janciro de 1852.*

**I**nda mais uma vez, povo excellente,  
O nobre auxilio teu invocar venho!  
Inda mais uma vez, meu pobre engenho  
A quem nascer o viu vae ser patente!

Ufano por me dar tam culta gente  
Os louros, que virentes inda tenho,  
Hoje aos labios chamar, é meu empenho  
A doce gratidão que o peito sente!

Se a minha condição vir elevada,  
A ti o devo só, e em toda a parte  
Minha alma ao Porto meu será votada;

E se outro galardão não posso dar-te,  
Meu nome illustrarei, e a patria amada,  
« Se a tanto me ajudar engenho e arte. »

*Faustino Xavier de Novaes.*

*Poesias recitadas em a mesma noite.*

Ante vós hoje vem, sabio congresso,  
Os tenros dedos ajustar na lyra,  
Esse joven Arthur, Arthur sem preço,  
Que o talento d'Orpheu n'alma respira.

Tenra vergontea que rebenta agora,  
Vem com todo o vigor mostrar ao mundo,  
Que foi elle o primeiro, que na aurora  
Da vida, fructos deu sem ter segundo.

Assim como um botão que vai abrindo,  
O ar cada vez mais aromatisa,  
Assim tambem Arthur, sons espargindo,  
Pouco a pouco o seu nome elle eternisa.

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

A'vante, Arthur, ávante, os passos guia  
Pela estrada que leva ao tempo augusto,  
Onde a musica está, e a poesia,  
Para ti fabricando eterno busto.

Se de estranha nação gente prendada,  
Vem palmas receber na lusa scena,  
Que faremos a ti, perola, achada  
Em nossa terra, tão mimosa, amena!

Tu, delicias dos paes, e de nós gloria,  
Juveja das nações, á patria éaro,  
Immortal te fará nossa memoria,  
O genio transcendente, ó genio raro!

*A. Luso.*

Arthur! se te escuto rebenta-me o pranto,  
Mal posso os soluços no peito conter;  
Quizera fugir-te.... mas não posso tanto,  
Que para prender-me tens alto poder.

E a origem da dôr, que minha alma devora,  
Ninguem a adivinha, nem tu a prevês;  
Mas eu a revelo.... censurem-me embora...  
E' só a lembrança de que és portuguez.

Não sabes a sorte que está destinada,  
Se nasce nos montes, á candida flôr?  
Dos ventos batida, das feras calcada,  
Se perde a existencia, quem della tem dôr?

Ninguem?... é verdade... tambem nesta terra  
Os genios famosos teem sempre mau fim;  
Dos grandes nas artes, na sciencia e na guerra,  
Que exemplos eu tenho que fallam por mim !..

Que importa que eu veja grandezas agora?  
Que vale haver ouro, palacios, brazões?  
Tambem os havia nos tempos d'outr'ora,  
E qual foi a sorte do grande Camões?

FEVEREIRO 5. — 1852.

NUM. 16.

Esse homem portento, que á patria deu gloria,  
Morreu desgraçado n'um triste hospital!...  
Oh patria mesquinha! tam grande na historia!  
Em ser sempre ingrata não tens tu rival!

E' sina cruenta que um genio sublime,  
Na terra que é sua, não possa brilhar;  
Aqui o ser grande parece que é crime!...  
Arthur! se podesses a patria negar!

Mas não!.. não a negues... que honroso não fôra!  
Mal haja o que a patria, gemendo, maldiz!  
Embora não aches a mão protectora,  
Que tente elevar-te, fazer-te feliz!

Do mundo as grandezas, o tempo as consome...  
No pó tudo envolto por fim se perdeu!...  
Tu deixas a terra, mas legas-lhe um nome,  
Eterna vergonha p'ra quem te esqueceu!

Prosegue! Prosegue nessa arte mimosa,  
Por ella tornando teu nome immortal!  
Dá honra, dá gloria á nação desditosa!  
Arthur! sacrifica-te ao teu Portugal!

*Faustino Xavier de Novaes.*

(*Improviso*).

Cada vez que de novo, Arthur, te escuto,  
Mais se augmenta a vontade d'escutar-te;  
Quando apenas acabo de louvar-te,  
Já com igual desejo outra vez luto:

Ora elevas teu genio, resoluta,  
Innocente vens logo demonstrar-te;  
Vacillante me deixas a admirar-te,  
Cada vez que de novo, Arthur, te escuto.

E não julgues que só eu me confundo  
Por na infancia te vêr, puro, e sereno,  
E contemplar em ti saber profundo;

Pódes, sim, percorrer vasto terreno;  
Verás que ha-de servir de pasmo ao mundo,  
Entre os grandes ser grande — o mais pequeno.

*Faustino Xavier de Novaes.*

Deshonra áquelle, que ao poder e ao ouro  
Prostitue o aláude!

Deus á poesia deu por alvo a patria,  
Deu a gloria e a virtude.

A. Herculano.

Da rainha da terra — celebrada  
Nos feitos e batalhas d'além-mar...  
Onde jaz essa raça laureada  
Que um nome a — Portugal — soube ganhar?  
Onde é hoje essa gloria levantada,  
Dos thronos e dos reis ao baquear?!  
Onde é hoje?! é no povo, que proclama  
Das velhas tradições a nobre fama.

E' sim — é nesse povo magestoso  
Que 'inda hoje — altivo — póde a voz erguer...  
Que póde, do passado glorioso  
A's gerações porvir livre dizer: —  
Houve outr'ora um guerreiro mui famoso  
Que soube a Portugal ennobrecer,  
Marcando sua gloria muitas vezes,  
De Cambaia e Mombaça nos pavezes.

E' o Gama — argonauta tam temido  
Que caminha em seu forte galeão!  
O cabo das tormentas — atrevido  
Eil-o passa: das terras d'Hydhalcão,  
Descrente povo foge espavorido,  
Vendo alçado dos Lusos o pendão:  
Ceuta, Arzilla, e Ormuz depoem riquezas  
Como escravas das quinas portuguezas.

De Cabral, Albuquerque e o forte Gama,  
Nas lides sempre dignos de louvor,  
Que seria d'ingente — altiva fama,  
Se não fôra Camões.... o seu cantor?! —

— O poeta gigante! que proclama:  
Respeitae Portugal conquistador —  
Portugal que as corôas esmagava  
E ao seu povo os reis avassallava!

Tambem, Arthur, passarás deslembrado  
Entre os nomes famosos do porvir,  
Se não fôra este povo, extasiado,  
Que soube esse teu genio traduzir.  
Duvidas inda agora que um só brado  
Possa ao mundo o teu nome descobrir?  
Oh não, não! vae n'um vôo fugitivo  
Mostrar-lhe quanto pôde um genio altivo!

Sim, parte: — vêr o mundo é teu destino,  
Colhendo novas *palmas* — ovações;  
Mas á patria querida off'rece um hymno,  
Quando queiram roubar-te os teus brazões,  
Como já quiz a França a Constantino! (\*)  
Que eu pedirei, buscando inspirações,  
Que cante tua gloria o Universo,  
« Se tam sublime preço cabe em verso! »

*Lima.*

(\*) Parece-me que é sabido por todos que na  
exposição universal, em Londres, a França quiz fa-  
zer passar como súas as obras do nosso compatriota  
Constantino; porém elle, rico de sentimentos nobres,  
satisfex á sua patria, declarando — que embora os  
seus productos fossem fabricados no estrangeiro, a  
industria era só portugueza.

---

*Poesias distribuidas em a mesma noite.*

Arthur! fadou-te Deus ente divino!  
Tu, da terra não és, não sabem homens  
Nem sequer imitar em sons cadentes  
Teus melicos harpejos.

Tam joven, inda envolto n'alvo manto  
D'innocencia e candor — sorris á vida.  
Como a rosa sorri entre os orvalhos  
Das perolas d'aurora.

Do throno do Senhor te desprendeste;  
Anjo dos ceos! baixaste lêdo ao mundo,  
P'ra no mundo harpejar com graça infinda  
Os canticos celestes.

Quando mimoso extráes do teu piano  
Em maviosos sons tam doces hymnos,  
Eu mal posso conter no peito um brado  
De férvido transporte.

Arthur! fadou-te Deus ente divino!  
Deu-te o mago poder d'alta harmonia,  
Ensinou-te a verter nos imos d'alma  
Dulcissima saudade.

A'vante, ávante pois, caminha afoito,  
Que a gloria no porvir te aponta os leiros,  
Que ennobrecem bem mais a fronte ao genio,  
Que um fulgido diadema.

O Porto, inda uma vez, te rende cultos,  
O Porto, inda uma vez, ébrio d'ouvir-te,  
Prrompe entusiasta, em longos *bravos*,  
Phreneticos applausos!

E eu poeta novel, rico d'orgulho,  
Que jámais me dobrei á prepotencia,  
Atrojando a teus pés a inculta lyra,  
Extatico me curvo.

*A. P. Caldas.*

---

Artista singular, que tens trilhado  
Da musica o caminho trabalhoso,  
Até que alfim chegastes orgulhoso  
No templo da Memoria á ser c'roado;

Abate o collo altivo, e vem curvado  
Aos pés d'um genio raro, e portentoso,  
Depôr esse trophéo alto, e pomposo,  
No fim de largos annos só ganhado;

Sáuda d'harmonia esse portento,  
 Aquem eu rastejando apenas teço  
 O louvor, que é devido ao mer'cimento;

Sáuda o tenro Arthur, que, no começo  
 D'uma vida infantil, por seu talento  
 Digno se torna d'immortal aprego.

J. M. V.

**O sonho da Primavera.**

Naschia a manhã d'Abril,  
 Sorriam no prado as flores,  
 Que a primavera gentil  
 Volvia á patria d'amores;  
 Do meigo Abril namorada,  
 Vinha de rosas toucada,  
 Da côr da cecem vestida,  
 Nas azas da branda aragem,  
 Esperal-o na passagem,  
 Dando a tudo nova vida.

Entre o verdor que matiza  
 A madre-silva cheirosa,  
 Que em longos festões desliza  
 Em gruta deliciosa,  
 Fatigada a primavera,  
 De vagar na atmosphaera,  
 Alfim alli se acolheu;  
 Em vecejante almofada,  
 Com languidez reclinada  
 A formosa adormeceu.

O rouxinol inspirado  
 Em suave melodia,  
 Lá ergue o canto dobrado  
 A que os magos sons varia;  
 Entre a folhagem da gruta,  
 Com que magia se escuta  
 Brandas auras murmurar!

Mais além a veia pura,  
 Por entre os vergeis apura  
 Seu mavioso cantar.

Ao som desta melodia  
 A primavera sonhava;  
 Sorrindo, os braços 'stendia  
 A' visão que imaginava;  
 Era um cherubim d'amor,  
 Puro como a linda flor,  
 Que deslumbra inda em botão;  
 Era o genio transcendente,  
 Da harmonia o estro ardente,  
 O joven Napoleão!

S.

**Oriental.**

Ao fulgor da lua cheia  
 Lá campeia  
 O moirisco torreaõ.  
 E do darro a limpha pura,  
 Ora escura,  
 Preito rende ao castellão.

Susurra fresco e sombrio  
 Sobre o rio  
 O alamo em branda paz.  
 E nos juucos, e nas cannas,  
 E espadanas  
 Murmura a brisa fugaz.

Doces aromas espargem  
 Pela margem  
 Mil flores, a qual mais bella.  
 Suas azas buliçosas  
 Entre as rosas  
 Espaneja a filomela.

Verte em gotas crystallinas  
 Nas boninas  
 O rocio seu crystal.

Cada perola de prata  
 Bem retrata  
 O alcaçar oriental.

Levantadas as sombrias  
 Gelasias  
 Do calado torreão;  
 Está na esguia ventana  
 A sultana  
 Murmurando uma canção.

E nos ares, que povôa,  
 Livre sóa  
 A melancolica voz;  
 E pela collina verde  
 Lá se perde  
 Com o zephiro veloz.

Ao som da bella garganta,  
 Que ahí canta,  
 Respondem aves alfim,  
 Adejando pelas rosas  
 Tão mimosas  
 Do magnifico jardim.

E ao rumor do doce trino  
 Peregrino  
 Da bella e aves de amor,  
 Ouvido prestam attento  
 Agua, vento,  
 Olmo, alcaçar, campo e flor.

Assim a moira dizia;  
 E respondia  
 Da ramage a filomela;  
 E isto o arabe escutava,  
 Que velava  
 No jardim sob a janella:

« Dão-me o coração d'um moiro,  
 « C'rôas de oiro,  
 « E mil perolas tambem.  
 « Dize, ó flôr: — á minha vida  
 « Tão garrida  
 « O que falta aqui no harem?

« Dão-me chailes os kalifas,  
 « E alcatifas  
 « Macias como a cecem.  
 « Dize, vergel: — á minha vida  
 « Tão garrida  
 « O que falta aqui no harem?  
 « Tenho banhos e festins,  
 « E jardins,  
 « Que o Eden me mentem bem.  
 « Dize, ó rio: — á minha vida  
 « Tão garrida  
 « O que falta aqui no harem?  
 « Ligeiras como as espumas,  
 « Dão-me plumas,  
 « Brocados do mar além.  
 « Dize, ó ave: — á minha vida  
 « Tão garrida  
 « O que falta aqui no harem?  
 « Nem espinhos, nem abrolhos  
 « Vêem meus olhos,  
 « Posto que lagrimas tem.  
 « Dize, ó lua: — á minha vida  
 « Tão garrida  
 « O que falta aqui no harem? » ...

— Chegava aqui. E uma sombra  
 Sobre a alfombra  
 A lampada desenhou.  
 A seu lado na ventana  
 A sultana  
 Com o sultão se encontrou.

« Tu tens torres — disse o moiro,  
 « Joias, oiro,  
 « Perolas, como ninguem.  
 « Dize, ó bella: — á tua vida  
 « Tão garrida  
 « O que te falta no harem?  
 « Que ha lá, no vergel sombrio,  
 « Lá no rio,  
 « No rouxinol, ou na flor,

« Que ao raiar a aurora bella,  
 « Minha estrella!  
 « Te não traga o teu senhor?  
 « Que falta á tua lindera,  
 » E riqueza,  
 « A' tua louca vontade?  
 — « Senhor! as aves formosas,  
 « Entre as rosas,  
 « Tem lá fóra — Liberdade. »

Lisboa 5 de Dezembro de 1851.

*J. Freire de Serpa Pimentel.*

(*A Semana*).

### Canção do Marinheiro.

E' já noite. Ao murmúrio das vagas  
 Como corre veloz o navio!  
 Sulca as aguas, que a lua pratêa;  
 Voa, voa do vento ao cicio.  
 Meigas brisas te enfunam as vélas,  
 E tu corres, navio, buscando  
 Essa patria que aneiam seus filhos,  
 Que eu aneio, tambem, suspirando.

Mas apraz-me o susurro das vagas,  
 Vêr a lua nos ceos a brilhar;  
 Sim, ouvir os harmónicos hymnos  
 Do Oceano infinito a soar.  
 Eu aqui sou mais livre imergido  
 Nos meus sonhos tão bellos, formosos,  
 Nesses sonhos que doiram a vida  
 Dos amantes na terra ditosos.

Que me valem venturas, delicias,  
 A par d'ella no goso d'amor? —  
 Neste peito, que os prantos orvalham,  
 Coração pulsa ainda em ardor...  
 Sei sentir, sei amar. Em minh'alma,  
 Onde em letras de fogo gravada  
 Tenho a imagem d'esse anjo querido,  
 Ha paixão vehemente e sagrada...

Como é bello o fulgir das estrellas  
 Lá no ceo, que formoso sorri!  
 Nunca vi uma noite tão linda;  
 Nunca em sonhos assim eu me vi.  
 Baloçando, á bolina, nas ondas  
 Como vae o navio ligeiro  
 A cortar estas aguas, que brilham  
 Co'o fulgor dessa lua fagueiro!

Vós, felizes da terra, não tendes  
 Senão fatuo, maldito prazer —  
 Entre os brilhos da vida enganosa,  
 Sómente ha para vós o descrever...  
 Marinheiro, sou pobre, mas tenho  
 Sancta fé no meu Deos, que me guia  
 Para a terra que foi o meu berço,  
 E onde aspiro fragrancia, alegria.

Tu não pares, navio: tu voa!  
 Já parece que enxergo, ao luar,  
 Os signaes lá do porto da patria,  
 Que saudades nos ha-de matar.  
 Seja vinda essa patria aneçada!  
 Eu acorde manhã no teu seio,  
 Abra os olhos, e folgue contente  
 Em teus braços com magico enleio.

Rompe o dia. Eis a terra, eis a patria!  
 Já nos manda, nas azas do vento,  
 Seus perfumes suaves, fragrantes;  
 Já lhe escuto da brisa o accento.  
 Minha terra, bem vinda tu sejas!  
 Quero ouvir-te, meu Douro, o correr  
 Tão sonoro das ondas serenas;  
 Tuas margens tambem quero ver.

*Sólus.*

### o botão de rosa e o amor.

N'um jardim de lindas flôres,  
 De rosa um botão cortei,  
 — Era de Lilia o retrato,  
 Por quem d'amor delirei.

O botão nasceu viçoso  
Qual o amor, que em mim nasceu,  
Mas, da roseira apartado,  
Durou mui pouco, e morreu.

Era o meu amor tão puro  
Como o calix do botão,  
Mas, não tendo recompensa,  
Teve curta duração.

Ao botão faltou-lhe o succo,  
Faltou o premio ao amor;  
Um perdeu toda a frescura,  
O outro perdeu o calor.

Assim como folha a folha  
O lindo botão murchou;  
Assim gelada indifferença  
O meu amor definhou.

*José Borges Pacheco Pereira.*

#### A Camponeza.

Como tudo está contente!  
Como bello é tudo aqui!

CASTILHO.

Campos, campos, onde a rosa  
Tam formosa  
Brilha no pé da loura espiga,  
E pela vide abraçada,  
Tam copada  
Verdeja a carvalha antiga.

Que pura, que fresca aragem  
Na ramagem  
Suspira tam docemente!  
Que lindos valles e montes,  
E que fontes,  
Que susurram brandamente!

Minha aldéa toda encantos,  
Mimos tantos

Em que cidade acharei?  
Minha patria tam querida,  
Onde a vida  
Tam alegre passarei?

No tosco leito deitada,  
A adorada  
Me annuncia o rouxinol;  
Vou lavar-me no ribeiro,  
E do outeiro  
Eu vejo nascer o sol.

O gado levo a pastar,  
E ajudar  
Vou no campo os segadores;  
Um me chama preguiçeira,  
Outro arteira,  
Todos gracejam d'amores.

Chega a noite: na esfolhada  
Extasiada  
Lá ouço a chula tocar,  
E cantigas d'alegria  
A' porfia  
Eu não cesso de cantar.

Quando a noite mais avança,  
Rompe a dança;  
Que requebros! como é bella!  
Esses bailes tam gabados  
Nos povoados  
Nada valem a par della.

No domingo, que alegria  
Este dia  
Derrama em meu coração!  
Como nelle bem toucada,  
E aceiada,  
Vou á missa, e á oração!

Com branco lenço engommado,  
E apertado  
Mea colete carmezim,

Ah! que a dama da cidade  
A vaidude  
Deporia ao pé de mim.

O meu amante na sésta  
Me requésta;  
Não me traz dourado annel:  
Traz-me de vide um abraço,  
E este laço  
E' mais doce, é mais fiel.

Com refalsada ternura  
Não procura  
Roubar-me a honra, o pudor;  
Minha mãe nos vê fallar,  
E, ao passar,  
Abençoa o nosso amor.

Damas, damas orgulhosas,  
Que ditosas  
Vos julgaes lá na cidade,  
Onde tudo é illusão,  
E a traição  
Mancha os rizos da amizade.

Ostentae sêdas brilhantes,  
E diamantes  
Nesses palacios pomposos,  
Que entre o fausto que ostentae  
Não passaes  
Vossos dias tam ditosos.

Não, loucas, não vos invejo,  
Meu desejo  
E' só no campo viver;  
Só nelle mora a candura,  
E a ventura,  
Só nelle mora o prazer.

**Charada.**

Erga a voz, não fique nessa } 1  
Nota baixa, e criminosa. }  
Diga lá; como se chama } 1  
Esta igreja magestosa? }

Não o sabe? não importa;  
Porém *não responda assim*;  
De que serve esse ar d'escarneo,  
Com que quer zombar de mim? } 2

Eu tambem algumas vezes  
Faço o mesmo do conceito,  
Mas só quando o scepticismo  
Sécca as lagrimas no peito;

Mas só quando, exausto o pranto,  
Já não tenho mais a dar-lhe,  
Quando a enxuta dôr interna  
Vem seu feudo tributar-lhe;

Quando o torpe, quando o avaro  
Passa junto ao todo meu,  
E me diz n'um lançar d'olhos  
Que o meu todo o enfureceu;

Que é da astucia, e não da scrite  
Que elle o vê tão andrajoso,  
Que onde ha ar que se respire  
Sempre o céu é dadivoso.

Ah! que sim, que então blasfemo  
Contra a lei da criação,  
Sou descrente, e a lei dos homens  
Chamo lei da sem-razão.

**HARMONIAS DA NATUREZA.**

**POESIAS**

DE

J. S. DA SILVA FERRAZ.

Publicou-se este volume, e vende-se no Porto, na loja de F. G. da Fonseca, aos Caldeireiros n.ºs 12 e 13 — preço 240 reis, e para os Snrs. Assignantes da *Miscellanea*, 120 reis.

**O BARDO.**

Com este titulo vai brevemente publicar-se um jornal de poesias escolhidas, redigido por varios mancebos desta cidade. Sahirá mensalmente no formato do = *Novo Trovador*. =

Por um anno, pago á entrega do primeiro numero, 800 reis.

Assigna-se, no Porto, na loja de Fonseca, aos Caldeireiros n.ºs 12 e 13.

Julho.



Amigo .... tu.

A \* \* \*

L'amitié est l'amour sans ailes.



PARA mim quiz Deos que fôsse

A amizade, como o amôr;  
Ambos lenitivo dôce  
Me são á cruenta dôr.  
Astros do mesmo fulgôr,  
Sois vós, amor e amizade...  
Esta é a meiga beldade,  
Aquelle o aroma da flôr.

Mas se da vida aos tormentos  
Agora allivio me dão...  
Já me deram soffrimentos  
Que não posso esquecer, não.  
Deram-me o fel da traição,  
A beber em negra taça...  
Deixaram-me fé escaça  
Neste pobre coração.

Mas tu minha alma entendeste,  
Como eu a tua entendi.  
Eu soffria — tu soffreste...  
Déste-me allivio — eu a ti.  
Quando eu tua alma senti  
Que irmã da minha nascêra,  
Vi que a vida já não era  
Deserto, como até alli.

Zombem abi da amizade  
Que paixão não pôde ser...  
O meu coração os ha-de,  
Em silencio, desdizer.  
Nem eu sei que possa haver  
Em todo o enleio de amôr  
Compensação para a dôr  
Que eu soffrêra em te perder.

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

Acolhe o canto singelo  
Que pobre de ornatos vae...  
E' raio desse sol bello,  
Cuja luz nunca se esvae,  
E' do coração um ai...  
Uma singela harmonia  
Dessa intima poesia  
Que desta alma, raro, sahe.

Silva-Ferraz.

ODE.

A minha dôr.

.... déchirez ce cœur si vous voulez y lire,  
La mort en chaque fibre a plongé le couteau;  
Ses battements ne sont que lentes agonies:  
.....  
Tout mon âme est un tombeau!  
LAMARTINE.

Não me parece já o que antes era  
Este mundo que habito; o Anjo da morte  
Da tristura c'o véo cobriu minha alma,  
Tudo agora me é lugubre!

Se aos ceos elevo o pensamento, á campã  
Da cara esposa o coração revda;  
Seu derradeiro adeus tenho presente,  
Que me rõe de saudade.

Estava já nos ultimos momentos,  
E os braços me lançou para abraçar-me;  
Terno abraço me deu, de que o meu pranto  
Era então triste paga.

Com a morte luctando, cara esposa,  
Inda teu puro amor me recordavas!  
Anjo do céo, perdi-te, e para sempre!  
Dura terra te encobre!

Depois de agudo febre e delirado,  
Qual desperta no leito em que jazia,  
E olha em volta de si pasmado enfermo,  
Assim igual me vejo!

Minha querida amiga, que tam doce,  
 Tam sincera, extremosa me presava,  
 Agora já não tenho, a má fortuna  
 Que me segue roubou-m'a...

Se uma hora se me antolha minha sorte  
 Vêr propicia luzir, logo o negrume  
 Da desgraça que vem, me cerca, immerge  
 De desditas n'um pelago!

A tanto mal vergando, e aniquilado,  
 Co'a face á terra vou envolto em mágoa,  
 A Deus na ideia exclamo — «pobre verme  
 Porque, Senhor, me opprimes?

Porque o calix de fel tam amargoso  
 Não arredas de mim? que mal te hei feito?  
 Que posso eu contra Ti, mesquinho insecto,  
 Que no nada me rojo?

Sem tino, e sem saber se existo, absorto,  
 Maquinalmente me ergo e só sinto  
 As lagrimas correr, e só me vejo  
 De trevas rodeado!

Nem um sorriso só me aponta aos labios,  
 Ensopar-me na dôr são meus prazeres,  
 O lenitivo meu hoje é sómente  
 Olhos pascer nos tumulos.

Abysmar-se na solidão o espirito  
 E' só o que lhe agrada; os ais, o pranto  
 São alimento seu... Quando me esperas,  
 Idolatrada esposa?

Sinto minar-se a misera existencia,  
 Interno corroer me dilacera;  
 Se na frente me vês signaes de vida,  
 Estou da morte eivado...

Sob os passos se me abre a sepultura;  
 O seu horror me ri! fixal-a apraz-me!  
 Morada do descanso, onde o bolicio  
 Das turbas não resôa.

Onde as paixões, os vicios não se enfiltram,  
 Onde o ar pestilente dos flagicios  
 Não pôde remoinhar: — silencio eterno  
 Ahi em paz repousa!

Tam cedo para o Empyreo te ausentaste,  
 Onde não chegam as afflicções, tormentos,  
 Que no leito da morte te opprimiam,  
 Entranhas te rasgavam.

Para ti acabaram amargores  
 Do desgraçado mundo, e hoje és ditosa;  
 Alma tam pura entre anjos teus filhinhos  
 Com Deus na Etherea Estancia.

Mas aqui me deixaste acabrunhado  
 Com tanto padecer: o fel asperrimo  
 Da profunda saudade que me punge,  
 Me envenenou a vida.

Férrea, pesada mão me esmaga o peito,  
 Suffocados suspiros só me anceiam,  
 Na tristeza as ideias se me entravam,  
 Té o que sou ignoro.

Anjo da morte, o golpe não demores,  
 Sobre mim o devolve! quero a esposa  
 Lá além dos umbraes da Eternidade  
 Ir abraçar saudoso.

Guimarães 14 de Janeiro de 1852.

*Joaquim Silvestre de Sousa.*

#### **A Igreja da Collegiada de Guimarães.**

Aquelle é o templo vetusto  
 Do berço da monarchia.  
 Arrebicaram-no loucos  
 Co'a moderna louçania;  
 E alli jaz abandonado  
 Do escarneo á rebeldia.

Aquelle é o templo vetusto  
De Guimarães, a Real.  
Que é das soberbas abobedas  
Dessa quasi cathedral?  
Que é das arcadas austeras?  
Que é da gothica spiral?

Que é dos letreiros fanados  
Das sepulturas d'outr'ora?  
Que é dos ossos desses homens  
Mais valentes que os de agora?  
Que é da hera, que é do musgo,  
Que a velha fronte decora?

Que é da lage de granito,  
Onde Henrique ajoelhava?  
E o tosco genuflexorio,  
Onde a Rainha rezava?  
Que é do portico soberbo,  
Pelo qual Affonso entrava?

Despojaram-te de tudo,  
Nobre flor de Portugal;  
O teu zimbório cubriram  
Com lizo tecto de cal;  
Quebraram teus capiteis  
Sob o martello fatal.

Os teus muros de granito  
São ora estuque e verniz,  
Fragil pinho cobre ás aras  
A antiga nobre cerviz;  
Cuspiram mil descatos  
Na tua fronte infeliz.

A bella ogiva d'outr'ora;  
Cobre-a prosaica vidraça;  
Ricos relevos de pedra,  
Cobre-os relevo de massa;  
O vermelhão e o verdete  
Com tuas naves se abraça.

E essa nobre architectura,  
Que nos exalta, enfeitça,  
As inscripções, os ornatos,

A cruz da eterna justiça,  
Mausoleos, arcadas, torres,  
Cobre-os a parva caliça.

Nem a pia sacrosanta,  
Nem a pia baptismal,  
Onde christão se fizera  
Affonso de Portugal,  
Oh! nem essa exceptuaram  
De profanação igual.

Ao cimo da nave grande,  
Do mór altar aos dous lados,  
Os velhos padres rezavam,  
A' fria pedra encostados;  
— Hoje em espaldas de sêda,  
E tapetes variegados.

Por toda a parte os filetes,  
A escaiola luzidia,  
A taboleta pintada,  
A architectura do dia,  
Linha recta em toda a parte,  
Em toda a parte a esquadria.

Nas outras eras ao menos,  
Quando alguem te profanou,  
Em florões de rija pedra  
A sua historia traçou;  
Que falle inda a *renascença*,  
Que ahi gravada ficou.

E esses corucheus que o digam,  
E as estatuas do frontal.  
Mas escrever sua historia  
Em arrebique de cal,  
Só vós, ó parvos, que vêdes  
O que a vossa historia val.

Fizestes bem; — profanastes  
O de que indignos sois vós;  
Sobre essas lages antigas  
Vossa presença era atroz;  
Temestes que dos sepulchros  
Se erguessem vossos avós:

E esses Egas e Coelho,  
 E esses guerreiros d'Ourique,  
 E essas columnas de pedra  
 De Tareja e D. Henrique,  
 Cobriste-las c'o sudario  
 De envernizado arrebique.

Fizestes bem: se a vergonha  
 Vos havia de córar,  
 E' melhor nedios, risonhos  
 Neste salão passear,  
 Fazer pintada taberna  
 Desse templo e desse altar.

Porém ai! que após os annos  
 Inda outros annos virão;  
 Esses frageis adereços  
 Breve se esbroam no chão;  
 E alfim do olvido os desprezos  
 Vossas cinzas varrerão.

E essas muralhas vetustas,  
 Hoje embora besuntadas,  
 D'arlequins despida a capa,  
 Hão-de ficar levantadas;  
 Essas pedras, de que heis pejo,  
 Serão do tempo acatadas.

Esses muros são a historia  
 Gravada na penha dura  
 Das nossas velhas grandezas,  
 Da nossa antiga estatura.  
 Não é para villões d'hoje  
 Falsar tão rija armadura.

Ha-de um dia o viandante,  
 Que nestes campos passar,  
 O esqueleto dos Affonsos  
 Ainda em pé admirar.  
 — O vosso ouropel, gozai-o;  
 Que nem sombra ha-de ficar.

*J. F. de Serpa Pimentel.*

(Rev. Pop.)

**A felicidade que passou.**

Ce n'est plus de temps de sourire.  
 .....

LAMART. 1.<sup>a</sup> Médit.

« Já não sci o que é ventura,  
 « Já não sei o que é prazer,  
 « Tenho o inferno dentro em mim;  
 « Adeus, Julia, eu vou morrer. »

Se fui feliz, se risonha  
 P'ra mim a aurora raiou...  
 Como tudo se mudou  
 Em noite escura e medonha!  
 Oh! que existencia enfadonha!  
 Que vida toda amargura!  
 Já nem sabe o que é ternura,  
 Este peito soffredor;  
 E se eu já não goso amor,  
 « Já não sci o que é ventura. »

Amei sim... fui despresado,  
 Vi feliz o meu rival,  
 E nesse instante fatal  
 Fiquei de dôr trespassado.  
 Se eu nunca tivera amado...  
 Se eu podéra aborrecer  
 Este amor!... Julia esquecer!..  
 Findára meu soffrimento,  
 Mas amo!.. eis meu tormento!..  
 « Já não sei o que é prazer. »

Se a longos tragos podéra  
 O fel da morte beber!  
 Mil vezes antes morrer  
 N'um só instante quizera!  
 Vezes mil! e não soffrera  
 Ufano rival assim...  
 Dôr cruel, que não tem fim...  
 Que me devora, e não mata,  
 Tenho zelos, tanto basta,  
 « Tenho o inferno dentro em mim. »

Julia, e amor, e ceos, e terra  
 Oh! tudo me foi traidor!...  
 E sem premio a tanto amor...  
 A sepultura me aterra!...  
 Mas Julia! tão cruel guerra  
 Contra mim sem crimes ter?!...  
 Por piedade! ao menos ver...  
 Vem dar vida ao triste amante...  
 Mas se tardas um instante,  
 « *Adcus, Julia, eu vou morrer.* »

*José Borges Pacheco Pereira.*

**Poesias Religiosas.**

AO POBRE.

Tu, pobre, que teu pão pedistes á porta  
 Não do rico, talvez, mas do christão,  
 Recolhe-te contente ao teu asylo,  
 Verás que sabor tem esse teu pão!

Tens lagrimas no rosto!... isso que importa?  
 Felizes os que choram sua dôr...  
 Jesus Christo pediu!... que sancto exemplo!  
 E tu pedes em nome do Senhor!

Tu sabes que esta vida é tão pequena,  
 Como um sonho fugaz ao que é feliz?  
 Que tens, no mundo, igual destino ao rico  
 Qualquer pomposa campá não t'o diz?

Mendigo! inclina a face nesse estrado  
 Que tens para dormir, e dorme em paz!...  
 Não podes... tens os membros congelados...  
 Levanta a alma a Deus, tu dormirás!

Quem não póde dormir em leito d'ouro,  
 Quem repouso não tem na oração,  
 E' esse a quem, com fome, inutilmente  
 Um bocado pediste do seu pão!

Em volta do seu leito, a horas mortas,  
 Levantam-se os fantasmas do terror!  
 E tu, nas tuas palhas, se despertas,  
 Dirás: « Bemdito seja o Creador!

« Bemdito seja o Pae dos infelizes,  
 « Que tão rico me fez do amor de Deus!  
 « Bemdita seja a mão da Providencia,  
 « Que um dia tem de erguer o pobre aos ceus!

« Eu passo neste mundo sempre triste,  
 « Mas devêra sentir doce alegria!  
 « Se estendo a mão mendiga, eu, cedo ou tarde,  
 « Encontro sempre o pão de cada dia!

« Que mais quero, Senhor! que mais vos peço  
 « Na simples oração dada por Vós!?  
 « A salvação, meu Deus, o patrimonio  
 « Dos justos, promettido a todos nós.

« A nós, homens privados desses gózos,  
 « Que eu não sei o que são, mas sei que os ha:  
 « Desses gózos, que sente o abastado,  
 « Quando ao pobre mendigo esmola dá!

« Não mais me chorarei... E quando a morte  
 « A's palhas da miseria, emfim, descer,  
 « Deixae-me erguer as mãos, doixae que eu diga:  
 « Perdão, meu Deus! se eu não subesoffrer! »

*Camillo Castello-Branco.*

(Do Christianismo).

AO RICO.

Ergueu-se do seu leito de repouso  
 O rico, sonhador d'aureas empresas,  
 Seu quarto de tapetes recamado  
 Rescende o grato aroma das riquezas.

Revê-se nas alfaias ostentosas,  
 Que da vida lhe doiram a mentira,  
 Contempla-se feliz no centro dellas  
 Um instante... talvez... depois... suspira?

Suspira!... e, se consulta a consciencia,  
 Não sabe d'onde vem tanta tristeza!  
 « Não sou—dis elle—amado eu entre os homens?  
 « Não compra quanto é goso esta riqueza?! »

E o pensamento amargo esvaeceu-se  
 No coração do rico em anciedade...  
 Fulgou um dia inteiro entre lisonjas,  
 Achou a distracção na sociedade.

Alta noite voltou, ebrio de incensos  
 Ao folgado repouso do seu leito...  
 Longo tempo velou!... não sei que pezo  
 De estranha magoa lhe comprime o peito!...

« Não venho eu de gozar—murmura o rico—  
 « As delicias, que a terra póde dar-me! ?  
 « Se mais ha que sentir d'emoções doces,  
 « Não posso eu ámanhã lá saciar-me! ? »

Despertou de manhã, scismou venturas  
 De novas impressões; mas, quando scisma,  
 Perturba-lhe uma nuvem lindos quadros,  
 Que via por detraz d'um aureo prisma.

Lá estava aquellé triste pensamento,  
 A sede insaciavel de ventura;  
 E, ás vezes, um lhe vinha apoz o outro,  
 Até chegar o extremo — a sepultura!

Então seu coração lhe palpitava,  
 E amargo desprazer o consumia...  
 Mas, longe a triste ideia!... O onro é tudo?  
 E á sua invocação nasce a alegria!

E o mundo franqueava-lhe seus gosos,  
 Baratos de comprar, mas não bastavam  
 A' sede abrazadora desse rico.  
 Em cujo coração mais requeimavam.

## II.

Passava o rico junto ao pobre asylo  
 D'uma pobre mulher que acalentava  
 Um livido filhinho, em quanto outro,  
 Chorando, á pobre mãe pão supplicava.

No rosto desta mãe desciam gotas  
 De pranto, que é talvez refugio extremo,  
 Mas tambem o melhor, pois que esse pranto  
 Converte em alegria o Ser Supremo.

E o rico foi tocado ao vêr tal scena  
 D'amargura no quadro da pobreza!...  
 Um pensamento rapido lhe mostra  
 Extremos da miseria e da riqueza!

No regaço da pobre a mão do rico  
 Depõe, para o seu pão, ouro que avulta...  
 Eis um novo prazer de emoção nova  
 Lhe vibra o coração, e o rico exulta!

Longo tempo lhe vai suspensa a alma  
 Naquelle estranho lance de piedade...  
 Recordar-se de ouvir, quando creança,  
 Uma doce palavra — caridade!

A si próprio interroga em que ha sumido  
 O ouro abandonado ao desperdicio!  
 Tão barata virtude aquella fôra,  
 E tão caro comprára tanto vicio!!

Sereno, adormeceu; e, despertando,  
 A imagem da mulher se lhe afigura,  
 No meio de seus filhos, que sorriem,  
 Vendo a face da mãe sorrir ventura.

Vê-os fartos de pão, vê-os vestidos,  
 Com fervor infantil ajoelhados  
 Ao pé de sua mãe, que pede ao Eterno  
 Para o seu bemfeitor annos folgados.

E' novo o seu prazer! Raia a alegria  
 Naquelle coração gasto de goso,  
 Mas perfido gozar, que o fel derrama  
 Nas sensações do candido repouso.

E' novo o seu viver! Onde a penuria,  
 Envolta em seus andrjos, geme occulta,  
 Vereis a mão do rico — a mão d'um anjo  
 Seguir as expansões d'alma que exulta.

E' nova a sua esperança! Intimo senso  
Lhe diz — que não é balda a caridade;  
Estuda o Evangelho, e lá depara  
Promessas a cumprir na Eternidade.

E' nova a sua fé! Crê na virtude,  
Mas não virtude do amor proprio filha,  
Que essa, toda terrena, é vã mentira,  
Por cujo preço o amor proprio brilha.

.....

III.

E o rico foi feliz! Passou-lhe a vida  
No remanso da paz, e da ventura;  
Por fim teve oraçoens, subindo a Christo,  
E lagrimas d'amor na sepultura.

*Camillo Castello-Branco.*

(Idem).

I.

CREAÇÃO.

*In principio creavit Deus  
caelum et terram.  
GENESIS. Cap. 1.º v. 1.*

Quiz Deus, á sua voz, tirar do nada,  
Sómente em dias seis, o mundo inteiro:  
Creou o céu e a terra no primeiro,  
Quiz que a Luz se creasse, e foi creada.

No segundo formou essa morada  
Chamada firmamento; e no terceiro,  
Por seu poder immenso e verdadeiro,  
A terra dividiu d'agua salgada.

No quarto fez brilhar no firmamento  
Dois corpos luminosos, e mandou,  
Que regressem do tempo o movimento.

No quinto aves e peixes só creou,  
No sexto deu ás feras vivo alento,  
De barro a imagem sua fabricou.

II.

ADÃO NO PARAIZO — CREAÇÃO DA MULHER.

*Plantaverat autem Dominus  
Deus Paradisum voluptatis á  
principio, in quo posuit ho-  
minem. . .*

*Dixit quoque Dominus Deus:  
Non est bonum esse hominem  
solum, faciamus ei adjutorium  
simile sibi.*

*GEN. C. 2.º v. 7. 18.*

Depois do céu e terra haver creado  
O Supremo Senhor da immensidade,  
Quiz dar um testemunho d'amizade  
Ao ente racional de pó formado.

« Ahi tens um jardim, onde cercado  
« De fructos de exquisita qualidade  
(Lhe disse) « gozarás a f'licidade  
« Que para ti sómente hei destinado.

« Mas não toques no fructo prohibido,  
« Que, se'n'a tanto chegar tua ousadia,  
« Da negra morte ficarás vencido! »

Depois, vendo que o homem só vivia,  
De sua solidão compadecido,  
Deu-lhe em fim a mulher por companhia.

III.

CULPA.

*Vidit igitur mulier quod bo-  
num esset lignum ad vescen-  
dum, et pulchrum oculis, aspe-  
ctuque delectabile: et tulit de  
fructu illius et comedit: dedit-  
que viro suo qui comedit.  
GEN. Cap. 3. v. 6.*

Adão, primeiro pae da humanidade,  
A quem a mão de Deus formado havia,  
No fertil Paraizo em paz vivia,  
Cumprindo as santas leis da Divindade.

A seu lado a mulher, com lealdade,  
O preccito de Deus tambem cumpria:  
Em torno d'ambos tudo emfim sorria,  
Promettendo eternal felicidade.

Porém do Averno a serpe em raiva accesa,  
Vendo os homens gozar tão feliz sorte,  
Ciladas arma á feminil fraquesa:

Tenta d'Adão a credula consorte,  
Que, victima d'astuta subtileza,  
No pomo, que comeu, tragou a morte.

## IV.

## CASTIGO.

Ade vero dixit. . . In sudore  
vultus tui vesceris panem, do-  
nec revertaris in terram, de qua  
sumptus: quia pulvis es, et in  
pulve: rem revertaris.

GEN. C. 3. v. 17, 19.

Depois da culpa atroz, funesto crime  
A' tentação de Lucifer devido,  
Adão, de seus remorsos combatido,  
Em vão do atroz delicto a dôr exprime:

A' colera divina não se exime,  
Que Deus, em seus preceitos offendido,  
Não pôde perdoar, compadecido,  
Delictos graves contra o céu sublime.

Fulmina-lhe o Senhor justa sentença,  
Sentença, pela qual é condemnado  
A nunca mais gozar sua presença:

Sentença, pela qual fica privado  
Do gozo eterno da ventura immensa  
P'r'a qual fôra no mundo destinado.

## V.

## MORTE D'ABEL.

Cumque essent in agro, con-  
surrexit Caim adversus fratrem  
suum Abel, et interfecit eum.

GEN. Cap. IV. v. 8.

Abel, filho de Adão, sacrificava  
A Deus, que os sacrificios recebia;  
Mas o mesmo ao irmão não succedia,  
Que Deus, sendo elle mau, lh'os regeitava.

Com isto cada vez mais se augmentava  
A raiva, que o traidor n'alma nutria,  
A ponto, que tentou matar, um dia,  
A sede de vingança, que o matava.

Eis, que o impio, astuto em falsidade,  
A remoto lugar leva illudida  
A victima infeliz da atrocidade!

Ahi, sobre ella cabe mão fraticida  
Do reprobo Caim, que sem piedade,  
Sem remorsos, sem dôr, lhe arranca a vida!

## VI.

## A ARCA.

Ecce ego adducam aquas di-  
luvii super terram, et interfici-  
am omnem carnem, in qua  
spiritus vitæ est subter cælum.

Ponam que fœdus meum te-  
cum; et ingredieris arcam tu  
et filii tui...

GEN. C. VI, v. 17, 18.

Do mundo vendo Deus a corrupção,  
E as maldades, que o homem commetteu,  
Que tudo, tudo emfim se perverteu  
Té quasi á derradeira geração:

Querendo castigar a ingratitude  
Daquelles, a quem tanto protegeu,  
Em sua alta vontade concebeu  
Dos homens a geral destruição.

Mas desta lei severa exceptuou  
Noé, sancto varão, que em puro amor  
Por Deus constantemente se abrasou,

Mandando que elle fosse o constructor  
Da arca, onde a final o preservou  
Das furias do diluvio assolador.

Vieira.

(Idem).

## EXPLICAÇÃO DO NUMERO 16:

Charada — Miseria.



## Fragmentos.

## I.

**I**MAGEM, que me segues de contínuo  
 No meio d'um viver todo amarguras,  
 Qual a idéa da morte ao condemnado  
 Nos ultimos momentos.... não me fujas!....  
 Escuta-me.... Mulher, amei-te outr'ora  
 Com puro e santo amor!.. jámais no mundo  
 Alguem amou assim!... Quero-te ainda  
 Tanto, quanto te amei, que mais não posso,  
 Nem póde o coração. Ergue teus olhos....  
 Não vês na face pállida e tristonha  
 Impresso o soffrimento? Olha... estes labios,  
 Que outr'ora te sorriam com ternura,  
 São mortos! Nestes olhos, que do pranto  
 Mil vezes enxugaste, de saudades  
 Lagrimas brotam, que estancar não ouso!..  
 — Morri para a ventura ... nada sinto  
 Mais que o doce pungir de atroz *saudade*!..

Alta noite, sósinho, eu vou sentar-me,  
 Aonde tantas vezes te escutára  
 Erguendo a voz aos ceus!... Aquelles sitios,  
 Tam saudosos p'ra mim, dentro dest'alma  
 Despertam-me lembranças amargosas  
 De passadas venturas!... Quantas vezes  
 Em noites de luar, que a amor convidam,  
 Doces horas passamos embebidos  
 No lembrar grato de passados gosos!  
 —Uma tarde.. estás certa? ha já dous annos..  
 Fal-os hoje!... que a sós momentos ledos  
 Em delirio de amor juntos gosamos?!...  
 Recordas-te? Mil horas de ventura  
 Que no mais santo amor embriagados  
 Passamos tam distante deste mundo,  
 Mas tam perto do ceu, onde enlevados  
 Voáramos d'um extasis nos braços.  
 — Oh! ditosos instantes, que saudades

Me despertaes agora, lacerando  
 Meu pobre coração, que a dôr compunge!..  
 — Anjo! tu que dos ceus herdaste ess'alma  
 Tam candida, não deixes da desdita  
 Ao pezo sossobrar esta existencia  
 Que já vae succumbindo, e que tam cara  
 Te fôra n'outras eras!... N'um sorriso  
 Pódes dar-me outra vez perdida esperança  
 Que a vida me animou! D'esses teus olhos  
 Tam cheios de ternura, uma só lagrima  
 Bem póde dar-me a vida, dar-me alento  
 Que tanto necessito!... Olha, não queiras  
 Vêr tam triste morrer, e inda tam joven  
 Aquelle a quem n'outr'ora de ventura  
 Coroaste a existencia; e que te déra  
 O mais sincero amor, a fé mais pura,  
 Que jámais sentiu n'alma alguem no mundo!..  
 Anjo, eu sóffro! — meus dias vão mirrados  
 De desgostos crueis! — o mundo infame  
 Sorri-se á minha dôr, zomba do pranto  
 Que dos olhos rebenta; e tu, que outr'ora  
 Da vida uma porção déras contente  
 Por não vêr-me penar, tambem me odeias,  
 E foges de me vêr!... Cruel destino .  
 E' este que me obriga á desventura!...  
 Aquelles que eu amei fogem de vêr-me;  
 A quem peço piedade dá-me um riso  
 De escarneo, que exacerba as minhas dôres!..  
 — Anjo, de que me serve esta existencia,  
 Que arrasto entre amarguras que torturam;  
 Que sinto entre os espinhos deslisar-se  
 Da desdita cruel que rala est'alma  
 Mirrada pela dôr?! Que venha a morte...  
 Que me importa!?! Do mundo nada espero,  
 A não ser uma cruz; a campa e logo  
 Cruel esquecimento, um riso... ou nada!  
 — Mas não! Quando eu morrer — no meu jazigo  
 Eu sei que has-de uma lagrima lançar-me  
 Em paga d'esse amor, que te eu votára  
 Tam puro como est'alma, aonde existes...  
 E onde sempre amada, a tua imagem  
 Tambem ha-de seguir-me á sepultura!..  
 — Irás... irás, que eu sei, banhada em pranto  
 Pedir aos ceus por mim, que te amei tanto!..

Doce amiga, vem, ó morte,  
Vem pôr termo á minha dôr,  
Já que vivo só no mundo,  
Sem ninguem me ter amor!

Quando envolto na mortalha  
A' sepultura eu baixar,  
Anjo, vae... por alta noite  
Na minha campa chorar!

Vae... é só quanto te peço!...  
Dos homens nada terei!...  
Mas tu lembra-te um momento  
De mim, que tanto te amei!...

Será p'r'o mundo um mysterio  
A causa do meu soffrer...  
Não hei-de em vida contar-lha...  
Na morte... como o dizer!?!...

Mas tu se á campa fôres perguntar-lhe:  
Porque eu morri;  
Do sepulchro uma voz ha-de dizer-te!  
« Morreu por ti! »

Porto — Agosto 9 de 1851.

A. P. Soromenho.

### Ode Saphica.

#### O CIUME.

Depois que o sol no roxeado occaso  
Dourada luz afugentou dos montes;  
Depois que as selvas habitavam mudas  
Timidas aves;

Lá quando a lua, prateando os mares,  
Lívidos raios despedia ao mundo,  
E era d'envolta a natureza e noite  
D'hórridas sombras;

Pensei... que inferno!.. que ao teu lado vira  
Roubar-me afagos teus rival perverso,  
E a ledos risos ressover a tragos  
Sófregos beijos! !...

Minha alma embate um furacão de zêlos,  
Um mar de raivas o meu peito alaga;  
Rebento em furias, por beber-lhe em ondas  
Férvido sangue.

Exangues vozes já do peito arranco...  
E' zêlo e raiva, que o meu ser inflamma,  
Gelado o seio, não de longe antolho  
Pállida morte!

Ingrata Julia! 'inda cruel te imploro!  
Que, depois d'esse adeos p'ra eternidade,  
Um teu suspiro vae legar-me no menos  
Na ávida campa!

Braga — 1852.

*José Borges Pacheco Pereira.*

(Depois de lér alguns sonetos de Petrarcha).

Petrarcha, Petrarcha, que versos os teus!  
Que doce magia qu'encerram em si!  
Que fago, que carmes, que a mente extasiã!  
Que carmes sentidos, qual outros não vi.

A's aves, ás plantas, aos rios, aos astros  
O nome de Laura soubeste ensinar;  
E astros e plantas, regatos e aves  
Repetem seu nome sem nunca cessar.

Amor nos teus versos cantaste inspirado;  
Teus cantos voaram, subiram ao ceu,  
Que a terra era estreita, soste não podia  
Um estro de fogo, qual foi esse teu.

Petrarcha, Petrarcha, invejo os teus versos  
Que dizem, que fallam, qu'exprimeam amor:  
Que o gesto, esses olhos por ti celebrados,  
Não posso invejar-t'os, feliz trovador!

Não quero invejar-tos.. não, que outros mais bellos  
(Ventura, ou desgraça) vi eu, encontrei,  
Que excedem os de Laura, excedem e muito,  
Tanto que expressal-o, quizera, não sei.

Se Laura de Nove, de casta, formosa,  
A « Sancta » ditoso, podéste chamar,  
Ao anjo que vi, mais casto, mais bello,  
Que nome, dizei-m'o, lh'hei-de eu ora dar?

Que nome, que seja tão lindo qual ella,  
Que seja tão puro, d'amor, sem igual,  
Que exceda esse nome, que ouviram vaidosas  
A fonte Vaucluse, tornada immortal.

Que nome? Maria — o nome da Virgem,  
Formosa rainha da côrte dos ceus,  
Que exceda o de Laura, de Laura a formosa,  
Ai quanto teus carnes excedem aos meus.

S. João da Foz, 11 de Outubro de 1851.

C. Lousada.

**Improviso**

*A sentida morte do Integerrimo Juiz da Comarca  
de Lamego, e excellente Varão, José Lopes  
Monteiro, fallecido em Basto.*

Vamos lagrimas dar-lhe, encher de flores  
O mausoleo que o guarda!.. Adeus extremo  
Alli lhe vamos dar!

VELLOSO — Nen. (*Miscel. Poet.*)

Dos mortos á mansão desceu chorado  
Juiz o mais humano, o mais inteiro!  
— Já dos vivos não é, não é MONTEIRO,  
Que fôra dos varões o mais amado!

Alumno das sciencias illustrado,  
Nos usos do saber foi sem primeiro:  
— Em côrtes do progresso foi guerreiro,  
Que os livres proclamaram deputado!...

Foi perda irreparavel, perda immensa,  
Que torna a mil amigos insoffridos  
Na dôr a mais cruel, a mais intensa!...

Só nos resta chorar os restos qu'ridos:  
— Só resta lamentar a sorte infensa;  
Só nos resta ficar sempre em gemidos!!!

Braga, Outubro de 1851.

J. J. da S. Pereira-Caldas.

**POESIAS RELIGIOSAS.**

**A morte do impio.**

Que infellis é a morte dos peccadores!  
PSALM. 33.

I.

Entrae neste aposento, onde agonisa  
Um de vossos amigos:  
Dae-lhe consolações, dae-lhe conforto  
Agora... pois, manhá... que importa ao morto  
A pompa dos jazigos?!

Entrae neste aposento, onde já vistes  
O mimoso da sorte.  
Acercae-vos do leito, onde elle geme!.  
Tão forte no viver, vêde-o que treme  
Do fantasma da morte!

Apertae essa mão, que a morte aperta  
Com terrivel vigor!  
Animae-o no trance desta hora,  
Apagae-lhe esse fogo, que o devora  
Na ancía do estertor!

A cruz! mostrae-lhe a cruz! . . . . .

.....

Não existia,

Nem signal de christão!

Viveu sem Deos o impio, e na agonia,

Se o remorso lhe grita, balbucia

Sinistra imprecação!

A larva do passado a mão do crime

Ao leito lhe encaminha:

Forceja em repelli-la, e desfallece. . . .

Quer fugir-lhe... não póde, e a larva cresce,

E ao leito se avisinha. . . .

Oh! dae-lhe um sacerdote! ainda é tempo

De salva-lo, talvez! . . .

Arrancae-lhe uma lagrima dorida,

Tirae-lhe uma oração da alma perdida. . .

Pedi-lh'a inda uma vez!

## II.

Um padre entra na camara do impio,

E o impio os olhos crava apavorados

No vulto magestoso desse homem

Que junto ao leito está:

Mensageiro da morte o considera,

E não homem de Deos! impio sarcasmo

Os labios não proferem, mas da alma

Ninguém lh'o arrancará!

O padre, em cuja face irradiava

Esp'rançosa alegria, entristeceu-se,

Vendo o crime torvar aquella alma,

Revolta contra a luz!

Mas, forte da missão que o ceu lhe ha dado,

E inflamado na fé, pede aos amigos

Daquelle agonisante — o auxiliem

Trazendo-lhe uma cruz.

*Amigos...* neste lance abandonaram-no!...

*Confortos...* nem um só vindo d'amigos!...

*Amigos!* era um só na hora extrema. . . .

— O ministro de Deus!

Trazei-lhe o vosso balsamo, oh impios!

Ajudae-lhe a quebrar essas cadeias,

Que o algemam na terra, onde insultára

Tantas vezes os ceus!

A cruz da Redempção entre dous cyrios,

E um padre... eis quanto ahi ao impio resta,

No quarto, onde a final se fecha um drama

De perversas paixões!

Que importa o padre e a cruz? O moribundo

Tem dentro das entranhas um incendio,

Que as lagrimas lhe queima, e desesp'rado

Não quer consolações!

Oh! que acerbos fantasmas lhe esvoaçam

Nas sombras do clarão, que a luz derrama

Entre os torvos panaes do leito, imagem

Da eça funeral!

Oh! que imagens de virgens, que se arrastam

Cuspidas nessa fronte, onde existiram

As corôas da virtude, e hoje a deshonra

Poz ferrete infernal!

## III.

Suor de morte lhe gelara as faces,

Cavos gemidos lhe arrancava a dôr!

Joelhava o padre, soluçando a prece:

« Misericordia, compaixão, Senhor!

« Não podem homens, sem o vosso auxilio,

« Salvar um impio, que descreu de Vós!

« Cravae-lhe n'alma o pungir do crime,

« Fazei calar de Satanaz a voz!

« E' tempo ainda! inspira-me, oh anjos!

« Palavras sanctas d'incendida fé!

« Que eu vá de rastos a cumprir um voto,

« Mas salve este homem, se perdido é! »

## IV.

Lá no leito d'espinhos reluctava

A vida contra a morte, e arquejava

Saturado de fel um coração...  
 Ao impio o seu passado é tão formoso!  
 E o porvir... *para sempre*... duvidoso...  
 Que medonhos contrastes d'afflicção!

Saudades do seu berço d'innocencia,  
 Saudades das paixões, em cuja ardencia  
 A imagem do seu Deos tornára em pó!...  
 Saudades dos seus crimes e maldades,  
 Saudades do que foi... tudo saudades...  
 E esp'ranças, meu Deos!... nem uma só!

« Padre—exclama o impio—eu tenho ouro,  
 « Sou rico, dou-te bens, e o meu thesouro...  
 « E ampara-me o viver um anno mais!  
 « Não devo inda morrer! Se não me acodes,  
 « E's um fraco mortal, que nada podes,  
 « Se invocas o teu Christo entre os mortaes! »

O padre estremeceu! — nas mãos lhe treme  
 A Cruz do Salvador... e o impio freme  
 Soturnas vozes de blasfemia atroz!  
 O padre ajoelhado a Deos recorre...  
 Mas nos olhos do impio a luz já morre,...  
 E a lingua do blasfemo não tem voz!...

E o padre murmurou: « Foram contados  
 « Teus dias, infeliz! vão ser julgados  
 « Teus crimes na presença do Senhor!  
 « Alma christã, aparta-te do mundo  
 « Teu abysmo de crimes foi profundo,  
 « E' mais a compaixão do Redemptor! (1)

« Compaixão, oh Senhor, que este precíto  
 « Tem lagrimas, talvez, geme contrito,  
 « Mas queima-lh'as a dôr no coração!  
 « E' creatura vossa... foi do nada  
 « Por vossa mão santissima tirada...  
 « Reconhecei-a Vós por compaixão! » (2)  
 .....

(1) *Proficiscere anima christiana de hoc mundo.*  
 (2) *Miserere, Domine, gemituum miserere, lacrymarum ejus.*  
*Agnosce, Domine, creaturam tuam non à diis alienis creatam, sed à te solo Deo vivo, et vero.*  
 São textos da oração que a igreja applica aos ago-

V.

O padre erguera a face veneranda  
 Sobre as extremas contorsões do impio,  
 Que infundiam terror!  
 Um instante depois, o padre orava  
 Por alma do infeliz... pois só Deos julga  
 Quem é o peccador!...

*Camillo Castello-Branco.*  
 (Do Christianismo).

**Quarta feira de Cinza.**

*Memento homo ut pulvis es et in pulverem reverteris.*

Homem! pára, e os olhos fita,  
 Antes que teus passos contes,  
 Nos extremos horisontes  
 Deste caminho que vaes:  
 Vê que, ao longe, a luz se apaga,  
 Como em ceu de tôrva plaga,  
 Porque a morte lá divaga  
 Entre sombras sepulchraes!

São seguros os teus passos  
 Nas flôres do teu caminho...  
 Mas... além... pungente espinho  
 Rasgará sangue em teus pés...  
 Nos umbraes do cemiterio  
 Tem a morte o seu imperio  
 Sobre um reino de mysterio,  
 Onde tu vassallo és...

Quanto mais cego caminhas  
 Nesta estrada tortuosa,  
 Mais a morte pressurosa  
 Te disputa a escaça luz:

nisantes, indifferentemente a sanctos e impios, porque, nas apparencias da morte boa ou má, é caridade e dever do christão sujeitarmos os nossos juizos ao Juizo de Deos.

Tu não vês d'um paç amado,  
D'um irmão idolatrado  
Um sepulchro coroadado  
Pelo symbolo da Cruz!?

Vês, e passas, e deslembra  
Esse funebre moimento,  
Que te enlucta um só momento  
O prazer das vis paixões...  
Nem no morto vês o exemplo,  
Nem tocado te contemplo,  
Quando lugubres no templo  
Pelo morto ha orações!

Hontem inda te apraziam  
Os folguedos desvairados  
D'esses tempos detestados  
De maldita idolatria;  
Inda hontem palpitante  
De emoção embriagante,  
Com tregeitos de baccante  
Leda vida te corria!..

Hoje um canto tristuroso  
Vem turvar-te as alegrias...  
Cede o hymno das orgias  
A's lamentações de Job.  
Lá das regiões da morte,  
Soa um brado: « homem, que és forte,  
« Foste cinza, é tua sorte  
« Ser um dia cinza e pó! »

*Camillo Castello-Branco.*

**Salve, Rainha!**

*Ave Maria, gratia plena.*

Salve! Rainha dos ceos, astro da terra;  
No mar da vida bonançosa estrella  
D'eterna luz:  
Mãe compassiva, sêde nosso auxilio,  
Pelos trances da vossa magoa intensa  
De ao pé da Cruz.

Vida ineffavel, de delicias sancta,  
Que és nossa esperança, nosso goso eterno  
Lá no porvir;  
Os nossos brados, e suspiros d'alma  
De Deos ao throno da gloria infinda  
Fazei subir.

Vossos olhos de mãe, olhos piedosos  
Aos degradados neste amargo exilio  
Volvei clemente;  
Sêde o thesouro de infinitas graças,  
Que em nós derrame com celêstes benções  
O Omnipotente.

Do amado filho vosso, a augusta face  
Nesse da morte amargurado dia  
Nos amostrae;  
Fazei que a luz do ceo nos illumine;  
Quando as trevas da morte a nós descerem,  
Por nós rogae.

Nellas, 10 de Fevereiro de 1852.

*A. de Tavares.*

(Do Christianismo).

(Continuação do numero antecedente).

## VII.

### ENTRADA NA ARCA.

Dixit que dominus ad eum:  
Ingredere tu, et omnis domus  
tua in arcam: te enim vidi  
justum eorum me in generatio-  
ne hac.

GEN. Cap. VIII. v. 1.

Apenas na arca entrou Noé piedoso,  
A par de sua prole abençoada,  
Das nuvens grossa chuva desatada  
Tornava a terra em mar tempestuoso:

Aqui monte, que ao ceu sobe orgulhoso,  
Cedia ás furias d'agua condensada;  
Alli soberba torre era inundada;  
Além desappar'cia o cedro annoso.

Assim de Deos o braço castigava  
Da triste humanidade o crime insano,  
Que a justiça do ceu desafiava;

Sómente sobranceira a tanto damno  
Do humido elemento triumphava  
A arca, sobre as aguas do oceano.

VIII.

SAHIDA DA ARCA — IRIS D'ALLIANÇA.

*Locutus est autem Deus ad Noé, dicens: Egredere de arca, tu et uxor tua, filii tui, et uxorem filiorum tuorum tecum.*

GEN. C. VII. v. 15, 16.

Andava ha longo tempo divagando  
A arca salvadora em mar violento,  
Até que ao sôpro d'agitado vento  
D'Armenia vai p'ra os montes navegando.

Alli do corvo após Noé soltando  
Ligeira pomba, que esperou attento,  
A viu voltar, no bico a seu contento  
Um ramo d'oliveira sustentando.

Então, vendo que Deos tinha cumprido  
Promessas, que fizera, e que propicio  
Lhe estava sendo o ceu, qual tinha sido,

Em troco de tamanho beneficio  
Erige um tosco altar, e agradecido  
Off'rece a Deos solemne sacrificio.

IX.

CHAM AMALDIÇOADO.

*Evigilans autem Noé ex vino, cum didicisset quæ fecerat, ei filius suus minor, ait: Maledictus Chanaan....*

GEN. C. IX. 24. 25.

Noé com sun prole em paz vivia,  
Das terras entretido na cultura,  
Bem longe de pensar que d'amargura  
Um filho os dias seus inda encheria.

Este filho cruel, que assaz tendia  
Ao sentimento da malicia impura,  
Com riso mofador zombar procura  
Do Pae, que descomposto adormecia.

Noé sabe do filho a culpa horrenda,  
E, sem curar da dôr, que alma lhe parte,  
Lhe diz, lançando maldição tremenda:

« De filho já não posso o nome dar-te!  
« Teu crime já não póde ter emenda...  
« Serás de Deos maldito em toda a parte!

X.

TORRE DE BABEL.

*Et dixerunt: Venite, faciamus nobis civitatem et turrim, cujus culmen pertingat ad celum..... Autem Dominus dixit..... confundamus ibi linguam eorum, ut non audiat unusquisque vocem proximi sui.*

GEN. C. XI. 14. 5. 7.

Dos homens a vaidade levantava  
No meio lá d'Assyria populosa  
A Torre de Babel, que caprichosa  
Commercio ter c'os astros inculcava.

Este povo insensato alli julgava  
Do Eterno subtrahir-se á mão pod'rosa,  
Se inda outra vez a terra criminosa  
Das aguas entregasse á furia brava.

Mas Deos sorri da louca humanidade,  
E mostra que sua dextra vingativa  
Só se póde abrandar pela humildade;

Confunde-lhe a commum lingua nativa,  
E faz que esse padrão d'alta vaidade  
Mais alto não levante a fronte altiva.

Vieira.

(Do Christianismo).

#### Epigramma.

P'ra no terreno dos factos  
Ser julgada a Homeopathia,  
Em cirurgico rebolo  
Grossa navalha se afia:  
Ah! que se o bicho ergue as patas,  
Desgraçados Homeopathas!...

#### Charadas.

Archanjo do Senhor, se não é crime }  
Meu amor a teus pés depositar! } 1  
A'quella que por ti sómente vive,  
Tal nome, com razão, não póde dar.

Por ti, e só por ti, neste meu peito, }  
Meu coração o faz descompassado! } 2  
De ti, oh anjo meu viver depende,  
Minha sorte tal é, tal é meu fado!

Tanto quanto te adoro, Ente divino,  
Teu fero desamor d'alma detesto!...  
Mas inda despresada eu juro amar-te!...  
Merecer-t'a nunca mais, eu t'o protesto!...

(Ella!..)

Dest'arte Cincinnato em Roma outr'ora }  
A's messes que ceifou, prepara a terra: } 2  
— Dest'arte as horas passa, afflicto e triste, } 1  
Quem pèzo tam cruel no peito encerra. }

Columna principal das artes todas,  
Que aos povos, ás nações, dá vida e tudo,  
E' nelle em Portugal que mais carrega  
D'impostos deseguaes o pèzo rudo!

Cantei de Malaca as façanhas d'outr'ora, }  
Eterno tornando meu nobre appellido: } 1  
Em tudo me assento; e em nuvens me inrolo, } 1  
Se acaso dos ventos me vejo impellido. }

Dos entes creados um d'elles eu sou,  
Da classe terceira da serie animal:  
— D'aspecto nojento, detestam-me todos,  
Creem todos que eu tenho veneno lethal.

#### O BARDO.

Com este titulo vai publicar-se na pro-  
xima semana — um jornal de poesias esco-  
lhidas, redigido por varios mancebos desta  
cidade. Sahirá mensalmente no formato do  
= *Novo Trovador*. =

Por um anno, pago á entrega do pri-  
meiro numero, 800 reis.

Assigna-se, no Porto, na loja de Fon-  
seca, aos Caldeireiros n.<sup>os</sup> 12 e 13.

#### HARMONIAS DA NATUREZA.

#### POESIAS

DE

J. S. DA SILVA FERRAZ.

Publicou-se este volume, e vende-se no  
Porto, na loja de F. G. da Fonseca, aos  
Caldeireiros n.<sup>os</sup> 12 e 13 — preço 240 reis,  
e para os Snrs. Assignantes da *Miscellanea*,  
120 reis.



*A' horrorosa e lastimada catastrophe acontecida ao vapor = Porto = no dia  
29 de Março de 1852.*

## Ode.

**P**AVOROSO painel! quadro medonho!  
Que a vista embaça a quem o olha attento,  
Que a razão turva, e se figura um sonho  
A quem, por um momento,  
Na mente o passa, que pasmado teme.  
Erriga-se o cabello, a carne treme.

Quem pintar poderá teu negro objecto,  
Noite funesta, tenebrosa noite!!  
Com que tintas pintar teu rude aspecto?!  
Do vento o rijo agoite  
Atiçando no mar crueis furores?!  
Só tu, inferno, possuirás taes côres.

Dôr, que me ralas este peito afflicto,  
Tinge meus versos de sombria tinta,  
O terror, confusão, triste conflicto  
D'essa noite me pinta,  
Que sobre os corações entorna o lucto;  
Dirige a penna, que tambem enlucto.

Mostra como esse mar, erguendo as vagas,  
Quer as nuvens romper, fazer-lhes guerra,  
E como as nuvens, despejando as magas  
Gargantas sobre a terra,  
Vão no mar confundir agoas com agoas,  
Quebrando com horror nas duras fragoas (1).

Mostra, como essa noite, mãe do pranto,  
Essa medonha noite, se cubrira  
Desenrolando o luctuoso manto;  
Como o vento surgira  
Das antarcticas terras furioso,  
Varrendo as nossas com aspecto iroso.

(1) *Fragoas por Fragas*  
De frescos rios agoa,  
Que clara entre arvoredos se deriva,  
Cahindo d'alta fragoa.  
(Самодра — Canç. 12).

E depois, sobre o mar batendo asinha,  
As crespas ondas sem cessar irrita,  
E esse Vaso infeliz que n'ellas vinha,  
Na costa precipita,  
Contra os broncos penedos batalhando,  
Que o bojo, pouco a pouco, vão minando.

Por altos escarceus, tremendo embate,  
Vai o lenho fatal ao som das vagas,  
Range, treme, recua e logo bate  
Sobre inhospitas fragas.  
Redobra o choque horrendo, o vento é forte,  
Desconjuntam-se os paus, é certa a morte.

E quando, abrindo um rombo, deu passagem  
A's indomitas agoas, que o assaltam,  
Ei-lo sorvido já pela voragem.  
Perde o leme, e lhe saltam  
Os mastros e a enxarcia, e o bordo lança.  
Ei-lo perdido, emfim, sem esperança.

Corre tudo ao convéz, entre gemidos  
Fere a celeuma o ar, ergue-se a grita:  
*Socorro.... salvação.... somos perdidos!...*  
E a tanta gente afflicta  
Não se prestam auxilios, não soccorrem  
Os miseraveis que presentes morrem!

Mas tu, mancebo cujo peito humano,  
Te dá lustre e nobreza, assignalando  
Tua alma grande com pensar sob'rano,  
Tu, sim, que despresando  
Os perigos a prol da humanidade,  
Levaste a nobre acção á eternidade.

De ti, ó Brown ousado, sempre afasta  
A vil soberba, que os mortaes abate;  
Eis o elogio teu — és homem — basta.  
Não tens peito onde bate  
De pedra um coração, onde resvala  
Gemido afflicto que uma vida exhala.

Mas se houve monstro, que impassivel viu  
(Parece incrível) naufragar os tristes,

E por capricho vão não lhe acudiu,  
 O' monstro, como existes?...  
 Remorsos infernaes não roem e ralam  
 A tua consciencia, e não te abalam?

Alli, á vista sua, um filho caro  
 Vê perder, sem valer-lhe, um pae querido:  
 Lá vê morrer seus paes, seu dôce amparo,  
 Um filho estremecido.  
 De lá chama o amigo ao seu amigo,  
 Para valer-lhe no presente p'riego.

Alli um pae se vê, cuja existencia  
 Com duas tenras filhas repartira;  
 Diante a morte vê, vê a innocencia  
 Aos lados, e suspira.  
 Esperança não ha para um pae terno;  
 Agora só no ceo, junto ao Eterno.

Com essas innocentes abraçado,  
 Lucta com outro mar de paixões cruas;  
 Não quer salvar-se a si, sem ter salvado  
 As caras filhas suas.  
 O amor paternal vence o da vida,  
 E succumbem, por fim, na anciada lida.

O soberbo oceano, incompassivo,  
 Com medonho rugir espuma iroso.  
 Não reprime o furor, antes altivo  
 Se torna furioso.  
 E os gemidos de tantos, que luctaram,  
 No pelago profundo se abafaram.

Mais não, ó dôr, mais não, não dilaceres  
 Meu triste coração com taes horrores;  
 Com taes recordações minha alma feres.  
 Socega os teus furores.  
 E já que foi de DEUS esta a vontade,  
 O descanso lhes dê na Eternidade.

*Augusto Luso.*

(Do E. P.)

**Aquella que eu já amei.**

Well! we have passed some Lappy hours!  
 BRAON.

Porque abaixas os teus olhos,  
 Encontrando-se c'os meus?  
 Já não vês em mim o anjo?  
 Tambem eu em ti não vejo já meu Deus.

São esses aquelles olhos,  
 Que, movidos com langôr,  
 Dardejavam na minh'alma  
 Tantos raios da celeste luz de amôr?

Esses labios, ora mudos  
 Já se abriram para mim...  
 Que palavras!... e que beijos!...  
 E eu tam louco que pensei não terem fim!..

E tu córas... mas diff'rente  
 Era o teu córar de então!  
 Hoje córas de receio,  
 E córavas nesse tempo de emoção!

Que receias? que meus labios  
 Achar possam uma voz  
 Que revele esse tormento,  
 Que causaste c'um capricho tam atroz?

Que receias? que meus olhos,  
 Extincto o fogo de amor,  
 Acendesse o fogo da íra,  
 E um remorso te inspirassem roedor?

Talvez temas que inda louco,  
 Outra vez rojando o pó,  
 Como rojou meu orgulho,  
 Vá pedir-te que hoje tenhas de mim dó!

Nada temas!.. nada os labios,  
 Nada os olhos te dirão...  
 Queixar-se-hia pobre rosa  
 Pela téres desfolhado?.. certo, não.

Não tens de que ter remorsos!  
 Pódes quieta dormir!..  
 Que o poeta vele embora,  
 Mas a insomniã a ti murchára-te o sorrir!..

Compaixão pedir?.. foi tempo!..  
 Antes quero o teu desdem!..  
 Nem eu sôffro!... adormecia...  
 Despertaste-me, mulher... fizeste bem!

E demais... pouco differem  
 Sentimentos, que te eu dei,  
 Dos que por ti sinto ainda ...  
 Só então dizia-te « amo », e agora « amei. »

Agosto 1851.

*Silva-Ferraz.*

o protesto d'amor.

Quand ta voix meurt dans mon oreille,  
 Mon âme résonne et s'éveille,  
 Comme un temple à la voix de Dieux.  
 LAMART. Med. 24.

Quando as dos sec'los impetuosas ondas  
 Por sobre a minha lousa, e sobre a tua,  
 Julia, correrem.... tendo Phebo ardente  
 Annos sem conto mergulhado o oceano,  
 E vezes outras mil dobrado a aurora  
 D'espéssas trevas o sombrio manto,  
 Rubra espargido em perolas o orvalho  
 Sobre a relva das campas, sobre o lirio  
 De margem do regato; e em furia Thetis  
 Nas entranhas tragado em seus abysmos  
 De victimas mil e mil; então Philinto  
 Será a historia tua a voz — o oraculo,  
 Que 'amar ensine: os teus suspiros férvidos.  
 Ternas lições d'amor, que leve o amante  
 Nectar dos deoses a sorver nos labios  
 Da amante a suspirar. Delirios loucos  
 Magica embriaguez alli se aprende;

Pede-se a morte, p'ra viver delicias —  
 Essa vida d'amor, que abrange um sôpro —  
 D'um ai o espaço... amor — o ceo dos gosos,  
 Que enche do coração d'alma os vazios,  
 E tudo, pois que tudo nos retrata  
 Do amor a imagem terna e nos acorda  
 N'alma desejos mil. O mundo inteiro,  
 E soidão, e presença e ausencia amarga,  
 Tudo o que nos rodêa, o templo santo  
 O altar sagrado, e seus mysterios.... tudo,  
 Ah! tudo d'esse d'amor nos prende a idéa!..  
 Mas o amor de Philinto 'inda mais louco,  
 Que de Dido o amor por Teucro chefe;  
 Mais extremoso, que esse amor tão celebre  
 De Heloisa e Abeilard — Virginia e Paulo,  
 Da filha de Nereo... ah, sim... é este  
 Que no mundo sem par dentro em seu peito  
 P'ra sempre, ó Julia, te consagra o triste.

Braga — 1852.

*José Borges Pacheco Pereira.*

A. A. A. e C.

Sacrifiquei-te todas as minhas  
 alegrias .....  
 agora espero minha recompensa.  
 SCHILLER — *Resignação.*

Tu amas-me, virgem? — Disseste que sim,  
 E só por ouvil-o minh'alma te dei,  
 Sagrei-te affeição que jámais terá fim,  
 Meus castos affectos aos pés te poisei.

Abri-te meu peito — ardendo em amor,  
 Mostrei-te o que dentro palpita por ti,  
 Eu vi-te nas faces virgineo rubor,  
 Affavel sorriso nos labios te vi.

Córate, porque! — tu, candida virgem,  
 Sentiste no peito o amor a ferver,  
 Sorriste, porque? — porque em dôce vertigem,  
 Tua alma innocente sentiste envolver.

Tu amas-me, virgem? — Disseste que sim,  
 Acaso teu peito diria que não?  
 Não mentem teus labios de lindo carmim?  
 Viria do peito tam maga expressão?

Outr'ora minha alma, inda pura e ardente  
 Podia fiar-se em palavras d'amor;  
 Mas hoje não posso, porque cruelmente  
 O mundo esfriou-me dest'alma o ardor.

Oh, deixa, donzella, teu pudico pejo,  
 Se queres provar que só amas a mim,  
 Que eu quero poisar-te nos labios um beijo,  
 Em que libar possa delicias sem fim.

E.

---

**Soneto.**

*Costumei-me a soffrer, já me não custa.*

D'espinhos tive o peito já cravado,  
 A ausencia me opprimiu a alma saudosa,  
 Gemi sósinha — triste, lacrymosa,  
 Sem nunca contra a sorte erguer um brado.

Meu coração afflicto e anciado,  
 Consolação não teve esperançosa,  
 Entre inconstancia e amor já duvidosa  
 Meu peito de afflicções vil lacerado.

Fere-me sem cessar, oh sorte crua,  
 Que ha muito tempo já que não me assusta  
 Tua fereza, a crueldade tua.

De meu constante amor é pena justa,  
 Inda que ao peito mortal dôr reflua,  
*Costumei-me a soffrer, já me não custa.*

A. A. A. e C.

---

**A terra do meu natal.**

Quem não ha-de amar Coimbra,  
 Nobre liça do talento,  
 Rico, patrio monumento,  
 Coração de Portugal?  
 Quem não sente amor ao vê-la  
 Levantar-se caprichosa  
 A mirar-se como a rosa  
 No *Mondego* de crystal?

Aqui vò a genio livre,  
 Tem os eccos melodia,  
 Tem as almas sympathia,  
 A vida prazer real.  
 Como a mãe sobre o seu filho,  
 Põe aqui a patria os olhos;  
 Neste chão limpo d'abrolhos  
 Medra a planta social.

Formosa Cintra aprazivel,  
 Risonhas margens do Lima,  
 Vosso encanto, vosso clima,  
 Vosso orgulho nada val:  
 Pelo seu vasto horisonte,  
 Pelas fontes e verdôres,  
 Pelo ceu todo d'amores  
 Coimbra não tem rival.

Eu deixo por ella Cintra,  
 Deixo o Lima bem-fazejo,  
 Que o *Mondego* vence o Tejo,  
 Vence Coimbra a Capital,  
 Só não deixo por Coimbra,  
 Nem m'esquece no *Mondego*,  
 Uma só terra = Lamego, =  
 A terra do meu natal.

A. T. Barbosa.

(Do Iris.)

---

**A Salineira.**

Eu sou filha d'um pobre marnôto,  
E nasci cá nas praias do mar;  
O meu berço era a prôa d'um barco,  
E dormia do Norte ao soprar.  
Ai! que lindo não era o meu barco,  
De travesso na ria a saltar!

Fui crescendo, crescendo, e contava  
Já doze annos em certo verão,  
E meu pae então disse: Maria  
Vem comigo ajudar teu irmão.  
Tu já és mulherzinha, já pódés  
Ajudar na marinha — pois não!

E eu saltava d'alegre e contente,  
E lhe disse: meu pae vamos lá!  
Eu já sou mulherzinha, já posso  
Ajudar meu irmão, e verá.  
Olhe que eu tenho força bastante,  
E já posso pegar n'uma pá.

E meu pae foi á loja comigo,  
Foi comprar-me a canastra do sal,  
Tão polida, tão branca, e tão linda!  
Parecia-me um berço real!  
Esse dia p'ra mim foi de festa,  
Foi de festa melhor que o Natal.

E cá vim trabalhar p'ra a marinha!  
Já seis annos cumpridos lá vão!  
Ha que tempos eu sou salineira,  
Ajudando meu pae, meu irmão!  
O nordeste tornou-me trigueira,  
Calejou-me a canastra na mão.

Ai! Jesus, mas a mim que m'importa,  
Se esta vida se vive a folgar!  
Meia noite bateu! leva a cima —  
Lá vai tudo de noite a saltar!  
E que lindas não são estas noites  
Nas marinhas d'Aveiro ao luar!

Sou trigueira, ando pobre, e descalça:  
— Eu conheço o que sou — Inda bem!  
Mas bem ouço os rapazes da terra:  
« Que travessos os olhos que tem. »  
E bem sei que meus olhos são lindos,  
Mas são só de...quem são; — mais ninguém.

Andam nós os meus pés na marinha,  
Andam nós, e cortados do sal:  
Mas são elles informes e grandes?  
E parecem talvez muito mal?  
Vai lá ter c'o as cachopas de fóra,  
Vê se encontras por lá pé igual.

Pobrezinhas das damas da terra,  
Quando eu quero trajar de função!  
Quando visto o meu fato de panno,  
Tenho dó das senhoras então!  
A tricana é o enlevo dos olhos,  
A tricana é que inspira paixão.

Mas não gosto d'andar opprimida  
N'esses fatos do luxo, — não eu. —  
— Nada, nada, — cá vou p'r'a marinha: —  
E' aqui que se vive no ceu;  
Estes montes de sal pequeninos  
Ninguem sabe estimal-os como eu!

Vinde cá, raparigas e moços,  
Vinde cá, dêmos todos a mão;  
— Esses bailes e danças fidalgas  
Ao pé d'estas não prestam, pois não!  
O viver é dançando na eira  
Cana verde, ai Jesus, Marião.

*Bernardo de Magalhães.*

(Do C. do V.)

**Pensamento de Outomno.**

Vês, Angela, aquella folha  
Resistindo ao vendaval  
Que já de outras folhas sêccas  
Semeou todo esse val?

E a coitada treme — hesita ...  
 Mas enfim ei-la que cée  
 Desprendida do seu tronco,  
 A' mercê do vento vae.

Assim quando te eu vi, Angela,  
 Hesitei, quiz resistir  
 Ao podêr dos teus encantos,  
 Ao teu mágico surrir.

Foi em vão .... tu triumphaste,  
 Teu cativo sou alfim...  
 Tu, formosa vencedora,  
 Sê benigna para mim.

*Silva-Ferraz.*

#### Soneto.

Tam bella, quanto pôde imaginar-se.  
 CAMÕES.

Quando busco, p'ra allivio desta dôr,  
 Em lembranças de outr'ora a flicidade;  
 Não tenho de que ter uma saudade...  
 Foi todo o meu passado um dissabôr.  
 Se uma estrella de vívido esplendôr  
 Brilhou do meu viver na escuridade,  
 Foi p'ra sumir-se, e em êrma soledade  
 Deixar-me esta alma, a duvidar do amôr...  
 E tambem da ventura... que á luz viva  
 Comparo dessa estrella fugitiva...  
 Que eu creio em sonhos só poder gosar-se.  
 Para o poeta só seria dôce  
 O existir — o viver, se a vida fosse  
 Tam bella, quanto pôde imaginar-se.

È loucura!..

(A.....?)

Donzella, p'ra que disseste  
 Que não tenho coração?...  
 E se o tenho, que não tenho  
 Dentro d'elle agra paixão?..

P'ra que disseste tambem,  
 Que não ha quem saiba amar?  
 Que amor firme em peito d'homem  
 Jámais se pôde encontrar?

Oh! diz-me de que te serve  
 Esse teu louco descreer?  
 De que te serve o negares,  
 Se p'ra amar tens de viver?

S'eu não soubesse, donzella,  
 Nos teus lindos olhos lêr;  
 Oh! talvez acreditasse  
 Esse teu louco descreer....

Mas já sei, que m'o ensinaram  
 Elles mesmo n'um volver!..  
 Isabel, é pois loucura  
 Tues loucuras me dizer!..

Fevereiro de 1852.

*Moutinho.*

#### A VOZ DOS FINADOS.

Quand la cloche des ténèbres  
 Balance ces glas funèbres,  
 La nuit, através les bois,  
 A chaque vent qui s'élève,  
 A chaque flot sur la greve,  
 Je dis: N'est tu pas leur voix?

LAMARTINE.

Calam as aves nos bosques,  
 Desliza em silencio o rio,  
 E, qual lampada funerea,

N'um templo immenso vazio,  
Dormita o sol entre nuvens  
No horisonte sombrio.

Encobre um véo de tristeza  
A cidade, o monte, o prado;  
Tudo é mudo; apenas se ouve  
Grave, lugubre, pousado  
Gemer no alto das torres  
Augusto bronze sagrado.

\*

Silencio! — não ouvis em cada nota  
Dos funebres signaes  
Um intimo lamento, um ai immenso,  
Composto de mil ais!

Cada dobre, que ouvis, não vos semelha  
Um lugubre gemido,  
Que o echo das montanhas balbucia  
Lacrimoso e sentido?

A cada voz, que solta o bronze augusto  
Solemne e magoado,  
Não adeja nas azas do nordeste  
Um soluço cortado?

Em cada som d'aquelles não revôa  
Um assomo profundo,  
Um brado agonisante, o adeus supremo  
D'uma existencia ao mundo?

Silencio! — não ouvis em cada nota  
Dos funebres signaes  
Um intimo lamento, um ai immenso,  
Composto de mil ais?

\*

Ouvistes... é dos finados  
A rouca, funérea voz,  
Que nos diz — « O' pó dos vivos,  
Busca o pó dos teus avós. »

Eia... que os mortos vos chamam,  
Vivos, segui-me o exemplo,  
Que o bronze triste e solemne  
A todos vos chama ao templo.

Arreatados na vida  
Pelo tufão do presente  
Ide sagrar ao passado  
Um curto instante sómente.

Deixai da festa os sorrisos,  
De gala despi as vestes,  
Trocai o culto das rosas  
Pelo culto dos cyprestes.

Tange o sino; é dos finados  
A rouca, funérea voz;  
Pó animado dos vivos,  
Busca o pó de teus avós!

\*

Segui, segui a voz que vem dos campos,  
Correi, vivos, correi,  
E a divida sagrada, que vos lembra,  
Solvei todos, solvei.

Os templos enluctados vos esperam,  
Ide carpir, orar,  
Que o tributo das preces e do pranto  
E' facil de pagar!

A. Lima.

(R. P.) — 1849.

## POESIAS RELIGIOSAS.

Deos.

Benedictus Dominus, Deus Israel.  
Ps.

Sentado sobre o cimo da montanha,  
Em extasis de amor, lá junto aos ceos,  
No rouco trovejar da tempestade  
Eu ouço-te, ó meu Deos!

Escuto a tua voz meiga e piedosa  
Na branda aspiração do fim do dia;  
E no limpido arroyo que saltita  
Com múrmura harmonia!

No manto recamado com que adornas  
O campo onde a sorrir passeia a lua;  
No prado, que tapizam lindas flôres,  
Eu vejo a imagem tua!

No rijo embate de espumantes vagas,  
Que anciosas luctam n'um cruel gemer;  
No medonho estampido da procella  
Adoro o teu poder!

Eu ouço os hymnos teus no som cadente  
Da fonte, que burbulha entre o rosal,  
Casando-se aos gorgeios da aveinha  
No canto matinal!

Todos... todos te louvam, e bemdizem  
Em canticos; a terra, o mar e os ceos!  
E d'alma e coração, bem mais que o mundo,  
Eu amo-te, ó meu Deos!...

22 de Março de 1852.

A. P. Soromenho.

#### Oração á Mãe de Deos.

Rosa, na terra plantada,  
Entre espinhos e abrolhos,  
Volve a mim d'essa morada,  
Onde foste arrebatada  
Os teus compassivos olhos!

Vê, Senhora, que eu hei posto  
Só em ti a minha esp'rança:  
Se de mim foge o teu rosto,  
Eu não fujo ao meu desgosto,  
Que bem rapido me alcança.

· Invoquei-te na tristesa  
Do meu tão penoso exilio;  
Dentro em mim senti accessa  
Uma luz, cuja vivesa  
Era a fé no teu auxilio.

Desde então, mal sinto as dôres  
De quem fui escravo já...  
Busco os dons animadores,  
Mando ao céo os meus clamores,  
E o céo graças me dá.

Mãe dos orfãos desvalidos  
A ti devo quanto alcanço;  
Mudos foram meus gemidos...  
São meus dias succedidos  
Nas doçuras do descanso.

Mas se o teu divino amparo  
Me abandona um só instante,  
E' então que em mim reparo,  
E as fraquezas só deparo  
Do peccado triumphante.

Um momento nesta vida  
Não me deixe o teu amor!  
Faz do fraco um homem forte,  
E por mim pede na morte  
Na presença do Senhor!

24 de Março.

Camillo Castello-Branco.

(Do C.)

#### O BARDO.

Publicou-se o 1.º numero deste Jornal.  
Contém excellentes poesias dos Snrs. Faustino Xavier de Novaes, Antonio Pereira da Cunha, D. João d'Azevedo, Antonio Pinheiro Caldas, &c. &c.

Assigna-se em casa de Fonseca, aos Caldeireiros n.º 12. — Por anno 800 reis.

#### EXPLICAÇÃO DO NUMERO 18:

Charadas — 1.ª Repulsa — 2.ª Lavrador —  
3.ª Sapo.



## A Paixão:

**H**OMEM, tu que só deploras  
 Cá na terra o teu soffrer,  
 Tu que amargamente choras  
 As torturas do viver,  
 Cobre a face de vergonha!  
 Não a mostres mais tristonha  
 Ante a face do teu Deos!  
 Também Elle veio á terra,  
 E soffreu mundana guerra  
 Elle — o filho lá dos ceos!

Eis do ceo patente a entrada!  
 Cristãos! o exemplo segui!  
 Na terra é curta a morada,  
 Que importa soffrer ahí?!  
 Apurae na dôr vossa alma,  
 Que da Gloria a excelsa palma  
 Vos aguarda triumphal.  
 Gloria a Deos! que por tormentos  
 Que apenas duram momentos  
 Nos dá gozar eternal!

Gloria a Deos! que quiz na terra,  
 Como nós, também viver!  
 E nos ensinou na guerra  
 Das paixões como vencer!  
 Gloria a Deos que a humana sorte  
 Partilhou, buscando a morte  
 Lá nos braços de uma cruz!  
 Gloria á Cruz, 'sperança qu'rida  
 Onde nós achamos vida,  
 Onde a morte achou Jesus!

E morreu! — e a natureza,  
 Nesse instante de pavôr,  
 Trajou lutto de tristeza,  
 Gemeu com seu Creadôr!  
 Perguntou a Deos o Oceano,  
 Se esse mundo deshumano  
 Conviria submergir!...  
 E o sol que se escondeu logo  
 Tentou com nuvem de fogo  
 Nova Sodoma punir!

\*  
 Cristão, traze á memoria  
 A morte do teu Deus.  
 Elle dará em paga  
 A morte aos crimes teus.

2.<sup>a</sup> collecção.

E a santa Cruz adora  
 Onde Jesus morreu;  
 A cruz, que diz 'sperança!  
 Apontando para o ceu;

A cruz, que, abrindo os braços  
 A todo o que tem fé,  
 Diz que amor — caridade  
 Preceito de Deos é.

1852.

S. — F.

## Os sete Psalmos penitenciaes.

## I. (\*)

*Domine ne in furore tuo. (Ps. 6.)*

Senhor! não accuseis os meus delictos  
 Em o vosso furor!  
 Inflammado nas iras da justiça,  
 Não olheis para mim, que sou um fraco  
 Bem digno de dôr!

Meu coração tremeu, senti meus ossos  
 Vergarem d'afflicção!  
 Enluctaram minh'alma os véos da morte,  
 Do estrado da miseria, oh Deos! pedi-Vos  
 Amor, e compaixão!

Voltei, Senhor, voltei olhos divinos...  
 Voltei-os para mim!  
 Quebrai estes grilhões, que me angustiam!...  
 Se desço impenitente á sepultura...  
 E' perdição sem fim!

Ralado entre as mãos do meu remorso  
 Cancei-me de chorar!  
 De lagrimas lavei meu leito acerbo,  
 Meu leito, não... o estrado em que me prostro  
 Sem repouso encontrar!

Ludibrio d'inimigos meus, e Vossos,  
 Meu Deos, eu fui aqui!  
 Apagaram-me a luz do entendimento...  
 Fizeram-me infeliz... cercado d'impios  
 No crime envelheci!

(\*) David, vexado por Saul até lhe ameaçar a morte, nada teme, confiado no soccorro de Deos.

ABRIL — 1852.

NUM. 20.

Apartai-vos de mim, homens do crime!  
 Malditos do Senhor!  
 Confundi-vos, córai, turvai-vos, impios!  
 Que eu, nos transes da dôr, chorei, e o Eterno  
 Ouviu o meu clamor.

## II. (\*)

*Beati quorum remissa sunt iniquitatis*  
 (Ps. 31).

Felizes são aquelles, cujos crimes,  
 Cobertos pelo véo da contrição,  
 Desarmaram o braço vingativo  
 Das iras do Senhor, com seu perdão!

Venturoso aquelle, que não teme  
 A sentença fatal do extremo dia,  
 E, contente de si, marcha seguro  
 Com a mente no ceo, á campá fria!

Tive crimes... calei-os... meu silencio  
 Gemidos me arrancou do coração;  
 Meus ossos se mirraram; noite e dia,  
 'Sperei ouvir do ceo a maldição!

O alento, que tinha, entre agonias  
 Pouco e pouco, Senhor, então perdi;  
 Mas sempre a mesma dôr, e o peso immenso  
 Da vossa mão, Senhor, em mim senti.

Confessei meu peccado, e ousei pedir-vos,  
 Com lagrimas contritas, compaixão...  
 Meu Deos! vós perdoastes! como é grande  
 A vossa magestade no perdão!

Quando o justo se prostrá em vossas aras,  
 E vos ergue oração cheia d'amor,  
 Que importam do diluvio as ondas torvas,  
 Que não podem turvar-lhe o seu fervor?!

Vós sois o meu refugio nas tórturas  
 Com que o espectro da culpa me angustia;  
 Protegei-me dos impios, que me cercam,  
 Vós, que sois o meu Deos, minha alegria!

(\*) David enfermo, e pedindo perdão a Deos,  
 dá-lhe graças pela remissão de seus peccados; e,  
 instruído por Deos, se converte a melhor vida.

Senhor! vós me dizeis: « Eu quero dar-te  
 « Um novo entendimento, e nova luz;  
 « Não mais desviarei meus olhos ternos  
 « Da estrada, que da terra ao ceo conduz.

« Não queiras imitar a fera livre  
 « Que freio não consente, e da razão  
 « E' cega ao resplendor, e, cega, estala  
 « As bridas d'impotente sujeição.

Ai de ti, peccador! que immensas mágoas  
 Teu peito hão-de um dia lacerar,  
 Se esp'ranças no Senhor, não tens alguma,  
 Que possa o teu morrer suavisar!

Oh justos! transportai-vos d'alegria,  
 E em jubilos infindos do Senhor!  
 Cantai a sua glória, oh vós, que tendes  
 Um recto coração, rico d'amor!

## III.

*Domine, ne in furore tuo...* (Ps. 37).

Traspassado foi meu peito  
 Das vossas sétas, Senhor!  
 Não me accuse a vossa ira  
 Suspendei vosso furor.  
 Eu trepido ante meu crime,  
 Quando vossa mão me opprime  
 E entorpece os membros meus;  
 Curvo a fronte criminoso,  
 Sob a mão peccaminosa,  
 Que me priva olhar os ceus.

Eu perdi a luz do goso  
 Quando o manto da agonía  
 Me toldou com negra dobra  
 Em minha face a alegria.  
 Eu sou réo! deixei vencer-me  
 De illusões... senti perder-me  
 Nesse mar da corrupção...  
 Fel amargo circulou-me  
 Nas entranhas, e ulcerou-me  
 O turvado coração.

Submerso em meus pesares  
 Vi-me só, triste, peregrino...  
 Eu provei quantas miserias  
 Traz consigo o desatino;  
 Sem esp'ranças, já perdido,  
 Meu gemer era um rugido

Na final humilhação;  
Minhas forças alquebradas  
Succumbiram, devoradas  
Pelo fogo da afflicção.

Oh meu Deos! os meus desejos  
E motivos de amargura,  
Bem os vêdes neste pranto,  
Que me sáe da alma escura.  
Perco a luz do entendimento,  
Paralyza o sentimento,  
Sinto o coração arfar...  
Os parentes, os amigos  
Todos são meus inimigos,  
Nem um só p'ra me amparar.

Houve alguns, que inseparáveis  
N'outras eras eu julguei,  
Esses mesmos... conspiraram  
Contra mim, porque pequei...  
Buscam uns tirar-me a vida,  
Com violenta mão, tângida  
Pela fraude, e por traição;  
Outros... erros nem sonhados  
Vão buscar nos meus passados  
Dias d'amarga afflicção.

Minha voz não solta o peito  
Contra injurias tão atrozes;  
Sou qual homem que não ouve,  
Ou se entende, não tem vozes!  
Soffro, mas minha innocencia  
Vêde-a vós, Deos de Clemencia,  
Para dar-me protecção;  
Crimes... tenho — eu proprio o digo —  
Mas não delles... o castigo  
Ha-de vir da vossa mão.

Para a dôr 'stou preparado,  
Não a esqueço um só instante...  
Vejo-a sempre, e meu remorso  
Sinto-o acerbo, e penetrante.  
Os que a raiva me professam  
Vivam, sim, embora cresçam  
Eu não temo o seu furor!  
Quando mau, foram-me amigos,  
Conspiraram-se inimigos,  
Quando a vós bradei, Senhor!

Senhor! elles que importam? sou ditoso  
Com o vosso amparo, e protecção!  
Não tardeis o soccorro a quem vos pede,  
Senhor! misericordia, e salvação!

IV. (\*)

*Miserere mei Deus, secundum  
magnam misericordiam tuam.*  
(Ps. 50.)

Sois tão grande, meu Deos, em piedade!  
Que eu ousou para mim pedir clemencia!  
Compaixão para mim! para os meus crimes,  
E as maculas da minha iniquidade  
Apagai-m'as, Senhor!

Lavai-me as nodoas de pungentes erros!  
O impuro coração, sêde do crime,  
Meu pranto amargurado o purifique.  
Reconheço, Senhor, minhas maldades,  
Eu pequei contra vós!

Diante de meus olhos vaga sempre  
O torvo espectro do peccado horrendo,  
Que, na vossa presença, perpetrára,  
E que um dia será, em vossos juizos,  
O meu accusador!

Das entranhas nasci da iniquidade,  
Na culpa me gerou quem me deu vida;  
Mas vós, Senhor, que sois luz de verdade,  
Um raio de sciencia em minha alma  
Mandastes penetrar.

Minh'alma borrifai co'as aguas doces  
Da vida e do perdão, e, mais que a neve,  
Meu turvo coração será na alvura;  
Palavras d'alegria, se m'as derdes,  
Meu corpo exultará.

Esquecei do passado os meus delictos,  
Não olheis o que eu fui: um novo alento,  
Um novo coração com santo zêlo  
Propenso para o bem, para a virtude,  
Meu Deos, em mim creai!

De mim não aparteis a vossa face,  
Nem d'alma a inspiração d'um santo alento.  
O jubilo saudavel de adorar-vos,  
Senhor! restitui-m'ò, e os dons proficuos  
Da graça em mim confia.

(\*) Este psalmo é opinião que fôra composto  
por David, quando, reprehendido pelo propheta  
Nathan do crime de adulteria e homicidio, se sen-  
tiu vivamente contrito, e procurou alcançar o per-  
dão do Senhor.

Farei que os ímpios saibam adorar-vos,  
Convertidos a vós... Mas perdoai-me  
As insanas paixões do meu passado...  
Que eu possa exclamar vossa justiça  
Egual á compaixão!

Abri, Senhor, meus labios! santos hymnos  
Meus labios cantarão em honra vossa!  
Victimas não quereis, nem holocaustos,  
Mas coração contrito, humilde, e recto  
Senhor! eu vos darei!

A benção derramai sobre as ruinas  
Da luctuosa Sião, que a face esconde  
No véo das amarguras do seu crime!  
Em seus altares, depois, puras offeras,  
Meu Deos! acceitareis!

## V. (\*)

*Domine, exaudi orationem meam.*  
(Ps. 101).

Attendei ás minhas preces,  
Chegue a vós o meu clamôr;  
Não se esconda a vossa face,  
Quando eu choro a minha dôr.

Os meus dias foram fumo,  
Os meus ossos se myrraram,  
Como a flôr em sêcco estio,  
Como as hervas, que murcharam.

Despresei vossos preceitos,  
Abracei-me á afflicção;  
Dos gemidos meus a ardencia  
Ressequiu-me o coração!

Eu vaguei, ave da noite  
Nos desertos, triste, e só;  
Não achei um doce abrigo,  
A ninguém inspirei dô!

Perseguram-me, inimigos,  
Os que d'antes me louvaram;  
E d'opprobrios insultantes  
Contra mim se conjuraram.

(\*) Os padres consideram este psalmo, deprecatorio e prophetico, como uma oração de Christo pelo estabelecimento da sua Igreja. S. Paulo (Epist. aos heb.) applica ao mesmo Christo os versos 26, 27, e 28, em prova da sua divindade. Na maioria das opiniões, este psalmo é de Daniel, Jeremias, ou outro qualquer propheta, durante o captivo.

O meu pão amargurado  
Com meu pranto humedecia,  
E as lagrimas da angustia  
Misturava ao que bebia.

Vós me haveis exaltado  
Ao fastigio da grandeza;  
E, forçado por meus crimes,  
Me langaste na pobreza.

Os meus dias foram sombra  
N'um instante esvaecida;  
Como arbusto aos pés calcado,  
Eu julguei a minha vida.

Mas, Senhor, o vosso nome  
Vai á extrema geração!  
Hei-de vêr-vos inda um dia  
Condoído de Sião.

E' já tempo de piedade,  
Soccorrei-a, oh Senhor!  
Venham reis de toda a terra  
Lá cantar vosso louvor!

« A' voz do Eterno, Sião ergue-se activa;  
« As glorias do Senhor nella fulguram!  
« Os humildes no ceo a Deos procuram,  
« E Deos escuta o som do seu chorar!

« Este canto de gloria  
« Vá ao fim das gerações,  
« Venha o povo então cantar  
« Ao Senhor santas canções.

« Das alturas do ceo divinos olhos  
« Desceram para a terra, onde gemiam,  
« Captivos em grilhões, os que se viam  
« Salpicados do sangue de seus paes.

« Juntem-se os reis e os povos  
« Sirvam juntos o Senhor;  
« Cantem-lhe hymnos festivaes,  
« Em perfumes de louvor!

« No transe da amargura o povo exclama:  
« Senhor! não nos chameis antes do dia  
« Em que seja quebrada a algema impia  
« Da nossa lamentosa servidão!

« Vós, Senhor, creaste a terra,  
« E creaste os altos ceus,  
« Resgatai tambem Sião,  
« E os tristes filhos seus!

« A mão do tempo passará terrível  
 « Sobre o imigo cruel da patria cara;  
 « A mão que o ceo, e a terra, e o mar creára,  
 « Não ha-de em seu auxilio perecer!

« E os filhos destes servos  
 « Que são vossos, oh Senhor!  
 « Hão-de um dia ainda ter  
 « Um repouso durador. »

VI. (\*)

*De profundis clamavit ad te Domine. (Ps. 129).*

D'este abysmo profundo, em que me vejo,  
 Recorro a vós, Senhor!  
 Meus gemidos ouvi, prestai ouvidos  
 A' voz do meu clamor!

Meu Deos! se a nossos crimes attendesses,  
 Quem é que existiria?  
 Na vossa compaixão, e lei da graça  
 E' que o homem confia.

O povo israelita em Deos espera  
 Durante a noite e o dia;  
 A luz da redempção, que em Deos existe,  
 A todos alumia.

Hoje chora Israel passados erros,  
 E um dia sorrirá;  
 Que as nodosas de seus crimes o Altissimo  
 Um dia lavará.

VII. (\*\*)

*Domine exaudi orationem meam:  
 auribus percipe observationem  
 in veritate tua. (Ps. 142).*

Deos piedoso, minha prece escuta!  
 Deos de verdade, meu clamor attende!  
 Deos de justiça, esta oração me ouvi...  
 E julgai-me depois!  
 Não gosa um justo só vossa presença  
 Sem vossa compaixão! Nós somos homens...  
 Sujeitos ao peccado... ha só um justo,  
 Só vós o justo sois!

(\*) O povo d'Israel, dorido de seus males, confessa os seus crimes, e supplica a misericórdia do Senhor.  
 (\*\*) David, quando seu filho Absalão o perseguia.

Eu, homem perseguido pela culpa,  
 Inclino para o pó a fronte humilde  
 E vejo em minha vida a escuridade,  
 Das trevas sepulchraes!  
 Turvado o coração, e a alma afflicta,  
 Lembrei-me desses dias venturosos,  
 Em que o vosso favor santificava  
 Meus dias festivaes!

Mãos tremulas ergui, e esta alma esteril  
 Puz na vossa presença!.. Oh Deos! depressa,  
 Soccorrei-me depressa... eu desfalleço,  
 Se o rosto me escondeis!  
 Bem cedo baixarei á sepultura,  
 Se a luz da compaixão me não dá vida;  
 Mostrai-me o meu caminho de virtude,  
 E não me condemneis!

Protegei-me, Senhor, dos inimigos;  
 Ensinai-me os preceitos, que são vossos;  
 Mandai o vosso espirito guiar-me  
 Pela estrada do bem!  
 Não mais agudo espinho ha-de cravar-me,  
 Será vossa justiça a minha vida,  
 Verei meus inimigos confundidos,  
 Não temerei alguém!

*Camillo Castello-Branco.*

(Do C.)

**A paixão de Christo.**

O. D. C.

*A' Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Candida J. d'A. e C.*

O SEU AUCTOR.

Dos olhos do Senhor, homem, se podes  
 Esconde-te um momento:

ALEX. HERCULANO,

I.

Eis dos sonhos a verdade  
 De João o — precursor: —  
 Prégando á gentildade  
 A vinda do Redemptor!..  
 Nazarenos: — lhes dizia —  
 Bem cedo virá um dia  
 Que a esta minha prophacia  
 Vereis todo o esplendor!..

Brilhará por todo o mundo  
Nova luz da — Salvação! —  
Adorai-a com profundo  
Respeito, e veneração!..  
E no Golgotha arvorado  
O estandarte sagrado  
Chamará, em alto brado,  
Os homens á contrição!..

E vereis a lei da Graça,  
Revelar de Deos o amor...  
Doçura em toda a desgraça,  
Contra esse jugo oppressor!..  
No fulgir de quatro espadas  
Outras tantas abrazadas  
Cidades, já infamadas,  
No fogo destruidor!..

Ficará de orgulho tanto  
Uma ruina total!..  
Causará tamanho espanto  
Como o Juizo final!..  
Depois da chamma apagada,  
Pelo vento levantada —  
A cinza seja rojada  
A's iras do vendaval!..

Ouireis um novo brado  
Na forte Jerusalem!..  
Vai á morte um condemnado  
Pela estrada de Bethlem...  
Immensa turba o rodeia;  
Aqui... sem forças baqueia!..  
Pára... mas convulso aneia!  
E quasi que expira além!..

Pelas ruas arrastado  
O povo, feroz, conduz —  
Como um ladrão amarrado  
O que se chama Jesus!  
Negro supplicio, cruento,  
Aquelle corpo sangrento  
Acurva, já sem alento,  
Ao pezo da santa Cruz!..

Seguem mulheres carpindo,  
Piedosas, o Homem-Deus;  
Seus filhos ao seio unindo  
Com elles bradam aos ceus!..  
Mas para traz, n'um instante,  
Volve-se Christo — humilhante, —  
E com ar supplicante  
Responde aos gemidos seus:

Não choreis, almas benditas,  
Se me ouvis soltar um ai...  
Carpi as vossas desditas,  
E por vós outras chorai!..  
Hoje os prantos derramados,  
Com meu sangue misturados  
Hão-de lavar os peccados,  
Lá no ceo, junto a meu pae!..

E' esse o manso Cordeiro,  
Sem culpa alguma a soffrer!..  
Aquelle que quiz primeiro  
Pelos homens ir morrer!..  
Rasgam-lhe as carnes mimosas...  
E nas faces tam formosas  
Cospem salivas asqu'rosas...  
Fazem-lhe o sangue correr!..

E nos hombros, em novellos,  
Da corda por sobre o nó,  
Cáem-lhe os louros cabellos  
Involtos em sangue e pó...  
Em favor não ouve uma endeixa!..  
E elle, — nem uma queixa  
Contra o Juiz que o deixa  
Aos judeos entregue só!..

Aqui... em horrído abalo,  
Toca a terra o peito seu...  
Mas vem então ajudal-o  
Apiedade Cyreneu!..  
Ergue-se agora humilhante...  
E no sagrado semblante,  
D'esplendor radiante,  
Passa o reflexo do ceu!..

Perdoai-lhe, meu pae divino,  
E' delles este o prazer!..  
Destas affrontas sou dino,  
Que por elles quiz morrer!..  
Cala-se o manso Cordeiro;  
E cingindo-se ao madeiro  
Chega ao passo derradeiro,  
Que vai na terra soffrer!..

## II.

Eis o fatal momento!.. A cruz se eleva  
Do Golgotha no cume, e nella pregam  
O corpo de Jesus!..  
Então elle se estoree — agonizando —

F. volve para o ceo, nadando em sombras,  
Olhos, d'onde a dogura dimanava,  
Cheios de santa luz!..

O sangue puro corre pela terra  
Da victima innocente, e lava a culpa  
Do peccado de Adão!

Ludibrio da austera tyrannia;  
Exposto aos baldões d'um povo inteiro,  
Ingrato a tanto amor para com elle,  
Ei-lo sem compaixão!

Aquella Cruz, agora alli cravada,  
Mostra ao mundo a mais brilhante aurora  
D'uma eterna paz!..

D'immarcescivel gloria resplendente  
Rasga o denso véo, que o encubria,  
E lúcido clarão — vertido na alma —  
Da verdade nos traz!..

Vem curvar-te, christão, arrependido,  
Perante o Rei dos reis, Omnipotente,  
O perdão a implorar!..

E, contrito, com lagrimas piedosas,  
Em férvida oração, em prece humilde,  
Pela terra, que o teu Deos calcára,  
Teus prantos espalhar!..

Ai! vê-lhe aquellas faces maceradas —  
Cheias de terra... esgarros... sellando-as  
Da morte a pallidez!..

Aquella santa bôca, d'onde tantas —  
Tantas vezes manou sabedoria!..

D'aquelle meigo rosto, e tam mimoso  
Pizada a liza tez!..

Em anneis os cabellos, espargidos,  
Dos hombros na alva carne retalhada,  
Em muda confusão!..

Vem comigo, christão arrependido;  
Abraçados na Cruz, e, supplicantes,  
Ao Senhor, que por nós morreu afflicto,  
Dirigir-lhe oração!..

Aqui eu venho contrito  
Curvar-me ante vós, ó Rei:  
E'-me o pesar infinito  
Dos tempos que já passei!..  
Tive crenças... mas perdi-as!..  
E nas minhas agonias  
Por Jesus então bradei!..  
Hoje, triste penitente,  
De culpas que nem eu sei,  
Venho em supplica ardente,  
Curvar-me ante vós, ó Rei!

Que dogura aqui no peito  
Sinto me verte o rezar!..  
Em dôres já todo desfeito

Sente-se agora avivar...  
Depois da illusão perdida  
Que vale sorrir-se á vida?!  
De que me serve o chorar?!  
Triste filho da desgraça  
Venho o perdão implorar;  
Já na alma um raio de graça  
Sinto me verte o rezar!

III.

Triste Jerusalem!.. Cidade ingrata!  
Envolve em negro véo a altiva fronte  
Que outr'ora ergueste — radiante —  
Senhora das nações!.. Regosija-te  
Em teu prazer feroz!... Do Justo o sangue  
Tingiu dos tribunaes as ferreas lagens —  
Nódoa eterna que em quanto o mundo,  
Do sol sereno raio resplandeça,  
Ha-de clamar ao ceo justa vingança  
Da culpa commettida!.. Povo ingrato,  
E' esse o pago, que a bondades tantas  
Do teu divino Mestre recebeste!..  
Triste Jerusalem! chora, suspira  
Em quanto um após outro ossec'los voam!..

Jerusalem — portentosa —  
Em silencio muda és!..  
Ella que sempre orgulhosa  
Tudo calcára a seus pés!..  
E' toda agora um mysterio...  
Nem das gentes o pizar,  
Nem doce voz do psalterio  
Nos seus tempos a ecoar!..  
E só na cúpola dourada,  
Que além se ergue no ar,  
Se vê, de noite engolphada,  
A frouxa luz do luar!..

Qual fantasma agigantado  
Do crime arvora o pendão!..  
E no sêllo ensanguentado  
Olha a eterna maldição!..  
Maldição! — que lhe viera  
No fogo ardente dos ceus,  
Em paga do que fizera  
Ao promettido Homem-Deus!..  
Nuncia de cruel maleficio —  
Geme agora os pesar's seus;  
E da mágoa no flagicio  
Maldiz as leis dos Judeus!

Para tí não ha esp'rança!..  
 Em ferros has-de cahir...  
 'Té do que foste a lembrança  
 De todo se ha-de esvair!..  
 Deicida!.. te proclama  
 A tua culpa fatal!..  
 Da ruína a voz te chama  
 Em seu estrondo infernal!..  
 O castigo já vem perto;  
 Sou a hora final!  
 E nos plainos do deserto  
 Sopra rijo o vendaval!..  
 .....

## IV.

Cobre a luz o astro formoso:  
 Não brilha o prado mimoso:  
 Cala o som o mar undoso;  
 Que o Redemptor expirou!..  
 Mudou-se em trevas o dia...  
 Era tudo uma agonia!  
 Do templo o véo, que o cobria,  
 Ao meio se espedaçou!..

Fôra a mudança tamanha,  
 Que a terra se fende, e apanha  
 As pedras, com grande sanha,  
 Na voragem infernal!..  
 Tudo se move e abala...  
 Pelos ceos o raio estala!..  
 Mas depois tudo se cala,  
 Como após um vendaval...

Cumpriram-se as prophcias;  
 Lamentos de Jeremias;  
 Vaticinios de Ezechias;  
 Do Evangelho a dicção:  
 E no viso do Calvario,  
 Em despojo funerario —  
 Da Cruz pendente o sudario  
 Brada ao mundo — Salvação! —

Abril 2 de 1852.

*J. P. F. C. Sarmiento.*

(Continuado do numero 18).

## XI.

## VOCAÇÃO D'ABRAHÃO.

Dixit autem dominus ad Abram...  
 Faciamque te in gentem magnam,  
 et benedicam tibi, et magnificabo  
 nomen tuum, erique benedictus.  
 GEN. C. 12, v. 1, 2.

A par de Babylonia, alta cidade,  
 Que seculos sem fim durar devia,  
 A pôr os fundamentos principia  
 A' sua Santa Igreja a Divindade.

Do meio desse povo d'impiedade,  
 Engolfado na cega idolatria,  
 Chama Deos Abrahão, e lhe annuncia  
 Projectos, que concebe na vontade.

Este santo varão, que inteira crença  
 Presta ás vozes do Ser Omnipotente,  
 Que pae o quer fazer de prole immensa,

Do ceo cumpre os decretos, reverente,  
 E Deos, de sua fé em recompensa,  
 O faz progenitor do povo crente.

## XII.

## SEPARAÇÃO DE LOT E ABRAHÃO.

Dicit ergo Abram ad Lot... Ecce  
 universa terra coram te est: recede  
 a me, obsecro: si ad sinistram ieris,  
 ego dexteram tenebo: si tu dexte-  
 ram elegeris, ego ad sinistram per-  
 gam. GEN. C. XIII—v. 8, 9.

Já Lot, e Abrahão, ambos senhores  
 D'innumeros curraes, d'immenso gado,  
 A' terra de Bethel tinham voltado  
 Da fortuna a gosar inda os favores.

Então da vil discordia os dissabores,  
 Por odio, que no peito era guardado,  
 Vieram perturbar o repousado  
 Socego, que reinava entre os pastores;

Mas Abr'hão, que não quer da paz ditosa  
 Vêr mais o doce goso alli perdido,  
 Impõe a Lot a separação forçosa:

E Lot, pelos deleites seduzido,  
 Se retira a Sodoma criminosa,  
 Que as iras do Senhor tinha attrahido.

(Do C.)

*Vieira.*



Versos á desventura.

Ao Exc.<sup>mo</sup> Snr. *Conselheiro Alipio Anthero da Silveira Pinto.*

**V**ERSOS á desventura?! Sim, que ha dores,  
Que despertam na alma essa harmonia,  
Accorde som d'angustias, que soluçam  
No seio da poesia.

Embora orvalhe o pranto a mão que treme  
Sobre as cordas da harpa da paixão,  
Pelo hymno, que, a gemer, ascende aos anjos,  
Respira o coração.

Ha tristezas no mundo inconsolaveis,  
Que do mundo ninguem as avalia...  
Allivios... só em DEUS, que o homem busca  
Nos vãos da poesia.

E' linguagem da mágoa a voz dos carmes;  
A dor faz o poeta; é só a dor,  
Que faz subir ao ceo cantos ferventes,  
Em perfumes d'amor.

AMOR! palavra sancta, que aprendemos  
Dos anjos, quando o beijo maternal,  
Nos labios nos vertia esta palavra  
D'uncção celestial!

AMOR DE DEUS, amor da humanidade,  
Que nos faz devorar do mesmo fel;  
Que punge um nosso irmão, despedaçado  
Por saudade cruel!

AMOR DE DEUS, amor da humanidade,  
Que espontaneo da alma aos olhos vem,  
Quando descem no tumulto d'um filho  
As lagrimas de mãe!

AMOR DE DEUS, allivio á desventura  
Que precisa do ceo consolações...  
Oh harpa do amor, se comprehendêras  
D'um pae as afflicções!...



Em seu berço dorme um anjo...  
Que serêno é seu dormir!  
Que sonhar será o d'elle?!  
Não n'ó vêdes a sorrir?  
Perguntai á mãe, que o vela,  
Saberá dizêl-o ella,  
Ella só, que é sua mãe!..  
Talvez um beijo paterno  
Despertasse o riso terno,  
Que do anjinho aos labios vem!

Junto ao berço de seu filho  
Que ternuras sente um pai!  
Que tremor lhe abala o seio,  
Se o filhinho solta um ai!  
Com que afago o toma ao collo,  
Como exprime esse consolo,  
Quasi delirio d'amor!  
N'este affecto á innocencia  
Não vos falla a Providencia  
Pela voz do Creador?

Entre afagos e temores  
Cresce a tenra criancinha...  
Qual dos paes mais pressuroso  
A vontade lhe adivinha...  
O pae lhe escuta anhelante,  
N'uma voz balbuciante,  
O doce nome de « pae ».  
A mãe, ebria d'alegria,  
Aos pés da Virgem MARIA,  
Com seu filho ao collo, vai.

Pede-lhe um bello destino,  
Cheia d'amor e de fé...  
Bello futuro a seu filho,  
Que do mundo escravo é.  
Ergue-se, crente, e confia  
Na protecção de MARIA  
Que foi mãe d'immense amor!  
Crê-se feliz, e segura,  
Vendo, á sombra da ventura,  
Ir-se abrindo aquella flor.

Depois, a linda quadra dos brinquedos,  
Fechou-se para o filho estremecido,  
E dos braços dos paes entra no mundo,  
Na carreira das prúvidas sciencias.  
Do berço a innocencia o acompanha  
Convertida em bondade e singeleza.  
E' velho entre mancebos, que desvairam  
Pelas vias escuras, tortuosas,  
Das dementes paixões da mocidade.

Orgulho de seus paes, anjo entre amigos,  
Não sei que luz celeste illuminava  
Aquella fronte sempre pensativa!  
A's vezes esta luz mysteriosa  
Brilhava-lhe nas lagrimas dos olhos,  
E não fosse ninguem sondar-lhe o seio,  
Pois calado segredo era o seu pranto.  
.....  
Nos bailes, onde a vida se reveste  
Das galas mentirosas da alegria,  
Quantas vezes o vi fugir as turbas,  
Vergar ao pensamento da tristeza,  
Buscar a solidão, buscar o amigo,  
Contar-lhe as pulsações de sua alma,  
Sacratio de honradez, defêso ao crime! (\*)  
Amor de irmão, de filho... oh! se ha na terra

(\*) " .....  
" Nesta noite nós, abraçados um no outro, tendo  
" a um lado o redemoinho constante d'um baile, os  
" sorrisos das damas, a affabilidade dos hospedes, o  
" som estrepitoso da musica, o murmúrio dos ho-  
" mens, o brilho das luzes reflectido nas brilhantes  
" pedrarias, em uma palavra — a vida; — tendo do  
" outro uma cidade taciturna e sombria, alumada  
" á maneira d'ataúde de finado, por baças e mor-  
" tiças luzes; e tendo por cima de nós um ceo car-  
" regado, sem brilho algum, porque passára a hora  
" de transição da noite sem luar para o dia de claro  
" sol: em uma palavra, o silencio e a solidão e as  
" trevas: nós estavamos em circumstancias muito  
" excepcionaes; não pertenciamos nem ao baile e  
" seus encantos, nem ás trevas e sua solidão, e am-  
" bos soffriamos, porque ambos temos — deixa-me  
" dizê-lo — almas de poetas, corações sensiveis, sen-  
" timentos nobres, e desejos puros... Nesta noite,  
" amigo, apertaram-se de todo os elos que nos de-  
" vem prender d'ora ávante.... "

O leitor, estranho á saudade d'um homem tão chorado, não leria com frieza estas linhas de uma carta do meu amigo José Augusto da Silveira Pinto, impressa em 6 de Junho de 1849, no n.º 128 do *Nacional*.

Quem já visse no ceo amarem-se anjos,  
Não peça um quadro, que não podem homens  
Em pobre linguagem dar-lhe côres!

Se no seio do filho um pae reclina  
A fronte, aonde alvejam longos annos  
De virtudes... irmãs do soffrimento...  
Se no seio da mãe repousa o filho  
A face irradiante de alegria,  
Perdida a illusão d'outros affectos...  
Se nos braços d'irmã busca um refugio,  
Que terrenas paixões não podem dar-lhe,  
Depois que as sanctas crenças lhe roubaram...  
Quem é que póde ahí pintar o affecto  
Que prende os corações de quatro anjos,  
Vivendo d'esse amor n'um só espirito,  
Na mesma aspiração, no mesmo enlêvo!?  
Mysterios do amor, vinculos sanctos,  
Sellados pela mão da Providencia,  
No coração d'um anjo!

E este era o anjo...

Era teu filho, oh pae das amarguras!  
Era aquelle innocente, em alvas faxas,  
Que beijavas no berço, em quanto a alma,  
Receios do porvir te palpitava!  
Tinhas n'elle o thesouro de tão gratas  
Esp'ranças, firme amparo d'outros filhos...  
Doces sonhos d'um pae, que, na velhice  
A's bordas do sepulchro lega um nome,  
Com quantos fóros lhe engrandece a honra,  
Nas virtudes d'um filho digno d'elle!

Desça em teu rosto consternado pranto!  
Lamenta, oh pae, a perda inconsolavel!  
Vai ás rochas do mar, chama teu filho,  
Que, no rôlo das vagas espumantes,  
Invocando o SENHOR, teu nome augusto  
A morte lhe gelou, talvez, nos labios!  
Não ouves este som cavo e profundo,  
Que ruge na amplidão d'aquellas agúas?  
E' a voz do SENHOR!.. Curva o joelho,  
E pede, e clama, e chora, pois o Eterno  
Do tumulo já fez surgir um Lazaro!

\*  
Curva, sim, o joelho, mas teus rogos  
Sejam preces humildes de christão!  
Não digas ao teu Deus—« dá-me o meu filho..  
« Que eu morro d'afflicção! »

Esta vida que é? astro d'um dia  
Que, sobre espinhos crus d'intensa dor,  
Nossos passos dirige á eternidade  
Du luz, ou do terror!

Quando em braços de pae um filho expira,  
Chamando em seu auxilio o amor de Deus,  
Seu PAE, seu Creador, não lhe deu morte...  
Deu-lhe a vida dos ceus!

Ao homem, pó da terra, fragil barro,  
Quebrado no seu throno d'illusão...  
Que lhe resta? chorar!.. mas seja o pranto  
D'amor, e d'oração.

Tinhas um filho, herdeiro de virtudes,  
Mas herdeiro tambem era dos ceus!  
Tu, pae, lamentarias, se escutasses  
Chamal-o a voz de Deus?

Humilde, no revez da desventura,  
Levanta para Deus tremulas mãos;  
Tens um filho no ceo, pedindo ao Eterno  
Amparo a seus irmãos!

16 de Abril de 1852.

*Camillo Castello-Branco.*

(Do Bardo.)

**Súplica.**

Phaleno que vòas, da luz offuscado  
Em tórno da chamma, que póde queimar-te,  
Da rosa, ou do lirio no calix nevado  
Oh vai pressurosa, ah foge a occultar-te.

As queixas, os rogos que ouviste sentidos,  
Confia-os as per'las, ao pranto da aurora,  
Confia-os, não temas, que sejam perdidos;  
Phaleno ligeiro, oh vai sem demora.

Rocio d'aurora, em rolos fragrantés  
Fugindo do sol, quando ao ceo tu voares,  
A's nuvens repete, ás nuvens distantes  
Da minha mensagem, repete-a nos ares.

Tu, nuvem de neve, contar a estrella,  
Que brilhe mais pura na esphera azulada,  
Que seja mais linda, de luz a mais bella  
A pena, a saudade por mim confiada.

Estrella brilhante, se acaso ligeiro  
Por ti perpassar, rogando ao de leve,  
Archanjo formoso, de Deus mensageiro,  
Repete as palavras da nuvem de neve.

Archanjo formoso, dizer vai as queixas,  
As penas, as mágoas, as mágoas bem tristes,  
Murmura, eu t'ó peço, sentidas endeixas,  
Que junto da estrella passando ouviste.

Oh conta, repete-as ao ente mais lindo,  
Que aos pés do Senhor, sentado encontrares,  
Repete-lhe tudo que foi repetindo,  
Estrella, Phaleno, a perola e os ares.

13 d'Abril.

L.

**A rosa na sepultura.**

Pobre flór! porque naciste  
Sobre una tumba desierta?  
J. ZORRILLA.

I.

Aos pés da cruz solitaria  
D'uma humilde sepultura,  
Tu brotaste, ó doce imagem,  
Da belleza e da ternura:

Como um sonho d'alegria  
Entre os revezes da sorte,  
Nascestes, encanto das bellas,  
Entre os espectros da morte:

Que vens fazer entre os goivos,  
No chão da morte e da dôr,  
Mimoso enlevo dos olhos,  
Purpurea rosa d'amor?

Porque te mostras risonha,  
Trajando galas celestes,  
Aqui no musgo das campas,  
Entre funebres cyprestes?

Porque ao bafejo da morte  
Vieste aqui vegetar,  
Longe das c'róas das virgens,  
E dos vasos do altar?

Aos pés da cruz solitaria  
D'uma humilde sepultura,  
Porque brotas, doce imagem  
Da belleza e da ternura?

## II.

Tu, ó rosa purpurina,  
Em tão funebre logar!  
Tu, isolada entre os mortos,  
Como uma véla no mar!

Tu, rainha seductora  
D'um formoso, immenso imperio,  
Tu escolhendo por solio  
A lousa do cemiterio!

Tu, a flor de gala e festa,  
Tu, entre as campas assim,  
Buscando a estancia da morte  
Quando te chama o jardim!

Tu, ó rosa, como a alma  
Que descrê do mundo vário,  
Tu impondo-te na vida  
Um exilio voluntario!

Tu, inveja das mais flores,  
Encanto do prado inteiro,  
Gastando as galas da vida  
Nos grilhões do captivoiro!

Tu, ó rosa purpurina,  
Em tão funebre lugar!  
Tu, isolada entre os mortos,  
Como uma véla no mar!

## III.

Que fazes, rosa, que fazes  
Nesta mansão do pavor?  
Qual é aqui teu destino,  
Mimosa, purpurea flor?

Longe das turbas procuras  
Doce paz da solidão,  
Porque engeitas com desprezo  
As galas do mundo vão?

Em vez das festas dos homens  
Vens antes a campa ornar,  
Porque é a porta do templo  
Que mais se deve enfeitar?

Conduz-nos a novo mundo,  
Mundo d'amor e de luz;  
Vens por isso engrinalda-a  
Vegetando aos pés da cruz?

Vens dedicar aos finados  
Teu doce perfume intenso  
Porque aos viventes não faltam  
Fragrantes nuvens d'incenso?

Que fazes, rosa, que fazes  
Nesta mansão do pavor?  
Qual é aqui teu destino  
Mimosa, purpurea flôr?

## IV.

Quem ha-de, ó rosa, quem ha-de  
Amar-te aqui, dar-te culto,  
Se o teu viço... nestas cinzas...  
E' um ironico insulto?

Entre os soluços do pranto  
E's qual riso d'alegria,  
E's qual sarcasmo pungente  
Entre as ancias da agonia.

Ai! deploro a tua sorte,  
Solitaria, triste flôr,  
Que assim consumes co'as tumbas  
Tanta fragrancia e frescor!

Viverás sobre um sepulchro  
E sobre elle morrerás,  
Sem mais prazer que o retiro,  
Sem mais ventura que a paz!

Nenhuma candida virgem  
Se ha-de contigo adornar,  
Nem uma dextra piedosa  
Te irá depôr no altar.

Quem ha-de aqui vir amar-te,  
Quem pôde aqui dar-te culto,  
Se o teu viço... entre essas campas  
Nasce, e vive, e morre occulto?

V.

Ah! entendo o teu destino,  
Linda rosa sepulchral...  
Tu és o breve epitaphio  
D'uma lousa virginal!

Negue-te embora seu culto  
Impia turba indifferente,  
Ha-de vir aqui amar-te  
Todo o que pensa e que sente.

Gósto de vêr-te sósinha,  
Ao pé da morte a brotar,  
Perfumando a sepultura  
Como a pedra d'um altar.

Dorme aqui... sob essa lousa  
Aonde ao mundo vieste...  
Outra rosa de quinze annos,  
Mas outra rosa celeste!

Como um protesto solemne  
Contra a morte prematura,  
Surge a imagem da belleza  
Das cinzas da formosura!

Salvè, purpurea florinha,  
Salvè, rosa sepulchral,  
Salvè, eloquente epitaphio  
D'uma lousa virginal!

A. Lima.

(Da R. P.)

### Meditação.

DESCRÍ.

Minhas crenças de joven se murcharam,  
Cahiram nesse chão — foram calcadas,  
Calcadas pelo mundo, que passou:  
Qual em noite de horror, o mar terrivel,  
Que quebrando atirou contra o rochedo  
Esse fraco batel que confiava  
Na doce 'sperança de chegar ao porto!..  
Esp'rança, 'sp'rança minha, que me foges,  
Mal te levantas no horisonte immenso!

Errei no mundo sem achar um peito  
Onde a abrazada fronte repoisasse:  
Onde para os pesares d'acerba vida  
Lenitivo encontrasse. Um peito amigo  
Onde carpisse d'existencia escrava  
Os tormentos que soffre um homem livre!!  
Onde chorar podésse acerbas mágoas,  
Que me ralam o peito, e m'o devoram  
Pela sorte da Nação que vejo ir-se  
A passos de gigante ao fundo abysmo!  
O mundo percorri — qual peregrino  
Cheio de mágoa, só, e sem conforto  
Nas soidões do deserto, sequioso  
Em vão procura com que mate a sêde!..  
Esp'rança, 'sp'rança minha, que me foges,  
Mal te levantas no horisonte immenso!

Sonhei amores que não ha na terta...  
 Oh louco fui! offerecer minh'alma  
 A quem alma não tem... Mas só negrura,  
 Traição infame, hypocrisia horrenda,  
 E veneno subtil nutre no peito,  
 Que devêra nutrir ternura só  
 Com que podêra embalsamar a vida  
 Do homem que definha desesp'rado...  
 A quem mataram crenças ao nascer!  
 E que descrei de si — do mundo iateiro  
 Por ter debalde procurado o Ente  
 Qu'em tempos d'illusão feliz sonhára!  
 Esp'rança, 'sp'rança minha, que me foges,  
 Mal te levantas no horizonte immenso!

Passai por entre as turbas que se riam  
 Com riso de desprêso... Maldição!  
 Aos impios que mataram minhas crenças,  
 Como mortal nenhum ainda ha tido!  
 Atravessava altivo o mar da vida,  
 Deixando rir a turba atraz de mim,  
 Que as turbas não teem fé nas coisas grandes,  
 Mas vil sarcasmo para o homem crente!  
 Deixei os loucos em mesquinhos gozos  
 E ávante fui marchando, rosto altivo,  
 Sem tirar minha vista d'essa luz  
 Que bruxoleava envolvida em sombras!  
 Esp'rança, 'sp'rança minha, que me foges,  
 Mal te levantas no horizonte immenso!

Oh! soffri, soffri muito sem queixar-me,  
 Sem soltar um lamento que podêsse  
 Trahir occulta mágoa, que no peito  
 Cá tinha a devorar os seios d'alma!  
 Devorei-me sózinho e solitario,  
 Que não queria que o mundo me ouvisse  
 A carpir uma dôr que não conhece...  
 Por não mostrar-lhe a chaga ahi sangrenta!  
 Estupido! não sonda a chaga occulta  
 Que faz uma paixão em peito ardente...!  
 E instantanea consome uma existencia  
 Que jámais pode consumir a frida,  
 Que vêdes derramar sangue a torrentes!!

Errei por esse mundo — refalsado —  
 Onde impêra a traição como senhora:  
 Onde muitos definham na miseria,  
 E poucos são felizes. Escolhidos  
 Entre immensos milhar's de desgraçados  
 Que teem cá n'esta vida o negro inferno!..  
 Errei por esse mundo — no alento  
 D'encontrar a mulher que já sonhára!  
 Alfim par'ceu-me vél-a... oh Deos que gozos,  
 Que gozos eu senti tão delirante!  
 Que gozos, que doçura! Era o meu Deos...  
 Era ess'esperança que alfim achára!  
 Amei-a, dei-lhe culto: com loucura!  
 Arrastei-me a seus pés submisso, 'scravo...

E beijei a arêa onde os pés poisava!...  
 Mas todo o meu amor calcou aos pés,  
 E ávante passou sem se voltar!...  
 Mas todo o meu amor arremeçou  
 Para bem longe com seu rir maldito!...  
 Era mulher... nem renegar podia  
 D'essa horrenda traição que constitue  
 A parte essencial do seu sentir!!  
 Louco, mil vezes louco! Não lembrei  
 Que todas são perjuras por essencia!  
 Que todas refalsadas... A candura  
 Jámais a encontrareis cá n'este mundo!  
 Que as palavras que dizem são veneno...  
 E seu sorriso que parece d'Anjos  
 E' sorriso de furias traiçoeiro!  
 Qu'essa innocencia que sonhamos — loucos!  
 E' só palavra vã — não tem sentido!!  
 Esp'rança, 'sp'rança minha, não te achei...  
 Desgraçado de mim... que venha a morte!

1.º de Março de 1850.

Affonso de Castro.

#### A aguia.

Sentada cá nos pincares da serra,  
 Volvendo em torno os olhos inflammados,  
 Solto meu grito, que o valor aterra,  
 E o meu grito lá val do monte aos prados!

Das selvas o cantôr parou seu canto,  
Terno arrullo da pomba se calou,  
A' minha voz que a tudo causa espanto  
O milhafre dos ares desmaiou!

No outeiro estremeceu nedio rebanho,  
E a fera foi passar lá mais distante,  
Porque bem sabem que sedenta banho  
Meu corpo no seu sangue fumegante!...

Abro as azas, e atiro-me altaneira  
Ao espaço sem fim que é patria minha;  
E cá de longe ás nuvens sobranceira,  
Vejo perto dos astros a rainha.

E em meu arrojo vou olhar bem fita  
Esse astro — só d'um Deos digna feitura:  
Só eu — mais ninguem — tenho essa dita  
D'olhar de perto o rei da formosura!

Quem ha'hi que seja livre,  
Que seja livre como eu?  
— Será no mar o pirata,  
Que dorme sobre o escarceu?! —  
Mas lá foge a liberdade  
C'o bramir da tempestade!!..!

Talvez seja o filho altivo  
Dos desertos de Saráh,  
Que desdenha ser escravo  
D'um sultão, ou d'um pachá?! —  
Que importa?... o simoum fervente,  
Vem ahi soberbo, ardente!!..!

O leão entre as florestas  
Será livre como eu sou!!  
— As mattas estremeceram  
Ao rugido que soltou!  
Mas que lhe val'?... finos laços  
Prenderam seus fortes braços!!..!

Nem o nauta no Oceano,  
Nem nas mattas o leão,  
Nem o filho do deserto,  
Como eu livre, livres são!

Eu dos nstros socia ufana,  
Me rio da força humana!...

Eu sou livre como o espaço,  
Como o espaço aonde habito,  
— Abro as azas, solto o vôo  
E me arrojô no infinito!...  
Sobre mim só manda Deus,  
No mar, na terra, nos ceus!

*Bernardo de Magalhães.*

(Do C. do V.)

**Vasconcellos.**

I.

— Já lá vem o sol nos montes  
Os penhascos a doirar;  
Já lá oiço os passarinhos  
Pelos ramos a cantar.

A'lerta, áleria, que é dia!  
Meus pagens, a levantar!  
Trazei-me a fina armadura,  
Trazei-me a lança..... aviar.

Correi, moços, que são horas  
Os cavallos a apromptar;  
Sélla, sélla, e mette os freios,  
Sem mais deter, nem parar.

Meu alcaide Affonso-Mendo,  
Ide a gente apparelhar,  
Que vou combater com moiros,  
Que os moiros vou derrotar. —

— Tendes tudo apparelhado,  
Meu Senhor..... é cavalgar. —  
— Aguarda-me, Affonso-Mendo;  
Que volto aqui, sem tardar. —

Onde vae o cavalleiro  
As escadas a trepar?  
Vae á torre de seus passos,  
E vai triste..... mal-pesar!

Triste vae... quem tal dissera!...  
Como tal se ha-de contar!...  
Ao partir para a peleja  
Um mancebo não folgar!....

Subiu, subiu apressado....  
Vêl-o agora a soluçar  
N'uma estreita gelosia  
Do seu castello solar.

Contra os recortes da pedra  
Roga as faces a queimar....  
Pelos recortes da pedra  
Solta palavras ao ar:

— Ai, terra da minha terra,  
Lindos valles de incantar.... —  
Pelos campos de verdura  
Pôz-se os olhos a alongar.

— Ai, vida da minha vida,  
Quando eu ia montar.... —  
Pelas devezas fechadas  
Poz-se os olhos a deitar.

— Ai, donzella, que eu amava....  
Que hei-de sempre, sempre amar.... —  
E n'uns paços..... muito ao longe  
Poz-se os olhos a fitar.

— Ai, donzella, por quem morro,  
Por quem trago este penar...  
E deixar-te aqui, donzella....  
E ter eu de te deixar!....

Não temo as lanças dos moiros,  
Que não tem que arreçar,  
Quem vem de raça tam nobre,  
Que os moiros fez descórar.

Temo á traição, que me roubem  
Teu sorrir d'infeitigar;  
Temo um rival, tu bem sabes....  
Tenho uns zelos.... de matar.

Oh! se tu me fôras falsa...  
Oh! se quando aqui voltar...  
Nos fossos do teu castello  
Morto me havias de achar.

Adeus valles, adeus montes,  
Manda-me el-rei apartar.  
Adeus!.... — Quando umas bozinas  
Lá vem já perto, a tocar.

— Descei, cavalleiro, as salas,  
(Corre o alcaide a bradar)  
Que entra el-rei nos vossos paços,  
Que vos pretende fallar. —

(Continúa).

*Pereira da Cunha.*

#### Epigrammas.

1.º

Se *alguem* o Fran traduzindo  
Fez *serviço á humanidade*,  
Mais *serviço* fará inda  
Quando fôr p'r'a Eternidade:

Ha-de ter por epitaphio,  
Sobre *pedra*, a pedra erguida:  
*« Aqui jaz um que morrendo  
A muitos poupou a vida. »*

2.º

*Rebolo*, se tu pretendes  
Da Homœopathia dar cubo,  
Principia a defendê-la,  
Verás que a leva o diabo.

#### O BARDO.

Publicou-se o n.º 2 d'este Jornal. Con-  
tém excellentes poesias dos Snrs. Camillo  
Castello-Branco, A. Lima, Faustino Xavier  
de Novaes, Antonio Pinheiro Caldas, &c.  
Assigna-se em casa de Fonseca, aos Cal-  
deireiros n.º 12. — Por um anno 800 reis.



Francisco,

ou

O POBRE DO CAMPO SANTO DE GUIMARÃES.

Miseremini....

Jon.

**M**AL que o Anjo do dia á voz do Eterno  
Abre as portas da aurora, e ao sol franqueia  
Curva immensa do céo até o occaso,  
Da pobre cama então o bom Francisco,  
Onde horas mal dormidas repouzara,  
Prestes se ergue, e envergando os seus andrajos,  
Do Campo Santo é logo ás ferreas portas,  
Quando aos milhares na celeste abobada  
Inda brilham da mansa noite socias  
As pallidas estrellas. Tudo é mudo  
Alli, fatal lugar, e apenas se ouve  
Por entre a negra rama dos cyprestes,  
Que este recinto funebre povoam,  
O escaço ciciar da aura nocturna,  
Ao longe, além, os cães fieis ladrando  
Em remotos casaes de espaço a espaço,  
E da avesinha o matutino canto.

Francisco, porque assim te uniste aos mortos?  
Todo o dia te apraz, fixando a terra,  
Conversar co'as ossadas dos que foram!  
Quaes as palavras são com que lhes fallas?  
Que segredos reconditos vós todos  
Mutuamente alternaes? — Eis um mysterio!..  
Sympathica attracção ao pó ligou-te:  
D'esses nossos irmãos que quaes nós somos  
Existiram, e o nada hoje os envolve!  
Ahi oras tu só tam fervoroso,  
E ao nosso Deus mil supplicas diriges.

Pobre Francisco, e ha quem te chame nescio!  
E tu és mais philosopho do que esses  
Que te designam tal, vês mais do que elles;  
Sabes da Religião pensar profundo,  
Do nada da existencia á eternidade

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

A alma immensa remontas e transcendes  
Miseraveis mundanos, que engolfados  
Nas illusões da vida e seus enganos,  
Passam dias em turbidos folgares,  
Até que a morte com tremendo aspecto,  
Na hora extrema, que os pavores cercam,  
Os fios da existencia vai talhar-lhes!  
Um só momento, oh morte, o golpe susta,  
Deixa-me ultimo adeus dizer ao mundo!  
Nem um momento mais, lhes diz! — terrivel  
Se apresenta sem fim a Eternidade!..

Chamam-te louco a ti, que tambem pezas  
O que dista da vida á certa morte...  
Tu que te ergues do leito, e vaes a mente  
Da vasta ideia encher do que é o homem!

Quantas vezes lançando ao céo teus olhos  
De agua razos, lhe dizes: — Esta terra  
Em que assentam meus pés, são tristes restos  
De outros homens como eu, de alguns que a vida  
Passaram na opulencia e na grandeza,  
E por fim na desgraça, e além morreram  
N'essa casa de amor, Hospicio Santo,  
Que a Mãe de Deus protege, e aqui repousam  
Em pobre sayo envoltos. — N'este sitio  
Soberba e honras naufragar vieram;  
Hoje os palacios seus são poucos palmos  
De verminosa terra, e tem por socios  
Mil descarnados, carcomidos ossos.  
Suas almas, Senhor, onde pararão?  
Por piedade, Senhor, salvae-lh'as todas!  
E n'isto os joelhos curva e ao chão a face  
Humilde vai levar, e Deus no Emyreio  
Escuta de Francisco as vozes ternas,  
Filhas do coração ingenuo e santo.  
Cada lagrima sua que alli verte,  
Que chammas não extingue em que almas ardem!

Entre o nada fatal e a eternidade  
Sublime pousas e por pobre és tido!  
E tu inda és mais rico que esses Cressos,  
Que os dias seus em mil orgias passam,  
E gastos no vigor da idade verde

MAYO — 1852.

NUM. 22.

Vão em mil dôres acabar a vida,  
Baixam á campa no terror immersos!  
Por piedade e compaixão dos mortos,  
Por elles supplicando os dias passás.

Nò silencio da noite quantas vezes  
De almas cercado, rogam-te interponhas  
Por ellas a oração, que Deus te escuta!  
Epresto as mãos erguendo com ternura,  
Vaes a Deus supplicar—Meu Pae, lhe dizes,  
As desgraçadas salva, arrependidas  
De seus peccados, lagrimas amargas  
Tantas chorado tem!.. meu Pae, teu sangue  
Porque tão largamente foi vertido?  
Se a alguma os meus trabalhos prestar podem,  
Devolve contra mim teu braço irado,  
De desgraças no abysmo me confunde;  
Esmaga o servo teu, mas dá-lhes gloria:  
Depois attende os brados seus, e eu seja  
A teus pés, meu Senhor, por tempo infindo.

Assim Francisco orou banhado em pranto,  
E o Anjo seu da guarda que escutara  
Do pobre as vozes que o fervor urdira,  
Voou do Eterno ao Solio, e as pôz tam puras  
Nas mãos da terna Mãe da humanidade,  
Tam doce petição despacha o Eterno,  
E mil almas ao céo ditosas sobem!

Francisco, és desgraçado? assim te julgam:  
Mas tu és tam feliz! a tua mente  
Um unico remorso não aneia;  
No mundo existes, mas já tens no Empyreo  
Mui distincto logar, onde te esperam  
Do Pae celestial ditas sem conto.  
A pobreza te cerca a fragil carne,  
Tens a fome n'este orbe por fortuna,  
Mas affeito á desgraça em Deus confias,  
Quando a fome te aperta a Deus te curvas,  
E a caridade o pão te dá que a vida  
No mundo te mantem, para entre os mortos  
Alçar tua oração, que ás penas suas  
Vá pôr termo e do ceo abrir-lhe as portas.

Ora, oh pobre Francisco; um só momento  
Não cesses de pedir por tantas almas;  
Por quem talvez da terra unica se erga  
Ao Throno do Senhor teu doce brado,  
E se não fôras tu de suas maculas  
Largo soffreram o padecer miserrimos!

Minha Esposa ahi jaz, quiz n'essa terra  
As cinzas misturar, funerea campa  
A jazida lhe nota, e n'ella pousa  
A saudade que o coração me rasga!  
Ella de teu orar já não carece,  
Que do mundo voou acompanhada  
C'os quatro seus filhinhos que a aguardavam,  
Aos pés do Summo Deos que tanto amára.  
Lá existe com Elle alma tam pura,  
De quem não posso olvidar-me um'hora:  
Cuja lembrança é um punhal buido,  
Que no imo peito meu se está cravando.

Homens ditosos, ricos da fortuna,  
D'esse pobre Francisco recordae-vos:  
Opiparos manjares, mil delicias  
Vos cercam de continuo, e ao pobresinho  
Falta o mesquinho pão! Com que alto gozo  
Meu obolo de amor na mão lhe entrego!  
Com elle reparti só beijos tantos  
Que em torno a vós tam largamente abundam;  
Parte em sua oração haveis logo;  
Mais risonhos vereis os dias vossos  
Brandamente correr, qual manso arroio  
Em campina bordada de boninas,  
Por encantadas voltas se deslisa.  
Vereis no coração brotar o jubilo,  
Indelebil prazer coar-vos n'alma,  
Que eu não posso pintar, que ninguem pinta  
O transumpto de celestial ventura...  
Quem não quer, não anhela, e por tal preço  
Tantas ditas comprar? — Ouvi meu brado!  
E as bençãos do Senhor serão comvosco,  
Choverão sobre vós e os filhos vossos.

Guimarães, 30 de Abril de 1852.

*Joaquim Silvestre de Souza.*

**Um agouro.**

Esta minha lyra de ouro  
Deu-m'a um anjo divinal...  
Mas recorda-me um agouro....  
Um agouro tam fatal!...

Eu bem vi... não foi um sonho...  
Eu bem vi o cherubim  
Assomando tam tristonho  
Na alva nuvem de marfim:  
Olhou terno para mim  
Ao doar-me a pobre lyra  
Que ora só geme e suspira;  
E uma lagryma choroso  
De seu rosto tam fermoso  
Cahir na lyra deixou;  
Mas a corda que vibrou  
Deu um som rouco — de dôr...  
Era a corda mais mimosa  
Desta lyra luctuosa,  
A que só descanta amôr!...

Quiz afinar essa corda —  
Mas em vão!... seu som igual  
'Inda hoje me recorda  
Esse agouro tão fatal.

1849 — Setembro.

*J. S. da Silva-Ferraz.*

**Cantico da noite.**

Sumiu-se o sol esplendido,  
Nas vagas rumorosas!  
Em trevas o crepusculo  
Foi desfolhando as rosas!  
Pela ampla terra alarga-se  
Calada solidão!  
Parece o mundo um tumulto

Sob estrellado manto!  
Alabastrina lampada,  
Lá sóbe a lua! Entanto  
Gemidos d'aves lugubres  
Soando a espaços vão!

Hora dos melancholicos  
Saudosos devaneios!  
Hora, que aos gostos íntimos  
Abres os castos seios!  
Infunde em nossos animos  
Inspirações da Fé!  
De noite, se um reverbero  
De Deos nos allumia,  
Distilla-se de lagrimas  
A prece, a prophecia!  
Alma elevada em extasis,  
Terrena já não é!

Antes que o somno tacito  
Olhos nos cerre, e os sonhos  
Nos tomem no seu vortice,  
Já rindo, e já medonhos,  
Hora dos céus, conversa-me  
No extincto e no porvir.  
Onde os que amei? sumiram-se.  
Onde o que eu fui? deixou-me.  
D'elles, só vãs memorias:  
De mim, só resta um nome.  
No abysmo do preterito  
Desfez-se chôro e rir.

Desfez-se! e quantas lagrimas  
Brotaram de alegrias!  
Desfez-se! e quantos jubilos  
Nasceram de agonias!  
Teu fundo, ó Providencia,  
Quem o sondou jámais?  
Que horas d'est'hora tacita  
Me irão desabrochando?  
Quantos não fez cadaveres  
N'um leito o somno brando!  
Vir-me-hão co'a aurora proxima...  
As saudações? os ais?

Se o penso, tremo; aterro-me.  
 Porém, se ao Pae Supremo  
 Remonto o meu espirito,  
 Exulto; já não tremo.  
 A alma lhe dou; reclino-me  
 No somno sem pavor.  
 Chama-me? ascendo á patria;  
 Poupa-me? aspiro a ella.  
 Servir-te! ou vêr-te, e amarmo'-nos!..  
 Que sorte, ó Deos, tão bella!  
 Vem! cerra as minhas palpebras,  
 Virgem do casto amor!

(Da R. P.)

*Antonio Feliciano de Castilho.*

o Sancto no poço.

## I.

Já vos rezei tres novenas —  
 Rezei-as com devoção,  
 Que vós daes allivio ás penas —  
 A's penas do coração:  
 Haveis — sim — meu sancto amado  
 Cura dar ao meu pesar!

Haveis — sim — meu sancto amado,  
 Que hei-de-vos sempre rezar;  
 Nem pequei — só se é peccado —  
 Só se é peccado o amar...  
 Mas o ceo, onde habitaes,  
 Quem podéra então ir ver.

Mas o ceo, onde habitaes,  
 Me ha-de em breve receber,  
 E bem breve, se meus ais  
 Minha dôr vos não mover:  
 Ai valei-me vós, meu sancto —  
 Ai valei-me por favor.

Ai valei-me vós, meu sancto —  
 Ai valei-me vós, Senhor,  
 Ponde um termo a este pranto,  
 Que vos dou um resplendor  
 De pedrinhas cravejado,  
 Que vos farão invejar.

De pedrinhas cravejado  
 Todas lindas d'encantar,  
 O meu resplendor dourado  
 Vos hei-de em breve levar;  
 Mas haveis-de prometter-me  
 Toda a vossa protecção.

Mas haveis-de prometter-me,  
 Sancto do meu coração,  
 Que nunca possa esquecer-me,  
 Que me não perca a affeição,  
 Que seus olhos não encontrem  
 Quem o possa enfeitiçar.

Que seus olhos não encontrem  
 Ai — quem me faça olvidar;  
 Que se não entregue a outrem  
 E eu vos hei-de responsar  
 Dia e noite — e vós, meu sancto,  
 Não me haveis de abandonar.

Rezou-lhe — debalde  
 Foi o seu rezar,  
 Nem votos, nem preces  
 Lhe quiz acceitar;  
 Nem pranto sentido  
 O pôde abrandar;  
 Foi quasi que ao vento  
 Palavras lançar!  
 Nem mesmo o responso  
 O pôde tocar.

## II.

Tudo — tudo me contrista,  
 Pois nem novas pude ter...!  
 Coitada! longe da vista,

Já te haviam d'esquecer,  
Ai pobre de ti mesquiinha,  
Não te vale o teu amor...!

Ai pobre de ti mesquinha,  
Se te não vale o Senhor...  
Que ninguém — ai — coitadinha,  
Dá confôrto á tua dor...  
Sanct'Antonio — responsei-o,  
Foi baldado o meu rogar.

Sanct'Antonio — responsei-o,  
Foi ir ás pedras fallar;  
Ai — Jesus — resta ainda um meio,  
Este não póde falhar...!  
Quero que d'elle, meu sancto,  
Novas me venham trazer.

Quero que d'elle, meu sancto,  
Novas venham e de prazer —  
Quero sim — e no entanto  
Vaes um bocado soffrer:  
Com a cara p'ra parede  
Vaes, meu sanctinho, ficar.

Com a cara p'ra parede  
Vaes por tres dias olhar,  
Nem assim — ai é d'adrêde —  
Ao poço te vou lançar  
Com um cordel ao pescôço,  
Que te não quero perder.

Com um cordel ao pescôço  
Até boas novas ter,  
Vaes tomar um banho ao poço,  
Meu sancto — não é por querer;  
Não quizeste ir ao bem,  
Não sei que te hei-de fazer.

E dizem — é certo. —  
Que o posso jurar...  
O sancto no fundo  
Do poço a tocar,

E o moço chorado  
Em casa a entrar  
Perdido d'amores,  
Cousa d'espantar...  
Ai tão perdidinho  
Que se foi casar.

Agora se o banho  
Que o sancto soffreu  
Fez o tal milagre,  
Não o digo eu.

Mas dizem ser certo,  
Contaram-no ao lar —  
São cousas de crença  
Quem póde negar?

L.

#### O anjo dos meus segredos.

Une voix à l'esprit par le dans son silence;  
Qui n'a pas entendu cette voix dans son cœur?!

LAMART.

Que importa a vista dos prados,  
Ou dos verdes arvoredos?!..  
Que importa? se não me escuta  
O anjo dos meus segredos?!..

Segredos, que só alcança  
Quem amor bem conhecer,  
Mysterios, que só é dado  
A quem ama comprehender.

Que importa?.. se é mais que tudo  
Quem d'amor me enlouqueceu —  
Essa mulher, que aos seus fados  
A minha vida prendeu?!..

Prendeu-me a vida aos seus olhos,  
A'quelle riso fagueiro!..  
Nunca vi olhos tão lindos,  
Sorriso tão feiticeiro...

A's suas faces de rosa,  
A'quella virginea côr,  
A'quelles seios de neve,  
A arfarem cheios d'amor....

Assim.... que importa dos prados  
O variado matiz?!  
Se até d'entre os arvoredos  
Vem uma voz, que me diz:

« Se nos dão vida e frescura  
« Os olhos da linda Armia,  
« E se um seu meigo sorriso  
« De graças povôa o dia;

« Não podes tu, ó Philinto,  
« Encontrar em nós belleza,  
« Que nos seus formosos olhos  
« Tens os ceos — a natureza. »

Bom Jesus — 1851.

*José Borges Pacheco-Pereira.*

### Vasconcellos.

(Continuado do numero antecedente).

#### II.

— Não pensava, senhor rei,  
Que agora me vinheis vêr;  
Que vinheis de manhãzinha  
Quem no podêra saber!

Inda o sol n'aquellas serras  
Quasi que vem a romper..... —  
— E tu, moço e cavalleiro,  
Sáes da cama de te erguer! —

— Da cama não, senhor rei:  
Era caso de se crer?  
Ergui-me cedo, aprromptei-me,  
Que os moiros vou combater.

Levo comigo cem lanças,  
Levo todo o meu poder,  
Cem lanças, que não recuam  
No ponto de arremetter. —

— Pois inda bem, cavalleiro,  
Que sabes obedecer;  
Cem cabeças de cem moiros  
Has-de nas lanças trazer.

Cavalga no teu cavallo,  
No mais ligeiro ha-de ser,  
Cavalga..... não te dilates,  
Parte, corre a bom correr.

Cavalleiro! tu descoras!....  
Tu descoras a tremer!....  
Não cuidava que teus brios  
Houvessem de arrefecer. —

— Meus brios são..... d'um fidalgo,  
Não receio de morrer;  
Meus avós, se combatiam,  
Nunca souberam temer.

Cem cabeças de cem moiros  
Hei-de nas lanças trazer. —  
— Parte, parte, cavalleiro,  
Não te estejas a deter.

Tu não partes!.... não cavalgas!....  
Ficas parado, a gemer!....  
Tu que tens, meu cavalleiro?....  
Não te acanhes de dizer. —

— Rei..... senhor..... o meu segredo  
Já vae da bocca romper.  
Ouvi-me, ó rei, por quem sois,  
Que a vossos pés ha-de ser.

— Falla, falla cavalleiro,  
Não te estejas a deter.  
Careces de mais cem lanças,  
Que te vão a soccorrer? —

— Eu não quero as vossas lanças,  
Que me vão a socorrer;  
A gente das minhas terras  
Tem costume de vencer. —

— Falla, falla, cavalleiro,  
Não te estejas a deter.  
Precisas d'outro castello?....  
Outro castello has-de ter. —

— Não quero os vossos castellos,  
Que bem me fica viver  
Nas minhas torres solares.  
Que mais honras hei-de haver? —

— Falla, falla, cavalleiro,  
Não te estejas a deter.  
Minha espada d'ouro e joias  
Ata-a no cinto a pender. —

Eu não quero a vossa offerta,  
Não me podéra valer;  
Que, o ferro da minha espada  
Não é ferro de torcer.

Quero, ó rei, que não me apartes....  
Que me devo defender  
D'um rival, que a minha dama  
Tambem anda a pretender. —

— *Vas com zelos?* vae seguro,  
Vae seguro, sem temer,  
Que o peito da tua dama  
A ninguem se ha-de render.

*Vas com zellos?* vae-te embora,  
Vae-te embora a combater,  
Que hei-de guardar essa dama,  
Que te faz enlouquecer.

*Vas com zelos?* vae; na sala  
Das infantas hei-de ter  
A dama, que tu cobiças.  
Parte! — —Parto a combater. —

(Continúa).

*Pereira da Cunha.*

### Soneto.

Reger com sceptro d'ouro radiante  
Guerreiro povo de valor armado,  
Não é, ó linda Armia, altivo fado,  
Que me prenda a razão um só instante;

Não é o galardão d'acção brilhante,  
Que tornando o meu ser famigerado,  
Leve o meu nome d'esplendor cercado  
Ganhar respeitos em nação distante,

Nem o ser de mil bens abastecido,  
E ter em ferrea arca aferrolhada  
Amontoados cabedaes sumido;

Mas no teu coração ter dôce entrada  
E' esse o meu desejo, e conseguido  
*Nada mais quero, tudo o mais é nada.*

*J. B. P. P.*

### POESIAS RELIGIOSAS.

(Continuado do numero 20).

### XIII.

#### ABRAHÃO LIVRA LOT, DO CAPTIVEIRO.

Sodoma desgraçada, que seria,  
Que seria de ti! dessa riqueza?...  
A não ser d'Abrahão a fortaleza  
Contra a gente brutal que te opprimia?

Talvez por longo tempo á tyrannia  
Servisse o povo teu d'inafausta preza!  
E Lot, victima triste da pobreza,  
Grilhões de captiveiro arrastaria!

Mas graças a Abrahão, que, confiado  
No soccorro de Deos, que é justiceiro,  
E só dos servos seus acompanhado,

Destroe o grande exercito guerreiro...  
Recobra esse despojo antes roubado,  
Salva Lot infeliz do captiveiro!

## XIV.

## FUGIDA D'AGAR.

Agar, que de ser Mãe se vangloria  
Na sua triste condição d'escrava,  
Os limites transpõem, que lhe marcava  
O respeito, que a Sara ter devia.

Mas Sara, não soffrendo a rebeldia,  
Com que ao dever de serva lhe faltava,  
Severa a cada passo castigava  
O louco arrojio seu, sua ousadia.

Agar, d'um tal castigo horrorisada,  
Fugindo pr'o deserto, desampara  
A casa, onde se vê tão maltratada;

Mas um anjo, que Deus alli mandara,  
A faz tornar á casa abandonada,  
Pedir perdão da culpa aos pés de Sara.

## XV.

## SARA CONCEBE ISAAC.

*Revertens veniam ad te tempore  
isto, vita comite, et habebit fi-  
lium Sara uxor tua.*

GEN. XVIII, v. 10.

Agar, á voz do anjo obediente,  
Voltou á casa, que deixado havia,  
Alli um filho dando á luz do dia,  
Que tinha de ser Pae d'immensa gente.

Então, vendo o Senhor que descontente,  
Por tambem não ser Mãe, Sara vivia,  
E que ao consorte idoso dar queria  
Do conjugal amor fructo innocente.

Para mais estreitar essa alliança,  
Que entre elle e Abrahão tinha formado,  
De novo lhe apparece, e lhe afiança:

Que Sara lhe dará um filho amado,  
Que do ceu ha-de ser a confiança,  
E de Deos para sempre abençoado.

## XVI.

## SODOMA INCENDIADA.

*Igitur Dominus pluit super So-  
domam et Gomhorram sulphur et  
ignem á Domino de celo.*

GEN., cap. XIX, v. 24.

Dos vicios de Sodoma populosa  
O grito tinha alfim aos ceus chegado,  
E Deos, por tantos modos ultrajado,  
Levanta do castigo a mão pod'rosa;

Mas antes, que essa terra criminosa  
Sentisse os golpes de seu braço irado,  
Dous anjos para alli tinha mandado  
Que salvassem a Lot com mão piedosa.

Depois, de suas iras fulminantes  
Despede essa torrente desabrida  
Em chuveiros de fogo crepitantes,

Sodoma deixa a cinzas reduzida,  
E faz assim pagar seus habitantes  
Com morte de afflicção crimes da vida.

(Do C.)

Vieira.



## Encontrei-a.

**J**OVEN inda sonhei a mulher,  
Qual aquella que eu tinha d'amar;  
Mas este ente creado por mim  
Não podéra no mundo encontrar!

Desesp'rado então cá da terra,  
Enganado na minha illusão:  
Converteu-se n'um bronze, n'um gêlo  
Este meu infeliz coração.

Mas n'um dia... bem feliz...  
Quando foi? eu já não sei!..  
Dessa imagem dos meus sonhos  
O protótypo encontrei.  
Era um Anjo? era mulher?  
Inda mais eu a julguei.  
Mulher, Anjo, Deus ou Fada  
Era a mesma qu'eu sonhei!

Era a mesma... 'stou bem certo,  
Qu'eu depressa a conheci.  
Se meus olhos m'enganaram,  
Nunca illude o qu'eu senti.  
Era a mesma: oh bem de certo  
Qu'eu outróra em sonhos vi!  
Seus cabellos eram soltos,  
Nos meus sonhos estava assi.

Era a mesma... oh não m'engano,  
Era aquelle o seu andar!  
Essa que eu vi nos meus sonhos  
Tinha tambem este olhar.  
S'encarava com mais fogo...  
Fazia o sangue agitar!  
Esta quando olhou p'ra mim  
Fez-me venturas sonhar!

O sorriso!.. era este mesmo,  
Qu'eu outróra em sonhos vi:  
Os prazeres que m'elle deu,  
Já por sonhos os senti.

2.<sup>a</sup> c OLLECCÃO.

Quando a bella de meus sonhos  
Sorria meiga p'ra mi!  
O sorriso porqu'eu morro,  
Tambem nesta o percebi!

Este corpo tão silphide,  
Tão gentil, tão elegante  
Nos meus sonhos o estreitei  
Contra o seio palpitante!  
E' inda este o mesmo cóllo,  
Que eu beijava delirante!  
E' o mesmo... estou bem certo,  
Não s'esquece assim a amante.

Que diff'rente ora é minha vida  
Dessa vida qu'eu já tive outr'ora!  
O descrente não vive, vegeta,  
Fenecer, acabar melhor fôra!...

N'essas horas de tanto mysterio,  
Quantas vezes bradei pela morte?!  
Era surda: só os echos gemiam  
Parecendo carpir minha sorte!

Desesp'rado... encarava uma 'strella  
Como pôde encarar-se uma amante:  
Mas a estrella não era só minha...  
Era d'outros tambem a inconstante!

Era d'outros, que as graças que tinha  
Partilhava com quem qu'ria vél-a!  
Os seus brilhos não eram só meus,  
Era ingrata!.. oh! qu'ingrata era ella!

Mas agora que m'importa,  
Qu'ella seja ingrata assi?  
Meus amores não são p'ra ella,  
Meus amores são só p'ra ti.  
Já não amo essas 'strellas  
Depois qu'eu te conheci.  
Não amo os astros dos ceos:  
E' dos ceos o Anjo que vi!!

Astro do ceo... creio nelle.  
 Fui descrente... hoje não sou.  
 Meu viver d'agora é outro,  
 Meu pensar tambem mudou!  
 Descrente... não tinha 'sp'rança,  
 Que p'ra mim hoje raiou.  
 Minha 'sp'rança é o teu amor...  
 Deus p'ra isso me fadou!!

Fadou-me, que a não fadar-me,  
 Meus rógos tinha attendido:  
 E d'ha muito que na campã  
 Meu somno tinha dormido.  
 Mas que digo?! no sepulchro  
 Tinha a saudade sentido!  
 Se é verdade, que na morte  
 Tudo então é conhecido.

Se é verdade... eu saberia  
 Cá no mundo haver deixado  
 Essa mulher qu'inda joven  
 Em sonhos tinha sonhado!  
 Da saudade então do mundo  
 Eu seria atormentado!  
 E bradara então da campã  
 « Não te ter eu encontrado!! »

Junho — 1849.

*Affonso de Castro.*

**A Andorinha.**

*A MINHA IRMÃ.*

Onde vaes, ó Andorinha,  
 A correr sem descansar?  
 Vens ouvir meigos arrulhos  
 Da minha pomba sem par?

Vens expôr os teus queixumes?  
 Ou vens só por passear?  
 Diz-me, onde vaes, Andorinha,  
 Tão veloz — nesse voar?

Vens ouvir meiga corrente  
 Do meu Douro de crystal?  
 Ou vens nelle retratar-te  
 Linda ave angelical?

Vens saber se tem bellezas  
 O meu bello Portugal?  
 Por certo que o não sabias?  
 Pois olha, não tem rival!!

« Não me occultes, linda ave,  
 O teu singelo pensar!...  
 Diz-me, onde vaes, Andorinha,  
 A correr sem descansar?

.....  
 .....  
 A desditosa avesinha  
 Não me occultou seu pesar!!  
 Vôa — vôa — *viuvinha*,  
 Vôa sempre sem parar.

Nesse voar tão sentido  
 Da viuvez dás signaes,  
 Inda a voar, *viuvinha*,  
 Tu soltas sentidos ais.

Nem a ti só, linda ave,  
 Acontecem coisas taes  
 .....  
 Trovador, não continues,  
 Não digas — não digas mais.

1850.

*Moutinho.*

**Era um Anjo.**

A noite traz o silencio!...  
 Das trevas foge a alegria...  
 Na minha vida ha só noites,  
 Para mim findou-se o dia...  
 Só me apraz chorar, no êrmo  
 A minha melancolia!

Eu amei!... com que delirio...  
 Com quanto amor eu podia,  
 Mas esse amor tão ardente  
 Faz hoje minha agonia!  
 Tinha este amor taes mysterios,  
 Que eu mesmo não comprehendia.

Essa mulher tão formosa,  
 Por quem eu me enlouquecia,  
 Escarneceu das loucuras  
 D'este amor, que lh'offer'cia!...  
 Era um Anjo!... despresou-me!  
 Castigou minha ousadia.

Ai de mim! julgar que um Anjo  
 Com meus extremos prendia!...  
 Não pensar que era dos ceos!...  
 Que á terra não pertencia!...  
 E agora o pranto e o martyrio  
 Me faz cruel companhia.

*José Borges Pacheco Pereira.*

#### Cantico da Caridade.

VOZ.

Amores na terra, no émpyreo um thesoiro  
 Andamos vendendo; correi a infeirar,  
 Mercae, se haveis cobre; mercae, se haveis oiro;  
 Por todos os preços se pode mercar.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos,  
 Cantando a caridade.  
 Mendigos de mendigos,  
 Homens da humanidade,  
 Vamos batendo á porta  
 Dos corações de bem.  
 Um Deus, que aos bons conforta,  
 Lá lhes dará que dê'm.

VOZ.

Se o oiro não tendes, nem tendes o cobre,  
 A' mingoa de tudo tereis coração;  
 Convem que de todos a esmola se cobre;  
 O dó tambem serve; dae vós compaixão.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &c.

VOZ.

Se filhos e filhas o Ceo vos ha dado,  
 Por filhos e filhas é nosso pedir.  
 Dae, dae; que esmolando tereis grangeado  
 Aos vossos em premio florente porvir.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &c.

VOZ.

Os grandes futuros te'm ninho na escola;  
 Importa acudir-lhes com brando calor.  
 Por aguias implumes pedimos esmola;  
 Dae, dae, que salva-as é ser creador.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &c.

VOZ.

Que glorias á patria, que benções maternas  
 Em germen contendes n'uns pobres reaes!  
 Dae, dae, ternas almas; fazei-vos mais ternas;  
 Dae, dae, peitos duros, a vêr se abrandaes.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &c.

VOZ.

Não é sem designio, que a Mãe Providencia,  
 A tantos dá costas, e a vós abre as mãos;  
 Co'os montes de haveres por entre a indigencia;  
 Os ricos, te'm filhos; os pobres, irmãos.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &c.

VOZ.

No mar a dar tanto, na terra a dar tanto,  
 No sol a dar tudo por ceo, terra e mar;  
 O Pae, o Ineffavel, o Amor Sacrosanto  
 Nos cerca de emblemas, pregões do esmolhar.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &c.

\*

VOZ.

O avaro, possesso do oiro que ajunta,  
Tormentos prefere da esmola no prazer;  
Chorae, caridosos, ess'alma defunta;  
Seu barbaro inferno precede ao morrer.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &amp;c.

VOZ.

Tremei do mesquinho por vós despresado!  
Se a voz solta em choros, Deus ouve essa voz;  
Se cala e perdõa, se morre calado,  
Mais alto o silencio bradou contra vós.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &amp;c.

VOZ.

Sabeis, porque as ondas trasbordam dos mares?  
E em pestes e em guerras se fina um paiz?  
E' porque do seio dos impioes folgares  
Ha monstros que mofam dos ais do infeliz.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &amp;c.

VOZ.

Dae todos. Os tristes, de Deus são validos;  
Bemquistos com elles, com Deus o sereis;  
Vereis vossos campos em dobro lusidos;  
Medrar vossos gados em dobro vereis.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &amp;c.

VOZ.

A esmola, entre os anjos converte-se em rosas;  
Na vida, em delicias; no peito, em amor:  
Quem lagrimas furta co'as mãos caridosas,  
Traz nellas diamantes de eterno esplendor.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &amp;c.

VOZ.

Dae todos; e as benções virão á porfia  
De paz e abundancia colmar-vos o lar.  
Dae todos; a esmola mil crimes expia;  
E faz mil virtudes do amor germinar.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &amp;c.

VOZ.

Dae todos; a festa dos pobres no mundo  
Da vossa alem-mundo prelude será;  
Os seus ante-gostos n'um sonho jucundo  
Ind'hoje por anjos vos dê Jehová.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &amp;c.

VOZ.

Na hora tremenda, que a todos vem certa,  
Ao dobre dos sinos, quem folga ante a cruz?  
O bom; cuja dextra correu sempre aberta  
Aos bons pequeninos que amava Jesus.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &amp;c.

VOZ.

« Curti fome e sede, vós mesa me destes;  
Fui nu, e vestistes-me; á gloria voae! »  
Dirá Jesu Christo dos atrios celestes  
A vós, predilectos do Eterno seu Pae.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &amp;c.

VOZ.

A fé e a esperanza, farões para trevas,  
Por fóra illuminam do Empyreos umbraes;  
Mas tu, caridade, transpõel-os, e elevas  
Teus castos amores a gráo de immortaes.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &amp;c.

VOZ.

Que de homens vão êrmos da alegre esperanza!  
Que de homens vazios da vivida fé!  
Mas, se ha quem a afflictos ostente esquivanças  
Sem peito e sem alma já homem não é.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &amp;c.

VOZ.

A fé e a esperanza concentram-se n'alma;  
Seus fructos, são proprios; seus jubilos, seus;  
Mas tu, caridade, tu levas a palma;  
Que abranges a todos; e a mais; e ao teu Deus.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos, &amp;c.

VOZ.

A' flor das virtudes, á que é toda extremos,  
Cantada nas harpas de mil seraphins.  
«Triumpho, triumpho, triumpho» entoemos  
Ao som dos timbales e ao som dos clarins.

CÔRO.

Com Deus, e ávante, amigos,  
Cantando a caridade,  
Mendigos de mendigos,  
Homens da humanidade,  
Vamos batendo á porta  
Dos corações de bem;  
Um Deus, que aos bons conforta,  
Lá lhes dará que dê'm.

*A. F. de Castilho.*

(Da S.)

**Vasconcellos.**

(Continuado do numero antecedente).

## III.

Pela ponte levadiça  
Que tropel se não fazia!...  
A trotar, se bem trotára  
Vae grande cavallaria.

Como parte alegre o moço!  
Como o rosto lhe sorria!  
Já não tem que arrear-se  
Das ciladas, que temia.

Atravessa montes, valles,  
Passos d'armas.... á porfia;  
E seu corpo não repouso  
Nem de noite, nem de dia.

Corre agora pela relva,  
Ao som das aguas corria  
D'um ribeiro, que entre choupos  
Pelos seixinhos fugia.

Pelas praias corre agora  
Que o mar bramindo batia....  
E seu corpo não repouso  
Nem de noite, nem de dia!

Até que avista de longe  
N'uma calva serrania  
As muralhas d'um castello,  
Castello de moiraria.

Bandeira de meias-luas  
Ao vento solta pendia....  
Pelas crestadas ameias  
A cimittarra luzia.

— Arriba, arriba, meus homens! —  
O cavalleiro dizia,  
Pensando na sua dama,  
Que o esforço lhe accendia.

— Arriba, arriba, meus homens!  
Aos tópes da serrania!  
Cem cabeças de cem moiros  
Hei-de cortar n'este dia.

— Arriba, arriba, meus homens!  
A'quella vil moiraria!  
O primeiro, que alli chega  
Tem um premio de valia. —

Já lá vão á desfilada  
Pela agreste penedia.  
Pelos muros do castello  
Oh! que rumor d'agonia!...

Chega primeiro o mancebo.  
Contra a porta, que rangia,  
Bate, bate.... a porta estala....  
De par em par se fendia.

Ai, que negra mortandade  
N'aquelles cães se fazia!  
Das armas dos leonezes  
Que negro sangue escorria!...

Na ponta de cada lança  
Uma cabeça já fria!...  
Cem cabeças nas cem lanças!...  
Ai, que medo não fazia!

Vencêra o moço. Em memoria  
Que despojo levaria?  
A' cauda do seu cavallo  
As meias-luas prendia.

## IV.

— Abram-se lá essas portas  
Do palacio de Leão,  
Que bem a fallar ao rei  
Um seu leal capitão. —

Que mancebo tão bem-posto  
Brada com voz de trovão  
Pelas ruas principaes  
Da cidade de Leão!

Airoso no seu cavallo,  
Tam firme no seu arção!  
Bandeira de meias-luas  
Arrastada pelo chão!...

— Abram-se lá essas portas,  
Sem detença ou dilacção;  
Que venho trazer ao rei  
Cem cabeças e um pendão. —

— Sobe, sobe ás minhas salas,  
Meu valente capitão,  
Quero dar-te de teus feitos  
O premio por minha mão. —

— Cumpri-vos meu juramento,  
Cumpri-vos, meu rei, ou não?  
Cem cabeças de cem moiros  
A vossos pés aqui estáo.

A' cauda do meu cavallo  
Em desprezo o seu pendão...  
Cumpri-vos meu juramento,  
Que sou nobre de nação. —

— De seis castellos roqueiros  
Dou-te, ó moço, a defensão:  
Poem-lhes caldeira nas portas,  
Bandeira no torreão.

Dou-te agora dez coutadas  
Para a caça do falcão.  
Dou-te o meu cavallo branco,  
Dou-te espada e morrião.

E recebe agora a dama  
Que te mata o coração:  
Guardei-t'a com minhas filhas,  
Guardei-t'a por minha mão. —

— Aqui... deixai-me prostrado,  
O' senhor... rei de Leão... —  
— Ergue-te, moço, e recebe  
Mais um real galardão.

Quero dar-te um lindo móte  
Para o teu novo pendão;  
O nome de VASCOMZELLOS.  
Não tenhas outro braço.

O nome de VASCOMZELLOS  
Em lembrança d'esta acção  
Passará de páes a filhos  
Pela tua geração. —

E o nome de VASCOMZELLOS  
Dos tempos na corrupção  
Se mudou em VASCONCELLOS,  
Muito illustre com razão.

*Pereira da Cunha.*

(Da I.)

POESIAS RELIGIOSAS.

(Continuado do numero antecedente).

XVII.

ABIMELECH PUNIDO POR DEUS.

... Soror mea est. Misit ergo Abimelech rex Geraræ, et tulit eam... Et ego scis quod simplici corde fueris: et ideo custodivi te ne peccares in me, et non dimisi ut tangeres eam.

GEN. C. 20, v. 2, 6.

Abrahão, tendo Bethel abandonado,  
A' terra de Gerare enfim chegára,  
Aonde Abimelech lhe roubára  
Mulher, que por irman se tinha dado:

Mas Deus, de culpa tanta horrorizado,  
Bem como já no Egypto castigára,  
Castiga em breve o roubador de Sara,  
Que do regio poder tinha abusado:

Ameaças depois lhe faz de morte,  
E diz-lhe, que a mulher, que pretendia,  
Não era irman d'Abr'hão, massim consorte:

O Rei, que de seu crime não sabia,  
Entrega logo Sara, e desta sorte  
Novamente com Deus se concilia.

XVIII.

ISMAEL EXPULSO POR ABRAHÃO.

Surrexitque Abraham mane, estolens panem, et utrem aquæ, imposuit scapulæ ejus, tradidit que puerum, et dimisit eam.

GEN. 21, v. 14.

Isac, filho de Sara, que fazia  
Dos Paes, que o ser lhe deram, a ventura,  
No peito d'Ismael da inveja impura  
O fogo cada vez mais accendia:

Então d'Agar o filho, que assim via  
Fugir-lhe das riquezas a doçura,  
Tornou-se enfim de condição tão dura  
Para aquelle, a quem só amar devia;

Que Sara, p'ra atalhar um mal já certo,  
Consegue d'Abrahão por seus pedidos,  
Que expulse o filho, e mãe para o deserto;

Os quaes, sómente d'agua e pão munidos,  
Lá vão da solidão caminho incerto,  
Ao capricho da sorte conduzidos!

XIX.

SACRIFICIO D'ABRAHÃO.

Extenditque manum, et arripuit gladium, ut immolarit filium suum. Et ecce angelus domini clamavit... Per memetipsum Juravi, dicit Dominus: quia fecisti hanc rem, et non pepercisti filio tuo....

GEN. CAP. XXII, v. 10, 11, 16.

Abrahão, á voz de Deus obediente,  
Com passos vagarosos lá subia  
Ao alto monte, onde immolar devia  
O filho, a quem amava ternamente!

A victima infeliz, que reverente  
A paternal vontade só cumpria,  
Qual timido cordeiro, offerecia  
Ao ferro cortador collo innocente;

Quando Deus finalmente já seguro  
Daquella obediencia illimitada,  
Nascida d'um amor sincero, e puro,

Ao vêr do triste Pae a dextra alçada,  
Um anjo manda allí, que o golpe duro  
Vibrar não deixe á fulminante espada.

## XX.

## MORTE DE SARA.

Et mortua est (Sara)... Venit que Abraham ut plangeret et fletet eam. Cumque surrexisset ab officio fune-  
ris locutus est ad filios Heth, di-  
cens: Advena sum et peregrinus  
apud vos: date mihi jus sepulcri  
vobiscum ut sepelliam mortuam  
meam.

GEN. XXVIII, v. 2, 3, 4.

Depois d'immensos annos ter gosado  
D'uma sorte feliz a idosa Sara;  
Depois de sete lustros, que passára  
Do seu amado filho sempre ao lado,

Da vida o tenue fio, já delgado,  
A morte finalmente lhe cortara,  
Hindo a alma, que do corpo se apartára,  
Gosar do premio ao justo destinado.

Abr'hão lamenta a sua desventura,  
Mas, já que assim o quer a lei superna,  
Só cuida em dar ao corpo sepultura:

De Geth ao povo faz supplica terna,  
Que, docil de seus rogos á brandura,  
Lhe dá pr'a seu jazigo uma caverna.

## XXI.

## ISAC DESPOSA REBECCA.

Dixitque ad Servum... ut non ac-  
cipias uxorem filio meo de filiabus  
Chanaanorum. Domine Deus do-  
mini Abraham, occurre, obsecro,  
mi hodie et fac misericordiam eam  
domino meo Abraham.

... et eccipit eam uxorum, &c.

GEN. C. 24, v. 3. 12. 76.

Quiz dar o Pae d'Isac ao filho amado  
Mulher, que lhe adoçasse o fel da vida;  
Mas não que fosse em Chanaan nascida,  
E do Eterno provocasse o desagrado.

Fiel executor de seu mandado,  
Apresta-se Eliezer á partida;  
E, para achar a esposa pretendida,  
A' terra de Naccor corre apressado.

Alli supplica a Deus humildemente  
De mostrar-lhe uma virgem virtuosa,  
Que faça Isac feliz eternamente.

Indica-lhe o Senhor a mais formosa,  
Rebecca, que é trazida em continente  
Ao filho d'Abrahão, que a desposa.

## XXII.

## JACOB E ISAU.

Deprecatusque est Isac Dominum  
pro uxore sua, eo quod esset ste-  
rillis, qui exaudivit eum, et dedit  
conceptum Rebecca....

Ait Jacob: Jura ergo mihi. Ju-  
ravit Isau, et vendidit primogenita.

GEN. C. 26, v. 21, 23.

O filho d'Abrahão, Isac chamado,  
Que as delicias de Pae não conhecia,  
Em suas orações a Deus pedia  
Um filho, que lhe fosse affeiçoado.

Suas preces ao céu tendo chegado,  
Dois filhos deu Rebecca á luz do dia:  
Um delles — Isau — por nome havia;  
Ao outro o de — Jacob — se tinha dado.

Dos dois era Isau, por nascimento  
Herdeiro de seu Pae, inda a despeito  
De haver em seu irmão mais mer'cimento;

Mas um dia, em que á fome era sujeito,  
Isau a Jacob com juramento  
Vendeu por um guizado o seu direito.

Vieira.

(Do C.)



Improvisão.

A MINHA AMIGA D. MARGARETA M. DE F.

**T**u viste, meu anjo, a turba insensata,  
Prazeres do mundo contente buscar?  
Tu viste esse mundo tão cheio d'encanto  
Seus lédos afagos poder-te ofertar?

Ah! sim, tu o viste! mas viste a mentira  
Por entre os arcanos d'um meigo fadar!  
Tu lêste os mysterios occultos n'um sonho,  
Que a turba não pôde jámais decifrar.

Oh! não pôde amar o mundo  
Quem amou a solidão!  
Esta paz, esta ventura  
Que nos falla ao coração!  
Esta crenga não sabida  
Que nunca diz illusão!

Lá no mundo mil tropeços  
Te podiam magoar!  
Aqui sonhos d'innocencia  
Te viram acalentar:  
Este repouso da vida  
Tem do ceo o bafejar.

Como a rosa que no prado  
Já viste desabrochar;  
E na belleza no mimo,  
A do jardim affrontar;  
Morrer contente da vida  
Sem seus dias profanar.

O teu viver de ventura,  
Oh! não queiras, não trocar!  
Pelos prazeres mentidos  
Que no mundo fôste achar;  
Pelo delirar d'um sonho  
De p'rigoso despertar!

9 de Maio.

Anna A. de Sá.

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

A' *sentidissima* morte de meu prezado primo  
João de Magalhães de Lencastre  
e Menezes.

O sino que então, pausado e solemne,  
O dobre a finados com voz sepulchral,  
Nos diz que é forçoso cumprir do destino  
A lei immutavel, o mando fatal!..

Dos loucos, que agora só buscam prazeres,  
O corpo na terra se irá consumir!  
Do mundo as riquezas, as pompas, vaidades,  
Ao nada que foram terão de cabir!...

O sino funéreo, no lugubre accento,  
Toada dos mortos nos deixa escutar!...  
Chamando p'r'o leito de eterno descanso,  
Quem já n'esta vida não pôde accordar!...

O lirio que apenas seu calix abria,  
Feroz tempestade no chão desfolhou!...  
Mancebo que esp'ranças risonhas cercavam,  
O gêlo da campa ao mundo roubou!...

Carreira brilhante devia seguir,  
Que fosse seu nome na historia gravar!...  
Mas veio da morte terrivel phantasma,  
Seu nome e futuro em cinzas tornar.

Archanjo celeste! das ditas que o mundo,  
Com tua presença sereno gosou;  
Da paz que nos déstes socego e ventura,  
Só resta a lembrança, que o mais acabou!..

A mãe carinhosa, parentes e amigos,  
Deixaste, e no ceo feliz vaes viver!..  
Mas quem te adorava e agora te perde,  
Só tem por destino penar e soffrer!..

A'quelles que tinham —por ti— dôce vida,  
O pranto e saudade só cabe por sorte!..  
Que a dôr que seu peito constante apunhál-a  
Só pôde extinguir-se no leito da morte!..

JULHO — 1852.

NUM. 24.

Mas tu que já gozas na patria dos anjos!  
O premio das mágoas que o mundo te deu!..  
Ah! pede ao Senhor que se lembre dos tristes,  
De quem a ventura comtigo morreu!...

18 de Maio de 1852.

*D. Maria Candida P. V.*

**Nadas da vida.**

Despertou minha alma ha pouco  
Do seu profundo dormir:  
Viu sorrir-lhe anjo divino,  
Despertou, quiz-lhe sorrir.

Foi chimera! O anjo foi-se  
Outra vez morar no ceo;  
Outra vez cobriu minh'alma  
Enluctado, triste veço.

Vi, depois, érma no prado,  
Uma roza a despontar,  
Dei-lhe um beijo, e consagrei-lhe  
Esta minha ancia d'amar.

Vem do vento uma rajada,  
Desfolhou-me a linda flor;  
Desde então... resignei-me...  
Para mim não ha amor!

Abril de 1850.

*L. O.*

**● Pyrilampo.**

Vedi la lucciolléta,  
Fiaccola del contado,  
Viva favilla alata,  
Viva stella animata.

MARINI.

A' voz do Omnipotente o cháos estremece,  
Milhões e milhões d'orbes arrojá sobre o espaço,  
E Deus os viu formosos, e então seu forte braço  
Impôs-lhes o girarem brilhantes sobre os ceos;

E então esse luzeiro — de Deus farol immenso, —  
Imagem portentosa do — Increado verbo —  
Espaços infinitos illuminou sobre o  
E a lua veio meiga rasgar da noite os veos!

A terra cobriu-se tão linda de flores,  
As lidas eternas do mar começaram;  
E todos os entes seu hymno entoárám  
Ao Ente Supremo, ao Deus Creator.  
E o homem extatico olhou taes bellezas,  
E vendo que tudo era d'alle na terra,  
No mar, na campina, no valle, e na serra,  
Tambem ergueu cantos, louvando o Senhor!

E eu tambem louvo a Deus, porque contemplo  
As obras do seu braço Omnipotente;  
Ruge nas selvas o leão ardente,  
A baléa furiosa agita o mar,  
La move os tardos passos o elephanté,  
Assusta as mattas serpe enganadora,  
Paira no espaço a aguia tragadora,  
E com seus gritos estremece o ar!

Tambem louvo o Senhor, quando vejo  
Na campina brotar a violeta,  
Quando vejo a gentil barboléta  
Segredar-lhe mysterios d'amor;  
E me prostro diante do Eterno,  
Quando eu ouço do bosque no seio  
Echoar o sublime gorgoio,  
Que entoou o plumoso cantor.

Mas quando a noite com seu manto  
Occulta ceos, e terra, e mares,  
Então se mostra sobre os ares  
Uma estrellinha a scintillar!  
E creio em Deus com fé mais viva,  
Quando diviso o pyrilampo  
A atravessar de noite o campo,  
E então começo a meditar:

Que farás cá n'este mundo,  
Vagando sempre inquieto,  
Sósinho, gentil insecto,  
A brilha na escuridão,

Seguindo triste e calado  
O recondito destino,  
Que o pensamento divino  
Te fadou na criação?...

Serás de milhões d'entes  
O sol que os alumia,  
Fanal immenso, — e guia,  
Que o Creador lhes deu?!..  
Por isso vaes cumprindo,  
Esse brilhante fado,  
Que Deus te ha destinado,  
Escrepto lá no ceo?!...

Serás mensageiro,  
Que levas constante,  
Mensagens d'amante  
De flor a outra flor?  
E vaes afanoso  
Consolo levar-lhe,  
La vaes abrandar-lhe  
Saudades d'amor?!...

Ou és acaso,  
Formoso ente,  
Alguma ardeante  
Exhalação  
D'aquelles fogos,  
Que a fertil terra  
Présos encerra  
No coração?!...

E' um genio,  
Que vagando  
Vai brilhando  
Pelo ar,  
Que essa fórma,  
Tão airosa,  
Caprichosa,  
Quer tomar?!...

Que as asas  
Batendo,  
Correndo

La vai;  
No espaço  
Infundo,  
Fugindo  
Se esvai?!...  
.....

Pobre louco!!  
— Sus! poeta; —  
Olha a méta:  
Do saber!  
Não foi dado  
Aos humanos  
Taes arcanos  
Comprender.

Eu vejo absorto,  
Mortal sapiente,  
Que da tua mente  
Grande é o poder;  
Da eternidade  
O sello augusto  
Te pôz o JUSTO,  
O ETERNO SER.

Tu vaés sobre as ondas  
Altivo correndo,  
E as ondas gemendo  
Por baixo a rolar!...  
Os ventos sibillam,  
Enublam-se os ares,  
E tu sobre os mares  
Contente a vogar!

— Que vêem além passando  
Meus olhos deslumbrados?...  
La vôa sobre os prados  
Gigante enorme além;  
Pennachó longo e negro  
No espaço lhe ondulava....  
Qual raio elle passava,  
— Quem era?... d'onde vem?...

Eu vi-o ao longe sumir-se  
Na faldá d'um grande outeiro,

E como o vento ligeiro,  
Na opposta faldá appar'cer...  
Quem era?... — o genio do homem,  
Que as distancias acabava,  
E um grande passo avançava  
Na carreira do saber.

E o homem livre sóbe aos astros,  
E vai pairar na immensidade;  
De lá contempla a Divindade  
Na obra prima da creação.  
Lá sóbe aos astros audacioso,  
Involto em machina famosa;  
E não inveja aguia alterosa,  
Porque hombrêa com ella então.

O pavor não descora seu rosto,  
Quando dóma os abysmos profundos;  
Elle foi descobrir novos mundos,  
Elle as iras sustou de Jehová!  
Alça o homem a voz poderosa  
Lá no extremo do gelido norte,  
E o seu grito resôa tão forte,  
Que instantaneo se escuta de cá!!

Já tinha Deus escripto no principio  
No livro dos destinos dos humanos,  
Que o mortal descobrisse altos arcanos,  
Que á sua intelligencia confiou,  
— E o homem devassou a natureza,  
E com orgulho nobre e ufania,  
Disse cheio de força e d'energia:  
« Quem nega que d'um Deus feitura sou?! »

Aos astros se eleva de perto a fital-os,  
Seguro se occulta no seio dos mares,  
E em tudo o que habita na terra e nos ares  
Só elle é que impéra, — quem manda elle só!  
Altiva se ufana de pé sobre o globo  
Radiante d'orgulho, sublime feitura,  
A obra suprema de Deus — a creatura,  
Que em sua omnisciencia plasmára de pó!

Mortal, que tanto has lido no livro da natura,  
Mortal, que tudo sabes, quem é aquelle insecto,  
Que além vai divagando nos ares, inquieto,  
Que eu vejo sempre á noite nos ares a brilhar?!  
O Eterno não te disse qual era o seu destino?!  
Embora pois; — que passe sózinho o pyzilampo,  
Na escuridão da noite atravessando o campo,  
Mas eu n'este vivente a Deus quero adorar.

Aveiro, 6 de Julho de 1852.

#### A Angela.

Vem depressa, linda estrella,  
Apagar minha paixão,  
Vem trocar em d'óces hymnos,  
Do triste bardo a canção.

J. D'ARAÚJO JUSANTE.

Hei-de amar-te, qu'importa escarneças  
Este amor que no peito nasceu!...  
Hei-de amar-te inda mesmo na campa;  
Teu serei cá na terra e no céu!...

Que m'importa que o mundo perverso  
Tente em vão *nossos laços quebrar*?  
Iguaes todos nós somos na terra,  
Para todos creou Deus o amar!

Que m'importa que nobre tu sejas,  
Que tu tenhas doirados braços?...  
Quando Deus pôz o homem no mundo,  
Fêl-o igual... não lhe deu distincções!

Iguaes todos nós somos na terra,  
Iguaes todos um Deus nos creou!  
Entre o crime, e a virtude sómente  
Distincção cá no mundo encontrou...

Eu não troco a honrada pobreza,  
Por nobreza ganhada no crime;  
Serei pobre, qu'importa?... mas vil,  
O remorso meu peito não opprime.

Hei-de amar-te, qu'importa escarneças,  
Este amor que no peito nasceu!  
Sé na terra eu não posso gozante:  
Só contigo viv'rei lá no ceu!...

Coimbra 12 de Maio de 1852.

A. Sarmiento.

**Um conselho.**

No Album da Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Anna Elvira  
de Freitas.

.... sonda nunca soára o ruído tormen-  
toso da vida; sonda nunca a dolorosa  
realidade do mundo havia penetrado,  
salvo nos sonhos passageiros e dourados  
d'algum coração mais ardente.

O. Moura — Evrasto — A. H.

Se bem que inda joven, Elvira! este mundo  
Só fel tem vertido no meu coração!  
Se antolho a ventura é só por momentos,  
Após a desdita repete — illusão!  
— A quadra ditosa da infancia esvaiu-se,  
— No abysmo dos sec'los p'ra sempre sumiu-se!

Elvira! és um anjo, mais bella entre as bellas;  
Tua c'róa de virgem tem magico alvor,  
Não queiras da mágoa saber os arcanos,  
Buscando prender-te nos laços d'amor!  
— Formosa, não deixes a tua mansão,  
— Que a sombra do Christo é a luz da razão.

Dos gélos o sópro desfolha o vergel,  
Roubando o aroma do calix á flôr:  
Do mundo o contacto destroe a innocencia,  
E a alma se exhala submersa na dôr!  
— Formosa, não deixes a tua mansão,  
— Que a rosa entre as fôlhas tem mais duração.

Das aras o incenso extingue os pezares,  
A paz refrigera do peito os ardores,  
Do mundo o sarcasmo define a existencia,

Em leito de espinhos, cercada d'horrores!  
— Formosa, não deixes a sombra da cruz,  
— Verás que a ventura só n'ella translux.

E' este, Elvira, o conselho  
Do mesquinho Trovador,  
Adopta-o, terás ventura,  
Se no seio da clausura  
Não conhecestes inda amor!!

Braga, 26 de Fevereiro de 1852.

Antonio Luiz de Vilhena!

**Impressão d'uns versos tristes.**

Se na terra só tinhas d'esperança  
Uma luz, que o descrêr te apagou,  
Como vives, cantôra da morte!  
Quem tal hymno d'horror te inspirou?

Tu descrêste do amor, deaditosa!  
Como tu... já descri eu tambem:  
Mas descrêr da amizade — oh! acaso  
Já na terra não tens pae nem mãe!?

1849 — Lisboa.

F.

**Um amor perfeito.**

Tenho um lindo... Que elles podem!  
Amor perfeito, Vir murchar-me,  
Que no peito... Desfolhar-me!  
Vou depôr; A linda flôr;  
Pois não quero... E eu adoro-a!  
Vêr murchada, Por esperança,  
Maltractada, Por lembrança,  
A miãha flôr! Ser de amor!

Ninguém sabe  
Flôr tam linda  
D'onde é vinda...  
Mas eu sei...  
E' segredo,  
Não n'ó digo,  
Só commigo  
O guardarei!

E que importa,  
Que a florinha  
Tenha asinha  
De murchar?  
Posso acaso,  
Meus amôres  
Com as flores  
Comparar?

Da tormenta  
Não receio,  
Pois no seio  
O encerrarei;  
Mas dos homens  
Tenho medo...  
Meu segredo  
Não direi!

Não! — D'est'alma  
Viva crença  
E' intensa...  
— Que sei eu! —  
Amor puro  
Vive eterno  
Contra o inferno,  
Contra o ceo!

Inda mesmo  
Quando á morte  
Negra sorte  
Me lançar,  
Ha-de sempre  
O amor perfeito  
No meu peito  
Se encontrar!

A. P. Soromenho.

Soneto.

E' morta minha Esposa tam querida,  
Inexprimivel dor me rói no peito;  
A pálida tristeza, em laço estreito,  
No intimo d'alma de continuo lida.

Do morrer grata ideia appetecida  
Presente sempre tenho a pé, no leito;  
A este só viver estou affeito,  
E' o meu só pensamento o fim da vida!

Gosto os olhos passar na sepultura,  
Calcular quando n'ella a Eternidade  
Me ha-de encerrar em pereanal clausura!

Cara Esposa, estalou tua amizade,  
Acabou para mim doce ventura,  
E que me resta só? — minha saudade!...

Guimarães, 20 de Maio de 1852.

Joaquim Silvestre de Sousa.

Indifferença.

Mi alma reposa alfin.  
AVELLANEDA.

Saudades do passado,  
Pezares do presente,  
Esp'ranças no futuro,  
Nada minh'alma sente.

Nada me dá estímulo —  
Nem goso co'o prazer,  
Nem peno co'a tristeza —  
Assim que hei-de querer?

Ai quero que este estado  
Dure bem tempo em mim...  
Não quero dor, nem goso,  
Nada desejo em fim.

\*  
Mulher, ai não me creias...  
Não creias que eu te adoro,  
Nem te amo, nem te odeio,  
Nem teu amor imploro.

\*  
Amostra, ó Natureza,  
Encantos ou terrôres...  
Carrega o sobrecenho...  
Ou sorris com mil flores...

Se queres secca os campos  
Com hálito empestado...  
Se queres não me mostres  
O céu de azul pintado.

Imita, ó mar furioso,  
Dos leões o rugido,  
Ou plácido, o respiro  
De instante adormecido.

Tanto me faz que os astros  
De noite ornem o céu,  
Como que tudo envolva  
Pezado escuro veu.

\*

Parece-me que a vida  
Assim encantos tem...  
Mas se quizeres, morte,  
— Eu não te odeio — vem.

Junho 18 — 1852.

J. S. S. Ferraz.

**Canto da morte.**

(Do *Diabo-Mundo* DE ESPRONCEDA).

Fragil mortal, não te assuste  
O mysterio meu, o nome!  
No meu seio encontra o homem  
O repouso que lhe apraz:  
Eu compassiva lh'offereço  
Longe do mundo um asylo,  
Onde descance, e tranquillo  
Para sempre durma em paz.

Eu sou ilha de repouso  
No meio do mar da vida,  
Onde logo o nauta olvida  
A tormenta que passou;

Onde com vida ao descanso  
Sem rumor a lympha pura  
Dorme emfim, e não murmura  
A briza que o bafejou.

Sou qual salgueiro pendido  
Que com a ramagem flebil  
Vai dar sombra á fronte debil,  
Que enrugou duro pezar;  
Adormeço e mitigo  
Com meu frescôr seu tormento,  
Ao passo que o esquecimento  
Sobre ella vem adejar.

Sou a virgem mysteriosa  
Do teu amor derradeiro;  
Dou thalamo prasenteiro,  
Sem espinhos dou a flor,  
E, dou, amante, carinhos  
Sem vaidade, nem falsia;  
Não dou prazer, alegria,  
Mas é eterno o meu amor.

Diante de mim a sciencia  
Calou-se, o descrer termina;  
Só a minha bôca ensina  
Tal qual é pura a verdade;  
E d'esta vida, e da morte  
Ao sabio mostro o segredo,  
Quando lhe quebro o degredo —  
Quando o levo á eternidade.

Vem! tua fronte repousa  
Nos meus braços! que amiorosa,  
Qual terna mãe, carinhosa,  
Bem ao seio t'hei-de unir!  
Vem! e descansa p'ra sempre  
N'este leito suave e brando,  
Ao repouso convidando,  
Ao doce não existir.

Deixa que dêem tormentos  
Ao que no mundo se lança,  
Mentras sem fim da esperança,

Saudade que punge em vão;  
 Mentira são seus amores!  
 Mentira ns. suas victorias,  
 Mentira são suas glorias,  
 Mentira a sua illusão!

Deixa pois, deixa teus olhos  
 Fechar a um somno ameno,  
 Seccar n'um beijo sereno  
 O teu pranto d'afflicção!  
 Farci cessar tuas penas,  
 O teu duro soffrimento,  
 Pondo termo ao teu violento  
 Palpitar do coração.

L.

Saudades.

TRIBUTO Á AMIZADE.

A' Exc.<sup>ma</sup> Srr.<sup>a</sup> D. Maria d'A. Cunha.

Escuta, donzella, o canto sentido  
 Nascido n'est'alma, gerado na dôr!...  
 O canto que — triste — deseja mostrar-te  
 A forte saudade do triste cantôr!...

Saudade profunda, que tu cá deixaste,  
 Foi dado a um triste podêl-a sentir;  
 Mas coube-lhe em sorte, donzella ditosa,  
 De não a poder com viveza exprimir!

Saudades de ti, ó mimosa donzella!  
 Saudades que a ausência n'est'alma verteu!  
 Saudades de ti — branca pérola augusta —  
 Cahida da corda d'um anjo do ceo!

E tu, alvo cysne, que ledo cantavas,  
 Revendo-te airoso n'um lago d'anil;  
 Mal foges da patria, tu calas o canto  
 Que dôce inspirára descantes a mil.

Fugiu-te co' a patria tambem a alegria?  
 Oh! isso, donzella, de certo que não!!  
 A qu'eu possuia; se tu m'a roubaste,  
 De certo a possues no teu coração!!..

Então, alvo-cysne, desprende da lyra  
 Suaves endexas — mimosas canções!!..  
 Que ao lêr os teus versos, eu sinto n'est'alma  
 Suave ternura, calar as paixões!!..

Junho de 1852.

Moutinho.

Adeus.

Junto a ti, candida pomba,  
 Que bellas horas passei!  
 Que suspiros tu me davas,  
 E que lagrimas te dei!..

Era o suspiro da creença  
 Era a lagrima do amor,  
 Era o gôso, que se exprime  
 Com linguagem de dor.

Tudo quanto eram promessas  
 D'uma esp'rança mentirosa...  
 Sonho vão!.. sumiu-se tudo  
 Na descrença pavorosa!

Oh! que abysmo eu hei cavado  
 N'esta alma inda infantil!  
 Uma só creença não tenho...  
 Nem só uma d'entre mil!

1850. \*

*Errata.* — Em o numero antecedente, a pag. 184, col. 1.<sup>a</sup>, linha ultima, aonde se lê — E do Eterno provocasse o desagrado — lê-se: *E de Deus provocasse o desagrado.*



Venite ad me, et  
ego reficiam vos.

**E**u vi-a entrar co' a fronte levantada  
No templo do Senhor,  
Ornada de brilhantes pedrarias,  
Cingida d'esplendor;  
Formosa como o lirio das campinas  
No orvalho da manhã,  
Sorria como a quadra dos amores  
Quando sorri louçã;  
Dos olhos côr da noite fulgurava  
P'rigosa languidez,  
D'assetinada, deslumbrante alvura  
Era a mimosa têz;  
Longas madeixas d'ebano pendiam  
Do collo divinal;  
— Occulto em fórmãs de celeste archanjo  
Era o genio do mal! —  
Eu vi-a entrar; — o templo era de lucto,  
Vestia escuridão;  
— Era o dia que vira consummar-se  
A nossa redempção!  
  
Nuvens e nuvens de sagrado incenso  
Se espalhavam no ar,  
Hiam pelas arcadas sons do orgão  
Queixosos expirar!...  
— Nas trevas sobranceira alva cabeça  
D'um ancião brilhou;  
O templo emmudeceu, — e o Sacerdote  
De Deus então fallou:  
Contou dos bens terrenos a vaidade,  
Contou do amôr de Deus,  
Contou que por amôr tinha descido  
A' terra — lá dos Ceos:  
Que por amôr ao Golgotha subira  
Innocente Jesus,  
Que o Creador d'amôr pela creatura  
Morrêra sobre a cruz!...  
Contava venerando, e a voz tremente  
Chegava ao coração;  
Calou; — tudo lá dentro era silencio,  
Tudo era compunção.

2.<sup>a</sup> COLLECÇÃO.

D'ahi a pouco o templo era vazio,  
Eu sósinho fiquei;  
Nas trevas curioso minhas vistas  
Do templo mergulhei...  
.....  
Eu vi-a entrar co' a fronte levantada  
No templo do Senhor,  
Ornada de brilhantes pedrarias,  
Cingida d'esplendôr.  
.....  
Um vulto de mulher sobre o lagêdo  
Por entre as trevas vi;  
Cheguei-me de mais perto silencioso,  
E ouvi fallar assi:  
  
Riso nos labios, e no peito o inferno,  
— E' este o meu viver!!  
Perdão, perdão, Senhor! — que n'este mundo  
E' grande o meu soffrer!  
Infante me sorriu leda ventura,  
Nasci p'ra ser feliz,  
Mas o homem, — perverso! — olhou-me em face,  
E a minha infamia quiz!  
Depois que me lançou assim perdida  
Da deshonra no pó,  
Então fiquei no mundo ao desamparo,  
Desabrigada e só!...  
Veio a fome, a nudêz, — veio a miseria,  
— Tentação infernal! —  
Veio ao depois o resvalar dos vicios  
No negro tremedal!  
Mergulhar n'um oceano d'impurezas,  
E... O HABITO no fim!  
O habito horroroso que me trouxe  
A esta vida assim!  
— Maldita a sociedade, que não pode  
Tolher-me a perdição!  
Cáia sobre ella da mulher perdida  
Horrenda maldição!...  
  
Perdão, perdão, Senhor! mas n'este mundo  
E' grande o meu soffrer!  
Riso nos labios, e no peito o inferno  
— E' este o meu viver! —

AGOSTO — 1852.

NUM. 25.

Quando embalava a minha alegre infancia  
 O braço maternal,  
 Eu cuidava — innocente — que no mundo  
 Não existia o mal  
 — Oh! se eu morresse então, meu corpo e alma  
 Gosariam de paz;  
 Não seria o que os homens me appellidam:  
 = Filha de Satanaz! =  
 Fiquei sem pae, sem mãe, e sem parentes,  
 Desabrigada e só,  
 E o homem me lançou assim perdida  
 Da deshonra no pó!  
 Pobre de mim! — com opulentas galas,  
 Com todo este fulgôr,  
 Eu jámais entendi afeição pura!  
 Jámais senti amôr!!  
 Por isso venho, oh! Deus, aqui prostrar-me  
 Perante o vosso altar;  
 Vós olhaes compassivo os desgraçados,  
 Só sabeis perdoar.

Perdão, perdão, — Senhor! — que n'este mundo  
 E' grande o meu soffrer!  
 Riso nos labios, e no peito o inferno,  
 — E' este o meu viver.

Debruçada cahiu; — copioso pranto  
 Cortou-lhe a voz aqui:  
 — Eu afastei-me triste e pensativo,  
 Scismando no que ouvi.

Aveiro 18 de Julho de 1852.

\* \* \*

● **sonho da Actriz.** (\*)

Não sei se vos deva contar em voz alta  
 Um sonho que eu tive. Os sonhos que são?  
 Mentiras. Apenas com ellas se exalta  
 A's vezes um pobre, leal coração.

(\*) Recitado por Emilia das Neves e Sousa, no dia do seu Beneficio, no R. Theatro de S. João da cidade do Porto, em 25 de Março de 1851.

E a gente que sonha, que sonha baixinho,  
 Talvez com seu anjo n'essa hora a fallar,  
 Expôr-se ao escarneo do mundo mesquinho?!  
 Que dizem? que conte?... lá vai, vou contar.

O sol era posto, por tarde fôrmosa,  
 Por uma das tardes do meu Portugal,  
 D'aquellas que tingem o ceo côr de rosa,  
 D'aquellas que eu amo, que são sem rival.

A' beira do Douro, sósinha, sentada,  
 Tão triste! tão triste!.. de triste dormi,  
 Que ha mágoas tamanhas! que uma alma cançada  
 Ao corpo se rende, como eu me rendi.

Dormia. Eis que vejo, patente aos meus passos,  
 Da gloria o caminho, qual sol a fulgir;  
 Ergui-me d'um salto, convulsos os braços,  
 Arrojo-me á estrada... tudo isto a dormir.

Das artes o Genio, c'roado de louros,  
 Com gesto risonho, tomou-me esta mão,  
 Guiou-me onde tinha seus ricos thesouros,  
 Ao seu capitolio... e lá disse então:

« Longe d'haste, onde brotára,  
 « Murcha enrola, e secca a flôr;  
 « Longe d'agua, que o creára,  
 « Morre o peixe nadador;  
 « E o que nas balsas cantára,  
 « O rouxinol trovador,  
 « Longe da verde guarida  
 « Perde o canto, perde a vida. »

Sumiu-se, eu fiquei-me pasmada, e cá dentro  
 Senti renascer-me, senti-me viver,  
 Senti que encontrava de novo o meu centro,  
 Alampada morta, sentir-me accender;

Senti; era arbusto d'alli oriundo,  
 Não tinha outra Patria... no mundo ideal  
 A Patria do artista... que, cá n'este mundo,  
 Bem sei que sou filha do meu Portugal.

Começo, qual pomba do vôo esquecida,  
 Começo co'as azas o espaço a teatar...  
 Mas eis que em seus vôos a brisa atrevida  
 Sacode-me ás faces a espuma do mar!

Accórdo... era sonho das artes o templo  
 Aberto de novo á gloria da Actriz!  
 Um sonho sómente; e a Actriz um exemplo,  
 Do que é ser proscripto no proprio paiz!

E' flôr, longe d'haste; é peixe, sem agua;  
 E', longe dos bosques, plumoso cantor;  
 E' ter esta vida tão farta de mágoa;  
 E' ter uma estrella, perder-lhe o fulgor!

Mas isto são coisas, que eu conte em voz alta?  
 Que valem os sonhos? os sonhos que são?  
 Mentiras. Que importa? com ellas se exalta  
 A's vezes um pobre, leal coração.

*João de Lemos.*

**A doida d'Albano.**

I.

— Anda cá, meu filho, escuta,  
 — E's amigo de tua mãe?  
 « O' minha mãe, que pergunta!  
 — Basta, meu Paulo, pois bem,  
 — Vai vêr a velha Vicencia  
 — O amor que um filho lhe tem.

— Faz vinte annos... e dizendo  
 Tira do peito um punhal,  
 — Que teu pae morreu a golpes  
 — D'este ferro por meu mal,  
 — E que eu de vir a vingal-o  
 — Fiz uma jura fatal.

« Uma jura, Mãe Sanctissima!  
 « O' minha mãe, que jurou?

— Eu jurei por este sangue  
 — Que em ferrugem se tortou,  
 — Que tu, filho, matarias  
 — Esse que teu pae matou.

— Matas? « Mato; aqui o juro. »  
 — E matas seja quem fôr?  
 « Juro. — Inda que a vingança  
 — Te roube ao seio um amor?  
 « Inda assim. » — Toma este ferro,  
 — E' Ricardo o matador.

« Ricardo, o pae de Maria?!  
 — Sim, esse. « O' mãe, perdoae.  
 — Pela amante o pae esqueces,  
 — Filho ingrato!! Parte, vae,  
 — Cumpre a jura, ou sê maldito,  
 — Se tu não vingas teu pae.

II.

N'essa noite tinto em sangue,  
 Com os cabellos no ar,  
 O assassino de Ricardo  
 Foi aos pés da mãe lançar  
 O punhal com que jurara  
 Do pae a morte vingar.

Sorriu-se a velha, e contente  
 Abraçava o vingador,  
 Quando eis subito apparece  
 Qual bella estatua de dôr  
 Junto do grupo chorando  
 D'Albano a candida flôr.

— « Paulo, meu Paulo, vingança,  
 — « Perdi meu pae; não o lês  
 — « N'estas lagrimas sentidas  
 — « Que aqui derramo a teus pés?  
 — « Paulo, meu Paulo, vingança,  
 — « Vinga-me tu por quem és.

— « Eu vi-o banhado em sangue,  
 — « Assiati-lhe ao triste fim,

— « Quiz fallar-me e já não pôde,  
 — « Co' os olhos fitos em mim  
 — « Expirou. Vingança eterna.  
 — « Tu vingas-me, Paulo, sim? »

« Vingo, Maria, socega,  
 « Eu sei quem teu pae matou,  
 « Vae morrer co'o mesmo ferro.  
 « Que inda ha pouco o trespassou.  
 Isto disse, e a punhaladas  
 O proprio seio cravou.

## III.

Foge a triste espavorida,  
 Deixa Albano, e sem parar,  
 Entra em Roma ao outro dia  
 Por toda a parte a gritar:  
 — « Quem me mata por piedade,  
 — « Quem me vem tambem matar? »

Assim vaguêa tres dias,  
 Té que ao quarto endoideceu,  
 E inda hoje o caminhante,  
 Quando passa ao colliseo,  
 Vê a pobre ás gargalhadas  
 Vingança pedindo ao ceo.

A. X. R. Cordeiro.

---

**Esperança.**

*Improviso ao meu prezado amigo M. M. Balsemão.*

Esperança! — das horas de saudade  
 E's magica visão!  
 Celeste sôpro, que esvoaças meiga  
 Em tôrno ao coração!

Quem pôde os teus encantos n'esta vida  
 Deixar de apreciar?  
 Eu não! — que por ti vivo; e sinto os dias  
 Venturosos passar! —

Por ti creio na patria, que opprimida  
 Succumba á escravidão!  
 Por ti na liberdade eu creio; em tudo  
 Me dás consolação!

Por ti saudoso espero um doce amigo,  
 Que breve aneio vêr! —  
 Por ti no mundo espero um dia ainda  
 Achar uma mulher!

Por ti, minha amisade ao companheiro.  
 Que tenho junto a mim.  
 Protestei consagrar!.. Se tu não foras  
 Feliz seria assim?!

Oh! não; que a vida é árida e tristonha  
 Sem teu meigo sorrir!..  
 Sem ti — que valem gosos da existencia,  
 Que importa o existir!..

Eu amo-te! — Das horas de saudade  
 E's magica visão!  
 Celeste sôpro que a ventura espalhas  
 Em tôrno ao coração!

27 de Julho de 1852.

A. P. Soromenho.

---

*Ao meu mais prezado amigo, Miguel Maria Antunes.*

Se suppões qual a grandeza  
 Da tormentosa paixão,  
 Que soffre a mãe a quem roubam  
 Terno filho ao coração:

E se sabes quanto soffre  
O namorado extremo;  
Vendo fanada a 'sperança  
De provar *celeste* goso?!..

S'imaginas qual a dor  
D'afflictivo naufragado,  
Perto da terra onde vê  
O pranto do filho amado:

Ou se crês quantas angustias  
Soffre exilado o proscripto;  
Longe da patria onde deixa,  
O seu filho tão afflictivo.

Se avalias o tormento,  
Do esforçado guerreiro;  
A quem pelee a patria o braço  
E se vê n'um captivo?

Crê ainda que é mais forte,  
A crua dor da paixão;  
Que vae ralar-me n'ausencia  
Do teu meigo coração!!..

Coimbra — Junho 1852.

*F. M. Supico.*

**A hora da partida.**

*AO MEU AMIGO FRANCISCO MARIA SUPICO.*

Nas torres gigantes, que aos ares se elevam  
Os lugubres sinos já ouço echoar...  
E' hora funesta da tua partida,  
P'r'as plagas longinhas que vae habitar.

N'est' hora de angustia, p'ra sempre, quem sabe?  
Me vae negra sorte de ti separar;  
O peito convulso batendo já sinto...  
E o pranto ligeiro dos olhos baixar.

Meu Deus!.. negra a hora soou pressurosa  
De intensas angustias p'r'o meu coração!  
A hora em que partes, amigo querido,  
Pouzando tristonho na tua esta mão.

Porém já que o fado t'ordena, que partas,  
Não pódés deixar de cumprir tal missão!  
Oh! sulca esses mares, barreira infinita,  
Que deixa este peito em tam negra oppressão.

Ai! triste carpindo cá fico sosinho,  
Saudades pungentes de pura affeição,  
Que a ti eu consagro-o, amigo extremado,  
No intimo d'alma, no meu coração.

Que ternas endeixas eu sempre gostoso  
Na lyra saudosa t'ouvia entoar!..  
Canções melancolicas do intimo d'alma,  
Do peito exprimindo profundo penar!

Mas é hoje o dia d'eterna memoria,  
Que a mágoas cruentas me vem entregar!  
Que dôr n'este mundo, existir, hoje póde  
Que a esta que eu sinto se possa igualar.

.....

Escuta!! não ouves nas torres lá longe  
No bronze terrivel a hora fatal?!...  
A hora saudosa da tua partida?  
A hora em que deixas o teu Portugal?!

Ai!. partes amigo!!.. permite-me ainda  
Que em ultimo abraço te possa estreitar!...  
Co' o pranto sentido que d'alma se exhala  
As pállidas faces deixar-te banhar!

Adeus, caro amigo! sê fliz e ditoso,  
Qu'eu triste sem ti, nunca mais o serei!...  
Ai! lembra-te sempre d'aquella amizade,  
Que em trovas singelas eu já te jurei!..

Adeus, que não posso nas lividas faces  
 Amargo meu pranto deixar estancar!  
 Adeus! s'algum dia estes versos tu lêres,  
 Oh! lembra o amigo que fica a pensar!!?...

Coimbra, 15 de Julho de 1852.

M. M. A.

### Declaração d'amôr.

Pensei! ó meu anjo! que em paz viveria  
 Do mundo descrido, caçado d'amar;  
 Julguei, que o martyrio, desprêso, e ciume  
 Jámais poderiam meu peito magoar.

Mas que! enganei-me!... já hoje deliro  
 Por esses teus olhos formosos, que achei;  
 Já soffro ciumes — já vivo no inferno,  
 Pois amo co' a força, qual d'antes amei.

José Borges Pacheco Pereira.

### A voz do pandigo.

O rir, o beber, o cantar sobre a terra  
 Nas noites d'inverno com bons companheiros,  
 E' goso infinito em que a vida s'encerra,  
 Fumando, bebendo, gritando os parceiros.

Cuidados não ha, nem as pennas nos quèrem,  
 Gosamos a vida d'um bom padre cura;  
 Não somos *pedantes*, que a isto preferem,  
 Amar e viver em horrivel tortura!

Não qu'remos as vozes mentidas das *bellas*,  
 Qu'enganam os peitos a alma d'um santo:  
 Que arrojam os dias de b'lezas singellas,  
 Em atra borrasca, nas ondas de pranto.

Tristeza só sabem no peito infundir,  
 Querendo lançar os cuidados na alma:  
 A bôca nos fecham p'ra nunca mais rit,  
 P'ra assim nos roubar dos prazeres a palma.

Por isso que serve um olhinho bregeiro,  
 Sorrindo, fallando com nossas *paixões*:  
 Lançar-nos aos pés de mulher sem dinheiro,  
 R'negando os amigos, festins e canções.

Lançando de fumo mil ondas nevadas,  
 Mais amo o cigarro, o cachimbo fagueiro;  
 Mais qu'olhos marotos, que bôcas rosadas,  
 Pousando mil beijos no rosto grosseiro.

Por isso só quero d'amigos *Bacchantes*,  
 Ouvir as canções, o bom vinho bebendo:  
 E nunca a voz dôce, fallaz das amantes,  
 Segredos fingidos, baixinho dizendo.

Amigos patuscos! — deixemos *amores*!  
 Bebâmos o ponche que arde veloz!!  
*Amôres* deixemos! que causam só dores,  
 Gritemos, bebâmos, que estamos a sós!

Coimbra 1852.

J. d'Araujo Jusarte.

### Queres saber?

(NO LIVRO D'ELLA.)

Queres saber, ó donzella,  
 Por quem nutro uma afeição?  
 Por quem sinto palpitar-me  
 Só d'amor o coração? —

Queres saber quem adoro?...  
 Em quem minh'alma só cré!...  
 Vai rever-te ao teu espelho,  
 Qu'elle te dirá quem é.

Julho — 1852.

Moutinho.

## A morte d'um Filho.

E nem tinha a açucena mais candura,  
Nem o lírio do val' mais innocencia!  
SILVA LEAL JUNIOR.

Aurelio, meu anjo, meu filho o mais caro,  
Quem crêra tam cêdo que havias finar-te!  
—Tão lindo, tam meigo, d'ingenho tam raro,  
Eterno, meu filho, terei de chorar-te!

Incantos que tinhas, a todos captivos,  
Se acaso te viam), des' logo deixavam!  
Teus olhos rasgados, e pretos e vivos,  
Que mimos e graças que não dardejavam!

Os dictos que soltos dos labios pendias,  
Agrados creavam nos mais indiff'rentes!  
—A morte cruel que —gemendo— senti-as  
Té prantos rebenta « e afóra os parentes!»

Aurelio, meu anjo, meu filho o mais caro,  
Quem crêra tam cêdo que havias finar-te!  
—Tam lindo, tam meigo, d'ingenho tam raro,  
Eterno, meu filho, terei de chorar-te!

Tam tenro d'idade, as amostras buscavas  
De conchas e rochas, madeiras e tudo!  
—Com teu museusinho que assaz estimavas,  
Que provas não davas de genio e d'estudo!

Futuros brilhantes, fagueiras esp'ranças,  
Sonhava, meu filho, terias da sorte!  
—De tudo que resta?.. minh'alma, o que alcanças?  
—Só restam... alcanças... despojos da morte!

Aurelio, meu anjo, meu filho o mais caro,  
Quem crêra tam cêdo que havias finar-te!  
—Tam lindó, tam meigo, d'ingenho tam raro,  
Eterno, meu filho, terei de chorar-te!

Braga — Maio de 1852.

P.—C.

## A desesperação.

Se eu fôra vulcão — se fogo do Averno,  
Tua alma de gêlo quizera abraçar;  
Se a força tivera do raio invencivel,  
Quizera teu peito de bronze esmagar.

Se as garras tivera do tigre esfaimado,  
Teus olhos formosos corrêra arrancar;  
Se eu fôra um tremendo tufão iracundo,  
Teus negros cabellos quizera aqoutar.

Se eu fôra o mau genio—se negro veneno,  
Tua vida — teus gôsos quizera empestar;  
Se eu fôra das feras a mais brava fera,  
Teus membros pulando quizera tragar.

Se eu fôra o martyrio—se pranto amargoso  
Tuas faces de rosa quizera sulcar;  
Se eu fôra o ciume, que a vida defínha,  
Teus dias felices quizera ralar.

Mas eu não sou fogo — nem tigre — nem raio,  
Ciume ou veneno, que possa matar;  
Sou homem — sou odio — sou peste — sou furia,  
Que jura a belleza, que se ha-de vingar.

N. B. estes versos foram os primeiros  
depois dos bem conhecidos — *Se eu fôra das  
noites o astro formoso &c.* — Logo depois ap-  
pareceram outros, fazendo, como estes meus,  
a antithese, dos que upontei. Se bem me re-  
cordo, achei n'elles algum pensamento dos  
meus, e não querendo de maneira alguma  
dizer, que tinha havido roubo, porque não  
se rouba a pobreza, o que é certo, é que es-  
tes meus foram os primeiros, e mostrados a  
muitas pessoas. Já tive de me disfarçar pela  
imprensa do Sr. Latino Coelho, por me  
attribuir o crime de seu plagiario; não quero  
por isso vêr-me a braços com alguma outra  
accusação, tão infundada, como aquella foi.

José Borges Pacheco Pereira.

## A' Santissima Virgem Mãe de Deus.

## DEPRECAÇÃO.

Ave, Maria! Virgem Santa, e pura!  
 Ave, Mãe do Senhor!  
 Benigna attende humilde creatura  
 Que invoca o seu favor!

A voz do coração, que a dôr opprime,  
 Se ergue em consternação!  
 Dá-lhe um ecco piedoso em teu sublime  
 Materno coração!

Um ecco divinal que santifique  
 Os ais, os rogos meus!  
 Que as vozes minhas leve, justifique,  
 Ante o nosso Bom Deus!

Minhas ardentes preces, Mãe piedosa,  
 Não recuses ouvir!  
 Do mundo afasta a sombra procellosa  
 De medonho porvir!

Lava funesta, que arremessa o vicio,  
 Do inferno rebentou!  
 E nas trevas de horrendo maleficio  
 O Universo enluctou!

Do codigo supremo, essa grande obra  
 Que a razão n'alma lê,  
 O homem livre se esquece, e a cerviz dobra  
 A um fantasma que vê!...

O mundo sem moral no horror se abysma  
 De impia destruição!  
 No throno da verdade ergue o sofisma  
 Co'o sceptro da illusão!

E o nosso Portugal que foi tão crente,  
 Tão fiel ao seu Deus,  
 A maligna influencia já resente  
 Grassar nos filhos seus!...

Mãe do Eterno! Sobr'ana Padroeira  
 Do nosso Portugal!  
 Do povo teu afasta a atroz cegueira!  
 Calca a serpe infernal!

Luz gloriosa! Assoma no horisonte,  
 Linda Aurora de Abril!  
 E as sombras fugirão, que em tua fronte  
 Cinges Estrellas mil!

Astro immortal que te elevas  
 A' immensa altura dos ceos!  
 Que vences do abysmo as trevas,  
 Doiras do porvir os véos!

Estrella que portentosa  
 Ao Presepio nos conduz,  
 E reflecte luminosa  
 Sobre o estandarte da Cruz!

Um raio da luz immensa  
 Manda ao triste que descrê!  
 E a quem segue a justa crença,  
 Tu, Senhora, augmenta a Fé!

Fazê vêr que o Christianismo  
 A liberdade nos deu;  
 Que em seu Santo Cathecismo  
 A lei de amor se escreveu:

Que Teu Filho Omnipotente  
 Foi no Golgotha expirar;  
 Pois quiz co'o sangue innocente  
 Os humanos resgatar:

Que a Cruz, no Universo inteiro,  
 Ha-de os braços estender;  
 Que o Christo é o Deus verdadeiro  
 De omnipotencia, e saber!

E guia nossas falanges  
 Que exaltam do Christo a lei!  
 São as mesmas que os alfanges  
 Quebraram do impio Molei!

Tem pennas em vez de espadas,  
 (Justo emblema se adoptou...)  
 E tem as lyras sagradas  
 Que o Senhor nos confiou!

Temos a voz do Universo!  
 Temos a luz da razão!  
 Por tropheo povo converso  
 Da Cruz unido ao pendão!

Dá, Senhora, a tantas almas  
 Teu auxilio, Teu favor!  
 Do triumpho outorga as palmas  
 A quem segue o Redemptor!

Lisboa 1.º de Agosto de 1852.

*D. Antonia Gertrudes Pusich.*



## Meditação.

(À MINHA IRMÃ CAROLINA CASTELLO-BRANCO.)

**B**EM raro é n'este mundo um goso estavel!  
 Depressa as lindas flôres pendem murchas,  
 Apenas seu perfume deleitavel  
 Em ávido aspirar se esvaeceu.  
 Nas ancias do prazer vem outras ancias,  
 No seio das paixões gera-se o enfado,  
 Na terra é tudo assim, se, limitado,  
 O meu desejo aqui não busca o ceo.

*Gosar e entristecer!* Eis o destino  
 De tantos, que tão caro o goso compram!  
 Já nos braços da mãe tenro menino,  
 A quem tudo sorri, vejo chorar!  
 Desejos... quaes serão n'este innocente,  
 Que não possa cumprir? os seus vagidos  
 Serão brados d'amor, não percebidos,  
 Serão ancias d'um ceo, que vê brilhar?

Depois que o véo do mundo empana os olhos  
 Voltados para a terra, que fascina,  
 Não mais os banhará a luz divina,  
 Que brilha na singela aspiração.  
 Macula-se a candura dos desejos,  
 A vista das paixões tem outro prisma,  
 A mente agrilhoada já não scisma  
 Nos mundos ideaes do coração.

Que saudades me vem d'uns bellos sonhos,  
 Que não pôde guardar minha lembrança!  
 Que desejos sem fim, que infinda esp'rança  
 Nutria o coração nos vãos seus!  
 Este vago pensar, que eu tenho hoje  
 Dos magestosos dons da Providencia,  
 Seria, n'esses dias d'innocencia,  
 De perto vêr a imagem do meu Deus!

Companheira d'infancia, se soubesses  
 Dos meus gosos d'então dizer-me o encanto;

2.ª COLLECÇÃO.

O riso de meus sonhos se podesses  
 N'um canto harmonioso traduzir...  
 Vertêras-me no seio a singeleza,  
 Mostráras-me dos anjos o destino,  
 Erguêras-me n'um extasis divino,  
 Mandáras-me ao SENHOR por ti pedir.

Meus labios já não tem essa candura,  
 Que, nas azas da fé, exalça a prece:  
 Verteu n'elles o fel a desventura,  
 Que a doce paz não deixa á oração.  
 Tu, do mundo tão longe, anjo do ermo,  
 Ditosa entre as ditosas d'esta vida,  
 Não perdeste o fervor na amarga lida,  
 Que mata as illusões no coração.

Correu-te a vida arroio bonançoso,  
 Teu pranto não verteste em suas agoas:  
 Ha lagrimas d'amor; mas não são mágoas,  
 Que nunca mais permittam ser feliz.  
 Ha na terra um prazer, que não expita,  
 Uma luz immortal d'eterno brilho,  
 Amar um caro esposo, um terno filho,  
 Sentir um santo amor, que ninguem diz.

Um filho, e acarinhá-lo, e comprimir-o  
 No seio delirante de alegria,  
 E ouvir-lhe a voz de mãe, que balbucia  
 Nos labios, que o prazer articulou.  
 Depois, tenra vergontea, vêr-lhe as flôres,  
 E os fructos saborosos da candura,  
 E um docil coração, e a crença pura,  
 Que o nome de JESUS lá fecundou!...

E's mãe! que mais anceias cá na terra,  
 Quando afagas teu filho, estremecida?  
 As glorias e o prazer, que o mundo encerra,  
 Não valem um sorrir do filho teu!  
 Em quanto o vês, tenrinho, amar-te os beijos,  
 Repara n'essa fronte luminosa,  
 Exultará teu seio, mãe ditosa,  
 Pois n'ella o brilho vês da luz do ceu!

AGOSTO — 1852.

NUM. 26.

Bem raro é n'este mundo um goso estavel !  
 Mas Deus t'ó permittiu : curva o joelho !  
 De mãe o coração insaciavel,  
 Jámais chora perdida uma illusão.  
 São puros de teu filho os labios d'anjo,  
 Derrama-lhe dos teus um hymno terno,  
 Ensina-lhe o chorar aos pés do Eterno,  
 Ensina-lhe por mim uma oração.

*Camillo Castello-Branco.*

**Fragmento.**

« Terra, terra pela prôa,  
 Vejo terra, capitão ! » —  
 « Ah ! gageiro, se te enganas !..  
 Se t'enganas... maldição ! »  
 E sobre a gavea subia,  
 E ao longe a terra via,  
 Onde tinha o coração !

— « Fragata, que sobre as ondás  
 Sempre firme vi correr,  
 Que o furacão desgrenhado  
 Fez jámais estremecer,  
 Rasga, veloz, oh ! fragata,  
 Essas montanhas de prata,  
 Que eu outros montes vou ver.

— « Estrella que me has guiado  
 Por esses mares sem fim, —

Beatriz, minha esperança,  
 Oh ! corre, vem para mim ;  
 — Não conheces minhas velas,  
 Que resistem ás procellas  
 N'estes mastros de marfim ! »

— Toma conta, marinheiro,  
 A'lerta, meu capitão,  
 Nas azas da tempestade  
 Eil-o correndo o tufão...  
 « Amaina, ferra ligeiro,  
 Olho vivo, timoneiro,  
 Segura-me esse timão ! »

Do mar o fero gigante  
 Co'a linda fragata arcou...  
 Ella gemeu na agonia !..  
 Ai ! gemeu... arreventou !..  
 — O capitão namorado  
 Sobre o monte alcantilado  
 Olhos saudosos fitou !

E um vulto de brancas vestes  
 No coruto appareceu !..  
 Sobre as ondas se arrojára,  
 — « Pedro, meu Pedro, sou eu ! »  
 — « Beatriz ! — oh ! vem comigo ;  
 Temos um vasto jazigo,  
 Vamos ter por campa o ceu !

Aveiro, 12 d'Agosto.

\* \* \*



FIM DA 2.<sup>a</sup> E ULTIMA COLLECÇÃO.

# INDICE.

<i>D. Anna Amalia de Sá.</i>		<i>D. Maria Felicidade do Couto Browne</i> ( <i>Soror Dolores.</i> )	
<b>O</b> UVINDO um sino que tocava a defuncto . . . . .	<i>Pag.</i> 2	<b>O</b> sonho da Primavera . . . . .	<i>Pag.</i> 124
Um pensamento . . . . .	89		
Improvisó . . . . .	185	<i>D. Maria J.</i>	
<i>A. A. A. e C.</i>		Uma tarde á beira mar . . . . . 26	
Soneto . . . . .	148	<i>D. Maria Peregrina de Sousa.</i>	
<i>D. Antonia Gertrudes Pusich.</i>		A firmeza nas procellas . . . . . 34	
A' Sanctissima Virgem Mãe de Deus . . . . .	200	<i>D. Sofia P. G.</i>	
<i>D. Catharina (Viscondessa de Balsemão).</i>		Ao Ill. <sup>mo</sup> Snr. J. P. F. C. Sarmento . . . . . 26	
Ode . . . . .	89	Soneto . . . . .	33
<i>Carolina da V. Castello-Branco.</i>		Saudade . . . . .	67
Lamentos . . . . .	73	<i>Affonso de Castro.</i>	
<i>D. Engracia Julia.</i>		Uma meditação . . . . .	14
N'um Album . . . . .	1	Um sonho . . . . .	41
A cruz da solidão . . . . .	41	Estava morta! . . . . .	54
<i>D. Maria d' Arrabida V. d' Almeida.</i>		Uma lembrança . . . . .	67
A' minha amiga . . . . .	25	Não intentes . . . . .	79
<i>D. Maria Augusta C. V.</i>		Uma recordação . . . . .	84
Prece . . . . .	33	Por que? . . . . .	99
Ao apparecer da lua . . . . .	49	Meditação . . . . .	165
Despedida . . . . .	106	Encontrei-a. . . . .	177
<i>D. Maria Candida P. V.</i>		<i>A. C. Louzada.</i>	
Vaes deixar-me!.. . . . .	2	Fragmento . . . . .	35
Soneto . . . . .	9	Muito amor . . . . .	46
O meu viver! . . . . .	17	Dorme . . . . .	52
Um canto . . . . .	25	Mulher!.. . . . .	94
Um sonho . . . . .	33	Incrédula . . . . .	111
Soneto . . . . .	49	(Depois de lér alguns sonetos de Petrarca) . . . . .	138
Um canto . . . . .	97	Supplica . . . . .	163
Não descreias . . . . .	106	O Sancto no póço . . . . .	172
A' sentidissima morte de meu presado primo		Canto da morte . . . . .	191
João de Magalhães de Lencastre e Me-		A felicidade . . . . .	78
nezes . . . . .	185	Vingar-me-hei. . . . .	120
		<i>Antonio Feliciano de Castilho.</i>	
		Cantico da noite . . . . .	171
		Cantico da caridade . . . . .	179

\*

	<i>Pag.</i>		<i>Pag.</i>
<i>A. F. M.</i>			
Está no ceo. . . . .	119	Fragmentos. . . . .	137
<i>A. J. Pereira da Silva.</i>		Deos . . . . .	161
A' Rosa. . . . .	98	Um amor perfeito. . . . .	189
Amor . . . . .	112	Esperança . . . . .	196
<i>Augusto Luso.</i>		<i>A. Pereira da Cunha.</i>	
Ao Joven Arthur Napoleão. . . . .	121	Vasconcellos . . . . .	167
A' horrorosa e lastimada catastrophe acontecida ao vapor — <i>Porto</i> — no dia 29 de Março de 1852 . . . . .	145	Continuação . . . . .	174
<i>A. Luiz de Vilhena.</i>		Dita . . . . .	181
Ao meu amigo Augusto Pereira Soromenho	92	<i>A. T. Barboza.</i>	
Um conselho . . . . .	189	A terra do meu natal . . . . .	148
<i>A. Lima.</i>		<i>A. de Tavares.</i>	
A voz dos finados . . . . .	160	Salve Rainha . . . . .	142
A rosa na sepultura . . . . .	163	<i>A. Sarmento.</i>	
<i>A. L. Barbosa d'Albuquerque.</i>		A Angela . . . . .	188
A uma menina. . . . .	9	<i>A. X. R. Cordeiro.</i>	
Soneto . . . . .	23	A doida d'Albano. . . . .	195
Um sonho . . . . .	70	<i>Anonymo.</i>	
<i>Antonio Moutinho de Sousa.</i>		Quem me dera batalhar. . . . .	110
Ao lêr a poesia — <i>A Violeta</i> — que se dignou escrever no meu Album a Ex. <sup>ma</sup> Snr. <sup>a</sup>		<i>B. X. R. de M.</i>	
D. Izabel M. C. . . . .	20	A Salineira . . . . .	149
(M. A. C.) . . . . .	66	A aguia. . . . .	166
Os meus amôres . . . . .	99	O pyrillampo . . . . .	186
A' memoria da minha Mãe. . . . .	119	<i>Eu vi-a entrar co'a fronte levantada &amp;c.</i> . . . .	193
E' loucura . . . . .	160	Fragmento . . . . .	202
A Andorinha . . . . .	178	<i>Camillo Castello-Branco.</i>	
Saudades . . . . .	192	A' Ex. <sup>ma</sup> Snr. <sup>a</sup> D. Engracia Julia . . . . .	3
Queres saber? . . . . .	198	Versos do passado. . . . .	10
<i>A. P. Caldas.</i>		Soneto . . . . .	16
Invocação . . . . .	1	Amas-me? . . . . .	20
A Vareira . . . . .	18	Desabafo. . . . .	32
Adeus!... . . . .	36	No Album de J. B. Pacheco Pereira. . . . .	43
A Aetriz doida. . . . .	67	Sonetos . . . . .	106
Constantino! . . . . .	81	Soneto . . . . .	111
A' Liberdade . . . . .	119	Ao Immaculado Coração de Maria . . . . .	113
Ao Joven Arthur Napoleão. . . . .	123	Ao pobre . . . . .	133
<i>Augusto Pereira Soromenho.</i>		Ao rico . . . . .	133
Não me tinhas amor. . . . .	11	A morte do impio. . . . .	139
Eu . . . . .	24	Quarta feira de Cinza . . . . .	141
Não posso! . . . . .	31	Oração á Mãe de Deos . . . . .	153
Affonso e Isaura . . . . .	37	Os sete Psalmos penitenciaes . . . . .	152
Só tu. . . . .	65	Versos á desventura . . . . .	161
Na dôr o amor! . . . . .	107	Meditação . . . . .	201
		<i>Delphim Maria d'Oliveira Maya.</i>	
		Troca. . . . .	6
		Canto d'amor . . . . .	6
		Felicidade na isolação . . . . .	19

	<i>Pag.</i>
No Album do meu amigo Faustino Xavier de Novaes. . . . .	75
O Poeta. . . . .	90

*Eduardo Augusto Salgado.*

Um Bardo na Germania . . . . .	6
Revelação involuntaria . . . . .	14
Um canto . . . . .	29
Ultimo canto . . . . .	53
N'um Album . . . . .	64
A. A. A. e C. . . . .	147

*Faustino Xavier de Novaes.*

Ao meu amigo o Ill. <sup>mo</sup> Sr. Camillo Castello-Branco . . . . .	113
Soneto . . . . .	121
Ao Joven Arthur Napoleão. . . . .	121
Improviso ao mesmo . . . . .	122

*Francisco Martins de Gouvêa M. S.*

Amo-te . . . . .	27
Uma saudade . . . . .	36
Ainda ris! . . . . .	49

*F. M. Supico.*

Ao meu mais presado amigo, Miguel Maria Antunes . . . . .	196
-----------------------------------------------------------	-----

*D. João d'Azevedo.*

Outr'ora. . . . .	5
Saudades da Patria . . . . .	107

*J. d'Araujo Jusarte.*

A voz do pandigo. . . . .	198
---------------------------	-----

*José Borges Pacheco Pereira.*

<i>Subi hoje ao sacro monte &amp;c.</i> . . . . .	28
Soneto . . . . .	44
Um beijo . . . . .	71
Outro beijo. . . . .	71
O Desprêso . . . . .	80
A' Primavera . . . . .	86
Amo-te . . . . .	102
O botão de roza, e o amor. . . . .	126
A felicidade que passou . . . . .	132
Ode Saphica . . . . .	138
O protesto d'amor . . . . .	147
O Anjo dos meus segredos . . . . .	173
Soneto . . . . .	175
Era um anjo . . . . .	178
Declaração d'amor . . . . .	198
A desesperação. . . . .	199

*J. J. de Sá.*

	<i>Pag.</i>
Ode . . . . .	17

*João de Lemos.*

O sonho da Actriz . . . . .	194
-----------------------------	-----

*João Machado Pinheiro.*

Quem sabe?... . . . . .	34
A noviça . . . . .	61

*J. P. F. C. Sarmento.*

Sorriste!... . . . .	24
Desengano . . . . .	31
A' Ex. <sup>ma</sup> Sr. <sup>a</sup> D. Sofia P. G. . . . .	45
Uma Saudade . . . . .	54
A Paixão de Christo. . . . .	157

*J. M. Vieira.*

Soneto . . . . .	123
Sonetos Biblicos . . . . .	135
Ditos. . . . .	142
Ditos. . . . .	160
Ditos. . . . .	175
Ditos. . . . .	183

*Joaquim Silvestre de Sousa.*

Soneto . . . . .	8
Em dia de finados . . . . .	85
Lagrimas e saudades . . . . .	117
Ode — a minha dôr . . . . .	129
Francisco, ou o pobre do Campo Santo de Guimarães . . . . .	169
Soneto . . . . .	190

*J. S. da Silva-Ferraz.*

Chatterton . . . . .	4
Devaneios . . . . .	11
Lamentos de Camões. . . . .	21
Versos e pensamentos soltos. . . . .	38
A manham. . . . .	44
O fim do dia . . . . .	50
De noite. . . . .	65
Outono . . . . .	76
Solidão . . . . .	82
O mar . . . . .	92
O Inverno . . . . .	101
Canção do barqueiro. . . . .	109
Só Ella . . . . .	115
Amigo... tu. . . . .	129
A'quella que eu já amei. . . . .	146
Pensamento do Outono . . . . .	149
Soneto . . . . .	150
A Paixão . . . . .	153
Indiferença. . . . .	190

<i>Julio.</i>	<i>Pag.</i>	<i>M. * * *</i>	<i>Pag.</i>
A' honra . . . . .	116	Amo-te . . . . .	43
A camponeza . . . . .	127		
<i>J. J. da Silva Pereira-Caldas.</i>		<i>D. Nuno de Locio.</i>	
A mulher . . . . .	68	Que pensas? . . . . .	8
O desamor . . . . .	102		
Improviso . . . . .	139	<i>Nogueira Lima.</i>	
A' morte d'um filho . . . . .	199	O Nauta . . . . .	15
		Ao menino Arthur Napoleão . . . . .	122
<i>J. Freire de Serpa Pimentel.</i>		<i>O' . . . . .</i>	
Oriental. . . . .	124	O adeus. . . . .	114
A Igreja da Collegiada de Guimarães . . . . .	130		
<i>Luiz de Castro.</i>		<i>Solus.</i>	
Apostrophe á Musa . . . . .	30	Um hymno. . . . .	23
Continuação . . . . .	39	Vem... . . . .	45
Dita . . . . .	47	Um som da Lyra. . . . .	67
Dita . . . . .	69	Amor! . . . . .	87
Damelvina . . . . .	83	A infancia do Poeta . . . . .	109
		A solidão . . . . .	115
<i>L. O.</i>		Canção do marinheiro . . . . .	126
Nadas da vida. . . . .	186		
Impressão de uns versos tristes. . . . .	189	<i>V. R. C. de Lemos.</i>	
Adeus . . . . .	192	Recordação . . . . .	87
<i>M. M. A.</i>		<i>* * *</i>	
Ao meu amigo Francisco Maria Supico. . . . .	197	A uma camélia branca . . . . .	120















